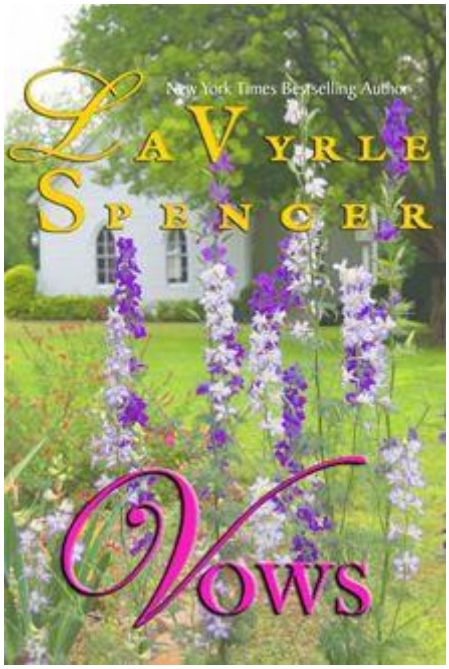
LaVyrle Spencer

Promessas



Trad. e revisão inicial: Lizzy

Emily Walcott é uma jovem voluntariosa e temperamental, assim como uma filha obediente e disposta a acatar o futuro que seus pais decidiram para ela. Sua vida em Sheridan transcorre placidamente entre a ferraria de seu pai e os livros de veterinária, carreira a que dedica toda sua paixão. Charles, amigo da infância e futuro esposo, não parece despertar nela mais que um sentimento de afeto fraternal.

Tom Jeffcoat, um jovem empreendedor e bonito, chega à população com o fim de instalar uma ferraria, convertendo-se assim em competidor do senhor Walcott. Sua só presença provoca em Emily um verdadeiro aborrecimento.

Ambos liberarão uma feroz batalha em que a rejeição acabará dando lugar a uma paixão desenfreada que lhes jogará em um abismo insondável. Tão insondável como seus próprios sentimentos.

A sociedade vitoriana do final do século dezenove, com suas debilidades e defeitos, é o cenário que a autora escolhe para seus personagens, descrevendo a vida da época em um povoado do possante oeste norte-americano.

Este livro está dedicado aos numerosos bibliotecários que me ajudaram ao longo de anos e, em especial, a Nita Foster e Ardis Wiley, de Hennepin County Library System, que sempre encontraram o material de investigação que eu necessitava. Agradeço também a Patty Myers, da Johnson County Library de Buffalo, Wyoming, e à equipe de Sheridan County Fulmer Public Library de Sheridan, Wyoming, por sua especial ajuda com este livro.

Nota da autora

Os leitores que conheçam Sheridan e Buffalo descobrirão que tomei certas liberdades com a história dessas cidades. Em realidade, a rua principal de Sheridan não foi construída como a hei descrito nem tinha casas vitorianas tão elegantes como as que aparecem no relato; não foram eretas até fins de século. Em 1888, Mukers e Mathers ainda não tinham a loja de ferragens e, é obvio, tampouco existia o Mint Saloon. Mas o relato exigia certos pontos de referência e, por isso, peço desculpas por adaptar as datas a minha história.

L. S.

Capítulo 1

Território de Wyoming, 1888

Tom Jeffcoat trocou de posição no duro assento da carruagem, piscou duas vezes e olhou para o norte. Sob a aba do poeirento Stetson castanho, entrecerrou os olhos até distinguir o contorno impreciso da cidade. Sentiu um espasmo na boca do estômago: por fim Sheridan, no território de Wyoming! E, com um mínimo de boa sorte, um banho, uma cama verdadeira e o primeiro jantar quente em dezoito dias.

Estalou a língua açulando aos cavalos, que aceleraram o passo.

Desde uns quilômetros de distância, o povoado era apenas um ponto na mandíbula do vale fértil e longo, mas o assentamento parecia tão belo como prometia o anúncio. Adornado de viçosa erva azul, típica da zona, se amontoava no ponto em que os Big Horns se encontravam com o amplo vale de Goose Creek, onde se uniam as correntes do Big e o Little Goose. As bordas de ambos os rios estavam claramente delimitadas por uma linha ondulante de salgueiros e álamos. Como o verão estava começando, estes últimos pulverizavam suas sementes em flocos com penugens que pareciam flocos brancos sobre as águas.

Mas eram as montanhas as que contribuíam com grandeza: coroadas de neve, veladas de azul, elevavam-se como os nódulos de um punho apertado que contivesse às Rochosas no oeste. Essas montanhas se converteram em velhas amigas de Jeffcoat, sempre sobre seu ombro esquerdo durante a longa viagem desde Rock Springs. Já as amava: as Big Horns, majestosas gigantes vestidas lá no alto, com a cortina de fundo azulada dos cedros das Rochosas e que terminavam nas ladeiras, em todos os matizes concebíveis de verde. Essas ladeiras ondulavam como uma gigantesca saia franzida e entre suas dobras aveludadas aninhava seu novo lar: Sheridan.

"Ao oeste das preocupações", proclamava o anúncio, "onde não faz calor, não há pó e as noites sempre são frescas."

Bem, veremos.

À medida que se aproximava da cidade, os edifícios foram tomando formas, depois uma rua... não, Por Deus, ruas não! Um tabuleiro que se estendia reto e amplo, com os nomes em pôsteres de madeira: Perkins, Whitney, Burkitt, Works, Loucks e a mais longa, Main, pela qual entrou. No coração da cidade, os rios serpenteavam juntos cortando as ruas em advindas breves e oblíquas. Nas laterais, viu casas, em sua maioria feitas de troncos cortados, com telhados em ângulo agudo para que a neve se deslizasse. Muitas parcelas estavam rodeadas de linhas demarcatórias: cercas de estacas bicudas, postes, dependências nos

confins traseiros das propriedades, pomares recém plantados e sebes de flores. Ao entrar no distrito comercial, diminuiu a marcha dos cavalos para inspecionar tranquilo os arredores. Devia haver umas cinquenta construções; as calçadas de madeira tinham a antiguidade suficiente para estar gastas mas não curvadas e viu uma boa quantidade de negócios estabelecidos: um hotel, açougue, barbearia, farmácia, um escritório de advogados, várias lojas, o escritório de um jornal e os inevitáveis *saloons* que atendiam aos vaqueiros que chegavam trazendo o gado de Bozeman Trail, no mesmo trajeto que ele acabava de percorrer. Estavam o Star, o Mint e a gente chamado Silver Spur, junto ao qual havia um curral com meia dúzia de alces selvagens. Uns quantos vaqueiros estavam praticando com laços e as gargalhadas dos homens mesclados com os mugidos das bestas fez Jeffcoat sorrir.

Mais adiante, passou ante outros sinais de progresso: um edifício cujas portas estavam abertas e mostravam uma bomba para incêndios, com resplandecentes braçadeiras de bronze; uma casa em que se via o seguinte anúncio: L. D. STEELE, MÉDICO; uma escola (sem dúvida, havendo uma escola iriam colonos a estabelecer-se); e uma loja de arnês e sapatos a que Jeffcoat emprestou especial atenção.

Em um momento dado, chegou a um rio sem ponte, inchado com os degelos da primavera, onde um indivíduo magro, de calças aboubadas e botas ao joelho enchia de água a carruagem com um balde ao extremo de um pau comprido. A um flanco do tambor de lata estava pintado o seguinte anúncio: Água fresca. Entrega-se todos os dias. 25 centavos o barril, 5 barris por $1, Serviço de Água borbulhante de Andrew Dehart.

—Hei, olá! —gritou Jeffcoat, atirando das rédeas.

O homem interrompeu a tarefa e se voltou:

—Olá!

Tinha barba hirsuta e nariz farpado que soou sem ajuda de nenhum lenço, arrojando o produto à erva, primeiro à esquerda, depois à direita.

—Que rio é este, Big Goose ou Little Goose?

—Big Goose. Por aqui dizemos, simplesmente, Goose. É novo no povoado?

—Sim, senhor. Cheguei faz cinco minutos.

—Bem, como vai? Meu nome é Andrew Dehart.

Fez um gesto para o letreiro da carruagem de água.

—E eu, Tom Jeffcoat.

—Se necessitar água, eu sou o homem ao que tem que ver. Ficará?

—Sim, senhor, essa é minha intenção.

—Tem alojamento?

—Ainda não.

—Bem, passou você ante o único hotel, o Windsor, por lá. E Ed Walcott tem o estábulo. Dê a volta em Grinnell.

—Obrigado, senhor Dehart.

Dehart o saudou com a mão e, ao tempo que se dava a volta para continuar o trabalho, disse-lhe em voz alta:

—Aqui sempre é bem-vindo o sangue novo!

Aparentemente, esse rio marcava o final da zona comercial. Mais à frente, quase tudo eram casas, de modo que Jeffcoat trocou de direção e retornou por onde tinha chegado.

Encontrou Grinnell sem nenhum problema e um grande abrigo sem pintar com o telhado em forma de tenda de campanha, as portas totalmente abertas e um notável pôster pendurado alto, em cima da porteira do feno, onde dizia: ESTÁBULO WALCOTT. ALOJAMENTO DIURNO E NOTURNO DE CAVALOS. ALUGAM-SE MONTARIAS. Dobrou por Grinnell para dar uma olhada.

Em um curral ao flanco do edifício, meia dúzia de cavalos de aspecto saudável dormitavam ao sol das duas da tarde, com os focinhos roçando a parede. Em um extremo afastado havia um poço com ferraduras desprezadas rodeado de uma fila de álamos torcidos, que projetavam um retalho de sombra sobre a rua, por cima da barra de atar as cavalgaduras. O abrigo mesmo era uma construção imensa, aberto, construído com pranchas verticais gastas pelo tempo e com portas corrediças em ambos os extremos, que permaneciam abertas.

Jeffcoat preferiu o trilho de atar sombreado à direita, em lugar do ensolarado, à esquerda, e passou pela porta aberta, distinguindo a silhueta de um homem que trabalhava ferrando a um cavalo, emoldurado com claridade na construção aberta.

Seu competidor.

Deteve-se na sombra, enrolou as rédeas em volto da asa do freio, apeou-se e, com os punhos sobre as orelhas, flexionou a cintura. Sentia a pele tensa como o couro de um tambor. Soltou uma grande baforada de ar e saltou de lado. Deteve-se junto à grande porta sul do estábulo e esquadrinhou o interior. Era como um túnel de ferrovia, escuro e fresco por dentro, e iluminado nos extremos. No mais afastado, o sujeito seguia trabalhando, de cara à porta contrária, com o casco de um grande potro zaino sobre o colo.

Enquanto se aproximava, Jeffcoat observou ao cavalo e ao homem. O animal tinha focinho curto, peito largo e era alto. Ao examiná-lo mais de perto, viu que o homem não era tal a não ser um moço fraco e miúdo vestido com gastas calças azuis, uma camisa vermelha desbotada, suspensórios negros, um avental de couro até os tornozelos e uma boina

branda de lã marrom, com um botão no cocuruto.

Com a aproximação de Jeffcoat, o zaino relinchou, baixou a pata dianteira e empurrou ao moço com a barriga, lhe torcendo a boina.

—Maldito seja, Sergeant, saco de ossos, pedaço de fedelho! Fica quieto! —O moço deu um golpe ao animal no ombro e endireitou a boina rapidamente—. Se voltar a fazer isso, deixarei que você cure sozinho esta miserável rachadura!

Apanhou com uma mão a pata dianteira, colocou-a sobre seu colo e voltou a tomar o punção para tratar o casco.

Jeffcoat sorriu, pois o animal ultrapassava o peso do moço em umas centenas de quilogramas. Mas, em que pese a sua juventude, o menino sabia o que estava fazendo. As rachaduras de membros de animais não podiam ser levadas na brincadeira.

—Moço, você está a cargo aqui?

Emily Walcott deixou cair o casco de Sergeant e se deu a volta, indignada. Passeou o olhar de expressão desagradada sobre o jovem moreno, ao que o fazia falta um barbeado e as mangas da camisa: alguém as tinha arrancado dos ombros. Examinou os braços nus, as calças poeirentas, a face com costeletas com olhar malicioso e respondeu, sardônica:

—Sim, *senhora*, seguro.

Jeffcoat tirou o chapéu:

—OH... equivoquei-me. Pensei que...

—Não importa o que pensou! Posso passar sem ouvi-lo outra vez. E, depois disso, não se incomode em tirar o chapéu!

Era magra como um látego e mais ou menos da mesma forma, de uns dezessete anos, de olhos azuis, lábios apertados e faces acesas de indignação. Jeffcoat, que nunca tinha visto uma mulher em calças, ficou atônito.

—Rogo-lhe que me desculpe, senhora.

—Sou senhorita e não se incomode em me pedir desculpas. —Jogou em um lado a punção—. No que posso servi-lo?

—Aí fora tenho uma junta de animais famintos que necessitam hospedagem.

Nesse preciso momento, a Sergeant ocorreu estirar o pescoço, capturar a boina da senhorita Walcott e começar a mordiscá-la.

—Maldito seja sua pele, Sergeant, me dê isso! —A tirou de um puxão, secou-a nas calças e a revisou, mal-humorada, enquanto o cabelo negro lhe caía em mechas, sustentado pela metade por pentes de prender cabelos—. Olhe o que tem feito, maldito! Furaste-o!

Jeffcoat se esforçou muito por ocultar um sorriso.

—Teria que amarrá-lo com duas cordas curtas, em vez de uma, para que não possa fazer isso.

Emily o olhou com malícia enquanto encasquetava a boina, colocava o cabelo dentro e a inclinava para a orelha esquerda de modo que a breve viseira caía em ângulo sobre as sobrancelhas negras de expressão zangada. Com a boina posta, coberta até o pescoço pelo sujo avental de couro, tinha mais aspecto de moço que nunca.

—Obrigada, recordá-lo-ei —respondeu, sarcástica, enfiando para a rua, com o avental lhe golpeando os talões a cada passo que dava—. O que quer, alojá-los somente? Isso custa um dólar por noite, incluindo o feno. A sobremesa é à parte. Duas moedas por uma ração extra de aveia. Escovagem, outras dois. Se os guarda fora, no curral, economizará dez centavos. —Chegou junto à junta e se voltou, mas Jeffcoat não a tinha seguido—. Hei, senhor, vociferou, tenho coisas que fazer! —Pôs os braços em jarras e tamborilou, impaciente, com os dedos sobre o avental de couro—. Onde quer deixá-los? Dentro ou fora? —Como não obteve resposta, colocou a cabeça pela porta e gritou a voz em pescoço—: Hei! Que diabos está fazendo? —e entrou em pernadas com os punhos balançando-se aos lados como badalos de sinos.

—Esta não é uma rachadura, é uma fissura —disse o aludido, examinando a pata de Sergeant como se fosse o dono do lugar—. Necessitaria uma ferradura de três quartos, ou possivelmente até uma placa de cobre para que pressione a forquilha e as paredes do casco, se não quiser que fique coxo para sempre. Talvez servisse um rebite.

—Eu atenderei a meus próprios cavalos, se não se importa —replicou com aspereza, desatando a corda de Sergeant e conduzindo-o a um pesebre[1].

Quem diabos pensa que é, que pode vir aqui a me dar conselhos? Não é mais que um sujo vaqueiro sem mangas sequer, metendo-se em um estábulo alheio e resmungando como um geiser[2], e eu sei tudo o que tem que se saber sobre o cuidado de cascos. Tudo!

Mas Emily Walcott ardia de indignação porque sabia que o estranho tinha razão: teria que ter utilizado duas partes de corda, mas tinha muita pressa.

Ao sair do pesebre, não dedicou ao desconhecido mais que um olhar fugaz e o deixou atrás.

—Aqui alojamos cavalos. Alimentamo-los, os escovamos, damos água e os adestramos, e alugamos arreios de montar. Mas o que não fazemos é permitir que um moço de quadra de pouca monta queira fazer

[1] Uma espécie de manjedoura.

[2] Uma fonte termal que entra em erupção.

sua aprendizagem com nossos animais!

Para sobressalto de Emily, quando passou junto ao este homem ele explodiu em gargalhadas. Ela deu a volta com olhar assassino e as comissuras da boca caídas como se estivessem atadas a seus sapatos.

—Senhor, não tenho tempo para perdê-lo com você. Talvez com seus cavalos, se fala rápida. E bem, deixa-os dentro ou fora? Feno ou aveia?

— Moço de quadra de pouca monta? —conseguiu dizer, ainda rindo.

—Está bem, como quiser. —Obstinada, trocou de direção dirigindo-se para uma comporta que dava ao palheiro e passou junto ao homem com expressão hostil—. Sinto muito, estamos completos —lhe advertiu com secura—. Tente no Rock Springs. Está a uns poucos quilômetros, nessa direção. —Fez um gesto com o polegar para o sul.

Rock Springs estava a mais de quinhentos e sessenta quilômetros e tinha demorado dezoito dias em cobri-los. A moça começou a subir a escada até que uma mão aferrou uma de suas gastas botas de vaqueiro que cheiravam a cavalo.

—Hei, espere um minuto!

A bota saiu e ficou na mão de Jeffcoat.

Tão surpreso como ela, ficou olhando com a boca aberta o pé descalço, com o tornozelo sujo de fibras de feno pegas à pele, e pensando que era a apresentação mais estranha que tinha tido com um membro do sexo oposto. No lugar de que provinha, as damas usavam vestidos de algodão com anáguas de galões e aventais brancos engomados, em vez dos de couro, e chapéus de palha em vez de boinas de moço, e delicados sapatos abotoados, mas não botas de vaqueiro com esterco pego. E meias longas... delicadas meias de linho da Escócia que nenhum cavalheiro jamais via. Entretanto, aí estava, contemplando fixamente o pé descalço.

—Oh, o... sinto muito, senhorita, sinto-o muito.

Viu-a baixar e voltar-se, rígida, com um rosto tão aceso como um amanhecer do verão.

—Há-lhe dito alguém que você é uma dor brutal, infernal no traseiro?

Arrebatou-lhe a bota, derrubou um balde esmaltado e se sentou sobre ele para calçar-se. Antes que pudesse fazê-lo, o homem a tirou da mão e se apoiou sobre um joelho para fazer as honras.

— Permita-me, senhorita. E para responder a sua pergunta sim, minha mãe, minha avó, minha noiva e minhas professoras. Aparentemente, toda minha vida tive a virtude de irritar as mulheres, embora nunca soube por que. Alguma vez tenho feito algo como isto, e você?

Sustentou a bota em posição.

Emily sentiu que todo seu corpo se ruborizava, dos pés sujos até a boina do irmão. Tirou-lhe a bota e calçou ela mesma.

Sorridente, sem deixar de observá-la, Jeffcoat respondeu, a fora de tempo:

—Aveia, por favor, e albergue-os dentro e escove-os, também. Tenho que pagar adiantado?

—Hei dito que estamos completos! —levantou-se de um salto, evitou-o com um giro carregado de raiva e subiu ao mezanino—. Vá resolver seu assunto em qualquer outro lado!

O homem olhou para cima, mas não viu outra coisa que vigas e bolinhas de pó.

—Sinto muito, senhora. Na verdade o lamento.

Um montão de feno lhe aterrissou na cabeça. Ele dobrou-se para frente, soprando e espirrando.

—Hei, olhe o que faz! —Ouviu as esporas que golpeavam no alto e o arrastar das botas pelo chão do desvão. Apareceu outra forquilha com feno e retrocedeu, ao tempo que gritava—: Posso deixar os cavalos ou não?

—Não!

—Mas este é o único estábulo do povoado!

—Hei dito que não há mais lugar!

—Não é certo!

—Sim, é-o!

—Se for pelo pé descalço, já lhe hei dito que o lamento. E agora, baixe aqui, assim poderei lhe pagar.

—Repito-lhe que estamos completos! Vá embora!

Do extremo oposto do abrigo, Edwin escutou a discussão com interesse crescente. Viu o estranho com feno no chapéu e nos ombros, viu que outra carga da forquilha chovia da comporta, ouviu a mentira evidente de sua filha e decidiu que era hora de intervir.

—O que está acontecendo aqui?

Fez-se silêncio, só quebrado pelo martelo de um ferreiro, em outro ponto da rua.

Jeffcoat deu a volta e encontrou a um homem robusto emoldurado na entrada, com os braços em jarras, poderosos, aparecendo pelas mangas enroladas e o cabelo do peito pela gola aberta da camisa de flanela vermelha esvaída. As calças negras estavam metidas em umas botas a meia perna e uns suspensórios a raias enfatizavam sua figura musculosa. Tinha o cabelo negro revolto, grisalhos, um espesso bigode

negro, olhos azuis e uma boca parecida com a da moça.

—No que posso ajudá-lo, senhor...?

Jeffcoat sacudiu o feno dos ombros e golpeou o chapéu contra a coxa. Adiantou-se e estendeu uma mão:

—Tom Jeffcoat é meu nome. Sim, há algo em que pode me ajudar. Eu gostaria de deixar meus cavalos uns dias, se puder.

—Meu nome é Edwin Walcott. Existe algum motivo pelo que não deveria deixá-los?

—Não, que eu saiba, senhor.

—O que é isso a respeito de você e o pé descalço de minha filha?

—Ela estava subindo a escada e eu, de maneira acidental, tratando de detê-la, tirei-lhe uma bota.

—Emily! —Walcott torceu a cabeça para o palheiro—. É isso certo?

—Sim —exclamou, em tom obstinado.

—Este sujeito tentou fazer algo que queira me contar?

Emily deu um chute a um montão de feno e o fez revoar, mas não respondeu.

—Emily?

Mortificada, fixou a vista no feno, apertou a boca mais forte que um nó marinheiro e manuseou gentilmente o cabo do tridente como se estivesse aplicando linimento à pata de um cavalo. Por fim, foi a pernadas até a comporta do palheiro. Com os pés separados e arranhando com os dentes do tridente no chão de pinheiro, confrontou o olhar do pai voltado para cima.

—Veio aqui e ficou a tagarelar sobre os cavalos, e de como teria que ter amarrado Sergeant: tomou a liberdade de lhe examinar o casco e me dar conselhos sobre como curá-lo. Pôs-me furiosa, isso é tudo.

—E por isso rechaçaste a transação?

O orgulho a obrigou a guardar silêncio.

—Não tive intenção de lhe faltar ao respeito — interrompeu Jeffcoat, apaziguador—. Mas devo admitir que estive provocando-a, e quando entrei, cometi o engano de acreditar que era um moço. Parece-me que isso a irritou, senhor.

Walcott se voltou e mordeu a parte interna do lábio para não sorrir.

—Entre no escritório. Aí é onde fazemos negócios. Quantos dias deixará a sua junta aqui?

Em vez de segui-lo imediatamente, Jeffcoat parou sob a escada e elevou a vista para a moça que o olhava carrancuda, de acima.

—Seguro, uma semana, possivelmente mais.

Sabia, sem lugar a dúvidas, que a garota devia ter vontade de lhe lançar a forquilha à cabeça. Mas permaneceu quieta, aferrando ao cabo com ambas as mãos e olhando-o com ódio silencioso.

—Boa tarde, senhorita Walcott — disse com calma e, depois de elevar o chapéu em sinal de saudação, seguiu ao pai.

Walcott o guiou por uma porta até um cubículo encostado ao flanco leste do abrigo, um quarto pequeno com chão de concreto irregular e janelas com quatro pequenos painéis de vidro, dois que davam à rua e, as outras dois, ao solar vazio. Ao entardecer, o escritório devia ser luminoso, mas nesse momento, a metade da tarde, estava fresco e sombreado. Havia uma mesa cheia de riscos que lhe faltava a cortina corrediça, com os compartimentos transbordantes de papéis sobre a tampa poeirenta, lotada de anéis de bridas, freios acotovelados, pregos de ferraduras, martelos para tachinhas, linimento de cavalo e um prato branco com umas ervilhas verdes e pão seco pego em um atoleiro de molho coagulado. A cadeira estava inclinada sobre suas rodas, e o verniz se saltou no respaldo e dos braços. Contra a parede norte se desabava um sofá metálico com as molas ao ar, coberto por um colchonete de confecção caseira feita de estopa, em cima da qual estava estendida uma manta de retalhos de diversas cores, sobre a que dormia um gato de cor mel. À direita da porta, uma pequena estufa bojuda. Das paredes pendurava um sem-fim de raridades: armadilhas para castores, um programa de teatro, cartões de medicamentos, um anúncio do espetáculo do Selvagem Oeste de Buffalo Bill Cody, uma coleção de chaves de coleiras, o programa do verão anterior do clube profissional de beisebol da Filadélfia, um antigo relógio de pêndulo que marcava lentamente as horas. A habitação cheirava a molho de cebolas, linimento aromático, cereal e cânhamo. Este último provinha talvez de uma fila de bolsas de estopa apoiadas contra a parede, à esquerda da porta.

—É compreensível que minha filha seja um pouco suscetível quando a critica em relação com os cavalos — comentou Walcott, sentando-se e fazendo rodar a cadeira para a mesa. Chocou-se com alguma irregularidade do chão como uma carruagem sem molas andando sobre um caminho gelado—. Esteve com eles toda sua vida e troca correspondência com um homem de Cleveland chamado Barnum, que lhe ensina medicina veterinária.

—Uma moça... médica veterinária?

—Aqui há muitos animais. Resultar-lhe-á muito útil.

—Ou seja, que está estudando por correspondência? —perguntou, maravilhado.

—Assim é — confirmou Walcott, enquanto tomava uma caderneta de recibos e uma pluma—. Agora, chega com bastante regularidade, cinco

vezes por semana, quase todas as semanas, a cavalo. Aqui tem.

Girou na cadeira e entregou a Jeffcoat um recibo por dois baios com manchas brancas e uma carruagem de caixa dupla verde, bordeada de vermelho. Walcott era um homem prevenido: com os registros que levava, jamais o acusariam de roubar um cavalo.

—Incomodar-lhe-ia se lhe pergunto o que está fazendo no povoado, senhor Jeffcoat?

Enquanto guardava o recibo no bolso, respondeu:

—Absolutamente. Um homem chamado J. D. Loucks pôs um anúncio no jornal de Springfield referido a este povoado, e ao que podia oferecer a um homem jovem e empreendedor. Pareceu-me um lugar no que me agradaria viver, de modo que tomei o trem a Rock Springs, aprovisionei-me ali e fiz o resto do trajeto em carruagem, e aqui estou.

—E aqui está, para fazer o que?

—Penso estabelecer um negócio e meu lar aqui, assim que comprar um pouco de terra para fazê-lo.

—Bem — riu com suavidade o homem mais velho —. J. D. Loucks estará mais que feliz de lhe vender quantos terrenos queira e no povoado faz falta mais gente jovem. Qual é seu campo de trabalho?

Jeffcoat vacilou um instante antes de responder:

—Dedico-me à ferraria. Ensinou-me meu pai, em Springfield.

—No Missouri ou Illinois?

—Missouri.

—Missouri, heim? Isso significa que deve ter ferrado muitos cavalos que atravessaram este território de caminho à Oregon Trail, não é certo?

—Sim, senhor, assim é.

—Neste povoado já há ferreiro, sabe?

—Isso vi. Andei pelas ruas antes de me deter aqui.

Edwin se levantou e abriu a marcha para a junta, que ainda esperava fora.

—Dir-lhe-ei algo que não é segredo para ninguém em Sheridan. O velho Pinnick poderia fazer mais e melhores trabalhos. Mas passa mais tempo no Mint Saloon que na forja, e se tivesse ferrado bem o Sergeant, para começar, não teríamos que estar curando-o agora.

— Quem é Pinnick?

—Assim se chama seu competidor: Walter Pinnick. É muito preguiçoso para colocar um pôster sobre a ferraria e anunciar-se. Limita-se a deixar que o ruído do martelo atraia aos clientes... quando soa. — Fora, no sol, Walcott se interrompeu para escutar e, é obvio, o martelar

de antes tinha cessado—. O velho Pinnick deve ter tido um ataque de secura na garganta — concluiu em tom sarcástico, prosseguindo depois para a junta de animais.

Jeffcoat refletiu um momento e chegou à conclusão de que era melhor ser franco com esse homem.

—Senhor, quero ser sincero com você. Eu também estive com cavalos toda minha vida e penso fazer algo mais que ferrar. Para lhe dizer a verdade, tenho intenções de abrir um estábulo para alojar cavalos.

Walcott parou com a mão em uma brida e se voltou para olhar ao jovem. Deu a impressão de que o ar ficava apanhado em sua garganta e depois saía em um suave assobio.

—Bem... —disse, deixando cair o queixo. Pensou um instante e depois elevou a vista rindo—. Pegou-me de surpresa, jovem.

—Pelo que tenho visto e lido, acredito que há negócio suficiente para os dois neste povoado. Passam montões de vaqueiros do Texas levando rebanhos ou começando com seus pequenos ranchos na vizinhança, não é certo? E agora que se outorga terra para estabelecer colonos, estão chegando imigrantes também. Um vale como este tem que atraí-los. Diabos, tem mais de cento e cinquenta quilômetros de largura, por não falar da terra apta para a cria de ovelhas nas colinas que o rodeiam. Acredito que Loucks tem razão. Depois, este povoado se converterá em um centro comercial.

De novo, Walcott riu com amargura.

—Bem, esperemos que assim seja. Até agora, o centro comercial da zona parece ser Buffalo, mas estamos crescendo. —voltou-se para os cavalos—. Pensa deixar a carruagem também?

—Se puder...

—Pô-la-ei atrás, junto à fossa de ferraduras. Pela carga que leva, parece que pensa construir imediatamente.

—Assim que compre esse solar.

—Achará o escritório de Loucks na rua Smith. Pergunte a qualquer um e lhe indicarão.

—Obrigado, senhor Walcott.

— Chama-me de Edwin. É um povoado pequeno e estamos acostumados a nos chamar pelo nome.

Jeffcoat lhe estendeu a mão, aliviado de que tivesse reagido com calma ante as notícias.

—Obrigado por sua ajuda, Edwin, e pode me chamar Tom.

—De acordo, Tom. Não sei se devo lhe desejar boa sorte ou não.

Ao separar-se, riram, e Jeffcoat, tirando uma bolsa da carruagem, elevou uma mão em sinal de saudação e lhe informou:

—Os cavalos se chamam Liza e Rex.

Enquanto via Tom Jeffcoat afastar-se, Edwin sentiu uma fugaz pontada de inveja. Jovem, não mais de vinte e cinco anos e aventureiro, voando longe, com toda a vida e as escolhas por diante em um território no que a gente jovem tinha o direito garantido de escolher por si mesmo. Quando ele tinha essa idade, as coisas eram muito distintas. Naquela época, o futuro de um homem com frequência estava determinado por pais severos e autoritários que planejavam sua vida com a melhor das intenções, mas sem consultá-lo. Planejavam-no tudo, do modo em que ganharia a vida até a mulher com quem se casaria, e Edwin tinha sido um filho respeitoso e obediente. Fez-se escudeiro como seu pai e se casou com a senhorita Josephine Borley, com a que seguia respeitosamente casado. Mas havia alguém a quem nunca tinha esquecido.

Embora tenha passado vinte e dois anos atrás, ainda pensava nela. Fannie. Com seus olhos brilhantes e seu espírito valoroso. Fannie, a prima de Josephine, tão diferente dela como as brasas do carvão. Fannie, que em lugar de perguntar por que, sempre perguntava por que não. Que aos dezessete anos lutou pelo sufrágio feminino, montou escarranchado e fumou às escondidas com ele e depois lhe exigiu: "me beije e me diga se tiver sabor a fumaça". Fannie, da que tinha fugido assim que se casou, pois ficar perto dela resultava perigoso. Fannie, que herdou a fortuna de seus pais quando estes morreram e a empregou para viajar e experimentar coisas que à maioria das mulheres lhes pareciam extravagantes, até impróprias. A última carta, escrita em seu habitual estilo animado, informava que tinha comprado uma bicicleta Monarch e se uniu ao Clube do Ciclismo de Damas do North Shore, que planejava fazer uma saída de quatro dias desde Malden a Gloucester, Massachusetts, pernoitando no Pavilion e Essex House, paradas mais breves em Marblehead Neck e Nahant, e atrações tais como um almoço ao ar livre sobre as rochas de Pigeon Cove e visitas a Rafe's Chasm e Norman's Woe.

Fannie, extravagante Fannie... que aspecto teria agora? Seria feliz? Estaria apaixonada? Sua vida estava cheia de acontecimentos pouco comuns, de atitudes progressistas, liberais, mas nunca teve um marido. Por que? Nesses vinte e dois anos, houve alguém especial? As cartas jamais mencionavam a nenhum homem, exceto em relação com alguma de suas atividades sociais. Mas Edwin nunca deixou de perguntar-se se haveria algum homem em particular e nunca deixaria de fazê-lo.

Sabia que era pela lembrança de Fannie pelo que nunca se opôs aos extravagantes desejos de Emily. Emily era tão parecida com Fannie que ele recordava que a amava de modo incondicional e sempre teve a

secreta esperança de que fosse como ela: em parte rebelde, em parte fada, mas sempre mulher. Quando sua filha começou a rondar o estábulo e pediu permissão para ajudar com os cavalos, Edwin acessou encantado. Quando arrumou um par de calças do pai e começou a usá-las para estar no abrigo, não fez comentários. Quando leu no jornal o anúncio do doutor Barnum sobre o curso de correspondência em medicina veterinária e pediu permissão para inscrever-se, pagou-o com todo gosto.

Como sua própria vida foi esmagada por progenitores que lhe impuseram sua própria vontade, ao converter-se em pai se prometeu que nunca faria o mesmo a seus filhos.

E no presente, Emily tinha dezoito anos e era muito parecida com a antiga Fannie: decidida, usava calças, interessava-se em atividades masculinas e escandalizava a muitos.

Ao voltar junto a ela depois de que Tom Jeffcoat partiu, Edwin a encontrou muito apaziguada. Estava esperando no corredor, entre as baias; dois dos recipientes para feno já estavam cheios e sustentava as quatro cordas dos cavalos de Jeffcoat que Edwin levou dentro, para depois deter-se ante ela.

—Oh, papai, sinto muito.

Aproximou-se dele e lhe abraçou o peito com o gesto de quem está habituado a fazê-lo frequentemente. Com as rédeas nas mãos, quão único pôde fazer Edwin foi apoiar a face, com afeto, sobre a áspera boina de lã.

—Não passa nada. De todos os modos, conseguimos o negócio.

A moça retrocedeu para contemplar a cara de seu pai e viu nela o sorriso de perdão que esperava.

—Entretanto, sim me fez zangar ao me chamar de moço. Acaso te parece que tenho aspecto de moço?

—Eeeh... —Com um semisorriso, observou a boina, o avental, as botas—. Agora que o diz...

Emily tentou conter o sorriso, mas ao final não o obteve.

—Para ser justa, papai, às vezes não sei por que te amo tanto. —Deu-lhe um carinhoso murro brincalhão, e ficou séria—. Como está mamãe?

—Descansando. Não faz falta que te dê pressa. Antes, me ajude a atender aos cavalos.

Compreendeu que preferia o trabalho no estábulo em lugar do cuidado da doente e o trabalho doméstico, e tratava de não afligi-la injustamente com as tarefas da casa que pareciam não ter fim, pois Josephine, doente, cada vez tinha menos capacidade de ocupar-se

delas. Percebeu o alívio inconsciente de sua filha quande Tomou as rédeas com ansiedade, olhou os olhos castanhos da égua e perguntou:

—Como se chama?

—Liza.

—E ele?

—Rex.

—Vem, Liza, vamos retirar a cela e te escovar.

Trabalharam juntos, em amável companhia, sujeitando aos cavalos no centro do corredor, lhes tirando os arnês, lhes limpando a pele com suaves escovadas, fazendo ascender o fecundo aroma do suor dos animais. Enquanto esfregava a morna pele úmido da Liza, Emily perguntou:

—Quanto tempo ficarão estes dois?

—Uma semana... possivelmente mais.

—O que fará o dono, enquanto isso?

Embora tivesse ouvido perfeitamente o nome de Jeffcoat, negava-se a pronunciá-lo.

—Comprar um solar e construir.

Emily deteve o movimento.

—Construir?

—É ferreiro. Veio aqui a estabelecer seu negócio.

—Um ferreiro!

—Em efeito, de modo que trata de se levar bem com ele, se puder. Talvez necessitemos de seus serviços mais adiante, se resulta ser sequer um quarto mais sóbrio que Pinnick.

Voltou para a escovação, mas com mais energia da necessária. Edwin jogou uma olhada ao semblante de sua filha e o viu escurecido por uma expressão carrancuda enquanto seguia empunhando a escova, que depois trocou por um pente. Imaginando como reagiria ante o resto das novidades, disse com cautela:

—Isso não é tudo.

Emily elevou com rapidez a cabeça e os olhares de pai e filha se encontraram.

—Que mais?

—Pensa ferrar em seu próprio estábulo para alojar cavalos.

Emily ficou com a boca aberta.

—O que?

—Ouviste-me bem.

—Oh, papai...

O tom expressava autêntico pesar. Acaso não tinha seu pai muitos preocupações? Mamãe doente, todos esforçando-se por substituí-la no lar e trabalhar dobrado aqui. E agora isto! Teve vontades de agarrar ao J. D. Loucks, a seu anúncio e ao senhor Tom Jeffcoat e atirá-los por um precipício!

—Pelo menos foi honesto com isso — observou Edwin.

—Que remédio ficava se pensa construir algo tão grande como um estábulo?

—Este é um país livre e, por isso sei, talvez tenha razão. É provável que haja suficiente negócio para os dois.

—Onde pensa construir? — perguntou, hostil.

—Eu sei tanto como você.

Mas nenhum dos dois ignorava que J. D. Loucks poderia lhe vender o terreno que quisesse. O povoado era dele. Tinha-o comprado fazia sete anos, demarcou uma parcela de pouco mais de dezesseis hectares, desenhou um solar em uma parte de papel marrom de envolver e a Assembléia Territorial de Wyoming o adjudicou ao ano seguinte. Foi eleito prefeito, batizou ao povoado em honra a seu chefe na Guerra Civil, o general Philip H. Sheridan, e se dedicou a tentar a pessoas jovens para que se instalassem ali.

Era um povoado de fazendeiros. Loucks mesmo o fez assim, reconhecendo o valor das ricas terras de pastoreio do vale e antecipando-se a um próspero futuro que trariam os condutores de rebanhos de gado pelo Bozeman Corridor, desde as esgotadas terras do Texas. O povoado tinha tudo: vastas extensões de carvão brando a poucos quilômetros, os ondulantes Goose Creeks que sulcavam o território de irregulares linhas escuras, a segunda menor média de velocidade de vento dos Estados Unidos e centenas de hectares vizinhos de terras índias que se abriram ao domínio público, pois tinham terminado as guerras contra os índios.

Os tentadores anúncios que Loucks pôs nos jornais do oeste deram resultados quase imediatos. Como era de esperar, os primeiros em vender-se foram investir na rua Main, a principal, que já estava cheia de negócios, do hotel Windsor no extremo sul, até o rio que a cortava pelo Norte. Ainda havia terrenos disponíveis nas ruas laterais, como Grinnell.

—Bem, será melhor que se mantenha longe daqui! —resmungou Emily Walcott, enquanto conduzia ao cavalo de Jeffcoat a um pesebre — . Não queria me topar com ele mais do que o imprescindível.

Mas resultou que se topou com ele menos de uma hora depois. Encaminhava-se para a casa para ver sua mãe, enquanto Jeffcoat e J. D.

Loucks vinham pela rua no elegante carro Peerless de Loucks, evidentemente percorrendo o povoado. Emily parou em seco em metade da calçada, ao ver passar Loucks com sua barba branca, conduzindo sua junta de tordos. Com os lábios apertados, jogou um olhar furioso ao homem que ia junto a ele. Deve ter ido ao hotel a lavar-se. Barbeou as costeletas e levava uma jaqueta com mangas, a gravata borboleta tinha um aspecto correto sobre o peitilho da camisa branca, limpa. Mas o sorriso do jovem a fez apertar os punhos!

Jeffcoat tocou a aba do chapéu e saudou Emily com a cabeça, enquanto esta sentia que lhe coloriam as faces. Deixou a vista cravada nela até que o carro seguiu adiante e passou. Então, a moça reatou suas pernadas furiosas e desejou lhe haver arrojado o tridente à cabeça quando teve ocasião.

Capítulo 2

O lar de Emily Walcott era diferente de todos os que conhecia. Sempre estava desordenado; a comida nunca estavam preparadas a tempo; em ocasiões, ficavam sem roupa limpa e as chaminés da lareira sempre precisava de uma limpeza. Nem sempre tinha sido assim. Quando a mãe estava sã, antes, enquanto viviam na Filadélfia, a casa era alegre e estava bem cuidada. Os jantares estavam prontos a tempo, a roupa lavada pendurava da corda todas as segundas-feiras pela manhã e se engomava as terças-feiras. As quartas-feiras era o turno de remendar, as quintas-feiras das tarefas soltas, as sextas-feiras se assava pão e os sábados, limpeza geral.

Então, a mãe começou a sentir-se mau e tudo mudou. Ao começo, não tiveram muito em conta sua fadiga. De fato, todos riram e se burlaram dela a primeira vez que a encontraram descansando quando teria que ter estado servindo o jantar sobre a mesa. A enfermidade avançou de maneira insidiosa, passaram os meses e ninguém atribuiu a perda de peso a nada fora do comum. Depois de ter parido a seus dois filhos, sempre foi roliça. À medida que os quilogramas se esfumavam e sua figura se tornava mais esbelta e juvenil, seu marido se sentiu agradado e suas brincadeiras a faziam ruborizar-se. Mas depois começou a tosse e as brincadeiras se converteram em preocupação.

—Tem que ver um médico, Josephine — insistia Edwin.

—Não é nada, Edwin, a sério — replicava ela—. Só a velhice que se aproxima.

Mas isso se passou há dois anos atrás, quando não tinha mais que trinta e oito anos. Trinta e oito, mas se murchava ante os olhos de sua família. A tosse se fez mais áspera e freqüente, e a deixava cada vez mais débil, enquanto sua família se convertia em testemunha impotente.

Então, papai leu o artigo sobre o êxito de um chapeleiro da Filadélfia, John B. Stetson. Era jovem quando os médicos lhe anunciaram que tinha problemas pulmonares e lhe deram poucos meses de vida. O jovem Stetson decidiu que existia uma só maneira de lhes demonstrar que o prognóstico estava equivocado e compreendeu que tinha que partir da lotada cidade cheia de fumaça, estar ao ar livre; partiu para o Longínquo Oeste, que naquele tempo significava Missouri. Mas seguiu mais longe ainda, até o Pike's Peak, cobrindo boa parte do trajeto a pé, dormindo ao ar livre, aceitando o clima como se apresentasse. Apesar das situações duras do caminho e do ano que passou como buscador de ouro no alto das Rochosas, sua saúde melhorou de maneira notável. Retornou a Filadélfia com apenas cem dólares, produto das buscas, mas com a saúde mais sólida de que tinha gozado jamais. Robusto e forte, John B. Stetson atribuiu ao oeste o mérito de ter sanado.

Com os cem dólares construiu um império chapeleiro. E em sinal de eterna gratidão por sua recuperação, ensinou a outros e os cuidou, transformando-se em um partidário teimado do ar fresco e o sol, e cuidando que em suas fábricas houvesse muito das duas coisas. Estava muito ocupado para ir ao médico e, quando foi necessário, este se apresentou no escritório do próprio Stetson. Continuando, começou a levar ao escritório a qualquer de seus empregados que necessitasse atenção médica. Esta, como todas suas outras ideias, aumentavam-se. Quando os serviços de seu próprio médico resultaram insuficientes, requereu os de diferentes especialistas. E chegou o dia em que compreendeu que, se queria escapar ao desfile de médicos e empregados que circulavam constantemente pelo escritório, tinha que organizar as coisas de outra maneira.

Portanto, construiu um hospital e, dando rédea solta a sua magnanimidade, estendeu os benefícios não só a seus empregados, mas também a todos, para que recebessem atenção médica gratuita.

Aí foi onde Edwin Walcott levou a sua esposa depois de ler o artigo, com a esperança de encontrar uma cura para sua consumação. Esse dia, o destino sorriram para eles, pois enquanto estavam na sala de espera, viram o grande John B. em pessoa. Era impossível conhecê-lo e conversar com ele sem que se dissipasse o desânimo. São e vigoroso, resultava um exemplo convincente da vida pura e atribuía sua cura a esse só ano de ar fresco, água limpa e sol.

—Vá ao oeste! —aconselhou a Josephine Walcott—. Vá ao oeste, onde o clima é saudável, os rios de montanha são puros como o cristal, e a grande altitude desencarde e fortalece os pulmões ao fazê-los trabalhar mais intensamente. Construa sua casa olhando ao sul e ao leste, coloque muitas janelas e as abra todos os dias. De noite, também.

E então, foram ali. Construíram a casa não só olhando ao sul e ao leste, mas também ao oeste e lhe puseram todas as janelas que recomendou John B. Stetson. Adicionaram-lhe um alpendre ao redor, onde Josephine podia tomar o ar e o sol em grandes doses, e de onde podia observar o amanhecer sobre a planície do rio Powder e o ocaso depois dos majestosos Big Horn.

Mas o que conseguiu curar John B. Stetson, não o obteve com Josephine Walcott. Nos dezoito meses que estiveram ali, não fez mais que debilitar-se. Seu corpo, em outro tempo robusto, estava reduzido a menos de quarenta e cinco quilogramas. A tosse era tão constante que já não despertava aos meninos de noite. E nos últimos tempos começaram a aparecer lenços ensanguentados entre a roupa suja.

Era a roupa para lavar o que preocupava Emily quando voltava para a casa essa tarde de junho.

Enquanto subia os amplos degraus do alpendre, olhou ao sol sobre o ombro esquerdo e se perguntou se haveria tempo de que a roupa

secasse.

Entrou no saguão e parou, relutante, olhando ao redor. Pó. Pó por todos os lados. E um montão de quinquilharias capaz de enjoar a qualquer um. Apesar da delicada condição de sua mãe, papai tinha prosperado como escudeiro da Filadélfia e ela queria que todos em Sheridan soubessem de seu êxito. Como era uma moderna dona-de-casa vitoriana, exibia as provas da prosperidade no saguão, como suas amigas da Filadélfia, segundo o princípio da decoração atual que rezava: "quanto mais, melhor...".

Embora o quarto tenha sido pensado pelo pai para dar impressão de espaço, a mãe fez todo o possível para enchê-lo e insistiu em levar não só o piano mas também em colocá-lo como se usava, com a parte de atrás para o salão, e não para a parede, coisa que lhe deu a possibilidade de "vesti-lo". Coberto por uma capa de seda da China de muitas cores, bordeada de uma franja de galão e borlas, sua enorme tampa levantada constituía o núcleo dessa monstruosidade que a mãe chamava "saguão". Contra o piano havia um divã sem respaldo; em cima, um sem-fim de leques e fotografias emolduradas; a um flanco, um vaso com plumas de pavão. Não foi possível dissuadir a de deixar nenhuma peça de sua coleção de objetos miúdos e o quarto estava lotado de guarda-chuva, bustos de gesso, cadeiras de balanço de vime, almofadões, cabides, gabinetes cheios de porcelana, talhas, mesas de marchetaria, relógios e demais quinquilharias. O chão estava coberto de tapetes orientais, poltronas ocultas por almofadões bordados e toalhas de mesa turcas. O encantador mirante que seu pai tinha instalado para que entrasse abundante luz, estava quase escurecido por samambaias pendentes e cortinas com borlas.

Contemplando tudo, Emily suspirou. Com frequência desejava que seu pai se tivesse posto firme em levar tudo e deixar só uma cadeira de balanço de vime e uma ou duas mesas, mas compreendia que a enfermidade de sua mãe o dominava e o obrigava a lhe permitir sair-se com a sua.

Porque sua mãe estava morrendo.

Embora todos soubessem, ninguém o dizia. Se queria ter o piano coberto de franjas e todo cheio de quinquilharias, quem na família poderia negar.

Emily se deixou cair no feio divã, apoiou os braços cruzados e a cabeça sobre os joelhos e cedeu à depressão que se abatia sobre a casa.

Oh, mãe, por favor, se cure. Necessitamos de você. Papai te necessita. Está tão solitário, tão perdido, embora trate de ocultá-lo. Possivelmente, neste mesmo momento, esteja angustiado pensando o que acontecerá com outro estábulo para alojar cavalos que se instalará sob seus próprios narizes. Nunca me confiaria isso, mas sim a ti se

estivesse forte.

E Frankie... só tem doze anos e ainda necessita muitos cuidados maternais. Se você morrer, quem os brindará? Eu, que ainda necessito uma mãe? Neste mesmo momento, necessito-a. Queria correr a ti e te falar de meus medos com respeito a papai e minha esperança de me converter em veterinária, coisa que desejo mais que nenhuma outra que possa recordar, e de Charles, e minhas dúvidas com respeito a ele. Preciso saber se o que sinto é o bastante forte ou se teria que ser mais intenso. Porque me advertiu isso: vai voltar a me propor matrimônio e o que lhe direi esta vez?

Com o rosto fundo entre as mãos, Emily pensou em Charles. O singelo, bom e trabalhador Charles, que era seu companheiro de brincadeiras da infância, e que, afligido ao saber que ela partia da Filadélfia, adotou a transcendental decisão de vir junto com a família ao território de Wyoming e iniciar sua vida ali.

Charles, ao que estava tão agradecida ao começo, quando foram viver a esse lugar novo, onde havia pouca gente de sua mesma idade. Que insistiu em que fixassem uma data para as bodas, quando, em realidade, o que ela queria era estudar primeiro medicina veterinária. Charles, ao que se sentia comprometida antes ainda de está-lo.

Suspirou, levantou-se com um esforço e foi à cozinha. Graças à necessidade, era o único lugar da casa despojado de decorações extravagantes. Tinha a melhor cozinha econômica que era possível comprar, uma pia de granito verdadeiro e uma bomba instalada dentro da casa. No fundo havia um tanque com um aquecedor de querosene, uma máquina de lavar com engrenagens metálicas, uma batedeira fácil de dirigir e verdadeiros paus de macarrão escorredores de madeira com uma cômoda manivela.

Emily lhe jogou uma olhada e se voltou chateada, desejando poder estar no estábulo limpando baias.

Mas foi ao piso alto a ver sua mãe.

Segundo as pautas de Sheridan, a casa era rica, não só porque o pai a tinha dotado de comodidades em benefício de sua esposa doente, mas sim porque Charles Bliss era carpinteiro, e viajou acompanhado de sua habilidade e de seus planos... coisa que significou um grande alívio para a mãe, temerosa de ter que viver em uma nua choça de troncos, com ratos e insetos. Em troca, vivia em uma elegante casa de madeira de dois andares, com grandes habitações ventiladas e um impressionante saguão com uma escada aberta de corrimões com barras com forma de carretel.

Emily subiu essa escada, girou no topo e parou na entrada do dormitório de seus pais, um quarto espaçoso com uma segunda porta que dava a um pequeno terraço com corrimão, que olhava ao sul. Seu

pai insistiu em que Charles inclui-se esse balcão, para que a mãe pudesse sair e desfrutar do ar fresco e do sol cada vez que o necessitasse. Mas já não o usava. A porta estava aberta nesse momento e deixava passar o sol sobre o chão envernizado do quarto onde jazia, na imensa cama com forma de trenó, em que tinham nascido Emily e Frankie. Em cima dessa cama, sua mãe parecia mais frágil que nunca.

Em um tempo esteve bonita, com o cabelo grosso e brilhante de intensa cor loira. Levava-o com tanto garbo como as criolinas, as mechas retorcidas em um impressionante coque em forma de oito que sobressaía na parte de atrás da cabeça, quase como o busto generoso se projetava por diante. Agora o cabelo estava opaco e se estendia em uma trança frouxa, e o busto quase não existia. Usava uma bata de seda desbotada em lugar dos rangentes cetins e gazes que levava em outras épocas. A pele tinha uma alarmante quantidade de rugas e se via flácida sobre os ossos.

Enquanto a filha observava à mãe adormecida, Josephine tossiu e tampou a boca com o eterno lenço, gesto que se tornou tão involuntário como a mesma tosse.

O olhar triste de Emily passou à cama de armar que estava colocado junto à janela lateral, onde seu pai dormia fazia uns meses para não incomodar a sua esposa... raciocínio ante o qual a moça se intrigava com frequência, pois era seguro que a tosse tinha que incomodar ao pai.

Permaneceu quieta um momento, pensando em coisas que uma correta jovem vitoriana não deveria pensar, coisas referidas a pais e mães, a camas compartilhadas e ao momento em que compartilhar a cama deixaria de ter importância. Nunca tinha visto seu pai tocar a sua mãe de um modo que não fosse decoroso. Inclusive quando entrava nesta habitação, se Emily estava presente, jamais a beijava, mas sim o fazia uma carícia fugaz na testa ou a mão. E, entretanto, era indubitável que a amava. Emily sabia. Depois de tudo, ela e Frankie, não eram prova disso? E papai estava muito triste desde que sua mãe adoeceu. Uma vez, em metade da noite, Emily o descobriu sentado no alpendre de adiante, com as lágrimas lhe rodando pelo rosto, refletindo a luz da lua, e voltou a entrar sigilosamente, para que não suspeitasse jamais que lhe surpreendeu nessa tristeza secreta.

Quando um homem amava a uma mulher, manifestava-o da forma respeitosa em que papai o fazia com mamãe, ou acariciando-a, como tinha começado a fazer Charles com Emily? Como reagiu sua mãe a primeira vez que seu pai a tocou? Fez-o antes que se casassem? Custava-lhe imaginar a sua mãe permitindo semelhantes liberdades, inclusive quando estava sã, pois Josephine Walcott exalava um ar de correção que parecia descartar essa possibilidade.

Que falta de respeito pensar tais coisas na entrada do dormitório, onde sua mãe jazia doente, moribunda, e enquanto seu pai enfrentava

não só a essa triste verdade, mas também a uma crise comercial.

—Emily?

—Oh, mamãe, sinto muito. Despertei-te?

Aproximou-se da cama e tomou a mão frágil de sua mãe. Josephine sorriu, fechou os olhos e moveu fracamente a cabeça. Todos sabiam que poucas vezes dormia bem, mas sim permanecia em um estado de semiadormecimento tão fatigante como o trabalho manual para as pessoas sãs. Abriu os olhos e afagou a cama, junto a seu quadril. Cada vez com maior frequência empregava gestos para transmitir mensagens, economizando o mais possível o fôlego.

—Não — replicou Emily —. Estou suja. Estive ajudando a papai no estábulo. Além disso, tenho coisas que fazer abaixo. Quer que te traga algo?

Josephine respondeu com um vago movimento da cabeça.

—Em todo caso, touca a campainha.

Uma pequena campainha de bronze tinha rodado pelo bordo das mantas, sob o joelho de Josephine, e Emily tomou e a aproximou da mão de sua mãe.

—Obrig...

Um espasmo de tosse a interrompeu e Emily fugiu da habitação, sentindo-se culpada por havê-lo provocado e por preferir até lavar a roupa em lugar de ver sofrer a sua mãe.

Demorou quase uma hora em esquentar a água e em esfregar com os nódulos para tirar as manchas de sangue. Ainda estava fazendo-o quando chegou Frankie com duas trutas salpicadas de negro, trespassadas em um tridente.

—Olhe o que pesquei, Emily!

Era o moço mais bonito que tinha visto e com frequência afirmava que era o que ficou com a galhardia de toda a família, tinha olhos azuis de longas pestanas, covinhas, uma bonita boca e um cabelo escuro que, em uns poucos anos, muitas mulheres desejariam acariciar. Ao perder o último dente de leite, ficou com uma notável e perfeita dentadura. Nunca deixava de maravilhar Emily pois, embora só era uma parte dele que tinha chegado ao tamanho da maturidade, levava consigo a promessa de uma maturidade total em um futuro muito próximo. Já estavam estirando-se o os membros, e se o tamanho dos pés dava algum indício, Frankie logo teria a altura de sua mãe, que ultrapassava ao pai em mais de cinco centímetros.

Emily se sentia mal ao pensar em seu irmão. Não tinha mais que doze anos, mas, ao estar doente a mãe, a última parte de sua infância lhe era arrebatada, lhe tirando o feliz abandono que merecia. Não era justo,

como não o era a situação para nenhum deles e menos ainda para a mãe. Tinham que arregaçar-se e ocupar-se das tarefas domésticas o melhor que pudessem, gostassem ou não. Portanto, Emily se fortaleceu contra o rogo que previa, enquanto admirava o bota de cano longo de pesca de seu irmão.

—Bonito pescado. Quem o limpará?

—Earl e eu. Onde está papai?

—Ainda no abrigo.

— Eu vou mostrar a ele.

—Espera um minuto!

—Mas Earl está esperando!

Impaciente, Frankie parou e fez uma careta ao compreender o engano que tinha cometido ao passar pela cozinha.

—Prometeu voltar para casa as três para me ajudar.

—Não tinha relógio.

—Podia se guiar pelo sol, não?

—Não pude. —Abriu muito os olhos para exagerar sua inocência—. A sério, Emily, não pude! Estávamos aí, junto aos choupos grandes, no terreno vazio detrás de Stroth, e as árvores tampavam o sol.

A irmã compadeceu a pobre garota que tentasse sujeitar a este indivíduo. Embelezado com um chapéu de palha e um macacão, sem camisa nem sapatos, os imensos olhos brilhantes e os lábios entreabertos em fingida inocência, Frankie resultava um quadro encantador, que lhe custava resistir. Mesmo assim, tentou-o.

—Toma. —Soltou o agitador da máquina de lavar—. Toca a ti. O meu braço está a ponto de cair.

—Mas quero levar o pescado ao povoado e mostrar ao papai. Além disso, Earl está me esperando e assim que o mostre a papai tenho que voltar aqui imediatamente e limpá-lo para que possa fritá-lo para o jantar. Por favor, Emily... pooor faaavoor!

Deixou-o ir, pois quando ela tivesse doze anos, não foi necessário que lavasse a roupa às quatro de uma cálida tarde do verão. Sem a ajuda do menino, a lavagem durou mais do que tinha pensado e estava terminando quando papai chegou para jantar. Fiel a sua palavra, Frankie tinha limpado a truta, e essa noite ele e o pai se fariam cargo do jantar, enquanto Emily ordenava o tanque e empilhava a roupa molhada para estendê-la ao dia seguinte.

Os pratos preparados pelo pai deixavam muito que desejar. As batatas estavam muito brandas, as trutas, um pouco torradas, o café, fervido e as bolachas grudadas à frigideira. Mas o pior de tudo era que a

mãe não se sentava com eles à mesa. Edwin lhe levou uma bandeja acima e, quando voltou a baixar, surpreendeu o olhar de Emily ao outro lado da cozinha e fez um triste gesto negativo com a cabeça. Como de costume, a cadeira vazia parecia arrojar um pano mortuário sobre o jantar, mas a moça tratou de aliviá-lo.

—A partir de agora, eu cozinharei e vocês limparão o tanque — brincou.

—Faremos como viemos fazendo — repôs Edwin—. Nos arrumaremos bem.

Mas quando seu olhar se encontrou com a da filha, esta percebeu um sinal de desespero, similar ao que tinha presenciado aquela noite, em segredo, no alpendre. Edwin o ocultou tão rápido como apareceu e se levantou para levar os pratos a pia.

—Será melhor que limpemos. Charles disse que passaria esta noite, mais tarde.

Charles ia quase todas as noites. Embora tivesse sua própria casa, sem dúvida se sentia sozinho. Era natural que queria estar com os Walcott, aos que conhecia de toda a vida e com os que tinha chegado a Wyoming na mesma época. Desde que se transladaram a Sheridan, converteu-se em íntimo amigo de Edwin, face à diferença de idade. E a mãe sempre lhe manifestava um indubitável afeto, pois o conhecia desde pequeno. Frequentemente repetia que Charles provinha de uma criação religiosa sólida, conhecia o valor do trabalho duro e, algum dia, seria um bom marido para Emily. Quanto a Frankie... bom, idolatrava Charles.

Charles chegou a tempo para ajudar a secar os pratos. Cada vez que chegava, ultimamente, sempre havia algo no que ajudar e o fazia com gosto. Emily se tinha fartado de ouvir dizer ao pai:

—Sem dúvida, este Charles sabe o que é o trabalho.

É obvio que sabia o que era o trabalho... acaso não sabiam todos?

Depois de secar, Frankie o convenceu para jogar uma partida de dominó. Instalaram-se todos no saguão, e os dois colocaram as peças enquanto Emily olhava e Edwin fumava um último cachimbo antes de subir a ler para a esposa.

—Suponho que conhecestes ao forasteiro que chegou ao povoado — disse Charles, para ninguém em particular.

—Temos seus cavalos no estábulo — respondeu Edwin.

—Que forasteiro? —perguntou Frankie.

—Chama-se Jeffcoat. Tom Jeffcoat — respondeu Charles, colocando um cinco junto a outros cinco.

—Assim você também o conheceu? —perguntou Edwin.

—Sim. Loucks me recomendou, informou-lhe que eu era carpinteiro.

—É obvio, quererá te contratar — comentou Edwin.

Charles elevou a vista, seus olhos se encontraram com os de Edwin e Emily percebeu a ambivalência de sua expressão.

—Sim, em efeito.

—Bom, se seu dinheiro for genuíno, mais vale que o aceite.

—Edwin, sabe o que está construindo?

—Um estábulo para alojar cavalos, ele me disse isso.

—Disse-lhe isso?

—Como diz Emily, seria difícil ocultar um estábulo quando começa a construir-se.

—Emily também o conheceu?

Charles olhou à aludida, que se inclinava sobre o ombro do irmão para lhe ver o jogo.

—Lamento confirmá-lo — repôs com frieza, sem levantar a vista para Charles nem uma vez.

—Ah.

A jovem levantou uma das peças de Frankie e a jogou, enquanto comentava:

—Primeiro me disse "moço", e depois, tentou me aconselhar como cuidar o casco esquartejado de Sergeant. Eu não gostei de nenhuma das duas coisas.

Com o cachimbo a um lado da boca, Edwin riu.

—Posso-o corroborar. Quando entrei e salvei o valor de uma semana de transações, estava afiando nele sua língua e acabava de mandá-lo ao inferno.

—Papai! —exclamou Emily, irritada—. Não tem por que difundi-lo!

— Fez isso Emily? —perguntou Frankie, perdendo interesse no jogo e rindo maravilhado da atitude de sua irmã.

—Caramba, Emily, não temos segredos para o Charles.

O que, a seu julgamento, era um dos motivos pelos que não podia cercar um vínculo romântico com o jovem. Sentia como se já tivesse vivido com ele os últimos dois anos, pelo muito que o frequentava. Abandonou as fichas de Frankie e se deixou cair no divã.

—Espero que lhe tenha cuspido um olho, Charles! —disse, em tom provocador.

—Seja sensata, Emily. Como crê que Charles pode fazer algo assim? —burlou-se o pai.

—Eu o fiz, não?

Para surpresa de Emily, Charles disse:

—Para falar a verdade, me agradou.

—Agradou-te! —exclamou—. Charles, como é possível!

—Emily, Aparentemente, esquece que Charles tem que preocupar-se com seu negócio! —repreendeu-a o pai em tom áspero e se suavizou ao dirigir-se ao jovem—: Diga a Emily o que disser, eu não te jogaria na cara se trabalhasse para Jeffcoat.

—Também quer ver minha coleção de projetos. Depois do abrigo para cavalos, quer construir uma casa.

—Disse-me isso. E isso poderia representar bons benefícios para ti, Charles.

—É possível, mas eu não gosto de trabalhar para seu competidor.

Edwin deu uma chupada no cachimbo, encontrou-o apagado, tirou um prego de ferradura do bolso da camisa e começou a escavá-lo, esvaziando o conteúdo em um cinzeiro.

—Charles, eu não sou seu pai — começou, depois de um silêncio pensativo— mas acredito saber que conselho te daria ele nesta circunstância. Diria que é uma dessas ocasiões em que primeiro tem que ser comerciante e, em segundo lugar, amigo. No que se refere, respeitar-te-ei tanto por adotar uma sábia decisão comercial como por ser leal, de modo que pode dizer que sim a Jeffcoat. Por isso veio aqui, não é certo? Porque acreditava que o povoado prosperaria e você com ele, verdade? Bom, não poderia prosperar se rechaçasse clientes.

Charles posou seus olhos cinzas em Frankie.

—Frankie, o que opina?

—Se a papai não incomoda, a mim tampouco.

—Emily?

Olhou-a. A moça não podia separar o desagrado para com Jeffcoat da certeza de que seu pai tinha razão. Seria ela a única nesse lugar em sentir-se indignada pela situação? Bom, não era tão magnânima como eles e não fingiria sê-lo! Com expressão zangada, levantou-se da cadeira e foi para a porta principal:

—Oh, não me importa! —gritou—. Faz o que quiser!

Um instante depois, escutou-se golpear a porta mosquiteiro.

O mau humor de Emily acabou com os jogos. Charles se levantou dizendo:

— Irei falar com ela.

Edwin disse:

—Frankie, se certifique de enterrar as vísceras do pescado antes de se deitar.

Subiu para passar o resto da noite com sua esposa.

O alpendre rodeava três lados da casa. Charles encontrou Emily no lado oeste, sentada em uma poltrona de vime, de frente ao Big Horns e o céu cor pêssego, que ia empalidecendo.

Embora tenha ouvido os passos de Charles que se aproximavam, seguiu com a cabeça apoiada na parede quando ele se acomodou no bordo da poltrona, junto a ela, fazendo ranger o vime. Juntou as mãos sobre os joelhos e fixou a vista nelas.

—Está aborrecida comigo.

—Estou aborrecida com a vida, Charles, não contigo.

—Dou-me conta de que comigo também.

Emily cedeu e voltou a cabeça para ele, observando-o. Tinha crescido em uma época em que a maioria dos homens usavam barba e, entretanto, nunca se acostumou a vê-la em Charles. O bigode e a barba de um loiro escuro eram espessos e estavam pulcramente recortados, mas sentia falta das linhas nítidas e fortes que ocultavam. Tinha um maxilar e um queixo muito atrativos para escondê-los baixo desse arbusto e, além disso, davam-lhe aspecto de mais velho do que era em realidade. Por que motivo um homem de vinte e um anos quereria parecer de trinta? Desprezou as ideias críticas e o olhou aos olhos, esses inteligentes olhos cinzas que a contemplavam e dissimulavam com cuidado os sentimentos feridos.

—Não — lhe assegurou em tom mais suave—, contigo não. Com todo o trabalho, a preocupação por mamãe e agora, este estranho que vem ao povoado a competir com papai. É muito inquietante. —Voltou o olhar ao Big Horns, suspirou e continuou—: Há ocasiões em que sinto tantas saudades da Filadélfia que acredito que vou morrer.

—Já sei. Às vezes, também me ocorre.

Contemplaram o céu, que ia tornando-se azul e, em um momento dado, Charles perguntou:

—O que é o que mais tem saudades?

—Oh... —Eram tantas coisas que, nesse momento, não pôde escolher uma.

—Ir patinar e as visitas do dia de Ano Novo, e as excursões no verão. Tudo o que estávamos acostumados a fazer com os amigos. Aqui, quão único fazemos é trabalhar, dormir, trabalhar de novo e dormir de novo. Não há... não há alegria, não há vida social.

Charles guardou silêncio. Por fim, disse:

—Eu também sinto saudades.

—O que é o que mais sente falta?

— Da minha família.

—Oh, Charles... —sentiu-se torpe por perguntá-lo, pois sabia quão solitária se sentiria ela se, de repente, estivesse a uns três mil e duzentos quilômetros de papai e mamãe, e de Frankie—. Mas nós estamos aqui, sempre que nos precise — adicionou, porque era certo.

Não podia imaginar a casa sem Charles quase todos os domingos de noite. Advertiu muito tarde o rogo em seus olhos e soube que tomaria a mão. Quando o fazia, não sentia mais excitação que quando tinha seis anos, ele nove e a escoltava por uma rua da Filadélfia, com as mães de ambos detrás, empurrando carrinhos de menino.

—Tenho uma idéia — disse Charles de repente, iluminando-se—. Se sentir falta das excursões da Filadélfia, por que não fazemos uma?

—Nós dois sozinhos?

—Por que não?

—Oh, Charles... —Retirou a mão e apoiou de novo a cabeça na parede—. Quase não me alcança o tempo para lavar, engomar, preparar o jantar e atender a mamãe quando é meu turno.

—Existem os domingos.

—Não é porque seja domingo que deixamos de jantar.

—Sem dúvida, poderá dispor de um par de horas. O que te parece este domingo? Eu levarei a comida. E tomaremos a charrete negra de seu pai, esse que é para dois, iremos pelas colinas, beberemos salsaparrilha e nos estenderemos ao sol como um par de lagartos preguiçosos. —Levado pelo entusiasmo, puxou-a pelas mãos—. O que diz, Emily?

Sair, embora fora só uma tarde, parecia tão maravilhoso que não foi capaz de resistir.

—Oh, está bem. Mas não poderei sair até ter dado de comer a outros.

Extasiado, Charles lhe beijou as mãos com delicadeza, só para conservar o ânimo alegre. Mas quando elevou a cabeça, apertou-lhe os dedos com mais força e a expressão de seus olhos se intensificou.

"Oh, não o estrague, Charles", pensou.

—Emily — rogou em voz fica, levando uma das mãos aos lábios.

O céu adquiriu um tom azul escuro e não havia ninguém perto que pudesse presenciar o que acontecia na sombra da funda galeria quande Tomou em seus braços, aproximou-a e posou sua boca sobre a dela. Emily cedeu, mas o contato dos lábios mornos e o bigode lhe fizeram cócegas e a fez pensar: "por que tenho que te conhecer de toda a vida?

Por que não será um misterioso estranho que entrou galopando ao povoado e me jogou um segundo olhar que me fez cambalear sobre os pés? Por que o aroma de aparas de madeira de sua pele e do tônico do cabelo são muito familiares para resultar excitantes? Por que te amo do mesmo modo que ao Frankie?"

Quando o beijo terminou, o coração de Emily batia com o mesmo ritmo tranquilo de como acabasse de despertar, espreguiçando-se depois de uma larga sesta.

—Charles, agora tenho que entrar.

—Não, ainda não — murmurou, segurando-a pelos braços.

Emily baixou o queixo, para que não a beijasse outra vez.

—Sim, Charles... por favor.

—Por que sempre se aparta?

—Porque não é correto.

O jovem soltou um suspiro trêmulo e a soltou.

—Está bem... mas farei os preparativos para o domingo.

Acompanhou-a até a porta e Emily sentiu a relutância de Charles ao partir, a retornar a sua própria casa vazia. Experimentou um desagradável sentimento de culpabilidade por não poder expressar os sentimentos que ele esperava dela, por não poder encher o vazio deixado pela família, pelo fato de que não gostasse do bigode e da barba, quando estava segura de que a outras mulheres resultariam atrativos.

Quando se interrompeu e se voltou para ela, soube que ele queria beijá-la outra vez, mas entrou antes que pudesse fazê-lo.

—Boa noite, Charles — disse, através da porta de arame.

—Boa noite, Emily. —ficou olhando-a, armazenando sua decepção—. Terminarei por te conquistar, sabe?

Enquanto o via cruzar o alpendre, teve a desoladora sensação de que tinha razão.

Vamos, Edwin estava lhe lendo a Josephine Quarenta mentirosos e outras mentiras, de Edgar Wilson Nye, embora soubesse que a mente de sua esposa estava muito longe da humorística descrição do oeste que fazia Nye.

—"... deixando uma fileira de cavalos manchados com o passar do rio, onde...

—Edwin — o interrompeu, olhando ao teto.

O homem baixou o livro e a olhou com ansiedade.

—O que, querida?

—O que vamos fazer? —murmurou.

—Como?

Deixou o livro, levantou-se da cama de armar e foi sentar se no bordo da enorme cama.

—Sim. O que vamos fazer a partir de agora até que eu morra?

—Oh, Josie, não...

Fez um gesto para sossegá-lo.

—Ambos sabemos, Edwin, e temos que fazer planos.

—Não sabemos. —Sustentou os dedos brancos, frágeis, e os apertou—. Olhe o que aconteceu com Stetson.

—Já faz mais de um ano que estou aqui e sei que não serei tão afortunada como Stet... —Um espasmo de tosse a dobrou e a fez estremecer-se como um cano que se inunda. Seu marido a afagou nas costas e se inclinou mais perto.

—Não fale mais, Josie. Economiza o fôlego... por favor.

A tosse arrasadora seguiu durante dois minutos completos até que caiu de costas, exausta. Edwin lhe apartou o cabelo da testa suada e contemplou o rosto lívido, enquanto seu próprio semblante manifestava o desespero por sua impotência em ajudá-la de algum modo.

—Descansa, Josie.

—Não — conseguiu dizer, lhe aferrando a mão para que não se afastasse—. Escuta-me, Edwin. —esforçou-se por controlar a respiração, inalando grandes baforadas de ar, como reserva para dizer o que teria que dizer—. Já não voltarei a descer e os dois sabemos. Mal tenho forças para comer sozinha... como poderia me ocupar das tarefas da casa outra vez? —Outro acesso de tosse a interrompeu, até que reatou a luta, recuperando as forças para continuar—: Não é justo esperar que os meninos façam minha parte e também cuidem de mim.

—Não os aborrece fazê-lo e a mim tampouco. Estamos nos arrumando B...

A esposa lhe apertou a mão, sem forças, e posou nele seus olhos afundados, como lhe suplicando indulgência.

—Emily tem dezoito anos. Depositamos uma carga muito pesada sobre seus ombros. Preferiria que... —interrompeu-se outra vez para respirar—. Preferiria trabalhar no estábulo contigo e além disso necessita tempo para estudar, para completar o curso do doutor Barnum. É justo, acaso, esperar que seja dona-de-casa e enfermeira, além disso?

Não teve resposta. Edwin ficou lhe acariciando a mão branca de veias azuis, contemplando-a, com a desdita lhe apertando a garganta.

Josephine prosseguiu:

—Acredito que Charles a pediu em matrimônio e o rechaçou por minha causa.

Não podia negá-lo, sabia que o que sua esposa dizia era certo, embora Emily jamais o admitiria ante nenhum dos dois.

—É uma boa garota, Edwin, uma filha carinhosa. Ajudará a ti no estábulo e a mim na casa, até que Charles se canse de esperar e o peça a outra.

—Isso nunca passará.

—Possivelmente não. Mas imagina que Emily queria lhe dar o sim imediatamente. Não compreende que teria que estar cuidando sua própria casa, a seus próprios filhos, em lugar de nos cuidar de Frankie, a ti e a mim?

Edwin não teve resposta.

— Olhe-me.

Fez-o, com o semblante alargado pela tristeza.

—Morrerei, Edwin — murmurou—, mas talvez transcorra... um pouco de tempo ainda. E não será fácil... para nenhum de vós e menos ainda para Emily. Deveria ter... direito a aceitar o Charles, não te dá conta? E Frankie ainda necessita a mão forte de uma mulher, faz falta cuidar a casa... preparar comida bem feita, e você... não teria que se ocupar, por turno, de lavar a roupa e fritar pescado... de modo que escrevi a Fannie e lhe pedi que viesse.

A Edwin pareceu que um raio de fogo lhe estalava nas vísceras.

—Fannie? —Piscou, e endireitou as costas—. Refere-se a sua prima, Fannie?

—Conhecemos alguma outra?

Saltou da cama, de cara à porta do balcão, para ocultar o rosto aceso.

—Mas ela tem sua própria vida.

—Não tem nenhuma vida; sem dúvida, pode-se ler entre linhas nas cartas.

—Ao contrário, a Fannie interessam tantas coisas, e... tem amigos, caramba, ela...

Edwin gaguejou e se calou, sentindo que o sangue lhe acelerava nas veias ante a só menção desse nome.

Depois dele, Josephine disse em voz suave:

—Necessito-a, Edwin. Esta família a necessita.

O homem girou e lhe replicou:

—Não, não aceitarei Fannie!

Por um momento, Josephine o olhou fixamente e Edwin se sentiu alternativamente tolo e transparente. Todos esses anos lhe tinha ocultado a verdade e não se arriscaria a que o descobrisse agora, quando estava exposta a tanto sofrimento. Fez um esforço para acalmar-se e serenou o tom:

—Não quero obrigar Fannie a dizer que sim só porque você é parente. E sabe que isso é o que faria, sem vacilar.

—Temo-me que é muito tarde, Edwin... Já aceitou.

O susto o fez empalidecer. Sentiu os dedos transidos e o peito contraído.

—Hoje chegou a carta.

Josephine lhe entregou o envelope e Edwin o olhou como se estivesse vivo. Depois de um longo silencio se aproximou, remisso.

Josephine viu que recuperava a cor à medida que lia a resposta de Fannie. Viu como tentava dissimular seus sentimentos, mas as orelhas e as faces adquiriam uma brilhante cor vermelha e a noz do Adão se movia. Vendo-o, lamentou os anos de matrimônio com um homem que jamais tinha amado. Edwin, meu galante e nobre marido, nunca saberá quanto me esforcei por te fazer feliz. Possivelmente, por fim tenha encontrado a maneira de fazê-lo.

Quando terminou de ler, pegou a carta e a devolveu, incapaz de dissimular a recriminação na expressão e o tom.

—Teria que me haver consultado antes, Josephine.

Só a chamava Josephine quando estava muito aborrecido. Do contrário, dizia-lhe Josie.

—Sim, já sei.

—Por que não o fez?

—Pelo mesmo motivo que você está expressando.

Edwin colocou as mãos nos bolsos traseiros, temeroso de que ela notasse como tremiam.

—É uma mulher de cidade. Não é justo lhe pedir que venha aqui, a este povoado perdido. Os meninos e eu podemos nos ocupar. Ou, talvez, possa contratar a alguém.

—A quem?

Os dois sabiam que aí, nesse povoado de vaqueiros, as mulheres escasseavam. As que tinham a idade apropriada passavam muito pouco

tempo solteiras, até que tinham seu próprio marido e sua própria casa. Não encontraria em Sheridan nenhuma disposta a trabalhar como enfermeira e dona-de-casa.

—Vem, Edwin... sente-se a meu lado.

Agradou-a a inapetência, com a vista fixa no chão. Josie lhe tocou o joelho, em um dos estranhos gestos de intimidade, e tomou a mão.

— Prometa-me isto, por favor... Libera os meninos da carga que eu lhes conduzi... e também a ti. Quando chegar Fannie, lhe dê boas vindas. Acredito que ela nos necessita tanto a nós como nós a ela.

—Fannie nunca necessitou a ninguém.

—Não?

Edwin se sentiu confundido pelas emoções: o temor maior jamais experimentado, e na mesma medida, uma euforia sem limites ante a perspectiva de ver outra vez Fannie; rancor com Josie por pô-lo em posição tão desprezada; alívio de que, ao fim, ela tivesse achado uma solução para a situação doméstica; uma sensação de ambiguidade encoberta que, sem dúvida, poria em prática do mesmo instante em que Fannie Cooper pisasse na casa; a decisão de que, passasse o que acontecesse, jamais trairia seus votos matrimoniais.

—Onde pensa instalá-la?

—Com Emily.

Edwin permaneceu em um longo silêncio, absorvendo o choque, tratando de imaginar-se deitado nesse quarto, na cama de armar, todas as noites, sabendo que Fannie estava ao outro lado do corredor. Não podia fazer nada, ela já estava em caminho nesse mesmo momento, enquanto ele sentia um nó no estômago e os músculos das pernas tensos. Chegaria em diligencia dentro dessa semana e ele a recolheria no hotel, e fingiria que não tinha conservado a lembrança resplandecendo em seu coração durante vinte e dois anos.

—É obvio que serei amável com ela, sabe. É que...

Os olhos de ambos se encontraram e trocaram uma mensagem silenciosa. A chegada de Fannie representava muito mais que a chegada de uma ajuda. Representava o primeiro de uma série de passos finais. Até esse momento tinham vivido com a ilusão de que um dia Josephine se levantaria, outra vez recuperada, e se faria cargo de suas tarefas. Que a vida voltaria para a normalidade. A partir da chegada de Fannie, essa idéia ficaria sepultada com a mesma fatalidade sombria com que sabiam que esta mulher, a esposa e mãe, jazeria em seu descanso eterno, em um futuro próximo.

Edwin sentiu um nó na garganta e ardência nos olhos. Inclinou-se para frente cobrindo o frágil torso de Josephine com o seu, robusto, e deslizou as mãos entre ela e a pilha de travesseiros. Apoiou a face sobre

a têmpora de sua mulher, sem atrever-se a descansar todo seu peso nela. Sentiu-a estranha, ossuda e devastada. Era curioso que sentisse uma tristeza tão funda ao perceber a diferença entre esse corpo consumido de que tinha obtido tão pouco prazer quando era roliço e saudável. Possivelmente fosse justamente isso o que lamentava.

Querida Josie, prometo-te fidelidade até o fim... é o menos que posso te oferecer.

Josie o estreitou e fechou com força os olhos, defendendo da dor de perdê-lo à mãos de Fannie, perguntando-se por que nunca pôde receber desejosa o abraço nos anos que esteve sã.

Meu queridíssimo Edwin, ela te dará a aula de amor que eu nunca pude te dar... estou segura.

Capítulo 3

Ao dia seguinte, Emily estava no escritório do estábulo, quande Tarsy Fields entrou voando, como uma cometa com o fio quebrado.

—Emily! Ainda não o viu? É magnífico!

Tarsy tendia a gesticular em excesso, a exagerar e a mostrar um entusiasmo transbordante para tudo o que gostava.

—Se vi quem?

—Ao senhor Jeffcoat! Tom Jeffcoat... não me diga que não ouviste falar dele!

—Ah, esse.

Emily compôs um semblante de desgosto, voltou-se e seguiu preparando o cataplasma de semente de linho para a pata de Sergeant.

—Trouxe o seu cavalo aqui?

—Somos o único estábulo do povoado para alojar cavalos, não?

—De modo que o viu! E, certamente, conheceu-o. Oh, Emily, que afortunada é. Eu só passei junto a ele na calçada quando saía do hotel e não tive oportunidade de lhe falar ou me apresentar, mas entrei e perguntei o nome ao senhor Helstrom. Tom Jeffcoat... que nome! Não é deslumbrante?

Tarsy uniu as mãos, estirou os braços e elevou o olhar para as vigas, em um arranque de êxtase.

Deslumbrante? Tom Jeffcoat? O homem que carecia de mangas e de boas maneiras? O sabichão vulgar, que se propunha arruinar o negócio de seu pai?

—Não prestei atenção — repôs Emily, com aspereza, ao tempo que pulverizava a espessa massa amarela sobre um pano branco.

— Não prestou atenção...! —chiou Tarsy, atirando-se sobre o banco que estava junto a Emily, inclinando-se pela cintura e lhe jogando o fôlego—. Não prestou atenção nesses braços musculosos! E esse rosto! Esses olhos! Emily, minha avó, que tem cataratas, o teria notado. Por Deus, essas pestanas... esses limpos lagos... as pálpebras caída... mas se quando me olhou eu quase desmaiei!

Fingiu um desmaio e caiu sobre o banco de trabalho como uma bailarina de balé que representasse uma morte, derrubando uma garrafa de ácido fénico com a mão.

—Tarsy, incomodar-te-ia se desmaiar em algum outro lugar? —Endireitou a garrafa—. Como pôde prestar atenção em todas essas coisas, se só passou junto a ele na calçada?

—Uma garota tem que prestar atenção se não quiser terminar sua vida solteira. Francamente, Emily, não me diga que não percebeu o quão bonito é.

Emily tomou o linimento e se dirigiu à parte principal do estábulo, enquanto Tarsy a seguia e continuava com os louvores.

—Aposto a que tem cinqüenta pestanas por cada uma das do Jerome. E quando sorri, lhe forma uma covinha na face esquerda. E os lábios... Oh, Emily. —Parecia que ia fingir outro desmaio, mas se ergueu para exigir—: Diga-me tudo o que dele saiba. Tudo! Qual é seu cavalo? O que está fazendo aqui? De onde veio? Ficará? —Cruzou as mãos sobre o peito, fechou os olhos e elevou o rosto—. Oh, por favor, Deus, que fique!

Ao entrar no pesebre de Sergeant, Emily disse:

—Está perdendo o tempo, Tarsy. Está comprometido.

—Comprometido! —gemeu—. Está segura?

Ficou de cócoras para sujeitar o unguento à pata de Sergeant e continuou:

—Falou de uma noiva.

—Oh, maldição! —zangou-se, dando um breve chute—. Agora, ficarei solteirona!

Embora Tarsy fosse a melhor amiga de Emily, havia ocasiões em que lhe parecia que não tinha cérebro. Era uma coquete sem remédio e não

cessava de falar de seu medo a ficar solteira quando em realidade era tão pouco provável quanto Sergeant colocasse sozinho o unguento. Mas gostava de fingir que sofria ante semelhante perspectiva sentada no alpendre da casa de Emily, ou aí no estábulo e fazendo gestos como se estivesse ao bordo do desespero, em uma representação melodramática onde expressava o só que se sentiria aos cinquenta, quando fosse uma solteirona sem filhos, de cabelo cinza, que vivesse costurando luvas. Tarsy não tinha a culpa de ter nascido com uma necessidade constante de receber adulações para sentir-se feliz, nem de ter inclinação pelo melodrama. Essas características para Emily eram sucessivamente divertidas e irritantes, em particular tendo em conta os dotes de Tarsy para seduzir aos homens. Pois ela também tinha cinquenta pestanas por cada uma das do Jerome Berryman e o pobre Jerome estava prendado de cada uma delas, igual a outros varões da vizinhança. Tinha abundante cabelo loiro, um belo rosto em forma de coração, realçado por uns olhos castanhos, ossos pequenos e uma cintura diminuta que atraía as olhadas como um campo de trigo sarraceno em maturação atrai às abelhas.

Mas, como de costume, queria uma abelha a mais.

—De todos os modos, me fale dele, Emily, pooor faavoor.

—Quão único sei é que ficará, coisa que não me faz muito ditosa. Já foi ver o Loucks para comprar uma propriedade, e tem intenções de construir um estábulo e competir com papai.

Tarsy deixou de lado sua absorção o suficiente para cobrir os lábios, espantada:

—Oh, caramba.

—Sim: Oh, caramba.

—O que vai fazer seu pai?

—O que podemos fazer? Diz que este é um país livre.

—Ou seja que não está aflito?

—Sou eu a que está afligida! —Emily terminou de tratar de Sergeant, levantou-se e limpou as mãos, agitada—. Papai já tem bastante que preocupar-se com minha mãe doente. E agora, isto. —Contou-lhe o acontecido no dia anterior e concluiu—: portanto, se inteirar-se de que pensa instalar o estábulo, agradecer-te-ia que me faça saber isso.

Mas antes que terminasse o dia, Emily se inteirou por si mesma. Estava no escritório, estudando, sentada ao estilo índio sobre o divã, com os ombros contra a parede, uma mão sobre o gato adormecido e um livro no colo, quande Jeffcoat em pessoa apareceu na entrada.

Emily elevou a vista e o olhar se tornou gelada.

—Ah, é você.

—Boa tarde, senhorita Walcott.

Observou a pose pouco feminina, que ela se negava a trocar ante sua aparição. Esboçou um sorriso, levantou o chapéu em gesto de saudação enquanto a moça amaldiçoava Tarsy para seus adentros por ter acertado: em efeito, tinha uma covinha na face esquerda e tinha umas pestanas endemoniadamente longas e espessas e uma boca tão atrativa que desarmava. Vestido com a mesma camisa sem mangas, os bíceps avultados eram tão evidentes como a linha do Big Horns. Mas percebeu uma jactância nesse traje informal, um alarde de masculinidade que um cavalheiro não se permitia; as botas negras altas rematavam umas calças de cintura alta com suspensórios vermelhos que resultavam supérfluos com as calças tão ajustadas. Mas, sobre tudo, remarcava os braços musculosos sublinhados pelos farrapos azuis da manga arranco. E, sem dúvida, não ignorava que pose empregar para que todo o conjunto se luzisse: os pés separados, as mãos na cintura, como se dissesse: "Dê uma olhada, senhora".

—O que quer? —perguntou com brutalidade.

—Meus cavalos. Necessito-os umas horas.

Emily deixou o livro virado para baixo, fazendo saltar ao gato. Saltou do divã e foi a pernadas para a porta, sem pedir permissão e obrigando Jeffcoat a saltar para trás para não ser atropelado. Saltou. Assobiou, malicioso, e entrou no escritório para jogar um olhar divertido à capa do livro. *A ciência da medicina veterinária, de R. C. Barnum*. Sua atitude divertida foi substituída pelo interesse quando voltou o livro, inclinou a cabeça e leu o cabeçalho da página em que estava aberto: *Enfermidades dos órgãos reprodutores do cavalo e da égua*. Percorreu com o olhar o sofá, a modesta colcha que conservava a forma do traseiro da moça, o molho de papéis que tinha tido junto ao joelho. Com um só dedo, moveu-os e viu o que parecia um questionário já preparado. Leu: Qual é a causa mais comum de infertilidade nas éguas e como se trata?

Debaixo, tinha completado a resposta: *Uma secreção ácida dos órgãos genitais ou uma retenção do puerperio. O tratamento mais comum se realiza com levedura, da seguinte maneira: mesclam-se 2 colheradas de chá, cheias, de levedura, com o meio litro de água fervida que se mantém morna durante 5 ou 6 horas. Lavar primeiro abundantemente a zona afetada com água morna, depois, injete a levedura. O animal deve acasalar-se entre 2 e 6 horas depois do tratamento.*

Levantou as sobrancelhas. Assim que a pequena sabichona conhecia sua matéria!

De tráz, uma mão lhe arrebatou os papéis sob o nariz.

—Este é um escritório privado!

Tom não se acovardou nem se gabou, mas sim se voltou com calma

e a viu sepultá-lo sob um livro maior que estava sobre a mesa lotada. Outra vez estava vestida com as calças e a boina de lã, mas esta vez não tinha o avental de couro, coisa que lhe permitiu comprovar que sim tinha seios do tamanho de ameixas, esmagados por uma espantosa camisa de moço com a gola aberta, da cor do esterco de cavalo. Ocupou-se de examinar os seios por completo antes que Emily se voltasse com brutalidade e o enfrentasse com os braços em jarras.

—Senhor Jeffcoat, você é um homem intrometido e grosseiro!

—E a você, senhorita Walcott, seus pais poderiam lhe haver ensinado melhores maneiras.

—Não me agrada que as pessoas coloquem o nariz em meus assuntos privados e você já o tem feito pela segunda vez! Agradeceria-lhe que não volte a fazê-lo!

Por um momento, pensou em fazer algum comentário sobre o modo de vestir da jovem, felicitá-la pelo bem que lhe sentava o tom da camisa à cor da pele, só para chateá-la. Mas em realidade estava encantada com os pés separados, os punhos apertados, os olhos azuis brilhantes e furiosos. Encontrar a uma mulher tão efervescente e franca em uma época em que o ideal feminino estava representado por uma voz doce e uma conduta discreta, era pouco comum. Emily não possuía nenhuma dessas características e isso lhe fascinava. Entretanto, como era provável que alguma vez necessitasse seu livro de veterinária, resolveu apaziguá-la.

—Sinto muito, senhorita Walcott.

—Se quiser os cavalos, me siga. Não vejo por que tenho que tirá-los eu aos dois, enquanto você vagabundeia aqui, lendo correspondência alheia. —Foi para a porta e, daí, disse-lhe—: Quer enganchá-los a sua carruagem?

—Neste povoado, todas as mulheres são tão amistosas como você? —perguntou-lhe, seguindo-a.

—Pergunto-lhe onde quer enganchá-los.

—Em nenhuma parte. Coloque-lhes o arnês e eu os tirarei.

Emily, com os braços em jarras, repôs com sofrida paciência:

—Eu não coloco o arnês sozinha, você me ajudará.

—Para que lhe pago?

—Jeffcoat, quer os cavalos ou não?

Tomando uma corda das que se usam para guiar aos cavalos, arrojou-lhe a outra, apartou a travessa que fechava um pesebre e lhe fez um gesto com a cabeça, indicando o lado.

—Aí está Liza. Tire-a.

"Pequena mandona", pensou, apanhando a corda no ar. Mas antes que pudesse dizer-lhe desapareceu, e Tom apartou a travessa do pesebre de Liza e entrou.

—Olá, moça.

Jogou-lhe um olhar meticuloso, lhe esfregando a cruz e os ombros. Tinha sido escovada como ele o ordenou, pois tinha a pele lisa e suave. Embora a senhorita Calças tivesse língua de víbora, sabia cuidar dos cavalos.

—Liza tem bom aspecto — a adulou, conduzindo ao animal pelo corredor, onde Emily já esperava com Rex —. Vejo que empregou bastante tempo escovando-a.

O esforço lhe valeu um gesto carrancudo com que Emily expressava claramente que só um idiota era capaz de maltratar a um cavalo. Uma vez ajustadas as correias, voltou-se com altivez e encabeçou a marcha para a parte posterior do abrigo, onde se guardavam os carros e as carruagens. Em um compartimento separado estava a bagagem, pendurada nas estacas de madeira. Entre os dois, baixaram seu equipamento, ela zangada, ele, divertido, e o levaram ao corredor principal, onde começaram a selar em silencio Rex e Liza. Quando terminaram, Emily se encaminhou para o escritório sem saudar.

—Trá-los-ei de novo de noite —gritou Tom—, mas pode me cobrar todo o dia.

—Pode apostar sua desastrada camisa que o farei! —replicou, sem olhar atrás, e desapareceu na toca.

Tom olhou os braços nus e pensou: "Muito bem, estamos em paz, moço".

No escritório, com as pernas cruzadas e o livro sobre o colo, Emily não podia concentrar-se. O estômago lhe contraía e a língua lhe doía de apertá-la tanto contra o céu da boca. Maldito seja sua insuportável pele! Quando tentou ler, as críticas pareciam se sobrepor às palavras do livro. Sujeito desagradável e infernal! Ouviu-o lhe estalar a língua às montarias, os cascos dos cavalos sobre a terra dura que se afastavam para a rua. Quando o som desapareceu, apoiou a cabeça na parede, fechou os olhos e se sentiu agitada como nenhum homem a tinha deixado alguma vez. Aonde levava os cavalos sem a carruagem? E como se atrevia a criticar ao pai, que nem sequer conhecia! Suas próprias maneiras deixavam bastante que desejar!

Depois de vinte minutos, tinha conseguido concentrar outra vez a atenção no estudo quando um barulho a distraiu. Inclinou a cabeça para escutar: parecia raspar de metal sobre pedras. Metal sobre pedras? Entrou em suspeitas e saiu correndo, deteve-se ante as portas abertas e ficou com a boca aberta ao ver Jeffcoat nivelando um solar a menos de trinta metros pela mesma rua, do lado de em frente. Tinha alugado a

niveladora do Loucks, um monstruoso aparelho de aço pintado de verde salsinha, que emparelhava as ruas no verão e arava no inverno, e que lhe proporcionava um suculento ganho com cada parcela que vendia. A máquina tinha uma espécie de nariz longo sobre a que se ajustava a folha metálica por meio de um par de rodas verticais sujeitas com cabos. Jeffcoat estava de pé entre as rodas, sobre uma plataforma de metal, e guiava as suas montarias como um gladiador romano fora de época.

Emily arremeteu contra ele no instante em que sua ira explodia.

—Que diabos está fazendo, Jeffcoat? —vociferou, aproximando-se enquanto a máquina se afastava dela, fazendo rodar a terra ao flanco.

O homem olhou sobre o ombro e sorriu, mas não deteve os cavalos.

—Nivelando minha terra, senhorita Walcott!

—Sobre meu cadáver!

—Não, sobre a niveladora do senhor Loucker!

Não soube quem gritava mais forte, se as pedras do terreno ou Emily.

—Como se atreve a escolher este lugar, justo em frente de meu pai!

—Estava à venda.

—Igual a outros trinta investimentos nos subúrbios do povoado, onde não teríamos que lhe ver!

—Esta é terra de qualidade. Está perto da zona comercial. É muito melhor que as que estão nos subúrbios.

Chegou ao extremo mais afastado do terreno e fez girar as montarias, dirigindo-se para Emily.

—Quanto pagou por isso?

—E agora, quem coloca o nariz nos assuntos alheios, senhorita Walcott?

Enquanto falava, concentrava-se em ajustar as enormes rodas de metal. Os músculos lhe sobressaíam ao tempo que os cabos gemiam e a folha adotava o ângulo justo. Quando passou ante Emily, a folha lhe arrojou um punhado de terra aos tornozelos.

A moça saltou para evitá-lo e gritou:

—Quanto?

—Três dólares cinquenta centavos pelo primeiro, e cinquenta centavos por cada um dos outros três.

—Outros três! Quer dizer que comprou quatro?

—Dois para meu negócio. Duas para minha casa. É um bom preço.

Ele lhe riu na cara, enquanto Emily andava a um lado, elevando a voz por cima do fragor do aço sobre a pedra.

—Os comprarei pelo dobro do que pagou.

—Oh, tenho que obter mais do que o dobro, pois, a fim de contas, este já foi melhorado.

—Jeffcoat, detenha essa maldita montaria neste instante para que possa lhe falar!

—Ea! —Os animais se detiveram e, no súbito silêncio, disse—: Sim, senhorita Walcott — enrolou as rédeas em um volante e saltou junto a ela—. Para servi-la, senhorita Walcott.

A forma de dizê-lo, acompanhada por esse sorriso insuportável, fez que Emily tivesse consciência aguda de estar vestida com a boina furada de seu irmão e as calças. Compôs um cenho ameaçador:

—Neste povoado só cabe um estábulo e você sabe!

—Lamento-o, senhorita Walcott, mas não estou de acordo. Está expandindo-se com mais velocidade que os rumores. —enxugou-se a testa no antebraço, tirou as sujas luvas de couro e as agitou para o extremo norte da rua Main—. Fixe-se nas construções que estão se levantando. Ontem, quando fiz um percurso, contei quatro casas e duas lojas em construção e me parece que há dois fabricantes de guarnições no povoado. Se houver transações suficientes para eles dois, sem dúvida as haverá para dois estábulos. E já está instalada uma escola e ouvi dizer que, continuando, far-se-á uma igreja. No meu entender, é um povoado com futuro. Lamento ter que competir um pouco com seu pai, mas não tenho intenção de arruiná-lo, o asseguro.

—E o que me diz de Charles? Já falou com o Charles!

—Que Charles?

—Charles Bliss. Pensa lhe contratar para que lhe ajude a construir!

—Também tem objeções contra isso?

Tinha objeções contra tudo o que esse homem tinha precipitado nas últimas vinte e quatro horas. Rechaçava sua audácia. Como tinha escolhido o terreno. Seu sorriso, seu aroma de suor e suas calças ajustadas, sua galharda atitude e esses estúpidos suspensórios desnecessários, o modo em que fazia estremecer Tarsy, que arrancasse as mangas das camisas e, o mais perturbador, que ela e seu pai tivessem que ver seu maldito estábulo da janela do escritório do seu pelo resto de suas vidas!

—Senhor Jeffcoat, tenho objeções contra tudo o que você faz e é! —Aproximou tanto o nariz dele que se via refletida nas pupilas negras—. E, em particular, a que ponha Charles em situação de escolher entre duas lealdades. E amigo de minha família desde que éramos pequenos.

Pela primeira vez, viu uma faísca de fúria nos olhos azuis escuro de Jeffcoat. O maxilar ficou tenso como os bíceps e a voz adquiriu um tom

duro:

—Atravessei milhares de quilômetros, deixei a minha família e tudo o que me era querido, cheguei a este povoado de vaqueiros com intenções honestas, dinheiro honesto e costas largas. Comprei terra e contratei a um carpinteiro, e penso levar adiante meu negócio de maneira aprazível e me converter em um cidadão permanente e respeitoso da lei de Sheridan. E meu comitê de boas vindas é uma empregada de boca atrevida, que precisa lavar-lhe com sabão e que lhe ensinem o que é uma anágua! Entenda isto, senhorita Calças... —Nariz com nariz, foi fazendo-a retroceder à medida que falava—. Estou me fartando de suas permanentes críticas a cada um de meus movimentos! Não só estou cansado de sua teima, mas também tenho pressa por construir meu negócio e não penso aceitar mais insolências de uma maria macho como você. E agora, senhorita Walcott, agradecer-lhe-ei que saia de minha propriedade!

Colocou as luvas e se afastou, deixando-a ruborizada e muda. Com um salto ágil subiu à plataforma da niveladora, tomou as rédeas e gritou:

—Hei, vamos, vamos!

E assim ficou selada a inimizade.

Ao dia seguinte era domingo. Os serviços religiosos se celebravam no Coffeen Hall, o único edifício da cidade com lugar suficiente para a quantidade de crentes adultos de distintos cultos que se congregavam e aos que o reverendo Vasseler, recém-chegado de Nova Iorque para organizar a congregação episcopal, encabeçava nas preces. Tinha voz melíflua e uma mensagem inspiradora e, assim, tinha atraído a uma quantidade impressionante de famílias a seu rebanho. O salão estava cheio quando o reverendo Vasseler começou o serviço com um hino, "Todo Louvor, toda Glória, agora cantamos". De pé entre o Charles e seu pai, Emily cantava com duvidosa voz de soprano. Em metade da canção, sentiu um olhar examinador e ao voltar-se achou Tom Jeffcoat em um assento, ao fundo, cantando e contemplando-a. Fechou a boca de repente e o olhou durante dez segundos completos.

"... adoramos agora a nosso Rei dos céus... "

Cantava sem ajuda do livro de hinos, com voz tão forte e aguda, que a sobressaltou. Estava preparada para vê-lo como o Diabo encarnado, mas apareceu ante ela sob uma luz completamente diferente ao encontrá-lo em sua própria igreja, cantando hinos. Voltou sua atenção à frente e se impôs não lhe jogar nenhum olhar mais.

O hino terminou e se sentaram. O reverendo Vasseler deu um breve sermão sobre o Bom Samaritano e depois anunciou que J. D. Loucks

tinha doado um solar na rua Este Loucks para construir uma igreja de verdade. Percorreram o salão sorrisos e murmúrios à medida que os membros da congregação divisavam ao doador e lhe expressavam aprovação. O ministro convocou a todos os homens a contribuir algo. Esboçou um plano de construção segundo o qual a estrutura estaria coberta para mediados do verão e terminada no outono. Joseph Zollinski se ofereceu a organizar à equipe voluntária de construção e Charles Bliss para fiscalizar o trabalho, e todos os homens pressentes teriam que apresentar-se ante algum deles depois do serviço para anotar-se com um dia de trabalho, pelo menos.

Quando o serviço terminou, Charles ficou a organizar aos voluntários enquanto Emily saía do salão de braço com seu pai. A metade de caminho para a porta, topou-se com Tarsy que a aferrou pelo braço e lhe murmurou, agitada:

—Ele está aqui!

—Já sei.

— Apresente-nos.

—Não o farei!

—Oh, Emily... pooor faaavor!

—Se quer conhecê-lo, se apresente sozinha, mas não espere que eu o faça. Sobre tudo, depois de ontem!

—Mas, Emily, é a criatura mais sensual que hei...

—Bom dia, Tarsy —interrompeu Edwin.

—Oh, bom dia, senhor Walcott. Estava dizendo a Emily que é próprio de bons vizinhos dar boas vindas aos recém chegados ao povoado, não crê?

Edwin sorriu:

—Sim.

—Incomodar-lhe-ia me apresentar ao senhor Jeffcoat?

Edwin conhecia a conduta frívola de Tarsy e não se preocupou muito. Era uma pessoa muito benévola para rechaçar a ninguém, nem a um competidor. Fora, sob o sol de uma bonita manhã do verão, Edwin acompanhou Tarsy junto a Jeffcoat, com Emily detrás, fingindo que não lhe importava absolutamente e desculpando-se com a desculpa de que esperaria Charles perto da porta.

Mas não tirou a vista das apresentações.

—Senhor Jeffcoat, aproxime-se! —disse Edwin.

Jeffcoat se voltou em metade de um passo e sorriu, cordial.

—Ah, bom dia, Edwin.

—Parece que tem pressa.

—Tenho que começar a construção. Temo-me que não posso desperdiçar um dia como este, seja o dia do Senhor ou não.

Olhou o limpo céu azul.

Edwin o imitou.

—Entendo-o. É um dia esplêndido.

—Sim, senhor, assim é.

—Eu gostaria de lhe apresentar a amiga de minha filha, a senhorita Tarsy Fields.

—Senhor Jeffcoat. —Fez uma pequena reverência e lhe dirigiu seu sorriso mais cativante—. Estou verdadeiramente encantado de conhecê-lo.

Jeffcoat conhecia o suficiente às mulheres para reconhecer um intenso interesse quando o tinha transbordando frente a ele. Era mais curvilínea, mais bonita e mais cortês que Emily Walcott, que estava de pé junto à porta, fingindo indiferença. Estendeu a mão e, quando apanhou nela a da senhorita Fields, concedeu ao rosto a lânguida atenção que merecia e submeteu aos dedos à pressão que sugerisse um interesse similar.

—Devo confessar —admitiu Tarsy—, que pedi ao senhor Walcott que nos apresentasse.

Jeffcoat riu e lhe reteve a mão mais tempo de que indicava a cortesia.

— Alegro-me. Acredito que ontem nos cruzamos frente ao hotel, não? Você levava um vestido de cor pêssego.

O prazer de Tarsy se duplicou. Tocou o decote e abriu os lábios do modo feiticeiro que tinha praticado ante o espelho.

Jeffcoat lhe sorriu, contemplando os surpreendentes olhos castanhos com seus próprios olhos surpreendentes e se conteve de olhar mais abaixo, embora tivesse notado o favorecedor vestido rosado e o modo em que revelava todo seu apreciável conteúdo.

—E eu acredito que você levava uma camisa sem mangas.

Riu, fazendo relampejar seus brancos dentes sem falhas.

—Resulta-me mais fresca assim.

No silêncio que seguiu, enquanto ambos se atrasavam e etiquetavam ao outro, Jeffcoat reconheceu que classe de mulher era: uma coquete à pesca de marido. E bem, estava disposto à paquera, mas, no que se referia ao matrimônio, confessava-se remisso e com muito bons motivos.

—Ouvi dizer que você instalará um alojamento para cavalos — disse Tarsy.

—Assim é.

Olhou a Walcott, que seguia junto a Tarsy, e depois a Emily, que seguia observando-os, mas que, quando a surpreendeu, deu volta o rosto.

—E ferreiro — acrescentou Edwin.

—Caramba, também ferreiro. Que empreendedor. Mas tem que prometer não obstaculizar o negócio do senhor Walcott. —Tarsy tomou o braço de Edwin e lhe sorriu, fazendo uma graciosa careta com o nariz—. Depois de tudo, ele estava antes aqui. —Uma vez mais, transladou seu sorriso ao jovem—. Como meu pai é o barbeiro do povoado, estou segura de que logo o conhecerá. Até então, me ocorreu lhe oferecer as boas vindas ao povoado como vizinha, em nome de nossa família, e lhe informar que se houver algo em que possamos ajudá-lo para que se instale, faremo-lo, encantados.

—É muito amável de sua parte.

—Tem que ir à barbearia e apresentar-se. Papai sabe todo o referido a este povoado. Algo que precise saber, pergunte-lhe a ele.

—Fá-lo-ei.

—Bom, estou segura de que logo nos encontremos outra vez.

Estendeu-lhe a mão enluvada.

—Assim o espero — respondeu, aceitando-a com outro sugestivo apertão.

A moça lhe dirigiu um último sorriso o bastante cálido para fazer florescer margaridas em metade do inverno e Tom lhe respondeu com um sorriso provocador enquanto falava com Edwin.

—Obrigado por me deter, Edwin. Sem dúvida, converteu esta em uma manhã memorável.

Quando se separaram, Jeffcoat surpreendeu de novo Emily observando. Fez-lhe um gesto de saudação e levantou o chapéu. A jovem não piscou, sequer, e o olhou como se fosse feito de vidro. Essa manhã tinha posto um vestido, mas não era belo e colorido como o de Tarsy Fields; também um chapéu plano e pequeno, quase tão pouco atrativo como a boina de moço. Tinha o cabelo tão negro como o do próprio Tom, mas o usava recolhido em um coque prático que dizia às claras que não tinha tempo que perder em ninharias femininas. Era de corte longo, magra e, como sempre, exibia uma expressão ácida.

Para surpresa de Jeffcoat, de repente sorriu. Não a ele, a não ser a Charles Bliss que saía do Coffeen Hall e a puxava pela mão —não pelo cotovelo mas sim pela mão— e conquistava um sorriso radiante, da qual acreditava incapaz. Até um estranho podia perceber que não era forçado. Aí não havia agitar de pestanas nem poses açucaradas como as de

Tarsy Fields e Jeffcoat observou com interesse o intercâmbio.

—Podemos ir — ouviu dizer a Bliss, fazendo girar Emily para ele—. Lamento ter demorado tanto.

—Não me incomoda esperar e, além disso, papai estava fazendo relações. Oh, me alegro tanto de que haja sol, Charles, e você?

—Encarreguei-o para ti — disse e os dois riram enquanto se encaminhavam à rua.

—Bom dia, Tom —saudou Charles, ao passar.

—Olá, Charles, senhorita Walcott.

Emily saudou em silencio com um gesto e seu olhar se gelou. Depois que passaram, Charles disse levantando a voz:

—Ver-te-ei amanhã pela manhã, a primeira hora.

—Sim, senhor, a primeira hora —respondeu Jeffcoat.

Ouviu que Charles perguntava a Emily:

—A que hora passo para te buscar?

E que ela respondia:

— Dê-me uma hora e meia, assim posso...

As vozes se esfumaram, e não ouviu nada mais. Observando-os afastar-se com as cabeças muito juntas, pensou com amargura: "Bem, bem, bem, de modo que o maria macho tem um pretendente".

A maria macho tinha algo mais que um pretendente. Charles Bliss era um servidor devoto, capaz de fazer qualquer coisa por ela. Apaixonou-se por ela quando tinham dez e treze anos respectivamente, mas esperou a declarar-se até que Emily teve dezesseis e lhe informou que iria embora de Wyoming.

—Se você for, eu também vou —tinha afirmado Charles, sem deixar lugar a dúvidas.

—Mas, Charles...

—Porque vou casar-me contigo quando tiver idade suficiente.

—C-casarte comigo?

—Certamente. Não sabia?

Possivelmente sempre soube, pois o olhou fixo e depois riu e se abraçaram pela primeira vez e lhe disse que se sentia muito, muito feliz de que ele se fora com eles. E seguiu estando feliz até o começo desse ano, quando cumpriu dezoito e Charles lhe fez a proposição a sério pela primeira vez. Após o fez duas vezes e Emily começava a sentir-se

culpada por rechaçá-lo tão frequentemente. Entretanto, Charles se tinha convertido em um hábito difícil de romper.

Quando foi procurá-la ao meio dia para ir ao almoço campestre, Emily se surpreendeu de estar mais que ansiosa por ir-se com ele. Charles lançou um agudo assobio de aviso enquanto cruzava o pátio dianteiro e entrava sem golpear.

—Hei, Emily, está preparada? Oh, olá todos!

Edwin e Frankie estavam na cozinha. Frankie lhe lançou um murro brincalhão e fingiu enforcá-lo por detrás. Charles se inclinou adiante com o menino s costas e deu duas voltas antes de tirar a carga de cima.

—Aonde vão os dois? —perguntou Frankie, pendurando-se dos braços de Charles.

—Você gostaria de sabê-lo, né?

—Posso ir?

—Não, esta vez não. —Charles fechou o punho e o apoiou no centro da testa do menino, apartando-o com carinho—. Levamos almoço para dois.

—Oh, Cristo... vamos, Charles.

—Não. Esta vez iremos só Emily e eu.

Edwin perguntou:

—Está tudo em ordem no estábulo?

—Sim. Deixei a porta de atrás aberta. Não há ninguém. —Charles entrava e saía do estábulo com tanta naturalidade como da casa e, é obvio, cada vez que necessitava um toco ninguém pensava em cobrar-lhe. Como está hoje a senhora Walcott?

—Um pouco fatigada e abatida. Sente falta de ir à igreja conosco.

—Diga-lhe que Emily e eu lhe traremos flores silvestres, se encontrarmos. Está preparada, Emily?

Emily tirou o avental e o pendurou depois da porta da despensa.

—Está seguro de que não há nada que possa levar?

—É seu dia livre. Limite-se a baixar as mangas e me siga. Tenho tudo na carruagem.

Era um dia perfeito para uma saída ao ar livre. Os Big Horns pareciam múltiplas fileiras de azul que saudassem o céu através de um horizonte claro e ondulante. Dirigiram-se para o sudoeste, pelas saias das colinas, para Red Grade Springs, seguindo Little Goose Creek até que saíram do vale e começaram a subir. Adiante, o topo abrupto da montanha Black Tooth aparecia e desaparecia, à medida que foram paralelos ou rodeavam as colinas verdes. Assustaram a um rebanho de antílopes de

garupas brancas e os viram afastar-se saltando sobre uma elevação também verde. Incomodaram a uma lebre, que saltou sobre suas enormes patas e desapareceu em um arbusto de salvia. Chegaram aos vastos bosques em que os lenhadores de pinheiros tinham feito grandes claros e aberto caminhos resbalosos. A fragrância era intensa, o caminho, silencioso com seu leito de agulhas. No Hurlburn Creek vadearam a corrente, tomaram uma curva e saíram a um abra debaixo de um rio das terras altas onde o vale quase se curvava sobre si mesmo. No centro desse local, Charles deteve os cavalos.

O lugar silvestre tão perfeito, tão aprazível, fez que Emily se levantasse imediatamente. Ficou de pé na carruagem, protegeu os olhos e olhou ao redor, extasiada.

—Oh, Charles, como o encontraste?

—Estive aqui a semana passada, comprando madeira.

—Oh, é bonito.

—Chama-se Curlew Hill.

—Curlew Hill — repetiu, para depois guardar silêncio, desfrutando da paisagem.

O rio descia, abrupto, das montanhas, derramando-se sobre pedras que reluziam como moedas de prata, alisadas por anos de erosão. A água formava uma ferradura que encerrava um retalho de espessa erva azul, salpicada de mechas abundantes, mais perto da borda. Em alguns lugares, o rio estava cercado de álamos balsâmicos, com suas folhas novas de cor oliva que enchiam o ar de um doce perfume resinoso. Encolhidos debaixo deles, matagais de groselhas silvestres e espinheiros que estalavam em cachos de casulos rosados. Ao longe, uma espessa linha de flores douradas se estendia ao longo do terreno baixo como uma massa amarela que levava o verão até a linha de árvores.

—Oh, olhe — assinalou Emily—. Ervilhas amarelas. —Chamava as flores silvestres por seu nome comum—. Quando terminarmos de comer, temos que ir recolher algumas. São as preferidas de minha mãe.

Charles desembarcou da carruagem sobre uma erva que chegava a meia perna e Emily atrás dele. Do guarda bagagem que havia debaixo do assento tirou um cesto e uma manta que, ao estirá-la, ficou suspensa sobre os caules verdes. Ficando agachados, esmagaram-na rindo e depois se sentaram com as pernas cruzadas em seu morno colo. Charles abriu o cesto e foi tirando cada coisa com gestos floridos:

—Salsicha defumada! Queijo! Pão de centeio! Beterrabas em conserva! Pêssegos em lata! E chá gelado! —Apoiou a vasilha de fruta e admitiu—: Não será frango frito nem bolo de maçã, mas os solteiros fazem comidas muito simples.

—Quando não se tem que cozinhar, é um banquete.

Comeram os singelos mantimentos enquanto um pássaro debulhava suas notas oculto em alguma parte, à beira do rio, e ainda por cima de suas cabeças caçava um gavião planejando em uma corrente de ar ascendente, inclinando a cabeça para eles. Perto zumbia uma mosca de cor azul elétrica. O sol era benigno, cativo dessa terrina como um quente chá amarelo em uma xícara.

Com o estômago cheio, Emily e Charles ficaram pensativos.

—Charles.

Emily precisava falar de certas coisas dolorosas que, de algum modo, pareciam mais fáceis de abordar ali, onde o sol, a erva, as flores e os cantos dos pássaros convertiam o terrível em mais suportável.

—O que?

Por uns momentos, guardou silêncio brincando com um par de miolos de pão que ficavam entre as dobras de sua saia. Levantou a vista para as flores amarelas, lá ao longe, e lhe disse em voz baixa:

—Minha mãe vai morrer.

Charles desistiu de morder uma parte de pão que estava a ponto de comer e o deixou.

—Imaginava.

—Ninguém o há dito com todas as letras, mas todos nós sabemos. Já começou a cuspir sangue.

Estirando o braço sobre o cesto, Charles tomou a mão.

—Sinto muito, Emily.

—Há... foi bom poder dizê-lo, ao fim.

Não teria podido dizer-lhe a nenhum outro que não fosse Charles. Ante ninguém, exceto ele, teria podido mostrar suas lágrimas.

—Sim, sei.

—Pobre papai. —Girou a mão e enlaçou seus dedos nos de Charles, porque ele entendia a desolação como nenhum outro. Elevou outra vez o olhar para ele—. Acredito que é pior para ele. Vi-o chorando no alpendre, de noite, quando supõe que todos nós dormimos.

—Oh, Emily.

Charles lhe estreitou a mão com mais força.

De repente, a moça forçou uma expressão luminosa.

—Mas, sabe uma coisa?

—O que?

—Teremos um hóspede.

—Quem?

Soltou-lhe a mão e deixou seu prato no cesto.

—Fannie, a prima de minha mãe, a que não viu desde o ano em que papai e ela se casaram. Esperamo-la hoje. É provável que papai esteja na estação para recolhê-la neste mesmo momento.

—Fannie, a das cartas singulares?

Emily riu.

—A mesma. Sinto curiosidade por conhecê-la. Sempre pareceu tão mundana, tão... pouco atada pelas convenções... Papai assegura que é assim. Certamente, ele também a conhece, pois os três cresceram em Massachusetts. Depois de tantos anos de cartas extravagantes, não sei o que esperar. Mas deve cuidar da minha mãe.

—Que bom. Isso liberará um pouco a ti.

—Charles, posso te dizer algo?

—O que queira.

Dobrou uma e outra vez o tecido da saia, como relutante a expressar o que pensava.

—Em ocasiões, sinto-me culpado porque me esforcei muito por me fazer assumir as tarefas de minha mãe, mas... bom, eu não gosto muito cozinhar nem limpar. Prefiro estar com os cavalos. —Deixou de manusear o tecido e se voltou bruscamente para Charles, desagradada consigo mesma—. Oh, esta parece uma atitude muito autoindulgente e eu não quero ser assim. Sério.

—Emily. — Puxou-a pelos ombros e a fez girar de frente a ele—. Gostará mais das tarefas domésticas quando as fizer em sua própria casa.

Contemplou nesses olhos tão conhecidos e respondeu com franqueza:

—Duvido-o, Charles.

No semblante do jovem apareceu a desilusão, tragou e perguntou com voz triste:

— Por que o rechaça? Quantas vezes mais tenho que lhe pedir

—Oh, Charles...

Sacudiu-se do contato e colocou o prato no cesto.

—Não, não evite outra vez o assunto. —Apartou o cesto e se aproximou mais a ela, cara a cara, quadril contra quadril—. Quero me casar contigo, Emily.

—Quer se casar com uma mulher que acaba de admitir que odeia as tarefas domésticas? —Sem poder olhá-lo aos olhos, esforçou-se por rir—. Que classe de esposa seria?

—Você é quão única sempre quererei. — Puxou-a pelos braços—. A única —repetiu com suavidade.

Para ouvi-lo, levantou o olhar:

—Já sei, Charles, mas minha mãe está doente e não acredito...

—Acaba de dizer que Fannie vem a cuidá-la; por que, pois, temos que esperar? Emily, amo-te tanto... —As carícias se fizeram mais insistentes—. Dou voltas nesse enorme casarão, desejando que esteja comigo. Construí-o para ti, não sabe?

Sabia e não fazia outra coisa que aumentar a pressão.

—Quero ver-te dentro dessa casa... e a nossos filhos —rogou, em voz baixa e gutural, passando as mãos aos ombros e lhe esfregando o decote com os polegares.

—Nossos filhos? —repetiu, com uma pontada de pânico.

Sentia-se capaz de dirigir um estábulo cheio de cavalos, mas completamente incapaz de ser mãe. Brotou-lhe outro pensamento e sentiu um calor no peito que subiu às faces. Tratou de imaginar-se concebendo filhos com Charles, mas não pôde, pois o via mas como a um irmão.

—Quero filhos, Emily, você não?

—Agora o que quero é o diploma de veterinária, muito mais que filhos.

—De acordo... em um ou dois anos. Quanto tempo levará para obtê-lo? Esperaremos a que o obtenha para nos casar. Mas, enquanto isso, anunciaremos nosso compromisso. Por favor, diga que sim, Emily. — Inclinou a cabeça para ela e repetiu em um sussurro—: Por favor...

As bocas se tocaram, Charles a atraiu para ele, elevou um joelho e encerrou a Emily no oco de suas pernas. Os seios da jovem se esmagaram contra seu tórax e ele passou os braços pelas costas. Estendeu as mãos e começou às mover. O cotovelo roçou o flanco do seio de Emily, lhe provocando uma reação que se transmitiu até a ponta. Sua nuca se arrepiou, e Charles rodeou com os dedos. Emily lhe apoiou uma mão no peito, sentiu o coração golpeando contra ela e se perguntou: "Se esperar o tempo suficiente, passará o mesmo a meu coração?".

Então, Charles fez algo completamente inesperado: abriu a boca e a tocou com a língua, deixando imóvel o resto de seu corpo, em espera da reação. Esse contato morno e úmido lhe causou um golpe de fogo nos membros. Charles percorreu com a língua a união dos lábios, molhando-os como se queria dissolver uma costura invisível que os mantinha pegos. Emily esqueceu que o bigode lhe fazia cócegas quando a língua lhe tocou os dentes e riscou círculos mais amplos como desenhando neles uma mensagem escandalosa. Mas o corpo virgem o recebeu. Curiosa, tímida, a língua da moça apareceu para acariciar também.

Imediatamente percebeu nele a diferença. Estremeceu-se e exalou uma grande baforada de ar contra a face de Emily e a estreitou com força enquanto as línguas se saboreavam pela primeira vez, aumentando o ardor até chegar a uma acesa paixão.

De modo que este era o motivo de todas as advertências veladas, o que se supunha que só os maridos podiam fazer. A cabeça de Charles começou a mover-se, abriu mais a boca e acariciou com as mãos a cintura e as costas da jovem. Esta o permitiu, participou porque era a primeira vez e não esperava uma resposta tão imediata. Cruzaram por sua mente frases da Bíblia: pecados da carne, pecado, que agora entendia. A mão do homem se aproximou do seio e se apressou a retroceder.

—Não, Charles... basta.

Os olhos do homem brilhavam e as faces ardiam; uma mecha de cabelo lhe caía sobre a testa.

—Amo-te, Emily — exalou, entre rajadas de fôlego entrecortado.

—Mas isto está proibido. Não temos que fazê-lo até que estejamos casados.

A surpresa varreu a paixão do rosto e a substituiu pelo júbilo.

—Então, fará-o? Oh, Emily, di-lo a sério? —Abraçou-a com ardor, balançou-a e a estreitou até que o ar escapou assobiando dos pulmões da garota—. Converteste-me no homem mais feliz da terra! —Estava extasiado—. E eu te farei a mulher mais feliz.

Assim tinha aceitado. Tinha aceitado? Possivelmente foi um deslize intencional da língua, um modo de acessar sem fazê-lo. Fora qual fosse sua intenção, encerrada nos braços de Charles, soube que não podia negar-se. Como podia dizer a este homem ditoso: "Não, Charles, não queria dizer isso."? Acaso não o amava se lhe permitiu um beijo assim e sentiu um estremecimento proibido? Não estava predestinada, quase, a casar-se com ele? Com quem podia falar como o fazia com Charles? Ante quem podia mostrar as lágrimas? Se isto não era amor, o que era?

Entretanto, balançada em seus braços, abriu os olhos para o céu azul, viu a águia ainda descrevendo círculos e sentiu um pânico renovado. *O que estou fazendo, águia?* Fechou com força os olhos e desprezou a apreensão. *Oh, não seja tola. Se não for com o Charles, com quem se casará?*

Beijou-a outra vez, ditoso, encerrou-lhe o rosto entre as mãos e a olhou aos olhos com uma adoração tão evidente que ela se sentiu afligida por suas dúvidas.

—Amo-te tanto, Emily, tanto, tanto...

O que outra coisa podia dizer?:

—Eu também te amo, Charles.

"E é certo", disse-se. "É verdade!"

Charles lhe depositou um beijo leve e reverente nos lábios, apoiou-lhe os dedos no queixo e a olhou aos olhos:

—Faz anos que sonho com este momento. Sempre estive completamente seguro. Inclusive, quando tinha treze anos, disse a seu pai que algum dia me casaria contigo; disse-lhe isso?

—Não.

Riu, mas a risada lhe soou forçada.

—Bom, pois o fiz. —Ele também riu ao recordá-lo e seu semblante adquiriu uma expressão satisfeita—. Seus pais ficarão muito contentes.

Isso sabia e representava uma grande tranquilidade.

—Sim, é certo.

— Vamos contar a Fannie Cooper.

—De acordo.

Recolheram os restos da comida e fizeram uma rápida incursão ao prado de flores amarelas para reunir um ramo antes de dirigir-se ao povoado. Charles tagarelou todo o caminho, fazendo planos. Emily, que levava as flores, respondia às entusiastas perguntas. Mas muito antes de chegar, advertiu que apertava os caules com tanta força que se quebraram e lhe mancharam as mãos de verde.

Capítulo 4

Fannie Cooper devia chegar na diligência às 3 da tarde, procedente de Búffalo, que estava a uns cinquenta quilômetros para o Sul. Emily prometeu estar de retorno ao redor das três, mas dez minutos antes não tinha chegado. Frankie tinha ido pescar e Edwin fazia todo o possível por parecer imperturbável, enquanto procurava uma bata de cama limpa para Josie e a ajudava a trançar de novo o cabelo.

—Será melhor que vá, Edwin — disse Josie.

Tirou o relógio do bolso do colete, abriu-o inutilmente, pois já sabia a hora com exatidão e acessou:

—Sim, tem razão. Quando esses meninos voltarem, receberão uma boa reprimenda.

—Vamos, Edwin, sabe que Fannie não se fixa em formalidades. Sem dúvida preferirá saber que estão fora, passando-o bem, que cumprindo com a regra de esperar... à velha prima solteira.

Guardou o relógio, afagou o ombro de Josie e perguntou.

—Está segura de que estará bem?

—Sim. Bastará que ajude a...me deitar, e depois tenha-terá que te dar pressa.

Fazia meses que não via Josie tão entusiasmada por algo. Faltava-lhe o fôlego. Edwin sorriu enquanto se inclinava sobre ela e lhe subia as mantas até os quadris.

—Se a diligência chegar pontual, estarei de volta com ela dentro de vinte minutos. Agora, você descansa e assim terá energias suficientes para recebê-la.

A doente assentiu e se acomodou sobre os travesseiros, rígida, para não despentear-se. Seu marido lhe sorriu e lhe apertou a mão antes de dar a volta para sair.

—Edwin —disse, em tom ansioso.

—O que, querida?

Quando se voltou, estendeu-lhe a mão. Tomou e recebeu um apertão:

—Estou ditosa de que venha...a Fannie.

Edwin se inclinou e lhe beijou a mão.

—Eu também.

Quando ao fim saiu do quarto parou no alto da escada, aspirou uma funda baforada e, com os olhos fechados, apertou as mãos contra o diafragma. Eu também. Dizia-o a sério? Sim. Que Deus tivesse piedade dele, sim. Baixou saltando, como se tivesse vinte anos.

Abaixo, foi ao comilão, onde o armário tinha o único espelho da planta baixa. Estava colocado à altura do tórax e separava o vidro de acima da gaveta, abaixo. Agachou-se para contemplar-se no espelho. Tinha as faces acesas, os olhos muito brilhantes, o fôlego acelerado e superficial. Maldição, Josie teria notado? Era uma loucura tratar de enganá-la. Mas se Fannie ainda não tinha chegado e lhe tremiam as mãos como se tivesse febre! De repente, apertou os punhos embora não tenha servido muito, de modo que apertou as mãos contra o bordo afiado do móvel e juntou os cotovelos, sentindo que o coração o martelava até lhe fazer temer que faria tilintar a louça.

Tinha tido boas intenções: que os meninos o acompanhassem quando fosse procurar Fannie, para evitar a todo custa ficar sozinhos. Mas não resultou assim. Emily, confiava em ti! Onde diabos está? Prometeu estar de retorno a esta hora!

Só lhe respondeu seu coração galopante.

Observou de novo sua imagem, feliz de que fosse domingo e isso lhe desse uma desculpa para sair com o traje de lã depois da igreja e não tivesse que preocupar-se de como ficaria se trocava de roupa em metade de um dia de trabalho. Arrumou a gravata longa, examinou as lapelas e passou a mão sobre o cabelo grisalho nas têmporas. "Ela também terá cabelos grisalhos? Achar-me-á velho? Tremeram-lhe as mãos como a mim e lhe golpeará o coração à medida que se aproxima de mim? Quando nossos olhares se encontrem pela primeira vez, veremos a agitação e o rubor do outro ou teremos a boa sorte de não ver nada?"

Edwin, se suas mãos já estão molhadas e seu coração galopa como o

de um cavalo desbocado!

Secou as palmas nas pontas da jaqueta e as abriu, examinando-os dorsos e as palmas. Mãos grandes, longas, calosas, que foram as de um jovem, suaves e sem marcas, a primeira vez que abraçou Fannie. Mãos com três unhas partidas, com sujeira incrustada e cicatrizes deixadas por anos de trabalho; dois dedos torcidos na esquerda, que lhe tinha pisado em um cavalo; uma cicatriz no dorso da direita, de um arranhão com um arame de puas; e a eterna orla negra sob as unhas que lhe resultava impossível limpar, por muito que esfregasse. Foi à cozinha, encheu uma bacia com água e as esfregou outra vez, mas foi em vão. Quão único conseguiu foi que lhe fizesse tarde para chegar à parada da diligência.

Tomou o chapéu cogumelo negro do cabide do saguão e baixou ao trote os degraus do alpendre. A metade do trajeto faltava o ar e teve que diminuir o passo para não chegar ofegando.

A diligência de Rock Creek, mais conhecido como Jurkey, chegou ao hotel ao mesmo tempo que Edwin. Deteve-se em uma nuvem de pó, no meio do estrondo de dezesseis cascos e os bramidos de Jake McGiver, um antigo vaqueiro que de milagre, aguentou as guerras contra os índios e as nevascas sem feridas de flechas nem por congelamento.

—Hei, detenham-se, filhos de cadela — vociferou Jake, puxando as rédeas—, antes que faça sacos com suas peles picadas pelas moscas! Que parem, hei dito!

Antes que o pó se assentasse, Fannie olhava McGiver pelo guichê aberto, rindo e sujeitando o chapéu alto.

—Que linguagem, senhor McGiver! E que maneira de conduzir! Está seguro de que minha bicicleta ainda está no carro?

—Seguro, senhora. Sã e salva!

McGiver subiu ao teto para começar a desatar a bicicleta e a bagagem, enquanto Fannie abria a portinhola.

Edwin se apressou a aproximar-se e estava esperando-a enquanto a mulher se inclinava para cruzar a estreita abertura.

—Olá, Fannie.

Fannie elevou a vista e seu semblante alegre ficou sério. Edwin acreditou ver que continha o fôlego, mas recuperou imediatamente o sorriso largo e desceu.

—Edwin. Meu querido Edwin, na verdade está aqui.

Este tomou a mão enluvada, ajudou-a a descer e se viu abraçado em plena rua Main.

—Que alegria ver-te — lhe disse Fannie no ouvido e se apressou a retroceder para contemplá-lo, sem deixar de lhe estreitar as mãos—. Caramba, está esplêndido. Preocupava-me te encontrar gordo ou calvo,

mas está maravilhoso.

Ela também. Sorridente, como sempre a recordava, o cabelo já não tinha o vermelho vibrante da juventude, que agora se voltou de uma suave cor pêssego, mas seguia tendo os rebeldes cachos naturais que pareciam feitos com tenazes. Sabia que formava parte da efervescência natural dessa mulher. Nas comissuras dos olhos amendoados já havia algumas rugas mas, também, mais faíscas e alegria que em uma dança cigana. Conservava a cintura diminuta de sua juventude, mas o busto era mais pleno, coisa que sublinhava o corte direto da roupa de viagem cor cobre e Edwin se sentiu orgulhoso de que não tivesse engordado, nem perdido os dentes, nem esse ânimo inimitável.

—Eu também estive pensando em ti, mas está tal como te recordava. Ah, Fannie, quanto tempo passou? Vinte anos?

—Vinte e dois. —Sabia tão bem como ela, mas se equivocou de propósito, para os que estavam olhando-os. Soltou-se, mas Fannie o retinha com as duas mãos, como se não tivesse idéia de quão incorreto era o abraço—. Dá-se conta, Edwin? Somos de meia idade.

Riu e se soltou com o pretexto de fechar a porta da diligência.

—De idade média, mas andamos em bicicleta, verdade?

—Bicicleta... Oh, caramba, é certo! —deu-se a volta e levantou a vista, protegendo-os olhos com a mão—. Tome cuidado com isso, senhor McGiver! Talvez seja a única em muitos quilômetros ao redor!

A cabeça do aludido apareceu em cima das suas.

—Aqui está, inteira!

Fannie fez um gesto para segurá-la, sem pedir ajuda a Edwin mas, de repente, este saltou:

— Permita-me!

— Vivi quarenta anos sem ajuda de um homem. Sou perfeitamente capaz.

—Estou seguro de que é assim, Fannie — teve que apartá-la—, mas de todos os modos te ajudarei.

O aparelho passou a suas mãos e caiu ao chão com um ruído surdo.

—Por Deus, Fannie, não me dirá a sério que sobe nesta coisa. É mais pesada que um canhão!

—É obvio que a montei. E, assim que te ensine, você também o fará. Você adorará, Edwin. Conserva as pernas firmes e o sangue puro, e é excelente para os pulmões. Não há nada igual. Pergunto-me se Josie poderá. Poderia fazer maravilhas com ela. Contei-te a viagem a Gloucester?

—Sim, em sua última carta.

Edwin sorriu: Fannie não tinha mudado absolutamente. Imprevisível, anticonvencional e corajosa como nenhuma mulher que tivesse conhecido. Acostumou-se tanto à debilidade de Josie, que a vigorosa independência de Fannie lhe resultava ameaçadora. Enquanto observava a bicicleta, a mulher se adiantou a tomar a bagagem que o senhor McGiver lhe alcançava.

Outra vez, Edwin teve que intervir:

—Eu ajudarei ao senhor McGiver com a bagagem. Você, segura a bicicleta!

—Está bem, se insistir. Mas não ponha-se de mandão comigo, Edwin, pois assim não poderemos nos entender. Sabe que não estou acostumada a receber ordens de homens.

Quando foi pegar a primeira mala poeirenta, olhou sobre o ombro e a viu desenhar um sorriso afetado, como um duende. À primeira mala seguiram uma segunda, terceira, até cinco. Uma vez que a bagagem formou um círculo aos pés dos dois, jogou o chapéu atrás e, com os braços em jarras, contemplou a coleção de maletas e baús.

—Bom Deus, Fannie! Tudo isto?

Elevou uma das sobrancelhas acobreadas.

—Claro que tudo isto. Uma mulher não pode aventurar-se em terra de ninguém sem mais que um par de objetos sobre as costas. Quem sabe quando voltarei a conseguir uns tecidos decentes. E, embora assim fora, duvido de que aqui pudesse encontrar um par de bombachas.

—Bombachas?

—Calças ao joelho, para subir em bicicleta. Como faria entre as duas rodas com todas essas criolinas e anáguas? Enredar-se-iam nos raios e me romperia todos os ossos. E eu aprecio muito meus ossos, Edwin. —Estirou um braço e o tocou com carinho—. Ainda são muito serviçais. Como estão seus ossos, Edwin?

Rindo, respondeu:

—Acredito que Emily vais encantar-lhe. Tiremos isto da rua.

—Emily... estou impaciente por conhecê-la. —Enquanto Edwin colocava a bagagem na calçada, Fannie tagarelava—. Como é? É morena, como você? Herdou a seriedade de Josie? Espero que não. Josie foi sempre muito séria, até para seu próprio bem. Eu o dizia desde que tínhamos dez anos. Na vida há tantas coisas com as que devemos ser sérios, que não posso me permitir sê-lo quando não é necessário, não acredita, Edwin? Fale-me de Emily.

—Não posso lhe fazer justiça com palavras. Terá que esperar a conhecê-la. Lamento que não esteja aqui. Meus dois filhos me asseguraram que viriam, mas Frankie foi pescar e Emily, de excursão

com o Charles. E ainda não tornaram.

—Charles Bliss?

—Sim.

—Ah, esse jovem. As cartas de Josephine falavam tanto deles que me parece conhecê-los. Acredita que se casarão, Edwin?

—Não sei. Se for assim, ainda não nos disseram.

—O moço te agrada tanto como afirma Josie?

—Agrada a toda a família. Você também gostará.

—Reservar-me-ei minha opinião até que o conheça, se não se importar. Não sou uma mulher a que lhe possam impor ideias.

—É obvio — respondeu Edwin, com uma careta.

Foi precisamente essa valentia sempre pronta uma das características que os pais de Edwin objetaram, no passado. Graças a Deus, não a tinha perdido. Era capaz de repreender e elogiar ao mesmo tempo, perguntar e rogar, simpatizar e regozijar-se sem perder o ritmo. Com ela, a vida seria um rodeio sobre uma roda excêntrica em lugar de uma caminhada ao redor da esteira.

—Em realidade não esperava que trouxesse tanto bagagem. Se esperas aqui, irei ao estábulo a trazer uma carruagem para levá-lo. Só demorarei...

—Não me ocorreria te esperar aqui. Irei contigo. Pode me levar a conhecer o lugar.

Edwin jogou uma olhada precavida à rua, mas como era domingo, a gente estava descansando em casa. Quão únicos estavam fora eram o condutor da diligência e um par de vaqueiros, andando na escada do hotel. Recordou que Fannie era uma parente. Suas próprias apreensões o faziam acreditar que as pessoas espiariam depois das cortinas de renda e elevariam as sobrancelhas.

—Está bem. São só três quarteirões. Poderá percorrê-las com isso?

Assinalou os sapatos com saltos de cinco centímetros, com forma de cunha.

Fannie elevou as saias e revelou assim que os sapatos estavam forrados de seda castanha e dourada, que resplandecia ao sol.

—Claro que posso. O que pergunta tão tola, Edwin. Em que direção?

Deixou cair a saia e o puxou pelo braço dando um passo tão longo que a fez ondular como a vela de um navio. Outra vez Edwin se sentiu impressionado por sua vitalidade e sua falta de dobra. Sem dúvida era uma mulher para a qual era mais importante a naturalidade que as convenções. Tudo o que fazia parecia natural, da risada forte, alta, até as pernadas quase masculinas, passando pelo modo de tomá-lo pelo braço,

sem afetações. Aparentemente, não advertia que o lado de seu seio roçava a manga do homem enquanto avançavam pela rua Main para o Grinnell.

—Como foi a viagem?

—Argh! Horrível! —replicou, e enquanto o divertia lhe falando de ossos moídos e da linguagem grosseira de Jake McGiver, quase conseguiu esquecer a proximidade desse seio.

Dobraram a esquina e se aproximaram do estábulo. O povoado parecia quase tão sonolento como os cavalos parados sobre três patas, ao lado oeste da construção. Edwin abriu as portas da frente, que penduravam de um trilho de aço. Abriu-as e assim, qualquer um que passasse podia olhar dentro e ver que quão único acontecia era uma inocente exibição do lugar.

Dentro, tudo estava em silêncio, pois, por ser domingo, não havia muito movimento. Uma fatia de sol caía sobre o chão de terra, mas dentro estava fresco, sombreado e cheirava a cavalos e a feno. Fannie entrou a primeira e foi diretamente ao corredor entre as baias olhando a ambos os lados, enquanto Edwin ficava sob a sobra de sol e a olhava. Quando chegou ao extremo, abriu por si mesma as portas que davam ao norte e olhou fora. Edwin contemplou a silhueta negra na contraluz do retângulo brilhante e a viu inclinar-se e colocar a cabeça fora, olhar para a soleira e voltar-se. Fez buzina com as mãos e quando falou, a voz soou longínqua e ressonante, no imenso abrigo.

—Edwiiiin! —como se estivesse no topo dos Alpes.

Sorrindo, também fez buzina e respondeu:

—Fannieeee...!

—Tem um armazém grandioooso!

—Obrigada!

—Onde conseguiu todos esses coocheees?

—Em Rockfooord.

—Onde fica issooo?

—Ao oeste de Cheyeeeene.

—É ricooo?

Edwin baixou as mãos e explodiu em gargalhadas. Fannie, querida Fannie, dar-me-á um trabalho endiabrado resistir a ti. Percorreu lentamente o abrigo e parou diante dela, observando-a fixamente antes de responder com calma:

—Vai bem. Construí para Josie uma casa elegante, de dois andares e com muitas janelas.

Fannie ficou séria.

—Como vai, Edwin? Como vai, em realidade?

Pela primeira vez, seus olhares se encontraram sem disfarces e Edwin viu que lhe importava muito, e não só ele mas também sua prima.

—Está morrendo, Fannie.

Moveu-se com tanta rapidez que não pôde evitá-la:

—Oh, Edwin, sinto-o tanto... —Tomou ambas as mãos, encerrou-as entre as suas e apoiou os lábios nas gemas dos longos dedos do homem. Por uns momentos, permaneceu assim, quieta, absorvendo a verdade. Depois, retrocedeu, olhou-o aos olhos com tanta resolução que Edwin não pôde apartar a vista—. Prometo que farei tudo o que esteja a meu alcance para que seja mais fácil para os dois. Por muito tempo que leve... seja o que seja... entende?

Não pôde responder, pois lhe pareceu que o coração se expandiu e lhe enchia a garganta, onde clamava pelas carícias de Fannie. Estava tão perto que podia cheirar o pó em suas roupas, o perfume de seu cabelo e de sua pele; podia sentir o fôlego da mulher sobre as mãos unidas. Uma bolinha de sol roçava os olhos amendoados.

—Nunca deixei de amar a nenhum dos dois — acrescentou e retrocedeu tão bruscamente que Edwin ficou com as mãos unidas, no ar—. Agora, me mostre rapidamente o estábulo e assim poderei ir ver minha prima.

Obedeceu-o em meio de um embrulho de emoções, com as palavras titilando em suas terminações nervosas. "Por muito tempo que leve... entende?" Embora, para sua angústia, tinha entendido, a repentina mudança de humor o obrigou a perguntar-se se estava no certo. Enquanto lhe mostrava o escritório, que tinha ordenado ante sua chegada, as baias limpas e os animais, que tinha escovado, comportou-se com tanta vivacidade como o tinha feito no abrigo, como se as palavras mais tranquilas não tivessem sido pronunciadas. Ao terminar a breve incursão ficou imóvel vendo como Edwin prendia um cavalo à carruagem. Não tentou dissimular o minucioso exame do homem sob a desculpa de observar o interior do estábulo, mas sim se manteve erguida, com as mãos aos lados da saia. Não moveu um músculo, salvo os que usava para respirar. Edwin fez os movimentos necessários para concluir a tarefa evitando o olhar da mulher, se sentindo como imaginava que devia sentir uma fruta que amadurecida na árvore: morno por dentro, a ponto de explodir, pressionando para fora sobre sua própria pele, expandindo-se. Fannie poderia ser o sol que o maturava.

Assim era ela. Uma observadora, uma ouvinte, uma bebedora. Quando eram pequenos, levava-o da mão ao pomar traseiro de sua mãe e dizia:

—Sh! Escuta, Edwin! Acredito que posso escutar como crescem as maçãs. —E, um instante depois—: Crescem de noite, não sob a luz do

sol, sabe?

—Fannie, não seja tola —replicava ele.

—Não sou tola. É verdade. Amanhã o demonstrarei.

Ao dia seguinte, tinha talhado uma maçã ao médio em sentido transversal e lhe mostrava a estrela que formavam as sementes no interior.

—Vê? À luz das estrelas —se burlava, e assim o fez acreditar.

Possivelmente nesse momento estivesse catalogando as mudanças produzidas nele. Quaisquer fossem seus pensamentos, ficou inquieto enquanto o olhava mover-se ao redor do Gunpowder, um capão totalmente negro que estava enganchando a calesa de quatro rodas.

—Seus filhos sabem?

Como nenhum dos dois tinha falado por muito tempo, perdeu o fio da conversa. Por um instante, pensou que se referia a eles dois... sabiam seus filhos o acontecido entre ele e Fannie fazia vinte e dois anos?

—Os meninos?

Ficou de pé, com o animal interpondo-se entre os dois, com as mãos apoiadas sobre o lombo curvo e largo.

—Sabem que está morrendo?

Exalou com infinito cuidado, para não revelar o que pensava.

—Penso que Emily imagina, mas Frankie é muito jovem para afundar muito.

—Quero que fique clara uma coisa: enquanto eu esteja em sua casa, não se falará de morte. Josie está viva e enquanto o esteja teremos que realçar essa vida de todas as maneiras possíveis.

Os olhares se encontraram por cima do lombo do cavalo, trocando outra promessa de honra. Embora nada tivesse trocado entre os dois, essa era a maneira mais clara em que podiam expressá-lo. Levaram esse exato momento da tarde para olhar-se aos olhos com sinceridade, para aceitar as rugas que os anos lhe tinham deixado na pele, o tom mais pálido do cabelo dela, os matizes de prata no dele e para rogar em silêncio não permitir-se jamais que os sentimentos se mostrassem tão nus como nesse instante.

—Dou-te minha palavra, Fannie.

Interrompeu-os o ruído de uma carruagem que se aproximava: eram Emily e Charles que entravam pela porta.

Emily falou antes que Charles detivesse o veículo.

—Oh, está aqui! —Saltou ao chão e foi direto para Fannie—. Olá, Fannie, sou Emily.

—Certamente que é. Eu a teria reconhecido entre uma multidão de desconhecidos. —A temperamental Fannie era capaz de trocar de humor conforme exigisse a situação e tagarelou alegremente—: Edwin, é sua viva imagem com esses olhos azuis e o cabelo negro. Mas me parece que a boca é como a da Josie. —Sustentando as mãos de Emily, continuou—: Por Deus, moça, é encantadora. Diria que herdaste o melhor de cada um de seus progenitores.

Emily nunca se considerou encantada sob nenhum conceito, mas o elogio se alojou diretamente em seu coração e, por um momento, incomodou-a enquanto procurava uma resposta elegante.

—Por desgraça, não tenho as habilidades domésticas de minha mãe e por isso a família está mais que feliz de te ter aqui.

Todos riram e Emily se voltou para seu pai:

—Lamento ter chegado tarde, papai. Fomos um pouco mais longe do que eu esperava.

—Não é nada.

—Fannie, ainda não conhece Charles. —O jovem apeou e estava junto a eles—. Charles, esta é a prima de minha mãe, Fannie Cooper. Este é Charles Bliss.

—Charles... é quase como imaginava.

Tomou nota da barba minuciosamente recortada e dos olhos cinza.

—Como vai, senhorita Cooper.

—É a última vez que tolerarei que me chamem "senhorita Cooper". Sou Fannie. Só Fannie. —estreitaram-se as mãos—. Suponho que está a par de que sei a que idade aprendeu a caminhar com pernas de pau, que classe de estudante foi e que excelente carpinteiro é.

Charles riu, encantado.

—Pelas cartas da senhora Walcott, claro.

—Claro. E falando disso, eu lhe escrevi uma carta lhe informando de quando chegaria e ainda não fui vê-la, não?

Interveio Edwin:

—Fannie e eu estávamos a ponto de ir procurar a bagagem e entrar na casa. Vem conosco?

—Assim que retiremos a cela de Pinky e revise o pé de Sergeant. Como vai, papai?

Por um momento, a expressão sobressaltada se voltou culpado.

—Não olhei. Estava... bom estava mostrando o estábulo a Fannie.

—Eu o farei. Vós lhes adiante e nós iremos depois.

Quande Edwin tratou de ajudar Fannie a subir a calesa, apartou-lhe a mão e afirmou:

—Sou flexível como um ramo de salgueiro, Edwin. Ocupe-se de ti mesmo.

Emily os olhou ir-se com um brilho de admiração nos olhos.

—Não te parece maravilhosa, Charles?

—É. Não sei o que é o que esperava, mas, em que pese a suas cartas, imaginava mais parecida com sua mãe.

—É tão diferente de mamãe como a neve da chuva.

Era certo. Edwin o sentia com mais intensidade ainda que sua filha. Quando Fannie viu a casa de fora, inclinou a cabeça para ver o telhado em pico, onde um armação de madeira realçava as telhas em forma de escamas.

—Edwin, é muito bonita. Charles a fez?

—Charles e eu, com alguma que outra mão de Frankie e uma surpreendente ajuda de parte de Emily.

—É muito bela. Não sabia que tinha tanto talento.

Era mais do que Josie lhe havia dito alguma vez, pois considerava a casa como algo que lhe devia e qualquer entusiasmo que houvesse sentido ficava eclipsado pelo alívio de não ter que viver em um covil assustador.

—Construí o alpendre todo ao redor para que Josie pudesse sentar do lado de fora, de frente ao sol, a qualquer hora do dia. E acima, ali... —Assinalou o balcão de corrimão branco que contrastava com as telhas escuras—. Uma pequena galeria à saída de nosso dormitório, para que pudesse sair a tomar ar em qualquer momento.

Fannie, que jamais havia possuído uma casa, pensou que Josie era muito, muito afortunada.

Edwin conduziu Fannie ao interior, pelo saguão do frente. Embora tivesse observado o amontoamento das coisas, não fez comentários.

—Josie está acima. —Indicou-lhe que subisse antes que ele e contemplou as anquinhas que se balançavam e a longa cauda da saia acobreada que se deslizava em cima de suas botas enquanto a seguia com duas maletas—. A primeira porta a sua esquerda — explicou.

Dentro, Josephine esperava, com expressão excitada e as mãos estendidas:

—Fannie... querida Fannie. Por fim está aqui.

—Joey.

Fannie correu para a cama e se abraçaram.

—Esse horrível apelido. Faz... vinte anos... que não o escuto.

Josephine perdeu o fôlego em meio de gargalhadas sufocadas.

—Como se desagradavam seus pais quando eu te chamava assim.

Separaram-se para contemplar-se. Josephine disse:

—Está elegante.

Fannie replicou:

—Poeirenta e maltratada pela viagem nessa Jurkey, mas bem, mas desfrutei muito com o senhor McGiver. E você está magra. Edwin me disse que não estava muito bem. —Posou uma mão na face de sua prima—. Bom, vou te mimar sem reparos, já verá. Vamos ao concreto. Aprendi a cozinhar, imagine. Mas não sou capaz de fazer um pudim sem queimá-lo, assim não esperem que faça um. Sou boa para preparar carne e verduras, e muito boa com os frutos do mar, embora, onde conseguiríamos frutos do mar aqui, em meio das montanhas? Além disso, sei fazer pão... heim... —Fannie se concentrou em tirar as luvas—. Acredito que meu pão é um pouco pegajoso, mas comestível. Sempre tenho muita pressa para deixá-lo subir todo o necessário. Certamente não há padaria no povoado, verdade?

—Temo que não.

—Bom, não importa. Sei fazer umas bolachas leves como penugem de cisne. Sei que custa acreditá-lo se recordarmos como minha mãe levantava as mãos, desesperada-se, quando tratava de me ensinar os segredos da cozinha. —Fannie saltou da cama e percorreu a habitação, observando os elegantes móveis escuros, sem surpreender-se ao ver a cama de armar—. Leves como penugem de cisne, juro-lhe isso. Quer que asse uns para o jantar?

—Isso seria maravilhoso.

—E quando os puser diante de ti, será melhor que os coma! —Fannie apontou ao nariz da prima—. Porque trouxe minha bicicleta e tenho a intenção de que se ponha o bastante forte para montar nela.

—Sua bicicleta! Mas, Fannie, eu não sei an... andar em bicicleta.

—Por que não?

—Porque... —Josephine abriu os braços—. Sou... tísica.

—Bom, se essa não for a desculpa mais débil que escutei, não sei o que pode ser! Isso só significa que tem pulmões débeis. Se quer fortalecê-los, deve montar sobre esse par de rodas e fazê-los trabalhar duro. Alguma vez viu um ferreiro com pulmões débeis? Eu diria que não. Que diferença pode haver em matéria de pulmões? O melhor para ti será sair ao ar fresco da montanha e recuperar sua força.

Ao olhar para elas, Edwin pensou que nesse quarto nunca houve

tanta alegria desde que foi construído. O bom humor de Fannie era contagioso; no semblante de Josie já se via um tênue cor rosada, os olhos eram alegres, sorria. Possivelmente, como ele tendia a mimá-la, isso a fazia sentir-se pior.

Chegaram os jovens; tinham recolhido Frankie em algum ponto do caminho e de abaixo chegou sua voz, que abria a marcha para cima:

—Hei, há uma bicicleta aí abaixo!

Irrompeu no dormitório, seguido de Emily e Charles.

—É minha — informou Fannie.

Edwin deteve o arremesso do filho:

—Frankie, quero te apresentar à prima Fannie. Fannie, este é nosso filho Frank que, nestes momentos, cheira um pouco a pescado se o nariz não me engana.

De todos os modos, Fannie lhe estendeu a mão.

— Alegro-me de te conhecer, senhor Frank. Quanto acredita que medem suas pernas? —inclinou-se para fazer uma estimativa visual—. Devem ter, digamos, uns sessenta centímetros para que possa montar a bicicleta com um mínimo de facilidade.

—Montá-la eu? Sério?

—Sério.

Fannie levantou a mão como fazendo um juramento e assim conquistou a outro membro mais da família Walcott.

Emily não podia apartar a vista dela. Era um ser fascinante, da mesma idade que sua mãe, mas muito mais jovem na forma de atuar, no temperamento e nos interesses. Tinha uma voz animada e movimentos enérgicos. Tinha um ar rebelde, com esse revolto cabelo avermelhado, com cachos ao redor da cara, como o halo de uma lanterna em volto de um potro recém-nascido, que a fazia parecer imune à gravidade que transformava em aborrecidas e pouco interessantes à maioria das mulheres. Os olhos brilhavam sempre de interesse e as mãos jamais permaneciam quietas quando falava. Era mundana; montava em bicicleta e tinha viajado sozinha de Massachusetts e navegado a vela a um lugar chamado Nantucket, onde cavou procurando almejas; assistiu a Opera, viu a Emma Abbott e Brignoli em La Boêmia e se fez adivinhar a sorte por uma adivinha chamada Cassandra. A lista seguia com os relatos das cartas que Emily absorvia, desde que teve idade suficiente para ler. Era incrível pensar que uma mulher assim estivesse ali e ficasse, e dormisse na mesma cama que Emily onde poderiam conversar na escuridão, depois de apagar os abajures. Já a casa parecia transformada com sua presença. Com ela chegou a alegria, uma atmosfera de festa que tanta falta fazia. Também sua mãe estava apanhada no feitiço de Fannie. No momento, esqueceu a enfermidade: via-se via no seu semblante. E papai

estava sentado com os braços cruzados, sorrindo, aliviado ao fim de uma parte de suas preocupações. Emily já amava Fannie por ter brindado tudo isso à família Walcott.

Nesse mesmo momento, papai se separou da cômoda e disse:

—Falando de bicicletas, convirá que leve a de Fannie ao abrigo e traga também os baús. Charles, talvez possa me dar uma mão.

—Um minuto, senhor...

Charles deteve Edwin lhe pondo uma mão no braço.

—Senhor? —As sobrancelhas de Edwin se elevaram, em surpresa, e sua boca desenhou uma careta divertida—. Charles, desde quando me chama senhor?

—Hoje me parece apropriado. Pensei que, enquanto estejamos todos juntos, como a senhora Walcott se sente tão bem e Fannie acaba de chegar, e há um ambiente festivo, bem poderia me somar. —Tomou a mão de Emily e a aproximou dele—. Quero lhes anunciar que pedi a Emily que seja minha esposa e aceitou... por fim.

A moça se sentiu invadida por uma multidão de sensações: uma entristecedora sensação de fatalidade, agora que o anúncio foi feito, oposto à sorte de ver a expressão agradada no rosto de seus pais e diversão ante a reação de Frankie.

—Hurra! Já era hora.

Todos riram e trocaram abraços. Josephine secou uma lágrima e papai afagou Charles no braço, estreitou-lhe a mão com vigor e lhe deu uma forte palmada nas costas. Fannie beijou Charles na face e, em meio de tudo, alguém golpeou a porta, abaixo.

—Emily. —Era Tarsy, que se esforçava por fazer-se ouvir por cima do feliz barulho—. Posso entrar?

Emily apareceu pela escada e gritou:

—Passa, Tarsy, estamos aqui acima!

Tarsy apareceu abaixo, excitada como de costume.

— Ela está aqui?

—Sim.

—Estava impaciente por conhecê-la! —Começou a subir a escada—. Todas essas malas que estão fora, são delas?

—Todas. E é tal como nas cartas.

Outra devota caiu nas redes de Fannie assim que se fizeram as apresentações.

—Mas, claro —disse Fannie—, a amiga de Emily, a filha do barbeiro, a moça com o cabelo mais lindo do povoado. Já me disseram que veria

muitas como você por aqui. —Roçou os cachos loiros de Tarsy e lhe deu a atenção adequada, até que voltou a concentrar-se no anúncio recente—. Mas não te inteiraste que as novidades de Emily e Charles, não é assim?

—O que?

Tarsy se voltou para a amiga com expressão receptiva.

—Charles me pediu em matrimônio e o aceitei.

Tarsy reagiu como o fazia ante qualquer motivo de excitação: de maneira frívola. Jogou-se sobre o Emily com força suficiente para lhe quebrar os ossos e explodiu em exclamações, em "OH!" e em correntes de felicitações; depois, arremeteu contra Charles beijando-o na face, exclamando que sabia que seria muito feliz e que ela estava verde de inveja (coisa que não era certa, e Emily sabia); e por fim, com divertida brutalidade, voltou sua atenção a Fannie.

—Fale-me da viagem em diligência.

Fannie lhe contou e Tarsy ficou para jantar, o qual se transformou em um picnic sobre a cama de Josephine, ante a insistência da própria Fannie. Declarou que não se devia deixar acima a Joey em meio da celebração, enquanto todos outros ficavam abaixo. Levariam o festejo para ela.

Portanto, papai, Fannie e Frankie se sentaram na cama, Emily, Charles e Tarsy na cama de armar de papai e apoiaram os pratos sobre os joelhos. Jantaram nata de ervilhas sobre as leves bolachas de Fannie e a pesca de Frankie frita, que tinha a consistência de uma sola. Fannie, risonha, negou-se a desculpar-se por isso:

—As bolachas são a perfeição mesma. O resto, irá melhorando com o tempo.

Depois, Emily anunciou que tirariam palhas para decidir quem ajudaria a lavar a louça. Como Frankie perdeu e fez uma careta de desgosto, Fannie o repreendeu:

—Convém-te se acostumar, moço, porque penso fazê-lo todas as noites e tem que esperar te tirar a palha mais curta de vez em quando. E agora, saiamos; assim seus pais têm um pouco de tempo para estarem sozinhos.

Charles disse que ao dia seguinte tinha que levantar-se cedo, deu-lhes boa noite e deu um beijo breve em Emily na boca quando o acompanhou até o alpendre. Mas ela estava muito impaciente para ficar muito tempo com Charles: Fannie estava na cozinha e era com ela com quem queria estar.

As garotas salvaram Frankie ao assegurar que elas lavariam a louça, pois Tarsy não estava disposta a voltar para a casa e apartar-se da presença mágica de Fannie. Embora esta tivesse as melhores intenções

de compartilhar a tarefa de limpeza, de algum modo nunca molhava as mãos. Tinha-as ocupadas fazendo gestos para ilustrar os relatos feiticeiros de quando assistiu ao Teatro de Vaudeville de Tony's Pastor, onde as bailarinas cantavam, fazendo girar as sombrinhas: "Um dia, passeando pelo parque". Cantou-a em voz clara e fez uma demonstração da dança ao redor da mesa da cozinha, fazendo girar o atiçador da cozinha como se fosse uma sombrinha e enchendo as mentes das moças de vividas imagens.

De repente, recordou que estava ali para ocupar-se dos pratos, secou um e depois esqueceu de secar outro, pois se lançou ao relato de sua última paixão: a arquería. Fez a demonstração parando-se sobre uma esquina do pano de chão, estirando outra em diagonal, para cima, e atirando para trás como se estivesse colocando uma flecha e fazendo pontaria. Quando a flecha deu em seu branco, na lareira da cozinha, colocou o pano de secar ao redor do pescoço, como se fosse uma pele, e declarou que, até a data, tinha participado de três torneios e que, no último, ganhou uma taça e o beijo que o príncipe da Austria lhe deu na mão. E assim que voltasse para o leste, onde se instalavam cada vez mais calçadas, pensou em comprar um par de objetos surpreendentes chamados patins e tratar de usá-los.

Pareceu maravilhada quando viu que os pratos estavam todos limpos.

—Caramba, e eu não toquei em nenhum!

—Não nos importa — disse Tarsy—. Conte-nos mais.

Foram ao andar superior, onde Fannie seguiu com os relatos enquanto esvaziava os baús, provocando uma série de "quase desmaios" de Tarsy ao tirar um vestido atrás de outro, mais sugestivos que qualquer um que pudessem ter visto em Sheridan.

—A última vez que usei este, jurei que nunca voltaria a me pôr isso Sustentou em alto um vestido com rosetas de renda dispostas em diagonal do peito ao quadril—. Jogávamos jogos de salão e pelo vestido me descobriram.

—Jogos de salão?

Os olhos de Tarsy bailaram, interessados.

—São a última moda no leste.

—De que classe?

—OH, de muitas classes. Whist, dominó, o verdugo e, é obvio, os de homem-mulher.

—Homem-mulher?

Fannie lançou umas gargalhadas encantadoras e se atirou sobre um lado da cama com o vestido espremido sobre o colo.

—Acredito que não devia havê-los mencionado. Às vezes, são

bastante maliciosos.

Tarsy se tornou para frente e insistiu:

— Conte-nos!

A mulher pareceu pensá-lo, pegou o vestido das rosetas e cruzou as mãos em cima:

—Está bem, mas não conviria que seus pais se inteirassem, em especial Joey. Nunca esteve de acordo com a frivolidade e, certamente, não desta classe!

Ansiosa, Tarsy se aproximou mais.

—Não o diremos, não é certo, Emily?

—Bom, entre os cômicos há um que se chama "Pobre Pussy", e outro, "Batatas Musicais"; um de suspense que faz arrepiar o cabelo e se chama "Alice, onde está". E depois, avançada a noite, quando todos se sentem... bom, mais livres, digamos, está o Carteiro Cego e o Francês Cego em couros. A esse estava jogando a noite que me descobri por culpa deste vestido.

Fannie lançou um provocador olhar de soslaio e um sorriso melindroso. Tarsy se atirou para frente, em uma melodramática demonstração de impaciência.

—Mas, o que estava fazendo?

—Bom, a um dos jogadores lhe cobrem os olhos com um lenço de cabeça... mas... —Fannie fez uma pausa—. Atam-lhe as mãos à costas.

Tarsy sufocou uma exclamação e agitou as mãos junto às faces como se a tivesse salpicado algo muito quente e Emily mal pôde conter-se de pôr os olhos em branco.

Fannie seguiu:

—Outros se situam em distintos lugares da habitação e o cego só pode caminhar para trás. Outros o provocam e o despem lhe puxando a roupa ou lhe fazendo cócegas no rosto com uma pluma. Quando ao fim consegue apanhar a alguém, o cego tem que adivinhar quem é. Se o adivinhar, o prisioneiro deve pagar um resgate.

—O que é um resgate?

—É o mais divertido.

—Mas, o que é?

—O que dita o cego. Às vezes, o prisioneiro se converte em cego, outras, se todos estiverem de humor para tontear, tem que imitar a um animal e, em ocasiões... se houver alguém do sexo oposto, tem que pagar com um beijo.

A Emily a escandalizou só a idéia. Os beijos eram algo íntimo e não

podia imaginar-se fazendo-o em um salão cheio de gente olhando. Mas Tarsy se deitou de costas e gemeu extasiada, fantasiando com a vista fixa no teto e um pé balançando-se pelo bordo da cama.

—Daria qualquer coisa por ir a uma festa assim. Nós nunca damos festas. Este lugar é aborrecido como uma ostra.

—Poderíamos fazer uma... não dessa classe, é obvio. Não seria correto. Entretanto, parece-me que o compromisso de Emily merece um anúncio formal. Poderíamos convidar a todos seus amigos e, sem dúvida, Edwin e Joey quererão comunicar a boa nova a seus amigos e relações comerciais. Por que não planejamos uma?

Tarsy se levantou de um salto e caiu sobre Emily com tanta força que quase a puxou da cama.

—Claro, Emily, é uma idéia perfeita! Eu ajudarei. Virei e... e... bom, farei algo. Diga que sim, Em... pooor faaavor!

—Poderíamos fazê-la no sábado que vem, de noite —sugeriu Fannie—. Assim teriam uma semana de tempo para avisar.

—Bom... é... eu...

De repente, a idéia entusiasmou Emily. Imaginou quanto desfrutaria de seu pai de receber outra vez gente na casa e quão adequado seria que tanto ele como Charles convidassem a seus respectivos clientes. Por outra parte, Tarsy tinha razão, esse povoado era aborrecido como uma ostra, acaso não o havia dito ela mesma a Charles? De repente, adquiriu uma expressão de advertência e, assinalando a Tarsy, disse:

—Mas nada de jogos com beijos! Entendido?

—OH, perfeito —se precipitou a aceitar Tarsy—. Está bem, Fannie?

—OH, nenhum —a secundou a mulher.

Embora acabassem de se conhecer esse dia, Emily não perdeu uma só das palavras que trocaram, tinha a inquietante sensação de que estavam conspirando sem falar.

Capítulo 5

Na segunda-feira pela manhã, Tom Jeffcoat despertou em seu quarto do hotel Windsor e ficou olhando o teto, pensando em Julia. Julia March, com seu rosto em forma de coração e os olhos amendoados, o cabelo de um loiro caramelo e suas mãos de fada. Julia March, que levou o broche que lhe deu como presente de compromisso mais do meio ano. Julia March, que o deixou por outro.

Fechou os olhos com força.

Quando deixaria de doer a lembrança?

Esse dia, não. Certamente, não esse dia, quando não eram mais que as cinco e meia da manhã e já a tinha na mente.

Acabou. Coloque isso na cabeça!

Apartou os lençóis, saltou da cama e vestiu as calças, deixando os suspensórios pendurando aos flancos. Tomou a jarra de porcelana branca do lavabo, saiu descalço ao vestíbulo e se serviu de uma generosa quantidade de água quente de um recipiente de metal que estava posto em um tripé.

Diabos, o Windsor não estava nada mal. Era limpo, a comida decente e havia água quente conforme o prometido. Além disso, não estaria muito tempo aí. Tinha toda a intenção de ter sua própria casa antes que nevasse.

E então, o que? Sentir-se-ia menos sozinho? Não sentiria saudades da família? De Julia?

Julia já está quase a caminho do altar. Tire-a da cabeça.

Mas era impossível. Como estava muito tempo sozinho, podia pensar, e Julia enchia sua mente dia e noite. Inclusive nesse momento, enquanto se lavava da cintura para cima, olhava-se no espelho perguntando-se o que lhe tinha gostado mais em Hanson. O cabelo loiro? Os olhos marrons? A barba? O dinheiro? Bom, Tom não era loiro e sim tinha olhos azuis, não lhe agradava a barba e não era rico, para nada. Estava tão longe de ser rico que teve que pedir dinheiro emprestado à avó para vir a este povoado. Mas o devolveria e se converteria em alguém ali. Já veria Julia! Até podia voltar-se rico como um grande senhor e, quando fosse, não compartilharia nem um centavo com nenhuma mulher sobre a terra. Mulheres! Quem necessitava a essas cadelas mercenárias e inconstantes?

Verteu água quente na jarra de barbear-se, formou espuma e elevou a broxa para o rosto. Mas parou vacilante, passando-os dedos pela mandíbula áspera, duvidando se devia deixar crescer a barba. Seria certo que às mulheres gostava? Se até essa maria macho Walcott escolhia a um homem com barba. Mas já o tinha tentado e lhe resultou calorosa, perigosa para usar na ferraria, e lhe incomodava quando crescia formando uma curva tensa e lhe cravava a parte de abaixo do queixo. Decidido, ensaboou-se e barbeou o rosto, para depois observar com olho crítico seu peito nu. *Muito escuro. Muito peludo. Cor de olhos inadequado. Pestanas muito curtas. A covinha na face esquerda, ridículo sem companheiro na direita*.

De repente, jogou a toalha e deixou escapar um bufo desdenhoso.

Jeffcoat, que diabos está fazendo? Nunca se importou o mínimo o que opinavam de ti outros.

Entretanto, a rejeição de uma mulher minava a autoestima de um homem.

No comilão do hotel tomou um suntuoso café da manhã consistente em bife e ovos, e depois se encaminhou à rua Grinnell a procurar a carruagem, aborrecido ante a perspectiva de topar-se com Emily Walcott com esse estado de ânimo. Se essa maldita guria estava aí, convir-lhe-ia costurar a boca pois, do contrário, envolver-lhe-ia a cabeça com o avental de couro e lhe poria uma ferradura no pescoço.

Não estava. Estava Edwin. Este Walcott era um homem agradável, cordial inclusive às sete da manhã.

—Inteirei-me que esta manhã se encontrará com Charles e irão à serraria a procurar madeira.

—Assim é.

Edwin esboçou um sorriso satisfeito:

—Pois passará você o dia com um homem feliz.

Não esclareceu mais, mas minutos depois, quando Jeffcoat se detinha frente à casa de Charles, Bliss saiu com um sorriso:

—Bom dia! —exclamou.

—Bom dia! —respondeu Tom.

—É uma manhã esplêndida!

Para falar a verdade, era mais feia que a vestimenta de qualquer um.

—Parece feliz.

—Estou-o!

Charles subiu à carruagem.

—Por algum motivo em particular?

Enquanto o veículo começava a andar, Charles afagou os joelhos e os apertou com firmeza.

—A questão é que vou casar-me.

—Vais casar-te!

—Oh, dentro de um ano, ou mais, mas ela ao fim aceitou.

—Quem?

—Emily Walcott.

—Em... —Ao Tom lhe saltaram os olhos das órbitas e jogou a cabeça para frente—. Emily Walcott!

—Em efeito.

—Refere-se a essa Emily Walcott das calças e o avental de couro?

—A mesma.

Jeffcoat pôs os olhos em branco e murmurou:

—Jesus.

—O que quer dizer com isso?

—Bom, quero dizer... é...

Fez um gesto vago.

—O que?

—É uma arpía!

—Uma arpía... —Para sua surpresa, Charles riu—. É um tanto impulsiva, mas não é nenhuma arpía. É inteligente, interessa-se pelas pessoas, é trabalhadora...

—E usa suspensórios.

—O único que te importa é o que usa uma garota?

—A ti não?

—Para nada.

Tom se sentiu generoso.

—Sabe, Bliss? Embora me agrade, tenho a sensação de que devo te oferecer condolências em lugar de felicitações.

Charles replicou, afável:

—E eu não sei por que não te atiro do assento com um murro.

—Lamento-o, mas essa garota e eu nos levamos como um par de gatos em um saco.

Sopesaram-se mutuamente e compreenderam que se comportaram com uma sinceridade que os amigos, inclusive os de toda a vida, estranha vez obtinham. Era uma boa sensação.

De repente, romperam a rir, Tom lhe dedicou ao novo amigo um sorriso inclinado e disse:

—Está bem, me fale dela. Tenta me fazer trocar de opinião.

Charles o fez com gosto.

—Face ao que pensa dela, Emily é uma moça maravilhosa. Como nossas famílias já eram amigas na Filadélfia, conheço-a de toda a vida. Quando eu tinha treze anos, soube que queria me casar com ela. O disse a Edwin como pensava ele, prudente, aconselhou-me que esperasse um tempo para pedir-lhe Os dois riram —. O propus pela primeira vez faz mais ou menos um ano e tive que repeti-lo quatro vezes antes que aceitasse.

—Quatro vezes! —Jeffcoat elevou uma sobrancelha—. Talvez tivesse que ter renunciado quando ainda lhe levava vantagem.

—E talvez, depois de tudo, o jogue do assento.

Brincando, Charles tratou de fazê-lo lhe dando um murro no braço que o fez cambalear-se de flanco.

—Bom, mas quatro vezes...! Por Deus, homem, muito antes eu teria preferido tratar com quem me aceitasse.

Charles ficou sério.

—Havia coisas que Emily queria fazer antes. Está seguindo um curso por correspondência de veterinária e teria que terminá-lo o verão próximo.

—Já sei. Edwin me disse isso. Além disso, cometi o engano de espiar seus papéis a primeira vez que entrei no escritório do estábulo. Como de costume, repreendeu-me. Se não recordar mal, nessa ocasião me disse que era grosseiro e intrometido.

O tom não deixava dúvidas de que esse tinha sido uma briga entre muitos.

Charles não lhe demonstrou simpatia.

—Parece-me bem. Talvez tenha merecido isso.

Riram de novo e depois permaneceram em um cômodo silêncio.

Jeffcoat pensava: "É estranho como um pode conhecer uma pessoa e sentir uma aversão instantânea por ela, e com outra, sentir que dentro de um havia um lugar vazio logo a encher-se". Isso era o que o fazia sentir Bliss.

—Escuta — Charles interrompeu os pensamentos de Tom—, sei que Emily não foi do mais cordial contigo quando chegou ao povoado, mas...

—Cordial? Expulsou-me. Foi ao meu terreno e caminhou junto à niveladora me insultando.

—Sinto muito, Tom, mas tem muitas preocupações. É uma filha realmente devota e passa quase tanto tempo no estábulo como o pai. É natural que fique à defensiva. Mas não se trata só do estábulo. Nestes momentos, as coisas não andam nada bem nessa casa. A mãe está morrendo de tuberculose, sabe?

Tom sentiu uma leve pontada de remorsos. A tísica não só era incurável, mas também não era grata de ver, em especial perto do final. Pela primeira vez, abrandou-se para essa maria macho.

—Lamento-o, não sabia.

—Claro que não sabia. Agora piorou. Tenho o pressentimento de que a senhora Walcott decai rapidamente. Esse é outro motivo pelo qual queria que Emily me desse o sim. Porque acredito que sua mãe morrerá mais apaziguada se souber que a filha está casada comigo, segura.

—Então, os Walcott se alegraram com a notícia?

—OH, sim, e também Fannie. Não te falei que Fannie. —Explicou-lhe todo o relacionado com a prima da senhora Walcott que tinha chegado de Massachusetts para ajudar à família—. Fannie é distinta — concluiu—. Já verá, quando a conhecer.

—Possivelmente não a conheça. Pelo menos, enquanto viva na casa de sua noiva.

—OH, sim. De algum modo, todos seremos amigos, sei.

Seguiram viajando de silêncio um tempo até que Tom perguntou:

— Quantos anos tem?

—Vinte e um.

—Vinte e um! —ergueu-se e observou o perfil de Bliss—. Nada mais? —Parecia mais velho: sem dúvida, devia ser a barba. E, além disso, comportava-se como se fosse—. Em certo modo, invejo-te, sabe? Só tem vinte e um e já sabe o que quer da vida. Quer dizer, abandonou a sua família e veio a se estabelecer aqui. Tem um ofício, um lar e escolheste uma mulher. —Refletiu uns instantes, com a vista fixa no topo de uma montanha, envolta em névoa—. Eu tenho vinte e seis e quão único sei é o que não quero.

—Por exemplo?

Olhou de soslaio a Bliss:

—Para começar, uma mulher.

—Todo homem quer uma mulher.

—Possivelmente devo dizer uma esposa.

—Não quer se casar?

Charles parecia estupefato.

Uma expressão cínica apareceu no semblante de Tom:

—Faz um ano, comprometi-me com uma mulher a que conhecia fazia muito tempo. No sábado que vem, casar-se-á com outro homem. Terá que me perdoar se, neste momento, minha opinião sobre o belo sexo não é muito elevada.

Charles lhe demonstrou certa simpatia e sussurrou:

—Maldição, isso é duro.

Em tom áspero, Jeffcoat comentou:

—As mulheres são volúveis.

—Não todas.

—É natural que diga isso, pois neste momento está enfeitiçado.

—Bom, Emily não o é.

—Eu acreditava o mesmo de Julia. —Lançou uma risada amarga e olhou adiante—. Acreditei que a tinha assegurada, garantida e que era minha, até que uma tarde entrou na ferraria e me anunciou que rompia nosso compromisso para casar-se com um banqueiro chamado Jonas Hanson, quinze anos mais velho que ela.

—Um banqueiro?

—Assim é. Herdou dinheiro... montões de dinheiro.

Charles digeriu a informação olhando a Tom com dissimulação, enquanto este contemplava, pensativo, as garupas dos cavalos. Por um momento, nenhum dos dois falou até que Tom deixou escapar um pesado suspiro e se reclinou:

—Bom, talvez tenha sido melhor que o descobrisse de antemão.

—Por isso veio aqui? Para se afastar de Julia?

Tom jogou um olhar a Charles e desenhou um sorriso lânguido.

—Não estava seguro de me conter e não irromper em seu dormitório, puxar da cama ao velho "Sacos de dinheiro" e ocupar seu lugar.

Bliss riu, coçou a face barbuda e admitiu:

—Para ser sincero, eu também penso em dormitórios, ultimamente.

Surpreso, Jeffcoat olhou interrogante a seu novo amigo. Como era possível que um homem se sentisse atraído por uma moça que se vestia como um ferreiro, cheirava a cavalos e queria ser veterinária? A curiosidade o impulsionou a perguntar:

—E ela?

Bliss o olhou com calma.

—O que?

—Pensa em dormitórios?

—Por sorte, não. E sua Julia, o fazia?

—Acredito que em ocasiões se sentiu tentada, mas nunca cheguei além das baleias do espartilho.

—Emily não usa espartilho.

—Não me surpreende. Claro que com esse avental de couro, não o necessita.

Riram juntos outra vez e seguiram andando em silêncio uns minutos. À larga, Tom comentou:

—Esta é uma conversa estranha. Lá, em Springfield, eu tinha amigos que conhecia de muitos anos e não podia conversar com tanta facilidade.

—Sei a que se refere. Eu nunca falei que este tipo de coisas com ninguém. De fato, acredito que um cavalheiro não deveria fazê-lo.

—Talvez não, mas aqui estamos, e não sei o que passará contigo, mas sempre me considerei um cavalheiro.

—Eu também — admitiu Charles.

Charles observou as nuvens e disse:

—Bom, digamos deste modo... eu não gostaria que Emily descobrisse o que digo. Mas, por outra parte, é bom saber que a outros homens passa o mesmo quando estão comprometidos.

—Não se preocupe. Nunca o descobrirá por mim. Se quer saber a verdade, sua mulher me assusta um pouco. É uma fera e não quero enfrentar a ela mais do que o necessário. Entretanto, de algo estou seguro: com semelhante mulher, a vida jamais será aborrecida.

Quando chegaram à serraria, Charles o apresentou como seu novo amigo Tom Jeffcoat e estava dizendo a verdade. O resto do dia e os que seguiram, enquanto trabalhavam ombro a ombro, a espontaneidade que havia entre eles foi convertendo-se em um sólido vínculo de amizade.

Desde o começo, Charles fez todo o possível por suavizar a adaptação de Jeffcoat no povoado, entre pessoas que não conhecia. Na serraria, convenceu brincando ao dono, Andrew Stubbs e seu filho Mick, de que vendesse a madeira a Tom por um preço melhor. No povoado, levou-o pessoalmente à loja de ferragens de J. D. Loucks e o apresentou aos vizinhos enquanto Tom comprava pregos. Começaram juntos a construir a armação do estábulo, e quando o esqueleto das paredes e os caibros do teto estavam tendidos no chão, Charles foi até a rua Maine e retornou com nove vizinhos dispostos a ajudar a levantá-los. Foram com ele o açougueiro, Will Haberkorn e seu filho Patrick, os dois ainda com os aventais brancos manchados. Com eles foi Sherman Fields, o pai de Tarsy, um sujeito agradável e vivaz com o cabelo penteado partido no meio e um bigode fixado com cera. Também estava Pervis Berryman e

seu filho Jerome, que comprava e vendia couros, e fazia botas e baús. O robusto polonês Joseph Zollinski, marceneiro, ao que Tom reconheceu por ter visto na igreja. J. D. Loucks apareceu com Helstrom, o proprietário do hotel, que disse a sua hóspede:

—Você me apoia , eu a você.

E Edwin Walcott, em uma genuína manifestação de boas vindas, cruzando a rua. Charles apresentou Tom a todos os que ainda não o conheciam e organizou umas boas vindas pronta e sincera, que adotou a forma de ajuda para levantar as paredes.

Loucks tinha levado corda nova de sua loja, e minutos depois de que o grupo se reunisse, os músculos se esticaram sob o sol estival. Ao aproximar o final do dia, o esqueleto da construção se recortava contra o céu do entardecer.

—Não sei como te agradecer — disse Tom a Charles quando todos se foram e ficaram sozinhos, levantando a vista para os ângulos agudos do telhado.

—Os amigos não necessitam agradecimentos — respondeu com simplicidade.

Mas, de todos os modos, Tom afagou o ombro do amigo:

—Este amigo o agradece.

Enquanto recolhiam as ferramentas, Charles disse:

—Fannie insiste em dar uma festa de compromisso para Emily e para mim, no sábado de noite. Talvez seja justo o que necessita para esquecer essas outras bodas que vai realizar se lá, no leste. Virá?

Tom pensou negar-se, em benefício da senhorita Walcott. Mas as noites eram longas e solitárias, e estava ansioso por relacionar-se com gente jovem, entre os quais estariam seus futuros clientes. E o mais importante, Charles, seu amigo, também formava parte. Queria ir, fosse na casa de Emily ou não.

Com uma careta, perguntou:

— Tarsy Fields irá?

Charles lhe dirigiu um sorriso de homem a homem:

— A Tarsy, heim?

Tom se concentrou em fechar bem o barril pequeno de pregos.

—Há vezes em que um homem recebe uma mensagem de uma garota assim que a conhece. Acredito que eu recebi um de Tarsy.

—É um presente para a vista.

—Em efeito.

—E divertida.

—Assim parece.

—E tão cabeça oca como ficará esse barril de pregos quando terminarmos o abrigo.

Jeffcoat riu com vontade, afagou o ombro de Bliss e declarou, enfático:

—Diabos, Bliss, agrada-me!

—O suficiente para comparecer no sábado de noite?

—Certamente — afirmou Tom, esperando que ele e Emily Walcott pudessem comportar-se civilizadamente um com o outro.

À manhã seguinte, Tom e Charles começaram a fechar o teto e os lados do estábulo, mas o dia seguinte o dedicaram à igreja, que se encontrava em uma fase similar de construção. Isso foi, mais que nenhuma outra coisa, o que fez Tom ganhar a aprovação das senhoras do povoado. Comentavam nas calçadas que, tendo seu próprio edifício ao meio fazer, o jovem doava um dia inteiro para ajudar a levantar a nova igreja. Esse era um exemplo para que o seguissem os mais jovens!

Um desses jovens adotou o costume de estar a par de tudo o que acontecia no novo solar da rua Grinnell. Frankie Walcott era o primeiro que aparecia pela manhã, atraído por seu ídolo, Charles, e ao dia seguinte se encontrou com que tinha dois ídolos. Fizeram-no trabalhar e o fez com boa vontade, conduzindo, medindo e até martelando. Quando foram à igreja a oferecer o dia de trabalho, Frankie foi com eles, igual a seu gordo amigo, Earl Rausch. Earl sentia uma voracidade irreprimível com as guloseimas, e passou boa parte do tempo furtando rosquinhas e bolachas que as esposas mandavam aos trabalhadores. Mas o ídolo de Earl era Frankie e o imitava em tudo. Levou bebida aos homens na chaleira, cumpriu diversas tarefas que lhe encomendaram e endireitou pregos torcidos. Quando as matronas do povoado se inteiraram de que Frankie e Earl tinham devotado tempo para ajudar na igreja, alistaram aos seus próprios filhos para que fizessem o mesmo.

Frankie Walcott se divertia como nunca. Em Sheridan, nunca houve tanta animação. Podia estar todo o dia com Charles e o novo tipo, Tom. Gostava de Tom. Ria muito, brincava e seu estábulo seria algo digno de ver-se.

Durante o jantar, tagarelava constantemente a respeito da construção na rua Grinnell.

—Tom trouxe as janelas de Rock Springs: são vinte e quatro! E fará

um chão de tijolos verdadeiros! Já os encarregou a Buffalo!

Emily não levantava a vista para não somar-se ao entusiasmo de seu irmão.

—Sabem que me trouxe? Essa... essa coisa. Essa plataforma giratória. Instalá-la-á no meio do estábulo, de modo que faça girar as carruagens e as oriente para a porta com tanta facilidade como eu posso girar. Trouxe-a de Springfield em trem e de Rock Springs até aqui em sua carruagem. Tom diz que lá, no leste, todos os depósitos de locomotivas e de máquinas têm essa classe de plataforma e que as usam para fazer girar os trens.

—Isso é a coisa mais estúpida que ouvi! —exclamou Emily, incapaz de conter a língua por mais tempo—. No leste, que está muito povoado, necessitam plataformas. Aqui, que temos tanto espaço aberto, não é mais que um esbanjamento.

—Não me parece isso. Acredito que foi ardiloso tê-lo em conta e Tom diz que, assim que esteja instalada, Earl e eu poderemos subir.

Emily se levantou de repente.

—Tom diz, Tom diz! —Tomou duas terrinas vazias e as tirou com fúria da mesa—. A sério, Frank, estou me fartando de te ouvir falar desse sujeito. Sem dúvida devem acontecer outras coisas neste povoado além dessa maldita construção!

O olhar pensativo de Fannie se posou sobre a moça, que se voltava para a pia de granito, apoiava as terrinas com estrépito e começava a bombear água, com movimentos furiosos. Apoiou com calma a colher no prato e comentou:

—Parece empreendedor.

—É grosseiro e fala muito! —exclamou Emily, bombeando com mais brios.

—Não o é! —replicou Frankie—. É tão bom como Charles e também lhe agrada. Pergunte a ele!

—Não perguntarei nada a respeito dele! —explodiu sua irmã, olhando-o sobre o ombro—. Esse sujeito compete com papai!

Fannie escolheu esse momento para informar a sua sobrinha:

—Charles o convidou à festa de amanhã de noite.

Emily girou com tal brutalidade que salpicou.

—O que!

—Convidou ao senhor Jeffcoat a sua festa de compromisso de amanhã. E ele aceitou.

—Por que não me disse?

Fannie comeu com calma uma colherada de purê de maçã e respondeu, com simplicidade:

—Acreditei que lhe havia dito isso.

—Não estarei presente!

—Vamos, Emily... —interveio Edwin.

—Não estarei, papai! Neste mesmo instante, está construindo um... um estábulo!

—Mas o convidou Charles e ele também tem direito. Parece que ficaram muito amigos.

Emily foi a sua prima:

—Faz algo, Fannie.

—Muito bem. —Fannie se levantou sem pressa, levando seus pratos sujos à pia—. Amanhã subirei à bicicleta, irei vê-lo e lhe direi que, em realidade, não está convidado à festa. Explicar-lhe-ei que na sala não há espaço para a quantidade de pessoas que aceitaram o convite e teremos que reduzi-la. Estou segura de que o compreenderá. Charles também. Tiramos palhas para ver quem lava a louça?

—Fannie, espera.

Fannie parou na metade do movimento e olhou a sua sobrinha com expressão inocente.

—Tem algo mais que dizer?

Emily se derrubou na cadeira e adotou um ar carrancudo, com as mãos balançando-se entre os joelhos.

—Que venha — resmungou, de mau humor.

Fannie parou ante a moça e lhe arrumou umas mechas de cabelo negro, tirando-se os da testa como se estivesse enrolando uma meada de linho de bordar. Continuando, falou em um tom carregado de sensatez:

—Pensa viver aqui muito tempo. Serão, digamos, contemporâneos. Nos anos vindouros, tropeçar-lhes-ão muitas vezes, tanto em situações sociais como comerciais. É muito jovem, querida. Jovem e obstinada. Ainda não aprendeste que a vida está cheia de compromissos. Mas me acredite, sentir-se-á melhor se decide recebê-lo com amabilidade e faz que se sinta bem-vindo. Se seu pai e Charles podem, você também poderá. O que diz?

Emily elevou a vista, com expressão indignada:

— Chamou-me de maria macho!

Fannie sustentou o queixo da moça no oco da mão.

—Ah, de modo que esse é o motivo de seu aborrecimento. Bom,

teremos que lhe demonstrar que não o é, não é certo?

Emily a olhou, ainda com expressão teimosa.

—Não quero lhe demonstrar nada.

—Nem sequer que uma maria macho pode transformar-se, por arte de magia, em uma dama?

A mulher viu que tinha despertado o interesse da garota e, antes de perdê-lo, voltou-se para Frankie:

—E você, meu jovem... —Olhando-o do mesmo nível, advertiu-lhe—: Nenhuma palavra a ninguém desta conversa, ouve-me?

Todos os pressente sabiam que Frankie queria correr ao outro lado da rua Grinnell a cuspir o que tinha ouvido, mas ninguém contradisse a Fannie.

—Sim, senhora — balbuciou Frankie, decepcionado.

Era compreensível que a Fannie tivesse picado a curiosidade. Como seria o homem capaz de encolerizar Emily até esse ponto? Tinha observado à moça toda a semana, e cada vez que se mencionava o nome de Tom Jeffcoat, ficava furiosa. Mas, ao mesmo tempo, ruborizava-se e não olhava a ninguém aos olhos. Essa era a reação ante um homem ao que odiava?

No sábado pela manhã, depois de pôr a ferver a aveia para o café da manhã, Fannie tirou a bicicleta do pátio traseiro do abrigo e saiu a passear. Era cedo, as seis e meia. Deixou atrás a casa adormecida mas, desde algum ponto do povoado chegou o ruído de um martelo. Sheridan era pequeno e Edwin vivia a só cinco quadras da rua Main, e a seis do estábulo, de Grinnell. Quando tomou por esta rua, o sol dourava o contorno desta pradaria como uma laranja em chamas. Contra esse fundo se recortava o esqueleto do novo estábulo em construção, com o telhado já fechado. Passou junto ao estábulo de Edwin a sua esquerda. Um dos cavalos lançou um suave relincho de saudação. As rodas da bicicleta rangiam sobre a rua arenosa, e a brisa soltava mechas do cabelo recolhido frouxamente e lhe frisava as dobras das bombachas de lã áspera contra as pernas. Ao longe, cantou um galo e o martelo de Jeffcoat ressonou como um látego, reverberando contra as paredes do vale.

Sentiu-se feliz como nunca na vida. Estava vivendo na casa de Edwin, compartilhando sua vida, travando relação com seus filhos, familiarizando-se com seus cavalos. Cozinhava sua comida e lhe servia o café da manhã; enrolava o guardanapo com que limpava os lábios, lavava e engomava a roupa que tinha roçado sua pele. Se existia a menor possibilidade de que Emily pensasse fazer isso para um homem

de sobrenome Bliss, quando teria que fazê-lo para Jeffcoat, Fannie se ocuparia de descobri-lo antes que fosse muito tarde.

Freou ante o estábulo, ficou escarranchada na bicicleta, fez sombra sobre os olhos e esquadrinhou à figura que, lá na altura, cravava pregos.

—Senhor Jeffcoat?

O martelo cessou e o homem olhou sobre seu ombro.

—Bom... bom dia!

Gostou de como o disse, dando-se meia volta e dando um toque à boina que a jogou para trás. O telhado era íngreme; tinha uma corda amarrada à cintura, atada a uma polia do lado contrário. Equilibrou-se, de cócoras, com a bota enganchada em uma travessa provisória que tinha parecido no pronunciado pendente que tinha debaixo.

—Sou Fannie Cooper!

—Imaginava. Espere um minuto.

Desceu do teto como um alpinista, esperneando no ar, caindo com balanços que tiravam o fôlego, deslizando-se pela corda até que chegou à escada apoiada contra a construção. Baixou a escada com agilidade, sob a observação da mulher que admirava a graça e as formas do homem e sua maneira extravagante de vestir: calças muito ajustadas, suspensórios vermelhos e a camisa despojada das mangas. Antes que tivesse chegado até ela, tirou uma luva e lhe ofereceu a mão.

—Olá, Fannie. Sou Tom Jeffcoat.

—Sei.

—Você é a prima de Emily Walcott.

—Em certo modo. segunda prima, para ser exatos. E você é o competidor de Edwin.

O jovem sorriu:

—Não era minha intenção.

Gostou da resposta. Gostou da covinha. A pessoa. Fannie não era a típica mulher vitoriana, que fingia indiferença para os homens. Quando conhecia um que merecia sua aprovação, sentia-se justificada em expressar essa aprovação de qualquer maneira que lhe sugerisse a fantasia. Às vezes, paquerando, outras elogiando, frequentemente evitando com habilidade uma resposta direta.

—Entretanto, você parece um pássaro madrugador... procurando a ver-me, possivelmente?

Riu outra vez com atitude muito masculina, tornando-se atrás da cintura e liberando sua risada para o céu matinal.

—Não deveria estar você preparando doces e espremendo sucos de

fruta para esta noite?

—Não oferecerei doces, a não ser pequenos sanduíches. Para uma festa de compromisso não é apropriado servir ponche de frutas, de modo que não fique descarado comigo, senhor Jeffcoat.

—Não foi minha intenção me pôr descarado. —Colocando-se outra vez a luva, fez uma reverência brincalhona—. Desculpe-me.

Fannie o examinou. Observou o grande telhado ao meio cobrir.

—O edifício está progredindo bem. Encomendou tijolos para o chão.

—Sim.

—E vinte e quatro janelas.

—Meu deus, como voam as notícias.

—Frankie se encarrega disso.

—Ah, Frankie, eu gosto desse menino.

—Seu estábulo será algo grandioso. Emily está ciumenta.

O semblante não revelou os sentimentos do dono. Possuía um sorriso fácil, que não se alterou no mínimo ao comentar:

—A Emily gostaria que eu estivesse em um veleiro, com o mastro principal quebrado, dobrando o Cabo de Fornos. Trato de não irritá-la.

—Ouvi dizer que também trouxe uma plataforma giratória para os carros.

—Sim.

—Por que?

—Uma curiosidade, nada mais. Um capricho. De menino, eu gostava dos trens e, em especial, as plataformas giratórias. Uma vez, um maquinista me deixou dar uma volta em uma delas e, após, quis ter uma.

—Isso quer dizer que é impetuoso, senhor Jeffcoat?

—Não sei. Nunca pensei nisso. Você, é impetuosa, senhorita Cooper?

—Com toda segurança.

—Imaginei ao ver a bicicleta e os... —tornou-se atrás para lhe observar as pernas—. Como se chamam?

—Bombachas. Gosta? Não responda! De qualquer modo, são cômodos e há mulheres que usam o que lhes resulta cômodo, agrade-lhes ou não aos homens.

—Dei-me conta disso desde que estou em Sheridan.

Fannie lhe dirigiu um sorriso fugaz, e depois, com sua característica volubilidade, trocou de tema:

— Você dança, senhor Jeffcoat?

—O menos possível.

Fannie riu e lhe aconselhou:

—Bom, prepare-se. Esta noite haverá baile, entre outras diversões. Estamos contentes de que compareça. Bom, devo voltar a preparar o café da manhã. Observe minha técnica para pôr em marcha este artefato e não tome à ligeira. Arrancar e frear são as partes mais difíceis. Levou-me três semanas aprender a arrancar sem cair de boca e estou bastante orgulhosa. —Deu impulso à bicicleta e montou com perfeito equilíbrio—. Alegro-me de conhecê-lo, senhor Jeffcoat.

—E eu a você, senhorita Cooper.

—Então, me chame Fannie!

—E você a mim, Tom!

Sorriu enquanto a via pedalar pela rua.

Embora fosse um dia turbulento, Fannie tinha tudo sob controle. Comentou a Josephine que a sala estava lotada e lhe sugeriu que corressem o piano para a parede, para limpar parte do amontoamento de modo que os jovens tivessem espaço para dançar. Josephine aceitou. Teria aceitado qualquer coisa, pois estava mais feliz do que tinha estado durante meses: a ela também a puseram a trabalhar e sentir-se útil outra vez a vivificava. Sentada ao sol, na galeria de acima, lustrava a prataria.

Abaixo, voava o pó. Tarsy tinha ido ajudar, conforme o prometido. Preparava o recheio dos sanduíches, enquanto Frankie esfregava os degraus da escada, levava as samambaias ao pátio e açoitava os tapetes. Emily envolvia e guardava os adornos, e Fannie encontrou lugares para ocultar as pesadas capas dos móveis, as talhas, quinquilharias turcas, plumas de pavão e bustos de gesso. Lavaram as janelas e os abajures das lareiras, e correram o piano para a parede, que era onde devia estar. Limparam os chãos, deixaram-nos nus e relegaram os incômodos móveis ao alpendre, deixando só na sala suficientes cadeiras e mesas para lhe dar graça e equilíbrio. Segundo Fannie, um excesso de cadeiras impulsionava aos convidados a ficar sobre seus traseiros em lugar de dançar e divertir-se. Quantas menos cadeiras, melhor!

Frankie limpou as teclas do piano, Tarsy tirou a terrina do ponche, Emily pendurou as cortinas de renda limpa (e deixou guardadas as pesadas presilhas de borlas) e Fannie escolheu uns poucos objetos para adornar a habitação.

Quando terminaram, os quatro contemplaram como tinha ficado, limpo e brilhante, e Fannie deu uma palmada e declarou:

—Isto merece uma celebração. Uma celebração musical!

De repente, sentou-se no tamborete do piano, girou de cara às teclas e interpretou uma versão animada de "A mosca de cauda azul".

As notas subiram à planta alta, atravessaram o dormitório principal e chegaram até a galeria onde Josie sorriu, interrompendo a tarefa. Apoiou a cabeça no respaldo da cadeira e fechou os olhos, tamborilando sem dar-se conta uma colher contra o joelho, ao ritmo da música.

Quando abriu os olhos, Edwin voltava para a casa pela rua, lá abaixo. Estavam entre o almoço e o jantar, e sentiu uma quebra de onda de alegria ao vê-lo chegar a essa hora insólita. Saudou-o com a mão, lhe devolveu a saudação e lhe sorriu. Viu-o cruzar o pátio, desaparecer no alpendre de abaixo enquanto a música continuava e, com ela, a voz de Fannie:

"... o diabo apanhou à mosca de cauda azul. Jimmy demole milho e não me importa..."

Abaixo, Edwin entrou na sala e a encontrou transformada. O sol entrava em torrentes pelas brancas cortinas de renda, fazendo brilhar o chão lustrado que tinha a cor do chá forte. Havia menos móveis e os que ficavam estavam sem suas cobertas, e só os adornavam umas poucas figurinhas e adornos, e uma só samambaia junto à janela arqueada. O piano, com a parte traseira contra a parede e a tampa despojada de tudo, salvo um abajur de azeite e os retratos da família, estava soando enquanto Tarsy aplaudia e os meninos dançavam, risonhos, uma desordenada polka.

Fannie estava ao piano, esmurrando as teclas de marfim e cantando a gritos. Tinha a cabeça coberta com uma toalha branca atada no alto da cabeça e dela escapavam mechas finas de cachos avermelhado claros. Tinha a saia e o avental subidos até os joelhos e mostrava os sapatos negros de saltos que golpeavam os pedais com força suficiente para que se sacudisse o abajur. Viu Edwin entrar pelo reflexo na madeira polida da frente do piano e lhe jogou um olhar sobre o ombro, sem deixar de cantar e tocar com brios.

"Esse cavalo correu, saltou, lançou, jogou em meu amo à sarjeta..."

Ao chegar ao estribilho, os, meninos se somaram e Edwin riu.

—Canta, Edwin! —ordenou Fannie, detendo-se só um segundo para depois lançar-se de novo à canção.

Somou sua inexperiente voz de tenor e os cinco fizeram o alvoroço suficiente para fazer cair a fuligem da chaminé da cozinha. Enquanto dançavam, Emily pisou Frankie. Riram, recuperaram o equilíbrio e continuaram bailando pelo quarto com tanta graça como um par de lenhadores.

Ao chegar ao estribilho final, Fannie elevou a cara para o teto e

vociferou:

—Está cantando, Joey?

Nesse instante, Edwin sentiu uma renovada onda de amor por Fannie.

Subiu os degraus, antes que terminasse o estribilho e, em efeito, encontrou Josie cantando tranquilamente para si na galeria, ao sol, com um sorriso no rosto.

Ao senti-lo detrás, interrompeu-se e lhe sorriu, olhando sobre o ombro.

—Edwin, chega cedo.

—Deixei uma nota na porta do estábulo. Pensei que necessitariam minha ajuda aqui, mas me parece que não. —Saiu à galeria e se apoiou em um joelho, junto à cadeira, lhe apertando a mão que seguia sujeitando o pano de lustrar e a colher—. Oh, Josie, é maravilhoso te ouvir cantar.

—Sinto-me muito melhor, Edwin. —O sorriso confirmava suas palavras—. Acredito que esta noite poderei descer... ao menos por um momento, e receber aos convidados de Emily.

—Isso é magnífico, Josie... —Apertou-lhe a mão ostra vez—. Magnífico.

Olhando-a aos olhos, recordou a festa de compromisso deles dois. Quão desesperado estava e como o tinha ocultado. Mas, a fim de contas, a vida juntos não tinha sido tão má. Passaram vinte anos de boa saúde até que sua esposa adoeceu e desses anos tinham dois bonitos filhos, uma casa linda e um profundo respeito mútuo. E se a relação não foi totalmente íntima ou demonstrativa como desejou, talvez em parte era culpa do próprio Edwin. Teria que havê-la admirado mais, elogiado mais, cortejado, acariciado mais. Como nunca o tinha feito, o fazia agora.

—Aqui, sentada ao sol, está adorável. —Tirou-lhe a colher da mão e uniu sua palma a dela, enlaçando os dedos—. Alegro-me de ter chegado cedo a casa.

Josie se ruborizou e baixou a vista. Mas a elevou surpreendida quando o marido girou a cabeça e lhe beijou a palma. Com a mão livre, acariciou-lhe meigamente a face barbuda.

—Edwin querido — disse, carinhosamente.

Abaixo, a música cessou e as vozes risonhas se transladaram à cozinha. Por um momento, Edwin e Josephine foram mais felizes do que o tinham sido durante anos.

Capítulo 6

Faltavam duas horas para que começassem a chegar os convidados e a casa estava em perfeita ordem. Os canapés estavam cortados, os bolos com sua cobertura açucarada e o ponche de conhaque preparado. Tarsy tinha ido à casa trocar-se; Josephine, com o cabelo recém lavado, descansava; na cozinha, Edwin penteava Frankie e lhe dava instruções estritas de que não permitisse Earl comer mais de dois emparedados e que depois fossem à casa de Earl, onde passariam a noite.

Acima, no dormitório oeste, Fannie se divertia como nunca desordenando, tirando vestidos dos baús e formando como um arco-íris sobre a cama e a cadeira de balanço de Emily.

—O verde? —Apoiou o objeto de seda contra o corpo da moça. Era claro como espuma de mar e adornado com pequenas contas. Emily não

alcançou mais que a lhe jogar uma olhada quando já tinha desaparecido—. Não, não, esta cor não te favorece.

Jogou-o sobre um montão e o olhar da garota o seguiu com nostalgia.

Continuando, tirou um que era uma explosão de amarelo:

—Ah..., açafrão. O açafrão destacará seu cabelo.

Aproximou o vestido ao corpo de Emily, sustentou-o à altura dos ombros e a fez girar de frente ao espelho.

A Emily resultou mais tentador que o verde.

—Oh, é bonito.

—Sim, está bem... mas... —Apoiou um dedo ao lado da boca e a observou, pensativa—. Não, acredito que não. Esta noite, ao menos. Deixaremo-lo para outra ocasião. —Lá foi voando o favorecedor vestido amarelo e Emily o viu cair sobre a cama e deslizar-se ao chão como um atoleiro de tecido—. Esta noite tem que ser o traje perfeito... —Fannie tamborilou os lábios, contemplou a confusão que havia sobre a cama e, de repente, girou para o armário—. Já sei!

Ficou de joelhos, tirou outro baú e rebuscou dentro como um cão que desenterra um osso.

—O rosa! —Levantou em alto um objeto de uma cor tão genuína como o das rosas selvagens—. É a cor perfeita para ti. —ficou de pé, apoiou-o contra os joelhos e depois pôs ante Emily a sussurrante criação—. Como fica o rosa a esta moça! Não sei por que me comprei este vestido, que me dá o aspecto de uma sarda gigante. Mas você, com o cabelo negro e a cútis morena...

Inclusive assim, enrugado, o vestido era impressionante, com decote bordado de rosas chá, maravilhosas mangas bufantes até o cotovelo e um adorno similar nas costas. Ao agitá-lo, lançava um sussurro sibilante que parecia falar de veladas lá, no leste, onde era costume que as damas usassem semelhantes vestidos. Era mais belo que qualquer que Emily tivesse tido, mas ao olhar-se no espelho teve que admitir:

—Sentir-me-ia muito vistosa com algo tão chamativo.

—Não seja tola! —replicou-lhe sua prima.

—Nunca tive um tão bonito. Além disso, minha mãe diz que uma dama deve vestir-se com cores apagadas.

—E eu sempre lhe disse: "Joey, faz-te velha antes de tempo". Deixa que sua mãe use todas as cores apagadas que queira, mas esta é sua festa. Pode pôr o que deseje. E agora, o que me diz?

Emily contemplou a criação da cor dos morangos, tratou de imaginar-se levando-a abaixo, na sala, quando chegassem os convidados. Não lhe custava imaginar Tarsy usando um vestido assim, com seus cachos

loiros, uma expressão na boca, o rosto bonito e a figura indiscutivelmente voluptuosa. Mas ela? Claro que tinha cabelo negro, mas não o frisava desde que teve idade suficiente para negar-se a dormir com bobes. E o rosto? Era muito comprido, moreno, as sobrancelhas muito retas e tão pouco atrativas como a marca de um salto no chão. Supunha que os olhos e o nariz eram aceitáveis, mas a boca era comum e os dentes lhe sobrepunham na parte de acima, coisa que sempre a envergonhou ao sorrir. Não, o rosto e o corpo de Emily ficavam melhor com calças e suspensórios que com vestidos rosa de mangas bufantes.

—Acredito que é muito feminino para mim.

Fannie olhou Emily pelo espelho.

—Queria fazer que o senhor Jeffcoat tragasse suas palavras, não é assim?

—Esse! Importa-me um cominho o que pense o senhor Jeffcoat.

Fannie agitou o vestido no ar e lhe alisou as rugas com a mão.

—Não acredito em você. Penso que você adorará aparecer abaixo com este modelo e lhe fazer saltar os olhos das órbitas. O que te parece?

Emily o pensou. Se resultasse, seria muito melhor que lhe cuspir em um olho e ela era dessas pessoas incapazes de resistir um desafio.

—Está bem. Por-me-ei isso... se estiver segura de que não se incomoda.

—Céus, não seja tola! Não voltarei a usá-lo nunca mais.

—Mas está tudo enrugado. Como...?

—Deixe-me isso . —jogou-se o vestido sobre o ombro e foi até o corrimão para gritar—: Edwin, necessitarei um pouco de combustível... preferentemente querosene! Se não, o que tiver. —Um momento depois apareceu outra vez a cabeça pelo dormitório de Emily—. Escove o cabelo, acende o abajur e esquenta os ferros de frisar. Em seguida volto. —Desapareceu de novo, gritando—: Edwiiin!

Em minutos, voltou com Edwin aos talões. Tirou das profundidades do baú uma prancha de aço que lhes apresentou como vaporizador. Sustentou-a enquanto Edwin a enchia com querosene e água e, uma vez acesa, vaiando, fez-o ficar à tarefa de engomar a vapor o vestido para a filha, enquanto ela se ocupava dos ferros de frisar e do penteado.

Emily se submeteu a sua prima e observou sua própria transformação enquanto o pai cantarolava contente e se vangloriava a medida que as rugas desapareciam do cetim rosado; a mãe veio do outro lado do corredor, embelezada com um elegante vestido de sarja azul meia-noite, o cabelo pulcramente enrolado, e se sentou na cadeira de balanço a observar. Apanhando uma mecha nos ferros quentes, Fannie descreveu

os flamejantes penteados que se usavam no leste, cachos e ondas, e perguntou a Emily o que preferia.

Decidiu-se pelos cachos e, quando o penteado esteve terminado, sujeito no alto da cabeça como um escuro ninho, olhou-se, incrédula, com o coração palpitante de excitação. Parada detrás dela, inspecionando o resultado de seus esforços, Fannie vociferou:

—Frankie, onde está?

Frankie apareceu na porta:

—O que?

— Desce, recolhe uma varinha de *impatiens* e as traga aqui... e não me pergunte o que são. Essas flores rosadas diminutas que estão junto à porta da frente!

Quando voltou e os delicados casulos foram colocados em meio dos cachos esponjosos e tênues sobre a orelha esquerda de Emily, Frankie retrocedeu, com os olhos e a boca muito abertos, e exclamou, atônito:

—Uau, Emily, está linda!

Às oito em ponto, estava ante o espelho do comilão sentindo-se bonita, mas chamativa. Inclinou-se para ver-se e viu que tinha as faces rosadas. Por Deus! Era muito impressionante ver-se a si mesma de rosa e com cachos pela primeira vez. Tocou-se o peito, em grande parte nu, e se contemplou com fixidez.

Nunca tinha perdido tempo em cuidados femininos, pois não tinha motivo. A maioria das garotas se arrumavam para atrair a atenção dos homens, mas ela contava com a atenção de Charles para sempre. Olhando-se, sentiu uma quebra de onda de culpa, pois não só era Charles a quem queria impressionar mas também Tom Jeffcoat... esse mercenário que a tinha chamado de maria macho. Quanto prazer lhe daria lhe fazer tragar suas palavras. Enquanto Fannie a arrumava, Emily se regozijava imaginando-o.

Mas nesse momento, olhando-se no espelho do comilão, com o estômago trêmulo, sentiu o temor de ser ela a que se sentisse incômoda em lugar dele. Fannie lhe tinha polvilhado o rosto e o peito com um pouco de farinha, e lhe coloriu as faces umedecendo um papel crepe vermelho e esfregando-lhe pela pele.

— Passe a língua pelos lábios — lhe ordenou—. Agora, aperta-os com força sobre o papel.

E outra vez... magia! Embora era uma magia muito débil, pois bastava um roce da língua para tirá-la. Emily olhou os lábios rosados e se repreendeu: "Se passar a língua antes que chegue Jeffcoat, merece-te qualquer qualificativo que lhe diga!".

—Emily.

Emily se sobressaltou e deu a volta.

—OH, Charles, não te ouvi entrar.

Olhava-a como se nunca a tivesse visto. Suas faces estavam coloridas e a boca aberta, mas sem dizer uma palavra.

Emily riu, nervosa.

—Caramba, Charles, comporta-se como se não me reconhecesse.

—Emily? —Tão estupefato como agradado, exalou a palavra ao tempo que se aproximava lentamente, como se necessitasse permissão—. O que fez?

Emily se olhou, rodou a saia volumosa, fazendo-a sussurrar como se fosse feita de folhas secas:

—Fannie o fez.

Tomou as mãos com os braços estirados e deu volta em semicírculo:

—Não sou afortunado? É a garota mais bonita do povoado.

—OH, Charles, não o sou, deixa de me mentir.

—Este vestido... e seu cabelo... nunca te vi com um penteado tão belo.

A moça se ruborizou intensamente.

Sem lhe soltar as mãos, Charles percorreu com o olhar o peito enfarinhado e a cintura encerrada no espartilho, e baixo esse olhar deleitado, Emily ficou mais aborrecida ainda.

—OH, Emily, está bonita — disse em voz suave, baixando a cabeça para beijá-la.

Evitou-o.

—Fannie me aplicou cor nos lábios com papel crepe, mas se tira com facilidade. Não quero te deixar manchado.

Cortês, Charles se apartou, mas seguiu lhe sujeitando as mãos e contemplando-a com olhar ardente, do mesmo modo que os homens estavam acostumados a contemplar Tarsy. Outra vez, sentiu-se culpada. Depois de tudo, faltavam quinze minutos para a festa de compromisso e o noivo não queria mais que lhe roubar um casto beijo. E, entretanto, ela o rechaçava, mais preocupada com conservar a cor nos lábios intacto, para impressionar Tom Jeffcoat. Apaziguou a culpa dizendo-se que, quando se casasse com o Charles, deixá-lo-ia beijá-la todas as vezes que quisesse e o compensaria por todas as que o tinha rechaçado.

Começaram a chegar os convidados, e Charles e Emily se reuniram na sala com a família, onde mamãe insistiu em formar uma fila de recebimento. Edwin a transportou, sentou-a ante a janela mirante, e ficou de pé entre Josephine e Fannie, apresentando a esta última a cada

recém-chegado e anunciando com vivacidade o compromisso de Charles e Emily. Logo, a casa se encheu de comerciantes e suas esposas, vizinhos, paroquianos, donos das fazendas dos arredores, o reverendo Vasseler, Earl Rausch e seus pais, o senhor e a senhora Loucks. Também havia pessoas jovens, todos conhecidos de Charles e Emily: Jerome Berryman, Patrick Haberkorn, Mick Stubbs e as garotas que compareceram com os pais: Ardis Corbeil, Mary Ess, Lybee Ryker, Pontua Awk.

Quando chegou Tarsy, deixou a seus pais junto à porta e correu para o Emily.

—OH, Emily, está sensacional. Chegou?

—Obrigado. Não.

—Meu penteado está bem? Não acredita que teria que me haver posto o vestido lavanda? Acreditei que meus pais nunca acabariam de arrumar-se! Quase faço um buraco no tapete esperando-os. Belisque-me se o vê vir quando não estou olhando. Fannie diz que mais tarde haverá baile. OH, oxalá me tire a dançar!

A Emily a irritou escutar Tarsy entoar louvores sobre o maravilhoso Jeffcoat e mais ainda ao compreender que ela tampouco podia apartar os olhos da porta principal. Às oito e meia, ainda não tinha chegado. Sentia os lábios cansados de tanto sorrir tratando de não roçar-lhe Embora tivesse sede e estava tensa, não bebeu a taça de ponche que lhe levo Charles. Picavam-lhe as costelas pelo espartilho que Fannie a obrigou a usar, mas tinha medo de coçar-se e que ele entrasse e a surpreendesse fazendo-o.

Esse canalha levava trinta minutos de atraso!

Jeffcoat, que Deus me ajude, se depois de tudo isto não vem, far-te-ei sofrer como eu estou sofrendo!

Chegou as oito e quarenta e cinco.

Emily pretendia ter Charles junto a ela e a uma fila de convidados passando ante os dois. Pensava conceder a Tom Jeffcoat os dois segundos de atenção que merecia, para logo dirigir sua cortesia aos outros que seguiam na fila. Tinha intenções de lhe demonstrar quão pouco lhe importava, tão pouco que nem precisava seguir sendo cáustica com ele.

Mas resultou de outro modo: às oito e quarenta e cinco a fila de convidados se desfeito, Charles estava no comilão, de costas, os convidados se mesclavam entre si e Emily estava em meio da sala, sozinha. Tom Jeffcoat a localizou imediatamente.

Durante um incômodo lapso, mediram-se mutuamente e depois Tom começou a avançar para ela. Sentiu um pânico inesperado e o absurdo bater de seu coração... tão forte que lhe pareceu que lhe sairia do peito.

Por favor, Deus, que não me deixe cair!

Viu-o aproximar-se, sentindo-se apanhada, frenética, traída por um destino cruel que o fazia parecer mais atrativo do que desejava, que o fazia escolher usar o rosto barbeado, que o dotou com bonito cabelo negro, assombrosos olhos azuis, uma boca plena e atrativa e um andar flexível. Amaldiçoou ao Tarsy por assediá-lo, a Charles por abandoná-la quando o necessitava, a seu próprio coração estúpido que não deixava de lhe alvoroçar no peito. Como de fora de si mesma, advertiu que o traje de Tom estava um pouco enrugado, em contraste com as botas, novas e brilhantes, e que Tarsy tinha aparecido na arcada do comilão e o olhava babando como um cão. Mas os olhos do homem estavam fixos em Emily enquanto cruzava a sala.

Quando chegou a ela, sentiu que se sufocava. Deteve-se junto a ela, tão alto que teve que jogar a cabeça atrás para olhá-lo aos olhos.

—Boa noite, senhorita Walcott — disse, dolorosamente cortês.

—Boa noite, senhor Jeffcoat.

Percorreu-a de acima a abaixo com o olhar, sem posá-la em nenhuma parte, mas quando se encontrou com os dela luzia um débil sorriso, que Emily desejou lhe apagar de um bofetão.

—Obrigado por me convidar. —Os dois sabiam que não o tinha convidado ela a não ser Charles—. Entendo que lhe devo uma felicitação. Charles me falou de seu compromisso.

—Sim — respondeu, apartando o olhar desses olhos que, sob uma superfície amável, pareciam rir dela—. Nos conhecemos de toda a vida. Fixar uma data só era questão de tempo.

—Isso me disse Charles. Dentro de um ano, certo?

— Algo assim.

Emily não era mão direita para fingir, e as respostas lhe saíam bruscas e frias.

—É uma época agradável para casar-se — comentou, em tom de conversa, demonstrando ser muito melhor que a moça para as frivolidades. Emily sentia a língua pega ao paladar e não podia fixar a vista em outra coisa que não fosse Tom Jeffcoat. Depois de um lapso de silêncio, acrescentou—: Charles está... extasiado.

A pausa deu ao comentário uma sugestão duvidosa e Emily se ruborizou.

—Quando quiser, sirva-se ponche e canapés, senhor Jeffcoat. Será melhor que eu vá conversar com outros convidados.

Mas quando se apartou a puxou pelo braço sem apertar.

—Acaso esquece que ainda não conheço sua mãe?

Não havia dito uma só palavra a respeito da aparência de Emily. Nenhuma palavra! Amaldiçoava-o por lhe fazer perder a compostura. Posou o olhar na mão, que parecia lhe transmitir uma corrente pelo braço e o perfurou com um olhar altivo.

—Está me enrugando a manga, senhor Jeffcoat.

—Minhas desculpas. —Soltou-a imediatamente e exigiu—: Apresente-me a sua mãe, senhorita Walcott.

—Certamente. —deu-se a volta, descobriu que sua mãe estava observando-os desde o começo, e por um instante, congelou-se. Quando Jeffcoat lhe tocou as costas, lançou-se para frente—. Mãe, este é Tom Jeffcoat, o amigo de Charles. Lembra-te de que papai o mencionou durante o jantar, a outra noite?

—Senhor Jeffcoat... —Com ares de rainha, Josephine lhe ofereceu uma mão frágil—. O competidor de Edwin.

Tom fez uma graciosa reverência.

—Colega, diria. Se não acreditasse que em Sheridan há suficientes clientes para os dois, me teria instalado em outro lugar.

—Esperemos que tenha razão. É obvio, qualquer amigo de Charles e Emily é bem-vindo em nosso lar.

—Obrigado, senhora Walcott. É uma casa bonita. —Olhou ao redor—. Estou impaciente por ter a minha própria.

—Certamente, construíram-na Charles e Edwin.

—Charles também fará a minha, assim que termine o abrigo.

—O que é isso que ouvi a respeito de uma plataforma giratória?

Tom riu:

—OH, Charles esteve falando?

—Frankie, em realidade.

—Ah, Frankie, nosso jovem aprendiz... —Sorriu com carinho—. Senhora Walcott, a plataforma não é outra coisa que um capricho.

Fannie chegou ao final do comentário.

—Que coisa é um capricho? Olá, Tom.

Quando o aludido se deu a volta, a mulher tomou as mãos.

—Olá, Fannie.

—Vocês já se conheciam? —perguntou Emily, surpreendida.

—Sim, esta manhã.

Fannie enlaçou o braço no de Tom, como se fossem velhos amigos, e este lhe sorriu.

—Saiu a passear em bicicleta e passou por minha casa a apresentar-se.

—Estou muito contente de que tenha vindo. Já falou com o Charles?

—Não, agora ia aproximar-me dele.

—Ah, e aqui está Tarsy. Tarsy, já conhece o Tom, verdade?

A moça lançou a mão com tal velocidade que formou uma corrente de ar. O jovem se inclinou, galante.

—Senhorita Fields, que agradável voltar a vê-la. Esta noite está bonita.

—Por que não se encarrega dele e se ocupa de que receba uma taça de ponche? —sugeriu-lhe Fannie à loira.

Tarsy se apoderou do braço de Tom e lhe dirigiu um brilhante sorriso enquanto se afastava com ele, brincando:

—É uma vergonha que tenha chegado tarde. Estava a ponto de perder as esperanças.

Vendo-os dirigir-se para Charles, Emily ficou furiosa. *Senhorita Fields, esta noite está bonita! Mas se esse sujeito exsudava encanto!*

Toda a noite observou que tanto homens como mulheres sucumbiam a esse encanto. Conduzia-se na casa cheia de convidados com surpreendente fluidez, travava relação com desconhecidos sem incomodar-se, era rápido para encontrar um tema de conversa, para conquistar palmadas nas costas de parte dos homens e sorrisos encantadores das mulheres.

O reverendo Vasseler lhe estreitou as mãos com sinceridade e lhe agradeceu por fazer que os pequenos fossem ajudar à igreja. Os meninos, por sua parte, seguiam-no com olhos ávidos e lhe perguntavam quando estaria pronta a plataforma giratória. As mães de filhas solteiras o convidavam para jantar. Os fazendeiros e proprietários de animais convidavam a ver os cavalos que tinham em venda. Fannie fazia planos para lhe ensinar a montar na bicicleta. Charles passou mais tempo com ele que com sua futura esposa. E Tarsy lhe pendurava do braço como um guarda-chuva.

Emily, enquanto isso, passou uma das noites mais desventuradas de sua vida.

Uma vez que a tigela de ponche esteve meio vazio e passou a primeira quebra de onda de intercâmbio social, Fannie insistiu a Edwin para que fizesse o brinde de compromisso. Este encheu a taça de Josephine e a sua própria, alcançou-lhes suas bebidas a Emily e ao Charles e permaneceu de pé junto ao mirante, rodeando a sua filha com o braço.

—Antes que se acabe a noite —disse aos convidados—, a mãe de

Emily e eu queremos lhes comunicar quão felizes estamos de anunciar o compromisso de Emily. Conhecemos o Charles desde... —Dirigiu a seu futuro genro um olhar carinhoso—. Quanto faz, Charles? —dirigiu-se outra vez aos convidados—. Bom, desde que se limpava o nariz com a manga.

Todos riram.

—Direi aos que não sabem que seus pais são nossos queridos amigos da Filadélfia, amigos aos que ainda sentimos falta e que desejaríamos que esta noite estivessem conosco. —esclareceu-se voz e prosseguiu—: Bom, durante anos, Charles e Emily entraram e saíram de nosso lar, juntos. Acredito que lhe demos de comer tantas vezes como a nossos próprios filhos. Parece-me recordar a época em que me chegavam à cintura, mais ou menos, e lhe roubou a rã mascote e a deixou em uma caixa de grilos até que ficou chata e dura como um dólar de prata. Se a memória não me falhar, Charles lhe deixou um olho negro de um golpe.

Depois de outra quebra de onda de risadas, prosseguiu:

—Mas resolveram e, embora custe acreditá-lo, Charles veio para ver-me quando me chegava ao queixo e me anunciou, muito sério... —Fez uma pausa, como se examinasse o conteúdo da taça—. "Senhor Walcott. —Levantou o rosto como um orador—. Quero me casar com Emily quando tivermos idade suficiente." Lembro que fiz um grande esforço para não rir. —voltou-se para o Charles com as faces rubras —. Por Deus, Charles, dá-te conta de que sua voz não se definiu, ainda, entre baixo e soprano?

Depois de outra série de gargalhadas, Edwin ficou sério.

—Bom, naquele tempo me pareceu uma boa notícia e agora também. Às vezes, resulta-me difícil acreditar que nossa pequena tenha crescido. Mas, minha adorada Emily... —Oprimiu-lhe os ombros e contemplou o rosto de sua filha com expressão de adoração—. Dentro de um ano, quando fizermos um brinde pelos noivos, sabe que terá as bênçãos de sua mãe e as minhas. Já consideramos o Charles como a nosso filho. —Elevou a taça, insistindo aos convidados a fazer o mesmo—: Pelo Charles e Emily e a futura felicidade dos dois.

—Bravo, bravo!

—Pelo Charles e Emily!

As exclamações ressonaram na habitação. Edwin beijou Emily na têmpora direita e Charles na esquerda. Josephine se estirou da cadeira e tomou a mão. Quando se inclinou para beijar a sua mãe na face, Emily se sentiu miserável por ter estado toda a noite tão zangada e se prometeu que compartilharia o espírito da festa no que ficava da velada. Quando se endireitou, viu Tom Jeffcoat observando-a. Viu que elevava a taça em saudação silenciosa e a esvaziava, olhando-a sobre o bordo.

Sentiu como se lhe aproximassem um fósforo ao conhaque que tinha no estômago. Confusa, voltou sua atenção a Charles.

—Tenho calor, Charles. Podemos sair uns minutos?

Mas, quando saíram ao alpendre, descobriu que seu noivo tinha bebido tanto conhaque para ficar amoroso. Abandonou-a, esmagou-a contra a parede e tirou todo resto do esforço de Fannie dos lábios de Emily, e depois tratou de fazer o mesmo com a farinha do peito, mas lhe sujeitou a mão e lhe ordenou:

—Não, Charles, poderia sair alguém.

O noivo tomou as mãos, beijou-as com insistência, com paixão, até lhe fazer compreender que tinha cometido um engano ao lhe propor sair, assim vestida, e depois de que Charles estivesse bebendo. Por último, teve que lhe dizer com severidade:

—Charles, hei dito que não!

Por um momento, olhou-a irritado, frustrado, como se quisesse sacudi-la ou arrastá-la fora do alpendre, das luzes da janela, e oficializar o compromisso com algo mais que um beijo recatado. Viu que tentava recuperar a compostura até que, ao fim, retrocedeu e exalou uma baforada trêmulo de ar:

—Tem razão. Entra, que eu te seguirei em um minuto.

Quando voltou a entrar na sala, tinha as faces acesas e tinha perdido as flores do penteado. Seu pai levava acima a sua mãe, Fannie tocava o piano e Tom Jeffcoat olhava fixamente a porta, absorto.

Os olhares de ambos se encontraram e sentiu um novo golpe de atração por ele, teve a sensação de que podia adivinhar tudo o que tinha passado no alpendre. Teria os lábios inchados? Notar-se-iam as marcas das mãos de Charles? Teria um aspecto similar a como se sentia, os lábios despintados e borrados?

Bom, a Tom Jeffcoat não importava o que fazia com seu noivo. Levantou o queixo e se voltou.

Embora o evitasse o resto da velada, soube onde estava em cada momento, com quem falava, quantas vezes ria com Tarsy e quantas vezes com Charles. Também, sabia com exatidão quantas vezes observou à noiva de Charles, com seu vestido rosa emprestado, quando supunha que a moça não o advertia.

Pouco depois de meia-noite, Fannie se sentou ao piano e tocou os melífluos acordes de "Danubio Azul", de Strauss, convocando a todos a dançar. Casados o fizeram, mas os jovens se abstiveram, os varões aduzindo que não sabiam e as mulheres desejando que aprendessem. Fannie se levantou de um salto e lhes repreendeu:

—Tolices. Qualquer pode dançar. Daremos uma lição!

Fez-lhes formar um círculo, mesclando os bailarinos experimentados com os novatos e lhes ensinou os passados da valsa, enquanto cantarolava: Dá dá dá dá dum... Dum-dum! Dum-dum! Guiou os pés desse anel de primeiro gente adiante, depois atrás, esquerda, direita, fez que todos cantarolassem a conhecida melodia da valsa vienense. Dá dá dá dá dum... Dum-dum! Dum-dum! E enquanto cantavam e dançavam, escolheu a um companheiro e o levou a centro: Patrick Haberkorn, que se ruborizou e se moveu com estupidez, mas acessou com boa vontade.

—Siga cantando —disse a Patrick ao ouvido—, e esqueça-se de seus pés, salvo para fingir que guiam o meu em lugar de segui-los.

Quando Patrick começou a mover-se com razoável fluidez, pô-lo a dançar com Pontua Awk e realizou a mudança de companheiros. Tomou aos jovens, um após o outro, e lhes demonstrou quão divertida podia ser a dança. Uma vez que teve ensinado a Tom Jeffcoat, entregou-o a Tarsy Fields. Fez o mesmo com Charles e o pôs ante Emily. E quando estavam todos em casal e só ficava Edwin, abriu-lhe os braços convertendo-o em seu companheiro, dissimulando que o coração lhe expandia ao estar, por fim, em seus braços, e que sua risada só era uma máscara do intenso amor que sentia. Edwin a contentou, fazendo-a girar pela sala enquanto cantavam a dueto: Dá dá dá dá dum... dum-dum!

Dançaram menos de um minuto, até que Fannie, embora a inapetência, deixou-o, sentou-se ao piano e exclamou:

—Trocar de casal!

A isto seguiu um arrastar de pés e uma confusão e, quando se esclareceu, Emily se encontrou em braços de seu pai. Sorridente e com passo elegante, guiava-a.

—Está se divertindo, linda?

—Sim, papai. E você?

—Como nunca.

—Ignorava que soubesse dançar.

—Não dançava faz muitos anos. A sua mãe nunca interessou.

—Não acredita que estaremos impedindo de dormir?

—É obvio. Mas me disse que lhe agradaria escutar.

—Acredito que passou bem esta noite.

—Sei que é assim.

—A via mais forte e até tinha as faces rosadas.

—É pela Fannie. Faz milagres.

—Sei. Sinto-me feliz de que esteja aqui.

—Eu também.

—Mudança de casal!

—Uh! —exclamou papai—. Aqui vai.

Emily girou e se encontrou com Pervis Berryman, baixo e largo como uma banheira, mas ágil bailarino. Felicitou-a pelo compromisso e afirmou que a festa era o que o povoado estava necessitando. Disse que era grato ver às pessoas jovem dançando assim.

—Mudança de casais!

Pervis a entregou ao pai de Tarsy, que tinha o cabelo partido no meio e esmagado com pomada. Cheirava como sua loja de barbeiro: sabão, perfume, e o bigode encerado se agitava quando falava. Ele também a felicitou pelo compromisso, disse-lhe que se levava um homem excelente e que Tarsy estava tão entusiasmada com a festa dessa noite que lhe tinha pedida permissão para fazer uma sábado seguinte.

—Mudança de casais!

Emily se deu a volta e se achou nos braços de Tom Jeffcoat.

—Olá, maria macho —lhe disse, rindo.

—Você é um fastidioso insuportável — repôs a jovem, em tom amável.

—Ora, ora, ora! —riu, com o rosto para teto.

—Ainda vou desforrar-me.

—Por que? Esta noite, foi um modelo de bom comportamento, não é assim?

—Não acredito que saiba o que é o bom comportamento.

—Vamos, Emily, não comece a brigar. Prometi a Charles que faria todo o possível por me levar bem com você.

—Sabe perfeitamente que você e eu nunca nos levaremos bem. Também sabe que, se não fosse pelo Charles, agora não estaria nesta casa.

—Pratica para ser tão antipática ou lhe surge com naturalidade?

—Você pratica para ofender as mulheres ou lhe surge com naturalidade?

—Supõe-se que as anfitriãs devem ser corteses com os convidados.

—Eu o sou com meus convidados.

—Charles e eu nos levamos muito bem, sabe? Tenho a sensação de que estamos destinados a sermos amigos. Se for casar-se com ele, não lhe parece que teríamos que tratar de sorrir e nos suportar mutuamente... pelo bem dele?

—Você já sorri mais do que eu posso suportar.

—Mas nos encontraremos em ocasiões como esta durante... bom, quem sabe quanto tempo.

Em essência, era o que Fannie havia dito, mas Tom não tinha por que sabê-lo. Jeffcoat seguiu dizendo:

—Ponhamos por caso a noite do sábado que vem. Tarsy pensa dar outra festa e é provável que terminemos dançando juntos outra vez.

—Espero que não. É você um péssimo bailarino.

—Tarsy não opina igual.

—Não me pise, senhor Jeffcoat. Tarsy Fields não dançou nunca em sua vida, até hoje. Como pode sabê-lo?

—Você tampouco dançou até agora. Como sabe, pois?

—Olhe... —Retrocedeu e esmagou a saia com a mão—. Danificou a ponta do sapato de Fannie.

Tom jogou uma olhada e seguiu dançando.

—Fannie? Assim daí tirou a roupa.

—Pensei que não o tinha notado.

—Queria que o notasse?

—Você é o que me chamou maria macho!

—Primeiro, você me disse esfarrapado. Eu me visto assim porque é o mais conveniente quando trabalho.

—O mesmo faço eu.

Os olhares se encontraram e, embora relutantes, concederam-se um ponto um a outro.

—O que opina de uma trégua? Pelo Charles?

Emily encolheu os ombros e apartou a vista com indiferença.

—Disse-me que você será veterinária.

—Assim é.

—Esses eram os papéis que vi aquele dia, no estábulo?

—Estava estudando.

—Parece-lhe que tem suficiente força?

—Se tenho suficiente força?

Olhou-o, perplexa.

—Para atender animais de fazenda. Às vezes se requer muita força.

—Em ocasiões, uma mão pequena e um braço mais magro podem representar uma vantagem. Alguma vez ajudou a nascer a um bezerro?

—Não, só potros.

—Então, sabe.

Sabia e entendeu o raciocínio.

—De modo que sabe muito de animais.

—Suponho que sim.

Tom olhou ao redor.

—De todos os fazendeiros que estão aqui, qual diria você que cria os melhores cavalos?

Surpreendeu-lhe que lhe pedisse opinião, mas estava sério ao observar aos convidados e também ela os observou.

—É difícil dizê-lo. O clima de Wyoming produz os melhores cavalos da América do Norte. Temos cento e cinquenta pastos diferentes no estado, a qual melhor para os animais. Os invernos frios, a água limpa e o ar puro dão a nossos cavalos vigor e bons pulmões. O exército compra a maioria dos cavalos aqui.

—Isso sei. Mas, a quem lhe compraria?

Antes que pudesse responder, Fannie exclamou:

—Mudança de casais!

Cessaram de dançar de repente, apartaram-se e ficaram vacilantes, compreendendo que haviam mantido a primeira conversa civilizada e que não lhes tinha pesado.

—Pensá-lo-ei —prometeu a moça.

—Maravilhoso. E pense também a quem me convém comprar o feno. Se quero me instalar aqui, necessitarei conselho.

Outra vez se assombrou de que o pedisse a ela. Mas estava lhe oferecendo o ramo de oliva pelo Charles e o menos que podia fazer era aceitá-la.

—Com o feno não é tão importante. Pode comprar a qualquer um.

Tom assentiu, aceitando sua palavra.

Esperava-a um novo companheiro, mas quando Emily se voltou para ele, Jeffcoat a puxou pelo braço e a fez girar outra vez para ele. Sorridente, olhou-a aos olhos e disse, em voz baixa:

—Obrigado pelo baile, maria macho.

Estava muito perto, com o sorriso inclinado a escassos centímetros de sua testa e lhe chegava o aroma de sua pele, morna da dança; via com toda claridade os poros da pele no queixo barbeado, a covinha na face esquerda, a borda dos dentes, a expressão divertida dos olhos. Sentiu que algo se agitava entre os dois e, como em um relâmpago, perguntou-se como seria que a enconstasse no alpendre e que quem lhe tirasse a cor dos lábios com um beijo fosse Tom em vez de Charles.

A loucura durou um segundo, até que se soltou e ironizou:

—Para a próxima semana, será melhor que pratique. Tenho os pés desfeitos.

O resto da noite se evitaram amavelmente, enquanto Fannie ensinava a todos a valsa, um cruzamento entre polka e mazurka. Emily se pegou a Charles e Tom, a Tarsy. Antes que acabasse a velada, Tarsy comunicou que sua própria festa seria à mesma hora, a semana seguinte em sua casa e que estava convidada toda a gente jovem. Quando foi hora de despedir aos convidados, Emily e Charles ficaram junto à porta, recebendo os bons desejos de despedida. Charles intercambiou um apertão de mãos com Tom e Tarsy abraçou Emily, enquanto lhe murmurava ao ouvido:

—Acompanhar-me-á caminhando a casa! Amanhã te contarei!

Quando seu noivo se foi, Emily ajudou Fannie e seu pai a limpar a casa, e se perguntou se Tom estaria encostando Tarsy contra a parede do alpendre e se sua amiga o desfrutaria.

O que pergunta tão estúpida! O mais provável era que fosse Tarsy a que encostasse Tom!

Pensou nos beijos e no motivo de que a algumas garotas gostasse e a outras não. Recordou o acontecido consigo mesma e com o Charles essa noite e como se sentiu quase ofendida por seus toques. Já estava comprometida com ele e, se podia acreditar em Tarsy, deveria desfrutá-lo, até desejá-lo.

Possivelmente tivesse algum problema.

Subiu ao andar superior cinco minutos antes que Fannie e se sentou à luz do abajur, refletindo preocupada. Acaso uma moça devia preferir trabalhar em um estábulo a beijar a seu noivo? Certamente não. E entretanto, assim era... às vezes, quande Charles a beijava, quando cedia por puro sentido do dever, pensava em outras coisas: nos cavalos, em emparvar feno, em cavalgar por um campo aberto com o cabelo flutuando ao vento como a crina do animal que montava.

Desanimada, tirou o vestido rosa e o pendurou, soltou o cabelo e o escovou, contemplando-se pensativa no espelho. Tocou os lábios, fechou os olhos e passou as gemas dos dedos pelo peito, imaginando que eram os de Charles. Quando fosse seu marido, tocá-la-ia e não só aí, mas também em outros lugares, de outras maneiras. Abriu os olhos e viu sua imagem refletida, sentindo-se pesarosa. Tinha visto os cavalos acoplando-se e era algo desgracioso, vergonhoso. Como poderia fazê-lo com Charles?

Afligida, vestiu a camisola e se meteu na cama, ouvindo o murmúrio de papai e Fannie que subiam a escada e se diziam boa noite no corredor. Fannie entrou, fechou a porta, desabotoou o vestido, desatou o

espartilho e escovou o cabelo, cantarolando.

Ah, ser como Fannie...! Lançar-se à vida sem preocupar-se com nada, solteira e feliz de sê-lo, indo depois do primeiro capricho que a atraíra.... Emily estava segura de que ela teria as respostas.

Uma vez que baixou o abajur e as molas da cama se sossegaram, Emily fixou a vista no teto sentindo um nó na garganta.

—Fannie? —murmurou ao fim.

—O que? —murmurou Fannie por cima do ombro.

—Obrigada pela festa.

—foi um prazer, querida. Passou-a bem?

—Sim... e não.

—Não? —voltou-se e tocou o ombro da moça—. O que passa, Emily?

Levou-lhe um minuto inteiro reunir coragem para perguntar:

—Fannie, posso te perguntar algo?

—Seguro.

—É algo pessoal.

—Está acostumado a ser assim, quando as garotas sussurram na escuridão.

—Trata-se dos beijos.

—Ah, os beijos.

—Perguntaria a minha mãe, mas... bom, já a conhece.

—Sim. Em seu lugar, eu tampouco lhe perguntaria.

—Alguma vez beijou a um homem?

Fannie riu com suavidade, ficou de costas e se acomodou melhor no travesseiro.

—Eu adoro beijar aos homens. Beijei a uns quantos.

—Todos beijam igual?

—Nunca. Querida, os beijos são como os flocos de neve: não existem dois iguais. Há curtos, compridos, tímidos, audazes, provocadores, sérios, secos e úmidos...

—Sim, os úmidos. Esses são. São... eu... Charles... o que digo é que...

—São deliciosos, não?

—Sim? —disse Emily, duvidosa.

—Ou seja que para ti não o são?

—Bom, às vezes. Mas outras, sinto que... bom, como se não

estivessem permitidos. Como se estivesse fazendo algo errado.

—Não te põe como embriagada, impaciente?

—Em uma ocasião... quase. Foi o dia que Charles se declarou. Mas faz tanto tempo que o conheço que me parece mais um irmão e, a quem lhe interessa que a beije seu irmão?

Fez-se silêncio, enquanto as duas se sumiam em seus próprios pensamentos.

Finalmente, Emily falou:

—Fannie.

—Sim?

—Alguma vez esteve apaixonada?

—Profundamente.

—Como é?

—Dói. —ouviu-se o rangido do travesseiro quando a moça voltou com brutalidade a cabeça para observar à mulher. Mas antes que pudesse fazer mais perguntas, Fannie lhe ordenou com doçura—: Durma agora, querida, é tarde.

Capítulo 7

Ao dia seguinte, domingo, Tarsy estava esperando para saltar sobre Emily à saída de Coffeen Hall, antes ainda de que começasse o serviço religioso. Aferrou o braço de sua amiga e a apartou, quase sem saudá-la.

—Emily, espera que te conte! Não acreditará! Mas agora não é o momento. Diga ao Charles que acompanhará a casa e então te contarei tudo!

Resultou que quem acompanhou Tarsy a casa foi Tom Jeffcoat, mas encontrou a Emily essa tarde, no estábulo.

—Em, está aqui?

—Aqui acima! —respondeu Emily do palheiro.

Tarsy foi até o pé da escada e olhou para cima.

—O que está fazendo aí?

A amiga colocou a cabeça.

—Estudando. Sobe.

—Com o vestido, não posso subir a escada.

—Claro que pode. Eu tenho o meu posto. Pode levantá-lo até a cintura.

—Mas, Emily...

—Aqui acima está agradável. É um de meus lugares preferidos, em especial os domingos, quando não há ninguém por aqui. Vem.

Tarsy elevou a saia e subiu. A imensa porta em forma de flecha do celeiro estava aberta e deixava passar um jorro de sol que iluminava o feno. As andorinhas entravam e saíam voando, aninhavam nas vigas e, além da porta aberta, estendia-se uma vista panorâmica do povoado, a saída sul ao vale e as azuis Big Horns ao Sudoeste. Tarsy não viu nada disso. Deixou-se cair de costas, estirou-se e fechou os olhos.

—OH, o que cansada estou.

Sentada perto, Emily viu um batalhão de bolinhas de pó que se elevavam e sentiu a fragrância do feno revolto.

—Terminou tarde, ontem à noite — disse.

—Mas me diverti muito. Obrigado, Emily. —Abriu os olhos às andorinhas e as vigas, estirou uma mecha de cabelo e murmurou, sonhadora—: Acredito que estou apaixonada.

Emily lhe dirigiu um olhar invejoso.

— Por Tom Jeffcoat?

—E que outro?

—Que rápido.

—Ele é maravilhoso. —Tarsy sorriu, satisfeita, e enroscou um cacho em um dedo, até o couro cabeludo—. Ontem à noite me acompanhou caminhando a casa e nos sentamos a conversar sobre os degraus do alpendre, quase até as três da madrugada. Contou-me toda sua vida... toda! —A fadiga de Tarsy se desvaneceu em uma piscada e se incorporou com os olhos brilhantes—. Tem vinte e seis anos e viveu em Springfield, Missouri, toda a vida, com sua mãe, seu pai, um irmão e três irmãs, que ainda vivem ali. Sua avó lhe emprestou o dinheiro para vir aqui e iniciar seu negócio. Mas diz que pensa devolver-lhe dentro de cinco anos, e sabe que pode fazê-lo, pois está seguro de que este povoado crescerá e não lhe teme ao trabalho duro. Mas escuta isto! — sentou-se com as pernas cruzadas e se inclinou adiante com expressão ávida—. Faz um ano, comprometeu-se com uma mulher chamada Julia March, mas aos nove meses o abandonou por um banqueiro rico chamado James, Jones, ou algo assim. Imagine! Todo esse tempo, enquanto dançava e punha expressão alegre em sua festa, estava ocultando um coração destroçado porque era o dia das bodas de sua antiga noiva. Vi-o muito triste quando me contava isso e depois me abraçou, apoiou o queixo em minha cabeça e pouco depois me beijou.

Como foi? A pergunta saltou na mente de Emily antes que pudesse impedi-lo e Tarsy respondeu, sem sabê-lo:

—OH, Emily... —Suspirou e se deitou de costas no feno, como embriagada—. Foi delicioso. Foi como deslizar-se pelo arco íris. Como se sobre meus lábios dançassem anjos. Foi...

—Não faz mais que uma semana que o conhece.

Tarsy abriu os olhos.

—E o que? Estou apaixonada. E é muito mais amadurecido que Jerome. Quando Jerome me beija, não passa nada. Tem os lábios duros. os de Tom são brandos. E os abriu, e eu acreditei que morreria de êxtase.

Emily se sentiu irritada. Nunca tinha sido assim com Charles. Deslizar-se pelo arco íris? Que absurdo. E que indiscreto por parte de Tarsy revelar detalhes tão íntimos. O que fez com Jeffcoat teria que ter ficado na mais estrita confidência. Escutá-lo incomodou a Emily como se

ocultasse a observá-los.

Desde esse dia, cada vez que Emily via Tom Jeffcoat recordava o encantado relato de Tarsy, imaginava e especulava sobre qual teria sido a reação dele. Se fosse por sua vontade, o teria evitado, mas Tom passava várias vezes ao dia quando ia e vinha de seu próprio estábulo. Frequentemente Charles estava com ele, pois os dois comiam quase sempre juntos no hotel e trabalhavam todos os dias cotovelo com cotovelo na construção. Em ocasiões, Charles passava pelo estábulo de Walcott para saudar ou dizer a Emily se iria à casa de noite e Jeffcoat ficava no fundo sem interferir, embora a moça sempre tinha uma aguda consciência de sua presença. Enquanto ela e Charles falavam, Tom se apoiava contra uma prancha mastigando uma fibra de feno, com o chapéu jogado atrás e o polegar na cintura das indecentes calças ajustadas. Quando se foram, saudava com o chapéu e falava pela primeira vez:

—Bom dia, senhorita Walcott.

Ao que Emily respondeu com secura, sem olhá-lo. Não podia entender por que a irritava tanto, mas assim era. Sua só presença no estábulo de seu pai lhe provocava desejos de lhe dar um chute no traseiro e fazê-lo sair voando!

Evitava ir à construção de Tom com supremo cuidado, mesmo que Charles trabalhasse ali. Às vezes, de pé na porta do grão de seu próprio estábulo, escutava os martelos, via crescer a construção e desejava que caísse um raio do céu e deixasse o terreno liso.

E às vezes se perguntava se os lábios desse homem seriam suaves.

A manhã da sexta-feira, depois da festa, estava sozinha no escritório memorizando receitas de unguentos, com os pés apoiados sobre o escritório, de costas à porta, quando uma voz disse, detrás dela:

—Olá, maria macho.

Saiu disparada da cadeira como impulsionada por pólvora negra. Quando deu a volta, o livro caiu ao chão. Aí, apoiado no marco da porta com seu sorriso inclinado, estava esse canalha de Jeffcoat.

—Um pouco assustadiça, não?

—O que está fazendo você aqui? —disse-lhe, chateada.

—Assim se saúda um amigo? —separou-se do marco, levantou o livro e o entregou—. Tome, deixou cair algo.

Os lábios do homem, malditos! Tinham uma aparência como para que os anjos dançassem sobre eles. Arrebatou-lhe o livro com brutalidade e o deixou de um golpe sobre a mesa:

—O que quer?

—Podemos falar?

—Do que?

Sem lhe responder, dirigiu-se ao divã onde o gato cor caramelo dormia, em seu lugar de costume, levantou-o e, de costas a Emily, nariz com nariz com o animal o sustentou no ar:

—Você sim tem vida boa. Cada vez que venho está enroscado dormindo. Como se chama, heim?

—Taffy — respondeu Emily, indignada—. A isso veio, a averiguar o nome de meu gato?

Jeffcoat lhe dirigiu uma semi sorriso sobre o ombro e voltou a atenção ao gato.

—Taffy — repetiu, lhe acariciando sob o queixo. Sem ter a menor pressa, sentou-se no divã sem deixar ao gato, fazendo-o ronronar—. Preciso comprar gado para meu estábulo — lhe anunciou, com a vista cravada no gato—. Ajudar-me-á?

—Eu! —A surpresa fez que Emily se sentasse outra vez—. Por que eu?

Por fim, Jeffcoat a olhou:

—Porque Charles diz que você sabe de cavalos mais que a maioria dos homens.

—Isso não é um pouco presunçoso, senhor Jeffcoat...?

—Tom.

—... pedir a mim, que para começar, não quero que esteja aqui, que o ajude a iniciar seu negócio?

—Pode ser. Mas você vive aqui há mais tempo, conhece os fazendeiros, sabe quem é honesto, quem não, qual tem os melhores cavalos, onde vivem. Agradeceria-lhe que me ajudasse.

Emily tomou ar, conteve o fôlego e se preparou para um discurso retórico, mas em vez disso o ar saiu em uma inesperada gargalhada.

—Você me assombra, sabe?

—O que é o assombroso?

—Sua temeridade.

Tom soprou na cara do gato e sugeriu:

—Poderíamos ir esta tarde. Ou na segunda-feira. —O gato espirrou e sacudiu a cabeça. Jeffcoat riu e a olhou—. Preciso me assegurar uns doze cavalos e encontrar um granjeiro que me enfaixa o feno. No final da semana que vem terei a plataforma giratória instalada, mas ainda não

tenho cavalos nem carruagens. O que diz, ajudar-me-á?

Por um momento, sentiu-se tentada. Depois de tudo, esse sujeito abriria suas portas e não tinha modo de impedir-lhe. Por outra parte, sua amizade com Charles parecia sólida e seria duro para ele se ela, como esposa, seguia desalentando-o.

Mas enquanto pensava, posou a vista nos lábios de Jeffcoat e, de repente, recordou a descrição de Tarsy do beijo.

—Sinto muito, Jeffcoat. —levantou-se de um salto e foi para a porta—. Terá que procurar a outra pessoa para que o ajude. Estou ocupada.

Como era lógico, Charles se inteirou de que se negou a ajudar a seu amigo e essa noite a repreendeu com gentileza:

—Pode ser um pouco mais amável com ele, não? Para ele é duro estar sozinho aqui.

—Eu não gosto dele. Por que tenho que lhe ajudar?

—Porque seria uma atitude de boa vizinha.

—Ele assegura que se ocupa de cavalos de toda a vida. Deixa que os encontre sozinho.

À manhã seguinte, Emily estava limpando as baias quando ouviu uma carruagem que se aproximava. Uns passos apressados se dirigiram ao escritório de seu pai e, um momento depois, ouviu dois homens falando. Edwin saiu a procurá-la.

—Emily!

—Estou aqui atrás, papai.

O homem parou a entrada do pesebre, seguido por um homem mais baixo, de semblante preocupado.

—Bom, pequena doutora. —Sorriu-lhe com indulgência à filha—. Queria ter oportunidade de praticar e aqui está. Conhece o August, verdade?

—Olá, senhor Jagush.

August Jagush era um polonês fornido, recém-chegado do Velho Mundo. Tinha uma cara redonda, corada, bigodes e as mãos largas como pratos de sopa. Levava uma camisa vermelha escocesa abotoada até o pescoço e, na cabeça, uma boina de lã de viseira plaina gasta da Polônia. Jagush a tirou e fez uma reverência servil.

— Ora, olá, senhorita — disse com forte acento.

Edwin atuou de intérprete.

—August tem uma porca prenha que está de parto, mas faz dezesseis horas que começou e não passou nada. Tem medo de que os leitões morram e, possivelmente, também a porca se não acontecer algo logo.

Irias dar uma olhada?

—É obvio. —Já se apressava a cruzar o estábulo. Sabia que os leitões poderiam sobreviver no canal de parto, no máximo, duas horas mais, e talvez levasse todo esse tempo chegar à fazenda de Jagush—. Necessitarei um cavalo selado e minha mala.

—Selarei Sagebrush — ofereceu Edwin.

Jagush disse:

—A senhorita me manda uma lista, eu posso ir à loja de ferragens de Loucks antes de voltar.

—Em sua fazenda, terá um pouco de cerveja? —perguntou Emily, saindo do escritório.

—Cerveja? Ora, que polonês não tem cerveja?

—Está bem, porque necessitarei um pouco.

Se esperasse Jagush, perderia um tempo precioso. Sem dúvida, o animal devia estar sofrendo e Emily não queria prolongar esse sofrimento mais do imprescindível.

—Senhor Jagush, se estiver de acordo, não lhe esperarei. Sei onde vive.

—Ora, se apresse, senhorita.

A Emily lhe ocorreu que Jagush vivia no caminho do rancho Lucky L. Tom Jeffcoat queria comprar cavalos. E Charles a chateava para que lhe ajudasse. Cal Liberty tinha fama de criar os cavalos de sela norte-americanos mais sãs e fortes, e de estar tão orgulhoso deles como para não vender nada inferior. Emily tomou uma decisão repentina.

—Papai — chamou.

—O que?

—Sela também Gunpowder. Levarei Jeffcoat comigo.

O estômago dançava de excitação. Por fim, uma verdadeira chamada. Poucos fazendeiros tinham pedido sua assistência. Por instinto, duvidavam de sua aptidão por ser uma mulher e porque ainda não tinha obtido o certificado de Barnum. E embora o recebesse, não era quão mesmo o diploma de uma universidade de medicina veterinária. Se não fosse porque essas universidades estavam no leste, Emily estaria assistindo a uma delas. Mas amava aos animais e tinha o que seu pai chamava um instinto natural para atendê-los. Passaria tempo até que os fazendeiros maiores confiassem nela. Enquanto isso, poderia ajudar aos pequenos, como Jagush, cada vez que fosse possível, e esperar que se consolidasse sua reputação.

No escritório, abriu a maleta de couro negro e passou revista ao instrumental: pinças, bocado e sonda esofágica; fórceps de duas

medidas; colheres especiais para dar comprimidos aos animais; umas tesouras curvas, tesouras de mão, um cortador de rebites; funis, cânulas; faca gancho de ferreiro; e uma variedade de ferramentas comuns: um cinzel de aço, um alicate e um martelo de orelhas. Sim, tinha tudo. E também garrafas e frascos, pulcramente encostados aos flancos da maleta, sujeitos por uma tira de couro.

Satisfeita o fechou, envolveu-o em um avental negro de borracha, sujeitou-o aos arreios e montou.

— Deseje-me sorte, papai — disse em voz alta, enquanto Edwin lhe passava as rédeas de Gunpowder.

—Tira-os vivos, linda! —gritou-lhe, quando esporeou os flancos do Sage e saiu ao trote pela porta dobro.

Meio minuto depois, puxava as rédeas ante a grande porta norte do estábulo de Jeffcoat, levando a reata ao outro animal.

—Jeffcoat? —gritou. Dentro, cessaram os golpes rítmicos de um par de martelos—. Jeffcoat, está aí?

Esquadrinhou nas profundidades do edifício, ao que se aproximava pela primeira vez. Era maior que o de seu pai e prometia ser muito mais aproveitável, com chão de tijolo, degraus verdadeiros para o mezanino em lugar de uma escada de pedreiro, meias portas nas baias e o cabrestante para a plataforma já colocado. As janelas estavam instaladas, a porta corrediça pendurada e nesse momento aberta para deixar passar a luz nos dois extremos do abrigo. As baias da esquerda estavam quase terminados e dele emergiu Jeffcoat. Até pelo contorno Emily soube que era ele e não Charles, pelo contorno do chapéu de vaqueiro e o comprimento das pernas.

—É você, maria macho?

—Sou eu. Quer ir ver cavalos para comprar ou não?

—Oi, Charles! —Tom deixou cair o martelo—. Poderá trabalhar sem mim um par de horas? Aqui há alguém que diz que me levará a comprar cavalos.

Apareceu Charles detrás de Tom e juntos percorreram a extensão do abrigo.

—Emily, que surpresa. —deteve-se junto a Sagebrush, tirou as luvas de trabalho e sorriu a sua noiva—. Por que não entra em ver a construção? Realmente, vai tomando forma.

—Sinto muito, mas não tenho tempo. Vou à fazenda de August Jagush a ver uma porca prenhe que tem dificuldades para parir.

—Levará o Tom lá? —perguntou, surpreso.

—Não, ao Lucky L quando terminar... está perto e suponho que Cal Liberty o tratará bem. Jeffcoat, se for vir, dê-se pressa.

—Está seguro de que não se incomoda, Charles? —deteve-se perguntar Jeffcoat.

—Absolutamente. Vá com ela.

Enquanto Tom tomava as rédeas que lhe passava Emily e montava, Charles apertou a panturrilha a sua noiva e disse em voz fica:

—Obrigado, Emily. Tom estava preocupado pela compra desses cavalos.

—Veremo-nos esta noite — respondeu, esporeando Sagebrush.

Seria melhor alargar os estribos para Tom, mas Emily saiu ao trote do animal e o deixou torcido de lado nos arreios.

—Ei, espere um minuto.

—Pode me alcançar! —gritou-lhe, sem diminuir o passo.

Enquanto Charles o ajudava a ajustar as correias dos estribos, Tom jogou um olhar à noiva de seu amigo e perguntou:

—Sempre é assim temperamental?

—Já se acostumará a ti. Dê-lhe tempo.

—Tem o temperamento de um búfalo ferido. Diabos, não sei sequer o nome do cavalo.

—Gunpowder, Pólvora.

—Gunpowder, heim? —E disse ao cavalo—: Bom, será melhor que tenha um pouco, pois teremos que nos esforçar para alcançá-la. —Uma vez ajustados os estribos, disse—: Obrigado, Charles. Veremo-nos quando voltar, se ficar tempo. Se não, na casa de Tarsy.

Saiu ao meio galope, olhando carrancudo ao cavaleiro que o precedia. A moça cavalgava melhor do que a maioria das mulheres caminhavam, com um bamboleio e um equilíbrio naturais, as costas erguida, as rédeas em uma mão, a outra apoiada sobre a coxa. Outra vez usava a boina do irmão, mas estava tão bem sentada na arreios que nem se movia. À medida que se aproximava, pelo flanco, advertiu o ajustado das calças sobre a coxa, a vista fixa no horizonte, os lábios apertados. Esse dia estava totalmente carente de calidez, só manifestava coragem e decisão. Mesmo assim, fascinava-o.

—Ei, diminua um pouco! Do contrário, esse cavalo se cobrirá de espuma.

—Pode suportá-lo. E você?

—Está bem, irmã, são esses cavalos.

Cavalgaram em silêncio quase uma hora e meia. Tom a deixou marcar o passo, diminuindo a marcha quase ao passo quando diminuía, galopando quando galopava. Só falou uma vez, quando foram tomar o

atalho para seu destino.

—Esta terra não é apta para criar porcos, mas Jagush é polonês e os poloneses comem carne de porco. Faria melhor em trazer cordeiros quando se estabeleceu.

Uma mulher baixa e roliça com um xale na cabeça saiu de um abrigo no momento em que chegaram. Tinha o rosto redondo como uma cabaça, contraído de preocupação.

—Está aqui! —exclamou a senhora Jagush, assinalando o grosseiro abrigo de troncos—. Apresse-se.

Ao desmontar, Emily disse a Jeffcoat:

—Se quiser, pode esperar aqui. O aroma será muito mais agradável.

—Possivelmente necessite ajuda.

—Como quiser. Só lhe peço que não bata em mim.

Voltou-se de lado nos arreios, deslizou-se ao chão, aterrissou com agilidade e deixou que Tom amarrasse ambos os cavalos ao poste de uma cerca enquanto ela tomava o pacote de atrás dos arreios. Foram juntos até o abrigo onde se encontraram com a senhora Jagush, com o rosto marcado por muitas horas de ansiedade.

—Grracias por venirr. Minha Tina não está muito bem.

Não, Tina não estava muito bem. A porca jazia de flanco, sacudida por violentos tremores de febre. Aparentemente, ao perceber que se aproximava a hora, tinha juntado palha para formar um ninho. Mas tinha estado aí, deitada, removendo-se, a maior parte do dia, em algum momento rompeu a bolsa de águas, empapou-lhe a cama e agora estava esmagada. Emily colocou o avental de borracha e, sem emprestar atenção ao estado do curral, ajoelhou-se e tocou a barriga da cerda que estava de um vermelho intenso em lugar da acostumado cor rosada. Também tinha as orelhas escarlate, indício seguro de dificuldades.

—Não se sente muito bem, né, Tina? —Falou-lhe em voz muito baixa, e logo informou à senhora Jagush—: Preciso lavar as mãos. E seu marido me disse que tinha cerveja na casa. Poderia me trazer um quarto?

—Ogora.

—E toucinho. Bastar-me-á com meia taça.

Quando a senhora Jagush saiu, Jeffcoat estranhou:

—Cerveja?

—Não é para mim, a não ser para Tina. Aos porcos adoram a cerveja e os calma. Pegue essa forquilha, para poder levantá-la.

Jeffcoat lhe obedeceu, e olhou como deslizava as puas debaixo da porca e a balançava com suavidade para o chão. Aborrecida mas ileso, a

porca ficou de pé.

—Os porcos são muito flexíveis. Levantam-se e se tornam com naturalidade, inclusive durante o parto, de modo que não lhe fará nenhum dano empurrá-la um pouco. Boa garota —a elogiou, esfregando o lombo do animal quando esteve levantada.

Tom observou que lhe falava com a porca com mais calidez da que brindava à maioria das pessoas. Entretanto, a preocupação pelo animal lhe afrouxou a língua e lhe explicou:

—As porcas dão a luz dos dois lados, sabia isso? Primeiro se deitam e parem a metade da cria de um lado, depois se levantam e os limpam antes de tornar-se outra vez do outro lado e fazer o mesmo. Ninguém sabe por que.

A senhora Jagush tinha retornado com o pedido: uma bacia branca, toucinho e a cerveja em uma lata amolgada. Quando a colocou diante de Tina, esta reagiu como uma verdadeira porca, bebeu e lambeu até deixá-la seca e se deitou de flanco com um grunhido.

Emily lavou as mãos, primeiro com sabão comum e água, depois com uma solução de ácido fénico, e quando as secou, prosseguiu desinfetando óleo e lubrificando a mão direita.

Jeffcoat a observava com crescente admiração. Tinha passado toda a vida perto dos animais e ouviu multidão de histórias relacionadas com negligências e sabia que morriam mais animais por infecções provocadas pelas mãos não suficientemente desinfetadas que das complicações naturais do nascimento.

Emily se engordurou mais acima do pulso só então o olhou pela primeira vez desde que entraram no abrigo.

—Se quer ajudar, pode lhe sujeitar a cabeça.

Sem falar, Tom ocupou o lugar junto à cabeça de Tina.

—Muito bem, Tina. —Falando em voz baixa e serena, a moça se ajoelhou—. Vejamos se podemos te ajudar um pouco.

Tom observou, cada vez com mais admiração, como Emily sujeitava a cauda do porco, fazia pinça com os dedos e os colocava dentro do animal. Não devia haver outra tarefa tão repugnante em todo o referido à atenção dos animais, mas a executou com a mente posta em um só objetivo. Os músculos da porca estavam tensos e não se separavam com facilidade; se não tivesse sido assim, sem dúvida os porquinhos já teriam nascido e estariam mamando. Emily apertou a mandíbula, endureceu o braço e manobrou com uma agilidade que não muitos homens poderiam exibir. Sua mão desapareceu até o pulso e depois mais. Tinha a vista fixa, a concentração nas vísceras do animal. Medindo, mordeu-se o lábio inferior e murmurou:

—Aqui está.

Quando tirou a primeira cria, a pestilência os golpeou como uma explosão fétida e revolveu o estômago de Tom com tal brutalidade que tragou saliva contra sua vontade. Emily enxugou o rosto, inspirou com a cara volta por volta do ombro e se voltou para revisar ao recém-nascido.

—Está morto — declarou—. Leve-lhe pois se não tratará de comer-lhe A senhora Jagush se apressou e, com uma pá, levou o feto fora. Emily apoiou a cara no ombro para evitar o fedor enquanto enchia outra vez os pulmões.

Quando se ergueu outra vez, disse:

—Estejam atentos. Aqui vamos outra vez.

Tirou cinco crias e, com cada um, a pestilência aumentava. Tom esmagava com frequência o nariz contra o ombro e se perguntava como podia ser que uma pessoa, mais ainda, uma mulher, pudesse escolher uma ocupação semelhante. Quando teve saído o sexto porco morto, disse:

—por que não faz uma pausa e respira um pouco de ar fresco?

—Quando tivermos tirado todos — respondeu estoica, sem aceitar mais alivio que uma rápida inspiração contra sua própria manga.

Chegou um momento em que a manga também se sujou, umedecida pela transpiração da própria Emily, e em alguns lugares, fedorento pelas vísceras e as secreções dos animais. À medida que a palha se umedecia e se apodrecia, o aroma se fazia mais insalubre, mas Emily seguia ajoelhada nela sem queixar-se. Ao aproximar o final, teve arcadas, mas se esforçou para terminar.

Os últimos fetos os tirou August, que tinha chegado do povoado a tempo para ver que nasciam mortos.

Finalmente, Emily disse a Tom:

—Esse era o último. Vamos, agora podemos tomar um descanso.

Saíram depressa fora, ao ar limpo e ao sol, derrubaram-se contra a parede do abrigo e aspiraram grandes baforadas de ar, com os olhos fechados, deixando cair as cabeças atrás, aliviados.

Quando pôde falar de novo, Tom murmurou:

—Jesus.

—O pior terminou. Obrigada por sua ajuda.

Enquanto os Jagush enterravam aos nove porquinhos mortos, Tom e Emily compartilharam o ar fresco. Ao fim, Tom girou a cabeça para contemplar o perfil de Emily, o nariz elevado para o sol, a boca aberta deixando passar o ar fresco.

—Faz isto frequentemente?

A moça voltou o rosto para ele e esboçou um sorriso fatigado, mas

satisfeita de si mesmo.

—É a primeira vez com porcos.

O respeito de Tom por ela foi aumentou. Tinha que elogiá-la. Os louvores cruzaram por sua mente como cintas, mas, em última análise, limitou-se a sorrir e a dizer com suavidade:

— Fez muito bem, maria macho.

Para sua surpresa, repôs:

—Obrigada, ferreiro, você tampouco o fez tão mal. E agora, o que lhe parece se nos lavamos as mãos antes de terminar?

—Há mais? —perguntou, afligido.

—Assim é.

Separou-se da parede.

—Abra a marcha, doutor.

Lavaram-se no lago do pátio e quando terminaram voltaram para abrigo, onde Emily preparou uma solução de tintura de acónito e a deu a Tina para baixar a febre e depois, um banho de ácido fénico para limpar o útero da porca. Tirou da maleta uma parte de mangueira com um funil em uma ponta.

—Poderia sustentar isto, por favor? —pediu a Tom, lhe dando o funil.

Descobriu que cada vez lhe agradava mais ajudá-la, pois observá-la não só era educativo, mas também, além disso, começava a desfrutá-lo. Emily se tinha despojado de toda sua capa de frieza e se transformou em uma pessoa forte, decidida, tão cativada por seu trabalho para esquecer o antagonismo contra Tom Jeffcoat. Não pôde evitar admirar outra vez sua tolerância e calma quando inseriu a mangueira no corpo de Tina e lhe ordenou:

—Levante mais alto o funil — e jogou nele a preparação.

Muito próximos no abrigo fedorento, ouviram gorgolejar o líquido que a gravidade fazia descer lentamente. O que tinham acontecido os ligava com uma estranha e sensual intimidade que, embora por momentos fosse repugnante, tinha a eterna fascinação de todo nascimento. Já tinham tempo para pensar no acontecido a hora passada e as mudanças que tinha provocado no respeito mútuo. Emily encheu outra vez o funil e, enquanto esperavam que se esvaziasse, olharam-se. Tom esboçou um sorriso vacilante, inquieta, e Emily a respondeu. Não era o sorriso cansado que lhe dedicou quando estavam apoiados, exaustos, contra a parede do abrigo. Este era um sorriso genuíno, com vontade. Embora tenha baixado a vista no instante mesmo em que compreendeu o que acabava de fazer, esse intercâmbio derrubou uma barreira. Tom também o compreendeu e pensou: "Tome cuidado, Jeffcoat, ou esta maria macho poderia apoderar-se de ti."

Uma vez terminado o trabalho, os instrumentos já limpos, saíram fora, Tom detrás. Emily, sob o sol das últimas horas da tarde, deu instruções à senhora Jagush.

—Não a deixe cruzar cada vez que estiver no cio, pois se o fizer, ela se debilitará e as crias também. Dê um descanso entre um e outro, e comece a lhe dar não mais de trinta gramas por dia de extrato de bago de espinheiro negro, misturado com a água. Pode consegui-lo na drogaria e lhe ajudará a evitar abortos. Alguma pergunta?

— Sim — respondeu August—. Quanto me custará isto?

Sorriu, enquanto atava suas coisas aos arreios.

—Seria muito um leitão? Se a próxima cria viver, levar-me-ei um na época do desmame e o criarei no curral do estábulo.

—Terá uma cria de porco, jovem senhorita, e obrigado por vir a ajudar a Tina. A senhorita estava muito afligida esta manhã, não é assim, senhorita?

A senhora Jagush assentiu e sorriu, unindo as mãos em gesto de gratidão.

—Deus a benza, senhorita. É uma boa moça.

Emily e Tom montaram e saudaram com a mão ao casal, que os despedia do caminho de saída.

O caminho da fazenda dos Jagush torcia ao Noroeste e, quando o tomaram, o sol já lhes dava do lado esquerdo. Tom tirou um relógio do bolso e o abriu:

—Já são quatro e a festa de Tarsy começa às sete. Possivelmente deveria deixar para outra vez a me apresentar ao Liberty.

—De todos os modos, a festa de Tarsy será estúpida. Prefiro ir ao Liberty que jogar jogos de salão.

—Ah, de modo que jogaremos jogos de salão.

—Fannie lhe pôs essas ideias na cabeça. O baile da cadeira, charadas e quem sabe o que outra coisa.

—Opino que não lhe viria mal um pouco de diversão depois de uma tarde como a que suportou.

Emily lhe lançou um olhar de soslaio, acompanhada por um esboço de um sorriso.

—Se me dessem a escolher entre ir ver os cavalos e os jogos de salão, sempre preferiria os cavalos.

Embora estivesse de acordo para seus adentros, Tom sentiu a obrigação de lhe recordar:

—Charles está ansioso por ir.

—Já sei. Por isso irei, mas se eu me atraso, irá sozinho a casa de Tarsy. Vamos, cavalguemos.

Com um roce dos talões Sagebrush se lançou ao galope e Tom a seguiu com Gunpowder. Galopando junto ao flanco esquerdo, observou o que podia ver do perfil de Emily: o queixo obstinado, o lábio inferior cheio, que se projetava apenas para fora enquanto sua proprietária se concentrava no caminho, as pestanas negras e a boina torcida sobre a orelha esquerda, as rédeas em uma só mão, os seios, firmes, que não se balançavam com os movimentos das costas que acompanhavam o subir e descer do largo lombo que tinha debaixo. Os olhos de Tom se atrasaram nos seios mais tempo do aconselhável e de repente advertiu, com certo alarme, o que era o que estava pensando.

Pare aí, Jeffcoat, Por Deus, pare!

Apartou a vista e se concentrou na paisagem.

Estavam realmente em terra de fazendas e o horizonte indefinido trocava a cada curva do caminho. Era uma paisagem de ravinas, colinas ondulantes, um quadro calcinado pelo sol e refrescado pelas nuvens. As ladeiras das colinas estavam salpicadas de manchas verde claro dos álamos, e por fileiras mais escuras de outra variedade, onde rios saltitantes baixavam precipitados da zona dos topos, sobre a linha de vegetação Lá encima a neve era permanente e sua brancura contrastava com o púrpura dos picos. Mais abaixo apareciam outras linhas brancas: as flores recortadas contra as pedras pelas que se ocupava a água e que davam a impressão de manchas de neve. Por toda parte crescia a salvia aromática, em matas aveludadas de um verde prateado, embelezadas com flores amarelas que pulverizavam seu aroma de terebintina pelo ar estival. Ao longe, os currais de ovelhas pareciam tropeçar como fósforos cansados sobre as colinas verdes. Tudo estava coberto de vegetação viçosa e fértil.

Viram a distância uma carruagem colocada sob uma árvore e um minúsculo ponto escuro: um pastor que os observava de uma colina próxima onde estava sentado, rodeado do curral pardo cinzento e de outras duas manchas negras que se moviam: os cães.

Para surpresa de Tom, Emily puxou as rédeas, ergueu-se nos estribos, saudou com a mão e gritou:

—Hooola!

Ficaram quietos, ouvindo como o eco ricocheteava de ida e volta no vale. Para ouvi-lo, o pastor se levantou, fez buzina com as mãos e segundos depois lhes chegava a saudação de resposta, o característico grito basco:

—Ie-ie-ie-ie-ie! —ondulando pelo vale como o uivo de um coiote.

—Quem é? —perguntou Tom.

—Não sei. Um basco. Vivem todo o ano nessas pequenas carruagens com seus rebanhos. Na primavera, levam as ovelhas montanha acima e no outono, baixam. Quão único possuem é a carruagem, um rifle e um par de cães pastores. Sempre pensei que deviam levar uma vida muito solitária.

Seguiram cavalgando e Tom pensava em Emily Walcott. Seria esta desse dia sua verdadeira personalidade, por fim? Se era assim, começava a gostar dela. Os animais e os bascos lhe provocavam uma reação cálida e se perguntou o que outra coisa a provocaria.

Outra vez desviou seus pensamentos por rumos mais seguros. Observando as colinas, comentou:

—Não esperava ver tão verde.

—Desfrute-o enquanto dure, pois no verão, estará todo amarelo.

—Quando começará o inverno?

Inclinando a cabeça, Emily olhou por volta de um dos picos distantes, coroado de neve.

—Os velhos têm um dito: que em Wyoming o inverno nunca termina, que quando o verão baixa da montanha se encontra com o inverno que está subindo.

—Como? Quer dizer que não há outono?

—OH, claro que temos outono. É minha estação favorita. Espere e verá os álamos a fins de setembro. Papai os chama "o dom de midas", porque parecem cachos de moedas de ouro.

Nesse momento, chegaram a uma elevação debaixo da qual se estendia o Rancho Lucky L, sobre um vale de forma irregular na montanha Horseshoe. Cruzava o rio Little Tongue e tinha um perímetro claramente definido por uma escura muralha de pinheiros e abetos, que pareciam protegê-lo. Antes que percorressem todo o atalho, Jeffcoat soube que Lucky L era mais que afortunado, como o indicava seu nome: era próspero. Os edifícios estavam pintados, as cercas em bom estado e o gado que viram o passar exibia uma saúde impressionante. A casa e os armazéns tinham aspecto de terem sido planejados com cuidado, dispostos em relação geométrica entre si. Os abrigos, os celeiros e o barraco estavam pintados de branco com bordos negros, mas a casa estava feita com o arenito da região. Era de dois andares, com grossas vigas no telhado que chegavam até debaixo dos beirais, um alpendre profundo em toda a extensão e uma grande chaminé de pedra. Rodeada de olmos em três de seus lados, flanqueavam-na edificações acessórias a ambos os lados.

Ante a casa havia uma fila de postes de amarração, rematados em uma cabeça de cavalo de ferro negro que sustentava um anel de bronze entre os dentes.

—Parece que Liberty vai muito bem —comentou Jeffcoat, enquanto desmontava.

—Vende cavalos ao exército, que não só paga o melhor preço, mas também representa uma demanda constante. Se o Exército considera que os cavalos do Lucky L são bons, eu também.

Emily encabeçou a marcha para a casa. Abriu-lhes a porta uma mulher baixa e gorda, com touca e avental brancos.

—O senhor Liberty está atrás do abrigo C. — Assinalou—. É aquele de lá.

O primeiro que Jeffcoat advertiu em Cal Liberty não foi sua estatura impressionante, nem o peito como um barril, nem o Stetson recém escovado com uma banda de couro adornada com uma turquesa engastada em prata, a não ser o modo em que tratou Emily Walcott, como se fosse um fantasma e pudesse ver através dela. Imediatamente estreitou a mão de Tom, mas ignorou a que Emily lhe estendia. Ao saber que Tom tinha ido comprar cavalos, o rancheiro os convidou ao abrigo, onde estava trabalhando o capataz, mas sugeriu a Emily que fosse à casa a beber café com sua esposa.

Emily se encrespou e abriu a boca para replicar, mas Tom a interrompeu:

—A senhorita Walcott veio para me assessorar na escolha dos cavalos.

—Ah. —Liberty lhe lançou um fugaz olhar depreciativo—. Bom, então pode nos acompanhar.

Enquanto seguiam Liberty, Tom sentiu que Emily ardia de indignação. Apertou-lhe o cotovelo e lhe lançou um olhar significativo, que dizia: "Cale-se, maria macho. Só por esta vez". Para seu alívio, Emily se limitou a fazer uma careta e olhou, carrancuda, a nuca de Liberty. Tom fez o mesmo e pensou: "Asno pomposo... Se a tivesse visto, faz uma hora, tirando porcos mortos de dentro da mãe...!"

Encontraram ao capataz de Liberty, um vaqueiro curtido, de pele como couro de vaca e mãos duras como uma arreios de couro. Tinha os olhos jade claro, as pernas arqueadas como um u, e quando sorria, a bola de tabaco que tinha na bochecha lhe dava a aparência de alguém com um molar inflamado.

—Este é Trout Wills — o apresentou Liberty—. Trout, apresento-o a Tom Jeffcoat.

Estreitaram-se as mãos.

—Jeffcoat quer ver...

—E esta é a senhorita Walcott — o interrompeu Tom.

Trout tocou o chapéu.

—Encantado, senhorita Walcott.

Liberty reatou a frase, girando o ombro para deixar Emily fora.

—Jeffcoat quer olhar uns cavalos. Veja o que podemos lhe mostrar.

Trout obedeceu, mas de todos os modos, Liberty ficou perto, vigiando. Depois da conduta fria do rancheiro com Emily, Tom sentiu um perverso prazer criando todas as oportunidades possíveis para que ela luzisse seus conhecimentos sobre cavalos. Por tácito acordo, decidiram pôr Liberty no pelourinho.

Quando tiveram os cavalos ante eles, Tom perguntou em voz alta e clara:

—O que opina, Emily?

Ignoraram Liberty, que se apoiava em uma perto. Tom observou como Emily separava a uma égua de dois anos, conquistava sua confiança e realizava uma inspeção minuciosa. Tom se manteve à parte, impressionado, vendo como revisava meia dúzia de animais sem esquecer nenhum detalhe. Fixava-se se a pele era suave e flexível, o pelo espesso e sedoso, os olhos brilhantes, a postura alerta. Revisou-lhes as membranas do nariz para certificasse de que fossem de um rosado salmão claro, apalpou cada protuberância em busca de possíveis inflamações, cada tendão descartando inchaços, retraiu os lábios para inspecionar molares e presas, levantou patas para examinar as paredes dos cascos e até tomou o pulso sob as mandíbulas.

Enquanto revisava a um alazão de aspecto saudável, Tom se aproximou e lhe perguntou em voz baixa:

—Quanto teria que ser?

—Entre trinta e seis e quarenta. Está aí.

Quando um dos animais levantou a cauda e soltou umas bolotas amareladas, em vez de saltar para trás como faria a maioria das mulheres, Emily removeu o esterco com a bota e comentou:

—Está bem: nem muito brando nem muito duro, justo como tem que ser.

Quando outro urinou, observou o processo, imperturbável, e aprovou a cor e o fato de que não tivesse aroma forte.

—Em conjunto, são sãs — disse a Tom e acrescentou—: mas eu estava mais preocupada com a saúde interna. Qualquer que tenha estado em contato com cavalos tanto tempo como você sabe o que faz que um animal seja são e quais têm ossos ligeiros. Pode olhá-los você e julgar a estrutura.

Fez-se a um lado e lhe tocou o turno de observar enquanto Tom revisava a manada, notando-se na conformação dos animais. Observou cada movimento e reconheceu o que procurava com cada um: espaço

entre os olhos; olhos nos que se visse pouco branco; pescoços longos e arqueados; ombros bem desenvolvidos; joelhos longos, que se moviam de adiante atrás; mornas plainas e esporões a quarenta e cinco graus. Desprezou um pelos pés em forma de sino, coisa que ganhou um olhar aprovador de Emily, separou outro porque tinha tíbias grossas. Levando o da brida, observou o movimento de pata e pé, e o conduziu ante Emily.

—Este é uma beleza.

A jovem deu ao enorme baio uma passada com a mão e uma olhada, e perguntou a Liberty, em voz forte:

—Como se chama?

—Buck.

Era a primeira palavra que dirigia a Emily. Esta apartou Jeffcoat e lhe aconselhou, pelo baixo:

—Tem razão, é uma beleza, mas deixe que o capataz o sele e o cavalgue, primeiro. Não é porque seja bonito tem que ser dócil. E com esse nome... bom, poderia ser pela cor, mas não tem sentido correr riscos. Se alguém resultasse esmagado contra a cerca, ou arrojado, é preferível que seja o capataz e não você.

Jeffcoat sorriu e se inclinou ante a sagacidade da moça.

Buck resultou ser um verdadeiro cavalheiro. Ficou tranquilo enquanto Trout o selava e se comportou à perfeição quando o montou. Quando o fez Jeffcoat e lhe ordenou executar os distintos passos, Emily o observou outra vez, impressionada. Prudente, primeiro o fez andar ao passo em vez de fazê-lo galopar imediatamente, como teria feito um novato. Fez-o dar círculos, inclinar-se, deter-se, seguir, observando as reações do animal ao freio e ao cavaleiro desconhecido.

Quando o pôs ao trote, Emily viu que dominava as torpes sacudidas com uma graça pouco comum. Ao trote, a maioria das mulheres pareciam milho ao estalar, e os homens, meninos ansiosos tratando de alcançar um frasco de doces. Mas Jeffcoat ia erguido, em perfeito equilíbrio, as mãos firmes, as pernas relaxadas, o corpo quase não se inclinava para frente e mexia os quadris. O pai, que tinha ensinado a Emily a cavalgar, comentou-lhe que poucas pessoas podiam trotar com graça e menos ainda com o corpo na diagonal correta.

Mas Jeffcoat o fazia tudo sem esforço.

Assim esporeou Buck para lançá-lo a um meio galope, trocou as rédeas para estar seguro de que o potro seguia comportando-se corretamente qualquer fosse a guia e, por último, fez-o galopar. Ao virar e estirar-se retornando ao galope para Emily, resultou um quadro impressionante: as rédeas curtas, o peso fora dos arreios, apoiado na parte interna de coxas e joelhos, elevando-se sobre os talões.

Maldito seja, Jeffcoat, parece nascido sobre os arreios e ao ver-te

sinto algo estranho por dentro.

Quando freou, fez-o com mão leve: já tinha aprendido muito de Buck. Saltou a terra antes que assentasse o pó, sorriu e disse a Emily:

—Este será meu.

Não pôde evitar de brincar:

—Senhor Jeffcoat, não sabe que um cavaleiro sábio não se deixa seduzir jamais pelo primeiro animal que prova?

—A menos que seja o apropriado — lhe replicou, sorridente.

Emily o aplacou afagando a longa testa de Buck:

—É uma boa eleição.

Tom disse a Liberty:

—Este o compro. Necessito outros quatro para montar.

—Com três bastará — interveio Emily, com calma.

—Três?

—Já verá que, em grande medida, alugará carros aos vendedores de terras que levam às famílias de imigrantes a escolher seus trinta e dois hectares. Sem dúvida, necessitará alguns de montar, mas a maioria de sua mercadoria têm que ser cavalos de tiro.

Uma vez mais, Jeffcoat se inclinou ante a sabedoria da moça, e seguiu escolhendo até ter os quatro cavalos de montar e fechou o trato. Os animais de tiro ficariam para outra ocasião, pois estava fazendo-se tarde e se não empreendiam a volta os surpreenderia o anoitecer.

—Foi um prazer tratar com você, senhor Liberty. Voltarei um dia da semana que vem.

Tom lhe estendeu a mão. Depois que a estreitou, Liberty se encontrou com outra esperando-o.

—Em linhas gerais, seu gado é bom — admitiu Emily, pondo a mão de tal modo que não a pudesse evitar.

—Obrigado. Poderia me repetir seu nome, por favor?

—Emily Walcott. Sou filha de Edwin Walcott e estou estudando veterinária. Acredito que esse baio de manchas negras que você chama Gambler tem uma leve inflamação sinovial no casco traseiro exterior que seria conveniente atender. Minha opinião é que talvez tenha sofrido uma pequena luxação da que você nem se inteirou. Embora não é para preocupar-se, em seu lugar eu o trataria com partes iguais de tintura de cânfora e de iodo, e se chegasse a aumentar de tal modo que a pressão de um lado a fizesse se sobressair do outro, terei que drenar e enfaixar. Nesse caso, terei o maior gosto em vir a fazê-lo. Pode me encontrar no estábulo de meu pai quase todos os dias. Adeus, senhor Liberty.

Emily e Tom montaram e fizeram trotar a seus animais pelo caminho particular, divertidos e satisfeitos. Assim que ficaram fora do alcance dos ouvidos, o jovem soltou a gargalhada.

—Viu a expressão que tinha!

Emily também riu.

—Sei que eu estava alardeando, mas não pude resistir.

—Esse asno pomposo o merecia.

—Teria que estar acostumada. Sou mulher e, a fim de contas, as mulheres são melhores para limpar cozinhas e esmurrar a massa do pão, não?

—Duvido de que Liberty siga opinando assim.

Emily lhe lançou um agradecido olhar de soslaio.

—Obrigada, Jeffcoat, foi divertido.

—Sim, toda a tarde o foi.

Durante algum tempo cavalgaram em amistoso silêncio, habituando-se a certo grau de assombro que ficava, depois do começo turbulento. Era essa bonita hora do dia que impulsiona à amizade. Depois deles, uma candente bola alaranjada estava inundada pela metade depois das cúpulas. Diante, as sombras delas e dos cavalos eram caricaturas que se deslizavam sobre as ervas aos lados do caminho. Perturbaram a um grande bando de corvos que se afastaram batendo as asas para as montanhas. Ao passar ante um estreito rio, assustaram a uma garça, que se foi voando até um grupo de penhascos. Passaram ante um lugar onde o chamico em flor estendia como um lençol de cor suas flores rosadas que o sol crepuscular tornava douradas. E mais longe, voltaram-se a olhar um esquilo com orelhas agudas imóvel, tão erguida como sua própria sombra. Uma cotovia gorjeava de uma perto ao lado do caminho e pelo céu passou um falcão lançando seu canto de caça.

A paz do crepúsculo invadiu aos dois cavaleiros.

Ouviam o rangido das montarias, o ritmo semelhante a uma valsa dos cascos, os firmes bufos da respiração dos cavalos. Sentiam o afresco do leste por diante e a tibieza do oeste nas costas, e compreenderam que desfrutavam mais do aconselhável da presença do outro cavalgando... separados só pelo largo de um cavalo... a vista fixa adiante... examinando o giro que sua relação tinha tomado em um só dia. Algo indefinível tinha acontecido. Bom, possivelmente não se pudesse qualificar de indefinível... mas bem inadmissível, algo que lhes dava medo, atraía-os e que estava proibido.

Seguiram andando, todo o caminho costa abaixo, para uma festa a que assistiriam ambos, a um baile que, com toda probabilidade, compartilhariam, e uma atração que não deveria ter começado jamais, e

que lhes ensinou a mostrar-se indiferentes por fora pensando em Charles Bliss... amigo dele e noivo dela.

Capítulo 8

Os dois chegaram tarde à festa de Tarsy. Quando Tom bateu na porta, a anfitriã estava ao bordo do pânico pensando que não iria.

—Onde estiveste?

Tarsy voou através do quarto e o segurou pelo braço com força

suficiente para lhe deixar hematomas.

—No rancho Lucky L, comprando cavalos.

—Isso já sei. Disse-me isso Charles. Mas chegaste muito tarde.

—Retornamos faz só meia hora.

Examinou a habitação, mas Emily ainda não tinha aparecido.

—Estamos te esperando para começar a jogar.

Tarsy quase arrastou Tom através da sala, onde este viu quase as mesmas caras que na semana anterior, com a diferença de que os mais velhos não estavam convidados. Todos os membros do grupo, Aparentemente, eram jovens e solteiros. No comilão vizinho, estavam reunidos em volta da mesa conversando, rindo e bebendo ponche. Aí estava Charles, mas quando Tom tentou aproximar-se dele para lhe falar, Tarsy o arrastou:

—OH, você e esse Charles! Veem-se todos os dias no trabalho, não é suficiente? —Levantando a voz, convocou a todos à sala—. Venham todos, já podemos começar os jogos! Todos aqui!

Começou a dispor as cadeiras em círculo.

Tom escapuliu para servir uma taça de ponche e encontrou Charles na arcada do comilão.

—Como foi tudo? —perguntou-lhe Charles.

—É um bom começo: quatro cavalos de montar.

—E conseguiste retornar sem feridas mortais? —Rindo, fingiu examiná-lo de frente e de costas, em procura de feridas—. Sem fraturas de ossos?

—Foi um exemplo de amabilidade. Entendemo-nos muito bem.

—Bastar-me-á lhe jogar um olhar à cara assim que transpasse a porta para sabê-lo.

—Lamento ter feito que chegue tarde. Quem preparou o ponche?

—Acredito que a mesma Tarsy, a gata selvagem.

Tom percorreu com o olhar as duas habitações.

—Tampouco estão seus pais?

—Não. Acredito que Tarsy tem certas intenções para ti e iria contra seus interesses que eles estivessem pressentem. Saíram a jogar whist. Parece-me que nos chamaram pela segunda vez.

Reuniram-se com outros. Enquanto Tarsy começava a explicar o jogo, chegou Emily: uma Emily transformada. Tom lhe deu uma olhada e sentiu que dentro dele se formava um campo de força. Embora tivesse empregado menos de uma hora para converter-se de maria macho em

mulher, a transformação era completa. O cabelo estava recolhido no alto da cabeçao, como um ovo em um ninho, com cachos soltos emoldurando o rosto. Levava um esplendoroso vestido cor malva, de tom intenso dos jacintos da primavera. Era tão apropriado, feminino e recatado como para que o usasse a rainha Vitória em pessoa, com gola alta forrada, a parte de acima fechada e ajustada, mangas largas apertadas e um babado que caía em cascata sobre o traseiro. Os adornos de renda marfim estavam postos de maneira que atraíam as olhadas masculinas para as partes estratégicas. Pôs-se em cima um grande xale com franjas, cruzado como ao descuido entre um ombro e o cotovelo oposto. Onde estava a moça que tinha tirado porcos mortos do ventre da mãe toda a tarde? E a perita em cavalos? E a que tinha cavalgado várias horas? Tinha desaparecido e em seu lugar estava uma mulher que, por um momento, cortou o fôlego de Tom Jeffcoat.

Viu que seu olhar procurava Charles, encontrava-o e lhe enviava uma saudação privada, viu como seu melhor amigo cruzava a sala para lhe tocar os ombros e lhe tirar o xale, e sentiu uma pontada de ciúmes. Charles apoiou a mão no babado traseiro e disse algo que a fez rir. Emily respondeu e os dois olharam em direção a Tom. A expressão divertida se esfumou como se tivesse se chocado contra uma cerca de arame de puas. Apartou imediatamente o olhar e Tom levou a taça aos lábios, sabendo que Charles o observava.

Tarsy exclamou do outro extremo:

—Ah, Emily, por fim chegaste. Dá-te pressa, toma uma cadeira que começaremos a jogar.

Emily e Charles se sentaram em frente de Tom, que tentou esquecer que estavam aí.

Fixou-se em Tarsy. Estava aturdida de excitação e anunciava um jogo chamado Tábua delgada, Porco. Tinha colocado as cadeiras em círculo olhando para dentro, e quando todos estiveram sentados, colocou-se no centro e ordenou:

—Cada um tem que escolher um número de um a cem para ver quem é o primeiro.

—Para fazer o que?

—Já verão. Escolham.

Ganhou Ardis Corbeill, uma moça alta, ruiva e sardenta que se ruborizou e se levantou, relutante, para ir ao centro do círculo.

—O que tenho que fazer?

—Já verá. Dá-te a volta.

Tarsy tinha um lenço dobrado.

—Não vais tampar-me os olhos, não?

—É obvio que sim. Depois te farei girar várias vezes, dar-te-ei um almofadão e isso será o único com que possa tocar às pessoas. Terá que se sentar no colo da primeira pessoa que toque e dizer: "Tábua delgada, porco, tábua delgada". Então, quando essa pessoa gritar, deverá adivinhar quem é.

—Isso é tudo?

—É tudo.

No salão se escutaram risadas dissimuladas enquanto tampava os olhos de Ardis e a fazia girar. Tarsy a fez girar até que a pobre garota não podia distinguir a esquerda da direita.

Por toda a sala se estenderam risadas sufocadas e murmúrios.

—Silêncio! Se falarem, descobrirá quem são! Ardis, ainda está tonta?

A pobre Ardis estavam mais que tonta: sentia vertigem, vacilava e, quando a soltou, esteve a ponto de cair, mas Tarsy a ajudou a manter o equilíbrio.

—Aqui tem o almofadão, e recorda, sem usar as mãos! Pode pedir três gritos para adivinhar de quem é o colo onde está sentada e, se o adivinhar, o outro tem que ocupar seu lugar; do contrário, deve pagar uma prenda. Compreendeu?

Ardis, com os olhos enfaixados, fez um vacilante gesto de assentimento.

Fez-se silêncio e o único que se escutava eram as risadas sufocadas. Inclinando-se da cintura, Ardis deu três passos arrastando os pés pondo o almofadão por diante.

As risadas seguiam.

—Shhh! —disse Tarsy.

Sentou-se em uma cadeira e se fez o silêncio.

Ardis avançou com o almofadão entre as mãos estendidas, deslizando os pés com precaução pelo chão. O almofadão se chocou no rosto de Mick Stubs, que se tornou atrás e apertou os lábios para não estalar em gargalhadas. Ardis o tamborilou com o almofadão na cabeça, desceu pelos ombros, o peito e por fim, os joelhos.

Algumas das garotas se ruborizaram e tamparam a boca. Tom jogou um olhar a Emily e a surpreendeu observando-o. Os dois pareciam ilhas de quietude em meio da farra que os rodeava, enquanto a atenção de todos estava fixa no jogo. Quanto tempo? Um segundo? Cinco? O suficiente para que Tom Jeffcoat verificasse que o que percebeu essa tarde entre os dois não era produto de sua própria imaginação. Ela também o sentia e fazia o possível para evitá-lo. Tom já tinha estado apaixonado e reconhecia os sinais de advertência. Fascinação. Vigilância. Desejos de tocar.

Charles ria junto a Emily e esta apartou a vista com forçada indiferença. Também Tom voltou a atenção ao desenvolvimento do jogo.

Ardis estava encarapitada nos joelhos de Mick, que tinha o rosto vermelho de conter a risada.

—Tábua delgada, porco, tábua delgada —ordenou a moça. Mick o tentou, mas lhe saiu mais um bufo que um grito. Todos riram entre dentes.

—Shh!

—Tábua delgada, porco, tábua delgada!

Esta vez, Mick conseguiu emitir um grito agudo que fez explodir em gargalhadas a todos os pressente, embora Ardis não pôde identificá-lo.

—Tábua delgada, porco, tábua delgada!

O terceiro intento de Mick foi uma obra professora: alto, agudo, suíno. Mas, por desgraça para ele, quando terminou todos os pressente riam tão forte que perdeu o controle e revelou sua identidade.

—É Mick Stubbs! —exclamou Ardis, puxando a faixa —. Sabia! Agora você tem que pôr isto!

Mick pesava pouco menos de cem quilos. Tinha uma emaranhada barba castanha e braços mais grossos que as coxas da maioria dos homens. Tinha um aspecto cômico com a atadura nos olhos, enquanto o faziam girar e se abria passo, medindo, até o colo de Martin Emerson, outro dos convidados com barba. Era impossível não participar da hilaridade à medida que avançava o jogo. A todos adoraram. Martin Emerson tocou Tarsy, esta a Pontua Awk, Pontua a Tom, e este ao Patrick Haberkorn e, no trajeto, tirou o chapéu que ria como todos. Registrou o momento em que também Emily começava a divertir-se. Viu que a resistência ao jogo se derretia quando o humor se fez contagioso. Viu seu primeiro sorriso, ouviu a primeira gargalhada, admirou o semblante risonho, uma faceta dela que poucas vezes tinha visto. Emily sorridente era uma lembrança para conservar. Mas sempre estava Charles junto a ela, Charles, ao que estava prometida.

Depois de "Tábua delgada, porco, tábua delgada", todos votaram por fazer uma pausa e voltar a encher as taças de ponche.

Durante a pausa, Tarsy monopolizou Tom e este se deixou monopolizar, aliviado de apartar a atenção de Emily Walcott. Tarsy era uma bela moça, divertida e vivaz. Resolveu que o melhor que podia fazer por si mesmo era desfrutar dela e esquecer o relativo a essa tarde, o favorecedor penteado de Emily, quão bonita estava com o vestido malva e quão olhadas trocaram na sala cheia de gente.

—Tom, vem aqui! Tenho que falar contigo! —Excitada, Tarsy o apartou e lhe disse em tom secreto—: Faria algo por mim?

—Pode ser. —Sorriu-lhe provocador e sorveu a bebida—. Depende de que coisa seja.

—Seria o primeiro comigo no próximo jogo?

—Depende.

—É "Pobre Pussy".

Sorridente, Tom contemplou a expressão ansiosa. Conhecia o jogo. Estava carregado de insinuações e incluía certo grau de toques e não lhe escapou o motivo subjacente da moça para incluí-lo.

—E quem será o "Pobre Pussy", você ou eu?

—Eu. Você, quão único tem que fazer é se sentar em uma cadeira e tratar de te manter serio enquanto eu faço todo o possível para te fazer rir.

Bebeu outro sorvo de conhaque, contemplou os ávidos olhos castanhos e pensou que não haveria melhor modo de lhes demonstrar a todos, incluído Charles, que Tarsy era a que despertava seu interesse.

—De acordo.

Tarsy riu e, tomando-o do braço, levou-o a sala para reatar a diversão.

—Venham todos, vamos jogar a um novo jogo: chama-se Pobre Pussy!

Os convidados retornaram ansiosos, de um humor mais festivo a causa do conhaque e também do êxito do primeiro jogo. Quando todos se sentaram em círculo outra vez, Tarsy explicou:

—O objetivo de "Pobre Pussy" é não rir, para as duas pessoas que jogam. Eu serei uma gata e escolherei a qualquer um com o que queira jogar. Quão único posso dizer é "miau", e só pode dizer "pobre Pussy" a pessoa a que o diga. Não podemos falar mais que três vezes. Qualquer dos dois que ria tem que pagar uma prenda que o outro escolha, de acordo?

Os presentes lançaram murmúrios de aprovação e se acomodaram nas cadeiras esperando mais diversão.

A proprietária de casa continuou:

—É obvio, todos podem dizer o que quiserem: podem aguilhoar, provocar e fazer qualquer sugestão que lhes ocorra. Começamos.

"Pobre Pussy" era tão elementar que sua simplicidade fez sucesso. Tarsy ficou engatinhando e fez uma careta felina que fez rir a todos. Arqueou as costas, roçou os joelhos de vários espectadores até que, ao fim, adotou uma postura suplicante aos pés de Tom. Agitou as pestanas e lançou um lamentoso: "Miau". Os observadores riram e Tom, cruzado de braços, consolou-a:

—Pobre Pussy.

À esquerda de Tom, Patrick o acotovelou e brincou:

—Pode fazer algo melhor que isso, Jeffcoat. Acaricia-lhe um pouco a pele!

Se falasse, teria que pagar uma prenda e, então, Tom a olhou outra vez com a cabeça inclinada, como se tivesse renovado seu interesse.

Tarsy repetiu um doloroso e felino miau. Atuou como uma gata cativante esfregando-se contra o joelho de Tom e fazendo uma atrativa careta.

—Parece que a pobre gatinha anseia que lhe emprestem atenção — improvisou Haberkorn.

Tom se estirou para afagar a cabeça de Tarsy, acariciou-lhe sob o queixo e passou as gemas pelo pescoço.

—Poooobre Pussy — lamentou.

Não corria risco de rir, mas a covinha na face se afundou e a boca formou uma semi sorriso, que era uma brincadeira dissimulada.

Os outros captaram o espírito do jogo e redobraram esforços para fazer rir a algum dos dois.

—Quem deixou entrar aqui a essa gata sarnenta!

—Ei, gata! Onde está sua caixa de serragem?

Tarsy estava miando e esfregando a orelha contra a perna de Tom quande Charles exclamou:

—Ninguém tem um camundongo para alimentá-la?

A moça explodiu em gargalhadas, seguida por todos os pressente. ficou ajoelhada no chão com a cabeça frouxa, muito dominada pela risada para poder levantar-se e muito divertida para desejar fazê-lo. Tom a puxou pelo braço, desfrutando de muito, e os dois ficaram de pé.

—Bom, já ouvistes a Tarsy. Tem que me dar uma prenda.

Sim, uma prenda. Qualquer dos pressente podia perceber o romance que começava a florescer.

No centro do círculo, Tom tinha Tarsy pelo cotovelo e a contemplava com lascívia zombadora.

—Qual será, gatinha? —perguntou, para diversão de todos.

Arrojaram-lhe duas sugestões ao mesmo tempo.

—Que passe a noite no degrau do alpendre traseiro.

—Que se banhe... como os gatos!

Tom sabia bem o que era o que Tarsy esperava. Posou a vista nos lábios da moça... belos lábios cheios, rosados, um pouco entreabertos.

Sem dúvida, um beijo reafirmaria nas mentes de todos os que estavam aí em que sentido soprava o vento para o Tom Jeffcoat. Mas esta era a festa de Tarsy: se queria começar por prendas arriscadas, teria que as instigar ela mesma.

— Tragam-lhe um prato com leite —ordenou, sem soltá-la, vendo como se ruborizava.

Alguém trouxe o prato com leite e o deixou no chão. Tarsy prometeu, pelo baixo:

—Vingar-me-ei de ti, Tom Jeffcoat. Não poderá escapar de mim para sempre.

E com um revoo de saias, ficou engatinhando para cumprir o objeto.

Apresentava um quadro provocador, ajoelhada, com as anquinhas levantada, lambendo leite do bordo do prato, tão provocadora como quando esfregava o peito contra o joelho de Tom. Observando-a, riu junto com outros, mas quando passou quinze segundos nessa ignominiosa posição, se solidarizou e a fez levantar-se:

—A pobre gata fica desculpada — disse para todos. E só para Tarsy—: ... por agora.

Nenhum dos pressente duvidava de que entre os dois existia certo interesse.

Emily Walcott presenciou, toda a cena com uma estranha tensão no peito e certo peso no estômago. Tinha sido muito sugestivo. Por momentos, tratou de não rir, mas não pôde. Por momentos, sentiu-se envergonhada, mas não pôde apartar a vista.

O que diriam os pais? Em especial, a mãe.

Tanto Emily como as demais garotas pressente foram educadas sob as rígidas normas vitorianas. A paquera descarada estava estritamente proibida e a proximidade com o outro sexo se limitava a um fugaz contato das mãos ao saudar-se ou em tirar do cotovelo à companheira enquanto caminhavam. Esta classe de jogos, entretanto, davam lugar a uma boa dose de contato físico e de insinuações orais.

Perguntou-se se as outras moças, como ela, sentir-se-iam atraídas e repelidas ao mesmo tempo, ruborizadas e incômodas. Seria a sutil malícia dos jogos em si ou a presença de Tom? Ao ver Tarsy esfregar-se contra a perna da calça da calça, Emily sentiu uma agitação insidiosa dentro de si. Quando acariciou a cabeça de Tarsy e lhe passou os dedos pelo pescoço, experimentou uma inesperada onda de excitação. E algo mais. Estava segura de que era ânsia pela indecência desses jogos. Não obstante, não pôde lhes dar as costas. Nem quando Tom olhou Tarsy aos olhos e lhe dirigiu um sorriso provocador. Cravou o olhar, sacudida por uma intensa quebra de onda de ciúmes, enquanto todos esperavam que o homem pedisse um beijo como prenda. Mas ao fim pediu um prato

com leite e Emily soltou, aliviada, o fôlego, esperando que Charles não estivesse observando-a.

O que era o que Tarsy tinha começado?

Sua amiga sabia muito bem o que fazia e o fez com plena consciência. Ao terminar a velada, pediu a Tom que ficasse depois que se fossem outros, para ajudá-la a colocar outra vez os móveis em seu lugar.

Tom sabia que era uma artimanha, mas ele era um homem americano de sangue quente e nesse momento o álcool corria por suas veias, Tarsy era uma jovem tentadora e sua admiração por ele era bem-vinda. O que era mais, a senhorita Emily Walcott estava proibida e ele esteve toda a noite consciente dela.

Quando tiveram levado a terrina do ponche à cozinha, puseram as cadeiras em seu lugar e apagaram tudo os abajures menos uma, decidiu aproveitar a apenas velada convite da senhorita Tarsy Fields. Caminharam lentamente até a porta e a proprietária de casa estava tomando a jaqueta, pendurada do cabide.

—Veem aqui —lhe ordenou Tom, tomando-a pela cintura e atraindo-a por volta dele—. Agora cobrarei o resto da prenda.

Quando inclinou a cabeça e a beijou primeiro com decoro, mas cada vez com mais intimidade, Tarsy se esqueceu da jaqueta. Incitou-a a abrir os lábios e o obedeceu. Tocou com sua língua a dela e respondeu. Acariciou-lhe as costas e a moça fez o mesmo.

Regozijou-lhe perceber que lhe excitava. Levantou com lentidão a cabeça e lhe permitiu que lesse em seus olhos:

—Acredito que estiveste buscando-o toda a noite.

—Você não?

Tom riu e lhe acariciou o queixo com o dorso dos dedos. A boca do homem tomou um gesto especulativo e seguiu lhe acariciando o queixo, passeando o olhar entre os olhos e a boca e voltando para os olhos.

—Pergunto-me o que quer de mim.

—Diversão. Inocente diversão e nada mais.

—Nada mais?

Em lugar de qualquer outra coisa que tivesse querido, apropriou-se de outro beijo. Tinha lábios viçosos e sabia por instinto como usá-los para obter algo. Quando se apartou, Tom tinha os seus úmidos e sentia uma agradável excitação.

—Está procurando um marido, verdade?

—Será verdade?

—Eu acredito que sim. Mas eu não sou esse marido, Tarsy. Embora

desfrute te beijando sendo seu companheiro em jogos de salão e deixando que se esfregue contra a perna da minha calça, não estou procurando esposa. Será melhor que saiba desde o começo.

—É muito honorável ao me advertir isso senhor Jeffcoat.

—E você é muito tentadora, senhorita Fields.

—Nesse caso, o que tem que mau em desfrutar de um pouco um do outro? —replicou, encolhendo-se de ombros.

Beijou-a outra vez, languidamente, lhe apoiando uma mão no flanco do seio, penetrando mais com a língua. As bocas se apartaram, relutantes.

—OH... fá-lo tão bem... —murmurou a jovem.

—Você também. Praticaste muito?

—Um pouco. Posso ter outra demonstração?

—Por favor.

A outra demonstração foi mais úmida, mais promíscua. Quando a mão de Tom foi para o seio, ela retrocedeu discretamente: sabia como deixar a um homem com algo que esperar.

—Talvez seja melhor que já nos déssemos boa noite.

Sentiu-se um tanto divertido, mas não com o coração destroçado. Tarsy era uma diversão agradável, nada mais, e enquanto os dois o entendessem, estava disposto a inundar-se a tanta profundidade como ela o permitisse.

—Está bem. —Sem pressa, foi tomar a jaqueta—. Obrigado por uma festa muito divertida. Penso que todos estarão de acordo em que foi um êxito imbatível.

—Verdade que sim?

—Acredito que deste começo a algo com estes jogos de salão. Aos homens adoraram.

—Às garotas também, mas acreditam que não devem admiti-lo. Inclusive a Emily, que é do mais recatada e Ardis, que decidiu dar a próxima festa. Irá a semana próxima?

—Certamente. Não me quereria perder.

—Embora você seja o que tenha que pagar a prenda?

—As prendas podem ser divertidas.

Riram e a moça lhe alisou a lapela. No alpendre se deram um último e lento beijo de boa noite, mas na metade Tom descobriu que estava pensando se Charles estaria fazendo o mesmo com Emily nesse mesmo instante, e se era assim, quão desejosa estaria ela.

Essa semana só a viu fugazmente. Escolheu os cavalos de tiro sem sua ajuda e assinou contrato para o fornecimento de feno com o granjeiro Claude McKenzie, que assegurou que colheria em meados de julho. Encarregou ao fabricante de arnês do povoado, Jason Ess, os que necessitava. Ess lhe disse que a loja de ferragens Munkers e Mathers, de Buffalo, vendia carruag mais novas e Tom fez a viagem de quase cinquenta quilômetros para fazer o pedido.

Charles lhe contou que tinham chamado Emily duas vezes nessa semana: para diagnosticar e tratar a uma vaca que tinha uma borbulha de ar na barriga, e para extrair um dente deteriorado a um cavalo. Em ambos os casos, pagaram-lhe em dinheiro e estava eufórica por ter ganhado seu primeiro dinheiro como veterinária.

Chegou Frankie e contou que sua irmã esteve tentando montar na bicicleta de Fannie, caiu e se golpeou, mas ficou tão furiosa que voltou a montá-la, caiu pela segunda vez e se arrancou uma parte de pele da mão e outro da testa.

—Teriam que havê-la ouvido amaldiçoar! —exclamou—. Não sabia que as garotas eram capazes de amaldiçoar assim!

Tom sorriu e pensou nela o resto da tarde.

No sábado de noite, Emily apareceu na casa de Ardis Corbeil com um par de cicatrizes vermelhas, uma debaixo do nascimento do cabelo, o outro no nariz. Tom estava perto da porta quando chegaram. Ofereceu a Charles uma saudação amável, mas olhou Emily e cometeu o engano de rir.

—Do que ri?

—De suas cicatrizes de guerra.

—Bom, pelo menos tentei montá-la! Se lhe parecer tão fácil, você prove!

—Disse a Fannie que eu adoraria.

Interveio Charles:

—Nestes momentos, o tema da bicicleta é um tanto espinhoso.

Sorrindo, Tom fez uma pequena reverência de desculpa:

—Lamento havê-lo mencionado, senhorita Walcott.

— Imagino!

Deu-se a volta e se afastou.

—Por Deus, não aceita bem as brincadeiras!

—Em especial, de sua parte.

Essa noite, jogaram um novo jogo chamado "O galo de briga cego adivinho", e aconteceu o que Tom temia: quando tocou coube a ele, com os olhos enfaixados, rodeado de um círculo de jogadores sentados, foi parar no colo de Emily. Algo lhe disse imediatamente que era ela, possivelmente a reação de outros. Ouviu sua esquerda uns "Oh!" amortecidos, depois "Shh!".

Todos os pressente sabiam que, do momento em que Tom chegou ao povoado, Emily o considerava seu pior inimigo. Assim que o viu, teve vontade de afundá-lo. Claro que lhe tinha ajudado a comprar os cavalos, mas o fez a inapetência, porque Charles o pediu. Inclusive essa mesma noite, na porta, repreendeu-o assim que chegou.

E agora estava sentado sobre suas pernas com os olhos tampados, em meio das risadas sufocadas.

As regras do jogo eram simples: tinha as mãos livres e contava com três possibilidades para adivinhar quem era.

As risadas cessaram. O silêncio se fez pesado e Tom imaginou Charles olhando. Os jogos se tornavam cada vez mais audazes. Esta vez, não havia almofadão no meio, e se tateava no lugar equivocado, não sabia o que podia estar tocando. Emily estava imóvel, como pedra, quase sem respirar. Alguém riu entre dentes. Outro sussurrou. Debaixo, Tom sentia o contato dos joelhos esbeltos, mas as deixou carregar com todo seu peso... faria algo para que parecesse que seguia provocando-a para divertir-se. Depois da atadura se imaginava as faces ardendo de vergonha, o fôlego contido, os ombros rígidos.

Tateou... e encontrou a mão direita de Emily obstinada ao bordo da cadeira. Por um momento, encetaram-se em uma resistência, mas ganhou ele e levantou a mão, o pulso muito menor que o círculo formado por seus dedos.

O jogo lhe dava licença para fazer o que jamais teria ocasião de fazer e por Deus que o faria, e satisfaria sua curiosidade, até como Charles olhando. Os presentes não veriam mais do que já tinham visto: um homem zombador divertindo-se com uma mulher que quase não o suportava.

Sem lhe soltar o pulso, explorou com a mão livre cada um dos dedos longos e magros, as unhas cortadas; calosas (coisa surpreendente) na base da palma, depois a palma mesma, como um morteiro e seu pilão. E aí estava a cicatriz, sem dúvida causada pela queda da bicicleta. Sentiu uma agitação furtiva.

—Ah, mãos ásperas. Será Charles Bliss?

Todos riram a gargalhadas enquanto Tom ocultava sua própria perturbação sob uma máscara de brincadeira. Levantou a mão direita e encontrou a face. A moça se esticou e se tornou atrás. A mão a perseguiu e apalpou tudo e as duas cicatrizes que conhecia estava aí;

uma sobrancelha sedosa; um olho, ao que obrigou a fechar-se; uma têmpora suave onde o pulso pulsava redobrado; um lóbulo aveludado.

Inclinou-se e cheirou: limão e verbena... outra surpresa.

—Mmm... não cheira como Charles.

Mais risadas, enquanto seguia examinando o cabelo vaporoso e os cachos que emolduravam o rosto.

—Charles, se for você, tem-lhe feito algo a seu cabelo.

As gargalhadas aumentaram; tocou a face de Emily... quente... quente, ardendo pela vergonha e, por fim, a boca, que se abriu e emitiu um tenso ofego. Tornou-se atrás com tanta vivacidade, que Tom imaginou arqueada sobre o respaldo da cadeira. Quando a incomodou o bastante para que todos os pressente soubessem que o fazia de propósito, tocou o nariz machucado e a testa.

—É você, maria macho? —perguntou, em voz forte e clara, e depois vociferou—: Emily Walcott! —ao tempo que saltava do colo e tirava a atadura dos olhos.

Estava vermelha como um tomate em pleno verão e olhava a saia como tratando de ocultar as lágrimas de mortificação.

Tom girou para Charles.

—Não queria ofender, Charles.

—Claro que não, é um jogo — repôs Charles.

A expressão de Emily se tornou furiosa e Tom compreendeu que teria que fazer algo para aliviar a tensão. Então, ante todos os amigos, inclinou-se e lhe deu um beijo na face.

—É uma boa perdedora, Walcott.

Emily se levantou de um salto e lhe cravou um olhar feroz, colocou as mãos nos quadris e se aproximou dele com intenção ameaçadora enquanto, ao redor, os amigos riam de sua conduta. Tom retrocedeu depois da cadeira de Charles e estendeu as palmas para detê-la.

— Ajude-me, Charles! Diga a sua mulher que retroceda!

O amigo se somou à paródia, fingindo que acalmava Emily que tratava de atacar ao Jeffcoat, advertindo:

— A próxima vez te jogarei no chão, moço de quadra!

Embora Emily fingisse enfurecer-se para que não se detectassem seus sentimentos nascentes por Tom, o incidente a enervou. Mas não tanto como o que aconteceu mais tarde.

Teria que ocorrer cedo ou tarde. Tarsy insistiu em jogar carteiro francês. As regras do jogo não necessitavam explicação para que Emily soubesse que, como resultado, haveria beijos. Ela escapou de receber

uma "carta", mas antes que terminasse, Tarsy enviou uma a Tom, e quando foi entregue, observou fascinada como os dois que estavam no centro do círculo se beijavam de um modo que não tinha visto jamais: as mãos de Tom acariciando as costas de Tarsy, as bocas abertas... de tudo! Durante o meio minuto! A Emily lhe formou um nó na garganta. Uns tentáculos quentes de ciúmes e de indubitáveis escrúpulos lhe provocaram manchas vermelhas no pescoço. Antes ainda de que o jogo acabasse, jurou que não voltaria a assistir a nenhuma dessas festas.

Para Tom, beijar ao Tarsy não foi mais que uma exibição falsa, uma oportunidade conveniente para se separar da recordação do que tinha feito com Emily.

Esse foi o encontro que o sacudiu.

Para alguns foi só um jogo, mas para ele foi o primeiro contato com sua pele, a primeira rajada do perfume de seu cabelo e o ofego revelador que não pôde controlar quando lhe tocou os lábios. Qualquer que fosse a aparência exterior de Emily, estava longe de ser indiferente a ele e sabê-lo causou uma tensão no peito que não se dissipava.

Nos dias que seguiram, trabalhando junto a Charles, Tom fingia indiferença ou diversão cada vez que se mencionava à moça. Mas na cama caía sobre o travesseiro olhando ao teto e pensava em seu dilema: estava se apaixonando por Emily Walcott.

Inventou uma desculpa para não ir à festa seguinte e, em troca, passou uma noite desgraçada no Mint Saloon, escutando veladas calúnias de parte de seu competidor, Walter Pinnick, que estava sentado com um grupo de seguidores bêbados e balbuciava sobre o fracasso de seu negócio. Depois foi ao Silver Spur, onde jogou umas mãos de pôquer com um punhado de curtidos peões. Mas, como companhia, eram um pobre substituto dos amigos que estavam reunidos no outro extremo do povoado.

A semana seguinte, Charles e ele terminaram o trabalho no estábulo e seu amigo lhe sugeriu:

—Teria que dar uma festa no armazém, antes que McKenzie te entregue o feno.

—Eu?

—Por que você não? É o lugar perfeito. Há muito espaço.

Tom sacudiu a cabeça.

—Não, acredito que não.

—Poderia ser um baile, convidaria aos comerciantes locais com suas esposas... uma grande inauguração, se preferir. Sabe que lhe viria bem

ao negócio.

Além de outras considerações, a idéia tinha sentido. Um baile. Em que dificuldades poderia meter-se com um baile, em especial se estava presente a velha geração? Diabos, nem sequer teria que dançar com Emily e Charles tinha razão: seria um maravilhoso gesto de boa vontade por parte do comerciante mais novo do povoado. Necessitaria uma orquestra, provisões, uns abajures e não muito mais.

Encontrou a um violinista que às vezes tocava no Mint; este conhecia um tipo que tocava a gaita, que a sua vez conhecia um violonista, e em menos que canta um galo, Tom tinha orquestra. Disseram que tocariam pela cerveja, de modo que um sábado de noite, em meados de julho, todo o povoado foi a inauguração do Estábulo Jeffcoat.

Josephine insistiu em que Edwin levasse Fannie.

—Esteve muito tempo na casa. Precisa sair e você também.

—Mas...

—Edwin, não aceitarei uma negativa, e sabe que lhe encanta dançar.

—Não posso levá-la ...

—Pode e o fará — afirmou Josephine, com tranquila autoridade.

Foram caminhando juntos Charles e Emily, Edwin e Fannie, sob o ouro fundido do crepúsculo do veraneio, em um anoitecer violeta, sem vento, o casal mais velho sem tocar-se, salvo que a saia de Fannie roçava o tornozelo de Edwin com um sussurro íntimo. Edwin se sentiu jovem outra vez, liberado, passeando junto à mulher cheia de vida e saudável a que desejava apesar do transcurso dos anos. Esse desejo na verdade se incrementou. Admitiu-o para si, enquanto mantinha o olhar fixo nas costas de sua filha. Se as coisas tivessem sido diferentes, Emily poderia ter sido dos dois... dele e de Fannie.

—OH, Edwin —exclamou Fannie a metade de caminho—. Sou incrivelmente feliz.

Quem, a não ser Fannie, estaria feliz em uma situação impossível?

—Sempre o está.

Os olhares se encontraram e a da mulher perguntava: *"Devo me sentir culpado porque Josephine te compartilhou comigo por esta noite ou tenho que aproveitá-lo?"*

Aproveitaram-no. Dançaram a valsa e a varsoviana, a dança turca e escocesa. As mãos conheceram o contato mútuo... a dele na cintura dela, a dela no ombro. Aceitaram esses contatos como um presente.

Sentiram calor e beberam cerveja para refrescar-se. Riram.

Conversaram. Conversaram e dançaram com outros, tomando distância para admirar-se às escondidas, de um extremo a outro do salão. Souberam que podiam ser felizes nada mais que com isso.

Tom não pensava em tirar Emily para dançar. Tinha ido com Tarsy, que bastava para esgotar a qualquer homem na pista de baile. Também dançou com outras integrantes do novo círculo de amigos: Ardis, Pontua, Mary Ess, Lybee Ryker. A lista tinha crescido. E com muitas das mães e, é obvio, com Fannie, que era procurada como companheira por todos os homens, qualquer fosse sua idade.

Fannie percebeu o que Tom tratava de evitar. Estava dançando a valsa com ele, tagarelando a respeito da capacidade de Frankie para comer bolachas de melaço, quando passou Edwin dançando com sua filha.

—OH, Edwin, poderia falar contigo? —disse Fannie, soltando-se dos braços de Tom—. Pensava se um de nós não teria que ir casa a ver como está Joey.

Enquanto sustentavam uma breve conversa, Emily e Tom estavam perto, tratando de não olhar-se. Por fim, Fannie lhes tocou os braços e disse:

— Desculpe, Tom, não se incomoda de terminar esta dança com Emily, verdade?

E assim foi. Tom e Emily ficaram frente a frente sobre a pista de baile cheia de gente. Ela não o olhou. Ele não pôde evitar olhá-la. Viu o revelador rosado que lhe subia pelas faces e decidiu que era melhor manter uma boa convivência.

—Acredito que estamos destinados a tropeçamos. —Sorriu e lhe abriu os braços—. Se você pode suportá-lo, eu também.

Aproximaram-se com presteza e começaram a dançar, cuidando de manter a distância, mas enlaçados pelas lembranças da última noite que compartilharam.

Os dedos de Tom conheceram a textura do rosto de Emily.

Suas mãos e sua língua, a Tarsy.

—Não estava seguro de que viesse — disse, encontrando-se com o olhar de Charles que os observava do bordo da pista.

—Papai, Fannie e Charles não queriam perder.

—Então, estava obrigada.

—Poder-se-ia dizer que sim.

—Ainda está zangada por esse jogo estúpido. —colocou-se de costas

a Charles e olhou os lábios apertados da moça que, a sua vez, olhava sobre o ombro dele—. Lamento te haver incomodado.

Foi baixando o olhar ao peito, colorido por um retalho de pele bronzeada pelo sol, encantador embora pouco feminino, que tinha a gola aberta da camisa de Frankie. Aí detectou outra vez o rubor, sob uma salpicadura de sardas.

—Por favor, poderíamos falar de outra coisa?

—Claro. Como quiser.

—Tem um bom abrigo —disse, cortês.

—Escolhi o resto dos cavalos a semana passada. Posso os ter quando quiser.

Com o tema dos cavalos se sentia cômoda e se arriscou a olhá-lo aos olhos:

—No Liberty?

—Sim. Uma das éguas está prenha. —À medida que Tom continuava com seu tema favorito, a jovem relaxou mais—. E fui a Buffalo a encarregar carros e carruagens no Munkers e Mathers. Irei as buscar assim que me entreguem o feno.

—Ao Bains?

—Sim.

—São bons veículos, fortes. Bons eixos. Durar-lhe-ão. Que marca são?

—Studebaker.

—Studebaker... são bons.

—Com esses malditos caminhos ondulados daqui, pensei que necessitava os melhores... e isso quando há caminhos. Também encarreguei o feno a McKenzie. Assim que chegue, abrirei o negócio.

Depois do bate-papo impessoal, seguiram dançando em cômodo silêncio, ainda cuidando de não aproximar-se muito.

—O que estiveste fazendo? —perguntou-lhe, fingindo pouco interesse quando em realidade tinha avidez por saber tudo o que afetava a vida de Emily desde que se conheceram.

—Não muito.

—Charles me contou que tirou uma bola de pelos e um dente podre. E que lhe pagaram por isso.

—Extraí o dente, não a bola de pelos. Disso se encarregaram os ácidos digestivos e um pouco de azeite de linho. De horrível sabor, mas eficaz.

—Mas lhe pagaram.

Procurou no rosto um sinal de satisfação e as achou quando a garota lhe respondeu:

—Sim.

—Suponho que isso te converte em uma verdadeira veterinária, né?

—Em realidade, não. Até a primavera, não.

Fizeram silêncio uma vez mais, movendo-se com a música, ainda separados por um corpo de largura, pensando em uma nova distração. Ao fim, Emily comentou:

—Charles me disse que escolheste os planos para sua nova casa.

—Em efeito.

—Dois andares e uma galeria em L.

—Conforme parece, é a moda. Tarsy diz que hoje em dia todos têm uma galeria.

Os olhares se chocaram e se moveram em um matagal de sentimentos confusos.

Está construindo-a para ela?

A tensão entre ambos se fez evidente.

Com a esperança de que os dois recordassem suas obrigações, Emily disse:

—Charles fará um bom trabalho. Faz tudo bem.

—Sim, imagino que sim.

Em algum lugar gemia uma gaita e soava um violino, mas nenhum dos dois os ouviu. Seguiam arrastando os pés, perdidos um nos olhos do outro.

Deixa de me olhar assim.

Você deixa de me olhar assim.

Isto era impossível, perigoso.

A tensão aumentou, até que Emily sentiu uma dor aguda entre os homoplatas e perdeu a vontade de continuar com a conversa impessoal.

—Não foi à festa da semana passada — se queixou, em voz leve.

—Não... trabalhei no abrigo.

Era uma mentira óbvia.

—De noite?

—Usei um abajur.

—Ah.

Nesse momento, alguém empurrou Emily contra Tom. Os seios se esmagaram contra o tórax e os braços do homem a apertaram um breve instante. Mas foi o suficiente para que os corações pulsassem descontrolados. A moça saltou atrás e começou a tagarelar para dissimular o desassossego.

—Nunca gostei muito dançar. Quer dizer, há garotas que nasceram para montar a cavalo e outras para dançar, mas não acredito que muitas tenham nascido para fazer ambas as coisas, mas deixa que me sente sobre uma montaria e...

—Emily! —Apanhou-lhe a mão e a apertou sem piedade—. Basta! Charles está olhando.

O bate-papo insubstancial cessou em metade de uma palavra.

Permaneceram frente a frente, impotentes sob o jugo de uma atração que crescia e que nenhum dos dois tinha procurado nem desejado. Quando Emily recuperou certa aparência de compostura, Tom disse com sensatez:

—Obrigado por esta dança — depois a fez girar do braço e a conduziu junto a Charles.

Capítulo 9

Essa mesma noite, mais tarde, Emily estava deitada junto a Fannie que dormia, evocando a Tom com o pensamento: gestos e expressões que adquiriam um insólito atrativo no profundo da noite. Seus olhos azuis zombadores. Esse senso de humor que desarmava. Os lábios, curvando-se e aliviando o peso de algo ameaçador dentro dela. Abraçou-se a si mesma e se enroscou, apartando-se de Fannie.

Quase não o conheço. Mas não importava.

É o rival de papai. Um rival nobre.

É o noivo de Tarsy. Isso não pesava muito.

É o amigo de Charles.

Nesse argumento se detinha, sempre.

Que classe de mulher era a que provocava uma brecha entre amigos?

Mantenha-se afastado de mim, Tom Jeffcoat. Mantenha-se afastado!

Assim o fez escrupulosamente durante duas semanas, ao mesmo tempo que abria seu próprio estábulo para começar a trabalhar. E enquanto crescia a armação da casa. E Emily se inteirava de que via Tarsy cada vez com maior regularidade. Emily pensava: "Bom, é preferível que seja com Tarsy... é melhor assim". Que Jerome Berryman

dava uma festa e Tom não assistia. Que Charles se tornava cada vez mais audaz e a pressionava para que adiantassem a data das bodas. Que o verão se apoderava do vale e o pintava de um amarelo murcho e a temperatura diurna não descia dos vinte e seis graus. O calor fazia que não se pudesse desfrutar tanto do trabalho no estábulo, pois abundavam as moscas, a pele ardia ao menor contato com os refugos de palha e aos cavalos estavam acostumados a formar-se os chagas no pescoço pelo roce dos arnês.

Uma manhã, Edwin levou Sergeant a ferrar ao outro lado da rua e a última hora da tarde pediu a Emily que fosse buscá-lo.

A moça girou a cabeça com brutalidade e o coração lhe saltou à garganta. Resmungou a primeira desculpa que lhe ocorreu:

—Estou ocupada.

—Ocupada fazendo o que? Coçando a esse gato?

—Bom... estava estudando.

O olhar impaciente do pai se posou sobre o livro, que estava de barriga para baixo junto ao quadril de Emily.

Fazia um calor terrível e seu pai estava de mau humor, não só pelo calor. Outra vez, a mãe tinha piorado, um cliente devolveu um landó com um rasgo no assento e teve que discutir com Frankie pela limpeza de um curral. Quando Emily demorou para ir procurar Sergeant, Edwin teve uma de suas estranhas explosões.

—Está bem! —Atirou o balde com ruído metálico—. Irei eu a procurar a esse maldito cavalo!

Saiu a pernadas do escritório e Emily correu atrás dele:

—Papai, espera!

Deteve-se, exalou um pesado suspiro e quando se deu a volta era a imagem mesma da paciência sofrida.

—Foi um dia difícil, Emily.

—Já sei. Sinto muito. É obvio que irei procurar Sergeant.

—Obrigado, linda.

Beijou-a na testae se separaram na porta do sul. Enquanto percorria a meia quadra que havia até o estábulo Jeffcoat, Emily amontoava dúvidas. Todo o tempo que esteve em construção e desde que se abriu ao público, nunca tinha estado a sós com ele e agora sabia por que. Deteve-se fora, vacilante, ordenando ao pulso que se acalmasse, concentrando-se no pôster recém pintado que havia sobre a porta: ESTÁBULO-ALOJAMENTO JEFFCOAT. ALOJAM-SE E FERRAM CAVALOS. ALUGAM-SE CARRUAGENS. No fronte se erguia um par de travessas de amarração novas, com os postes de pinheiro descascado

que brilhavam, brancos, ao sol. A fila de janelas no lado oeste do edifício refletia o azul do céu e em uma resplandecia, o sol da tarde, cegador. Em um curral próximo ao edifício, a nova reata de cavalos dormitava, revoleando a cauda para espantar as moscas.

Vá procurar Sergeant. Em dois minutos pode entrar e sair.

Inspirou uma funda baforada, exalou lentamente e seguiu andando pela rua copiando, sem sabê-lo, o golpe rítmico do martelo sobre o aço.

Deteve-se ante a porta aberta. O ruído vinha de dentro: *pang-pang-pang.* Sergeant estava no extremo oposto do edifício, amarrado perto da porta da ferraria. Caminhou para ele rodeando a plataforma giratória que estava no centro do largo corredor, sem tirar a vista da entrada.

Pang-pang-pang! Ressonava em todo o abrigo, fazendo tremer as vigas do teto e repercutia nos tijolos do chão como se repetisse o ritmo do coração de Emily.

Pang-pang-pang!

Aproximou-se em silencio de Sergeant e o acariciou com carinho, embora distraída, murmurando:

—Olá, moço, como está?

O martelo cessou. Esperou que aparecesse Jeffcoat, mas como não foi assim, aproximou-se da porta da ferraria e esquadrinhou dentro.

Estava quente como o mesmo inferno e muito escura, salvo pelo resplendor avermelhado da forja, instalada na parede de em frente: um lar de tijolo à altura da cintura, com cubro em arco e muito profundo, rodeado de ferramentas, martelos, tenazes, cinzeis e punções que penduravam pulcramente do sino de tijolo. À direita havia uma mesa de madeira sem desbastar, onde havia mais ferramentas, à esquerda, o tanque de água para esfriar ferramentas e ferros candentes e, no centro do âmbito, uma velha bigorna de aço montado sobre uma pirâmide de grossas pranchas de madeira. Sobre a forja pendia um fole de dupla câmara com o tubo que alimentava o fogo. Acionando o fole, de costas à porta, estava Jeffcoat.

O homem ao que tinha estado evitando.

Com a mão esquerda bombeava ritmicamente provocando um vaio sustenido e um ruído surdo do couro dobrado em forma de acordeão; com a direita, sustentava uma longa barra de ferro, negra em uma ponta, incandescente na outra, quase tão vermelha como as mesmas brasas. Trabalhava com as mãos nuas, os braços também, com a conhecida camisa de mangas arrancadas e, em cima, um avental de couro manchado de fuligem.

Em uma postura nítida, a silhueta se recortava contra o arco resplandecente, pintado pela radiação escarlate das brasas, que se avivavam ao receber o sopro do fole. Pela chaminé ascendeu um rugido.

O ruído esbofeteou os ouvidos de Emily, a luminosidade do fogo aumentou e pareceu expandir os contornos de Jeffcoat. Voaram faíscas que aterrissaram aos pés do homem, sem que lhes emprestasse atenção. O aroma acre da fumaça se mesclou com o do ferro reaquecido formando uma fragrância amarga.

Vendo-o trabalhar pela primeira vez, trocou de novo a percepção que tinha dele e se tornou permanente: esse homem ia ficar ali. Dezenas de vezes em sua vida Emily se deteria ante a porta e o encontraria assim, trabalhando. Perguntou-se se sempre lhe cortaria o fôlego vê-lo nessa situação.

Observou-o mover-se e cada movimento era aumentado por esse puxo cobre em pó que flutuava ao redor. Deu a volta a barra de ferro, que ressonou como um sino no lar de tijolo, e observou como se esquentava. Quando alcançou um branco amarelado, tomou um formão, cortou-a e a levantou com um par de pesadas tenazes.

Girou para a bigorna.

E aí se encontrou com Emily que o olhava da entrada.

Ficaram imóveis, como sombras, tanto tempo que o branco amarelado do ferro candente começou a tornar-se ocre. Tom foi o primeiro em recuperar o sentido e disse:

—Olá.

—Vim procurar o Sergeant —anunciou, incômoda.

—Não está preparado. —Levantou o ferro a modo de explicação—. Falta uma ferradura.

—Ah.

Uma vez mais se fez silêncio, enquanto o ferro seguia esfriando-se.

—Se quiser, pode esperar. Não falta muito.

—Não se incomoda?

—Absolutamente.

Voltou para a forja para reaquecer a barra e Emily entrou, passando sobre uma capa rangente de cinzas que cobria o chão e parou, interpondo a mesa de ferramentas entre ela e o homem. Observou com atenção o perfil, segura na penumbra da ferraria. Tinha uma banda vermelha sujeita na testa. Em cima, o cabelo caía em mechas úmidas; e o suor marcava regatos brilhantes nas têmporas. A luminosidade vermelha lhe acendia o pelo dos braços e o que aparecia pelo peitilho do avental. Olhou-o até que sentiu a necessidade de inventar uma distração. Elevou os olhos para o escuro teto de grossas vigas, às paredes em sombras, e os olhou como um caçador olhando o céu.

—Ficaste sem janelas?

Tom lhe lançou um olhar, sorriu e voltou sua atenção à forja.

—Vieste a me chatear outra vez?

—Não. O que acontece é que sinto curiosidade.

Tom girou a barra e seguiu com sua música.

—Sabe tão bem como eu por que os ferreiros trabalham na escuridão: porque nos ajuda a distinguir melhor a temperatura do metal. — sacudiu a barra, que estava outra vez ao vermelho branco—. Pela cor, vê?

—Ah. —Depois de uma pausa de silêncio, adicionou—: Não teria que usar luvas?

—Uma vez ficou uma brasa dentro e agora trabalho sem eles.

Emily baixou a vista e arrastou uma bota entre as cinzas.

—Ao chão não lhe viria mal um varrido.

—Sim, vieste a me chatear.

—Não. Só devo buscar Sergeant, sério. Papai me enviou.

Olhou-a um longo momento, até que dirigiu uma vez mais a vista ao trabalho e lhe explicou:

—As cinzas mantêm o chão frio no verão e quente no inverno.

—Frio?

Estendeu as mãos no ar tórrido.

—O mais fresco possível. Se quiser, pode esperar fora.

Mas ficou, vendo como outra gota de suor descia pela mandíbula de Tom Jeffcoat, que a secou no ombro. No rosto não recebia nenhuma sombra e o calor da forja era tão intenso que os olhos pareciam duas brasas vermelhas. Mesmo assim, bombeava com regularidade o fole e permanecia em meio desse inferno como se fosse só um pouco mais quente que o vento que soprava sobre o Big Horns.

De vez em quando, Emily apartava a vista, mas seus olhos tinham vontade própria. Não queria achá-lo tão atraente, mas indiscutivelmente o era. Nem tão masculino. Nem nenhuma das milhares de coisas indefiníveis que a atraíam para ele, até contra sua vontade.

—Já está preparada.

A barra tomou uma vez mais o tom quase branco da lua cheia. Tom a levantou com as pinças, escolheu um martelo e ficou a trabalhar sobre a bigorna, golpeando o metal com ruídos ressonantes e cantarinos.

A Emily fascinou o som: para o granjeiro significava que estavam arrumando a grade do arado; para o carreteiro, que estavam dando forma aos aros das rodas; mas para ela, significava a possibilidade de cuidar dos cavalos. Essa música enchia a ferraria, enchia-lhe a cabeça...

a nota repetida que tinha ouvido de longe toda sua vida.

Pang-pang-pang!

Como um professor por direito próprio, viu Tom executá-la, a este homem que acelerava seu pulso cada vez que o via.

Quando esgrimia o martelo trocando a forma do ferro, enrolando-o golpe a golpe ao extremo bicudo da bigorna, os músculos se sobressaíam. A música se interrompeu. Levantou a ferradura com as tenazes, avaliou-a com o olhar, pô-la outra vez na bigorna e reatou os golpes medidos e rítmicos. Cada um ressonava na boca do estômago de Emily e se estendia para suas extremidades.

—Estou usando uma ferradura de três quartos — gritou Tom sobre o estrépito—. E também uma lâmina de cobre nessa pata dianteira. Assim evitaremos que volte a rachar.

Emily recordou o primeiro dia que o viu e como a fez zangar-se. Ah, se pudesse recuperar agora algo desse aborrecimento! Em troca, contemplava a pele iluminada pelo resplendor do fogo e imaginava o quão cálida que devia estar. Via uma gota de suor na comissura do olho e imaginava quão salgada seria. Via flexionar o peito e pensava em quão duro devia ser.

Distraiu-se iniciando uma conversa:

—Nós o levamos a Pinnick para que lhe trocasse a ferradura, mas em lugar de uma mudança fez uma reparação.

—Esse Pinnick é um sujeito estranho. Um dia, veio aqui bêbado e ficou me olhando, balançando-se sobre os pés. Quando lhe perguntei no que podia ajudá-lo balbuciou algo que não entendi e se foi outra vez, cambaleando-se.

—Não preste atenção. Está sempre ébrio, coisa que, sem dúvida, beneficiar-te-á. Terá muitos encargos de ferraduras.

Tom se encaminhou para a porta com a ferradura quente.

—Veem. Mostrar-te-ei o que tenho feito.

No corredor entre uma e outra porta, formava-se uma bem-aventurada corrente fria. Entre os aromas mesclados de madeira nova, ferro quente e cavalo, Emily se agachou e recebeu também uma rajada de seu suor, quando Tom levantou a pata dianteira do animal e a pôs sobre o colo. Medindo a ferradura, assinalou:

—Pus a prancha de cobre no lado e como a ferradura é maior lhe dará mais amparo ainda. Quando tocar a próxima mudança, este casco estará como novo. Inclusive antes... dentro de umas quatro semanas, diria eu.

—Bom — respondeu, contemplando o braço sujo a poucos centímetros do dela.

A ferradura era um pouco grande. Tom a levou outra vez à ferraria enquanto Emily esperava no corredor fresco, vendo como dava uns golpes destros e voltava a levantar outra vez o casco de Sergeant. Esta vez, a ferradura ficava tão perfeita como se tivesse sido esvaziada em um molde de areia. Levou-a outra vez dentro, tomou um punção e perfurou buracos nela, apoiando-a sobre a parte plaina da bigorna.

Levantou-a assobiando entre dentes e revisou os buracos à luz das brasas.

—Preparado. Agora tem que estar bem.

Foi para a esquerda e inundou a ferradura no tanque, onde vaiou e jogou vapor, enquanto Tom olhava sobre seu ombro.

—Toma um punhado de rebites da mesa, por favor.

Indicou-lhe com a cabeça.

—Ah, sim, sim.

Tomou os pregos enquanto ele encontrava um martelo de cabeça quadrada e voltavam os dois junto a Sergeant. Emily ficou de pé, com a vista fixa na cabeça de Tom que adotou uma pose que lhe resultava absolutamente familiar em qualquer homem, mas que parecia tão diferente nele. Observou a curva das costas, a mancha úmida no centro da camisa, as calças ajustadas que se inchavam, apenas, na cintura.

Girando sobre os talões, surpreendeu-a olhando-o.

—Pregos — pediu, estendendo a mão.

—Oh, aqui!

Entregou-lhe quatro, mas Tom não se moveu. Os olhares se encontraram e a fascinação se multiplicou até que o ar que os rodeava pareceu arder como o da forja.

Com brutalidade, o homem girou e se concentrou de novo no trabalho.

—Como esteve a festa a semana passada?

—Bem, acredito.

Tinha trocado de idéia e ido com a esperança de encontrar.

—Charles se divertiu.

Emily tinha perdido e teve que beijar Charles quando jogaram carteiro Francês.

—Foi tolo. Eu não gosto desses jogos.

—A ele sim.

Colocou um prego e o cravou, enquanto a moça se ruborizava, incapaz de pensar uma resposta.

—Foram todos? —perguntou Tom.

—Todos, menos Tarsy e você.

Terminou de colocar o último prego, soltou o casco e se levantou.

—Essa noite, estivemos pintando o pôster.

Assinalou para a porta com o martelo.

—Ah, sim. Ficou bem.

Os olhares se encontraram e se separaram, discretos.

—Bom... é melhor que corte estes rebites.

Procurou a ferramenta adequada e passou vários minutos recortando as pontas dos pregos que se sobressaíam nos quatro cascos. Emily olhava ao redor, a lenha recém empilhada, as janelas sem teias de aranha; recordava que todo o tinham feito ele e Charles e que, enquanto o faziam, converteram-se em amigos.

Tom terminou e pediu:

—Quer trazê-lo para mim, assim posso ver como está a ferradura nova?

Se agachou perto da entrada à ferraria e Emily afastou Sergeant para depois voltar para ele, sentindo o olhar de Tom tanto em seus próprios pés como nas patas do animal. Quando se aproximou, o homem se levantou e acariciou o nariz do cavalo.

—Está cômodo, né, Sergeant? —E a Emily—: Teria que vê-lo trotar e galopar para estar seguro de que ficaram bem planos.

—Pinnick jamais em sua vida tomou tempo para controlar esse tipo de detalhe.

— Ensinaram-me assim.

—Seu pai?

—Sim.

—Era ferrador?

Olhou os olhos azuis claro.

—Meu pai e também meu avô. —Enquanto falava, tirou a faixa vermelha, enxugou o rosto e o pescoço e a meteu no bolso traseiro—. O fole e a bigorna são dele, de meu avô. Minha avó insistiu em que trouxesse isso para o vir aqui. Disse que eram para me dar sorte.

Os dois levantaram o olhar para a ferradura que pendurava sobre a porta da ferraria.

—Não sabe que terá que pendurá-la para acima, para que a sorte fique apanhada dentro?

—Os ferreiros, não. —Olhou-a—. Somos quão únicos podemos

pendurá-la para abaixo, de modo que a sorte flua para nossa bigorna.

Esta vez, os olhares se encontraram e se sustentaram. O trabalho havia terminado. Já não havia desculpas para que não levasse Sergeant em qualquer momento e ambos sabiam. Por isso inventaram uma conversa que a retivesse.

—É supersticioso — comentou.

—Igual a qualquer um. Mas as ferraduras são minha especialidade. A gente espera vê-las aqui.

Emily olhou outra vez a que estava pendurada e Tom contemplou a curva do pescoço que ficava exposta. Baixou o olhar à linha dos seios, esmagada nos mamilos onde se cruzava com os suspensórios vermelhos, os polegares enganchados nas fivelas de bronze, na cintura das calças de Frankie. Parecia-lhe tão atraente com esse traje de moço como com o vestido cor malva. Nunca tinha conhecido a uma mulher menos pretensiosa, nem com a que compartilhasse tantos interesses. De repente, desejou que ela conhecesse todo seu reino, que compreendesse sua alegria do ter, pois qualquer outro dono de estábulo era capaz de entender o que significava tudo isso.

—Emily, a noite de minha festa não viu nada salvo este estábulo. Eu gostaria de te mostrar o resto. Quer fazer uma pequena visita?

A moça soube que seria mais prudente sair dali com a devida pressa, mas não pôde resistir o rogo que soava na voz do homem.

—Está bem. —Por deferência a Charles, adicionou—: Mas não posso ficar muito. Fannie terá o jantar pronto muito em breve.

—Não levará mais de cinco minutos. Espera.

Entrou na ferraria, inclinou-se sobre o tanque e esfregou o rosto e os braços com o lenço molhado. Da porta, Emily viu as masculinas abluções com um nó cada vez mais grande no estômago.

—Sinto-o — disse, e ao se levantar e dar a volta a encontrou olhando—. Há vezes cheiro pior que meus cavalos. —Estendeu o lenço molhado sobre os tijolos quentes, secou as mãos no traseiro das calças e disse—: Bom, poderíamos começar aqui. Veem. —Esperou que se aproximasse—. Os foles foram fabricados na Alemanha, em 1798. Durarão toda minha vida e mais também. A bigorna é o mesmo em que meu pai aprendeu do dele e com o que depois me ensinou. Talvez seja o mesmo em que eu ensine a meus filhos. —Deu-lhe uma palmada carinhosa e passou a mão pelo ferro sulcado de marcas—. Conheço cada uma de suas marcas. Quando parti de Missouri, minha mãe me mandou quatro fogaças de pão caseiro para o caminho. Não me interprete mau: eu adorei, mas chegou um momento em que comi isso. Isto, em troca... —Olhou a bigorna, com a mão apoiada sobre a ferramenta em gesto de carinho—, as marcas dos martelos de meu pai e

meu avô não desaparecerão nunca. Quando sinto falta deles, lembro-me disso e me sinto melhor.

Embora se pudesse dizer que era um momento estranho, desapaixonado para reconhecer que se apaixonou por Tom, foi nesse instante, quando Emily se encontrou com seus olhos, quando a deixou ver a alma que morava nesse corpo ao admitir quanto sentia falta da sua família e quanto valorava a herança familiar. Estremeceu-a com a força de um golpe: *Pang-pang*!... Amo-o.

Deu a volta, temendo que o lesse em seus olhos. O calor da ferraria lhe apertava contra a pele e se unia ao calor interior, um calor aterrador, que difundia a súbita admissão desse amor.

—A calha para esfriar o ferro eu a fiz —continuou Tom—, e a base da bigorna, com travessas de ferrovia, e o banco de ferramentas, também. Os tijolos são de Buffalo.

Indicou-lhe com um gesto que o precedesse. Percorreram o abrigo separados por vários metros e Emily olhou com aplicação as baias, as janelas, o quarto de arranjos e o escritório, embora o único que queria era olhá-lo à luz desse amor que acabava de descobrir.

Detiveram-se o pé das escadas do palheiro e o monólogo continuou:

—Agora durmo aí acima. Não tem sentido que pague o quarto de hotel sem necessidade. Nesta época do ano faz calor e Charles diz que a casa estará terminada antes que comece o frio.

Emily olhou para cima, percebeu o aroma doce do feno fresco e se imaginou subindo essa escada alguma noite. Mas se voltou, rechaçando a idéia.

—Não me mostraste a plataforma.

—Minha plataforma. Ah... —Riu levantando uma sobrancelha—. Minha loucura?

—É?

Voltaram para centro do armazém.

—Os meninos não opinam assim. Vêm e me rogam que os deixe dar uma volta.

Detiveram-se em lugares opostos do círculo de madeira e Tom o empurrou com o pé enquanto Emily o via girar. Rodando sobre almofadinhas, quase não fazia ruído.

—Que suave.

—Loucura ou não, resulta muito prático quando quero fazer girar uma carruagem. Quer provar?

Levantou o queixo e o olhou, sentindo o desastre iminente que lhe tamborilava nas veias, mas o ignorou e respondeu:

—Por que não?

Tom deteve a roda e Emily subiu. Pô-la em movimento com a ponta da bota, e a moça levantou o rosto e olhou como as vigas do teto giravam lentamente, distraída, sabendo que ele a observava dar voltas. O leve tremor das almofadinhas lhe subiu pelas pernas até o estômago. Deu a volta, passou-o de comprimento uma, duas vezes, com o rosto voltado para as vigas. Mas na terceira volta se rendeu e baixou a vista para ele ao dar o último meio giro.

Quando chegou frente a ele, a bota de Tom freou a plataforma.

Ficaram transfigurados, os pulsos convertidos em loucos tambores, lutando contra as compulsões que os mantinham no limite do momento em que Tom a viu parada, olhando-o silenciosa, na porta da ferraria. Os punhos que tinha à altura dos quadris se abriram uma vez e se fecharam. Os lábios de Emily se abriram, mas não emitiram som algum. Permaneceram juntos em um redemoinho de incerteza: dois seres mudos, apanhados na tentação.

—Emily — disse Tom, em voz sufocada.

—Tenho que ir!

Tratou de passar junto a ele, mas ele a apanhou pelo antebraço.

—Não viu os cavalos.

Os dois sabiam que não a retinha por isso.

—Tenho que ir.

—Não... espera.

A mão de lhe queimava no braço, pobre substituto das carícias que desejavam compartilhar.

—Deixe-me ir — rogou sussurrando e ao fim elevou os olhos para ele.

Tom tragou com dificuldade e perguntou em tom tenso:

—O que vamos fazer?

—Nada — respondeu, soltando-se.

—Está zangada.

—Não estou zangada!

Estava-o, mas não com ele a não ser com o desesperado da situação.

—Bom, que esperas que faça? —raciocinou—. Charles é meu amigo. Neste mesmo momento está construindo minha casa, enquanto eu estou aqui, pensando em...

— Crê que não sei!

Os olhos de Emily arderam afundando-se nos dele.

—Afastei-me de propósito das festas — arguiu, defendendo-se a si

mesmo.

—Sei.

—E estive visitando muito Tarsy, mas ela é...

—Não o diga. Por favor, Tom, não diga nada mais. Também é minha amiga.

Olharam-se, impotentes, respirando agitados como se tivessem alcançado a linha de chegada de uma corrida. Por fim, Tom retrocedeu.

—Tem razão. É melhor que vá.

Mas agora que a tinha soltado, não podia. Não tinha dado mais que dois passos quando parou na metade do corredor e tocou a testa com as mãos. Não chorou nem falou, mas a postura foi mais expressiva que as lágrimas e as palavras.

Tom permaneceu detrás, a ponto de ceder à tentação. Quando não pôde suportar mais, deu a volta e ficaram costas com costas, e imaginou detrás dele.

Foi Emily a que rompeu o silêncio.

—Suponho que não virá à festa de Pontua, amanhã de noite.

—Não, acredito que é preferível que não vá.

—Não, é... eu... —Gaguejou, interrompeu-se e admitiu—: Eu tampouco quero ir.

—Vá — lhe ordenou com sensatez—, com o Charles.

—Sim, tenho que fazê-lo.

Outra vez pensaram em Charles, costas com costas, olhando para as paredes opostas.

—Tarsy me pressiona para ir. Mas eu a convidei para jantar no hotel.

—Ah.

Tom sentiu como se lhe esmagassem o peito e, por fim, desesperado, deu-se a volta para ver os ombros caídos, a boina de lã, a nuca, os suspensórios que lhe esmagavam a camisa cor torrada contra os ombros. Como diabos tinha acontecido isto? Amava-a. Era a mulher de Charles e Tom a amava.

—Isto é terrível... é desonesto —murmurou.

—Sei.

Passou outro minuto sem que surgissem soluções e Tom repetiu:

—É melhor que vá.

Sem acrescentar palavra, Emily tomou a brida de Sergeant, subiu ao lombo do animal e fustigou as rédeas gritando:

—Ho!

Ao chegar ao vão das portas já galopava inclinada para frente, para a redenção, uma via de escapamento de Tom Jeffcoat e do torvelinho interminável que tinha causado em sua vida.

Nas semanas seguintes, soube que não havia escapatória possível. O torvelinho estava dentro dela dia e noite. De dia, enquanto trabalhava a poucos passos de Tom Jeffcoat. De noite, infiltrava-se em seus sonhos.

Sonhos loucos, impossíveis.

Em um deles, Tom montava na bicicleta de Fannie, caía e desmaiava. E ela estava de pé junto a ele, rindo. Mas como sangrava, Emily caía de joelhos em plena rua Main e começava a arrancar ataduras da toalha de linho preferido de sua mãe. Despertou agitada, tironeando dos lençóis como se quisesse rasgá-los.

Em outro sonho, que a perturbava com mais frequência, estava vestida com uma estranha combinação: a boina de Frankie, a jaqueta de estar na casa de sua mãe e as bombachas de Fannie. Caminhava descalça por uma rua desconhecida. Ao pé de uma colina, o caminho se transformava em um pântano fétido de esterco de porco, e enquanto ela chapinhava, Tom estava de pé no topo do telhado da igreja nova com os braços cruzados sobre o peito, rindo. Ela se enfurecia e tratava de voar até o campanário para dizer-lhe, mas estava muito inundada e os braços não a elevavam.

Em outro, estavam jogando carteiro Francês e Tom a beijava. Isso era absurdo, pois embora ela seguia assistindo às festas por insistência de Charles, Tom seguia as evitando, geralmente com Tarsy.

Mas o sonho se repetia. Uma noite em que estava deitada, inquieta e preocupada junto a Fannie, decidiu confiar nela.

—Fannie, está dormindo?

—Não.

Chegou a tosse da mãe do outro lado do corredor, depois a casa ficou em silêncio enquanto Emily formulava perguntas e reunia coragem para as dizer.

—Fannie, o que opinaria de uma mulher comprometida que sonha com alguém que não é seu noivo?

—Outro homem, quer dizer?

—Sim.

Fannie se sentou.

—Caramba, isto é sério.

—Não, não o é. Só são sonhos... sonhos tolos. Mas os tenho muito frequentemente e me incomodam.

—Conta-me.

Fannie se acomodou contra a cabeceira, preparando-se para um longo bate-papo, e Emily lhe contou tudo, omitindo o nome de Tom. Descreveu os dois pesadelos e perguntou:

—O que acredita que significam?

—Meu deus, não tenho idéia.

Emily reuniu coragem e admitiu:

—Há outro.

—Ahá.

—Sonho que estamos jogando carteiro Francês e que ele me beija.

Fannie não disse mais que:

—OH, caramba.

—E eu gosto.

—OH, caramba, caramba.

Emily se sentou e deu murros à manta, desagradada consigo mesma.

—Sinto-me tão culpada, Fannie!

—Por que culpada? A menos que haja um motivo.

—Refere a se em realidade o beijei? Não, é obvio que não! Nunca me tocou. De fato, há ocasiões em que não sei se gosto. —Pensou em silêncio um minuto e perguntou—: Fannie, por que acredita que nenhuma vez sonho com Charles?

—Possivelmente porque o vê tão frequentemente que não precisa sonhar.

—Possivelmente.

Depois de um instante de silêncio reflexivo, Fannie perguntou:

—Esse homem com o que sonha... atrai-te?

—Fannie, estou prometida a Charles!

—Isso não é o que te perguntei.

—Não posso... ele... quando nós...

Gaguejou e se calou.

—Atrai-te.

O silêncio foi uma confirmação.

—Então, o que se passou entre você e o homem sonhado?

—Não é o homem sonhado.

—Está bem, esse homem ao que às vezes não lhe agrada. O que aconteceu?

—Nada. Olhamo-nos, isso foi tudo.

—Apenas se olharam? Tanta culpa por uns olhares inocentes?

—Jogamos uma vez a seu maldito jogo... o Galo de briga Cego Adivinho, ele tinha os olhos enfaixados; sentou-se em minha saia... tocou-me o rosto... o cabelo... foi horrível. Quis morrer aí mesmo.

—Por que?

—Porque Charles estava ali, olhando!

—O que disse Charles?

—Nada. Ele opina que esses jogos são completamente inocentes.

—OH, Emily... —Fannie suspirou, rodeou-a com seus braços, atraiu a cabeça da garota sobre seu ombro e lhe acariciou o cabelo—. Você se parece muito a sua mãe.

—E isso não é bom?

—Até certo ponto. Mas tem que tratar de rir mais, de tomar a vida como vem. O que tem que mau em um jogo com beijos?

—É embaraçoso.

A resposta de Fannie, em lugar de tranquiliza-la, intensificou suas dúvidas.

—Nesse caso, minha pobre confundida, temo que não beijou ao homem correto.

No fim de agosto, Tom recebeu carta de Julia.

Querido Thomas:

Estive muito afligida pelo que te fiz e a única forma de apaziguar minha consciência é te escrever e te pedir perdão. Na manhã de minhas bodas, chorei. Despertei, olhei pela janela as ruas pelas que você e eu caminhamos juntos tantas vezes, pensei em ti, tão longe, e recordei a expressão de seu rosto o dia em que te falei de meus planos para me casar. Lamento te haver ferido, Tom. Não quis fazê-lo. Sei que o corte brusco que dava a nosso compromisso foi imperdoável. Mas sou muito feliz com Jonas, Tom, e queria que soubesse. Fiz a escolha adequada para mim, para os dois. Porque sou tão feliz que desejo para ti a mesma

classe de sorte. É minha mais fervente esperança que encontre a mulher que te valore como merece. Quando a encontrar, por favor, não seja pessimista pensando em quão mau eu te tratei. Eu não gostaria de me saber responsável por nenhum desencanto que pudesse albergar contra as mulheres. A vida conjugal é rica e prazenteira. Eu a desejo a ti também, mais ainda desde que Jonas e eu soubemos que esperamos nosso primeiro filho para março. Espero que ao receber esta carta esteja contente e próspero em seu novo ambiente. Penso em ti com frequência com o mais fundo afeto.

Julia

Leu-a na calçada, frente à loja de ferragens de Loucks. Quando terminou, surpreendeu-lhe quão poucos sentimentos albergava por Julia. Houve uma época em que com apenas ver sua escrita lhe espremia o coração. Sacudiu-lhe saber que já não tinha poder para feri-lo.

Mas a carta lhe causou nostalgias de seu povoado. A menção das ruas pelas que tinham caminhado lhe evocou vívidas imagens do povoado natal e da família. Estava farto de comer no hotel, de dormir no armazém, de trabalhar quatorze horas por dia, primeiro no estábulo, depois na casa. Às vezes, cansado de estar colocando gesso durante horas, quando voltava para estábulo via os abajures nos lares pelos que passava e se sentia profundamente desanimado.

Começou a passar mais tempo com Tarsy.

Se tivesse havido outra moça em Sheridan que lhe interessasse, cortejá-la-ia. Mas, além de Emily Walcott, Tarsy era a única, e era natural que se sentissem mais livres um com o outro quanto mais frequentemente se vissem. Chegou um ponto em que tiraram o chapéu riscando uma perigosa linha entre a discrição e o desastre.

Tão frustrada como Tom, chegou o momento em que Tarsy precisava falar com alguém e procurou Emily. Foi ao lar dos Walcott, depois do jantar, em uma noite rude e nebulosa de finais de setembro. Charles e Edwin jogavam backgammon. Frankie abriu a porta e levou Tarsy à cozinha, onde Emily ajudava Fannie com os pratos.

—Emily, posso falar contigo?

—Tarsy... —Bastou-lhe um olhar para saber que acontecia algo errado. Deixou o pano imediatamente—. O que acontece?

—Poderíamos ir acima, a seu quarto?

Sem suspeitar nada, Emily a levou acima.

Acima, à luz do abajur, Tarsy tirou o casaco de lã e bisbilhotou pela habitação, como se não quisesse revelar o que lhe acontecia agora que

contava com a atenção de Emily. Ante a cômoda, levantou a escova e passou, distraída, o polegar pelas cerdas. Deixou-o, tomou um pente e o passou uma vez pelo cabelo, que levava sujeito com um coque negro e lhe caía pelos ombros.

Emily a observou, esperando paciente que Tarsy dissesse o que precisava contar. Era esbelta e bonita, vestida com uma blusa branca e uma saia vermelha escocesa, com muito a moça mais linda de Sheridan. Frequentemente pensava que não era estranho que Tom se sentisse atraído por Tarsy. Sabia que, ultimamente, viam-se com frequência e o efeito sobre sua amiga era notável.

Durante o verão, tinha mudado. A moça risonha e aturdida tinha desaparecido substituída por uma jovem judiciosa, que já não se jogava sobre as camas nem sobre as pilhas de feno, em meio de efusões sentimentais.

A ironia estava em que Emily sentia mais perto que antes a esta Tarsy transformada.

Aproximou-se dela e a fez girar tomando pelos braços.

—Tarsy, o que acontece?

Sua amiga elevou os afligidos olhos castanhos:

—É Tom —admitiu, em voz baixa.

Pronunciava o nome de um modo diferente, com respeito.

—Ah.

As mãos de Emily se deslizaram pelas mangas de Tarsy.

Antes que lhe escapasse, Tarsy apanhou uma delas.

—Sei que você não gosta dele, Emily, mas eu... Não tenho ninguém mais a quem lhe confiar isto. Acredito que o amo, Em.

Já estava: a confidência. Outra carrega para as costas de Emily. Se Tarsy tivesse fingido deprimir-se como fazia uns meses atrás, não seria tão trágico. Mas era muito sincera.

—Ama-o?

—OH, já sei o que disse antes. Sonhei acordada como qualquer moça amalucada e me atirei no desvão, e me comportei como uma perfeita parva em relação a ele. Mas agora é diferente. É de verdade. —Apertou o punho contra o peito esquerdo e falou com alarmante sinceridade—: Está aqui, na parte mais profunda de meu ser e é tão grande que quase não posso levá-lo dentro. Mas tenho medo de dizer-lhe porque se soubesse deixaria de me visitar.

Deixou-se cair no bordo da cama de Emily e baixou a vista, desconsolada. As mãos descansavam sobre o colo em lugar de revoar, melodramáticas, como estavam acostumados a fazê-lo.

—Sabe? —continuou—, faz tempo me disse que suspeitava que eu estava procurando marido. Mas me esclareceu que ele não estava no mercado do matrimônio. Eu já sabia, inclusive quando permiti que começasse a me beijar. Ao princípio, isso foi tudo, mas seguimos nos vendo e agora... bom, é natural que... —levantou-se de repente, foi até a janela e ficou olhando a garoa—. OH, Emily, deve ter muito má opinião de mim.

—Tarsy, você e Tom...?

Não lhe ocorreu uma maneira discreta de fazer a pergunta. Aterrada, esperou a resposta.

Tarsy seguiu uma gota com o dedo e disse com calma:

—Não, ainda não. —deu-a volta muito composta e se sentou outra vez junto a seu amiga—. Mas estou tentada, Em. Temo-nos feito íntimos.

Os olhares das duas se encontraram, e Emily viu nos de Tarsy uma sinceridade e uma culpa que nunca teria esperado. Para seu desgosto, os olhos de sua amiga se encheram de lágrimas e cobriu o rosto com as mãos.

—É pecado. Sei que é pecado. E é perigoso, mas, o que faz uma quando ama tanto a alguém que já não lhe parece errado?

—Não sei — respondeu Emily sem rodeios, afligida pelo giro da conversa.

—Mas você está comprometida, Emily; você e Charles estão tanto tempo juntos como Tom e eu. O que fazem quando lhes sentem assim?

Seria percepção ou lucidez por parte de Tarsy acreditar que o amor envolvia a todos da mesma maneira, que desatava uma paixão cega em uma mulher pelo simples feito de ter aceitado casar-se com um homem? Para espanto de Emily, Charles nunca lhe tinha provocado semelhantes sentimentos. Para falar a verdade, aproximou-se mais a eles com o Tom que com seu próprio noivo.

Isso fazia mais irônica ainda a situação.

—Não sei o que dizer, Tarsy.

—Há mais. Algo pior ainda —confessou—. Às vezes, penso em permitir que possa apanhá-lo.

—Não diga isso! —exclamou Emily, horrorizada—. É uma loucura!

—Mas é a verdade. Se ficasse grávida, teria que casar-se comigo e em ocasiões penso que valeria a pena a vergonha.

—OH, Tarsy, não. —Emily cedeu à dor de seu próprio coração e abraçou Tarsy com um afeto que até agora não havia sentido. Quantas vezes a considerou uma boba e se burlou de sua frivolidade? Agora que tinha desaparecido, Emily queria que voltasse, que a infância retornasse

porque a feminilidade era dolorosa e desconcertante—. Prometa-me que nunca fará isso. Promete-o. Poderia arruinar para sempre as vistas dos dois e seria injusto para ele.

Tarsy ocultou a cara no ombro de Emily e chorou.

—OH, Emily, o que vou fazer? Está apaixonado por outra.

O pânico a golpeou. A culpa. Ruborizou-se e abraçou com força Tarsy para que não a visse.

Mas sua amiga continuou:

—É essa mulher a que estava prometido. Ainda a ama.

—Pode ser. Passaram poucos meses desde que rompeu o compromisso. Leva tempo superar uma coisa assim. Chegará a dar-se conta que você é... bom, que amadureceste, que está pronta para o matrimônio. —Esforçando-se por animá-la, continuou—: E você é a moça mais bela que se viu neste povoado. Seria um parvo se não o advertisse.

Levantou o queixo trêmulo de Tarsy. Ao princípio, a moça se negou a deixar-se consolar, mas ao fim cedeu a um bufo de risadas.

—OH, a parva sou eu. —limpou as lágrimas com o dorso da mão—. Sei que o sou. Só... uma estúpida diz que fará algo que em realidade não está disposta a fazer. Alguma vez o faria, sabe, verdade, Emily?

—Certamente.

Emily encontrou um lenço na gaveta da cômoda e o deu a Tarsy, esperando que se secasse o rosto e se soasse o nariz. Quando terminou, enroscou-se, distraída, o lenço nos polegares e ficou olhando-o.

—Mas, Emily... —lamentou-se, levantando os olhos tristes—, de verdade o amo.

Emily se ajoelhou ante a amiga e lhe cobriu as mãos.

—Sei.

Essa nova Tarsy adulta realizou um valente esforço por controlar as lágrimas que estavam a ponto de brotar outra vez.

—OH, Emily, por que tem que doer tanto?

Nenhuma das duas conhecia a resposta nem suspeitava que a dor se faria mais intenso nas semanas seguintes.

Capítulo 10

Havia ocasiões em que Fannie se perguntava por que tinha ido. Não era fácil ver morrer a alguém. Ultimamente, o consolo de estar perto de Edwin não compensava a dor de atender Joey. A pobre Joey, que seguia declinando. Não podia estar deitada porque tossia, nem sentada, porque lhe requeria uma energia que não possuía. Então, passava os dias e as noites reclinada sobre os travesseiros, economizando as poucas forças que repunha em breves sestas.

Cuidá-la exigia uma solidez que Fannie não tinha imaginado. Já o dormitório era horrível, pois a tosse era tão violenta que lhe provocava incontinência, e por mais que trocasse os lençóis com toda frequência, o aroma de urina rançoso persistia. Descobriu que o sangue também tinha um aroma repugnante, não só quando acabava de emanar, mas também quando se encharcava em uma banheira com água de lixívia.

A Fannie ardiam as mãos: agora a lavagem devia fazer-se todos os dias, e embora Emily a ajudasse quase sempre, o grosso da tarefa recaía sobre ela. Mas não dava importância a essa irritação mínima que parecia insignificante comparada com as úlceras produzidas pela prolongada estadia na cama nos cotovelos de Joey. Converteu-se em um esqueleto vivente, de escassos quarenta quilogramas, tão macilenta que, às vezes, Fannie tinha que sufocar uma exclamação ao entrar no quarto. O cabelo da doente quase não se podia trançar de tão escasso e o couro cabeludo rosado aparecia entre as mechas murchas. A pele sobre as maçãs do rosto parecia feita de pele de milho seco e se desfazia ao menor toque. Qualquer contato físico lhe provocava dor; até teve que tirar a aliança de casamento, pois dizia que o sentia como uma esposa de ferro. Em qualquer lugar onde a tocavam os que a atendiam lhe formavam marcas roxas.

Tossiu outra vez e Fannie colocou uma mão sob o travesseiro para

sustentá-la mais erguida. Brotou o sangue... carmim brilhante contra os limpos trapos brancos que substituíam aos lenços, que já resultavam muito pequenos. Passaram-no juntas, e quando o espasmo acabou, Josephine se recostou, vazia. Fannie a soltou com delicadeza e lhe acariciou o cabelo, o único lugar onde podia acariciá-la sem lhe causar mais dor.

—Já está, Joey, agora, descansa...

Inventar palavras tranquilizadoras se converteu em uma grande carga para ela quando era testemunha da dor de Josephine. Deus Querido, leve-lhe isso ou provoca um milagre:

—Tenho que pendurar umas coisas na corda. Estará bem? —Muito fraca para assentir, a prima levantou um dedo—. Não demorarei muito.

Pendurou o último lençol e, ao voltar para a cozinha, ouviu a tosse que se reatava. Fechou os olhos e apoiou a testa contra a fresca soleira envernizada.

Assim a encontrou Emily.

—Fannie?

A mulher se endireitou de repente.

—OH, Emily. —Ocultando-se na necessidade de levantar o cesto de roupa limpa, secou as lágrimas—. Não te ouvi entrar.

—Minha mãe está pior?

—Teve uma má tarde. Muita tosse e as úlceras são horríveis. Há algo em sua maleta médica que possa aliviá-la? A pobre está sofrendo muito.

—Verei o que posso encontrar. E você? Tampouco parece muito animada.

—OH, tolices. Eu? —Fannie compôs um ar jovial—. Bom, já me conhece... sou como um gato: sempre caio de pé.

Mas Emily viu o brilho das lágrimas e a postura de derrota. Tinha percebido o quanto parecia cansada e derrotada. Cruzou a cozinha e lhe tirou a cesta da lavagem das mãos.

—Precisa se afastar daqui um par de horas. Deixa isto e qualquer outra coisa que esteja sem terminar. Penteie-se, ponha as bombachas e va dar um passeio em bicicleta. Não volte até que sinta o aroma da cozinha: é uma ordem.

Fannie fechou os olhos, controlou suas emoções, apertou-se uma mão contra o diafragma e exalou longamente.

—Obrigada, querida. Isso é o que farei e lhe agradeço isso.

Demorou quinze minutos em tirar o vestido, lavar-se para eliminar o aroma de enfermidade que lhe penetrava a pele e vestir roupa limpa. Com uma camisa branca engomada, uma jaqueta cor noz moscada e as

bombachas fazendo jogo, pegou a bicicleta do abrigo.

Por todos os céus, que bom era estar fora! Elevou o rosto para o céu e aspirou fundo. Era primavera, o céu azul como o flanco de uma truta, o ar parecia tônico e ao redor os choupos se converteram no tesouro de um rei: ouro sobre azul. Afastando-se, gozou de sua liberdade e apagou as preocupações da mente. Ao longe se elevavam as colinas como as paredes de uma taça de chá, mas junto às ribeiras do Little Goose Creek a erva ainda luzia o verde irlandês salpicado do vermelho do zumaque, que era o primeiro em florescer. Que bom era ser forte, sã, robusta e estar ao ar livre, de cara ao vento. Fannie se equilibrou na cela e pedalou com mais força, sentindo que a brisa lhe enredava no cabelo e o agitava como uns dedos grossos e ásperos. Na colina ao sudoeste do povoado, baixando uma costa rochosa que a obrigou a aferrar-se ao cabo para não cair, pedalou, correndo os limites, sentindo os músculos flexíveis que se esticavam e se esquentavam, desfrutando de cada minuto pela singela razão de que era firme, sã e capaz de chegar a tais limites. Deteve-se em um rio cujo nome não conhecia e o viu frisar-se, apanhar o céu e refleti-lo com brilhos de lentejoulas. Deixou a bicicleta e se deitou sobre a erva, as costas apoiada na terra, e absorveu essa sensação de permanência, enquanto o sol lhe esquentava o rosto. Abriu o corpete para que lhe banhasse também o peito. Escutou a um melro de asas vermelhas que cantava sobre um arbusto de carriço, na outra borda, ajoelhou-se para lhe responder e o espantou. Bebeu a água do rio, abotoou outra vez a jaqueta e voltou para o povoado.

Seguiu pela rua Grinnell, até o estábulo Walcott.

Entrou com a bicicleta pelo corredor que dividia o edifício e parou junto a um carrinho de mão carregado de palha fresca ante um pesebre que Edwin estava forrando. Quando deixou cair a bicicleta no corredor, o homem se voltou, assombrado.

—Edwin, não faça perguntas, por favor. Hoje o necessitava.

Entrou no pesebre e se jogou em seus braços.

—Fannie?

Tomou por surpresa e ficou quieto, com uma forquilha balançando-se no punho.

Fannie lhe abraçou o torso e lhe apoiou o rosto no peito.

—Por todos os céus, como cheira bem!

—Fannie, o que acontece?

—Quer me abraçar, Edwin, por favor? Muito forte e muito quieto dois ou três minutos. Com isso será suficiente.

A forquilha golpeou com ruído surdo contra a divisão de madeira e os braços de Edwin rodearam os ombros da mulher.

Não teve tempo de fazer-se forte. Em um momento dado estava acomodando feno e ao seguinte Fannie estava apertada contra ele, fragrante e flexível, cheirando a grão esmagado, a ar fresco e às ervas aromáticas que colocava entre suas roupas no armário. Da cabeça brotava uma suave fragrância morna, como se tivesse pedalado muito. Apoiou o nariz contra esse cabelo da cor do amanhecer e aspirou fundo, estendeu as mãos sobre as costas da mulher, reconhecendo seus contornos.

—Ahhh... sim —murmurou Fannie, esfregando o nariz contra a camisa, aspirando aromas genuínos de homem, suor e cavalo, suavizados pelo aroma doce do feno fresco que enchia o pesebre—. Perdoe-me, Edwin. Simplesmente, necessitava-o.

—Está bem, Fannie.

Estreitaram-se esfregando-se mutuamente as costas: "... carne sã, flexível", pensou Edwin, "como fazia anos não acariciava".

—É uma boa sensação te acariciar —murmurou a mulher.

—Para mim também.

—Robusto, forte e agradável.

A Edwin pareceu que o coração lhe pulsava na garganta. Era incrível: estava tocando-a, ao fim, abraçando-a, como imaginou que faria desde que ela chegou e durante anos antes que chegasse! Quão característico de Fannie surpreendê-lo assim, quando menos o esperava, apertar-se contra ele e rodeá-lo, como se esse fora seu lugar próprio.

—Por que hoje? —perguntou, incrédulo.

—Porque não sabia se podia seguir sem isto.

—Você também, Fannie?

Assentiu, chocando-se com o queixo de Edwin.

—Cheira a vida e a vigor.

—Cheiro pior que isso: estive limpando as baias.

—Não! Não se aparte! Ainda não é suficiente.

O homem fechou os olhos e sorriu com o rosto apoiado contra o cabelo da mulher, sentindo que lhe enredava na barba, empapando-se com a cercania, inalando a fragrância herbácea. Inclinou-se para trás para lhe olhar os olhos enquanto lhe acariciava os flancos, puxou-a pela cintura que era como o entalhe de um violino, breve e curva. Rodeou as costelas, roçou com os polegares a depressão debaixo delas, desejando tocar os seios, mas sem atrever-se pois essa singela exploração era um prazer em si mesmo. Quanto tempo fazia que não acariciava a uma mulher desta maneira? Tinha perdido a conta. Talvez, as últimas carícias tinham sido as que fizesse anos atrás a Fannie. Josie sempre tinha

rechaçado as carícias abertas. Todo contato sexual entre eles, inclusive o afetuoso, ocorreu na escuridão da noite, discretamente, segundo os rígidos costumes da esposa. Atraiu outra vez a Fannie para si. Ah, que bom, que natural era tocar a uma mulher a plena luz do dia, apoiar o rosto em seu cabelo e apertar seus quadris contra as de um... Abriu as mãos e foi subindo até que os pulsar tocaram as axilas, estendendo os dedos para trás como se Fannie fosse uma noz que ele poderia partir e saborear. A mulher se estremeceu e emitiu um som extasiado com a boca contra o pescoço de Edwin. Quando este se tornou atrás para lhe ver a expressão, uma mecha do cabelo avermelhado ficou enganchado no botão da camisa, enlaçando-os. Os olhares de ambos se encontraram, transbordantes de um amor tão sólido, tão enraizado, que já não podiam negá-lo.

— Perdoe-me, Fannie, mas tenho que fazê-lo —disse com suavidade.

Apropriou-se de seus lábios e seios ao mesmo tempo, atraindo-a para ele com as mãos grandes, manchadas do trabalho, cavadas sobre essas suaves protuberâncias, inclinando a cabeça para saborear a boca ansiosa. Já não eram jovens como a primeira vez que a beijou e a acariciou. O que faziam o faziam com pleno conhecimento de consequências e significado. Beijaram-se como dois seres que pagaram caro e por muito tempo o direito de fazê-lo, língua sobre língua, as bocas abertas e dóceis, enquanto ele sustentava os seios de abaixo e acariciava os mamilos com os polegares. Apoiou-a contra o áspero tabique de madeira, fazendo cair a forquilha ao chão e apertando-se contra ela, com uma ereção total e sem intenções de ocultá-lo. Era como a recordava, sensual, apaixonada e criativa com a boca. Explorou a língua e os lábios de Edwin, saboreando-o a fundo, com destros giros da língua e com os lábios ávidos. O beijo não acabou, mas sim se apaziguou, pulverizou-se para outras regiões: os pescoços, os ombros, gargantas, orelhas...

—Fannie, nunca o esqueci... nunca.

Falou em longos suspiros.

—Tampouco eu.

—Teríamos que ter estado juntos todos estes anos.

—Em meu coração o estivemos.

—OH, Fannie, Fannie, minha querida, doce Fa...

A boca da mulher, ansiosa e aberta baixo da do homem, cortou-lhe a palavra. Beijaram-se com o apresso do tempo perdido... beijos úmidos, agitados, separados por sons inarticulados e a pressão ardente dos corpos, como se abraçando-se forte pudessem apagar o longo período de sofrimento.

Quando fizeram uma pausa, ofegando, Edwin lhe disse:

—Tinha esquecido estas sensações. Sabe quanto faz que não fazia nada parecido?

—Shh... nada a respeito dela, nunca. Isto já é bastante desonroso.

Edwin lhe sujeitou a cabeça como um sacerdote sustentando um cálice e a bebeu... Fannie, a do cabelo brilhante e o espírito insaciável, e a fragrância a grama esmagada. Acariciou-a como a algo precioso... Fannie das lembranças e a calidez, dos rocios de beijos da juventude. Como suportou todos esses anos sem ela? Por que tentou suportá-los?

Levantou a cabeça e se inundou em seus olhos.

—O desonroso foi te haver deixado. Que parvo fui.

—Fez o que acreditava que devia fazer.

Acariciou-lhe as faces com os polegares.

—Amo-te, Fannie. Sempre te amei.

—E eu amo a ti, Edwin. Nunca deixei de te amar.

—Sabia quando eu me casei com Josie, não é certo? Sabia que eu te amava.

—Claro que sabia, do mesmo modo que você sabia o que eu sentia.

—por que não tratou de me impedir.

—Teria servido de algo?

—Não sei. —Havia dor nos olhos de Edwin e arrependimento em sua voz—. Não sei.

—Seus pais exerceram uma pressão muito forte. Os de minha prima, também.

—Não é estranho que quando viram que Josie e eu nos partíamos de Massachusetts não protestassem? Quase como se reconhecessem que nossa marcha era um castigo que deviam sofrer por ter manipulado nossas vidas. Eu sabia que era o único modo em que meu matrimônio podia subsistir: não podia viver perto de ti e não te possuir. Estou seguro de que teria quebrado meus votos conjugais. Minha linda Fannie... —Atraiu-a de novo a seus braços com ternura e possessividade—. Te amo tanto... Quer vir comigo ao mezanino e deixar que façamos amor?

—Não, Edwin.

Não se moveu de seus braços enquanto o rechaçava, em uma atitude característica dela.

—Acaso não desperdiçamos bastante nossas vidas? —lhe sujeitando a cabeça, jogou sobre ela uma chuva de beijos que lhe molhou a pele—. Quando tínhamos dezessete anos, teríamos que ter mandado ao diabo as consequências e nos converter em amantes, como queríamos. Essas consequências não puderam ser piores que o que sofremos. Por favor,

Fannie... não prolonguemos o engano.

A mulher tomou as mãos, elevou-as, encerrou-as entre as próprias sob seu queixo. Baixou as pálpebras trêmulas, enquanto as emoções percorriam seu corpo ardente.

—Basta, Edwin. Temos que nos deter. É um homem casado.

—Com a mulher equivocada.

—É o mesmo. E jamais faria algo semelhante a Josie. Também a amo.

—Então, por que veio aqui? —perguntou-lhe, quase zangado.

Entendeu a frustração do homem. Com calma, apoiou a mão dele sobre seu coração agitado.

—Sente o que me provoca. O sangue me corre a toda velocidade. Estou tremendo por dentro e me sinto muito mais viva, com um motivo para seguir adiante. Tomei isto de ti porque acredito que Joey o passaria. Por agora, é suficiente. —Juntou outra vez as mãos dos dois, beijou-lhe as gemas dos longos dedos e lhe buscou o olhar—. Estou recuperado e você também. Mas se traíssemos Joey, sofreríamos. Sabe tão bem como eu, Edwin. E agora, tenho que voltar para a casa.

Edwin lhe buscou os olhos, sentindo que a irritação se desvanecia:

—Fannie, quando...?

—Silêncio — lhe ordenou com suavidade, lhe cobrindo os lábios com um dedo. Percorreu os lábios com esse dedo, seguindo o percurso com o olhar—. Somos seres humanos, Edwin. Não podemos manter sempre em suspense o que sentimos um pelo outro. Às vezes, quando estivermos melancólicos e ansiosos, poderíamos nos buscar, como eu tenho feito hoje. Mas não falaremos de contingências nem comprometeremos a enganosos encontros íntimos, pois o único que conseguiríamos seria cimentar nossa culpa. —Baixou a voz até um sussurro—. Agora devo ir. Por favor, me deixe.

Retrocedeu e se largou, deslizando as mãos pelos pulsos, os nódulos e, por último, os dedos.

—Entretanto, penso em ti de noite, quando estou deitada — murmurou, indo embora.

—Fannie...

Foi até a bicicleta e a montou, enquanto ainda ficava um pingo de honra.

Por esses dias, enquanto Josephine sofria uma prostração final, Tom Jeffcoat trabalhou duro para completar o interior da casa. Uma noite, em

meados do outono, depois de quinze horas de ter trabalhado sem parar, atirou a espátula de revogar, estirou as costas apertando-lhe com os punhos e se arqueou para trás. Sobre sua cabeça pendurava a lanterna de querosene, projetando sombras arqueadas sobre a parede da cozinha ao meio revogar. Queria terminar essa noite —geralmente, trabalhava até as dez— mas lhe doía as costas e a cama improvisada no estábulo lhe resultava irresistível.

Contemplou o quarto, as janelas meio instaladas, o chão coberto de lonas úmidas e se perguntou que mulher reinaria nela algum dia. Surgiu uma imagem desconcertante de Emily Walcott, onde estaria o fogão. Ora. Era provável que ela não soubesse por que extremo se segurava a colher de mexer. Acaso não lhe confiou Charles que não era muito hábil para cozinhar? Apesar disso, a imagem permaneceu e Tom ficou com a vista fixa, vidrada de cansaço.

Vá para casa, Jeffcoat, pois do contrário cairá.

Ficou de cócoras para limpar a espátula, tão cansado que lhe custou o esforço de levantar-se. Bocejando, desabotoou a desbotada jaqueta de flanela, levantou o balde com ferramentas sujas e apagou o abajur. A cozinha se encheu de sombras violáceas, enquanto se detinha um momento a especular.

O mais provável é que compartilhe esta casa com Tarsy Fields. É o melhor que podia oferecer este povoado.

Fora, uma lua quase cheia vertia uma luz leitosa sobre as ruas, clareando os telhados e prometendo geada para o dia seguinte. Jogou um olhar aos Big Horns. Os picos já estavam cobertos de neve no alto e tinham um resplendor quase púrpura sob a luz lunar. Levantou a gola da jaqueta e encaminhou em direção oposta, para Grinnell. O povoado já estava preparando-se para o inverno. Ao passar, viu pomares nas que tinham recolhido tudo, salvo alguma cabaça ou uma fileira de cenouras deixadas para que se adoçassem com as primeiras geadas. Se recobriam os alicerces com palha, e a fragrância se mesclava com o do chão recém arado carregado de pantas velhas de tomate e restos de fogos dos jardineiros, que indicavam o final da estação das colheitas. Perguntou-se que tal seria Tarsy cuidando da horta. Aqui, onde os mantimentos enlatados chegavam em carros puxados por bois e custavam uma pequena fortuna, as amas de casa não tinham outra alternativa que separar alimento para o inverno. Por alguma razão, não podia imaginá-la de joelhos, arrancando malezas. Envasilhando conservas? Resultava-lhe um quadro divertido. Criando crianças? Tarsy, a dos cachos sedosos?

E Emily Walcott?

Recordá-la o sacudiu, mas persistia em seus pensamentos cotidianos, possivelmente porque Charles falava tanto dela. Talvez lhe desagradassem as tarefas domésticas, mas sim podia imaginá-la criando

filhos. Uma mulher capaz de suportar uma situação como a da fazenda Jagush, sem dúvida podia ter coragem suficiente para dar a luz.

Nesse sentido, Charles era afortunado. E o que?

Tire-a de si, Jeffcoat.

Que a tire de mim? Nunca foi minha!

Ah, não?

Está prometida a Charles.

Conte isso a seu coração a próxima vez que se estremeça quando ela entra onde você está.

Bom, meu coração se estremece um pouco, e o que?

Você gostaria de se casar com ela.

Com a maria macho?

Por que lhe imaginou em sua cozinha e tendo filhos? E não engane a si mesmo com que imaginava que tinha aos filhos de Charles Bliss.

Estava exausto e por isso sua mente divagava por essas rotas impossíveis. Fora o que fosse o que acreditava sentir por Emily Walcott, passaria. Tinha que passar, não havia outra solução. Seguiu caminhando com as articulações frouxas de fadiga e o balde lhe golpeando o joelho com ruído brando.

Dobrou pela rua Grinnell, chegou ante o estábulo de Edwin... e parou de repente.

Por que havia uma luz acesa a essa hora da noite? Edwin fechava as seis, todos os dias, igual a ele mesmo, e nunca voltava quando já estava escuro. E por que essa luz era tão débil, como se filtrasse pela janela do escritório, do corpo principal do abrigo?

Seriam ladrões de cavalos?

Seus cabelos se arrepiaram. Deslizou-se pego ao edifício, com os ombros esmagados contra a parede e apoiou o balde sem fazer ruído. A porta corrediça estava aberta só o espaço da largura de um homem. Foi para ali, prestando atenção. Silêncio. Não se escutava nem soprar a um cavalo, o qual significava que não havia nenhum intruso nas baias. Contendo o fôlego, esquadrinhou da porta na profunda escuridão do abrigo. O armazém principal estava às escuras. A luz vinha do escritório, mas era tão tênue que mal iluminava o bordo da porta. Se o que estava dentro era Edwin, teria reduzido o pavio. Acaso Edwin deixaria o dinheiro aí, de noite, em algum sitio entre a desordem do velho escritório?

Jeffcoat conteve a respiração e se meteu pela porta. Do escritório chegou um ruído amortecido de respiração nasal, seguido de ranger de papéis. Caminhou nas pontas dos pés junto à parede, guiando-se pelo

tato, até que tocou uma superfície lisa de madeira: o cabo de uma forquilha. Deslizou as mãos em silencio para identificar as fras puas mortíferas. Aferrou o cabo como um guerreiro e foi nas pontas dos pés até um flanco da porta do escritório, preparado para saltar.

—Edwin, é você?

A respiração nasal e o arrastar de papéis cessaram.

—Quem está aí? —perguntou, em tom severo.

Ninguém respondeu.

Seu peito esticou e lhe arrepiou o cabelo, mas aferrou a forquilha e irrompeu no escritório como um guerreiro zambiano, uivando:

—Raaaa!

A única pessoa que estava no escritório era Emily Walcott.

Esmagada contra o respaldo da cadeira, com o rosto pálido e apavorado, viu-o aterrissar com a arma hasteada e os joelhos flexionados.

—Emily! —exclamou, atirando a arma improvisada—. O que está fazendo aqui?

Era evidente o que estava fazendo aí: chorando... na intimidade. Tinha os olhos inchados e as lágrimas seguiam lhe rodando pelo rosto inclusive nesse momento, em que tinha a boca aberta pelo susto.

—O que está fazendo você aqui?

—Pensei que havia um ladrão de cavalos ou alguém revolvendo o escritório em busca de dinheiro. Edwin nunca volta depois das seis.

Apoiou a forquilha na parede e se voltou outra vez para a moça, perturbado pelas lágrimas que lhe desciam pelas faces. O que angustiada parecia, embelezada com um vestido cor cabaça, com manchas escuras no corpete, evidência de que fazia momento que estava chorando. Emily girou para o canto da mesa e enxugou com dissimulação os olhos com os nódulos.

—Bom, sou eu, assim pode ir —lhe informou, com o nariz tampado.

—Está chorando.

—Não por muito tempo. Estou bem. Hei dito que pode ir.

O pranto foi uma surpresa para Tom. Não a considerava mulher fácil de transtornar nem se considerava homem capaz de comover-se por isso. Mas o coração se contraía.

De propósito, falou em tom suave:

—Agora é muito tarde, já te surpreendi. De modo que pode falar.

Teimosa, negou com a cabeça, mas inclinou a boca sobre o lenço e

lhe sacudiram os ombros. Com a vista fixa nas costas do vestido abotoado atrás, tenso à altura dos ombros, a recatada gola branca e o cabelo negro desordenado na nuca, teve que conter o impulso de girar a cadeira e tomá-la em seus braços, estreitá-la com força e deixar que chorasse sobre seu ombro. Perguntou-lhe:

—Quer que vá procurar Charles?

Emily negou com veemência com a cabeça, mas seguiu soluçando dentro do lenço, com os cotovelos apoiados na mesa.

Tom se sentiu desarmado, não soube o que fazer enquanto Emily se dobrava para frente, afundava o rosto no braço e soluçava com tal força que lhe levantavam as costelas. Sentiu que seu próprio peito se contraía e lhe formava um nó na garganta. O que fazer? Por piedade, o que tinha que fazer? Contemplou-a até que teve vontade de chorar ele mesmo, e por fim se agachou e girou a cadeira para ele.

A moça sacudiu a cabeça, soltando uma série de gemidos sufocados.

—V-vá embora. Não q-quero que me veja assim.

—Emily, do que se trata? Algum problema com o Charles?

Negou com a cabeça e uma fivela caiu do cabelo sobre o joelho de Tom e depois ao chão.

Levantou-a e a guardou apertada na mão, contemplando a mecha de de cabelo que tinha a escassos centímetros do nariz.

—Comigo? Outra vez te fiz algo?

Outra negativa veemente.

—Seu irmão? Tarsy? Seu pai? O que é?

—É minha mãe. —A pronúncia distorcida pelo lenço e o nariz congestionado soou como bi badre. Os olhos desolados apareceram sobre o tecido de algodão, que apertava contra o nariz—. OH Tom —Tob, ouviu—, é muito duro vê-la morrer.

O lamento e a involuntária pronúncia deformada o golpearam com uma onda de emoções. Necessitou um esforço sobre-humano para ficar de cócoras ante ela sem estender a mão, sem tocá-la.

—Está pior?

Emily assentiu e baixou a vista enquanto soava o nariz. Quando ao fim apoiou as mãos na saia, tinha o nariz vermelho e irritado.

—Hoje a cuidei enquanto Fannie s-saía um mo-momento —explicou, com frases entrecortadas, as palavras interrompidas por soluços—. Pobre Fannie, está com ela todo o dia. Até agora não c-compreendi que tarefa tão terrível lhe encomendamos, ao ter que cuidar de nossa mãe todas estas semanas. Mas hoje me pediu se podia... podia —Emily lutou contra um novo ataque de suas emoções—. Se podia procurar algo para

lhe aliviar as chagas que lhe provoca estar de cama, e eu... —Fazendo um enorme esforço para completar o relato sem quebrar-se de novo, elevou os olhos avermelhados para a parte de acima da porta—. As... vi. —Piscou, fechou os olhos e inalou uma imensa baforada de ar, abriu-os outra vez e reatou o esforço—. Fannie banha a minha mãe e lhe troca a roupa e a roupa de cama. Até hoje eu não sabia o quão terríveis que eram essas chagas. E está ta-tão magra... quase não fica... nada dela. Não pode sequer virar volta sozinha. P-papai tem que ajudá-la, mas onde a toque ficam marcas moradas.

Outra vez lhe encheram os olhos de lágrimas, apesar dos valentes esforços para contê-las.

De joelhos ante ela, Tom viu, impotente, como explodia outra vez em lágrimas cobrindo o rosto com as mãos enquanto todo seu corpo se sacudia. Maldito seja, Charles, onde está? Necessita-te! Vendo-a assim, rasgada, desventurada, o coração lhe transbordou. OH, maria macho, não chore... não chore!

Mas Emily chorou, torturada, tratando de conter o som, que lhe escapava como um miado débil e lamentável. Sentiu a pressão em sua própria garganta e soube que se não a tocasse se faria pedaços.

—Emily, te tranqüilize... vamos... vamos.

Ainda de joelhos, aproximou-a dele e Emily se deixou levar, frouxa, escorregando da cadeira sem exercer resistência. Envolveu-a com ternura em seus braços e a sustentou, ajoelhado sobre o chão de cimento do pequeno escritório lotado. Seguiu soluçando, frouxa contra ele, com os braços soltos as costas de Tom enquanto seus soluços lhe golpeavam o peito.

—OH, Tooom... —gemeu, angustiada.

Apoiando a mão na cabeça, apertou o rosto de Emily contra seu pescoço, e as lágrimas se derramaram pelo peitilho da camisa e lhe molharam a pele. Chorou até ficar quase esgotada e depois ficou apoiada nele, sem forças.

Tom apoiou a face em seu cabelo, desejando ser sagaz e inteligente na escolha das palavras e poder expressar o consolo que tinha no coração. Mas o único que pôde fazer foi lhe oferecer seu silêncio.

Em um momento dado, a respiração da moça se regularizou e pôde dizer, sufocada:

—Sinto muito.

—Não o sinta —se burlou com ternura—. Se não a amasse, não se sentiria tão angustiada.

Sentiu que os seios se elevavam em um suspiro trêmulo e secou as últimas lágrimas, com a face ainda apoiada sobre o peito de Tom, sem manifestar muito entusiasmo por apartar-se. Ele fixou o olhar no

calendário amarelado que pendurava sobre o escritório e lhe acariciou a nuca com toda suavidade.

Passaram uns minutos nos que cada um se inundou em seus pensamentos. Ao fim, Emily perguntou, em tom cansado:

—Por que não pode morrer, simplesmente, Tom?

Percebeu tanto a culpa como a sinceridade na pergunta e compreendeu quão doloroso devia ser para que o perguntasse. Esfregou-lhe as costas e lhe beijou o cabelo.

—Não sei, Emily.

Por um longo momento permaneceram assim, muito apertados, unidos pela tristeza dela e a angústia dele por não poder aliviá-la. Em tom suave e pormenorizado, brindou-lhe o único alívio que lhe ocorreu:

—Mas não deve se sentir culpado por desejar que morra.

Pela quietude de Emily, compreendeu que lhe tinha dado o que necessitava: uma absolvição.

Embora o pranto tivesse terminado uns minutos atrás, escamotearam um pouco mais desse tempo precioso, até que, os dois compreenderam que fazia muito tempo que estavam abraçados. Em algum ponto, quando Emily estava apoiada nele, cruzaram a fina linha entre a desolação e o desejo.

Tom se tornou atrás e a tomou pelos braços demorando aí as mãos e depois as deixando cair aos lados, a seu pesar. Nas faces ruborizadas e quentes viu os milhares de desejos que também ela se permitiu imaginar. Mas entre eles se materializou o espírito de Charles, e Emily fixou a vista no botão da jaqueta de Tom enquanto ele contemplava o rosto voltado e se apoiava nos talões para pôr mais distancia entre eles.

—Bom... —conseguiu dizer com voz trêmula e a palavra tremeu entre os dois como um pássaro ferido—. Se sente melhor agora?

Assentiu e levantou a vista com cautela:

—Sim.

Contemplou-a, estremecido e inseguro. Se chegasse a fazer o mínimo movimento, estaria outra vez em seus braços e nesta ocasião lhe daria algo mais que consolo. Por um momento percebeu a tentação que lhe nublava os olhos, mas soltou uma gargalhada tensa e esboçou um sorriso vacilante:

—Bom, ao menos deixaste de chorar.

Emily tampou as faces e tocou as pálpebras.

—Devo estar horrível.

—Sim, muito horrível —confirmou, com uma risada falsa, vendo-a tocar os olhos, irritados e inchados.

—OH, doem-me os olhos —admitiu, apartando as mãos para deixá-lo ver.

Na verdade estavam inchados e avermelhados, o cabelo solto, as faces manchadas, os lábios também inchados; mas de todos os modos desejou beijá-los e também os pobres olhos avermelhados, e o pescoço e o peito, e dizer, "esqueçamos ao Charles, esqueçamos a Tarsy, a sua mãe e me deixe te fazer feliz".

Em troca, reafirmou-se em sua postura, tomou as mãos para ajudá-la a levantar-se e retrocedeu:

—Posso te acompanhar a sua casa?

Com os olhos lhe disse que sim, mas com a voz:

—Não, vim aqui a procurar um pouco de lanolina para as chagas de minha mãe. —Indicou com um gesto o embrulho de papéis e o livro aberto sobre o escritório, onde ambos sabiam que não havia lanolina—. Eu... tenho que procurá-la, assim segue seu caminho.

O olhar de Tom passou da mesa à moça.

—Está segura de que estará bem?

—Sim, obrigado. Estarei bem.

O quarto pareceu arder com as emoções reprimidas e nenhum dos dois se moveu.

—Bom, então, boa noite.

—Boa noite.

Teria que te haver beijado quando tive a oportunidade.

Retrocedeu para a porta e as palavras de Emily o detiveram outra vez.

—Tom... obrigada. Esta noite, necessitava desesperadamente a alguém.

Assentiu, tragou saliva e saiu, antes de dar-se tempo de desonrar a si mesmo, a Emily e ao Charles.

Capítulo 11

Passou outubro e Tom se instalou na casa nova. Era habitável, mas estava vazia. As paredes estavam limpas e brancas, mas pediam papel e quadros, as coisas que uma mulher era muito mais apta para escolher que um homem. As janelas, salvo as do dormitório que usava o dono de casa, estavam nuas. Como passava a maior parte do tempo em outros lugares, não lhe importava muito no momento que a casa fosse acolhedora. Tinha uma cama de ferro, um aquecedor para o vestíbulo, um fogão para a cozinha e uma cadeira repleta de coisas. Além desses poucos móveis, as arrumava com uns barris de pregos vazios, uma mesa velha, dois bancos longos e uma lenheira. No Loucks comprou só o imprescindível: roupa de cama, abajures, bacia para lavar-se, um balde para água, concha de sopa, bule, frigideira e cafeteira. Armazenou uns quantos produtos tais como ovos, café e toucinho, em uma gaveta vazia que tinha servido para guardar munições, sobre o chão da cozinha.

A primeira vez que foi Tarsy, olhou ao redor e apareceu em rosto uma clara expressão decepcionada.

—Isto é tudo o que pensa pôr aqui?

—Por agora. Trarei mais quando começarem a andar outra vez os barracos, na primavera.

—Mas esta cozinha... é... assim, vazia é horrível.

—Necessita o toque feminino, isso o admito. Mas serve a minhas necessidades. De qualquer modo, estou quase todo o tempo no estábulo.

—Mas não tem nem pratos! No que come?

—Faço quase todas minhas comidas no hotel. Às vezes, frito um ovo para tomar o café da manhã, mas os ovos não são muito saborosos sem pão. Conhece alguém a quem pode comprar pão?

Viu que Tarsy a decepcionavam seus espartanos equipamento.

Um sábado de noite, a fins de novembro, estava sentado em sua única cadeira, com os pés apoiados sobre um barril de pregos, sentindo-se ele mesmo um tanto desanimado. O lugar era desanimador. Como tinha fechado as portas do vestíbulo e do vão da escada, a cozinha estava quente, mas muito silenciosa e lúgubre, com as janelas sem cortinas, negras como piçarra e as fantasmagóricas paredes brancas só interrompidas pela estufa, em um rincão. Se tivesse estado no estábulo, estaria lustrando arnês. Se tivesse estado em seu lar, lá em Springfield, na cozinha de sua mãe, estaria rondando em busca de comida. Se tivesse estado com seus amigos, encontrar-se-ia em uma festa, mas se desculpou outra vez, pois iriam Emily e Charles. Tarsy lhe tinha insistido e rogado que trocasse de opinião, até que ao fim se foi, zangada, exclamando:

—Está bem, fica em casa! Mas não espere que eu te imite!

Portanto, aí estava, olhando as pontas de suas meias três-quartos cinzas, escutando o silêncio, perguntando-se como passar a velada, pensando em Emily Walcott e em como se evitaram durante semanas.

Charles lhe tinha perguntado por que já não ia às festas, e lhe deu a desculpa de que Tarsy estava voltando-se muito possessiva e que não estava seguro do que queria fazer com ela, o qual não estava muito longe da verdade. De repente, a moça desdobrava um alarmante instinto de formar ninho. Até tinha começado a lhe preparar pão (pesado e duro como alimento para cavalos, embora lhe agradecesse e elogiou os esforços domésticos) e a aparecer ante sua porta pelas noites, sem ser convidada; deixando cair insinuações de quanto gostaria de viver em qualquer outro lugar que não fosse a casa de seus pais, perguntando a Tom, como sem interesse, se algum dia quereria ter uma família.

Deixou cair a cabeça sobre o respaldo da cadeira e fechou os olhos desejando amar Tarsy. Mas nunca sentiu por ela os impulsos de amparo e o desejo que lhe invadiram o dia que Emily chorou e lhe fez confidências. Perguntou-se como estaria. Pelo Charles, sabia que a senhora Walcott estava pior que nunca, aferrando-se à vida, em que pese a que várias semanas atrás o doutor Steele tinha declarado que não podia fazer nada mais por ela.

Na casa silenciosa, Tom girou a cara para a janela, desejando estar com Emily e outros. Essa noite havia uma festa de patinação, a primeira do ano em Little Goose Creek, e depois, o grupo iria à casa de Mary Ess a beber ponche quente e bolachas... e sem dúvida esses malditos jogos de salão. Não, ao fim de contas, era melhor ter ficado.

Pensativo como estava, não registrou os primeiros ruídos. Só ouviu o ranger do fogo e seu próprio monólogo melancólico. Mas se repetiu: era um repico longínquo cada vez mais audível, acompanhado de gritos e chamadas. Prestou atenção. Que diabos passava aí fora? Parecia a mula carregada de um buscador de ouro descendo da montanha, com a diferença de que se dirigia para sua casa. Ouviu que gritavam seu nome:

—Oi, Jeffcoat! —e se levantou da cadeira—. Se aproxima a companhia, Jeffcoat! Iuuju, Tomy, abre, moço!

Mais estrépito, acompanhado de risadas; agora a comoção rodeava a casa. Quão próximo escutou foram cascos de cavalos.

Pegou o rosto à janela de frente e espiou fora a noite invernal. Que diabos...? Uma junta e uma carruagem estavam aí, ante seu alpendre dianteiro e havia gente por todos os lados! Ressonaram passos no oco do alpendre e uma cara o esquadrinhou com os olhos torcidos: Tarsy. E junto a ela, Patrick Haberkorn, depois Lybee Ryker e todo um coro de bagunceiros que gritavam e golpeavam os vidros:

—Ei, Jeffcoat, abre a porta!

Abriu-a e ficou aí, com os braços em jarras, sorrindo. Supunha-se que estariam todos em uma festa de patinação.

—Que diabos lhes passa, tolos?

—Chocalhada!

Lybee Ryker sacudiu a prataria que levava dentro de uma panela tampada, como se fossem pipocas de milho. Mick Stubs golpeou uma frigideira com uma colher de madeira e Tarsy liderou à banda golpeando duas tampas de bules a modo de pratos. Estavam todos ali, todos os amigos, fazendo tal estrépito que parecia que iriam fazer cair a lua do céu. Deixaram rastros no pátio nevado, em volto da casa. Um cão os tinha seguido e unia seus latidos ao alvoroço. Tom, de pé no alpendre dianteiro, ria sentindo que lhe enfraquecia o coração vendo esses rostos aparecer à luz da porta aberta atrás dele. Ela também estava, Emily... que ficou na sombra quando todos se reuniram, agitados e eufóricos nos degraus do alpendre.

Afligido, Tom não encontrava palavras.

—Bom, demônios, não sei o que dizer.

—Não diga nada. Afaste-se e nos deixe entrar estas coisas!

Passaram em fila junto a ele e depositaram panelas, frigideiras e talheres sobre a mesa ordinária. Tarsy franziu o nariz abaixodele e lhe dirigiu um sorriso ardiloso e agradado, enquanto entrava com um vulto branco.

—Se não quiser que lhe pisemos, se mova.

—Isto é idéia dela, senhorita Fields?

Elevou uma sobrancelha, satisfeito.

—Poderia ser —disse, correndo a cauda da saia ao passar—. Com certa ajuda de Charles.

Charles estava atarefado na carruagem, empurrando coisas para a porta traseira para descarregá-las.

—Você, Bliss, safado oculto! É você o que está aí fora?

—Agora estou ocupado, depois poderá me insultar!

—Jerome, olá, Ardis... —Tom girou a cabeça ao ver peças de baixela e cadeiras que passavam. Vozes alegres, sorrisos cálidas e movimento por todos os lados. E em meio de todo isso, alguém muito mais inadvertido—. Olá, Emily.

E um discreto.

—Olá, Tom —que lhe murmurou ao passar à cozinha.

Alguém lhe beijou o queixo: era Tarsy que voltava a sair.

Alguém lhe golpeou o braço: Martin Emerson que levava a dianteira

carregando um bonito baú de couro com Jerome Berryman na outra ponta.

—OH, meninos, isto é muito.

Mas o desfile durou quase cinco minutos, gente que entrava e saía, Charles fiscalizava a descarga até que, ao fim, com ajuda de todos os homens pressente, descarregou um móvel da largura de três deles e mais alto que suas cabeças.

—Bom Deus, Charles, o que tem feito?

O móvel era tão pesado que não permitiu ao Charles mais que uns grunhidos dispersos:

— Saia da frente... Jeffcoat... ou lhe esmagaremos...

Aproximou-no da parede sul da cozinha, entre duas janelas longas e estreitas: era um aparador de bela manufatura, feito de bordo pintalgado, feito a mão e polido até ter a textura de um cabo de machado muito usado. Tinha duas gavetas largas com portas debaixo, um largo mostrador para servir, à altura do meio, outras duas portas e ainda por cima, uma estante para pratos. Em cada porta havia espigas de trigo esculpidas em círculo ao redor de uma asa de bronze. O móvel tinha levado muitas horas de amoroso trabalho.

Tom o tocou, afligido.

—Por Deus, Charles... não sei o que dizer.

Alguém fechou a porta principal. Embora a cozinha estivesse cheia de gente jovem, fez-se silêncio quando Charles tirou uma partícula de cauda condensada da superfície do móvel e depois retrocedeu ao tempo que tirava as luvas.

—Pensei que daria a este lugar mais aspecto de lar.

Dentro de Tom surgiu uma fonte de gratidão e amor inegáveis, e apertou o ombro do amigo:

—É muito bonito, Charles... é... —Era mais que bonito. Era um gesto de coração. Abraçou com força a Charles e lhe deu uma sincera palmada nas costas—. Obrigado, Charles.

Charles riu, um tanto envergonhado, e se apartaram, os olhares se chocaram um momento... e riram. Quando riram, outros os imitaram, procurando alívio para a emoção do momento.

Tom se concentrou nos outros presentes:

—Jerome... tem-me feito um baú?

—O velho e eu.

O presente de Jerome era quase tão incrível como o de Charles: um bonito baú de couro de vaca com armação de madeira e aldaba de cadeado de bronze, feito na selaria do pai. Tom o inspecionou com toda

minúcia e também deu a Jerome uma carinhosa palmada de agradecimento nas costas.

—Agradeça também a seu pai.

—Abre-o.

Dentro, havia um matizado sortido: um raspador para botas, um molde para pão de milho, um par de bules amolgadas, uma coleção de panos limpos, dispostos em um pacote.

—O que é isto?

—Panos.

—Panos?

Tom os sustentou pendurando da dobra do pacote.

—Minha mãe diz que em uma casa sempre fazem falta panos.

Com um coro de gargalhadas, começou a segunda quebra de onda de alvoroço: as mulheres usaram alguns dos panos para limpar a neve derretida do chão da cozinha enquanto outras começavam a desempacotar uma incrível variedade de equipamento domésticos. Cortinas, que um contingente pendurou enquanto outro forrava as prateleiras da despensa com papel encerado. Os varões abriram jarras de cerveja caseira; alguém encontrou copos entre a confusão; outro, abriu a porta da sala e acendeu o fogo na pequena estufa; lhe deu corda ao gramofone dos Fields e puseram um tubo, com o que a casa se encheu de música; alguém desenterrou um abajur de parede com refletor e a instalou na parede da sala; dois dos homens retornaram de levar o carro ao estábulo de Edwin e receberam uma reprimenda por sacudi-la neve dos pés: Lybee Ryker tirou uma esteira trancada feita com retalhos para pôr diante da porta; Tarsy tirou sanduíches de um recipiente. E em meio de todo isso, Tom desempacotou tudo.

O que não tinham feito o conseguiram requisitando seus respectivos lares. O resultado era uma coleção de restos, desde ganchos para colheres até jarras com espigão, alguns úteis, outros inúteis. As mulheres colocavam tudo enquanto ele tirava: quatro pratos esmaltados estilhaçados, brancos com o bordo azul; uns talheres de metal deteriorados; um ralador; um passa purê de madeira; pano para secar os pratos; frascos com conservas caseiras de frutas e verduras, e geleias; três cadeiras cheias de raspões, de distintos estilos; uma escarradeira de cobre trincada; uma pequena mesa quadrada com uma perna quebrada; uma peneira; manta para proteger poltronas; capas de travesseiros; um porta pentes para pendurar da parede; um espelho esquartejado, um recipiente para cabelo.

—Um recipiente para cabelo? —Tom cobriu a cabeça para sujeitar-lhe. Senhor, espero não necessitá-lo!

Quando Tarsy lhe aproximou e lhe revolveu o espesso cabelo negro,

todos riram:

—Por agora, não há perigo.

O dono da casa lhe apertou a cintura e lhe lançou uma piscada secreta:

—Que travessa, heim? —brincou em voz baixa e lhe formaram rugas nas comissuras dos olhos.

—Diverte-te?

—Mais tarde, me recorde que te agradeça.

Uma das últimas coisas que desembrulhou foi uma bela manta feita à mão. As mulheres se aproximaram e lançaram exclamações. Todas, menos Emily.

—É um presente de Fannie — informou, conservando a mesma distância que manteve toda a noite.

Tom a olhou aos olhos pela primeira vez desde que o grupo entrou na casa.

—Fez-a ela?

—Sim.

—É muito bonita. Diga-lhe que o agradeço, por favor.

Emily assentiu.

Charles, que os observava, confundiu a cuidadosa distância que mantinham com frieza e, sempre ansioso de promover a amizade entre as duas pessoas que mais amava, puxou a mão de Emily:

—Quer ver a casa? Mostrar-lhe-ei.

Sua noiva lhe dirigiu um sorriso fugaz, distraída.

—Claro.

Percorreu com Charles a casa de Tom, a que tinham construído juntos: subiram a escada que fazia um giro no patamar, visitaram os três dormitórios da planta alta, cada um com seu próprio armário e com encantadoras janelas frontais que chegavam até os tetos em ângulo, mas quase sem móveis. Charles não teria estado mais orgulhoso se a casa tivesse sido dela. Descrevia com entusiasmo cada característica, levantando o abajur, e levava Emily pela mão. Detiveram-se no terceiro dormitório, girando em círculo para contemplar o piso recém colocado que cheirava a madeira, a atrativa linha do teto, as esbeltas janelas, tão despojadas de cortinas como o dia que as colocaram. O abajur projetou sobre elas um aro de luz. Contra o fundo negro da noite, os reflexos dos dois brilharam nítidos nos vidros. Os dois viram os reflexos no mesmo instante, e Charles apertou sua mão em volto da de Emily e se inclinou para beijá-la.

Mas Emily se soltou.

—Passa algo errado? —perguntou o jovem, dissimulando seu desencanto.

A moça se voltou.

—Não.

—Esta noite está muito calada.

—Não tem importância. É que estou preocupada com minha mãe, isso é tudo.

Isso não era tudo. Tratava-se de Tom Jeffcoat; e desta casa em que esperava viver com sua esposa, algum dia; e seus olhos, que evitaram os dela toda a noite; e a lembrança da última vez que esteve com ele, chorando sobre a gola de sua camisa, rodeada por seus braços, sentindo-se segura e reconfortada.

—Isso não é tudo —insistiu Charles, aproximando-se, lhe oprimindo o braço—. Mas, como posso te entender se não me contar isso?

De casualidade, deu com uma resposta acreditável:

—É por essas janelas sem cortinas, Charles. Qualquer poderia olhar dentro e nos ver.

—E o que há se olharem? Estamos comprometidos para nos casar. Supõe-se que, de vez em quando, noivos se beijam.

Como não tinha mais desculpa para evitá-lo, olhou-o com expressão de desculpa:

—Sinto muito, Charles.

Charles pareceu ferido.

—Eu também.

Tinha baixado o braço e a luz da lanterna o iluminava de abaixo, convertendo os olhos em sombras densas.

—Sabe o que acredito que te incomoda? —Olhou-o sem responder e o jovem continuou—: Acredito que é Tom.

Emily sentiu que algo quente lhe explodia no peito e estendia seus tentáculos de culpa por seu rosto.

—Tom?

—Cada vez que está perto dele, muda. Ou o rechaça ou ataca. Esta noite quase não lhe dirigiste a palavra, embora esta festa fosse em sua honra. É meu melhor amigo, Emily, e eu me sinto apanhado em um tiroteio entre vós dois. Não pode tentar ser sua amiga, embora seja por mim?

—Lamento-o, Charles — repôs total, sentindo que se ruborizava, e

baixando a vista com ar culpado.

—Não há dito nada agradável sobre a casa. Sabe que passei quase todo o verão construindo-a e estou bastante orgulhoso.

—Sei.

Adotou a expressão contrita de uma menina a que repreendem.

—Então, se comporte como se, ao menos, pudesse tolerá-lo. —Levantou-lhe o queixo com um dedo e lhe olhou os olhos, em sombras como os dele—. Não peço mais que um pouco de harmonia entre os dois.

—Tentarei-o —murmurou.

Beijou-a aí, ante as janelas sem cortinas, com a luz do abajur iluminando-os no centro do quarto vazio: foi um roce leve de seus lábios sobre os dela, sem lhe soltar o queixo, e depois outro: tudo estava perdoado.

—E agora, vem que te mostrarei o resto —murmurou, saindo ele primeiro da habitação e levando-a pela mão.

À medida que avançavam, explicava-lhe como juntaram as vigas, assinalou as janelas de guilhotina, o ajuste das portas, a textura do corrimão da planta alta, a segurança das escadas e a largura extra dos degraus. Ao pé das escadas, giraram à esquerda em lugar de à direita e Emily se encontrou no dormitório de Tom Jeffcoat.

A cama de ferro branco com junturas em forma de bolotas estava em um rincão, com uma janela em cada parede. Em lugar de uma colcha, havia umas mantas estendidas sobre o travesseiro simples, que parecia solitária sobre a cama. De um gancho pendurava um abajur de azeite e sobre sua base havia uma só fivela. Ao vê-la, o coração de Emily deu um salto e levou a mão à nuca como se acabasse de cair O que estava fazendo junto à cama de Tom? Mas Charles só tinha olhos para a casa e Emily baixou a mão sem que houvesse maiores consequências. Seu noivo lhe assinalou as molduras nas portas, enquanto Emily olhava as janelas, cobertas provisoriamente por lençóis de flanela cravadas aos Marcos. Com exceção de sua própria fivela, o dormitório era austero como uma cela monacal.

—Colocamos armários embutidos em todas as habitações —dizia Charles—. Oxalá me tivesse ocorrido quando construí minha casa.

Ao dar a volta, Emily viu que tinha aberto a porta do roupeiro de Tom e deixado ao descoberto uns poucos objetos que penduravam deixando um grande espaço restante. Reconheceu o traje negro que usava os domingos e a camisa de flanela desbotada que tinha absorvido suas próprias lágrimas a última vez que se viram. De um gancho no fundo pendurava uma das gastas camisas azuis com as mangas arrancadas e sobre o chão a havia uma mala branda da que aparecia a perna da calça

de um objeto interior inteiriço. Em um rincão, estava apoiado o rifle. O armário cheirava a ele: a cavalos, a roupa usada e a homem.

Não se haveria sentido mais incômoda se tivesse entrado em metade do banho de Tom Jeffcoat.

—Pusemos rosetas em todos os rincões. —Assinalou o esculpido da madeira sobre suas cabeças—. E frisos mais largos do comum... sujeitos com molduras. Esta casa está feita para durar.

—É muito bonita, Charles —comentou, como se esperava dela.

E o era, mas queria sair desse dormitório... logo.

A planta baixa da casa se podia percorrer em um círculo. Da sala à cozinha, da cozinha a um corredor que servia de despensa e albergava o arranque da escada, da despensa ao dormitório de Tom, daí ao segundo dormitório e, por uma porta, outra vez ao vestíbulo. Ao entrar na sala, Emily deixou escapar um suspiro de alívio. O gramofone emitia uma canção tênue e cascata e tinha começado o baile. Tarsy e Pontua Awk tinham pendurado a manta para exibi-la, estendendo-a e sujeitando as pontas nos borde das janelas corrediças. Tinham levado os bancos da cozinha e um grupo se sentou neles rindo, pendurando as colheres dos narizes. Outros conversavam. Tom Jeffcoat estava de pé no vão da porta da cozinha, bebendo um copo de cerveja, observando Emily e a Charles que saíam de seu dormitório. Os olhos da moça se cravaram nos do dono de casa, e o viu tragar e limpar-se com o dorso da mão. Foi primeira em apartar o olhar. Girou em redondo, de cara ao grupo sentado, mas Charles a pegou pela mão e a levou a outro lado do quarto, onde havia outra porta junto a Tom, que se abria a um último armário.

—Inclusive pusemos um aqui.

Estava completamente vazio.

—Ah —disse, Emily colocando a cabeça, consciente de que Tom estava a poucos centímetros, olhando.

— Ora que tem armários, Tom! —exclamou Mary Ess, correndo a colocar a cabeça dentro também—. Que afortunado!

Mary se meteu dentro do armário, ao tempo que Charles fazia sair a Emily aferrando-a pelo cotovelo. Consciente da tensão emocional subjacente entre seu amigo e sua noiva, Charles disse:

— Ela gostou de sua casa.

Emily lançou a Tom um olhar inexpressivo.

—Eu gosto de sua casa — repetiu, total, e passou junto a ele para a cozinha para servir um gole.

A festa se animou. Subiu o volume do gramofone e o baile se acelerou. Emily bebeu três copos de cerveja e começou a divertir-se de verdade, sem ignorar nem rechaçar Tom. Dançou a varsoviana e sentiu

um agradável calor. Quando dançavam, deixou de apartar o braço de Charles de sua cintura. Em um momento dado, olhou ao outro lado da sala e viu Tom com o braço sobre os ombros de Tarsy, que se apertava contra seu flanco. Como se tivesse percebido seu olhar, o dono de casa levantou a vista e os olhadas se encontraram. Elevou o copo e bebeu, sem deixar de olhá-la. O braço de Charles rodeava a cintura de Emily; o de Tom, os ombros de Tarsy. Emily experimentou um relâmpago irracional de ciúmes e, uma vez mais, foi primeira em apartar o olhar.

Alguém abriu outro barril de cerveja caseira, mais forte que a anterior. Os espíritos se reavivaram e o bom humor se fez contagioso. Os homens arrastaram o baú novo à sala, colocaram dentro ao Mick Stubbs e afirmaram que o único modo de liberá-lo era que uma dama o beijasse. Pontua Awk se ofereceu, provocando grande algazarra e um coro de uivos quando o beijou em meio da sala, de pé dentro do baú com o Mick; os varões trataram, jogando, de encerrá-los aos dois coisa que, é obvio, não puderam fazer. Pontua e Tarsy conspiraram em um rincão, depois da manta de Fannie, entre risos e secretos murmúrios. Depois de uns minutos, saíram e arrastaram a todas as garotas detrás da manta, lhes contando o novo jogo que pensavam fazer.

—Faremos uma apresentação social de pés!

—Uma apresentação social de pés! —murmurou Ardis com os olhos muito abertos—. O que é isso?

Pontua e Tarsy fizeram girar os olhos e riram entre dentes:

—Minha mãe me contou —disse Pontua isso—. E se ela pôde fazê-lo, por que eu não?

—Mas, no que consiste?

Resultou ser outro jogo ridículo e muito acidentado. As mulheres se despiriam dos joelhos para abaixo, levantariam as saias e, de pé detrás da manta, mostrariam os pés descalços e as panturrilhas, e os homens tentariam adivinhar a quem pertenciam.

—O que acontece lhe adivinham?

—Uma prenda!

—Que prenda?

—Isto foi idéia da Mary: cinco minutos nesse armário vazio... com a porta fechada... em casais.

—Não o farei! —declarou Emily.

Mas as garotas, eufóricas, repreenderam-na:

—OH, não seja desmancha-prazeres, Emily! Não é mais que um jogo.

—E se fico apanhada com outro que não seja Charles?

—Canta — sugeriu Mary, frívola.

Para ouvir as regras do jogo, os varões lançaram uivos de entusiasmo, colocaram os dedos entre os dentes e emitiram assobios agudos, deram-se golpes brincalhões nos braços e terminaram murmurando entre eles e rompendo em gargalhadas conspiradoras. Emily olhou a Charles e compreendeu que não lhe incomodaria no mínimo passar cinco minutos no armário com ela. Suas objeções ficaram anuladas e ela mesma foi arrastada ao ficar em marcha o jogo. Fizeram sair aos varões da sala enquanto as garotas tiravam os sapatos, as meias e subiam os calções de lã. Durante todo esse momento, sentada no chão, Emily fez esforços desesperados por recordar se Charles tinha visto alguma vez seus pés descalços. Quando eram meninos, muito tempo antes, e andavam juntos o rio durante os picnics familiares. Poderia recordar como eram? OH, por favor, Charles, recorda-o! Tem que recordar!

Face à estufa que se achava no rincão oposto, o chão a estava frio. De pé junto com as demais moças, descalça sobre o duro chão de carvalho recém colocado de Tom Jeffcoat, colocou-se em seu lugar na fila detrás da manta como uma ovelha sem miolo, temerosa de ir-se da festa como tivesse querido, de que Charles não reconhecesse seus pés e Tom sim.

Mary Ess chamou:

—Muito bem, já podem entrar!

Os varões retornaram em fila, sem falar. Do outro lado da manta, pigarrearam, nervosos. Emily estava apertada entre Tarsy e Ardis, com a vista fixa na manta a escassos centímetros de seu nariz, contemplando os pulcros pontos de Fannie que uniam retalhos de seus próprios vestidos velhos, das camisas em desuso do pai e sentindo o estômago na garganta, perguntando-se que diabos estava fazendo ali, colocada à força em um jogo no que não tinha vontade de participar. Os homens deixaram de remover-se e na sala se fez um silêncio carregado de tensão.

As garotas sustentaram as saias levantadas e sentiram que lhes ardiam os rostos. Alguém cruzou os pés, envergonhada. Não se olharam entre si. O que aconteceria suas mães se inteirassem disto?

O proibido da situação as paralisava.

Emily rogou que Charles escolhesse primeiro... e bem.

Para seu horror, ouviu que Jerome sugeria:

—Tom, é sua festa e sua casa. Inclusive é sua manta. Quer ser o primeiro?

—De acordo.

Emily apertou as mãos que sujeitavam a saia nos quadris. Pelo chão penetrou uma corrente fria que lhe gelou os pés. De repente surgiu em

sua mente a imagem de Tom com sua própria bota na mão, ajoelhando-se para voltar a calçar-lhe o primeiro dia que posou a vista sobre ele. Naquele momento foi horrível. Agora, era pior. Não se haveria sentido mais exposta se tivesse estado nua ante ele. Por que se tinha deixado arrastar a esse jogo estúpido? Para demonstrar que não era uma desmancha-prazeres? Para demonstrar que não era escrupulosa? E o que tinha que mau em sê-lo? Havia muito que dizer em favor da afetação da virtude! Esta situação lhe parecia desagradável e imprópria, e oxalá tivesse tido a coragem de dizê-lo!

Mas era tarde.

Tom Jeffcoat se moveu ao longo da fila de pés nus lentamente, atento, e parou ante Emily. A moça fechou com força os olhos e sentiu como se todo o corpo inchasse a cada pulsado do coração. Tom foi para o extremo da fila e ela respirou com mais facilidade, mas ao momento voltou, lhe enchendo de pânico o coração. Aí estavam as pontas de suas botas negras, a menos de três centímetros de seus pés descalços.

—Emily Walcott —pronunciou com claridade, tocando seu característico segundo dedo, mais longo, com a ponta da bota.

Emily fechou os olhos e pensou: "Não, não posso fazer isto".

—É você, Emily? —perguntou, e a moça deixou cair a saia como se fosse uma guilhotina.

Ficou com a vista fixa na manta, incapaz de mover-se, com o estômago contraído e as faces ardendo. Tarsy lhe deu uma cotovelada.

—Vá e não lhe arranque os olhos! —Adicionou, junto ao ouvido da amiga—: Sou muito devota de seus olhos!

Emily saiu de atrás da cortina com o rosto corado como uma gelatina de mirtilo. Não podia... não olharia a Tom Jeffcoat!

—Penso que devemos acrescentar outra regra — brincou Patrick Haberkorn—. Os dois têm que sair vivos desse armário.

Emily foi quão única não riu. Dirigiu um silencioso rogo a Charles, mas este disse em voz alta:

—Não lhe faça mal, Em, é meu melhor amigo!

Todos riram de novo, e Emily desejou liquidificar-se e escorrer-se pelas ranhuras do chão.

—Senhorita Walcott... —Jeffcoat a convidou com uma leve reverencia e um gesto para a porta aberta do armário, como se estivesse esperando-os uma carruagem—. Depois de você.

Como uma mártir ao pelourinho, Emily caminhou, rígida, para o armário. A porta se fechou atrás dela e a sufocou uma escuridão tão densa que, por um momento, sentiu-se tonta, encerrada com Tom, tão perto que podia cheirá-lo. Tragou um juramento ao senti-lo junto a seu

ombro, inabalável, enquanto ela sentia como se o ar lhe escapasse dos pulmões de maneira entrecortada. Estirou a mão, tocou o reboco frio e plano, passou a mão pelo rincão e se aproximou dele, o mais longe possível do dono de casa. Esmagou os ombros contra a parede da direita e se deslizou para baixo.

Tom fez o mesmo, à esquerda.

Silêncio. Um silêncio zombador.

Abraçou os joelhos e curvou os pés sobre o chão novo e lisol.

Nunca em sua vida tinha estado tão assustada, nem sequer quando tinha quatro anos e acreditou que havia um lobo sob a cama, pois sua mãe lhe contou uma história em que uns lobos perseguiam a seu avô quando era menino.

Ouviu que Jeffcoat fazia uma funda aspiração.

—Está furiosa comigo por te haver metido aqui? —perguntou-lhe, sussurrando.

—Sim.

— Imaginava.

—Não quero falar.

—De acordo.

Outra vez, silêncio, mais denso que antes; Emily apertou os joelhos contra o peito e pensou que ia explodir. Era como estar vários metros sob a água, sem ar: o medo, a pressão e o coração golpeavam com força suficiente para lhe fazer estalar os tímpanos.

—É um jogo estúpido! —vaiou entre dentes.

—Também me parece isso.

—Então, por que me escolheste?

—Não sei.

Alagou-a a fúria, rica e revitalizadora, substituindo parte do medo. Por último, Tom admitiu, relutante:

—Sim, sei.

A Emily lhe dilataram as fossas nasais e esteve a ponto de deixar marcado o reboco novo com os omoplatas.

—Jeffcoat, advirto-lhe...

Estendeu uma mão para proteger-se e tocou o espaço vazio.

Tom deixou que a insinuação vibrasse até que o ar se estremeceu. Então, ordenou-lhe em voz baixa, carregada de intenção:

—Vem aqui, maria macho.

—Não!

Uma mão apanhou o tornozelo esquerdo da jovem.

Retrocedeu e golpeou a cabeça contra a parede.

—Não!

—Por que não?

—Solte-me!

— Nós dois sentimos curiosidade e esta poderia ser nossa única oportunidade de descobri-lo.

A fúria se esfumou, substituída pela súplica na voz:

—Não, Tom! OH, Deus, por favor, não!

Frenética, tratou de lhe soltar a mão do tornozelo, mas ele seguiu puxando-a até que sentiu que se deslizava pelo chão do armário, com o joelho e o quadril flexionados.

—Se lutar muito, adivinharão o que está acontecendo aqui.

Deixou de lutar... exceto com o fôlego. A respiração passava com esforço para cima e ficava apanhada em um nó de pressentimentos que lhe surgia do peito.

Fora, alguém golpeou a porta, brincando. Emily se sobressaltou, mas Tom se manteve impávido. Sua mão subiu pela panturrilha e ficou detrás do joelho. Imóvel como uma estátua, enquanto a outra mão media na escuridão e encontrava a face de Emily, rodeava-lhe a nuca, atraía-a, atraía-a e ela resistia.

—Eu também estou assustado, maria macho mas, por Deus, estou decidido a saber. Vem aqui.

A boca errou o alvo por dois centímetros. Corrigiu a pontaria, deixando uma esteira morna de fôlego enquanto Emily permanecia rígida, contendo o seu, com os lábios tensos como um pêssego congelado. O primeiro beijo foi precavido, um simples roce dos lábios nos seus. Como permaneceu rígida, Tom retrocedeu. Pelo fôlego soube que ainda estava perigosamente perto. Então, atacou de novo, separando apenas os lábios para brindar uma pitada de umidade.

—Não o faça — suplicou.

Mas seguiu como se Emily não tivesse falado, beijando-a sedutor, inclinando a cabeça, varrendo levemente os lábios com a língua, degelando-a.

—Vamos, maria macho, tente —a animou.

Tomou a cabeça com as mãos, os polegares aos lados da boca rebelde e riscou círculos como se queria remodelá-la, lhe esfregando os lábios com a língua, persuasivo.

Emily tragou saliva com os lábios ainda fechados, o coração retumbando com uma avalanche de pensamentos proibidos. Tom era persistente, tranquilo, riscava traços úmidos sobre a boca da moça com suma delicadeza, o fôlego lhe esquentava a face... até que já não pôde conter o seu. Saiu em uma fervura acompanhada de um estremecimento e a força de vontade de Emily desapareceu como a geada de um vidro enfraquecido pelo sol. Relaxando-se contra ele, levantou os braços respondendo ao abraço. Quando abriu os lábios, a língua a invadiu imediatamente, quente, inquisitiva, incitando-a a fazer o mesmo. Como exploradores, giraram, acariciaram, inundaram-se... desconcertados pela excitação mútua e imediata.

Tornou-se muito intensa, muito veloz.

Separaram-se com dificuldade, com os corações tumultuosos, a respiração agitada, os lábios de Tom apoiados na ponte de seu nariz.

—Emily... —sussurrou.

Jogou-lhe a cabeça atrás e procurou os lábios com impaciência, como se não quisesse perder um segundo desse tempo roubado. Não houve escuridão o bastante densa para dissimular a aceitação de Emily; nenhuma o bastante total para ocultar sua rendição. Estendeu-se sobre ele como uma toalha que caísse ao chão e abriu a boca, suave e disposta para ele.

Este beijo começou de completo acordo e maturou de desejos. Uma quebra de onda de ansiedade subiu dos pés de Emily e a surpreendeu com seu impacto. Provocou-lhe calor, bruscos estremecimentos, a urgência imperiosa de apertar os seios contra ele. Mas não bastava nenhum abraço para aliviar a súbita dor da excitação. Tom a alimentou, beijando-a com toda a boca, atraindo-a sobre seu colo, movendo a cabeça para que a união fosse mais ajustada.

Ah, sim, era-o. A boca de Emily parecia destinada a de Tom. Enroscou-se ao redor de seu tronco elevando os joelhos para o ter mais perto, lhe rodeando o ombro com um braço, o outro no flanco.

A mão grande do homem rodeou o cotovelo levantado, apertou-o e se deslizou até a axila e depois ao seio. Emily se estremeceu e depois ficou imóvel, impregnando-se das novas sensações. O corpete apertado realçava a sensação da mão do homem cavada sobre o seio, com o polegar que procurava o ponto mais quente, mais duro. No profundo de seu ser, Emily sentiu que algo transbordava e levantou mais os joelhos, enquanto a mão de Tom lhe provocava uma doce dor no seio.

Tom apartou apenas os lábios e lhe perguntou:

—Quanto tempo acredita que temos?

—Não sei.

Voltaram a unir-se com avidez: foi uma revelação. Nunca a tinham

beijado assim, com este abandono, como se fosse imperativo. Nunca lhe tinham acariciado os seios, como se fora impensável resistir. Tom era mais do que esperava: a boca cálida, flexível, complemento perfeito.

Irrompeu a realidade: a porta fechada, o tictac do relógio... Charles... Tarsy... a possibilidade de que os descobrissem.

Um pouco mais... só um pouco.

Tom apartou um pouco a boca da de Emily, mordeu-lhe com suavidade os lábios, o queixo e o seio através do corpete apertado, como se quisesse levá-lo mais possível antes de abandonar este cubículo escuro. Emily não pensou em apartá-lo, pois sentia cada um dos avanços como algo integral, inegável, necessário. Beijou-a outra vez na boca, lhe acariciando o seio, e nas vísceras de Emily, no núcleo de sua feminilidade, formou-se um nó.

Estava beijando-o sem pensar em nada quando ele a sujeitou pelos braços e a apartou com rudeza.

—Emily, será melhor que nos detenhamos.

Sentiu-se toda ardorosa e torcida. A prudência se impôs. Não via mais que um negrume absoluto, mas ouviu a respiração estridente do homem.

—Ele saberá — sussurrou, trêmula.

—Então, volta a se sentar onde estava.

Empurrou-a contra a parede e voltou para seu próprio lugar. Emily levantou os joelhos contra seu coração retumbante e Tom estirou uma perna na esperança de parecer natural quando abrissem a porta. Mas a moça compreendeu que os descobririam.

—Estarei ruborizada.

— Diga-lhe que eu te beijei e eu me desculparei lhe explicando que foi pela cerveja.

—Não posso lhe dizer isso!

— Dê uma bofetada. —Com um movimento veloz, ficou engatinhando diante dela, mediu lhe buscando a mão, beijou-a rapidamente e a apoiou em sua própria face áspera—. Rápido! Eleva-a e me dê uma boa, que me deixe marca.

—OH, Tom... não posso...!

—Rápido, agora!

—Mas...

—Já!

Esbofeteou-o com tanta força que o atirou para trás e o fez gritar:

—Ai! —no mesmo instante em que a porta se abria. Olhou as caras curiosas de Tarsy, Charles e outros. Emily tinha o rosto metido entre os

braços, mas Tom teve a presença de ânimo de saltar em seguida fora do armário, à luz, onde a marca palpitante da mão de Emily se destacava na face. A acariciou e disse—: Isso é o que se obtém quando a gente trata de fazer-se amigo dos competidores! —Afastando-se sem oferecer a mão a Emily, queixou-se a Charles—: Pode ficar com ela, Bliss!

Emily não era hábil para fingir e ia ou não imediatamente da casa de Tom, tiraria o chapéu. Desculpou-se com uma visita veterinária à manhã seguinte, cedo, e Charles e ela partiram pouco depois do episódio do armário.

Já fora, no ar frio da noite, pôde respirar outra vez, mas até para ela mesma sua voz soou estrangulada.

—Charles, não quero ir mais a nenhuma destas festas.

—Mas não são mais que uma diversão inocente.

—Detesto-as!

— Parece-me que é ao Tom Jeffcoat a quem detesta.

—Charles, beijou-me nesse armário. Beijou-me!

—Já sei. Pediu-me desculpas por isso e me disse que tinha bebido muita cerveja.

—Não se importa? —perguntou, exasperada.

—Se me importar? —Sujeitando-a pelo braço, deteve-a em plena rua—. Emily, era só um jogo. Um jogo estúpido. Pensei que se vocês dois passassem cinco minutos nesse armário escuro, possivelmente saíssem rindo de vós mesmos e do modo em que lhes comportastes desde que ele chegou ao povoado, fazendo saltar faíscas um ao outro.

OH, claro que se faziam saltar faíscas, mas Charles era muito crédulo para adverti-lo. Para ele não era mais que um jogo, mas para Emily era muito mais. Foi uma ameaça, um risco e uma multidão de sentimentos proibidos, tão novos que a aturdiram.

Quando chegaram à casa dos Walcott, não só estava sacudida, mas também furiosa.

—Que classe de homem permite que seu melhor amigo beije a sua noiva e ri disso?

—Esta classe. —Charles a puxou pelo braço, fê-la girar para ele e a beijou com tanta força como Tom. Soltou-a e disse em voz rouca—: Embora não possa tratar com amabilidade a meu melhor amigo, amo-te, Emily.

Uns minutos depois, Emily se deslizava na cama junto a Fannie, como uma tábua recém cortada, a vista fixa no teto, a manta apertada sob o queixo, sujeita com ambos os punhos. Fechou os olhos e viu quão mesmo no armário: nada. Só negrume, que aguçava outros sentidos.

Tinha-o apalpado, saboreado, cheirado. OH, o aroma de Tom!

Soltou a manta e, apertando as duas mãos sobre o nariz, inalou qualquer possível resto de fragrância que pudesse ficar na pele. Inclusive nesse momento, reconheceu-o. Não era nenhum aroma e, de uma vez, eram todos: roupa, cabelo, feno, couro e homem, em uma mescla. Por estranho que parecesse, não podia recordar o aroma de Charles. Mas Tom...

Ficou de barriga para baixo, apertando os seios para tratar de aliviar a tensão.

Tocou-te aqui e surgiu à vida.

Só porque estava escuro e era proibido.

Era o que queria desde aquela vez, na plataforma giratória.

Não.

Sim.

Nunca pensei em beijá-lo. Nem sequer quando entrei nesse armário. Só queria demonstrar que não sou escrupulosa.

E o demonstrou, não é assim?

Não quis enganar a Charles.

Não enganou a Charles. Só descobriu o que era o que faltava entre os dois.

Essa revelação aterradora a manteve acordada toda a noite.

Capítulo 12

À manhã seguinte, Emily despertou tal como dormiu: afligida. E nesse estado havia um só lugar em que queria estar: com os animais. Vestiu umas calças de lã, uma jaqueta, a boina com viseira e saiu da casa antes que outros se levantassem. Tinha começado a cair outra vez a neve, aguda e congelada. Como com pés planos, deslizou-se sobre ela, com a cabeça pendurando e as mãos metidas nos bolsos da jaqueta.

Dentro do estábulo estava morno e agradável. O ambiente familiar a tranquilizou: o aroma fecundo, a rotina matinal, as saudações dos cavalos que giravam as enormes cabeças quando lhes dizia tolices e passava por debaixo de seus ventres enquanto lhes dava comida e água.

Edwin chegou na hora de costume.

—Levantaste-te cedo — comentou.

—Sim — respondeu, desanimada, evitando o olhar do pai.

—Já tem feito tudo.

—Sim.

—Passa-te algo errado?

—OH, papai... —jogou-se em seus braços, fechou os olhos e tragou saliva, tentando dissolver o nó de apreensão que tinha na garganta—. Te amo.

Edwin se tornou atrás e a sujeitou pelos braços.

—Quer contar a seu pai?

Olhou-o aos olhos carinhosos e sentiu a tentação de fazê-lo. Mas possivelmente tinha exagerado a noite passada. Talvez não fosse mais que um beijo em um armário, um jogo estúpido que Tom já tinha esquecido. E embora a proposta de seu pai fosse sincera, ao final negou com a cabeça.

Discreto, Edwin não fez perguntas. Deixou sozinha a Emily e se manteve fora do escritório, onde ela se refugiou com os livros. Mas embora tivesse a *Biblioteca Popular Caseira* apoiada entre os cotovelos, olhava sem ver os compartimentos transbordados do velho escritório e pensava... pensava... feita uma confusão de emoções.

Um amanhecer sombrio pintava de cinza as janelas quando a porta interior se abriu e irrompeu Tom Jeffcoat a grandes pernadas, como um homem com um propósito. Fez girar a cadeira de Emily e a arrancou dali a seus braços.

—Tom, hei...

Interrompeu o protesto com um beijo. Sem desculpar-se. Com audácia. Sem ocultar-se em nenhum armário.

Estupefata, esqueceu-se de resistir e permaneceu em seus braços deixando que a beijasse até que os sentimentos da noite anterior se ergueram, renovados, dentro dela. Ao seu devido tempo, impôs-se o sentido comum e se arqueou para trás, empurrando as grossas mangas da jaqueta de pele de ovelha.

—Tom, meu pai...

—Já sei.

Interrompeu-a outra vez, dobrando-a para trás como a corda de um arco, até que a sentiu ceder, e atraindo-a para cima com as bocas unidas. Beijou-a como a noite passada, com a língua, os lábios, um beijo molhado que arrasou com toda lógica. Surpreendeu-a com o guarda baixa, pulverizou seu próprio sabor na boca de Emily, empregando uma atração direta a que não pôde resistir.

Quando se separaram para olhar-se aos olhos, a resistência de Emily se evaporou.

Mais à frente do amanhecer de lúgubres complicações por vir, salpicou-os um instante dourado de esquecimento, no que se inundaram um no outro, jovens, despreocupados e ávidos. A língua do homem arremeteu com força a da moça e ela se abriu a ele, gostosa, como o que aprende a conhecer um sabor novo. Era intrinsecamente "Tom Jeffcoat", tão particular como as nervuras de cor nos olhos azuis. Estava barbeado, cheirava a sabão, a ar fresco e a velha pele de cordeiro... todos os aromas conhecidos mas em uma combinação que lhe era peculiar.

O beijo mudou de tom, converteu-se em uma exploração das distintas

branduras, cabeças que se buscavam e ao passar dos minutos renovou a carga dos batimentos do coração nos corações de ambos. Separaram-se, olharam-se outra vez no fundo dos olhos, com uma interrogação tardia sobre as vontades antes de unir-se outra vez com mais ardor ainda. Os braços de Emily o enlaçaram com força cruzando-se sobre o grosso pescoço levantado da jaqueta, os de Tom lhe rodeando as costas, os dedos estendidos como estrelas de mar sobre as costelas.

Embeberam-se mutuamente nas texturas do outro, línguas úmidas, a sedosa face interior dos lábios, os dentes lisos, continuando o que a noite anterior não puderam, sob a ameaça de que os descobrissem a poucos centímetros da porta do armário.

A moça pensou o nome: Tom... Thomas... e sentiu a assombrosa irrupção do desejo que apagava os contornos da discrição.

O homem pensou nela como sempre: maria macho... a que menos tivesse suspeitado que pudesse acender esse fogo nele.

Com as palmas estendidas por todas as costas, sobre os suspensórios cruzados e a vasta camisa do irmão, a cintura das calças de lã, explorou para cima pelos omoplatas, procurando um lugar seguro para habitar. Sujeitou-lhe os ombros desde atrás, enquanto lutava por recuperar o controle.

Quando o beijo acabou, olharam-se de perto. Atônitos. Não estavam preparados para a imediata reação que cada um disparava no outro.

—Não pude dormir muito — lhe informou, em voz rouca.

—Eu tampouco.

—Isto será complicado.

Emily lançou um suspiro trêmulo e se esforçou por ser sensata:

—Dá muitas coisas por sentadas, Tom Jeffcoat.

—Não —respondeu, admitindo o que ela não podia—. Esperei muito tempo a que esta atração passasse, mas não foi assim, O que podia fazer?

—Não sei. Ainda estou um pouco assombrada.

Riu, incrédula.

—Acredita que eu não?

Ia beijá-la de novo, mas Emily retrocedeu.

—Meu pai...

Olhou para a porta e pôs distância entre os dois, mas Tom a transpôs tomando-a pelo cotovelo, insistindo como se o impulsionasse uma força incontrolável.

—Ontem à noite, quando não podia dormir, no que pensava? —quis

saber.

Emily moveu a cabeça em rogo sincero e retrocedeu.

—Não me faça dizê-lo.

—Antes que terminemos te farei dizê-lo. Far-te-ei confessar tudo o que pensa e sente por mim.

A moça chegou até algo sólido e ele se aproximou, inclinando-se para ela, até com o corpo pego ao dele. Emily se elevou nas pontas dos pés e o abraçou. Beijaram-se com força, com toda a boca, impulsionados pela incrível atração que ainda os aturdia.

Em metade do beijo, Edwin entrou no escritório.

—Emily, sabe onde está...?

Interrompeu-se.

Tom deu a volta com brutalidade, com os lábios ainda molhados e uma mão na cintura de Emily.

—Bom... —esclareceu a voz, e os olhou alternativamente—. Não me ocorreu golpear a porta de meu próprio escritório.

—Edwin — saudou Tom, sério.

O tom não expressava justificativas ou desculpas a não ser reconhecimento, simples assim. Ficou onde estava, com o braço ao redor da moça, enquanto os olhos do pai foram de um ao outro.

—Assim que isso era o que te incomodava esta manhã, Emily.

—Papai, nós...

Não havia modo de explicar a cena e desistiu.

Calma, a voz de Tom encheu o vazio:

—Emily e eu temos algumas coisas do que falar. Pedir-lhe-ia que não dissesse isto a ninguém e menos a Charles, até que tenhamos tempo de resolver certas questões. Desculpa-nos, Edwin, por favor?

Edwin se mostrou incrédulo e irritadoo, alternativamente; primeiro, por ser excluído de seu próprio escritório, até com toda cortesia; segundo, por deixar a sua filha em mãos de alguém que não era Charles. Depois de dez segundos de cólera silenciosa, deu-se a volta e saiu. Ao olhar a Emily, Tom a viu vermelha até a raiz do cabelo, muito compungida.

—Não teria que ter vindo. Agora papai sabe.

—Lamento-o, Emily.

—Não, não é assim. Enfrentaste a ele sem a menor vergonha.

—Vergonha! Não me sinto envergonhado! O que esperava que fizesse, fingir que não acontecia nada? Já não tenho quinze anos e você tampouco. Seja o que for, teremos que confrontá-lo.

—Repito que dá muitas coisas por seguro. E eu? E se eu não quiser que ninguém saiba?

Apertou-lhe os ombros com firmeza:

—Emily, temos que falar, mas não aqui, pois poderia entrar qualquer. Podemos nos encontrar esta noite?

—Não. Esta noite Charles vem para jantar.

—E depois?

—Nunca se vai antes das dez.

—Então, nos encontremos depois das dez. Em meu estábulo, na casa ou onde você diga. O que te parece o rio, ao ar livre? Far-te-ia sentir mais segura? Não faremos nada mais que falar.

Emily se soltou: isto não se parecia com nada que tivesse experimentado.

—Não posso, por favor, não me peça isso.

—Não me diga que pensa fingir que isto nunca aconteceu! Cristo, Emily, seja honesta contigo mesma. Não nos demos um par de beijos no armário e saímos imperturbáveis. Entre nós passa algo, não é certo?

—Não sei! É tão repentino... tão... tão...

Pareceu suplicar com o olhar algo que lhe permitisse compreender.

—Tão o que?

—Não sei. Desonesto. Perigoso. Não te incomoda pensar em Charles?

—Como pode duvidar de semelhante coisa? Certamente que me incomoda. Se agora sentir um nó no estômago! Mas isso não significa que lhe dê as costas. Preciso conhecer seus sentimentos e entender meus próprios, mas também necessitamos um pouco de tempo. Emily, nos encontremos esta noite, depois das dez.

—Acredito que não.

—Esperar-te-ei junto ao rio, onde os meninos vão pescar no verão, perto dos grandes choupos atrás do armazém de Stroth. Estarei aí até as onze. —aproximou-se mais, tomou a cabeça com as mãos lhe cobrindo as orelhas e os flancos da boina vermelha, e apoiou os polegares aos lados da boca—. E deixa de sentir que acaba de romper cada um dos Dez Mandamentos. Na verdade, não tem feito nada errado, você sabe.

Depositou um beijo leve sobre seus lábios e se foi.

Sentia-se como se tivesse feito algo muito errado... todo o dia e a

noite, inventando a visita a um paciente veterinário que jamais existiu, quando Charles lhe perguntou aonde tinha ido. Enquanto comiam carne assada com verduras e molho e jogava aos naipes com Fannie e Frankie; quando evitava os olhos de seu pai e deixou escapar um suspiro de alívio quando subiu a lhe fazer companhia à mãe em lugar de ficar a jogar; enquanto Charles lhe dava o beijo de boa noite e se ia, às quinze para as dez. E depois, quando disse a Fannie que ela ordenaria os naipes e as xícaras de café, e lhe sugeria que fosse se deitar.

A casa ficou em silêncio. Ante a janela que dava ao rio e à propriedade de Stroth, imaginou Tom ali dando chutes sobre a neve, esquadrinhando as sombras, esperando-a. Poderia chegar até os choupos em menos de dez minutos, e depois, o que? Mais beijos ilícitos? Mais carícias proibidas? Mais culpa?

Era indigno, Charles não o merecia. Era a classe de conduta própria das mulheres de reputação duvidosa.

Argumentava para si enquanto se trocava os sapatos abotoados por botas de vaqueiro, colocava uma jaqueta larga sobre o vestido de mangas longas e se encasquetava a boina vermelha com o cabelo metido dentro.

Isto está errado.

Não posso me deter.

Pode, mas não quer.

É certo. Posso, mas não quero.

Papai sempre disse que foi caprichosa.

Papai já sabe e não disse nada.

Isso é racionalizar, Emily, sabe! Ele está te esperando para que lhe explique o que sente.

Como posso explicar o que eu mesma não entendo?

Cruzou nas pontas dos pés o vestíbulo e saiu sem fazer ruído. A garoa do dia se transformou em neve, esponjosa como penugem. Ainda caía em linha reta como prumo na noite sem vento, depositando-se em cada superfície que tocava. Debaixo, a capa gelada rangia a cada passo de Emily. Em cima, suas saias a varriam com um suspiro sem fim. A lua se ocultou. O céu se fechou, iluminado por dentro pelas espessas bolinhas brancas que vertia. Aqui e lá, uma janela o adornava como um lingote de ouro, mas em sua maior parte era um mundo silencioso e deserto.

Chegou à propriedade de Stroth, caminhou ao redor da casa, junto à lenheira com sua cobertura gelada, passou ante uma pedra de moinho gasta abandonada à intempérie, passou os armazéns para um prado aberto onde uns rastros delatavam que alguém tinha passado pouco

tempo antes. Seguiu-as, fazendo coincidir as suas com as pernadas dele, mais longas, e experimentou um deleite pouco comum pelo solo feito de caminhar sobre seus rastros. Diante, os choupos projetavam sombras uniformize recortadas contra a noite branca. Pareciam cálidas e abrigadas. De entre elas se destacou uma silhueta alta, tocada de negro, quieta como um pedestal, esperando.

Emily parou, percebendo a euforia que lhe provocava a presença desse homem. Era uma novidade por sua intensidade e magnitude. Não recordava havê-la sentido jamais com Charles, nem entusiasmar-se com um algo tão prosaico como as pisadas marcadas na neve. Considerava-se uma moça sensata e opinava que o mais prudente era casar-se com Charles. Mas a sensatez a abandonou à medida que se aproximava de Tom Jeffcoat.

Depois dele corria o rio, ainda não congelado, tocando uma música noturna que se uniu ao sussurro da saia de Emily, que seguia andando para ele. E parou a distância de um braço.

—Olá — disse Tom em voz fica, lhe estendendo as mãos enluvadas.

—Olá — respondeu, lhe entregando as suas, metidas nas luvas.

—Alegra-me que tenha vindo. Pensei que não o faria.

O Stetson negro impediu que lhe colocasse a neve na gola, mas os ombros da jaqueta de pele de ovelha estavam cobertos de branco.

—Faz muito que está?

—Uma hora, mais ou menos.

Não eram mais que 10:30 da noite e Emily não pôde menos que alvoroçar-se.

—Deve estar se congelando.

—Um pouco... os pés. Não importa. Posso te beijar?

Surpreendida, a moça riu.

—Esta vez me pergunta?

—Prometi que só falaríamos, mas quero te beijar.

—Se não fosse assim, decepcionar-me-ia.

Aproximaram-se sem tropeços, sem pressas, sem aferrar-se: bastou que Tom jogasse um pouco atrás a aba do chapéu, que Emily elevasse o queixo e as mãos de ambos logo esmagaram os flocos de neve sobre a roupa do outro. Para Emily foi mais devastador que os abraços frenéticos da manhã. Desde que tomaram consciência da atração física mútua, tinha-a beijado três vezes e cada uma foi diferente. A primeira, no armário, o medo lhe fechou a garganta. Essa manhã, no escritório, a surpresa de vê-lo a insensibilizou. Mas esta era diferente, de pleno acordo, sem apressar-se. Quando as bocas se separaram, permaneceu

sob o abrigo da aba do chapéu, onde os fôlegos se mesclaram como fitas brancas no ar gelado.

—Pensei em ti todo o dia —lhe disse sem rodeios.

—Eu também pensei em ti... e em Charles, em Tarsy e em meu pai. passei um dia muito ruim.

—Eu também. Seu pai te disse algo depois de que fui embora?

—Não. Mas me observou como uma águia todo o dia. Estou segura de que está tratando de adivinhar o que é o que acontece entre nós.

—E o que é?

Emily retrocedeu um passo apoiando as luvas na gola esfolada da jaqueta e olhou ao rosto em sombras:

—Não sei — admitiu—. E você?

—Não... não estou seguro.

Tudo tinha sido tão súbito, tão inesperado, que se contemplaram em silêncio avaliando-se, duvidando e aceitando-se alternativamente.

—Quero saber muitas coisas a respeito de ti —disse Tom—. Tenho a sensação de que acabo de te conhecer, quero dizer, quando deixamos de brigar. Diabos, o que digo não tem sentido.

—Sim, tem-no. Entendo-te. Ao começo, não fazíamos mais que nos perseguir.

—Verdade que sim?

Gozaram de um momento de silêncio, tocando-se apenas através da roupa abrigada, até que Tom perguntou em voz baixa:

—Quanto faz que conhece o Charles?

—De toda minha vida. Desde que tenho memória.

—Ama-o?

—Sim.

—Di-lo sem remorsos.

—Porque é verdade. Sempre o amei... quem poderia não amar ao Charles? Até você o ama, não é assim?

—Infelizmente, sim. Nunca tive um amigo como ele. —Atormentado, apoiou as mãos nos ombros da moça e olhou ao longe. Depois de uns momentos, sacudiu a cabeça—. Pode alguém superá-lo? A um sujeito que construiu esse belo móvel para minha casa? Foi o que mais fez neste povoado para me fazer sentir bem-vindo.

—Sem dúvida, mais do que eu fiz.

—Isso é o mais incrível. Você, Emily Walcott, a maria macho... caramba, demônios, nem tinha terminado de superar seu ressentimento

por mim quando isto... esta coisa me derrubou como uma avalanche. Ainda tinha vontade de te estrangular inclusive quando comecei a pensar em te beijar. É absurdo. Nem tinha superado a Julia, ainda! —Tocou-lhe a face com um dedo enluvado—. Recorda aquele dia na plataforma, quando quase nos beijamos?

—Quase nos beijamos esse dia?

—Sabe perfeitamente que assim foi. Estávamos soprando como foles a toda pressão. O único que nos freou foi a lembrança de Charles.

—Charles e Tarsy. Não podemos deixar de lado a Tarsy.

—Não, por desgraça Tarsy não permitirá que a deixe de lado.

Emily soltou uma risada breve e depois ficou séria.

—Sabe que te ama. E a menos que me equivoque, é provável que... —Desconcertada, baixou a vista—, ... haja mais entre você e Tarsy que entre o Charles e eu.

—Emily, não vou ocultar te que Tarsy e eu nos aproximamos muito, em certo modo. Quando cheguei aqui, estava sozinho. Passava muito tempo só e em Charles e Tarsy encontrei dois amigos que me sustentaram. Mas Tarsy é... circunstancial. Foi desde o começo e assim o entendeu. O problema permanente entre nós é Charles, e odeio com toda minha alma que nos encontremos as suas costas.

—Eu também.

—E então?

—E?

—Poderíamos terminar isto aqui e Charles jamais se inteirará.

—Não seria honesto.

Entretanto, nem mesmo enquanto o discutiam podiam deixar de tocar-se.

—Isso é o que quer fazer?

—Eu...

Tragou saliva, sentindo-se desventurada.

—Não é isso, verdade?

Desviou o rosto, evitando o olhar de Tom.

Aferrando pelos braços, apertou-a contra seu peito.

—Emily, vem a minha casa.

—Tenho medo.

—Prometo-te que nada ocorrerá. Só falaremos. Uma hora, sim?

—Não.

—Tenha um pouco de compaixão de mim. Afinal de contas, me estão congelando os pés.

Os dois sabiam que era uma desculpa conveniente, mas não queriam separar-se e não tinham esclarecido nada. A frustração não tinha feito mais que aumentar.

—Está bem. Mas nada mais que meia hora. Fannie dorme comigo e sabe que sai. Dir-lhe-ei que saí a caminhar na neve nova, mas não posso ficar mais de meia hora.

Empreenderam a volta sem tocar-se, Emily sobre o rastro que tinham deixado, Tom a seu lado, deixando uma nova no pátio de Stroth, pelas ruas desertas e até a porta pela que Charles Bliss tinha entrado o presente capaz de dar calor de lar à casa, menos de vinte e quatro horas antes.

Na cozinha estava tão escuro como dentro de um barril de uísque. Emily entrou, deteve-se e ouviu que Tom fechava a porta.

—Na sala não há fogo aceso, só aqui. Por aqui.

Empurrou-a com suavidade e Emily o seguiu, lhe tocando a manga para orientar-se nesse espaço desconhecido, rodeando a mesa, até a cadeira amaciada que estava aproximada à cozinha acesa, de onde saía um agradável calor.

— Sente-se - indicou—. Porei um pouco mais de lenha.

Levantou a tampa do fogão, encontrou o atiçador, removeu os rescaldos e o teto se iluminou de vermelho. Adicionou um lenho e as faíscas subiram com suaves estalos, depois arderam chamas novas e Tom voltou a tampar o fogão, com o qual ficaram outra vez na escuridão.

—Pode ver através das cortinas da cozinha, pois ainda não tenho persianas —lhe explicou, ajustando melhor o fechamento da janela—. É preferível não acender um abajur.

Tirou as luvas e a jaqueta que jogou por qualquer lado, na escuridão, caiu sobre um banco e se escorregou ao chão. Sentou-se sobre um barril de pregos e começou a tirar as botas. Soaram dois golpes surdos quando as pôs junto à estufa e depois, silêncio, só interrompido pelos buracos de ventilação da lenheira.

Ficaram sentados lado a lado, Tom inclinado para frente com os cotovelos nos joelhos, Emily, no bordo da cadeira. A lenha terminou de acender e Tom abriu a porta da estufa que lhes brindou uma luz brilhante a qual podiam ver-se os rostos.

Ao fim, disse:

—Estive tentando me convencer de não começar isto.

—Sei. Eu também.

—Disse-me que, na verdade, não te conheço, mas o difícil de tudo isto é como posso obtê-lo se não poder ver-te sem me ocultar.

—O que quer saber?

—Tudo. Como foi quando era menina. Teve coqueluche? Você gosta das beterrabas? A lã te irrita a pele? —Como o clássico apaixonado, estava impaciente por recuperar a parte anterior da vida de Emily—. Não sei... tudo.

A moça sorriu e respondeu.

—Era curiosa e voluntariosa, tive coqueluche, suporto as beterrabas e o único que me irritou a pele, alguma vez, foi a hera venenosa. Minha mãe teve que me pôr luvas em pleno verão para que não me arranhasse. Foi... quando tinha nove anos, acredito. Já está... já sabe tudo.

Riram e se sentiram melhor.

—Há algo que você queira saber de mim? —perguntou Tom, admirando o pálido resplendor do rosto de Emily.

—Sim. Que fazia minha fivela junto a sua cama, a outra noite?

Os olhares se encontraram e se sustentaram e se fez um silêncio pontuado pelos batimentos do coração dos dois corações, até que respondeu:

—Acredito que pode imagina.

—Em realidade, não teria que deixar esse tipo de coisas por aí atiradas, onde seu melhor amigo poderia vê-las.

—Disse algo?

—Não. Acredito que não a viu, pois estava muito atarefado me comentando os méritos da casa. De passagem, eu gosto muito sua casa.

—Obrigado.

Tinham intercambiado tantas observações com duplo sentido, que lhes custava esforço acostumar-se às sinceras. O ambiente se tornou denso e Emily pensou em outra pergunta para aliviar a pressão que crescia dentro de seu peito.

—Seu nome verdadeiro é Tom ou Thomas?

—Thomas. Mas a única que me chama assim é minha avó materna.

—Thomas. Tem... estatura. Sua avó, ainda vive?

—É claro que sim. Tenho a meus quatro avós vivos.

—Sente falta deles?

—Sim.

—E a você... à mulher com quem ia casar-se, também sente falta dela?

—A Julia? Às vezes. Conhecia-a desde fazia muito, igual a você ao Charles. É natural que tenha saudades a alguém nessas circunstâncias.

—É natural.

Tratou de imaginar-se quanto sentiria falta de Charles se fosse embora de repente e, para sua angústia, descobriu que muito.

—Mas recebi uma carta de Julia e é muito feliz. Casou-se e está esperando um filho.

—Charles quer filhos em seguida.

—Sim, contou-me isso.

—Eu não.

—Também me disse isso.

—Sério? —perguntou, surpreendida.

Jogando-lhe um olhar de soslaio, Tom guardou silêncio.

—Assim sabe mais de mim do que deixou entrever.

Tom inchou os pulmões e encolheu os ombros, relaxando-os.

—Emily, incomodar-te-ia que não seguíssemos falando de Charles? Tem os pés frios? Quer tirar as botas?

—Não. Estou bem.

—As luvas?

—Não. Estou... os...

Levantou e deixou cair as mãos, as apertando sobre a saia como se os envoltórios pudessem protegê-la contra esses sentimentos nascentes.

Tom seguiu olhando-a sem falar: sentiu-se incômoda e apartou a vista, fixando-a no círculo dourado de luz da estufa. Curvado para frente, com o queixo apoiado nos polegares e os índices, contemplava-a em silêncio. Depois de um momento, levantou-se do barril e foi para as sombras, detrás dela.

De pé ante a janela, olhando fora, lutou com sua consciência. O que devia um amigo a outro? O que se devia um homem a si mesmo? Girou a cabeça para olhar o vulto escuro do aparador, a sua esquerda. Tinha roçado a lisa superfície muitas vezes nas poucas horas que fazia que estava aí, tocava-o e se torturava. Nesse momento, manteve as mãos nos bolsos.

Deu a volta para contemplar a silhueta difusa de Emily, a boina rodeada de um halo como uma lua laranja que aparecesse, o cabelo escapando por debaixo aos lados, formando como um ramalhete de luz, os ombros caídos para frente como se estivesse encarapitada à cadeira igual a uma andorinha a ponto de voar.

"Charles", pensou, com o coração martelando, selvagem, me perdoe.

Rodeou a cadeira e parou diante dela, contemplando a cabeça, as mãos metidas nas luvas, apanhadas entre os joelhos. Emily não levantou a vista. Tom se apoiou sobre um joelho, tomou com delicadeza as mãos, tirou-lhe as luvas e as colocou de um lado; depois, as botas, primeiro uma, logo a outra, girando sobre os talões para as deixar junto às suas, sob o depósito. Girando sobre um joelho, foi desabotoando um por um os botões da jaqueta e a tirou dos ombros. Por último, tirou-lhe a boina lhe deixando o cabelo arrepiado pela eletricidade estática. Então, Emily elevou para ele os olhos de expressão acossada.

—Detenha-me se fizer errado —murmurou, e apertando-a contra seu peito, beijou-a.

Nesta ocasião, não houve uma recepção morna a não ser uma exigência imediata, bocas abertas, línguas exploradoras. E as mãos que conservavam certo trêmulo decoro, aferrando-se às partes mais seguras: ombros, costas. Em um momento dado, Tom lhe acariciou o cabelo com toda a mão, cavando-a sobre o crânio morno. Beijou-lhe o pescoço, o queixo, outra vez a boca, até que o fôlego se voltou premente e o desejo lhes pesou no corpo. Tom pôs as mãos ao flanco dos seios, massageou-os com as palmas e depois fez o mesmos com os quadris, embalando-os com firme pressão.

"OH", poderia haver dito Emily, mas lhe capturou a exclamação na garganta, convertendo-a em um murmúrio apaixonado. Emily lhe tocou a cabeça: têmporas, alto da cabeça, pescoço, mandíbulas, garganta, reconhecendo a textura para gravar-lhe na memória.

O homem deslizou os braços detrás dos joelhos pelas costas... elevou-a... carregou-a pela cozinha tenuemente iluminada... o ruído de um banco arrastando-se pelo chão, passou ao redor, inclinou os pés de Emily para passar pela porta da despensa e a do dormitório.

Os elásticos da cama chiaram quando a depositou ali e depois ele mesmo, estirando-se quão comprido era junto à moça. Apoiado nos cotovelos, brincou com seu cabelo, exalou o fôlego em sua boca, deu-lhe tempo de adaptar-se a seu próprio peso imóvel e ao surgimento da imprudência. Baixou a cabeça, incitou-a a dar um passo mais, depositando beijos úmidos nos lábios e o queixo, ao longo do nariz, até que Emily se converteu em um pombinho que pedia seu alimento, obrigando-o a deter o percurso. Os beijos se tornaram agitados e úmidos. As reações, explosivas, e a continência se evaporou. aproximaram-se mais, elevando joelhos, rodando, enroscando-se em saias e anáguas. Acariciou-lhe um seio... os dois... explorou o contorno com os dedos e as palmas das mãos, e com a boca, através do algodão tenso. Afundou o rosto entre eles, respirou sobre Emily, lhe esquentando a pele e o sangue enquanto ela embalava sua cabeça e se entregava à sensualidade. Tom se incorporou, encontrou de novo a boca aberta e

moveu os quadris de maneira rítmica... ao princípio, apenas uma insinuação, um contraponto das carícias da língua. Deitado sobre ela, percorreu com as mãos seu tórax, seus quadris, empurrou contra as mantas, sujeitou-a por trás, colocando os dedos entre as dobras da saia e a pele de Emily. O corpo de Tom se abateu sobre o da moça com ardente desejo em cada pulsada do coração. Ela fechou os olhos e cavalgou junto com ele até o bordo do inferno.

—Tom... basta.

Fcou quieto, afundou a cabeça no oco do ombro de Emily e permaneceu aí, ofegando.

—Isto é um pecado — murmurou Emily.

Tom deixou escapar um fôlego esmigalhado, deitou-se de costas, cobriu-se os olhos com um braço e cruzou a outra sobre a virilha.

Emily se apartou e se sentou, mas ele a segurou pelo pulso.

—Fique. Um minuto... por favor. —Se encolheu contra ele, apoiando os joelhos e a testa contra o flanco do homem. Permaneceram uns minutos unidos por esses pontos de contato e descenderam como sementes de dente de leão, no ar imóvel—. Não faz estas coisas com o Charles, não?

—Não.

—Por que as faz comigo?

—Não sei. Se está me jogando a culpa...

—Não. —Outra vez a reteve—. Trato de ser honesto. Parece-me que estamos nos apaixonando. Você o que pensa?

Embora Emily soubesse que existia essa possibilidade desde dia em que foi ao seu estábulo, pronunciar as palavras a assustava: eram muito terminantes e podiam causar tumultos em várias vidas.

—Não acredito que esta seja a prova definitiva. Não é mais que luxúria. Faz tanto tempo que amo ao Charles... sei que o amo, mas se deve a tantos anos de nos conhecer. Todas as pessoas que conheço se casaram com alguém que conheciam desde muito tempo: meus pais, os pais deles, todos os de meus amigos. Nunca imaginei que o amor aparecia de repente.

—Eu tampouco. Eu era como toda a gente que você conhece, apaixonado e comprometido com a garota que conhecia sempre. Mas ela teve a honestidade de romper o compromisso quando soube que amava a outro. Ao princípio, eu estava ressentido, mas agora começo a entender quanta força necessitou para admitir que seus sentimentos tinham mudado.

Quanto mais falava Tom, mais desejava Emily que calasse, pois se o que tinha sugido entre eles era o que ele acreditava, previa muita dor

para muitas pessoas.

—Emily? —Encontrou sua mão e a sustentou com suavidade, acariciando-a com o polegar enquanto se perdia um longo momento em seus pensamentos. Por fim, continuou—: Não é só luxúria. Para mim não. Admiro muitas coisas em ti: sua dedicação ao trabalho, a sua família e inclusive ao Charles. Respeito-te por não querer pisotear seus sentimentos e por não querer que eu pisoteie os de Tarsy... por seu carinho aos animais, sua compaixão para sua mãe e o modo em que brigas para que eu não me desonre. Essas coisas pesam tanto como qualquer outra. E é... diferente. Todas as demais mulheres que conheço se vestem com anáguas e aventais. —Rodou para ela e lhe apoiou uma mão na cintura—. Eu gosto de sua independência... suas calças, sua medicina veterinária, tudo. Isso te faz única. E eu gosto da cor de seu cabelo... —Tocou-o—. E seus olhos. —Beijou um—. E como beija, e como cheira, a maneira de olhar que tem... e eu gosto disto. —Levou uma mão de Emily a sua própria garganta, onde o pulso tamborilava com força—: O que me provoca por dentro. Se isso for luxúria, está bem, é uma parte. Mas eu te quero... tinha que dizê-lo, ao menos uma vez.

—Cale-se. —Tampou-lhe os lábios—. Estou muito assustada e você não me ajuda.

— Diga-me — murmurou, fechando os olhos, lhe beijando as pontas dos dedos.

—Não posso.

—Por que não?

—Porque ainda estou comprometida. Porque um compromisso é uma espécie de voto, de promessa, e eu lhe fiz a promessa quando aceitei a proposta de matrimônio. Além disso... o que acontece se isto é passageiro?

— Parece-te passageiro?

—Pede-me respostas que não tenho.

—Por que se encontraste comigo esta noite?

—Não pude evitá-lo.

—O que tenho que fazer eu manhã e ao dia seguinte, e depois?

—Fazer?

—Sou homem. Os homens perseguem.

—Para que?

Ah, essa era a questão: para que? Nenhum dos dois sabia a resposta. Seria precipitado falar de matrimônio depois de vinte e quatro horas. E, como disse Emily, algo menor seria iníquo. Nenhum homem honrado esperaria que uma mulher aceitasse isso. Não obstante, seguir

enganando Charles era impensável.

Esgotada pelas emoções, Emily se arrastou até o bordo da cama e ficou sentada com as saias em desordem, a cabeça encurvada em uma postura de miséria e os cotovelos apertados contra o estômago.

Tom se sentou, também com o coração pesado, contemplando a parte de atrás da cabeça de Emily e se perguntou por que teria que ser ela de quem se apaixonasse. Em um momento dado, levantou uma mão e começou a alisar, distraído, as mechas revoltas, pois não lhe ocorreu nenhum outro consolo que oferecer.

—Emily, estes sentimentos não se irão.

Emily sacudiu a cabeça com veemência, sem tirar o chapéu o rosto.

—Não se irão —insistiu.

De repente, a moça se levantou.

—Devo ir.

Tom ficou atrás com a vista fixa no chão escuro, escutando-a soluçar enquanto se vestia na cozinha. Sentia-se muito mal. Sentia-se um traidor. Levantou-se com um suspiro, foi para ela e ficou parado à luz tênue, vendo como abotoava o casaco. Seguiu-a em silencio até a porta e ficou detrás enquanto Emily permanecia de cara à porta, sem tocar o trinco. Tocou-a no ombro, ela girou, jogou os braços ao pescoço e se aferrou a ele com mudo desespero.

—Sinto-o —murmurou Tom contra a boina, lhe sustentando a nuca como se fosse uma menina que ele levasse em meio de uma tormenta—. O sinto, maria macho.

Emily conteve os soluços até que baixou os degraus do alpendre e chegou na metade do pátio, correndo a toda velocidade.

Capítulo 13

À manhã seguinte, Edwin se levantou às seis. Fora, o céu ainda estava escuro sobre um manto liso de neve nova. Saiu pela porta traseira, respirou fundo incorporando a fragrância do ar livre depois do

opressivo aroma do quarto de doente de Josie. Havia ocasiões em que entrava e a náusea lhe subia à garganta, vezes em que, deitado na cama de armar, acreditava sufocar-se, em que ficava na entrada vendo-a sofrer e pensava nas panaceias que sua filha guardava na maleta: ópio, acónito, ácido tánico, chumbo... qualquer das quais, se administravam em dose o bastante altas, brindaria um fim piedoso ao sofrimento de sua esposa.

Desceu do degrau, deixou cair o queixo e viu que suas botas levantavam neve enquanto ia ao banheiro.

Far-lhe-ia isso a sua própria esposa? Poderia?

Não sei.

Se o fizesse, nunca estaria seguro de havê-lo feito para liberá-la da dor ou para acabar com a espera para ter Fannie.

Preocupações. Aflições. Frankie também se converteu em uma preocupação. Não queria entrar no quarto da doente nem pensar com sua mãe. O estado desta era tão lamentável que o menino era incapaz de aceitar a mudança. Aparentemente, negava que sua mãe estivesse morrendo.

E agora se somava Emily e Tom Jeffcoat... algo mais do que preocupar-se.

Ao voltar para a cozinha, Edwin encontrou Fannie enchendo a cafeteira, com uma bata de casa escocesa, azul, e um comprido avental branco com peitilho. Quase todas as manhãs, Emily se levantava a mesma hora e estava na cozinha lhes servindo o café da manhã. Mas esse dia não era assim e estavam sozinhos, ouvindo os rangidos na lareira e a luz do abajur ainda encerrada entre as longas sombras que ficavam da noite anterior.

—Bom dia —o saudou Fannie.

—Bom dia.

Edwin fechou a porta e tirou a jaqueta, deixando ver os suspensórios negros sobre a roupa interior de lã.

—Onde está Emily?

—Ainda dorme.

Verteu água na bacia e procedeu a lavar as mãos enquanto ouvia o Fannie pôr a cafeteira ao fogo e apartar a frigideira. Quando se ergueu e apartou a toalha da cara, viu-a de pé ante a cozinha, olhando-o, com uma fatia de toucinho em uma mão e uma faca esquecida na outra. Por uns instantes, nenhum dos dois se moveu. Quando ao fim o fizeram, com tanta naturalidade como receber no rosto flocos de neve que cai, aproximaram-se e se beijaram... um liso e plano beijo de bom dia, como se fossem marido e mulher.

Separaram-se sorrindo e olhando-se aos olhos, ao mesmo tempo que Edwin seguia secando as mãos.

—Hei-te dito alguma vez quanto eu gosto de te encontrar aqui, quando entro na cozinha?

—Hei-te dito alguma vez o muito que eu gosto de te olhar quando se lava?

Edwin pendurou a toalha de um gancho e Fannie começou a cortar o toucinho sobre uma tabela.

Ele se penteou e ela pôs o toucinho na frigideira, fazendo-o chiar.

—Quantos ovos quer?

—Três.

—Quantas torradas?

—Quatro.

Como marido e mulher.

Procurou os três ovos, o ralo de torrar e a fogaça de pão, enquanto Edwin ia procurar uma camisa limpa e retornava à cozinha a vesti-la, de pé no vão da porta, observou-a dar a volta o toucinho, enquanto baixava os suspensórios, vestia a camisa engomada e a abotoava com lentidão.

—Digo-o a sério, Fannie — disse em voz baixa.

—O que?

—Que eu adoro te ter aqui assando pão para mim, cuidando mim casa, lavando minha roupa. —Colocou as abas da camisa nas calças e subiu os suspensórios—. Nunca houve nada que me parecesse tão justo.

A mulher lhe aproximou e lhe arrumou um dos suspensórios, que estava retorcido.

—A mim também.

Os olhares se encontraram, carinhosos e felizes, no momento. Beijaram-se outra vez nesse âmbito fragrante de pão torrado e café quente. Quando o beijo acabou se abraçaram, o nariz de Fannie apertada contra a camisa engomada, que ela mesma tinha lavado com prazer, e o nariz de Edwin sobre o cabelo da mulher, que cheirava vagamente a toucinho, que ele tinha tido a felicidade de subministrar.

—Deus, amo-te, Fannie —murmurou, tendo-a nos braços, olhando-a aos olhos—. Obrigado por estar aqui. Sem ti, não poderia ter suportado esta situação.

—Eu também te amo, Edwin. Parece-me lógico que passemos isto juntos, não?

—Não, eu lhe queria economizar isso, mas não posso suportar a idéia de te afastar, Fannie. Quero te confessar algo pois, sei que se lhe disser

isso nunca o farei.

—Que coisa, querido?

—Pensei em tomar algo da maleta de Emily, talvez láudano, e acabar com a vida de Josie.

Os olhos de Fannie se encheram de lágrimas.

—E eu a vi murchar-se, esforçar-se para respirar... e pensei em lhe pôr um travesseiro sobre a cara e terminar com essa luta tão dolorosa.

—Sério?

—É obvio. Nenhum ser humano com um pouco de compaixão poderia deixar de pensá-lo.

—OH, Fannie...

Passou-lhe um braço pelo pescoço, apoiou o queixo em sua cabeça e ao saber que a ela também lhe ocorreu, sentiu-se melhor, menos depravado.

—É terrível pensar coisas assim, não é certo?

—Senti-me muito culpado, mas, pobre Josie... Ninguém teria que sofrer assim.

Por uns momentos, Fannie absorveu sua força e lhe afagou as costas, como sublinhando uma afirmação.

—Sei, Edwin. Sente-se e não falemos mais disso.

Enquanto comiam, amanheceu; as sombras das janelas empalideceram até chegar ao tom do chá claro e se ouviram os latidos longínquos dos cães. Edwin e Fannie se olharam. A falsa intimidade conjugal que lhes brindou o fato de compartilhar a rotina perdurou o resto do café da manhã. Em uma ocasião, o homem se estirou sobre a mesa e lhe tocou a mão. Duas vezes a mulher se levantou para lhe servir mais café. A segunda, quando voltou, deu-lhe um beijo no alto da cabeça.

Edwin lhe apertou a mão contra seu peito, roçou a palma com a barba.

—Fannie, tenho que te falar de outra coisa. Necessito seu conselho.

Fannie se sentou à direita e as mãos permaneceram unidas em uma esquina da mesa.

Sustentando-lhe o olhar, disse-lhe:

—Ontem, entrei no escritório do estábulo e encontrei Emily e ao Tom Jeffcoat beijando-se.

Fannie, com o dedo em volto da xícara de café, não se surpreendeu.

—Assim, já sabe.

—Isso significa que você sabia?

—Suspeitava-o.

—Quanto faz?

—Desde a primeira vez que os vi juntos. Só esperava que Emily pudesse admiti-lo para si mesma.

—Mas, por que não me disse isso?

—Não me correspondia expressar suspeitas.

—Nem sequer se sobressaltaram quando entrei. Com toda calma, Jeffcoat me pediu que saísse!

—E o que fez?

—Fui. O que outra coisa podia fazer?

—E agora quer saber se tiver que exortá-la a respeito dos votos sagrados do compromisso, verdade?

—Eu...

Edwin ficou com a boca aberta, evocando a seus bem-intencionados pais, que o dissuadiram de casar-se com a mulher que amava.

Fannie se levantou e passeou pela cozinha, sorvendo o café.

—Ontem à noite, quando todos estávamos deitados, Emily saiu e voltou bastante tarde.

—OH, Deus...

— Edwin, por que diz "OH, Deus" como se fosse uma calamidade?

—Porque o é.

—Falas como seus pais.

—Já sei, que o Céu me ampare.

Cobriu o rosto com as mãos e apoiou os cotovelos sobre a mesa. Fannie lhe deu tempo para pensar e, ao fim, Edwin levantou a vista, com expressão afligida.

—Mas Charles já é como um filho para mim. Foi toda a vida.

—Sem dúvida, eles disseram o mesmo respeito de Josie e você. —Enquanto Edwin a olhava cobrindo a boca, prosseguiu—: Não posso falar por Joey nem adivinhar o que você deve haver sentido, mas sim posso te dizer o que foi para mim. O dia de suas bodas, esse dia doloroso, de duelo, não sabia como conter minha desolação. Queria chorar, mas não podia. Queria escapar, mas não me estava permitido. A correção exigia que estivesse ali... contemplando a destruição de minha felicidade. Não recordo haver sentido nunca uma tristeza tão funda. Senti-me... —Contemplou a xícara, percorreu o bordo com o dedo e elevou o olhar triste para Edwin— ...despojada de toda possibilidade de sorte. Não podia funcionar, não queria, não era capaz de imaginar um

futuro sem um incentivo para viver. E meu incentivo foi você. Então, fui ao estábulo de meu pai com a intenção de me enforcar. —Soltou uma gargalhada suave e amarga e baixou de novo a vista à xícara—. Que quadro tão ridículo, Edwin... —Elevou a vista com expressão abatida—. Não sabia como fazer o nó.

—Fannie...

—Não, Edwin. —Levantou uma mão—. Fique aí. Deixe-me terminar. —aproximou-se do fogão, encheu outra vez a xícara e ficou aí, a boa distância—. Pensei em me afogar, mas era inverno: onde podia me atirar, se tudo estava gelado? Veneno? Não podia ir à farmácia e pedir um pouco, não é certo? E salvo isso, não sabia como consegui-lo. Portanto, vivi. —Exalou um profundo suspiro e deixou a xícara, como se lhe resultasse muito pesada—. Não, isso não é exato: existi. Dia a dia, hora a hora, pensando o que fazer com minha lamentável vida. —Olhou pela janela—. Você partiu... não soube por que.

—Porque amava a ti mais que a minha esposa.

Fannie prosseguiu, como se ele não tivesse falado.

—Depois, começaram a chegar as cartas de Joey. Estavam cheias das banalidades cotidianas da vida conjugal... as que eu tinha saudades. Ficou grávida e nasceu Emily. Quis que Emily fosse minha, minha e tua, e compreendi que tinha acertado em ir, pois em caso contrário eu teria tido teu filho, casada ou não.

"Mais ou menos quatro anos depois de que fosse, conheci um homem casado, a classe mais segura, pensei. a dos que não fazem promessas nem provocam expectativas. Eu lhes falei com Joey e a ti dele, por carta. chamava-se Nathaniel Ingrahm. Era conservador do museu cuja causa eu apoiava. Naquele tempo, a preservação da arte em decadência de esculpir conchas marinhas ou algo igualmente vital. Naquela época foi quando comecei a me dedicar a uma longa lista de preocupações vitais, porque não tinha nenhuma própria. —Os pensamentos de Fannie vagaram uns momentos até que endireitou os ombros e se voltou para Edwin—. De qualquer modo, tive uma relação sexual com Nathaniel Ingrahm, mais que nada porque queria descobrir o que tinha perdido contigo e começava a compreender que as possibilidades de encontrar um marido adequado eram remotas. Rechaçava a qualquer candidato que não pudesse comparar-se contigo, entende? Você foi minha referência, Edwin... ainda o é.

Deixou escapar um suspiro, uniu as mãos e passeou outra vez, concentrando-se nas paredes, as janelas, algo que não fosse o homem.

—Um ano depois, fiquei grávida. Recordará quando lhes escrevi que estava me recuperando de uma enfermidade que minha mãe denominou enfermidade estival, um mal-estar estomacal que circulava naquele momento. Isso foi o que eu lhe disse que tinha, mas mi... minha

enfermidade estival foi o aborto de um menino que eu não queria de nenhum outro homem que não fosse você. Bebi anil... e... e resultou.

Edwin ficou atônito, magoado, e desejou em vão poder trocar o passado, quis aproximar-se dela, abraçá-la, mas sua postura severa e seu olhar evasivo o contiveram.

—Nathaniel Ingrahm jamais soube. —olhou os dedos entrelaçados—. Abandonei a causa das talhas sobre conchas marinhas e me arrolei em outra... e logo outra. Certamente, houve outros homens, vários: todos os seres humanos necessitam amor ou um substituto dele, mas tomei cuidado. Aprendi um truque com uma moeda de cobre para evitar a concepção. Está escandalizado, Edwin. Não preciso te olhar para perceber seu horror.

—Fannie... —disse em voz baixa, levantando-se—. Meu Deus, não sabia.

—Em nome do amor fiz coisas perversas, Edwin, imperdoáveis.

Edwin tomou em seus braços. Os olhares tristes dos dois se encontraram. Atraiu-a para seu peito e a abraçou, protetor, lhe sustentando a cabeça.

—Lamento-o muito.

Fechou os olhos e tragou saliva, o pescoço contra o cabelo dela.

—Não lhe hei isso dito para que não me compadeça. Você o conto agora para que entenda que não deve repreender Emily. Tem que deixá-la escolher com liberdade, Edwin... por favor. —tornou-se atrás e lhe suplicou com o olhar—: Edwin, amo a seus filhos pela singela razão de que são teus. Quero sua felicidade porque isso lhe dará isso a ti também. Edwin, queridíssimo... —Encerrou-lhe o rosto entre as mãos e apoiou os polegares no limite entre a barba e a face—. Por favor, não repita o engano de seus pais.

Quando a beijou, sentiu a alma destroçada. Acumularam-se as lágrimas na garganta. Aferrou-se a ela, magoado pelos enganos de ambos, pelos anos perdidos que só lhes brindaram a sorte pela metade, no melhor dos casos, e pura desolação, no pior. As línguas se uniram para dar testemunho: isso foi reunião e ajuste, assim teria que ter sido se eles tivessem sido mais sábios, mais desafiantes, mais autênticos consigo mesmos.

Abraçados, não ouviram os passos de Emily, que descia as escadas em meias.

Entrou e parou, espantada.

—Papai!

Edwin e Fannie se separaram bruscamente.

—Emily...

Produziu-se um tenso silêncio no que os três ficaram paralisados. O olhar perturbado de Emily foi de um a outro, até que ao fim falou em tom acusador:

—Papai, como pode fazer algo assim! —Olhou carrancuda a Fannie—. E você! Nossa amiga!

—Emily, baixa a voz —ordenou o pai.

—E com mamãe acima!

As lágrimas soltaram, enquanto sussurrava com ferocidade.

—Emily, lamento que nos tenha descoberto, mas te rogo que não julgue o que não entende.

Deu um passo para ela, mas sua filha retrocedeu e lhe cravou um olhar gelado.

—Entendo o suficiente. Minha mãe me ensinou a distinguir o bem do mal e não sou uma menina. Não sou estúpida, papai!

—Não temos feito nada errado e não tenho por que te dar explicações, menina. —Apontou-a com o dedo—. Sou seu pai!

—Então, se comporte como tal! Demonstra um pouco de respeito pela moribunda e pelo resto de sua família. —Tinha o rosto arrebatado de fúria—. E se tivesse sido Frankie o que baixasse a escada neste momento? O que pensaria? Quase não pode aceitar a enfermidade de minha mãe sem lhe acrescentar isto!

—Dar-nos-ia a oportunidade de lhe explicar.

—Não há explicação possível. É desprezível... os dois o são!

Zangada e perturbada, saiu correndo.

—Emily!

Quis ir atrás dela, mas Fannie o reteve lhe tocando o braço.

—Agora não, Edwin. Está muito assustada. Deixa-a ir.

Ouviu-se a porta principal que se fechava de repente.

—Mas acredita que você e eu mantemos uma relação aqui, na casa.

—E não é assim? —perguntou Fannie, com tristeza.

—Não! —exclamou, irado—. Não temos feito nada do que tenhamos que nos envergonhar.

—Mas não nos deu tempo de explicar.

—E se nos tivesse dado isso, o que lhe diria? Que você e eu temos a desculpa de que nos amamos desde antes que se casou com sua mãe? Que, como ela particularizou, está morrendo ali acima? Dir-lhe-ia isso, Edwin, e abriria a caixa da Pandora das perguntas? Ou acaso acredita que aceitaria com toda tranquilidade as explicações e diria: "Bom, papai,

pode se casar com a prima Fannie"? Seja realista, Edwin. —Com mãos tenras, rodeou-lhe o rosto barbudo, enquanto a expressão de Edwin seguiu obstinadamente defensiva—. Culpar-te-ia mais por não ter amado a sua mãe como fingia. E teria razão. Toda a vida viu Joey e a ti como paradigmas de virtude, como matrimônio sem mancha. Esta manhã sofreu um choque tremendo e temos que lhe dar tempo para aceitá-la. Devemos pensar com muita claridade se justifica-se que lhe contemos o passado. Talvez o mais justo seja deixá-la pensar o pior de nós dois.

—Mas Fannie, maldição, eu cumpri minhas promessas; até hoje, não te toquei, sequer.

—Não, Edwin... até hoje, não. —Deixou cair as mãos e se afastou—. Lembra-se esse dia de junho passado, quando eu cheguei e estávamos no estábulo? Aquele dia, eu fiz minha própria promessa e faltei a ela... e não importa que tenha sido com a carne ou a imaginação. Desde que vivo baixo este teto, tivesse-me deitado contigo milhares de vezes se me deixasse levar por meus desejos.

—Mas Fannie, não sabe que quero me casar contigo, que o farei assim que seja possível.

—E talvez tenhamos criado um obstáculo a essa possibilidade, não te ocorreu?

—Emily tem dezoito anos, é uma mulher. E ontem mesmo a encontrei a ela em uma situação similar. Acaso a assinalei com o dedo?

—Não está casada, Edwin. Você sim.

Olhou-a com raiva, embora em realidade estava dirigida para si mesmo. Fannie esperou, paciente, a que o advertisse e soube o momento exato em que aconteceu. Exalou o fôlego, passou-se a mão pelo cabelo e perguntou, contrito:

—E o que temos que fazer?

—Por agora, nada. Emily mesma nos fará saber quando estará preparada para receber desculpas ou explicações.

Na manhã fria, a indignação de Emily foi convertendo-se em amargura. O que seu pai fez a sua mãe também o tinha feito a Frankie e a ela. Seu pai... o ídolo resplandecente, que amava de modo incondicional porque era bom e honesto. Nunca na vida soube que ferisse deliberadamente a ninguém. Tinha-os traído a todos.

E doía mais ainda porque ele foi o pormenorizado, o tenro, a pessoa a que Emily acudia como contenção contra a dureza que estava acostumada a encontrar em sua mãe. Bom, ao menos ela não era hipócrita e vivia tal como lhe tinha ensinado!

Mamãe... pobre mãe, que não o merecia... que estava morrendo acima, com valentia, enquanto abaixo papai traía as promessas matrimoniais com essa rameira que vivia na mesma casa!

E essa rameira... sua amiga, a mulher a que fez confidências, a que admirou, com a que compartilhou seus maiores segredos... Bonita amiga! Resultou ser uma traidora.

A traição doía. Não, atormentava. Deixava-lhe uma sensação de impotência. Chegou ao estábulo ainda teimada em conter as lágrimas detrás das comportas que se negava a abrir.

Selou Sagebrush e galopou a toda velocidade, até que lhe doeram as pernas e a pele do animal se cobriu de suor. Para o oeste. Para o pé das colinas, cruzando rios congelados, através de matas de salvia gelada, sobre neve sem pisar, assustando coelhos e esquilos, passando ante pinheiros carregados de branco puro, baixando quebradas, subindo costas, e na manhã serena era a única contradição: um ser humano desassossego, fazendo correr a um animal que não podia fazer outra coisa que obedecer.

Cavalgou até que sentiu as pálpebras tão geladas que não os podia fechar e que lhe ardiam as zonas de pele que tinha expostas. Até que lhe racharam os lábios e sentiu as pernas quentes e tidas cãibras. Só quando o cavalo retrocedeu e relinchou, recusando-se a transpor a crista de uma colina, Emily compreendeu que estava maltratando ao animal. Sagebrush sacudiu a cabeça fazendo voar a espuma e, por fim, a moça puxou as rédeas, relaxou-se, fechou os olhos e deixou que o desespero a transbordasse. Permaneceu assim uns minutos, escutando o ofego do animal, e depois apeou e ficou de pé junto à cabeça do cavalo, lutando contra suas emoções. A pele de Sagebrush estava quente, úmida e exalava o aroma picante característico, mas nesse momento necessitava algo familiar. Apoiou a testa sobre o grande pescoço vigoroso e apertou os dentes, contendo os soluços.

Necessito a alguém. Deus... a alguém.

Acalorado pela carreira, Sagebrush moveu a cabeça, obrigando-a a retroceder: "nem ao cavalo lhe importo", pensou, desatinada.

Ficou de cócoras, com os braços estendidos sobre os joelhos, como um pastor armando um cigarro, empenhada em não chorar. Ardia-lhe o rosto. Os olhos. Os pulmões. Tudo ardia: a traição do pai, a de Fannie, o sofrimento incessante de sua mãe, sua própria traição ao Charles. A vida era um inferno candente.

Escondeu o rosto entre os joelhos, dobrou os braços sobre a cabeça e chorou.

Deus, não sou melhor que meu pai.

Como não tinha alternativa, voltou para estábulo. Sagebrush estava

lustroso, manchado de suor, como a superfície de um lago agitada por um vento intermitente. Estava sedento, cansado, faminto e ansioso de chegar ao estábulo que lhe era familiar. A que outro lugar podia ir que ao estábulo de seu pai?

Edwin estava sozinho e aplicava outra capa de pintura verde a uma carruagem de caixa dupla. Quando Emily levou Sagebrush dentro e seguiu avançando para as baias sem jogar um olhar em direção a ele, o pincel parou no ar.

Deu água ao cavalo, tirou-lhe os arreios e o limpou, escovou a morna pele castanha até que se esfriou, arreou-o e o meteu em um pesebre. Foi mesclar alimento e, ao passar outra vez ante o pai, sentiu o olhar deste que a seguia, mas sem dizer uma palavra. Com a vista fixa no outro extremo do corredor, como se Edwin não existisse, seguiu avançando a pernadas viris, com um nó na garganta.

Deus, quanto o amava.

Quando voltou com um balde cheio pela metade de cereal, jogou a culpa aos espessos vapores da pintura no edifício fechado pela ardência dos olhos. O olhar de seu pai a seguiu outra vez. E outra vez olhou à frente, percebendo o remorso, a dor, e negando-se a aceitá-lo.

Terminou de alimentar ao Sage e se encaminhou ao escritório, passando uma vez mais ante o pai, no mesmo silêncio desafiante.

—Emily!

Embora tivesse parado, seguiu com a vista cravada na porta corrediça, a mais de seis metros de distância.

—Perdão — disse Edwin, em voz baixa.

A moça apertou os lábios para que não tremessem.

—Vá ao inferno — disse, com o rosto pétreo e seguiu caminhando, metida em um casulo de dor.

Passou esse dia com a mesma vitalidade que uma porta movida pelo capricho do vento. Cruzou-se com seu pai, como era inevitável, mas só lhe dirigiu a palavra quando era necessário, com voz glacial e sem olhá-lo. Quando lhe perguntou se ela queria ser a primeira a almoçar, respondeu-lhe:

—Não vou comer.

Quando o pai voltou de almoçar e deixou ante ela um prato com salsicha e batatas fritas, jogou-lhe um olhar depreciativo e continuou com a agulha e o látego trancado sem sequer lhe agradecer. Ao ver que se ia pouco depois das duas da tarde, Edwin lhe perguntou:

—Emily, vai a casa?

A voz soou solitária na extensão do grande abrigo. Com amarga satisfação, respondeu-lhe só fechando a porta de repente.

Fora, a um par de metros do abrigo, encontrou-se com Tom Jeffcoat que se aproximava.

—Emily, posso...?

— Deixe-me em paz —lhe ordenou, sem piedade, e se foi deixando-o perplexo, olhando a suas costas.

Na casa, tinha que enfrentar Fannie. Emily a tratou igual ao seu pai, olhando através dela como se fosse feita de fumaça. Uns minutos depois, Fannie se aproximou da entrada do dormitório que compartilhavam e disse:

—Amanhã lavarei roupa. Se tiver algo para lavar, deixa-o no corredor.

Pela primeira vez, olhou-a aos olhos com expressão furiosa.

—Eu me ocuparei dos lençóis de minha mãe! — retrucou; passando junto a ela sem tocá-la, cruzou o corredor para a habitação de sua mãe, fechou a porta e jogou o ferrolho, deixando-a fora.

Passou a tarde fazendo um trabalho que detestava: tecer a agulha de crochê. Era em extremo torpe com agulha de crochê e fio, mas se dedicou a fazer uma pequeno toalha de mesa como castigo e expiação, junto ao leito da mãe, até que o pai voltou do trabalho e foi vê-la.

—Como vai? —perguntou, entrando no quarto.

Emily se inclinou e tocou a mão de Josephine, ignorando a seu pai.

—Já é quase a hora de jantar. Depois te trarei a bandeja, heim, mamãe?

Josephine abriu os olhos e assentiu, sem forças. Emily saiu da habitação sem ficar a ver o patético sorriso que a mãe dirigiu ao pai.

Quando o jantar esteve preparado, Emily ordenou em um tom que não admitia réplica:

—Vem, Frankie. Faz mais de duas semanas que não vê mamãe. Leva seu prato acima enquanto eu lhe dou de comer. Ficará contente de ver-te.

Obediente, Frankie a seguiu, mas se sentou na cama de armar de seu pai e revolveu a comida contemplando-as joelhos em lugar de olhar o esqueleto tendido sobre a cama grande. Quando pediu permissão para ir-se, pálido e sentindo-se culpado, Emily o deixou, mas lhe ordenou que se encarregasse da baixela, pois ficaria a ler a sua mãe.

Meia hora depois, ouviram-se os passos de Edwin na escada e Emily se apressou a fechar o livro, lhe dar um beijo à mãe e fugir a sua própria habitação, deixando a seu pai, que a seguia com olhar contrito, no

corredor da planta alta.

A metade da noite, tinha adotado uma decisão importante e estava segura de que era a correta. Sem importar o que papai e Fannie fizessem a sua mãe, ela se encarregaria de que se fosse à tumba contente de uma coisa, ao menos.

Vestiu um vestido limpo cor lavanda, penteou-se o cabelo em um coque perfeito e foi à casa de Charles, a lhe anunciar que estava disposta a fixar a data das bodas.

O sorriso de Charles parecia o sol depois de um eclipse.

—OH, Em...

Em um impulso de felicidade, levantou-a e a fez girar, rindo a gargalhadas. A reação enlevada de seu noivo confirmou a Emily que estava fazendo o correto. Girando em seus braços, tragou o nó que sentia na garganta e pensou: "Eu não serei como papai, não serei assim!"

Radiante, Charles a baixou.

—Quando?

Como, por fim, tinha-o feito feliz, e Charles o merecia, Emily sorriu.

—A semana que vem?

—A semana que vem!

—Ou assim que o reverendo Vasseler possa celebrar a cerimônia. Quero que nos casemos antes que minha mãe morra. Fá-la-á muito feliz.

O sorriso de Charles se esfumou.

—E seu diploma de veterinária?

—Decidi deixá-lo. De todos os modos, o que faria com ele? Serei sua esposa, cuidarei sua casa e a seus filhos. Foi uma loucura pensar que poderia andar por aí ajudando a nascer bezerros. Farei todo o possível para que as meias estejam brancas.

Charles franziu o sobrecenho.

—Emily, o que acontece?

—Não passa nada. É que recuperei a prudência, isso é tudo.

—Não. —Retrocedeu, sujeitando a dos cotovelos e observando-a com atenção—. Algo passa.

—O único mau é que o tempo passa com muita rapidez e minha mãe está quase... —Tragou com dificuldade—. Anseio fazer isto antes que minha mãe morra, Charles.

—Mas leva tempo planejar umas bodas.

—Esta não. Casaremo-nos na habitação de minha mãe para que

possa ouvir como intercambiamos nossos votos conjugais. Parece-te bem?

—Não quer umas bodas na igreja?

—Alguma vez fui aficionada as rendas, não? —Tom Jeffcoat nunca deixou de chamá-la maria macho—. Por outra parte, economizaria trabalho e problemas. Eu... na verdade não quero pedir a Fannie que prepare tanta comida e... e... bom, já sabe quanto confusão pode chegar a ser uma festa de bodas.

—E então, quantas pessoas pensa convidar, nenhuma?

—Só... bom, Tarsy de acompanhante para mim.

—E Tom para mim?

—Tom... —Não pôde olhá-lo aos olhos enquanto falavam de Tom Jeffcoat—. Bom... sim, se o escolher a ele.

—A que outro poderia escolher?

—A ninguém. Quero dizer que Tarsy e Tom me parecem... bem. De qualquer maneira, a cerimônia não durará mais que uns minutos.

—Falaste que isto com o Fannie?

—Fannie não tem nada que ver com isto. É minha decisão!

—Falaste com seu pai?

—Charles! —crispou-se—. A verdade é que não parece muito entusiasmado depois de tanto insistir em que fixássemos uma data.

—Está-lo-ia se não te conhecesse desde que nasceu os dentes. Está preocupada com algo e quero saber do que se trata.

A resposta a queimava por dentro, mas se viu obrigada a mentir para não feri-lo como tinham feito com ela.

—Charles, se me amar, por favor não pergunte. Quero fazer isto por minha mãe e penso que não temos muito tempo.

Observou-a com seriedade um longo momento, até que ao fim baixou as mãos e retrocedeu.

—De acordo, mas quero que me responda uma pergunta.

—Pergunta.

—Ama-me, Emily?

Teve a impressão de que a pergunta lhe ressonava na boca do estômago. E embora a resposta só revelasse parte da verdade, seus motivos eram honestos.

—Sim — respondeu e captou o movimento quase imperceptível dos ombros de Charles que se relaxavam.

Claro que o amava! Como disse a seu melhor amigo, quem podia não

amar Charles?

A confirmação de Emily lhe devolveu o entusiasmo.

—Vamos dizer se o a todos?

—Já o fiz... no jantar —mentiu.

—Ah.

Foi suficiente para expressar sua decepção e a moça se sentiu culpada por havê-lo privado da alegria de fazer o anúncio. Mas se foram juntos a dar as notícias, seu desgosto com papai e Fannie seria evidente não só para Charles, mas também para sua mãe.

—Charles, em minha casa o ambiente não é muito alegre e luminoso, minha mãe está muito mal. Pensei... bom, pensei que seria mais fácil se eu o dizia.

—Isso... está bem —disse, sem muita convicção—. É que pensei que talvez...

A frase se perdeu.

Emily tomou a mão.

—Sinto muito, Charles. Isto teria que ter sido mais festivo, não é certo?

Charles encolheu os ombros e sorriu sem vontades.

—OH, que diabos... o que importa é nossa vida em comum, não que classe de cerimônia de bodas tenhamos. Além disso, faz anos que seus pais sabiam que isto ocorreria, verdade?

Feliz, beijou a sua futura esposa e lhe acariciou com ligeireza os seios, como expressando sem palavras quanto a quereria e a amaria. Sentiu a língua dele na boca e respondeu com a sua, tratando de esquecer a noite anterior e dizendo-se: Ao seu devido tempo, acostumar-te-á à barba. Acostumar-te-á a sentir suas mãos sobre ti.

Mas foi primeira em apartar-se.

—Falamos amanhã com o reverendo Vasseler?

—Sim.

—Pela manhã ou pela tarde?

—Pela manhã. Desse modo, eu poderei falar com Tom e você com o Tarsy, pela tarde. OH, Emily... —Estreitou-a contra si—. Sou muito feliz.

A caminho a casa, Emily se sentiu abatida. Onde estava a ansiedade que tinha esperado sentir depois de fixar a data? Quando chegou, pendurou o casaco, caminhou pelos quartos silenciosos e a sensação de vazio cresceu. Não é assim como teria que me sentir. Este deveria ser um momento esplêndido, de compartilhar a notícia, abraços, regozijo com os que me amam e aos que amo.

Subiu pesadamente a escada, deteve-se na luz que saía ao corredor do dormitório de seus pais, olhou dentro e se sentiu desagradada: aí estavam os três: sua mãe na cama, seu pai sobre a cama de armar e Fannie em uma cadeira, a um lado. A hipocrisia da cena lhe retorceu as vísceras. Não pôde lhes sorrir aos outros dois nem sequer em benefício da mãe.

Dando as costas a Edwin e a Fannie, tomou a mão de Josephine.

—Penso que você gostará de sabê-lo: amanhã pela manhã, Charles e eu iremos falar com o reverendo Vasseler. Casaremo-nos assim que o reverendo possa celebrar o serviço... aqui mesmo, em seu quarto. Você gostaria disso, mãe?

—Claro, Emily...

Embora a voz de Josie fosse quase um sussurro, em seus olhos apareceu uma débil faísca de aprovação.

—Sabia que ficaria contente.

—Mas...

—Agora não faça perguntas, pois te daria tosse. É o que eu quero e também o que quer Charles. Amanhã falaremos mais a respeito.

Quando levantou da cama, Emily surpreendeu um intercâmbio furtivo de olhadas entre o Fannie e seu pai. Depois olharam a ela mas ninguém se moveu. Papai, papai, queria que este momento fosse diferente. Sempre imaginei com sorrisos e abraços. Mas se manteve apartada, com o coração ferido.

A primeira em recuperar-se foi Fannie, que se levantou e iniciou a ronda de felicitações, em bem de Josephine.

—Felicidades, querida... —Quando rodeou a Emily com seus braços e apoiou sua face na dela, a moça ficou rígida. Fannie se apartou e brincou, com falsa alegria—: Edwin, pelo amor de Deus, não tem nada que dizer?

Emily ficou onde estava enquanto seu pai se levantava da cama de armar e se aproximava dela com olhar contrito, que parecia pedir perdão e permissão. Enquanto esperava, o coração lhe transbordava de amor e remorsos. Os lábios de Edwin lhe roçaram a face com um afeto o bastante genuíno para derreter o coração mais duro:

—Felicidades, linda.

Como um poste de madeira, resistiu o gesto de carinho, a carícia, o tremendo amor que sentia por ele e que não podia evitar.

—Tenho que ir contar a Frankie —balbuciou e escapou, deixando a suas costas um estrepitoso silêncio.

Frankie estava profundamente adormecido. Sentou-se na cama e o

sacudiu.

—Ei, Fran, desperta, né?

Por alguma razão, essa noite precisava chamá-lo pelo apelido infantil.

O menino se afundou no travesseiro e resmungou.

—Ei, vamos, Frankie, desperta, né? Tenho algo que te contar.

Por favor, desperta. Necessito a alguém com desespero.

—Vá embora...

Inclinou-se junto a ele e sussurrou:

—Casar-me-ei com o Charles, possivelmente antes de fim de semana. Pensei que você gostaria de sabê-lo.

Frankie levantou a cara do travesseiro e olhou com um olho sobre o ombro.

—Bom, não me podia dizer isso amanhã? Tinha que despertar-me?

Enterrou o rosto no colchão e tampou a cabeça revolta com o travesseiro.

Frankie, necessitava que me abraçasse, que se entusiasmasse. Não o entende? Claro que não o entendia. Não era mais que um menino vexado, ao que lhe tinham interrompido o sonho. Não sabia nada do torvelinho que sua irmã tinha dentro. Abatida, foi ao seu quarto e se encontrou com o Fannie, que se preparava para deitar-se.

Quando abriu a porta, Fannie, que estava sentada ante a penteadeira tirando as fivelas do cabelo, levantou a vista. Para Emily, era mais fácil mostrar-se fria com Fannie que com seu pai: não a tinha amado durante toda a vida. Além disso, Fannie era a intrusa e, sem dúvida, a mais culpada. Nesse momento tenso, quando os olhares se encontraram, viu no de Fannie o carinho mas se voltou, rechaçou-a, fechando a porta e prosseguindo com a rotina da hora de deitar-se com toda a indiferença possível.

Era molesto despir-se no mesmo quarto onde estava uma pessoa pela que sentia tal hostilidade. Nenhuma das duas falou enquanto vestiam as camisolas, apartavam as mantas, apagavam o abajur e se metiam sob os lençóis, costas contra costas, encolhidas cada uma em seu bordo da cama.

Na mente de Emily resplandeceu a época em que confiava em Fannie, momentos como esse nos que, deitadas na escuridão, eram amigas cada vez mais íntimos. Mas Fannie já não lhe era querida. Tinha abusado da hospitalidade da casa, demonstrou ter duas caras com respeito a sua mãe e a desprezava por isso.

Passou dez minutos imóvel na cama, até que Fannie falou em voz fica:

—Emily, está equivocada.

— Cale-se! Não quero escutar suas explicações, como tampouco queria compartilhar a cama contigo!

Fannie fechou os olhos e sentiu que as lágrimas lhe queimavam por dentro. Cruzou os braços sobre os seios e apertou com força, embalando a dor, como uma mãe embalaria a um menino. Emily confundiu suas palavras: ela não se referia a que se equivocou em relação ao pai e dela a não ser em equilibrar-se desse modo a este matrimônio.

OH, Emily... querida... acaso não compreende que se casa com o Charles por motivos equivocados?

Mas, enfrentado ao frio rechaço de Emily, Fannie deixou que a advertência sincera se murchasse dentro de si.

Capítulo 14

Essas trinta e seis horas foram frustrantes para o Tom Jeffcoat. Se tivesse tido que repeti-lo, seria mais ardiloso e se manteria a não menos de dois passos de distância de Emily Walcott.

Na bigorna, golpeou uma parte de metal quente como se fosse sua própria cabeça que, admitia, era tão dura como o ferro e precisava receber certo sentido comum.

Tinha que beijá-la, não, Jeffcoat? Tinha que medir nesse armário escuro e pôr as mãos onde não correspondia. Tinha que saber. Bom, agora já sabe, e do que te serviu, além de te fazer desventurado? Para te sentir inseguro. É essa mulher que tem engasgada, que não pode tragar nem te liberar dela. Que demônios pensa fazer a respeito?

Golpeou o ferro até que lhe ressonou nos braços e nos cotovelos. Embora tivesse se esfriado muito para lhe trocar a forma, seguiu golpeando-o.

Emily Walcott. O que podia fazer um homem com ela? Às vezes, queria estrangulá-la. Cristo, de onde tinha tirado esse temperamento? Aparentemente, atravessava a vida em um perpétuo desafio. A que? Não tinha nada que desafiar!

Mas admirava sua coragem e seu impulso, maiores que os da maioria dos homens.

Tentou imaginar que a levava a Springfield e a apresentava como esposa... sua esposa?... essa, a da boina de moço e as calças, a que em lugar de ter filhos, preferia atender animais doentes por um tempo. A sua mãe lhe saltariam os olhos das órbitas! Mais ainda depois de Julia, a perfeita, correta, grávida Julia. E seu pai o levaria à parte e lhe diria: "Filho, está seguro do que vais fazer?".

A resposta era não. Do instante em que posou seus lábios nos dela, naquele armário, não sabia o que fazia. Estava aí, como um parvo, golpeando uma parte de ferro frio. Sufocou um juramento, deixou o martelo e ficou com a vista fixa, melancólico, sentindo saudades, desejando-a.

Ela veio, reuniu-se comigo, deitou-se a meu lado e nos beijamos. E havia algo entre os dois. Não só paixão, mas também sentimentos. E a vez seguinte que tratei de vê-la, disse-me: "Deixe-me em paz."!

Exasperado, alisou o cabelo e percorreu os limites da ferraria levantando ferramentas e dpois as deixando.

Então, que esperas dela, que jogue os braços ao pescoço e te beije em plena rua Grinnell, embora esteja comprometida com Charles?

Sabia que Emily Walcott não era uma coquete. Não estava jogando com ele como algumas mulheres fariam. Para ser sincero consigo mesmo, devia admitir que estava, simplesmente, assustada. Temerosa da inundação emocional que os atacou a ambos por surpresa. Da intensidade. Das consequências que poderiam surgir e da quantidade de pessoas que resultariam machucadas se deixavam-se levar pelos sentimentos.

E você? Você não está assustado?

Deixando escapar um suspiro irritado, desabou-se sobre um tamborete baixo, com os ombros caídos e os braços sobre os joelhos separados. Tirou a fivela de Emily do bolso da camisa, esfregou-a com as gemas dos dedos... uma e outra vez... o olhar perdido, e a recordou em várias atitudes: olhando-o do outro extremo da pista de baile... fazendo buzina com as mãos para lançar o agudo grito basco... aproximando-se dele sobre a plataforma giratória. Voltou a ouvir sua voz no negrume do armário, lhe rogando: "Não, Tom. OH, Deus, por favor, não", porque muito antes que a beijasse ela também reconheceu a fascinação que bulia sob a antipatia aparente. A lembrança desse primeiro beijo evocou os outros: no escritório de Edwin, sobre a neve recém caída, em sua própria cama.

Cobriu o rosto com as mãos.

Muito bem, eu também estou assustado. De ferir Charles. De resultar ferido eu mesmo. De escolher mal ou de não ver a alternativa correta. Elevou a cabeça e ficou com a vista fixa no resplendor alaranjado da forja.

Pergunta-a é: você a ama?

Sim, que Deus me ampare.

E então, o que?

Quer se casar com ela?

Tragou saliva, mas o nó não se desfez.

Não seria melhor que o dissesse a ela também?

Com esse debate na mente, ouviu passos no chão do corredor principal. Ao passar, alguém deu um empurrão à plataforma, fazendo-a retumbar quedamente. Segundos depois aparecia Charles na porta da ferraria.

—Assim não terminará nunca o trabalho! —brincou.

Tom lhe devolveu o sorriso, esmigalhado entre distintas lealdades, feliz de ver seu amigo ao mesmo tempo que desejava não havê-lo conhecido.

—Sim, bom, você tampouco. —Fazendo força nos joelhos, levantou-se do tamborete—. O que faz aqui, em metade da jornada? Não tem que cravar uns pregos?

Charles se adiantou, deteve-se apenas transposta a entrada e mostrou um amplo sorriso.

—Vim a te convidar a minhas bodas.

—As suas b..

—Na sexta-feira a uma em ponto da tarde.

Tom esteve a ponto de cair sobre o banco.

—Na sexta-feira? Esta sexta-feira?

—Sim.

—Mas é depois de amanhã!

—Já sei. —Deu uma palmada e esfregou as mãos—. Essa moça teimosa ao fim me deu o sim.

O nó na garganta de Tom duplicou seu tamanho.

—Mas... tão rápido...

Charles conteve seu entusiasmo e avançou ao interior da ferraria.

—É por sua mãe. Agora, a senhora Walcott está muito mal. Emily acredita que não fica muito tempo de vida e quer que nos casemos imediatamente. Será uma pequena cerimônia no quarto mesmo da senhora Walcott, para que ela possa vê-lo. —A felicidade de Charles brilhou outra vez em sua expressão—. Pode acredita-o, Tom? Na verdade, Emily está impaciente!

"Ou fugindo", pensou Tom.

—Acreditei que queria obter primeiro o diploma de veterinária.

—Disse que abandona. —O sorriso de Charles se alargou—. Diz que, como estará ocupada criando a meus filhos, não terá tempo para nada mais.

A outra noite me disse que ainda não estava preparada para ter filhos.

—Bom... maldição. —Tratando de ocultar sua surpresa, Tom passou a mão pelo cabelo—. É... bom, é... felicidades, Charles... —Compôs um sobrecenho dúbio, como teria feito antes de apaixonar-se por Emily—. Acredito.

Charles riu e lhe aplaudiu o ombro.

—Eu acredito que você gosta mais dela do que dá a entender.

—É boa pessoa. Só que um pouco brigona.

—Alegra-me de que, ao fim, tenha-a aceito, pois tenho que te pedir um favor.

—Pede.

—Quero que seja minha testemunha.

O nó ameaçou estendendo-se ao estômago. Ser testemunha? E ficar calado quando Vasseler pergunte se alguém conhece algum motivo para que esse matrimônio não se realize? E passar ao Charles o anel para que o ponha no dedo a Emily? E depois, beijá-la na face e lhe desejar uma vida feliz com outro homem?

Doce Jesus, não podia fazê-lo!

Sentiu no primeiro rosto calor e depois frio, e deu graças a Deus pela penumbra do lugar. Piscou, tragou saliva e estendeu a mão ao Charles.

—Certamente.

O amigo a encerrou entre as suas ásperas.

—Bem. E Tarsy o será de Emily. Neste momento, está pedindo-lhe Não vejo motivo para que diga que não, como não o tem feito você. —Charles apertou com mais força a mão de Tom e disse em tom rouco e sincero—: Sou tão feliz, amigo, não sabe quão feliz sou.

Tom não sabia onde esconder-se. Temeroso de que a forja iluminasse o abatimento de sua expressão, dobrou o cotovelo e passou o braço pelo pescoço de Charles, atraindo-o para ele.

—Que sempre seja assim, Charles. Que seja assim para sempre, porque o merece.

O amigo lhe aplaudiu as costas.

Separaram-se.

—Bom... —Tom passou os nódulos sob o nariz, sorveu e colocou as mãos nos bolsos da calça—. Esta conversa está voltando um tanto muito sensível.

Riram ao uníssono, coibidos.

—Sim, e eu tenho que ir cravar uns pregos.

—E eu tenho que dobrar um ferro.

—E?

—E então, sai daqui.

—Está bem, vou!

Quando se foi e Tom ficou sozinho na ferraria, explorou a reação que estava contendo, um pânico visceral, como se uma jibóia estivesse preparando-se para comer-lhe.

Fará-o! Essa parva acredita que assim resolverá tudo, que precipitando-se a pronunciar esses votos estará a salvo de seus próprios sentimentos! Não acredito que seja por outra coisa que o faz!

Então, detê-la-á ou não?

Com toda segurança que o tentarei.

Bom amigo é!

Maldição, me deixe em paz!

Carregou a carruagem com esterco para o curral, a única desculpa válida que lhe ocorreu na pressa do momento, e enganchou Liza e Rex para puxá-la. Contendo-se, foi pela rua Main até a esquina com Burkitt, de onde podia vê-la sair da casa de Tarsy, olhando colina acima. Tanto se cruzava a rua para ir à casa ou se dirigia para o povoado, de qualquer modo a veria.

—Ohh! —gritou, puxando as rédeas.

Os cavalos ficaram enfiados para a esquina. Com tanta lentidão como prudência, apeou-se, passou ante a junta e lhes revisou as patas. Elevou a dianteira direita de Liza, examinou a ferradura, a forquilha do casco, passou-lhe o polegar por cima, olhando de soslaio colina acima. O casco estava perfeito. A forquilha, limpa. Soltou a pata de Liza e revisou uma das de Rex. Depois, metendo-se entre os dois, fê-los caminhar passo a passo, como se procurasse uma possível claudicação.

Outra olhada à colina: não se via uma alma.

Endireitou uma correia torcida que não o necessitava, olhou para o Burkitt Street Hill entrecerrando os olhos e ali estava, com um casaco marrom e uma saia escocesa, cruzando Burkitt em direção a sua casa.

Era um dia de uma luminosidade cegadora e a neve feria os olhos sob o sol das duas da tarde. Contra o fundo branco, parecia escura como uma mancha de tinta sobre um secante novo.

Deu a volta, subiu ao carro, conduziu colina acima tomando direito pelo Jefferson e se manteve detrás, vendo como revoavam as saias a cada passo, e sentindo como seu próprio pulso se enlouquecia com apenas vê-la, com uma mão cruzada sobre o peito, o queixo baixo, sujeitando as pontas do cachecol vermelho. Caminhava como fazia muitas coisas: com vivacidade e eficiência. Soubesse ou não, seria uma esposa magnífica. Levaria adiante um lar e criaria a seus filhos com o mesmo ardor que dedicava ao estábulo e aos animais. Porque assim era ela. Tom sabia com tanta certeza como sabia que queria um lar e uma família próprios.

Quando Emily estava a uma quadra da casa de Tarsy, lhe aproximou.

—Olá, Emily.

Girou como se a apontassem com uma pistola. Os olhos frenéticos se posaram nele e apertou contra o peito a mão que sujeitava o cachecol.

—Está um pouco pálida —comentou, sério.

—Disse-te que me deixasse em paz.

Deu uma brusca meia volta e seguiu caminhando, com Tom atrás junto a seu ombro direito, que levava a junta a passo lento.

—Sim, já o ouvi.

—Então, faz-o.

Pensou-o... uma fração de segundo.

—Faz um momento veio para ver-me Charles para me contar a notícia. —Emily seguiu caminhando decidida, com a saia revoando a cada passo—. Perdoará se não te felicito —adicionou com secura.

—Vá embora.

—Não vou nada. Estou aqui para ficar, maria macho, assim te aconselharia que mude de idéia. O que disse Tarsy?

—Que sim.

—E esperas que os dois estejamos aí, ante o Senhor e o reverendo Vasseler, e lhes demos nossas bênçõe?

—Não foi isso o que pensei.

—OH, é um alívio.

—Por favor, poderia seguir a outra pessoa? Todo o povoado poderia nos ver.

—Vem dar um passeio comigo.

Disparou-lhe um olhar gelado.

—Em sua carruagem de esterco.

—Bastará que diga uma palavra e voltarei com um carro antes que chegue a sua casa.

A moça parou e lhe dirigiu um olhar carregado de sofrimento.

—Vou casar me com ele, não o entende?

—Sim. Mas, você o entende? Está fugindo assustada, Emily.

—Estou fazendo o mais sensato.

Diminuiu o passo, como resignada. Tom deixou que os cavalos se atrasassem e a viu afastar-se, fugir dele, de seus próprios sentimentos, da verdade inegável. Quando se convenceu de que estava resolvida a deixá-lo atrás, puxou as rédeas, deixou-a afastar uns metros e, por fim, gritou:

—Ei, Emily, esqueci-me de te dizer uma coisa. —Esperou, mas a moça não parou nem se deu a volta. Embora houvesse casas a ambos os lados da rua, ficou de pé na carruagem e gritou—: Te amo!

Deu a volta, com expressão de franco surpresa. Até o idiota do povoado poderia ter detectado o magnetismo desses dois que se enfrentavam na luminosa tarde nevada, ela a uns metros ele, de pé sobre uma carruagem carregada de esterco. Tom continuou em voz mais baixa:

—Pareceu-me que devia sabê-lo antes de se casar com ele.

Atônita, olhou-o com a boca aberta.

—Esqueci outra coisa: quero me casar contigo.

Deixou que as palavras se assentassem uns instantes, depois se sentou, agitou as rédeas e a deixou, de pé no bordo da rua Jefferson, com o fôlego apanhado na garganta, uma mão apertada sobre o coração e o rosto rosado como um damasco.

Emily passou o dia na casa e o entardecer com Charles, e embora Tom soubesse e lhe doeu, não teve mais remedeio que manter-se afastado. Essa noite, em sua casa, passeou preocupado, indo de uma janela a outra com a esperança de vê-la chegar cruzando seu próprio pátio. Mas o pátio permaneceu vazio e o atacou o pânico. A meia-noite foi à cama e ficou acordado riscando planos extravagantes para dissuadi-la, quase todos impossíveis de concretizar. Às duas da madrugada chegou à conclusão de que esta era uma situação se desesperada e, como tal, requeria medidas se desesperadas. A julgar pela hora a que Emily ou Edwin abriam o estábulo, deviam levantar-se todas as manhãs

ao redor das seis.

Às cinco e meia estava esperando-a no pátio traseiro.

Era inverno e fazia frio, tanto que lhe formaram pedaços de gelo que lhe tamparam as fossas nasais. Levantou a gola grossa jaqueta de couro de ovelha, tampou-se as orelhas com as mãos enluvadas e apoiou um ombro contra a traseira do abrigo, espiando a esquina, vigiando o caminho que vinha da porta da cozinha. Seus próprios rastros se viam enormes, do caminho até seu esconderijo, mas o céu ainda estava negro e a lua baixa e magra sobre o horizonte. Mais ainda: qualquer um que saísse teria muita pressa para observar a neve e ver pisadas em estranhas.

Acima, nas montanhas, uivou um coiote, seguido pelo coro de outros. Na casa se fechou uma porta e uns passos precipitados fizeram ranger a neve endurecida do atalho com um ruído que parecia o couro da cadeira sob o corpo de um cavaleiro. Tom espiou pela esquina: era Edwin, que corria com a cabeça dirigida para o privada. Quando a porta se fechou atrás dele, Tom foi ao outro lado do abrigo para esperar. Viu que a lua se ocultava depois das montanhas, ouviu Edwin voltar para a casa e, um minuto depois, saiu outra pessoa. Quando essa pessoa chegou na metade do caminho, Tom espiou e viu uma silhueta feminina de cabelos claros: Fannie.

Não demorou muito na privada. Quando voltou dentro, a manhã já era decididamente fria. Por Deus, nunca tinha tremido assim. Sempre baixava a temperatura depois do amanhecer, mas esse dia parecia ter descendido mais de seis graus. Soou o nariz e teve a sensação de que os dedos jamais lhe descongelariam quando calçou outra vez as luvas. Outra vez lhe tamparam as fossas nasais e esfregou-as para as desentupir. Com os braços cruzados, golpeou o chão com os pés e colocou o queixo dentro da gola do casaco.

Possivelmente Emily já tivesse ido à privada e ele não a viu. Ou talvez ficasse dormindo até tarde. De todos os modos, era uma ocorrência estúpida. Iria a sua casa e a deixaria em paz. Possivelmente realmente amasse Charles e isso seria o único correto.

Mas estava muito apaixonado e ficou.

Mmais de um quarto de hora depois, apareceu Emily. Acabava de amanhecer e à luz tênue a viu fazer todo o trajeto da casa: meio-fio com algo que não fazia ruído, caminhou com cuidado, sujeitando as lapelas do casaco sobre a camisola. Com a cabeça baixa e os braços cruzados, correu, o cabelo caindo como uma cascata negra sobre as faces e os ombros.

Muito antes que chegasse ao extremo do caminho, Tom tinha rodeado o edifício para esperá-la. Mas quando Emily abriu a porta do privada e saiu, ele estava de pé no meio do caminho, com os pés

separados e as mãos juntas formando uma esfera.

—Bom dia.

Ergueu-se, surpreendida.

—Tom!

—Preciso falar contigo.

—Está louco! São seis da manhã!

Apertou a gola do casaco.

—Não podia fazer isto ontem à noite, às seis, verdade?

—Mas aqui fora faz muito frio!

—Sei. Faz momento que estou aqui, te esperando. Começava a pensar que não sairia nunca.

—Não posso falar contigo aqui. Estou... —Olhou ao chão—. Tenho os pés... em chinelas e camisola. E logo esclarecerá. Qualquer um poderia nos ver.

—Maldição, Emily, não me importa! Amanhã se casará com o homem equivocado e não tenho tempo para te dissuadir!

Deu três grandes pernadas e a elevou nos braços.

—Thomas Jeffcoat, baixa-me!

—Deixa de chutar e me escute. —Teve-a elevada até a parte de atrás do abrigo, apoiou as costas contra a parede fria e se agachou, afundando-se na neve até os quadris—. Ponha os pés aqui. Bom Deus, moça, não tem sentido comum que sai assim vestida?

As chinelas estavam tecidas em fio grosso negro. Tom lhe envolveu os dois pés com a camisola, acomodou Emily em seu colo, rodeou-a com os braços e a olhou à cara, que estava mais alta.

—Emily, não deixa a um muito tempo. Não teria feito isto se tivesse tido alternativa. Mas já te disse que o homem persegue e eu te persigo do único modo que sei, por louco que pareça.

—Louco seria um modo muito gentil de expressá-lo. O que me fez ontem na rua foi terrível.

—Entretanto, fez-te deter e pensar.

—Mas, não se... não se segue a uma garota em um carro de esterco e lhe oferece matrimônio!

—Como sei, por isso devo pedir-te o outra vez.

—Esta vez, atrás da privada!

—A privada está lá; este é o abrigo.

Assinalou com a cabeça.

—Thomas Jeffcoat, é um lunático.

—Estou apaixonado. Por isso vim a lhe perguntar isso outra vez: quer se casar comigo?

—Não.

—Ama-me?

—Como me pergunta uma coisa semelhante, sabendo que minhas bodas está fixada para amanhã!

Exasperada, lutou para soltar-se, mas Tom a sujeitou com mais força dos ombros e os joelhos.

—Não responda minha pergunta com outra! Ama-me?

—Isso não tem nada que ver com minha promessa de...

—Ama-me? —insistiu, lhe apertando o pescoço com uma mão metida na grossa luva, obrigando-a a voltar o rosto para ele.

—Desejo-te. Não sei se for o meu...

Estampou sua boca sobre a dela com força, infundindo ao beijo todo o amor, o desespero e a frustração que sentia. Quando a soltou, tinha o fôlego agitado e a expressão sincera:

—Eu também te desejo... não o negarei. Desejo-te tanto que me deitaria contigo aqui na neve. Mas é mais que isso. Caminho por minha casa vazia e imagino comigo. Quero-te em minha mesa do café da manhã, embora não saiba fritar ovos. Por isso me importa, podemos comer torradas queimadas... diabos, até estou disposto às queimar eu mesmo, mas te quero ali, Emily. E no estábulo: é estupenda com os cavalos. Não imagina indo até ali todos os dias e trabalhando juntos? Que equipe formaríamos para os negócios!

"E o que me diz dos estudos? Charles me disse que os abandonará para ter filhos, imediatamente depois que você me disse que ainda não queria tê-los. Isso não está bem, Emily. E eu tampouco quero filhos antes que você o queira. Por um tempo, queria que só você estejamos e eu, vagando por essa grande casa em roupa interior. Não sei como nos poderíamos arrumar isso ao ver de que modo o desejo nos importuna todo o tempo, mas o tentaríamos. Emily... —Esta vez o pronunciou com mais ternura—. Te amo. Não quero te perder.

Encolhida sobre si mesmo, Emily ficou entre seus braços e deixou que a convencesse, que o nariz frio de Tom lhe roçasse a face morna e recebeu de bom grau seus lábios nos seus. Esqueceu as bodas iminente. Esqueceu o frio. Esqueceu negar-se. Abriu a boca e respondeu ao beijo... um beijo arriscado, fervente, que só conduzia mais confusão, mas mesmo assim participou, com o desejo de alguém ao que logo lhe seria negado esse prazer. Sabia tal como o recordava e a alarmou a familiaridade de seu aroma e seu tato, que resultava uma tentadora

combinação do úmido e o suave, o flexível e o duro. Enquanto a língua de Tom a arrasava, sentia explorar quebras de onda de calor em seu interior. Inclinou a cabeça, torceu-a, sem interromper o beijo, soltando uma mão e apoiando-a no rosto dele. A face era morna, arrepiada da barba crescente durante a noite; o queixo, duro; o pescoço quente e aveludado. Tinha a cabeça arremesso atrás, apoiada contra a parede do abrigo, e Emily interpôs a mão para protegê-lo da superfície dura e gelada.

A dança das línguas cortejou o desastre, permitindo que os sentimentos de ambos se expandissem. As mãos do homem se moveram, uma para o ombro, outra para uma nádega redonda, onde o bordo do pesado casaco dava passo ao tecido mais fino da camisola... grosso sobre fino... couro sobre algodão... riscando desenhos sobre a carne firme, fingindo que sua mão não estava coberta com a luva. Quando os corações e as respirações dos dois se tornaram agitados, deram por acabado o beijo, ambos com a mesma frustração.

—OH, Emily...

Foi um sussurro angustiado.

—Por que não me pediu isso antes? —desesperou-se, fechando os olhos.

—Porque não soube até que te beijei.

—Então, por que não me beijou antes?

—Você sabe os motivos: Charles, Tarsy... até a Julia. Acreditei que tinha terminado com as mulheres por muito, muito tempo. Tinha medo de que me ferissem outra vez. E agora, isto dói mais ainda. Emily, por favor... tem que se casar comigo.

Elevou a cara, mas ela impediu que voltasse a beijá-la.

—Por favor, Thomas... a resposta segue sendo não.

—Mas, por que?

Angustiada, olhou-o aos olhos e resolveu lhe dizer a verdade, ao mesmo tempo que a recordava a si mesmo.

—Dir-te-ei algo na confiança de que não o repetirá nunca. Direi-lhe isso porque me parece o único justo. —Soltou um suspiro trêmulo e começou—: A manhã depois do dia que fui a sua casa, entrei na cozinha e encontrei a meu pai beijando Fannie. Um beijo de verdade. Não imagina o que foi, Tom. Senti-me... enojada, traída... e mais furiosa do que lembrança ter estado jamais. Por mim, por meu irmão, mas, sobre tudo, por minha mãe, que não merece toda a desdita e a dor que a vida joga sobre ela neste momento. Não basta com que sofra tanto e esteja morrendo tão jovem. Seu marido a trai sob seus próprios narizes! Sob o mesmo teto! Isso me fez pensar em mim mesma, no que estava lhe fazendo ao Charles.

—Mas seu pai é...

—Não serei como ele, Tom, asseguro-lhe isso! Charles é uma pessoa admirável, que não merece ser enganado por sua noiva e seu melhor amigo. Disposta atenção: sua noiva e seu melhor amigo. Isso é o que somos, sabe? Quando estamos juntos estamos acostumados a esquecê-lo.

—Assim se casa com o Charles para compensar os pecados de seu pai? Isso é o que está dizendo?

Era verdade e Emily ficou sem resposta.

—E o que me diz do que nós sentimos? —insistiu Tom.

—O que eu sinto poderia ser pânico e acredito que isso é o que sentem todas as noivas os últimos momentos antes de casar-se. Mas agora não posso confrontar mais de uma crise. Os últimos três dias foram terríveis. Quando entro no quarto de minha mãe, sinto-me culpada. Quando olho Charles, sinto-me culpada. Vejo-te ti e me sinto confundida. Papai e Fannie me provocam tal desgosto que quase não suporto estar na mesma casa. O que desejo é a paz que acredito que terei com o Charles. Casar-me-ei com ele, mudarei a sua casa e iniciarei minha própria vida. Isso é o que vou fazer.

—Deixará de lado o que sente por mim? O que sentimos um pelo outro?

—Emily!

Era Fannie, que chamava da casa.

Depois do abrigo, ficaram tensos e contiveram o fôlego.

—Emily, está aí fora?

—Não lhe responda.

Tom aferrou os pulsos da moça, retendo-a, enquanto os dois corações pulsavam tumultuosos.

—Tenho que entrar —murmurou, lutando para levantar-se.

—Espera!

— Deixe-me levantar! Ela vem para aqui!

O ar agudo da manhã transportou outra vez a voz de Fannie:

—Emily!

A moça gritou:

—Estou bem. Irei em um minuto!

Debatendo-se para levantar-se, lutando torpemente por separar-se, Emily caiu pela metade sobre as pernas de Tom. Os tornozelos e uma mão afundaram na neve, que lhe meteu nas sapatilhas em flocos úmidos

e gelados, e pelos punhos da camisola, lhe esfriando as mãos. Pegou-se ao bordo da jaqueta de Tom formando um anel gelado, que se derreteu contra seu traseiro. Mas encetados como estavam em suas emoções, nenhum dos dois o advertiu. Reteve-a pelo pulso lutando para que não se fora, enquanto Emily lutava para soltar-se.

—Não o faça, Emily.

—Devo fazê-lo.

—Nesse caso, não espere que fique aí, presenciando-o! Embora haja dito ao Charles que sim, que me matem se o farei!

—Tenho que entrar.

—Está tão cega...!

—Deixe ir... por favor.

—Emily.

—Adeus, Thomas.

Correu como se a perseguisse um incêndio em uma pradaria.

Embora Josephine Walcott estivsse às portas da morte, ainda não estava morta. Justamente o contrário. Nas últimas vinte e quatro horas, seu estado tinha dado um tombo singular. Tossia menos, sentia-se mais forte e gozava de uma percepção especialmente aguda, coisa que, conforme sabia, estava acostumado a ocorrer nas últimas horas de vida. Era o bastante perspicaz para estar convencida de que algo muito errado acontecia na casa.

Emily era brusca e fria com Fannie e Edwin. Este caminhava como sobre brasas. E Charles não tinha ido anunciar os planos para as bodas. Era estranho, embora à luz das últimas explosões que se filtraram de abaixo, entendia-o.

Josephine despertou muito antes da alvorada no dia anterior à bodas de Emily e escutou os ruídos da família que despertava. Portas que se abriam e fechavam, tampas de estufas que vibravam, a bomba gorgoteando, toucinho fritando-se, vozes amortecidas.

Chegou de abaixo a voz de Fannie, que falava baixo com Edwin.

Depois, a voz mais grosa de Edwin que lhe respondia.

Depois, outra vez a voz de Fannie que chamava Emily, em tom preocupado. Duas vezes. Três.

O que acontecia?

Na estufa rugiu o fogo como se tivesse recebido uma corrente de ar, fechou-se de um golpe a porta de atrás e Edwin perguntou:

—Emily, está bem?

A voz de Emily, brusca e irada, chegou com claridade de abaixo:

—Não me sirvam o café da manhã. Comerei com minha mãe — seguido pelo deslizar-se de seus passos que subiam a escada a todo vapor.

Quinze minutos depois, apareceu com a bandeja do café da manhã de Josephine, entrou e fechou a porta que, durante o dia, ficava totalmente aberto até dois dias antes, em que Emily tinha começado a fechá-la com gesto peremptório.

—Bom dia, mãe.

Quando apoiou a bandeja na cama, Josephine tomou a mão. Sorriu-lhe e se estirou para acariciar com os nódulos a face avermelhada de Emily.

—Está doente? —perguntou Josephine em um sussurro.

—Doente? Não, estou... estou bem.

—Ouvi que Fannie te chamava. Tem a face fria.

—Estive fora. Esta manhã faz mais de doze graus abaixo de zero.

—E vermelha.

Emily se atarefou com as coisas do café da manhã, evitando olhar a sua mãe.

—Esta manhã tem aveia e ovos com toucinho. A ver, deixa que te acomode os travesseiros. Espero que tenha apetite outra vez. É muito grato ver-te comer como ontem. —Seguiu tagarelando de coisas superficiais, o que não fez mais que evidenciar seu nervosismo. Não podia deixar as mãos quietas, que foram de uma coisa a outra: o açúcar, a nata, o sal, a pimenta; exibia um excesso de eficiência para dissimular a tensão—. Acredito que hoje limparei seu quarto e te lavarei o cabelo. Poderíamos colocar um tecido encerado sobre o bordo do colchão, para que se deite atravessada, o que te parece? E engomarei sua bata de cama preferida e meu vestido azul. Claro que também tenho que lavar o cabelo, empacotar minhas coisas para as levar a casa de Charles, e...

—Emily, o que acontece?

—Como o que passa?

Nos olhos de Emily apareceu um sinal de terror.

—Não é necessário que me proteja de tudo —murmurou Josephine—. Ainda estou bem viva e quero formar parte da família outra vez.

Viu como a filha lutava contra um torvelinho oculto em seu interior. Por um momento, acreditou que Emily se aplacaria e confiaria nela, mas ao final se levantou de um salto e se deu a volta, escondendo qualquer segredo que tivessem revelado seus olhos.

—OH, mãe, nunca deixou de formar parte desta família, já sabe. Mas, por favor, não se aflija por mim. Não é nada.

Mas quase não provou o café da manhã e quando Edwin entrou, antes de ir-se para o estábulo, rechaçou-o com frieza e ficou a manusear as coisas que havia sobre a penteadeira, sem sequer saudá-lo.

Pouco depois de que se fora Edwin, apareceu Fannie oferecendo-se a limpar a habitação, mas Emily lhe informou que o faria ela e que também se ocuparia de preparar a sua mãe para o dia seguinte. Fannie olhou dos pés da cama a Emily, percebeu a evidente tensão lhe reinem no quarto, e depois, resignada, encaminhou-se à porta.

—Fannie! —espetou-lhe Emily.

—O que?

A mulher se voltou.

—Não fará falta que prepare uma comida de bodas, se é que o pensou. Quando terminar a cerimônia, Charles e eu iremos diretamente a sua casa.

Passou o dia igual ao anterior, ocupando-se de sua mãe, executando todas as tarefas que planejou para essa jornada, mas à medida que avançava, sua atividade cobrava uma qualidade quase frenética. Inquieta, Josephine a observava e se afligia.

A lavagem do cabelo começou a última hora da tarde. Resultou um processo dificultoso, mas essa mesma condição e o investimento dos papéis aproximaram de mãe e filha mais que nunca.

Uma vez que Josephine esteve outra vez sentada com as costas nos travesseiros, Emily lhe penteou com parcimônia o cabelo e disse:

—Não demorará muito em secar-se.

—Não, é certo —admitiu Josephine, triste—, já não.

As palavras espremeram o coração de Emily. Menos de um ano atrás o cabelo de sua mãe era escuro, grosso e brilhante, seu mais prezado tesouro, seu orgulho. No presente, pendia em mechas murchas, descolorido, o couro cabeludo rosado aparecendo em algumas partes. Josephine mesma o cortou à altura do pescoço para que fosse mais fácil mantê-lo durante a enfermidade. As zonas nuas da cabeça pareciam um último insulto ao físico deteriorado dessa mulher que uma vez foi robusta.

Percebeu a tristeza de sua filha, elevou a vista e viu que, na verdade, estava abatida.

—Emily querida, me escute. —Tomou a mão da moça entre as suas e a reteve, com pente e tudo, enquanto falava em voz baixa para não tossir—. Agora não importa como tenho o cabelo. Não importa que seu pai durma em uma cama de armar à parte e que me veja como uma maçã cada vez mais seca. Nada disso tem importância. O que importa é

que seu pai e eu vivemos juntos vinte e dois anos, sem nos perder o imenso respeito que nos temos.

Com os olhos baixos, Emily manteve a vista fixa na mão murcha de sua mãe, em que os dedos muito magros já não conservavam a marca do anel nupcial.

—Os últimos dias, estiveste angustiada e acredito que sei por que. Embora avaliação sua lealdade, acredito que está enganada. —Acariciou com o polegar o dedo anelar da filha, onde ainda não havia nada—. Estou doente, Emily, mas não cega nem surda. Vi sua súbita aversão a seu pai e a Fannie, e ouvi coisas... Coisas que talvez não estavam destinadas a que as ouvisse.

Suspirou e guardou silêncio, contemplando a expressão abatida da moça.

—Alguma vez estivemos muito unidas, verdade, Emily? Talvez seja minha culpa. —Seguiu sustentando a mão de Emily, uma familiaridade que jamais se permitiu em dezoito anos de maternidade. E embora inclusive nesse momento parecia pouco natural, obrigou-se a fazê-lo, ao admitir seus enganos como mãe—. Mas sempre foi muito apegada a seu pai, seguiu-o, imitou-o. Vejo que te dói muito cada vez que o rechaça... e também a Fannie. Aproximou-te muito a Fannie, não?

Emily tragou saliva, mas não levantou a vista e apareceram duas manchas de cor nas faces.

—Acredito que chegou o momento de te dizer certas coisas. Possivelmente não te resulte agradável as ouvir, mas confio em que entenderá. É uma jovem amadurecida e está a ponto de te embarcar no matrimônio. Se tiver idade suficiente para isso, também poderá entender o que acontece entre seu pai e eu.

Os olhos azuis de Emily, com expressão afligida, elevaram-se:

—Mamãe, eu...

—Shh. Canso-me com facilidade e tenho que sussurrar. Por favor, me escute. —Por estranho que parecesse, Josephine não falava tanto tempo seguido desde fazia meses e mesmo assim não tossiu, e prosseguiu, como se um benfeitor lhe tivesse emprestado suas energias para falar quando mais o necessitava—. Seu pai e eu crescemos nos conhecendo da infância, quão mesmo Charles e você. Quando tínhamos quatorze anos, nossos pais nos disseram que tinham acordado um pacto de matrimônio e que esperavam que os dois o honrássemos. Não tinha relação alguma com a pretensão de unir terras nem negócios, coisa que me fez me perguntar com frequência por que estavam tão teimados em que Edwin e eu nos casássemos. Talvez, só porque eram amigos e sabiam que classe de filhos resultamos: filhos cristãos, honrados, que nos converteríamos em pais cristãos e honrados, educados no respeito ao Quarto Mandamento.

"Oficializou-se o compromisso quando cumprimos os dezesseis anos, a mesma primavera que Fannie voltou depois de dois anos de estudar no estrangeiro. Seus pais deram uma festa pouco depois de sua volta e lembro essa noite com claridade. As lilás estavam em flor. Fannie vestia de cor marfim, que sempre ficou magnífico, com esse chamejante cabelo alaranjado, como uma vela de festa, pensava eu. Acredito que essa noite compreendi que a seu pai gostava. Dançaram juntos e os recordo girando com os braços enlaçados, contemplando-se com o rosto ruborizado, sorrindo de um modo que nunca Edwin teve para mim. Suspeito que a levou fora e a beijou no jardim de ervas aromáticas, porque quando voltou lhe senti aroma de manjericão na roupa.

"Nesse momento soube que tinha que liberá-lo do compromisso, mas eu não era a garota mais casadoira de Boston, nem a mais linda. Não podia paquerar como Fannie, nem... nem receber beijos no jardim de ervas... ou brincar como aos moços agradava que fizessem as garotas. Mais ainda, tinham-me educado na crença de que devia obedecer os desejos de meus pais.

Josephine exalou um suspiro e se recostou, fixando a vista no teto.

—Por desgraça, a Edwin ocorria o mesmo. Eu sabia que se apaixonou por Fannie e percebi a pressão que isso lhe criava. Mas suspeito que seus pais o dissuadiram de que rompesse nosso compromisso e, quando chegou o momento, foi obediente e se casou comigo.

"Quero que o entenda, Emily... —Josie seguia sustentando frouxamente a mão de sua filha sobre a manta—. Nosso matrimônio não foi intolerável... nem sequer mau, mas não se assemelha à união esplêndida que teria sido se compartilhássemos os sentimentos que seu pai compartilha com Fannie. Entendemos as limitações de nosso amor. lhe chamemos respeito, esse seria um término mais preciso, porque sempre soube que era a Fannie a quem Edwin amava em realidade. OH, ocultou-o bem e nunca descobriu que eu o suspeitava. Mas eu soube que fomos de Massachusetts para pôr distância entre eles, para afastar a tentação. E embora minha prima sempre dirigiu as cartas a mim, eu sabia que estavam destinadas a que Edwin soubesse como e onde estava, e que nunca o esqueceu.

"Emily, sabia que eu fiz vir a minha prima aqui contra os desejos de seu pai?"

Emily olhou a sua mãe com expressão assombrada e a mulher continuou:

—Zangou-se muito quando eu lhe disse que viria. Foi uma das poucas vezes em que me gritou, e insistiu em que não, que não estava disposto a receber a Fannie aqui, coisa que não fez mais que confirmar minhas suspeitas: que sua lembrança não se desvaneceu com os anos, que ainda a amava intensamente. Mas, ao lhe ocultar que Fannie estava

em caminho, eu lhe tirei a decisão das mãos.

Josephine sorriu, olhando as mãos unidas, a dela, fina e transparente como porcelana, a de Emily, forte e curtida pelo trabalho.

—Pode ser que me considere um pouco falta de escrúpulos por empurrá-los assim um contra outro? —O sussurro se fez veemente e apertou com força a mão de Emily—. OH, Emily, olhe a Fannie, olha-a. É tão diferente de mim como o mar da terra. É vivaz e corajosa, sorridente, alegre, e em troca eu sou séria e vitoriana sem remédio. Nunca fui como ela, nunca fui como seu pai necessitava. E embora tivesse que ter estado com ela todos estes anos, foi fiel e cumpriu as promessas conjugais que nos fizemos. Teria que ter gozado da calidez e o carinho demonstrativo de uma mulher como ela, mas se conformou comigo. E agora Fannie está aqui e, a menos que me equivoque, descobriu-os fazendo... o que? Beijando-se? Abraçando-se? É isso?

Ao ver que Emily conservava o olhar baixo, soube que tinha adivinhado.

—Bom, pode ser que ganharam o direito.

—Mãe, como pode dizer isso? —Quando elevou a cabeça, as lágrimas brilhavam nos olhos de Emily—. Ainda é seu marido!

Josephine soltou a mão da filha e olhou outra vez para cima.

—Isto é muito difícil de dizer para mim. —Deixou passar uns momentos e seguiu—: Eu... não posso dizer que alguma vez desfrutei de do ato marital e não posso menos que me perguntar se não seria porque o respeito de seu pai tampouco me bastava .

Em dezoito anos, Emily jamais tinha ouvido sua mãe referir-se a algo nem remotamente relacionado com o carnal. No presente, ouvi-lo a coibiu tanto como a Josephine. Passou um momento interminável, no que ambas se debateram com o pudor, até que Josephine continuou:

—Só queria que soubesse que não toda a culpa foi de seu pai.

Os olhares se encontraram e se desviaram para objetos impessoais, até que a mãe se sentiu capaz de seguir:

—Outra coisa que quero que recorde: em todo o tempo em que esteve aqui, Fannie jamais me incomodou, nem uma vez mencionou o fato de que eu lhe tinha feito um grande dano ao me casar com o homem que ela amava. Foi a encarnação da benevolência: boa, amável e paciente. E honesta a carta cabal, estou segura. Com apenas estar aqui, fez meus últimos dias mais passíveis, Emily.

O sobressalto de ouvir sua mãe mencionar sua própria morte, fê-la exclamar:

—Mãe, você não vais morrer, não diga isso!

—Sim, querida. E logo. Hoje estou melhor, mas isso não durará. E

quando me tiver ido, quero que esteja preparada. OH, sim, chorar-me-á, mas que não seja por muito tempo, Emily, por favor. Querida, lhe dê ao Edwin e a Fannie o direito a serem felizes. Estou convencida de que se eu posso fazê-lo, você também. Quando se casar com ela, e estou segura de que o fará, deve fazê-lo! Tem que ser tão boa com Fannie como ela foi comigo. E no que respeita a seu pai, bom, sem dúvida pode imaginar a angústia que sofreu ao estar casado toda a vida com a mulher equivocada. Não merece, acaso, certa felicidade?

—OH, mãe...

Caindo de joelhos, Emily se atravessou sobre a cama da mãe com as lágrimas lhe rodando pelas faces. Josephine não era mulher inclinada ao pranto. Talvez, se o tivesse sido, faria mais feliz a seu marido. Com os olhos secos, fixou a vista no teto enquanto tocava a cabeça da filha que chorava.

—E o que passa contigo? —perguntou—. Está disposta a me falar a respeito de ti e Charles... e desse senhor Jeffcoat?

Surpreendida, Emily levantou a cabeça, com os olhos muito abertos.

—Sabe?

—Contou-me isso seu pai.

—Sério?

—Certamente. O que acredita que fazemos aqui todas as noites? Conta-me o que fez no dia e você é uma parte importante em cada um de seus dias.

A última revelação de Josephine foi eficaz para deter o pranto. Passando-os nódulos sob os olhos, Emily disse:

—Papai se sentiu muito perturbado quando encontrou ao Tom e a mim nos beijando, verdade?

—Sim. Mas agora pode entender por que. Estava... está muito preocupado por ti, igual a eu. Amamos muito ao Charles, mas acredito que nenhum dos dois quer que cometas o mesmo engano que nós.

Abatida, Emily apoiou a face no dorso da mão de Josephine.

—OH, mamãe, o que devo fazer?

Tomou tempo para lhe responder, sopesando as palavras:

—Eu não lhe posso dizer isso e já não fingirei que sim posso. É uma jovem muito impulsiva, Emily. Fecha as portas com a mesma veemência com que as abre, como fez com seu pai e com Fannie. Ainda está fechada... vê-o? —Dirigiu o olhar para a porta—. O único conselho que posso te dar é que abra a porta... que abra todas suas portas. É o único modo em que poderá ver para onde está indo.

—O que diz é que não teria que me casar com Charles?

—Absolutamente. É você a que o pergunta.

Deitada ali, sobre a cama de sua mãe, Emily admitiu que era certo: o perguntava do momento em que afloraram seus sentimentos por Tom.

Tom.

Charles.

Uma decisão tão importante que adotar em tão pouco tempo.

Josie compreendeu que a moça tinha que decidir por si mesma e a insistiu a fazê-lo:

—E agora, estou muito cansada, querida. Queria descansar um momento. —Suspirou e fechou os olhos—. Por favor, lhe diga a Fannie que desperte quando seu pai for jantar; assim poderei comer com eles.

Capítulo 15

Saiu nas pontas dos pés do dormitório de sua mãe e deixou a porta aberta. Ficou no corredor vários minutos, com a vista fixa no papel de parede. Fannie e papai... desde antes de casar-se com sua mãe? Quantos anos teriam? Não eram muito maiores que ela no presente. E sua mãe, que resistia os avanços de seu pai, como ela mesma fazia com Charles. Pareceu-lhe muito incrível. E entretanto, sua mãe lhe confessou que os desejos carnais não deviam desdenhar-se na hora de decidir com quem casar-se.

Aturdida, Emily foi até seu próprio quarto e se sentou aos pés da cama. Quantas linhas paralelas, e não devia ignorar nenhuma. Contemplou o rebordo da janela através das cortinas de renda e imaginou um amor tão forte para durar vinte e dois anos sem diminuir; um respeito o bastante grande para manter-se esses mesmos anos sob uma capa de dúvidas silenciadas. Que difícil, tanto para o pai como para a mãe. E mesmo assim, persistiram, e deram aos filhos uma base tão firme como qualquer religião ou credo, pois Emily jamais suspeitou que houvesse gretas na devoção mútua de seus pais.

E Fannie, abandonada-a... quão vazia deve ter ficado sua vida. Quanta angústia ocultaria debaixo dessa aparência alegre.

Charles ficaria como Fannie, abandonado, vazio, com o coração destroçado se Emily revogava a decisão de casar-se com ele, embora não seguiria sendo cordial através dos anos, como foi Fannie com seus pais. Estaria ferido, furioso, e seria impossível que os três vivessem em um povoado tão pequeno sem ressentimentos futuros.

Passou a tarde; sombras azuladas tingiram a neve que cobria o batente da janela. Abaixo, a porta do forno chiou quando Fannie a abriu e a fechou. Emily olhou a hora: eram as quatro e meia. Em menos de vinte e uma horas, deveria parar-se ante sua mãe e unir sua vida a de Charles de maneira irrevogável.

Poderia fazê-lo?

Mais ainda: poderia não fazê-lo?

Tentou imaginar que essa noite, quando fosse Charles, dizia-lhe que tinha cometido um engano, que era aTom a quem amava e com quem queria casar-se.

Cruzou os braços e se dobrou para frente, com uma pontada física de

dor. Tinha deixado que a covardia com respeito a Charles fosse muito longe. Como podia adotar semelhante decisão, no último momento?

Fizeram-se as cinco e, como estavam no solstício de inverno, obscureceu por completo; cinco e meia, e sua mãe se levantou e cruzou o corredor; às seis menos quarto, papai chegou a casa fazendo ressonar as botas, lavou-se as mãos e perguntou onde estavam todos. Frankie, que vinha de patinar com Earl e os outros meninos, entrou de correria. Flutuou até acima o aroma do frango assado.

Emily se levantou, alisou-se a saia e se moveu na escuridão do quarto, demorando o inevitável. Não poderia evitá-los para sempre. No corredor um resplendor tênue chegava de abaixo. Deteve-se no alto da escada e reuniu coragem para baixar o primeiro degrau. Todo o trajeto até abaixo se imaginou o enfrentamento com papai e Fannie e os supôs trocados, redimidos pela revelação da mãe. Mas quando entrou na cozinha os viu como sempre: seu pai, com as roupas de trabalho, a roupa interior aparecendo pelo pescoço e os punhos, lendo o jprnal semanal, e Fannie, com um avental comprido, o cabelo acobreado um pouco desordenado, trabalhando em excessojunto à cozinha. Tinham toda a aparência de qualquer marido e sua esposa, e Frankie, pondo a mesa, poderia ter sido o filho de ambos. Com um sobressalto, compreendeu que era possível. Frankie seria o filho e ela mesma, a filha. Pensá-lo a fez sentir-se inconstante para sua mãe embora, possivelmente, Josephine tivesse razão: Fannie e seu pai seriam, um dia, marido e mulher.

Percebendo que o olhavam, Edwin baixou o jornal ao mesmo tempo que Fannie se dava a volta e os dois surpreenderam Emily observando-os da entrada. No ambiente reinava a mesma sensação de iminência que preponderava desde que os descobriu beijando-se.

—Bem. —Edwin alisou o periódico—. Como está sua mãe? Estava a ponto de subir.

—Está melhor —respondeu Emily, no tom mais gentil que tinha empregado desde que os viu.

—Bem... bem. —fez-se um silêncio comprido e incômodo até que, ao fim, Edwin voltou a falar—: Tomei a liberdade de convidar Charles para jantar. Como não terá amanhã seu jantar de bodas conosco, pareceu-me apropriado.

—OH... magnífico.

Edwin jogou um olhar a Fannie, enquanto calibrava a súbita docilidade de sua filha.

—Fannie fez frango assado... como você gosta.

—Sim, eu... obrigada, Fannie. Mas mamãe me pediu que lhes dissesse que gostaria que comam os três juntos em seu quarto.

Edwin sugeriu:

—Se estiver o bastante forte, poderia trazê-la aqui embaixo e poderíamos jantar todos juntos, pelo menos nesta ocasião.

Frankie, que estava olhando-os, exclamou:

—O que lhes passa? Estão aí abrindo a boca como um bando de corujas!

Por fim, o comentário rompeu a tensão. Emily avançou e ordenou a seu irmão:

—Traz copos e guardanapos para Fannie e eu lhe ajudarei a amassar as batatas.

Que jantar, que velada tão plena de circunstâncias fantasmagóricas... Chegou Charles, jovial e excitado. Edwin levou a sua esposa nos braços à planta baixa. Fannie lhes serviu um jantar delicioso e comeram como se não passasse nada errado. Mas, dentro de Emily, a tensão parecia lhe impedir a respiração.

Tentou... com quanta força, encontrar dentro de si o modo de encarar Charles com sinceridade. Mas ele estava muito feliz, ansioso, amoroso quando saíram ao alpendre a despedir-se.

Beijou-a com paixão e a acariciou como se tratasse de não cair a um precipício.

—Amanhã de noite, a esta hora —murmurou com ardor—, será minha esposa. —Beijou-a de novo, estremeceu-se e se apartou para lhe dizer ao ouvido, com voz rouca—: OH, Emily, quanto te amo.

A moça abriu a boca e começou a dizer, insegura:

—Charles... eu...

Mas voltou a beijá-la, interrompeu a confissão e, ao final, ela não teve valor para aniquilá-lo.

Quande Charles se foi, Emily começou a percorrer os limites do dormitório sentindo que o desespero lhe formava um nó no peito e lhe umedecia as palmas das mãos. Sabendo que não poderia dormir, foi em busca de consolo ao estábulo, com os animais, e ali descobriu outra súplica de Tom, esta vez cravada com tachinhas na porta de fora onde qualquer poderia havê-la visto: era um sobre branco com seu nome, que expressava com claridade quão desesperado estava.

Levou-o ao escritório e se sentou na cadeira torcida, com o coração acelerado enquanto tirava um cartão luxuosamente esculpido com um ramo de rosas de tons malva e rosado, rodeado de uma cinta que sustentavam uns azulejos de cujos picos flutuavam laços e cintas. No centro do cartão, mais rosas e laços formavam um bonito coração, debaixo do qual havia um poema escrito em estilizadas letras douradas em baixo-relevo:

Minha mão estranha seu contato, querida

Sua chamada esperam, cansados, meus ouvidos.

Necessito sua ajuda, sua risada, sua alegria:

Com o coração, a alma e os sentidos

Debaixo dos versos, Tom tinha escrito: Amo-te, se case comigo.

Se o tivesse enviado Charles, Emily não se haveria sentido tão sacudida. Mas vindo de alguém como Tom, o único que não deixou de provocá-la, insultá-la e chamá-la maria macho, esse rogo apaixonado lhe atravessou o coração como uma flecha do próprio arco do Cupido.

Apoiou os lábios na assinatura, fechou os olhos e se abandonou ao desespero, amou-o, necessitou-o tanto como expressava o poema do cartão: com o coração, a alma e os sentidos. Mas o relógio seguia marcando as horas que faltavam para as bodas com outro e se sentiu covarde, assustada, enquanto as lágrimas se deslizavam por seu rosto.

No futuro, haveria momentos na vida de Emily em que contemplaria a seu marido do outro extremo de um quarto iluminado, sentiria uma quebra de onda de amor e confirmaria uma vez mais que o último ato de piedade de sua mãe foi morrer essa noite.

Seu pai foi comunicar lhe a notícia nas horas prévias ao amanhecer, sentando-se no bordo da cama de Emily e sacudindo-a para tirá-la de um sono breve e tardio.

—Emily, querida, desperta.

—O que... heim?

—Emily, querida.

Levantou-se, com a cabeça palpitante de falta de sonho, os olhos irritados e inchados.

—Papai, passa algo errado?

—Temo-me que sim, Emily.

Edwin tinha um abajur. A sua luz, viu o rastro das lágrimas nas faces do pai e soube a verdade antes que lhe respondesse:

—Trata-se de sua mãe... foi-se.

—Não!

Assentiu, pesaroso.

—OH, papai.

—Foi-se —repetiu em voz baixa.

—Mas ontem se sentia melhor.

—Sei.

—OH, papai.

Chorou outra vez, ajoelhou-se na cama para abraçar-se a seu pai e foi o primeiro contato desde que o condenou por amar a outra mulher. Sentiu que lhe sacudia o corpo pelos soluços contidos, silenciosos. Apoiou-lhe as mãos nos ombros, assolada por uma tristeza inexplicável porque, a fim de contas, a seu modo tinha amado a sua mãe.

—Papai —disse, em um sussurro quebrado—, não chore. Mamãe já é um anjo, estou segura.

Edwin não chorava. Mas quando se endireitou, Emily viu nos olhos avermelhados uma tristeza mais difícil de suportar que a dor: arrependimento. Sem falar, oprimiu as mãos da filha e se levantou da cama, esperando que ela também se levantasse e lhe adiantasse caminho da habitação que estava ao outro lado do corredor.

Ali, à luz do abajur que já perdia intensidade à medida que subia o sol, Fannie estava sentada no bordo da cama, sem lágrimas, acariciando com doçura o arrepiado cabelo branco da testa pálida e enrugada de sua prima morta. Os lençóis, as capas brancas, ao igual à pele, o cabelo e a camisola de Josephine estavam manchados de sangue que se secou e tinha um tom marrom vermelho.

—Ohhh... —O lamento escapou da boca de Emily ao tempo que se aproximava do lado oposto a Fannie da cama, ajoelhava-se e apoiava as mãos com cuidado sobre o colchão, como se ainda pudesse incomodar ao corpo reclinado—. Mãe... —sussurrou, com as lágrimas escorregando silenciosas por suas faces.

A certeza da morte não aliviava muito a dor. Tinha chegado e a arrebatava a aqueles que tinham considerado a mudança do dia anterior como um sinal de melhora. Velaram juntos: Fannie, tocando a mão de sua prima; Emily ajoelhada ao outro lado, esfregando a manga de sua mãe; Edwin, de pé junto a ela. Fannie seguiu acariciando o escasso cabelo branco, murmurando:

—Descansa, querida... descansa.

Nesses primeiros momentos de tristeza, pensaram nela não como era mas sim como tinha sido em saúde, com o cabelo negro, os braços roliços, os olhos alerta e os membros ágeis.

—Papai, você estava com ela? —perguntou, solene.

—Não. Encontrei-a quando despertei.

—Não tossiu?

—Sim, acredito recordar que sim. Mas não despertei de tudo.

Outra vez ficaram em silêncio, esforçando-se por aceitar o fato de que Josephine estava morta e nada do que pudessem ter feito poderia havê-lo evitado.

—Papai, o que fazemos com Frankie?

—Sim, temos que despertar o Frankie.

Mas nenhum dos dois se moveu. Sim Fannie, que sabia o que fazer nessa situação com um menino de doze anos. Foi procurar uma bacia com água e, com um pano suave, limpou com delicadeza a boca e o pescoço da esposa de Edwin, a mãe de seus filhos. Continuando, encontrou um lençol branco limpo e a estendeu sobre as manchadas, tampando o sangue seco. Quando terminou, endireitou-se e contemplou com amor Josephine. A camisola da própria Fannie estava enrugada, estava descalça e seu cabelo desafiava a lei de gravidade mas, mesmo assim, emanava um inegável ar de decoro. Disse em voz baixa:

—Agora, vá procurar o Frank, Edwin.

Emily foi de mão dada com seu pai, levando o abajur. Detiveram-se junto à cama de Frankie e contemplaram ao menino adormecido, sem vontade de despertá-lo com a horrenda notícia, e se apoiaram um ao outro nessa hora de desesperança.

Ao fim, Edwin se sentou e cobriu a face viçosa do filho com sua mão grande de trabalhador.

—Filho?

A palavra ficou na garganta. Emily lhe apertou o ombro e se aproximou de fazer sua parte.

—Frankie? —disse em tom suave e carinhoso—. Desperta, Frankie.

Quando despertou piscando e esfregando-os olhos, a moça tomou para si a carga do pai e disse:

—Temo-me que esta manhã temos uma má notícia.

Frankie se avivou com em desusa rapidez e olhou a seu pai e a sua irmã com olhar limpo, pouco comum nele.

—Mamãe morreu, verdade?

—Sim, filho, assim é —disse Edwin.

Frankie era o bastante jovem para não fazer caso das embrutecedoras normas do duelo Vitoriano e expressou o que sentia, sem cuidar-se de outra coisa que manifestar sua reação sincera:

— Alegro-me. Não gostava de estar tossindo todo o tempo e estar tão doente e magra.

Foi com eles, parou-se, obediente, junto ao leito de sua mãe, tragou

saliva e depois deu meia volta e saiu da habitação, para chorar em privado. Outros ficaram, trocando olhadas vacilantes e desejaram poder fugir também do dever. Mas terei que informar às pessoas, preparar o corpo, cancelar as bodas, fazer o ataúde.

Os parentes de Josephine Walcott não tinham experiência que os orientasse para saber o que fazer nas horas imediatas. Por uns momentos se sentiram vazios, sem saber o que exigia o protocolo.

Edwin tomou a iniciativa.

—Tenho que ir alimentar aos cavalos e pendurar um pôster na porta do estábulo até que tenhamos festões negros. Emily, pode se ocupar de que Frankie vá à casa de Earl quando tiver se acalmado? Pode ser que a senhora Rausch permita que hoje Earl venha a casa da escola para lhe fazer companhia. Eu passarei pela escola, informarei à senhorita Shaney e depois irei a casa de Charles... a menos que prefira dizer-lhe você.

—Não —repôs, pois já sabia quem a necessitaria mais—. Ficarei aqui com o Fannie.

—Quanto a amortalhá-la... —Jogou ao cadáver um olhar sombrio—. Espera a que eu retorne.

Mas assim que partiu, Fannie endureceu em uma atitude eficiente. Ao mesmo tempo que levantava a bacia e se dirigia à porta a passo vivo, replicou:

—Um marido não deve carregar com semelhante cruz. Eu me ocuparei disso.

Quando passou junto a Emily, a moça estirou a mão para lhe tocar o ombro, mas a retirou indecisa e disse:

—Fannie?

Aludida-a parou na entrada. Os olhares se encontraram e as duas compreenderam que, a última vez que tinham falado, o coração de Emily estava carregado de hostilidade. Nesse momento, sua expressão só mostrava gratidão pela presença de Fannie e remorso por suas atitudes. Com um tom que suplicava perdão, disse:

—Eu te ajudarei... corresponde à filha ajudar.

—Era sua mãe e isto não será grato. Não preferiria recordá-la como era?

—Assim a recordarei. Sempre a recordarei com o cabelo negro e os braços robustos, mas tenho que ajudar, não o entende?

Nos olhos de Fannie brilharam as lágrimas e respondeu com uma voz carregada de amor e compreensão:

—Sim, claro que sim, querida. Faremo-lo juntas assim que Frankie saia da casa.

Quando baixou, Emily ficou à entrada da habitação de Frankie, obrigada contra sua vontade a cumprir o papel de mãe para o que não estava preparada. Seu irmão estava deitado de cara à parede, como se se tivesse arrojado na cama. Entrou e se sentou detrás, lhe esfregando as costas e os ombros. Até certo ponto estava tranquilo, embora um soluço ocasional lhe interrompesse a respiração.

—Frankie?

Não houve resposta.

—Assim mamãe está melhor, como você disse.

Tampouco houve resposta por um comprido momento até que, por fim, com o nariz tampado, disse:

—Já sei. Mas não tenho mais mãe.

—Tem a papai, e a mim... e a Fannie.

—Mas nenhum de vós é minha mãe.

—Não, claro. Mas lhe ajudaremos como podemos. Papai diz se quer ir hoje a passar o dia com o Earl. Quer que te acompanhe?

Embora tivesse doze anos, a nenhum dos dois lhe pareceu uma pergunta tola.

Com a vista fixa no rincão, o moço respondeu com voz monótona:

—Sim, acredito que sim.

Vestiram-se e foram caminhando à casa de Earl de mãos dadas. Não foram assim desde que Frankie tinha sete anos e quis abandonar esse hábito próprio de meninas, e desde que os interesses de Emily começaram a girar em volto de assuntos mais importantes como os estudos, o compromisso e o crescimento. Mas foram à casa de Earl de mãos dadas.

No estábulo, Edwin deu de comer aos animais e pendurou na porta um letreiro: Fechado por luto familiar. Depois foi à casa de Charles. Quando lhe abriu a porta, disse-lhe sem preâmbulos:

—Tenho más notícias, filho. A senhora Walcott morreu.

Embora não o mencionaram, os dois pensaram no desventurado da ocasião. Charles dissimulou a decepção e oprimiu com força a mão de Edwin, fazendo-o entrar.

—OH, Edwin, quanto o sinto. —Permaneceram uns instantes em silêncio, sem soltá-las mãos, até que ao fim Charles disse—: Se me permite isso, eu gostaria de fazer o ataúde, Edwin. Agradar-me-ia fazer uma última coisa por ela.

Olharam-se com mútuo afeto e pesar, e Edwin se quebrou pela primeira vez, aferrando-se ao jovem e chorando triste sobre o ombro de Charles, mais alto que ele.

—Era uma b-boa mulher, mas nunca foi m-muito feliz. Não pude fazê-la feliz, Charles. N-nunca p-pude fazê-la feliz.

—OH, Edwin, foi feliz, eu sei. Teve um bom matrimônio e dois filhos maravilhosos. Só sofreu os últimos anos e você fez tudo o que pôde para aliviá-la. Trouxe-a aqui e a cuidou. Fez todo o possível.

Pese ao consolo de Charles, o pranto seguiu vários minutos. Ao fim recuperou a compostura, retrocedeu e secou os olhos na manga, com a cabeça encurvada. Olhando ao chão, disse:

—Não, senhor, quando a gente vive com uma mulher toda a vida, sabe se for ou não feliz, e Josie não o era. Não muito frequentemente. —Tirou um lenço do bolso, limpou-se o nariz e admitiu, contra o lenço—: Não fiz isto diante das mulheres, Charles. Perdoe-me.

—OH, Edwin, não seja tolo.

—É como um filho para mim, sabe, verdade, moço?

Charles tragou, lutando com suas próprias emoções.

—Sim, sei, e você é como um pai para mim. Sinto muito... sinto-o muitíssimo.

Edwin suspirou e se sentiu melhor depois de ter chorado.

—E eu sinto muito que tenham que adiar as bodas... sem que pronuncie uma palavra de queixa, embora teria direito. —Oprimiu com carinho o ombro do jovem—. Vá fazer o ataúde e obrigado.

—Tenho um pouco de cedro fino. Ela terá o melhor, Edwin.

O homem assentiu e se dispôs a partir. Quando chegou à porta, Charles perguntou:

—Como o tomou Emily?

—Tão bem como era de esperar, mas sabe o bem que se sentia Josie ontem... foi um golpe para todos nós.

Charles assentiu e foi procurar sua jaqueta.

—Bom, será melhor que vá ver o reverendo Vasseler a lhe dizer que hoje não o necessitaremos.

Mas quando Edwin saiu, procurou uma desculpa para ficar atrás. Uma vez sozinho, derrubou-se em uma rígida cadeira da cozinha, inerte, com os ombros cansados, desalentado. Um único pensamento dava voltas por sua cabeça sem cessar: Que Deus benza sua alma, Senhor, mas, quando me casarei com a mulher que amo?

Quando Emily retornou de acompanhar Frankie à casa deo Earl, Fannie tinha estendido por completo a mesa da cozinha, e a cobriu com um tecido encerado e limpo. Horrorizada, Emily fixou nela a vista enquanto tirava o casaco lentamente. Ao elevar o olhar, viu o Fannie com o cabelo muito ordenado, um avental limpo, tudo engomado formando picos e planos, com expressão grave e respeitosa.

—Na verdade, posso fazê-lo sozinha, mas terá que me ajudar a trazê-la abaixo.

—Não, Fannie, será mais fácil se o fizermos juntas. Tudo.

Carregaram Josephine escada abaixo, compartilhando o inexprimível horror que lhes provocava a indignidade que devia suportar esta mulher que tinha vivido sempre com inflexível decoro: ser transportada como um móvel em desuso. Como tivessem desejado que aparecesse um grupo de anjos e a depositasse com graça sobre a mesa da cozinha...

Mas os únicos anjos pressente eram Fannie e Emily.

Tenderam o corpo flexionado sobre a mesa e Fannie ordenou:

—Vê o outro lado. Temos que endireitá-la. Apura aqui e aqui.

Mas Josephine tinha morrido como viveu os últimos meses, sentada, com os quadris flexionados. Nas horas passadas, o corpo se esfriou e ficou rígido, fazendo inúteis os esforços de ambas por endireitá-lo.

—Vá embora! —ordenou Fannie, de repente.

—Que vá? Mas, o que vais fazer?

—Que vá, digo! Fora, onde não possa ouvir!

—Ouvir? Mas eu...

—Maldição, moça! Por que acredita que a isto lhe diz amortalhar? —A voz de Fannie soou como um látego—. E agora, vá embora! E não volte até que te chame!

Quande Emily se deu conta do que Fannie devia fazer, empalideceu, tragou saliva e saiu correndo fora, onde estava a doce neve limpa, sob o imenso tigela do céu banhado pelo sol, ao ar puro como rocio. Ameaçou-a uma náusea e se dobrou para frente, apoiando-se nos joelhos, tragando ar. O estômago lhe deu um tombo e lhe brotaram lágrimas. Está quebrando os ossos de minha mãe!

Tampou os ouvidos, como se o ruído pudesse lhe chegar atravessando as paredes, ajoelhou-se na neve e chorou, abandonando uma parte da juventude no instante de compreensão mais cruel que uma vida podia proporcionar. Minha mãe, a que me deu a vida, amamentou-me e me alimentou, penteou-me e me banhou, acompanhou-me à escola e me ensinou a comer a comida que eu não gostava. A minha mãe estão

lhe quebrando os ossos!

Depois, Fannie se aproximou e lhe tocou com doçura o ombro:

—Vem, Emily. O resto não será tão duro.

Escorando à mulher mais jovem, a mais velha caminhou com ela até a casa, até a mesa onde agora o corpo de Josephine estava estendido e tinha recuperado certo grau de dignidade.

O que foi o que Fannie usou para lhe romper os ossos, ficou no mistério, pois Emily não teve coragem de perguntar nem a prima o disse.

Trabalhando juntas, lavaram o corpo pálido, de pele murcha, vestiram-no com o melhor vestido de seda negra de Josephine, com pescoço branco de organdi impregnado. O vestido ficava folgado sobre o corpo consumido, e Fannie lhe pôs cheio na roupa interior. Colocou-lhe no pescoço seu camafeu preferido.

Enquanto isso, Emily lavou o sangue do cabelo da mãe e o penteou, tratando de cobrir a zona quase calva do cocuruto.

—Seu cabelo sempre foi seu orgulho —recordou com tristeza.

—Quanto invejava o cabelo de Joey —comentou Fannie—. O dia das bodas, tinha-o recolhido em um penteado Pompadour, sujeito com pentes de prender cabelos adornados com pérolas. Era impressionante!

—Você estava ali o dia que se casou com papai?

—OH, sim. OH, claro que estava. Formavam um bonito casal.

—Eu vi o retrato.

—Sim, certamente. Por isso sabe que tinha uma cabeleira invejável. Quando éramos meninas, fazíamos grinaldas de trevo. Contra o cabelo de sua mãe luziam esplêndidas, no meu, horríveis. Então, um dia, a sua mãe lhe ocorreu me tingir o cabelo de negro, como o seu. —Fannie riu, nostálgica—. Que maravilhosos dias, em que problemas nos colocávamos... Eu disse: "Como vamos tingir meu cabelo, Joey, o que vamos usar"? E me respondeu: "Poderíamos usar quão mesmo usa minha mãe para tingir algodão". Escapulimo-nos na despensa de minha mãe, encontramos a receita para tingir de negro, conseguimos os ingredientes... parte deles os roubamos.

—Minha mãe... roubando?

A Emily lhe dilataram os olhos de assombro.

Fannie riu outra vez.

—Sim, sua mãe roubando. Se não recordar mau, cal e potasa, que tirou do armazém de um de nossos pais.

—Mas foi sempre tão... tão...

—Tão obediente?

—Sim.

—Fez suas travessuras, como todos.

O relato de Fannie, que lhe revelava um aspecto inesperado do rígido e estrito que conhecia de sua mãe, arrebatou a Emily.

— Fale-me da tintura —a insistiu, enquanto acendia o abajur e esquentava as tenazes para frisar o cabelo de sua mãe.

—Bom, cortamos casca de zumaque e a fervemos junto com potasa. E algo mais... o que era? Acredito que caparrosa. Sim, caparrosa. Não recordo onde a conseguimos, mas era um licor negro asqueroso. E quando ferveu, emprestava tanto que não sei como tive a coragem de colocar minha cabeça nele. Lembro que sua mãe insistiu quando eu sugeri que, depois de tudo, o cabelo avermelhado não era tão mau. Perguntou-me se queria me passar a vida com a aparência de um rato rosado, e, é obvio, disse que não. Então, tingimos meu cabelo de negro como uma braçadeira de luto e fixamos a cor com água de cal. OH, foi um êxito tremendo! Então, viram-no nossas mães —concluiu, em tom detestável.

—O que aconteceu?

—Segundo lembro, nenhuma das duas pôde sentar-se durante dias e eu passei semanas com um lenço amarrado à cabeça, baixado até as sobrancelhas, porque não só tingimos o cabelo mas também também minha testa e minhas orelhas, e eu parecia uma leprosa! —Sacudiu a cabeça com expressão nostálgica—. Céus, tinha-o esquecido.

A evocação cumpriu seu propósito: as fazer esquecer a aversão pela tarefa que tinham que realizar. Emily frisou o cabelo de Josephine e Fannie lhe limou as unhas com o mesmo esmero que se fossem donzelas atendendo a uma noiva.

—Está muito pálida —observou Fannie, quase como se estivesse viva—. Acredita que gostaria que lhe puséssemos um pouco de cor nas faces?

Emily estudou a cara imóvel de sua mãe.

—Sim, acredito que sim.

Fannie abriu um frasco de molho de amoras e pintou as faces de Josie com o suco. Quando a mancha se secou, limpou-a outra vez e lhe disse à morta:

—Isso, querida, assim está muito, muito melhor. Eu sei quão discreta foi sempre com sua aparência. —Disse a Emily—. Não muito encaracolado. Sempre odiou o cabelo encrespado.

—Só o suficiente para mantê-lo afastado do rosto, como o levava sempre.

—Exato.

Uma vez penteada, as mãos manicuradas aos flancos, os sapatos atados, a roupa cheia, contemplaram-na cada uma a um lado da mesa, com certo alívio nos corações.

—Isso, mãe —disse Emily em voz baixa—. Assim está bem.

—Acredito que Edwin estará satisfeito.

O tom triste de Fannie fez levantar a vista à moça. Nunca se tinha tomado a moléstia de pensar quão duro foi esse último meio ano para o Fannie, com o muito que amava a sua mãe e a seu pai. E era evidente que tinha amado a sua mãe, essa manhã o demonstrou sem lugar a dúvidas. Observando a Fannie, não viu a mulher que amava ao marido de outra a não ser a que, despojada de todo egoísmo, tinha aliviado a carga da família durante os últimos seis meses. Fannie se comportou como a pessoa que era: forte, alegre, boa. Foi a esse lar sobrecarregado de pesares e aliviou esses pesares todos os dias, não só com boas ações mas também com um espírito infatigável. E quem esteve perto para aliviar seu espírito quando o necessitava? Só papai. E agora, a própria Emily.

—Minha mãe me falou de meu pai e de ti —admitiu Emily com suavidade—. Queria que eu soubesse antes de morrer.

Fannie contemplou as faces pintadas de Josie um longo momento, até que disse:

—Se eu tivesse podido amá-lo menos, o teria feito. Para ela foi uma pesada cruz que a teve que carregar toda a vida.

—Fannie... —Emily tragou com dificuldade—. Perdoa-me?

Fannie levantou a vista e em seus olhos havia uma tristeza tão funda como seu amor de toda a vida por Edwin.

—Não há nada que perdoar, querida. Você é sua filha. O que podia pensar?

À garota arderam os olhos.

—Quero que saiba que o último desejo de minha mãe foi que se casasse com papai e que eu lhes desse minha bênção. Isso penso fazer.

Fannie não respondeu. Contemplou um longo momento à garota, até que ao fim se inclinou para recolher o pano de lavar e a toalha que estavam sobre a mesa.

—Temos que fazer um travesseiro de cetim para o ataúde, preparar a sala, fazer festões negros e bandas, engomar nossos vestidos negros e...

—Fannie...

Deu a volta à mesa e tocou o braço à mulher. As duas se olharam através das lágrimas, aproximaram-se e se abraçaram.

—Não sei o que teria feito sem ti esta manhã —murmurou a moça—. O que todos nós teríamos feito sem ti.

Fannie levantou a vista enquanto as lágrimas seguiam lhe brotando.

—Sim, sabe. Teria saído adiante, porque é muito parecida comigo.

Edwin retornou à casa com o reverendo Vasseler, e encontrou a Fannie e a Emily na cozinha, junto a Josie, fabricando rosas de braçadeira de luto negro: recortavam pequenos círculos, estiravam-nos sobre os polegares e costuravam as pétalas diminutas para formar as flores.

Parado perto da mesa, o reverendo Vasseler disse uma prece pela falecida e outra pelos vivos, apoiando as mãos sobre as cabeças de Emily e de Fannie, lhe oferecendo condolências especiais à moça cujas bodas deveu celebrar esse dia. Edwin se extasiou na contemplação de sua esposa, já arrumada, agradecido de que lhe tivessem economizado as tarefas funerárias. Bendita seja Fannie, querida Fannie. Manteve os olhos secos e fixos, e esqueceu a presença do religioso até que este falou em voz fica e lhe tocou o braço em gesto de consolo:

—Agora ela está nas mãos do Senhor, Edwin, ele é todo bondade.

O dia se desenvolveu como uma sucessão de quadros: umas boas cristãs que foram ajudar a fabricar rosas de braçadeira de luto, levaram-se os lençóis sujos, trouxeram pudins, bolos de chocolate e guisados; Edwin, que conduzia à planta alta uma banheira de cobre e saía do banho com o traje negro dos domingos, embora fosse quinta-feira; Frankie, que voltava da casa de Earl para dar um banho; depois, as mulheres tomando seu turno para banhar-se; Tarsy, que chegava com olhos muito abertos e desusadamente silenciosa, oferecendo-se a engomar o vestido negro de Emily e permanecendo logo junto a ela toda a tarde; os membros da família imóveis, enquanto Fannie lhes costurava as bandas de duelo nas mangas; o repique dos sinos da igreja tocando ao morto as horas; mais tarde, a chegada de Charles em uma calesa, trazendo um ataúde de fragrante cedro, feito com tanto amor e cuidado como o aparador que fabricou para Tom Jeffcoat.

Entrou na cozinha com o chapéu na mão, encontrou às senhoras sentadas em círculo, costurando uma dúzia de rosas para completar a impressionante grinalda de braçadeira de luto negro, que estava apoiada sobre os colos das mulheres. Emily levantou a vista para o rosto sério de Charles e deixou a agulha. Entre murmúrios, as senhoras levantaram a grinalda dos joelhos da moça para que pudesse levantar-se recebê-lo. Uma delas estirou a mão para trás e apertou a mão de Charles, lhe oferecendo consolo em voz baixa, mas o jovem não apartou o olhar de Emily que se levantou e deixou ao grupo com movimentos lentos e

dignos.

—Olá, Charles —disse.

Era uma estranha de aspecto submisso, com um vestido negro de pescoço alto e o cabelo dividido no meio e jogado atrás.

—Emily, sinto-o —disse com sinceridade.

—Vem —sussurrou e, sem tocá-lo, conduziu-o até o comilão, passando junto ao grupo de mulheres de negro que seguiam movendo as agulhas.

Na habitação vazia, olhou-o.

Embora a tristeza se refletisse em seu rosto, todas as outras emoções estavam ocultas. Charles se inclinou e a atraiu com delicadeza para ele. Com a face apoiada na jaqueta do jovem, Emily emitiu um som que era parte soluço sufocado, parte gratidão. Deu-lhe sensação de solidez e consolo, e cheirava a madeira e a inverno.

—Trouxe o ataúde —disse Charles, com a boca contra o cabelo da moça.

—Obrigada por fazê-lo, Charles. Papai lhe agradece isso muito. Eu também.

—É de cedro. Durará cem anos.

Emily enxugou os olhos, sorriu com tristeza e apoiou as mãos nos braços dele.

—Lamento sobre as bodas, Charles.

—As bodas... OH, o que importa? —Pelo bem de Emily, adotou um tom de falso alarde—. Poderemos fazê-lo em qualquer momento.

Ao sentir-se liberada temporalmente, experimentou um forte golpe de culpa, vendo que a Charles custava um esforço evidente dissimular sua profunda decepção. Incapaz de ocultar-lhe baixou a vista e brincou com a dobra do Stetson negro. Estava embelezado como correspondia a um luto, com um traje negro e um gravata-borboleta sobre uma camisa branca engomada. Com a vista fixa no peito de Charles, Emily absorveu a noção de que o período acostumado de luto era de um ano inteiro... e sem dúvida ele também sabia.

—Charles —murmurou, lhe cobrindo a mão para lhe aquietar as mãos—. O sinto.

Charles tragou com dificuldade, sem tirar a vista do chapéu e fez um esforço evidente por deixar de lado as preocupações menores até um momento mais apropriado.

—Está bem, Em? —perguntou, com voz rouca, sempre mais preocupado por ela que por si mesmo.

—Sim. E você?

—Hoje me alegrei que ter que trabalhar no ataúde, de ter as mãos ocupadas.

Emily lhe apertou uma mão entre as suas, exalou um fundo suspiro e endireitou os ombros.

—E eu me alegrei que ter que fazer as grinaldas.

—Bom. —Charles elevou o olhar, manuseando inutilmente a dobra do chapéu—. Será melhor que procure Edwin para que me ajude a entrá-lo. Vá sentar-se, Emily. Será uma noite longa.

Assim foi como Charles ajudou Edwin a colocar Josephine na fragrante caixa de cedro, moveu por última vez os ossos quebrados e os acomodou sobre a musselina branca, arrumou a cabeça sobre o travesseiro de cetim, entregou a Edwin o livro de preces e o acompanhou enquanto o viúvo o colocava entre as mãos cruzadas da falecida. Depois levaram juntos o ataúde à sala, colocaram-no no mirante sobre duas cadeiras de madeira e apoiaram a tampa sobre o chão, contra a caixa.

Na cozinha, as mulheres costuraram a última rosa negra e a uniram à grinalda. Emily a colocou com respeito sobre a tampa da caixa e se uniu ao círculo dos seres queridos, aferrando a mão de Tarsy à esquerda e a de Charles à direita.

—O ataúde é muito belo, Charles.

Era-o. E por havê-lo feito, por ajudar ao pai a colocar nele à mãe e acompanhá-los nesse transe doloroso, Charles conquistou ainda mais o afeto da família.

Capítulo 16

Em volto da gaveta, as cadeiras de cozinha estavam dispostas em forma de arco. Sentada em uma delas, a Emily surgiram certos pensamentos profanos em relação com as vigílias. Que bem podiam lhe fazer ao ser amado ou aos que passavam a noite em vela junto ao cadáver? Talvez, consolo para os vivos e preces para o morto, embora ela mesma não rezasse muito nem recebia muito consolo. Embora fosse amável por parte dos vizinhos do povoado ir apresentar seus últimos respeitos, provocava um esforço tremendo à família. Quantas vezes mais podia repetir a mesma frase debulhada?: "Sim, agora minha mãe está melhor; sim, teve uma vida boa e cristã; sim, foi uma boa mulher". Pareceu-lhe que o relato de Fannie sobre a pintura do cabelo era uma elegia muito mais apropriada que as atitudes pesarosas dos que deviam jogar uma olhada dentro do ataúde e derramavam lágrimas.

A culpa a insistiu a apartar esses pensamentos, mas ao olhar a seu irmão a irreverência persistiu.

Pobre Frankie. Obediente, estava sentado entre seu pai e Fannie, removendo-se na cadeira e cada tanto lhe tocavam o joelho se encurvava, escorregava para frente ou ficava no bordo do assento. Frankie era muito jovem para estar ali. Por que teria que ser esmagado com uma lembrança tão deprimente? Já seria suficiente com o funeral, ao dia seguinte. Encurvou-se, brincou com um botão do traje vários minutos e se tornou atrás, suspirando. Fannie lhe tocou o joelho outra vez e se endireitou, submisso. Emily atraiu seu olhar, atirou-lhe um beijo e se sentiu melhor.

Continuando, olhou a seu pai. Esse dia, cada vez que o olhava o fazia um nó na garganta e queria jogar-se em seus braços e derramar sobre ele súplicas de perdão, e lhe contar a última conversa com sua mãe. Por que seria que com o que quase não falava era ao que mais desejos tinha

de lhe oferecer o ramo de oliveira? Todo o dia houve gente ao redor e não tiveram oportunidade de falar a sós. Mas admitiu que isso não era mais que uma desculpa. Era mais duro dirigir-se a ele porque era ao que mais amava.

Fechou os olhos, orou pedindo força e prometeu esclarecer coisas entre ela e seu pai.

Ao abrir os olhos, viu que Tarsy abria em silêncio a porta para fazer passar a outro amigo da família. Tarsy resultou uma surpresa por sua lealdade, pela delicadeza com que recebia aos que deviam oferecer condolências, tomando seus casacos e lhes agradecendo sua visita. E Charles também se fez útil saudando os vizinhos como se fossem membros da família, aproximando cadeiras para as anciãs que queriam ficar mais tempo a rezar e cuidando que as estufas tivessem bastante carvão.

O reverendo Vasseler entoou uma nova oração fúnebre. Emily tratou de atender, mas quando fechou os olhos, a cadeira lhe pareceu mais dura, o tecido negro do vestido, venenosa, e desejou ter relógio.

Deus querido, faz que viva o luto por minha mãe com correção. Faça-me pensar na perda verdadeira que representa, em lugar da casualidade que me salvou de me casar hoje com Charles.

Ao acabar a oração, abriu os olhos e viu Tom Jeffcoat de pé junto à porta da sala, com sua jaqueta de pele de ovelha, tirando o chapéu, olhando-a. dentro dela se debateram o temor e a glória. Ao vê-lo, as emoções que tinha tratado inutilmente de convocar para as lamentações se transbordaram.

Vieste.

Quis vir assim que me inteirei.

Não tem que me olhar assim.

Seu casamento foi cancelado.

Meu casamento foi cancelado.

Tarsy se adiantou a saudar Tom, lhe murmurando o agradecimento em nome da família, e recebendo a jaqueta e o chapéu. Conversaram sobre voz baixa e Tarsy lhe tocou a mão antes de afastar-se. Charles o acompanhou pela habitação iluminada por velas até a fila de cadeiras. O pai foi o único em levantar-se.

—Edwin, sinto-o — disse Tom, lhe estreitando longamente a mão.

—Obrigado, Tom. Todos o sentimos.

—Sinto-me um estranho aqui. Eu quase não a conhecia.

—Não é assim, Tom, todos estamos contentes de que tenha vindo. A senhora Walcott te tinha carinho.

—Não se preocupe amanhã pelos cavalos. Eu os cuidarei, se quiser.

—Bom, obrigado, Tom. Agradeço-lhe isso.

—E ponho meus carros ao seu dispor, para qualquer um que precise ir ao cemitério. Deixá-los-ei preparados.

Edwin apertou o braço de Tom.

Tom se aproximou de Frankie e lhe estendeu a mão como se fosse um adulto:

—Frankie, lamento muitíssimo pela sua mãe.

—Eu também... acredito.

—Se estiver no Céu, já sabe o que dizem do Céu. —inclinou-se para o menino, imprimindo a seu tom certa ligeireza, para animá-lo—. Tem que se levar bem, pois ela te vê.

—Sim, senhor —respondeu Frankie, respeitoso.

O olhar de Tom se suavizou.

—Fannie. —Tomou uma mão entre as suas e a beijou na face—. Minhas condolências, Fannie. Se houver algo que possa fazer, o que seja, não tem mais que me dizer.

—Obrigado, Tom.

Levantou-se e se aproximou do último membro da família, guardando silêncio uns instantes antes de falar.

—Emily —disse com gravidade, lhe estendendo as mãos.

A moça apoiou as suas e sentiu que a calidez do contato ia diretamente a seu coração. Os olhos, sombrios de aflição e amor, fixos sobre ela, brindaram-lhe uma suspensão momentânea da tristeza, o deleite da lembrança do beijo recente. O coração lhe expandiu e se sentiu curada. Quanto necessitava isto, ver seu rosto, te tocar... A pressão sobre seus nódulos aumentou tanto que ameaçou deformando-lhe. Evocou a advertência de sua mãe, sancionando os intensos sentimentos que abrigava para ele, mas como Charles e Tarsy olhavam, conteve toda manifestação exterior e o olhou com ar formal.

—Tom —disse em voz baixa.

O só feito de pronunciar seu nome aliviou a necessidade de abraçá-lo.

—Sinto-o — murmurou com ardor.

Emily entendeu que não se referia só à morte de sua mãe, mas sim a que não podia abraçá-la como tivesse querido, e que nos dias por vir abriria uma dolorosa brecha entre ela e Charles, que até a amizade com Tarsy estaria em perigo. Aos dois os esperavam confrontações difíceis. Mas, nesse momento, tomando-as mãos ante o ataúde de Josephine Walcott, a decisão ficou selada. Compreenderam que ninguém a não ser

eles podiam desviar o curso de suas vidas e o fariam, como se a morte de Josephine tivesse sido um sinal para eles. Só seria questão de esperar o momento apropriado.

Durante a noite, os vizinhos foram alternando-se, acompanhando a qualquer membro da família que estivesse na sala enquanto os outros se tomavam um descanso. Mas Emily não pôde dormir muito nessas pausas de uma ou duas horas. Quando fechava os olhos, via seu pai, enfermo e ferido; ou a Charles, sincero e crédulo; ou a Tarsy, nobre e solidária; ou a Tom, lhe oferecendo com o olhar o que não se atrevia a dizer com palavras.

Ao amanhecer, todos estavam abatidos e fatigados. Retirou-se o último vizinho, deixando só aos membros da família andando nas pontas dos pés pelas habitações silenciosas, vestidos para o funeral.

No funeral, Emily e Tom mantiveram o decoro ao encontrar-se. Viram-se no cemitério, separados por uma colina coberta de neve e ocupada por quase todos os habitantes de Sheridan. Tom lhe dirigiu uma reverência formal, que Emily lhe devolveu, mas conservou o rosto despojado de expressão. Quando deixou cair a pazada simbólica de terra, Emily rompeu a chorar e Charles a sustentou.

De retorno a casa onde os parentes se reuniram para um refrigério, encontraram-se na arcada do comilão, ele, com um prato na mão, ela com o casaco de um convidado.

—Tom —foi quão único disse.

Embora tivesse observado as sombras violáceas sob seus olhos, Tom conservou a atitude formal.

—Emily.

—Obrigado por oferecer suas carruagens para o funeral.

—Já sabe que não é necessário agradecer.

—E por cuidar hoje dos animais de meu pai.

Fez um gesto, lhe subtraindo importância.

—Como está? —perguntou-lhe.

—Mau. Aliviada e me sentindo culpada por isso.

—Conheço a sensação.

—Tom, tenho que ir para seguir recebendo às pessoas.

—Claro, entendo. Esse é o casaco de alguém? Levá-lo-ei, se quiser.

—OH, obrigada. Pode pô-lo acima, em cima de qualquer cama.

Tom o recebeu e ia levá-lo quando Emily o chamou:

—Tom?

Voltou-se e viu que a expressão triste se suavizou nos olhos dela.

—Amo-te —disse em voz baixa.

A discrição esteve a ponto de romper-se. O pomo de adão subiu e baixou, e abriu a boca. Dilataram-lhe os olhos com uma expressão embevecida, tão inconfundível como o rubor rosado nas faces. Mas fez um gesto formal com a cabeça e deu a volta, com os sentimentos lhe bulindo no sangue. Enquanto subia a escada com o casaco de um desconhecido, pensou nos trezentos e sessenta e cinco dias de luto, e os amaldiçoou.

Na casa não ficava mais que a família. Tinha entardecido e uma pálida lua pendia sobre o horizonte, ao Sudoeste. A sala já estava ordenada, o comilão também, os abajures acesos. Os passos tinham uma ressonância exagerada na casa vazia e por isso nenhum se movia muito. Como falar parecia uma falta de respeito, tampouco falaram. Comer resultava decadente e ninguém comeu muito. Essas quatro pessoas que tinham acompanhado ao ser amado ao descanso eterno, juntaram-se na cozinha, sentindo uma inquietante relutância a ficar sozinhos.

Fannie, sentada em uma cadeira dura, lia poemas em silêncio. Frankie, atirado na cadeira de balanço, com o queixo contra o peito, aumentava sem adverti-lo um buraco em suas calças. Emily movia de um lado a outro um saleiro sobre a mesa. Edwin, de pé ante a janela, olhava fora com ar melancólico. Lançou um suspiro fundo, pesado, e foi até o cabide a tomar a jaqueta.

—Acredito que irei ao estábulo, a ver os cavalos —lhes disse—. Não demorarei muito.

Abriu e fechou a porta deixando entrar um vento invernal.

Emily ficou olhando por onde tinha saído.

Fannie levantou a vista da página.

—Por que não vai com ele? —sugeriu.

O saleiro se derrubou quando Emily se levantou de um salto, arrebatou uma jaqueta e correu para o gélido entardecer, exclamando:

—Papai, espera!

Surpreso, Edwin se voltou e a viu aproximar-se saltando pelo atalho. Ao chegar junto a ele, deteve-se fechando o último botão e depois colocou as mãos nos bolsos.

—Irei contigo.

A pausa se alargou, enquanto os dois se olhavam, vacilantes.

—De acordo —respondeu o homem, encaminhando-se para o povoado junto a sua filha.

Caminharam sem tocar-se, Edwin, com a vista perdida no horizonte, Emily, com o olhar baixo. Tinham velado juntos, abraçaram-se e se consolaram, mas o tema de Fannie estava pendente entre os dois. Que difícil era esclarecer enredos de toda a vida...

Ao fim, Emily o pegou pelo braço e se apertou contra ele. O pai a olhou em silêncio e seguiram caminhando. Edwin deixou escapar um fundo suspiro esmigalhado.

—Penso que manhã teremos um bonito dia —predisse, com voz rouca.

—Sim... —Emily também levantou a vista—. Frio mas ensolarado.

O clima do dia seguinte era o que menos lhes importava. Seguiram caminhando com os braços enlaçados, como estavam acostumados a fazer.

Em um momento dado, a moça tomou a iniciativa.

—Papai?

—O que?

—Acredito que amadureci muito com tudo isto.

—Sim, imagino que sim. Em ocasiões, crescer dói muito, não?

—Sim, é certo.

Se os olhos de Edwin ou os de Emily derramaram lágrimas, nenhum dos dois o viu. Seguiram andando em silêncio certo tempo, até que Edwin comentou:

—Na verdade amei a sua mãe, sabe? E suponho que ela me amou , a seu modo. Mas não conseguimos nos aproximar muito.

—Sei. Ela me contou isso.

—Supus que lhe tinha contado isso o dia que baixou e te ofereceu para ajudar Fannie a servir o jantar.

—Sim, foi esse dia.

—Que mais te contou sua mãe?

—Tudo. De ti e Fannie, e que a amava antes de se casar com ela. E quanto se zangou quando mamãe quis trazê-la. —Fez uma pausa e concluiu em voz mais baixa—: E que devo aceitar a Fannie quando casar com ela.

Edwin cobriu com sua mão a de Emily, que se enlaçava a seu braço, e a oprimiu com sua mão grande, enluvada. Fixando o olhar na rua que tinham diante, perguntou:

—Incomodar-te-ia?

Os olhares se encontraram. Detiveram-se.

—Absolutamente. Eu também a amo.

—E te incomodaria que seu pai te desse um abraço aqui, em plena rua Lockus?

—OH, papai... —aproximaram-se como se fossem um só. A moça rodeou o pescoço vigoroso e apertou a face contra a barba grisalha—. Te amo muito.

Sorridente, estreitou-a em um forte abraço e lhe beijou a têmpora.

—Eu também amo, linda. —balançaram-se de um lado a outro, até que passou o mais intenso da emoção e Edwin sugeriu—: E agora, o que te parece se dermos uma volta pelo estábulo? Nada nos faz sentir melhor que o aroma dos cavalos e sentir o feno sob os pés.

Renovados, seguiram caminhando de braços dados na noite que caía.

Nos dias que seguiram, no lar dos Walcott reinou uma sensação de alívio tão imediata e fácil que, em ocasiões, os membros da família se sentiram culpados por não ter mais saudades de Josephine. Embora usassem faixas de luto nos braços, sentiam-se menos desventurados que nos meses em que esteve viva, sofrendo. Penduraram a braçadeira de luto negro na porta, mas dentro se instalou a alegria. Emily e Fannie escreveram bilhetes de agradecimento a todos os que tinham compartilhado a vigília ou levado comida, mas o envio das notas marcou o final das lamentações.

Na casa houve uma tranquilidade da que não se gozou nos dois anos em que tinha funcionado como hospital. De dia, floresceu uma rotina aliviada das tarefas que impunha a doente. De noite, reinava um silêncio bem-aventurado, sem tosses, que permitia a todos um sono sem interrupções. As horas das comidas eram momentos especialmente prazenteiros, em que todos os habitantes da casa se reuniam em volto da mesa da cozinha e compartilhavam intrigas inofensivas que circulavam pelo povoado e o que tinha feito cada um. As noites tinham um ambiente aprazível, com todos reunidos na cozinha comendo pipocas de milho, ou na sala, entretidos com um jogo. Às vezes, Fannie tocava o piano, Frankie se deitava no chão, apoiado em um cotovelo, Emily cantarolava e Edwin cochilava, com a cabeça caída para trás, sobre o respaldo da cadeira.

A ausência de Charles nessa época foi evidente, pois depois do funeral, a primeira vez que insinuou a possibilidade de ir passar a velada com eles, Emily usou como pretexto as notas que ela e Fannie tinham

que escrever. A segunda vez lhe disse que precisava estar um tempo a sós com a família, e que quando estivesse disposta a passar mais tempo com ele o faria saber.

Charles se sentiu ferido, mas aceitou.

Passaram duas semanas e se manteve afastado. Três, durante as quais Emily se sentiu oculta e mesquinha por não romper limpamente com ele. Mas lhe parecia inoportuno fazê-lo antes que ela e Tom tivessem tido tempo de consolidar seus próprios planos. E essa oportunidade não surgiu porque Tom mantinha a distância formal, ditada pelas estritas regras do luto Vitoriano. Embora fosse uma situação em que tudo ficava amortecido e estúpido, a julgamento de Emily, não cabia imaginar sequer romper essas regras.

Uma noite, um mês depois do funeral, os Walcott estavam reunidos na cozinha quando Emily elevou o olhar e surpreendeu Edwin olhando Fannie por cima do jornal. Fannie escrevia uma carta, sem saber que a olhava. Pôs a assinatura, deixou a pluma e levantou a vista. Sob o olhar de Emily, pareceu estalar um relâmpago entre os dois e se sentiu como uma espiã. Os olhos do pai estavam obscurecidos de paixão contida; os de Fannie, como atraídos por um ímã para ele. Durante uns instantes, os sentimentos dos dois resultaram tão legíveis como a assinatura que Fannie acabava de rabiscar sobre o papel.

Fannie foi primeira em recuperar-se; ruborizou-se, baixou a vista e colocou a carta em um envelope. Atenta ao lacre, perguntou:

—Edwin, quer que revise as coisas de Joey?

Edwin esclareceu voz e interpôs de novo o jornal entre os dois.

—O que pensava fazer com elas?

—O que você quiser. Sem dúvida, haverá lembranças que Emily quererá conservar e poderíamos dar o resto à Igreja. Sempre há pessoas necessitadas.

—Perfeito. Dê as coisas à Igreja.

Fannie se voltou para Emily para acordar a distribuição da roupa, mas a moça estava absorta pelo impacto do que acabava de presenciar. Caramba, para seu pai e para Fannie não era mais fácil que para ela e para Tom fingir indiferença mútua, em caso de que ele estivesse também sentado ao outro lado da mesa. Aparentemente, sua mãe tinha razão: seu pai e Fannie se consumiam em uma intensa atração um pelo outro e quão único os mantinha apartados era a pesada contenção do decoro.

Mas, em tanto observassem as regras do luto, como poderia Emily esquecê-las?

Tinha aceitado por completo no que se referia a seu pai. Edwin estava como um vulcão a ponto de entrar em erupção e se mantinha afastado de Fannie por pura força de vontade. Mas se concedia um consolo: da

morte de Josephine, tomou o hábito de fazer uma escapada à casa para tomar um café e algum doce no meio da amanhã, só para dá uma olhada Fannie. Nunca ficava mais de dez minutos e jamais a tocava. Mas ele pensava. E ela também. Em meio da limpa e tranquila intimidade da casa que compartilhavam, onde a mulher desenvolvia todas as funções de uma esposa menos uma, ambos pensavam nisso.

O dia seguinte à cena dos olhares, Edwin se permitiu ver Fannie as dez da manhã.

Entrou na cozinha e a achou vazia. No armário se esfriava seu bolo preferido: o de cobertura escura. Atravessou o quarto e tirou uma passa de uva arruinando a lisa cobertura, algo que não teria sonhado fazer com um dos bolos de Josie. Sorriu e roubou outra, além de uma amêndoa, morna e fragrante de canela e cravo.

Ouviu ruídos no dormitório, acima, e quando subiu encontrou Fannie ajoelhada no chão ante o roupeiro aberto, pregando uma das anáguas de Josie sobre seu colo. Sua chegada não foi nada sigilosa, pois subiu as escadas fazendo o mesmo barulho que teria feito Frankie. Mas quando se deteve ante a porta do dormitório, Fannie não deu amostras de advertir sua presença. Deixou o objeto de lado e começou a dobrar outra, ao tempo que o homem dava a volta ao redor da cama e se detinha detrás da mulher, com a vista fixa em sua cabeça.

—Há café na cozinha —lhe disse Fannie, sem lhe jogar nenhuma olhar de soslaio—. E bolo escuro.

—Já sei. Já o provei. Obrigado.

Até esse momento, nunca tinham estado sozinhos nessa habitação. Sempre tinha estado Josie com eles. Mas já não estava.

Edwin apoiou uma mão sobre o cabelo claro da mulher e o acariciou ao azar. Por uns instantes, as mãos de Fannie se aquietaram, mas depois continuaram a tarefa.

—Supõe-se que devo esperar todo um ano antes de te fazer minha esposa?

—Isso acredito.

—Jamais o obterei, Fannie.

Lançou um suspiro trêmulo e disse o que tinha em mente fazia quatro semanas:

—Por isso, penso que seria melhor que eu partisse logo.

A resposta do homem consistiu em lhe rodear o pescoço com uma mão em gesto possessivo e massageá-lo, lhe provocando estremecimentos ao longo da coluna.

—Edwin, não está bem que fique.

—Desde quando se preocupa o que está bem a ti, que passeia em bicicleta e usa bombachas?

—Se fosse só por mim, não me preocuparia, mas tem dois filhos. Devemos tê-los em conta.

—Acredita que se sentirão mais felizes se for?

A mulher girou sobre os joelhos, apartou-lhe a mão com brutalidade e levantou o rosto, com expressão de rogo:

—Está interpretando mal de propósito minhas palavras.

—Fannie, se acredita que te deixarei ir, está louca —lhe advertiu, veemente.

—E se você acredita que eu permitirei uma só incorreção enquanto seja solteira e viva em sua casa com seus filhos, você também está louco!

—Já conto com a aprovação de Emily para me casar contigo e estou seguro de que Frankie não se incomodará no mínimo. Foi para ele tão boa mãe como a sua. Possivelmente melhor.

—Este não é o momento nem o lugar, Edwin.

—Só quero saber quanto tempo terei que esperar.

—Segundo o costume, um ano.

—Um ano! —Soprou—. Cristo!

Observou-o com expressão de tenra recriminação.

—Edwin, neste momento só estou guardando a roupa de Joey. E não queria repetir o velho dito desgracioso de não deixar que se esfrie o cadáver, mas possivelmente hoje precise ouvi-lo.

O homem a olhou uns instantes, girou sobre os talões e saiu do quarto demonstrando sua irritação em cada passo.

É obvio que Fannie tinha razão, mas a firmeza com que se atinha às formalidades não fazia muito por aliviar a sobrecarga de contenção sexual que Edwin teve que praticar em adiante. Abandonou o costume de ir tomar um café à casa e cuidou de estar nela unicamente quando também estava presente algum de seus filhos. Manteve com esmero a vigilância e uma distância adequada e, para seu imenso alívio, Fannie não falou mais de partir.

Enquanto isso, também Emily conteve a ansiedade de ver Tom Jeffcoat até que tivesse chegado o momento apropriado para romper com o Charles. Como resolveu não dizer-lhe à família até que o fato estivesse consumado, quando lhe perguntaram o que se passava com

seu noivo ultimamente disse que estava atarefado fabricando móveis para vendê-los aos primeiros colonos que chegassem na primavera.

As duas primeiras semanas depois do funeral, só viu Tom de longe, separados por um quarteirão de distância que havia entre ambos estábulos. A primeira vez, olharam-se. A segunda, ele levantou a mão em saudação silenciosa, a moça lhe respondeu e ficaram olhando-se outra vez, nostálgicos de amor, atados pelas mesmas regras que mantinham separados Fannie e Edwin.

Só um mês depois do funeral se encontraram de forma acidental. Foi quando Emily saía do armazém de Loucks, onde tinha ido comprar umas coisas para Fannie. Tom entrava nesse mesmo momento e quase se chocaram na calçada.

Como uma boa desculpa para tocá-la, sustentou-a dos braços para que não caísse e os dois sentiram correr o sangue e se olharam aos olhos com um desejo contido que lhes arrasava todo o corpo.

Por fim a soltou e tocou a aba do chapéu:

—Senhorita Walcott.

Que óbvio. Não a chamava assim desde a primeira semana em que chegou ao povoado.

—Olá, Tom.

—Como vai?

—Melhor. Em casa, tudo está voltando para a normalidade.

O pomo de adão subiu e baixou como a boia de uma vara de pescar e a voz descendeu ao nível de um sussurro:

—Emily... OH, Deus... como queria estar...

O tom expressava sua tristeza.

—Passa algo errado?

— Errado! —Olhou de soslaio para ambos os lados da calçada e, embora não houvesse ninguém, apertou os punhos para não tocá-la - O que me disse o dia do funeral foi algo tremendo. Não pode dizer algo assim e depois se afastar.

De repente, ao compreender que ele também se sentia tão só e rechaçado como ela, Emily se sentiu reanimada e otimista.

—Uma vez, você me fez o mesmo na rua. Recorda?

Os dois recordaram, sorriram e se esquentaram na presença do outro aproveitando o momento.

—Charles me conta que ultimamente não te vê muito.

—Pedi-lhe um pouco de tempo para mim. Estou tentando me separar dele.

—Quero ver-te. Quanto tempo tenho que esperar?

—Não aconteceu mais que um mês.

—Estou enlouquecendo.

—Eu também.

—Emily, se eu...

—Olá!

O velho Abner Winstad saiu do negócio nesse momento e se parou entre os dois, sem incomodar-se em pedir desculpas por interrompê-los.

—Olá, senhor Winstad —disse Emily.

—Bom, lhe dê minhas saudações a sua família —improvisou Tom, levantando o chapéu, para depois acrescentar—: Como está você, senhor Winstad?

—Bem, para falar a verdade, filho, os últimos tempos a lombalgia está me chateando e fui ver o doutor Steele, mas te juro que esse homem tem tanta compaixão como um...

Abner ficou falando sozinho enquanto Tom partia pela calçada, esquecendo para que tinha ido ao armazém de Loucks.

Abner o olhou franzindo o sobrecenho e se queixou:

—Estes jovens mequetrefes... já não têm respeito pelos mais velhos.

Passaram duas semanas mais, nas quais Emily não viu Tom mais que de longe, ao outro extremo da rua. Era a fins do inverno, fora fazia frio e a neve estava suja, sentia tantas saudades de Tom que quase não podia suportá-lo. Decidiu que esperaria dois dias mais e, se não tropeçasse com ele, faria uma escapada clandestina a sua casa, de noite, e ao diabo com as consequências!

A fim de contas, quem tinha inventado essas malditas regras?

Pôs mais azeite no pano e começou a trabalhar em outra peça do arnês. Edwin estava agachado debaixo de Pinky. Deixou que a pata traseira golpeasse com ruído o chão e se ergueu, dizendo:

—Pinky perdeu uma ferradura. Pode levá-la à ferraria?

De repente, o coração da moça começou a acelerar-se e fixou a vista nas costas de seu pai. Sabia? Ou não? Sabia que tinha lhe dado a oportunidade de estarem juntos a sós, ou ignorava que estava respondendo a suas preces? Contemplando os suspensórios cruzados, conteve as vontades de apoiar a face nas costas de seu pai, lhe rodear o tórax com os braços e exclamar: "OH, obrigada, papai, obrigada!".

Deixou cair o pano, limpou as palmas nas coxas e respondeu, com moderação:

—Bem.

Dá a volta papai, assim posso verte a expressão. Mas deixou Pinky amarrado no corredor e seguiu até o próximo pesebre sem lhe dar um indício que lhe permitisse saber se suspeitava ou não.

Com o coração agitado, Emily tirou do cabide uma velha e deformada jaqueta de lã e saiu levando Pinky. Na rua, enquanto caminhava para o estábulo de Tom, assaltou-a uma quebra de onda de preocupações femininas.

Esqueci de olhar como estava meu cabelo, queria ter posto um vestido, devo cheirar a azeite para arnês!

Mas tinha saído do estábulo pensando em uma só coisa: ir ver Tom sem perder um segundo, achar alívio ao nó de desejos que levava dentro dia e noite da última vez que esteve em seus braços.

Entrou com Pinky ao estábulo de Tom pela "porta do tempo", uma abertura pequena que estava instalada em meio da porta trilho grande. Ao entrar ouviu sua voz e ficou escutando, extasiada com cada inflexão, com cada tom, só porque eram dele. Não importava muito que estivesse falando com certa distância com um desconhecido sobre o seguro contra incêndios. Essa voz, com sua cadência particular e seu lirismo era dela, diferente a todas, e a gozava como gozava cada visão, cada carícia roubada.

Fechou a portinhola e esperou, sentindo que a expectativa lhe amontoava na garganta. Tom apareceu na entrada do escritório e a moça sentiu a embriagadora alegria de contemplar a grata surpresa que se refletia em seu rosto e lhe coloria as faces.

—Emily... olá!

—Pinky necessita uma ferradura. Enviou-me papai.

Viu que continha o desejo de equilibrar-se para ela, que ficava tenso de impaciência pelo assunto inconcluso que ainda o esperava no escritório.

—Leva-a ao outro extremo. Estarei aí em um minuto.

Emily se sentiu como se tivesse entrado no corpo de outra pessoa, pois as sensações que a invadiram eram desconhecidas para ela. Impaciência que crescia com rapidez, desmentida pela falta depressa que lhe dava agora o fato de estar em seu reino, onde tudo era dele, onde tudo tinha sido feito por ele, tocado, cuidado pelo Tom. *Tome tempo em se reunir comigo. Deixe-me desfrutar da certeza de que virá. Deixe-me empapar do ar deste teu lugar, onde dorme, trabalha e pensa em mim.*

Levando Pinky da trela à ferraria, na outra ponta do abrigo, deixou-a na porta e entrou nesse âmbito quente, que cheirava a metal quente, a carvão e ao suor de Tom Jeffcoat... ou era sua imaginação? Desabotoou a grossa jaqueta, colocou as luvas nos bolsos e foi até a mesa de ferramentas, tocando os gastos cabos dos martelos, suaves ao tato, impregnados do azeite das mãos de Tom e, possivelmente também, das do pai e o avô. Madeira... só madeira, mas era linda porque estava mais perto dele que a própria Emily. Acariciou a bigorna, gasto na parte contundente e brilhante pelo uso como uma bala de prata na ponta; junto a ele tinha estado de menino, vendo trabalhar ao avô. Em cima dessa bigorna, tinha aprendido já como homem. Aço... não era mais que aço... mas a bigorna formava parte dele quase tanto como seus músculos e seus ossos.

Pinky relinchou porque a tinha deixado atada com uma trela curta e Emily se aproximou dela jogando um olhar pelo corredor, vendo que Tom e o vendedor estavam agora perto da portinhola, trocando as frases finais da conversa.

—Então, possivelmente na primavera, senhor Barstow, depois de que venham os primeiros turnos de gado e comecem a aparecer outra vez os colonos.

—Muito bem, senhor Jeffcoat, nesse momento lhe farei uma visita. Enquanto isso, se quer comunicar-se comigo, pode me escrever ao endereço que lhe deia em Cheyenne. —estreitaram-se as mãos—. Tem um bom estabelecimento aqui. Bom, será melhor que o deixe atender a sua cliente.

—Aprecio sua visita, senhor Barstow.

Tom lhe abriu a porta e o despediu.

Ao fechá-la, voltou-se e viu o Emily olhando-o do outro extremo do corredor. Por uns momentos, nenhum dos dois se moveu; transpassados, contemplaram-se, percebendo o ritmo de seus corações, experimentando a mesma vazante e a mesma urgência de desejos demorados que antes tinha sentido Emily. Tom começou a aproximar-se, devagar ao princípio... e contido. Mas não tinha dado quatro passos quando ela começou a mover-se também, com muita menos contenção, com passos longos e decididos.

Correram.

Beijaram-se, estreitamente abraçados, as bocas abertas, ofegantes depois de semanas de privação, sentindo que onde acabava uma agonia começava outra. Beijaram-se como se estivessem famintos, como se queriam tragar-se, com toda a boca, sem limites, à posse mútua.

Arrancando sua boca da dela, Tom exigiu, sem fôlego:

— Diga-me agora... diga-me outra vez.

—Amo-te.

Sujeitando-lhe a cabeça, encheu-a de beijos duros, impaciente, de celebração.

—É certo. OH, Emily, na verdade me ama! —Apertou-a, possessivo, e giraram os dois em um círculo, Tom com a cabeça sobre o ombro dela—. Sinto falta de ti. Amo-te... —Ao compreender quanto tinha demorado para dizê-lo, repreendeu-se a si mesmo—. OH, maldito seja, teria que lhe haver isso dito antes. Amo-te. Foram as seis semanas mais longas de minha vida. —Beijou-a de novo, tentando inutilmente recuperar o tempo perdido... com beijos longos, molhados, enquanto se acariciavam as costas, os torsos, as cinturas, os ombros.

—Fica aquieta um minuto —exalou, apertando-a contra si— ... e me deixe te sentir... somente te sentir.

Apertaram-se um a outro como as folhas de um livro, a ereção de Tom contra o ventre de Emily, os dois trêmulos, desejando muito mais do que se permitiam.

—É tão bonito te sentir... —murmurou a jovem—. Penso em ti todo o tempo e imagino assim, como estamos agora.

—Eu também penso em ti. Às vezes, durante o dia, olho pela janela ao estábulo de seu pai, à janela do escritório, sei que está ali estudando e tenho que me conter para não correr lá e te trazer nos braços para aqui.

—Sei. Eu faço o mesmo. Paro ante a janela, lendo o pôster que está em cima de sua porta e me digo que não falta muito. Não falta muito. Mas sim. Os dias me fazem intermináveis. Quando nos encontramos na porta de Loucks, foi terrível. Estava desesperada por te seguir até aqui.

—Teria que havê-lo feito.

—Depois, fui a casa, me encolhi na cama e fiquei olhando à parede.

Tom riu com um som carregado de desejos contidos.

—Alegro-me.

—Às vezes me assusta. Nunca tinha estado assim, mas ultimamente estou inquieta, não posso me concentrar em nada e sinto tantas saudades me sinto doente.

—Eu também. Em ocasiões, descubro-me golpeando uma parte de metal que já está muito frio para lhe dar forma.

Riram, tensos, calaram-se ao mesmo tempo, afligidos ao inteirar-se de que sofriam pelo mesmo. Abraçaram-se de novo, apertando-se, balançando-se de um lado a outro enquanto as mãos de Tom lhe acariciavam o torso, evitando os seios por pouco. Com os braços sobre os ombros dele, contendo o fôlego, Emily esperava a carícia que não tinha intenções de evitar.

Por favor, pensou, me toque uma vez. Dê-me algo para sobreviver.

Como se a tivesse ouvido, tocou-lhe os seios e, ao fazê-lo, deu-se conta de que estavam no corredor principal, onde qualquer podia vê-los.

—Vem aqui... —sussurrou e a fez cruzar a porta da ferraria.

Dentro, estava morno e escuro, e a fez apoiar-se de costas contra um áspero tablado de madeira. Colocou as mãos dentro do casaco, capturou os seios sem preâmbulos, cavando as mãos sobre eles, acariciando-os, apartando os suspensórios, posando sua boca aberta sobre a dela, elevada para ele. Da garganta de Emily brotou um som sufocado de aceitação e lhe apoiou os braços nos ombros.

—Em... —suspirou contra a cara dela quando o beijo acabou.

A moça não suportou um final e reatou a ação onde ele tinha deixado, retendo a boca e as mãos dele sobre seus seios, lhe impedindo que as tirasse. Tom emitiu um gemido sufocado, flexionou os joelhos unindo os quadris dos dois, movendo-se em um ritmo crescente que a impulsionou contra o poste onde se apoiava. As carícias se tornaram incessantes, esplêndidas, rítmicas.

Quando o esforço por respirar pareceu lhe fazer explodir o peito, relutantemente levou as mãos à cintura de Emily e apoiou a testa no poste. Apoiando-se apenas um no outro, restabeleceram-se. Por uns momentos, na mente de ambos não houve outra coisa que uma verdade gozosa: os dois se amavam com idêntica paixão; não foi algo que imaginaram ou fantasiaram nas semanas de separação. O que haviam sentido, sentiam-no neste momento com intensidade e era mútuo.

—Em?

Escutou-se amortecido contra o ombro de Emily.

—O que, Thomas?

—Por favor, se case comigo.

Emily fechou os olhos e disse com simplicidade:

—Sim.

Tom retrocedeu e até nessa penumbra Emily viu a expressão atônita de seu rosto:

—Sério? Di-lo de verdade?

—Claro que o digo de verdade. Não tenho alternativa.

Abraçou-o, encantada, tomando um instante para imaginar-se a si mesmo como esposa, na cama de Tom, a sua mesa, no estábulo, com uma escada de meia dúzia de meninos de cabelo negro, brigando por quem lhe alcançaria ao pai o próximo prego de ferradura. Embora tivesse afirmado que não tinha pressa por ter filhos, não a assombrou no mínimo imaginar-se gerando aos filhos de Tom. Gozou da imagem, inalando o

aroma de seu pescoço, ao tempo que seus seios se apertavam contra ele.

—OH, Thomas, é assim como tem que ser, não é verdade? Isso é o que quis dizer minha mãe.

Tom se tornou atrás para lhe contemplar o rosto. À luz tênue da forja, os olhos de Emily pareciam atoleiros de tinta.

—Tenho muito que te contar —disse Emily—. Podemos nos sentar? Perto, onde possamos nos ter das mãos, mas não tão perto. Não posso pensar com claridade quando me acaricia assim.

Sentaram-se lado a lado sobres barris de pregos, com os dedos entrelaçados sobre o joelho do homem. Quando estiveram cômodos, Emily começou a falar em voz tranquila.

—O dia antes de morrer, minha mãe teve uma notável melhoria. Sentia-se forte e podia respirar bem, e falou muito. Todos o consideramos um bom indício e estávamos muito contentes. Inclusive, meu pai a levou abaixo, para jantar conosco à mesa, embora fizesse meses que não tinha vigor suficiente para sentar-se. Após, pensei muito nisso e o que todos acreditavam que era uma mudança drástica em sua saúde resultou ser justamente o contrário. Até pareceu que se fortaleceu com um bom motivo: para me contar a verdade a respeito dela mesma, de papai e de Fannie.

Contemplando as mãos unidas dos dois, Emily contou toda a história ao Tom. Este não fez outro movimento que lhe acariciar a mão com o polegar. Minutos depois, concluiu:

—... por isso, estou quase segura de que papai e Fannie pensam casar-se assim que o luto o permita. Mas mamãe não tinha por que me dizer isso não? Poderia ter deixado que eu seguisse acreditando que seu matrimônio foi um leito de rosas. Quando morreu, isso é difícil de dizer porque até me resulta absurdo, às vezes, deu a impressão de que morria deliberadamente para evitar que eu me casasse com o homem equivocado.

Os dois fixaram a vista nas mãos, pensando em Charles. Quando se olharam, ambos perceberam a tristeza subjacente por ter que machucá-lo.

—Se tivesse que te apartar de qualquer outro que não fosse Charles... por que tem que ser ele?

—Não sei. —Evocou ao Charles e continuou—: Se fosse presunçoso ou desagradável, seria muito mais fácil, verdade?

—Emily. —Seguiram olhando-se, fascinados—. Temos que dizer-lhe Agora... hoje. Não podemos estar nos escondendo mais a suas costas.

—Já sei. Soube desde o começo, quando você me segurou as mãos.

—Preferiria que eu o dissesse? —perguntou Tom.

—Sinto que eu tenho que fazê-lo.

—É curioso... me passa o mesmo. —Refletiram um instante e depois sugeriu—: Poderíamos dizer-lhe juntos.

—De qualquer das duas maneiras, não será mais fácil... nem para ele nem para nós.

De repente, Tom soltou a mão de Emily e cobriu o rosto, lançando um pesado suspiro. Permaneceu uns minutos assim, com os cotovelos pegos aos joelhos, a viva imagem da tristeza. Emily se sentiu rechaçada por ele e desejou que pudesse livrar do sentimento de traição, embora não era menor que o que ela mesma sentia. Arderam-lhe os olhos e lhe tocou o braço, estendendo o polegar sobre o pelo negro que cobria além do pulso, até o dorso da mão.

—Não acreditei que o amor pudesse machucar tanto —disse Emily, ao fim.

Tom lançou uma gargalhada sem alegria, esfregou as faces com as mãos, apertou os punhos contra o lábio inferior e fixou a vista na bigorna. Os minutos passavam e a angústia dos dois não diminuía.

—Quer saber algo irônico? —disse, ao fim, pensativo—. Desde que o separou de seu lado esteve passando mais tempo comigo. Todas as noites estive escutando-o dizer o muito que te ama e como está te perdendo, embora não sabe por que. Cristo, foi uma tortura. Muitas vezes estive a ponto de dizer-lhe.

Emily pensou como consolá-lo e só lhe ocorreu uma coisa:

—Mas, Thomas —lhe disse com sinceridade—, nunca o amei do modo que amo a ti. Teria sido um engano me casar com ele.

—Sim —murmurou, não de tudo convencido.

Permaneceram sentados em silêncio, até que se sentiram como se seus traseiros formassem parte dos barris.

Por fim, Emily suspirou e se levantou.

—Tenho que ir, assim poderá ferrar Pinky. Meu pai deve estar perguntando-se onde estou.

Tom sacudiu a melancolia e se levantou.

—Lamento me haver posto tão triste. O que passa é que resulta duro.

—Mas se tomasse à ligeira, eu não te amaria tanto, não te parece?

Tom lhe passou os braços pelos ombros e a balançou para os lados.

—Talvez esta seja uma das coisas mais difíceis que tenhamos que fazer, mas depois nos sentiremos melhor. —Deixou de balançá-la e perguntou—: Juntos, então? Esta noite?

Com a cabeça contra o queixo dele, assentiu.

—Emily.

—O que?

—Posso ir te buscar a sua casa?

A quietude de Emily lhe indicou que ela tinha mantido o segredo. Uma vez mais, tornou-se atrás para lhe olhar o rosto.

—Já houve muito ocultação. Se formos fazer isto, façamo-lo bem. Seu pai foi sincero contigo; não seria hora de que você o seja com ele?

—Tem razão. Às sete em ponto?

— Lá estarei.

Capítulo 17

Como se veste uma mulher para romper um compromisso? Essa noite, em seu dormitório, com o abajur ao lado, Emily se contemplou no espelho. Viu um rosto aflito emoldurado por cabelo negro como o carvão, olhos cor safira de expressão angustiada, uma boca tensa e a curva do decote sobre uma blusa interior branca. Não tinha muito que escolher quanto ao traje, ao menos por todo um ano, e entretanto o luto parecia apropriado para a missão dessa noite.

O vestido era liso, talhado na parte de acima, de mangas amplas, feito de musselina sem adornos. Quando abotoou a parte da frente e viu que seu corpo lhe dava forma, curvo aqui, côncavo lá, até que o alto pescoço clerical encerrou o último centímetro, examinou-se a si mesmo como mulher. Poucas vezes tinha pensado nela no sentido feminino, mas

desde que se apaixonou pelo Tom se viu através de seus olhos: magra, esbelta, mas sem carecer de agradáveis curvas. Tocou os quadris, os seios, fechou os olhos e recordou a quebra de onda de sensações que lhe tinha despertado. Um ano... Deus querido... um ano....

Abriu os olhos sentindo-se culpada, tomou uma escova e começou a castigar o cabelo escovando sem piedade, para depois enroscá-lo em forma de oito e cravá-lo, quase, com as fivelas na parte posterior da cabeça.

Assim. Pareço uma mulher cheia de remorso pelo que tem que fazer.

Entretanto, um momento depois, esperando no alto da escada ouvir a chamada à porta de Tom Jeffcoat, sentia-se como uma escolar ansiosa. De abaixo, na sala, além de seu ângulo de visão, ouvia Fannie tocar o piano e sabia que, enquanto isso, papai lia o jornal. Essa noite, Earl tinha ficado para dormir e, certamente, ele e Frankie estavam deitados de barriga para baixo no chão, Armando casa com naipes.

Quando soou o golpe na porta, Frankie exclamou:

—Eu atendo! Deve ser Charles!

Passou ante a vista de Emily enquanto ela baixava à carreira tratando de impedir-lhe.

—Eu abrirei!

—Mas pode ser Charles!

Emily se freou na entrada e apartou a mão de seu irmão do trinco.

—Hei dito que eu abrirei, Frank!

O menino retrocedeu, sentindo-se maltratado:

—Bem, atende, pois. O que faz aí parada?

—Já o farei —murmurou, entre dentes—. Volta para seus naipes.

Em vez de lhe obedecer, Frankie se sentou no segundo degrau para chateá-la. Ao espiar através das cortinas de renda, viu a linha dos ombros de Tom e sentiu uma pontada de desespero. Fannie deixou de tocar o piano. O jornal rangeu quando o pai o baixou sobre os joelhos, esperando a ver quem aparecia depois do tabique. Era provável que Earl também estivesse com a boca aberta e sem dúvida contaria a notícia assim que chegasse a sua casa.

—Bom, pelo amor de Deus —disse Edwin, exasperado—, ver se algum de vocês abre a porta!

—Abre a porta, Emiliiii —cantarolou o irmão menor.

A aludida aspirou uma baforada de ar para fortalecer-se e atendeu a porta.

—Olá, Emily.

Tinha uma aparência incrível! De áspero atrativo com sua jaqueta de pele de ovelha, as faces recém barbeadas, avermelhadas pelo frio, o chapéu na mão e uma mecha que lhe caía sobre a testa. Emily o contemplou, emudecida.

—Emily, quem é? —perguntou seu pai da sala.

O recém-chegado entrou e fechou a porta.

—Sou eu, Tom, senhor.

—Tom! —Deixou cair o jornal e foi ao vestíbulo, seguido de Fannie—. Ora, que surpresa! —Tendeu-lhe a mão e o convidou com entusiasmo—: Passa, passa!

—Obrigado, Edwin, mas vim a procurar Emily.

Confundido, o dono de casa olhou a um e a outro.

—Emily? —repetiu, incrédulo.

Fannie esboçou um sorriso vácuo. Frankie passou de um degrau ao seguinte, sobre as nádegas. Transcorreram vários segundos de silêncio até que Earl se queixou da sala:

—Ai, o vento me atirou os naipes!

Fannie foi primeira em recuperar-se da surpresa:

—Bom... que gentil. Irão a passear?

—Sim, a casa de Charles —se apressou a responder Emily.

—Ah, a casa de Charles! —disse o pai, aliviado—. Faz um par de semanas que não o vemos. Enviem-lhe saudações.

—Posso ir? —perguntou Frankie, levantando do degrau.

—Esta noite não —repôs sua irmã.

—Por que não? Amanhã não há aulas e Charles diz...

—Frank Aliem! —estalou Emily—. Basta!

—Ao Tom não incomoda, não é certo, Tom? —apropriou-se da mão de Tom e se pendurou dela—. Diga que posso ir, simm?

—Temo que não, Frankie. Possivelmente em outra ocasião.

—OH, Cristo —protestou e se foi, zangado, para a sala, onde se atirou ao chão.

Fannie aconselhou:

—É uma noite fresca, Emily, leve um cachecol.

Emily tomou o casaco do cabide e começou a vestir sozinha, mas Tom se aproximou por atrás e o sustentou, enquanto outros observavam e aprovavam o gesto galante com indissimulada fascinação.

—Penso que não demoraremos mais de uma hora —disse Tom,

abrindo a porta para que saísse Emily.

Esta dirigiu um sorriso tenso a Fannie e a seu pai.

—Boa noite a todos.

—Boa noite —respondeu Fannie.

Edwin não disse nada.

Os degraus do alpendre poderiam ter sido os de uma forca quando Tom e Emily desceram, com os olhares para frente. Tom não afrouxou a tensão dos ombros até chegar à rua.

—Uf!

—Fannie sabe.

—Ou seja que o contaste?

—Não, estou segura de que o adivinhou. Sabe que me atrai desde a primeira semana que chegou ao povoado.

—OH, sério? —No tom havia um matiz zombador. Olhou sobre o ombro, afastando-se da casa, e a segurou pela mão - Essa é uma novidade.

Quando Emily se voltou com um sorriso discreto, encontrou-se com que Tom lhe dirigia um igual. Caminharam em silêncio, com os dedos entrelaçados, desfrutando de um ânimo momentaneamente elevado.

Em um momento dado, Tom perguntou:

—E com respeito a seu pai?

—Acredito que está evitando admitir o que tem diante dos olhos.

— Pareceu-me melhor resolver este assunto com o Charles, primeiro, antes de dizer a ele.

—Estou de acordo. Charles merece ser o primeiro em sabê-lo e enquanto que não o digamos, não poderei respirar tranquila.

Ao chegar ao alpendre de Charles, soltaram-se as mãos. Deixaram de brincar. Evitaram olhar-se.

—Está tudo escuro. Dá a impressão de que não está na casa.

Tom bateu na porta e retrocedeu, ficando a uma distância apropriada de Emily.

Esperaram um longo momento.

Lançou um olhar fugaz a Emily, chamou outra vez, mas não houve resposta. As janelas seguiram às escuras.

—Onde poderá estar?

Emily o olhou com expressão inquieta.

—Não sei. O que fazemos, buscamo-lo?

—O que quer fazer?

—Quero terminar com isto. Vejamos se podemos encontrá-lo.

Puxou-a pela mão e se encaminharam para o povoado. Loucks já estava fechado. Como os botequins estavam abertos, Tom foi o primeiro —uma mulher de luto nem sonharia entrando em um salão— e a deixou esperando na calçada. Dentro do Mint, Walter Pinnick lhe dirigiu uma frase incompreensível de bêbado, três peões do rancho Circle T o convidaram a jogar póker e uma prostituta pintada chamada Nadine lhe lançou um olhar sugestivo. Sem lhes fazer caso, perguntou ao taberneiro e saiu um minuto depois para informar a Emily:

—Esteve aqui, mas se foi e deixou dito que iria a minha casa.

—Mas passamos por sua casa e não estava.

—Acredita que terá ido ao estábulo quando não me encontrou em casa?

—Não sei. Poderíamos ir ver.

Encontraram-se com o Charles a metade de caminho entre o estábulo Walcott e o Jeffcoat, pois era evidente que tinha estado procurando o Tom. Viu-os acerca de vinte metros, saudou e correu para eles.

—Olá, Emily! Oi, Tom! Onde estava? Procurei-te por todos os lados!

Tom lhe respondeu de longe:

—Nós também estivemos te buscando.

Reuniram-se em meio da rua Grinnell, removendo os pés para mantê-los quentes e lançando ao ar vapor esbranquiçado enquanto falavam.

—Ah, sim? Há algo para esta noite? Espero que sim, Por Deus. Depois das seis, este povoado é um cemitério. Fui ao Mint e tomei uma cerveja, mas isso é tudo o que um homem pode suportar, assim fui te buscar. —apoderou-se do braço de Emily—. Não esperava te encontrar a ti também, por cauda do luto.

Jogou um olhar à faixa negra na manga, e ela, em troca, apartou a sua para a rua cheia de entradas.

—Queremos falar contigo, Charles —disse Tom.

—Falar? Bom, falemos.

—Aqui não, dentro. Por que não vamos a meu estábulo?

Charles se inquietou pela primeira vez, lançando olhadas alarmadas a um e outro, que, a sua vez, evitavam olhá-lo.

—A respeito do que?

Fixou o olhar interrogante em Emily, que baixou a vista sentindo-se culpado.

—Venham, saiamos do frio —sugeriu Tom, sensato.

Charles dirigiu outro olhar inquieto a seus dois melhores amigos e depois se esforçou por adotar uma atitude mais calma:

—Claro... vamos.

Caminharam juntos pela rua gelada sem tocar-se, Emily entre os dois, sem que se roçasse um cotovelo. Tom abriu a porta pequena e entrou primeiro no abrigo escuro. Dentro, permaneceram na densa escuridão que cheirava a cavalo, até que achou um fósforo, acendeu-a e a elevou para acender uma lanterna que estava pendurada. Se agachou e a apoiou sobre o chão de cimento. Sob a observação dos outros dois, abriu a portinhola com um estalo metálico, acendeu a mecha, levantou-se e voltou a pendurar o abajur do gancho, acima. Enquanto durou o processo, a tensão que reinava no abrigo se multiplicou.

O abajur pulverizava uma luz fantasmal sobre o rosto sério de Tom, que baixou o braço e olhou Charles. A gravidade de sua expressão dava à cena mais dramatismo ainda. Por uns momentos guardou silêncio, como procurando as palavras.

—Bom, do que se trata? —quis saber Charles, olhando-os diretamente.

—Não é bom —respondeu o amigo com sinceridade.

—E não é fácil —adicionou a moça.

Charles lhe lançou um olhar brusco, subitamente furioso, como se já soubesse.

—Bom, seja o que seja, diga-o!

Sentiu que um impulso de terror lhe atendia a garganta. Olhou-o com olhos secos e começou:

—Charles, faz tanto tempo que nos conhecemos, que não sei como começar, nem como...

Interrompeu-a Tom:

—Isto é o mais difícil que tive que dizer em minha vida, Charles. É um verdadeiro amigo e merece algo melhor.

—Melhor que o que?

Charles guardou silêncio, espectador, com o rosto tenso.

—Nenhum dos dois quer te ferir, Charles, mas já não podemos deixar passar mais tempo sem te dizer a verdade. Emily e eu estamos apaixonados.

—Filho de uma cadela! —A reação foi imediata e violenta—. Sabia que era isso! Bastava olhar vocês e até um cego teria podido ver que são mais culpados que o demônio!

—Charles. —Emily lhe tocou o braço—. Tratamos de não...

—Não me toque! —liberou-se com brutalidade—. Por Deus, não me toque!

—Mas queria te explicar como...

—Explica-se a outro! Eu não quero escutá-lo!

Tom tratou de tocá-lo.

— Dê-lhe uma oportunidade de...

—Você! —equilibrou-se e o golpeou no peito, fazendo-o retroceder vários passos—. Filho de cadela! —O ataque foi tão de surpresa que o deixou atônito por um momento—. Matreiro, mentiroso filho de uma cadela!

Tom se recuperou e tentou persuadi-lo:

—Vamos, Charles, não queremos que isto seja tão duro... ah!

Um segundo golpe converteu o resto da palavra em um grunhido e o fez retroceder outro passo.

—*Meu amigo*! —soprou Charles com desdém, empurrando outra vez ao Tom com força suficiente para fazê-lo retroceder mais ainda—. Meu amigo, que me apunhala pelas costas, traiçoeiro, mentiroso, filho de uma cadela!

Tom ficou quieto e deixou que o maltratasse.

—Está bem, tira-lhe de dentro.

—Pode estar seguro de que o farei, canalha trapaceiro! E quando terminar, lamentá-lo-á!

Deixou que o golpeasse uma e outra vez, com os braços lassos aos lados, até que tocou com os ombros uma calesa que estava sobre a plataforma e o chapéu lhe torceu. Elevou lentamente as mãos para endireitá-lo e se colocou com as pernas separadas e as mãos levantadas.

—Não quero brigar contigo, Charles.

—Pois vais brigar e não será grato! Se acredita que deixarei que roube a minha mulher e vá tão fresco, está equivocado, Jeffcoat! Eu a reclamei como minha desde que tinha treze anos!

Horrorizada, Emily saiu de seu estupor.

—Basta, Charles! —Aferrou-o do braço—. Não te deixarei brigar!

— Afaste-se! —Deu-lhe uma cotovelada e a olhou com ódio—. Quis te fazer a Jezabel e lançar a um amigo contra outro, bom, muito bem, agora fique aí e contempla os resultados! Verá sangue antes que isto acabe, assim que sugiro que olhe essa bonita cara antes que eu a danifique!

Girando de maneira inesperada, Charles lançou todo seu peso em um violento murro que jogou atrás a cabeça de Tom e lhe estrelou os ombros contra a calesa. Caiu-lhe o chapéu. Grunhiu e se dobrou sobre si mesmo, ao tempo que se sujeitava o estômago.

Emily gritou e agarrou Charles com as duas mãos. Conseguiu arrastá-lo um par de passos até que ele se deu volta, aferrou-a pelos braços e a estampou contra a porta de um pesebre com tanta força que lhe fez bater os dentes.

—Por Deus, te aparte, ou darei uma a ti, por mais mulher que seja! E tal como me sinto agora, me acredite que não me custará muito!

Indignado, Tom atacou Charles de atrás. Fez-o girar pegando-o pela jaqueta e o elevou nas pontas dos pés.

—Tenta-o e será o último movimento que faça, Bliss! Está bem, quer brigar... acredita que isso solucionará as coisas... —Retrocedeu, escondeu-se e lhe fez gestos com os dedos de que se aproximasse— .Vem... terminemos com isto!

Essa vez, quando Charles atacou, Tom estava preparado. Sofreu o impacto de um ombro no peito, mas o recebeu, conservou o equilíbrio, fez-lhe endireitar-se, calçou no queixo com os antebraços e imediatamente lhe atirou uma esquerda à mandíbula. O golpe soou como um cabo de um restelo que se quebra. Charles aterrissou sobre o traseiro no chão de cimento e ficou um instante assim, atônito.

—Vem —o desafiou Tom outra vez, com o rosto crispado de decisão—. Queria brigar, conseguiste-o!

Charles se levantou lentamente, sorrindo, limpando-a sangue do lábio com os nódulos:

—Uh! —provocou-o, escondendo-se—. Assim está apaixonado. —O semblante lhe endureceu e a voz se tornou ameaçadora—. Vem, miserável, demonstrar-te-ei o que penso de você... !

Um contundente direito o fez calar e cair da calesa. Ricocheteou, trocou o eixo de equilíbrio e lançou uma surriada que lhe impactou três vezes debaixo da cintura. Antes que Tom pudesse se levantar, apanhou-o pelo pescoço empurrando-o atrás pelo corredor até que irromperam em uma das baias. Aí, um capão baio relinchou e se mexeu, fazendo girar os olhos. Emily deu um salto, gritou e atacou da retaguarda, tironeando Charles pela gola da jaqueta, enquanto este tratava de estrangular Tom. Pendurou-se até que a abertura do pescoço lhe apertou o pomo de adão e lhe tirou o fôlego.

—Quanto tempo faz, Jeffcoat? —perguntou Charles em voz rouca e constrangida—. Quanto faz que persegue a minha mulher? Far-te-ei pagar por cada um desses dias!

—Basta, Charles! Está estrangulando-o!

Emily lutou com a gola jaqueta de Charles, mas saltou um botão e a fez cair sentada. Levantou-se de um salto e o agarrou outra vez, agora com um braço, e lhe subiu como um macaco à costas.

— Saia de cima e me deixe brigar!

Deu-lhe uma cotovelada que a fez cambalear-se para trás, segurando um seio e fazendo uma careta de dor.

—Filho de cadela, machucaste a Emily! —rugiu Tom, furioso.

A fúria foi uma sensação maravilhosa! Quente, curativa, revitalizante! Elevou o joelho e apartou Charles, fazendo-o retroceder, depois se equilibrou sobre ele pelo ar com uma força que jamais teria imaginado. Dois golpes certeiros atiraram Charles de costas, mas se levantou imediatamente e Tom recebeu algo similar ao que tinha dado. Os dois, um, ferreiro, o outro carpinteiro, formados por anos de hastear pesados martelos, eram fortes, com torsos como de cabides e antebraços grossos como aríetes. E aumentada pela súbita hostilidade, essa força se voltou terrível. Quando se decidiam a castigar, faziam-no.

Com os pés bem plantados, deram-se com os nódulos ao descoberto na cara, estômago, ombros, trocando surriadas de golpes tremendos e grunhidos, indo de um lado a outro do corredor entre as baias. Contra a porta do pesebre, no chão, depois levantados, roçando a madeira cheia de lascas com os omoplatas, abrindo sem querer o ferrolho e aterrorizando mais ainda ao cavalo, que relinchou e deu coices, assustado. Mas nenhum dos dois o ouviu. Quando Tom fez levantar-se o Charles com um murro, Charles se incorporou e lhe devolveu o favor.

Aos poucos minutos, ambos tinham a cara ensanguentada. Tinham os nódulos esfolados. Mas seguiam brigando, mais fracos a cada golpe.

Uma porrada ineficaz surpreendeu Charles e o fez cambalear-se para trás e tropeçar sobre o tirante de uma calesa. Desabou-se sobre a plataforma pondo-a em movimento e assim se afastou de Tom, que o seguiu com passos inseguros. Ofegando, descansaram uns segundos antes de seguir esmurrando-se, já sobre o chão, muito perto para tomar suficiente impulso.

Entretanto, seguiram tentando-o, amaldiçoando, lançando-se golpes de perto até que pegaram contra a parede oposta, onde ficaram apoiados em uma confusão de braços e pernas. Com os narizes pegos, ofegaram, aferrando-se das jaquetas.

Charles quase não tinha fôlego para falar, mas de todos os modos disse, em voz entrecortada:

—Até onde... chegou... com ela, heim, amigo?

Tom não estava melhor:

—O que m-mente tão suja tem... Bliss!

Aturdido, cambaleante, Tom ficou de pé com dificuldade e içou ao Charles. Impulsionou-se para trás para dar outro golpe, mas a inércia quase o fez cair de costas. O outro estava igualmente esgotado. Vacilou sobre os talões, apertando sem força os punhos.

—Vamos... canalha... não terminei!

Tom voltou a cara, dobrando o quadril, os braços pendurando como badalos de sinos.

—Sim, terminaste... Vou a c-casarme com ela —conseguiu dizer, entre estridentes ofegos.

Falar doía quase tanto como os golpes, mas aguentaram enfrentado-se, próximos ao esgotamento total.

—Quer... dá-lo por terminado? —resmungou Tom, balançando-se.

—Nem o... sonhe.

—Está bem, então...

Não tinha força para dar um golpe e se equilibrou sobre Charles com todo o corpo. Foram-se para trás cambaleando-se, dentro do pesebre aberto, contra a cruz do assustado animal, esmagando-o contra a parede do estábulo quando caíram enredados, já sem forças.

Ajoelhada perto da plataforma, Emily soluçava cobrindo-a boca com as mãos, temerosa de voltar a intervir.

—Por favor... por favor... —rogava, com os dedos dormentes, inclinando-se adiante sem levantar-se.

Os dois homens se precipitaram fora do pesebre, separaram-se, conseguiram ficar de pé inclinando-se como bêbados, tentando ver com os olhos inchados. A julgar pelo aspecto que tinham suas jaquetas, pareciam ter sido usadas em um açougue.

—Já... tiveste... suficiente? —exalou Tom, através dos lábios machucados.

—Que Deus me ajude...

Charles não pôde terminar e caiu de joelhos, dobrando-se na cintura.

Seguiu-o Tom, que caiu engatinhando, com a cabeça balançando-se como se só pendesse de um fio. Por uns segundos, o único que se ouviu no estábulo foi a respiração entrecortada dos dois, até que ao fim se ouviu a voz de Tom, comovida, próxima ao pranto.

—M-maldito seja... ! Por que tinha que levá-la a minha casa quando fizeram essa chocalhada?

Charles cambaleou sobre os joelhos, quase erguido e tratou de assinalar com um dedo ensanguentado ao rival, mas o braço não lhe sustentava.

—Foi você que a beijou nesse maldito armário!

Assentiu sem fôlego, incapaz de levantar a cabeça.

Com as articulações frouxas, Charles caiu de flanco e se apoiou em um cotovelo.

—O que... estúpido fui... fiz-te os móveis...

—Sim... estúpido filho de cadela... vou tomar uma tocha e... e a reduzir essa coisa... a lascas.

—Fá-lo!... vamos... fá-lo. —Deixou cair a cabeça contra o ombro—. Importa-me um cominho.

Emily os olhou, pasmada, chorando, com as mãos apertadas sobre a boca.

Os dois homens respiravam como locomotivas às que lhes acabava o vapor e a inimizade se evaporou tão subitamente como apareceu. Agora que a verdade se abria passo neles, tinham um aspecto lamentável. Depois de uns instantes, Charles caiu de costas com os olhos fechados e gemeu:

—Cristo, dói-me!

O joelho direito, levantado, balançou-se para os lados.

—Acredito que... tenho as costelas quebradas.

Tom seguia engatinhando, com a testa pendurando a escassos centímetros do chão, como se não pudesse levantar-se.

— Alegro-me. Assim tenho eu o coração.

Arrastando-se sobre as mãos e os joelhos, Tom percorreu penosamente o corredor até que chegou junto ao amigo e o olhou com olhos injetados em sangue. Com o fôlego entrecortado, ao fim pôde pronunciar, em um sussurro rouco:

—Sinto muito, amigo.

Charles tratou de agarrar um lastimoso punhado de feno e arrojar-lhe mas falhou e deixou cair a mão sobre o chão, com a palma para cima.

—Sim, bom, vá ao diabo, canalha.

Permaneceu deitado, exausto, com os olhos fechados.

Emily contemplou o colapso dos dois através de uma névoa de lágrimas. Em todos os anos que conhecia Charles, nunca o tinha ouvido amaldiçoar assim nem bater em ninguém. Tampouco tinha imaginado que Tom pudesse fazer-se eco da violência. Os últimos cinco minutos, tinha presenciado a cena horrorizada e temerosa e lhe partiu o coração pelos dois. Era evidente que a dor verdadeira não o tinham causado os punhos. Essas feridas sanariam.

Mas agora que tinha terminado, tremeu-lhe o estômago e a razão se

apoderou dela, trazendo consigo uma fúria compreensível. Que espantoso que dois seres humanos se machucassem assim mutuamente.

—Estão loucos os dois —sussurrou, com os olhos dilatados—. O que obtivestes com isto?

-Eu gostaria, mas não posso. Eu me sinto como um pedaço de carne para o moedor de última ... para ambos os lados.Tom examinou a barriga e apalpou com delicadeza.

—Bem.

—Acredito que preciso vomitar.

—Bem.

Sem deixar de olhar o chão, Tom cuspiu uma baforada de sangue e a náusea passou.

—Ohhh, Dioooos! —gemeu, passando o peso aos talões—. OH, por todos... os diabos.

Fechou os olhos e cobriu as costelas com as mãos.

Charles abriu os olhos e girou a cabeça.

—Estão quebradas?

A dor se fez tão intensa que não pôde fazer outra coisa que sacudir a cabeça e formar com os lábios a frase:

—Não sei.

—Emily? —chamou Charles com voz fanhosa, a palavra distorcida pelos machucados dos lábios enquanto a buscava.

A moça se sentou detrás dele e apareceu em cima.

—O que?

Torceu a cabeça e olhou para trás.

—Talvez seja melhor que vás procurar ao médico. Acredito que fraturei as costelas.

Mas Emily ficou onde estava, consternada pelo que fizeram.

—OH, olhem-se, pedaço de tolos, olhem-se —chorou, com lástima.

Fizeram-no. Surpreendidos pela veemência de Emily, Tom e Charles contemplaram o açougue que tinham perpetrado e se abrandaram mais ainda. Aparentemente, a explosão de Emily lhes devolveu tardiamente o sentido comum e lhes fez compreender que tinham brigado sem discutir primeiro... limitaram-se a esmurrarem-se, como se desse modo pudessem arrumar algo. Mas não foi assim. Teriam que falar, e enquanto descansavam, tão esgotados física como emocionalmente, começou a surgir a compreensão e, com ela, o patetismo, aumentado pela primeira

pergunta de Charles:

—Está bem... como aconteceu?

Tom moveu a cabeça e se olhou, desalentado, os joelhos sujos.

—Demônios, não sei. Como aconteceu, Emily? Atendendo juntos aos cavalos, jogando esses estúpidos jogos de salão, não sei. Como acontece sempre? Acontece, isso é tudo.

—Emily, está dizendo as coisas como foram? Já lhe disse que se casaria com ele?

—Sim, Charles —respondeu, olhando o alto da cabeça de Charles, que seguia de costas no chão.

—É um idiota, sabe? —Na voz trêmula vibrava uma nota de afeto—. Quer se casar com um idiota que roubou a noiva de seu melhor amigo?

Emily tragou saliva e sentiu que lhe saltavam outra vez as lágrimas, vendo esses dois homens que se observavam.

A voz de Tom se suavizou e se tornou tão comovida como a do amigo.

—Tivesse querido que fosse outra mulher. Tentei-o com Tarsy. Queria com toda minha alma que fosse Tarsy. Mas ela foi como... como muito divina... entende o que quero dizer? —Baixou a voz até convertê-la em um sussurro—. O tentei, Charles, mas não resultou. —Depois de uma longa pausa, tocou-lhe a mão—. O sinto —murmurou.

Charles lhe apartou a mão e cobriu os olhos com um braço.

—OH, sal daqui. Vamos, sal daqui e a leve.

Emily observou com espanto como se movia o pomo de adão, pois compreendeu que, sob a manga ensanguentada, esforçava-se por não chorar.

Ficou de pé com dificuldade, com a saia enrugada e cheia de palha.

—Vamos, Tom... — puxou-o pelo braço—. Ver se pode se levantar.

Tom separou de Charles o olhar triste e se ergueu como um ancião artrítico, aceitando a ajuda da moça. Coxeou até a porta aberta do pesebre e se pendurou nedela para sustentar-se, recuperou o fôlego e então se lembrou:

—Você está bem, Em?

—Sim.

—Mas eu vi que recebia uma cotovelada.

—Não estou ferida. Vamos —murmurou—. Acredito que Charles está bem. Penso que teríamos que procurar o doutor Steele para que te examine.

—O doutor Steele é um médico ruim e, para cúmulo, lunático. Todos o dizem.

—Mas é o único médico que temos.

—Não necessito nenhum médico.

Não obstante, foi muito para ele percorrer a metade do estábulo.

—Detenha-se —rogou, fechando os olhos—. Talvez tenha razão. Possivelmente seja melhor que vás procurar ao doutor Steele e o traga aqui. Assim, poderá examinar aos dois.

Ajudou ao Tom a mover-se onde estava e o deixou sentado, apoiado contra a porta de madeira, sobre o chão de tijolos frios.

Três minutos depois, batia na porta da casa do doutor Steele e a atendia Hilda Steele, envolta em uma bata, com o cabelo trancado.

—Sim?

—Sou Emily Walcott, senhora Steele. O doutor está?

—Não, não está. Está fora até o fim de semana.

—Até o fim de semana?

—Do que se trata? É algo grave?

—Poderia...? Eu... não... não estou segura. Iirei procurar a meu pai.

Por instinto, correu para a casa com a mente vazia de tudo o que não fosse a preocupação pelo Tom e Charles. Quando irrompeu pela porta principal, Edwin e Fannie estavam sentados juntos no sofá. Earl se tinha ido a sua casa e Frankie não estava à vista.

—Papai, necessito sua ajuda! —exclamou, com os olhos dilatados e agitada de correr.

—O que acontece?

Saiu-lhe ao encontro a metade do vestíbulo, tomando as mãos geladas.

—Trata-se de Tom e Charles. Brigaram-se e acredito que Tom tem umas costelas quebradas. Com respeito ao Charles, não estou segura. Está deitado de costas no estábulo de Tom.

—Inconsciente?

—Não. Mas tem a cara destroçada e eu não posso mover a nenhum dos dois. Deixei-os lá e corri a procurar o doutor Steele, mas não está e Tom não pode caminhar e... OH, por favor, me ajude, papai, não sei o que fazer. —crispou-lhe o rosto—. Estou muito assustada.

—Fannie, me dê minha jaqueta! —sentou-se e começou a calçar as botas. Fannie, com eficiência, aproximou-se correndo com a jaqueta pedida e já se adiantava aos fatos—. Emily, o que tem em sua maleta de

remédios para arrumar ossos quebrados?

—Ataduras de gesso.

—Algo para deter a hemorragia?

—Sim, unguento de ranúnculo.

—Necessitaremos uns lençóis para fazer ataduras. Edwin, vá você enquanto eu as busco. Irei assim que possa.

Correndo pelas ruas nevadas, Edwin perguntou:

—Por que se brigaram?

—Por mim.

—Isso imaginava. Fannie e eu estivemos todo este tempo tratando de imaginar o que estaria passando. Quer me contar. Agitado pela corrida, Edwin disse:

—Papai, sei que não vai gostar, mas vou casar-me com Tom. Amo-o, papai. Isso é o que fomos dizer ao Charles.

Agitado pela carreira, Edwin disse:

—É terrível fazer isso a um amigo.

—Já sei. —Com os olhos cheios de lágrimas, acrescentou—: Mas você deve entendê-lo, papai.

Seguiu correndo.

—Sim... maldito se sei.

—Está zangado?

—Talvez amanhã, mas agora estou mais preocupado por esses dois que deixaste sangrando lá.

Ao passar pelo estábulo Walcott, Emily entrou, recolheu a maleta e voltou junto ao pai à carreira. Entraram no estábulo de Tom como um trem de dois vagões, o nariz da filha se chocando com as costas do pai. A cena que viram dentro era ironicamente aprazível. A luz mísera do único abajur de querosene iluminava o extremo mais próximo do corredor, onde estava sentado Tom, apoiado contra a parede da direita; mais longe, Charles estava sentado do lado esquerdo. O capão baio tinha saído do pesebre e esquadrinhava dentro da ferraria escura, na outra ponta do edifício.

Edwin correu primeiro para Tom e se apoiou em um joelho, junto a ele.

—Assim tem uma ou duas costelas quebradas —comentou.

—Isso acredito... dói como o demônio.

—Fannie trará algo para te enfaixar.

Emily lhe explicou:

—O doutor Steele não estava. Tive que ir procurar papai.

Edwin se aproximou de Charles.

—Alegra-me que esteja sentado. Disse-me que te deixou deitado de costas, imóvel. Assustamo-nos muitíssimo.

Com os lábios inchados que lhe deformavam a fala, Charles disse:

—Por desgraça, não estou morto nem a ponto de morrer, Edwin.

—Mas tem a cara feita um desastre. Dói-te algo mais?

Olhando melancólico a Emily e a Tom ao outro lado da plataforma, refletiu em voz alta:

—O orgulho também conta, Edwin?

Depois apartou a vista.

Emily, que estava ajoelhada ao lado de Tom, gemeu:

—OH, Thomas, olhe o que te tem feito. Quem te pediu que brigasse por mim?

—Tenho a impressão de que não está muito agradada.

—Teria que te fazer outro galo na cabeça, isso é o que teria que te fazer. —Tocou-lhe a face com ternura e murmurou—: Não sabe, acaso, que eu amo este rosto? Como se atreve lhe destroçar isso?

Por uns instantes, inundaram-se o um no olhar do outro, os de Emily, afligidos, os olhos de Tom, inchados e avermelhados, até que ao fim ela se levantou e disse:

—Irei procurar um pouco de água para te limpar.

Em um das baias encontrou uma bacia com o esmalte saltado, encheu-a de água e voltou, ajoelhou-se e tirou gaze da maleta veterinária. Quando tocou o primeiro corte, Tom fez uma careta.

—Merece-lhe isso —lhe disse, sem compaixão.

—É uma mulher dura, maria macho, já vejo. Terei que me esforçar para te suavizar... ai!

—Fica aquieto. Isto fará que deixe de sangrar.

—O que é?

—Unguento de uma erva... é um velho remédio índio um tanto modernizado.

—Uf!

Irrompeu Fannie, sem chapéu, carregando uma bolsa de lona rajada, com alças.

—A quem tenho que atender primeiro?

Emily respondeu:

—Tire a camisa do Tom enquanto eu curo os cortes do Charles.

Enquanto Edwin e Fannie se instalavam aos pés de Tom, Emily cruzou o corredor e se ajoelhou, vacilante, junto a Charles. Que incômoda se sentiu ao contemplar o rosto machucado, o olhar enfermo, carregado de recriminação.

—Tenho que limpar um pouco o sangue, para ver bem a gravidade das feridas.

Seguiu olhando-a com silenciosa recriminação até que, ao fim, perguntou-lhe em um sussurro magoado:

—Por que, Emily?

—OH, Charles...

Elevou a vista, tratando de não chorar mais.

—Por que? —insistiu—. O que é o que fiz errado? Ou não fiz bem?

—Fez tudo bem —lhe respondeu, abatida—, o que acontece é que te conheço há muito tempo.

—Então teria que saber quão bom seria contigo.

À medida que falava os olhos já contusos, voltavam-se mais tristes.

—Sei... sei... mas faltava... algo. Algo...

Enquanto procurava a palavra que não ferisse, olhava-se os polegares, que alisavam sem necessidade uma gaze úmida.

—Que coisa?

Elevou o olhar com expressão desmotivada e murmurou com simplicidade:

—Tinha-te conhecido durante muito tempo, Charles. Quando nos beijávamos, sentia como se beijasse a um irmão.

Por cima da barba, apareceu um rubor nas faces feridas. Guardou silêncio enquanto digeria as palavras para depois responder, como quem aceita uma idéia pela força:

—Bom, isso é difícil de rebater.

—Por favor, poderíamos discuti-lo em outro momento?

Voltou a guardar silêncio, cada vez mais triste, até que aceitou, sem convicção:

—Sim, em outro momento...

Enquanto lhe lavava o rosto e os nódulos se mostrou estoico, com a vista cravada no cubo da roda de uma carruagem. Passou-lhe uma gaze úmida pelas feridas, aplicou-lhe o unguento, lhe tocando o rosto, as sobrancelhas, a barba, os lábios, por última vez. Em um rincão oculto do coração, descobriu uma inegável dor por ser a última vez, porque o tinha

ferido tanto e porque o amava muito. Enfaixou-lhe os nódulos, fez o último nó e se sentou, com as mãos sobre o colo em atitude decorosa.

—Há algo mais? —perguntou.

—Não.

Obstinado, seguiu olhando o cubo de roda para não olhá-la embora, nesse momento, por estranho que parecesse, Emily necessitava que a olhasse.

—Não sente nada quebrado?

—Não. Vá. Vá enfaixá-lo. - ordenou em tom áspero.

Emily ficou ajoelhada contemplando-o, esperando algum sinal de perdão, mas não houve nenhum. Nenhum olhar, nem um contato, nenhuma palavra. Antes de levantar-se, tocou-lhe com ligeireza a mão e murmurou:

—Sinto muito, Charles.

Na mandíbula do jovem se contraiu um músculo, mas permaneceu taciturno e distante.

Emily atravessou o corredor para atender Thomas, sem deixar de sentir que, por fim, tinha atraído a atenção de Charles. O olhar duro deste não perdia um só de seus movimentos e a sentia cravada em suas costas como um punção.

Edwin e Fannie tinham recolhido a parte de acima da roupa interior de Tom e o revisaram com mãos inexperientes.

—A Fannie e nos parece que tem algo quebrado.

Como Emily havia tocado Tom muito poucas vezes até esse momento, era natural que sentisse escrúpulos de fazê-lo ante esses três pares de olhos vigilantes. Tragou as dúvidas e apalpou as costelas, fazendo a um lado seus sentimentos pessoais e observando as reações no rosto do homem. A careta de dor apareceu ao tocar a quarta costela.

—É provável que esteja fraturada.

—Que é provável, diz? —perguntou Tom.

—Assim é. Diria que é uma fratura tipo ramo verde.

—O que é uma fratura de ramo verde?

—Rompe-se como um ramo verde, curvada nas pontas, sabe? Em ocasiões, são mais difíceis de curar que as fraturas retas. Há duas alternativas: ou te engesso eu, ou pode esperar até o fim de semana, a que volte o doutor Steele.

Tom olhou Edwin e a Fannie e depois perguntou, em dúvida:

—Sabe o que está fazendo?

—Saberia se fosse um cavalo ou uma vaca... inclusive um cão. Mas como é um homem, terá que se arriscar comigo.

Suspirou e se decidiu:

—Está bem, adiante.

—Quando engesso a um animal, barbeio a zona para que não doa tanto quando se tira o gesso. Primeiro lhe enfaixaremos com lençóis, mas às vezes o gesso se filtra.

Tom olhou a cunha de pêlo negro que tinha no peito, enquanto Emily, pudica e sentindo a vigilância atenta de Charles, e também de Fannie e de seu pai, apartou a vista.

—OH, diabos... está bem. Mas não tire mais do necessário.

Emily barbeou do ventre até a metade do arco peitoral... uma zona muito pessoal, que Tom fazia mais enervante ainda, pois não deixava de saltar e encolher-se por efeito do sabão frio e a navalha. Teria que ter em conta que era a barriga nua do homem com o que ia casar-se.

Em uma ocasião, retorceu-se e se queixou, irritado:

—Dá-te pressa, estou congelando.

Emily conteve um sorriso: assim, como marido, teria suas rajadas de mau humor. Possivelmente, como esposa, encontraria o modo de suavizá-lo nessas ocasiões.

Enquanto Fannie o enfaixava com tiras de tecido de algodão, Emily media, cortava e molhava as faixas adesivas de gesso. Indicou a Tom que baixasse as mãos aos lados e que exalasse, e assim o envolveu das costas até o esterno com partes superpostas, até que o torso se assemelhou à armadura de um monstruoso lagarto.

—Preparado. Não é elegante, mas servirá.

Tom se olhou, murmurou um juramento, aborrecido consigo mesmo e perguntou:

—Quanto tempo acredita que tenho que deixar me posto isso?

—Eu diria que umas quatro semanas, o que opina, papai?

—Não me pergunte! Ainda não sei para que veio a me buscar. Quão único tenho feito foi olhar.

Era certo. Sob pressão, Emily se comportou com calma e eficiência, como aquele dia na fazenda Jagush. Tom a admirou, mas lhe tirou importância lhe dizendo ao pai:

—Foste meu apoio moral. Além disso, não sei se poderia levantá-los. Obrigada por vir, papai. A ti também, Fannie.

—Bom —disse Edwin—, acredito que será melhor que engache uma carruagem e leve a estes dois a suas casas. —Primeiro se aproximou de

Charles—. Como está, filho?

Fazia tanto tempo que lhe dizia filho que se converteu em algo automático, mas quando o ajudou a levantar-se, a palavra deixou um eco molesto. Até esse momento, houve, muitas distrações que ocultaram grande parte da tensão entre os dois pretendentes. Mas quando se enfrentaram desde extremos opostos do corredor, a hostilidade entre eles voltou a brotar, como algo ao mesmo tempo repelente e atrativo. Compromissos quebrados, ossos quebrados e corações quebrados. Todos foram testemunhas do silencioso intercâmbio de olhares.

Charles se encaminhou para a porta arrastando os pés.

—Irei caminhando a casa —disse, turvo—. Necessito ar fresco.

—Não diga tolices, Charles... —começou a dizer Edwin, mas Charles o empurrou e passou sem olhar para trás.

Edwin lançou um suspiro pesado:

—Não lhe pode pedir que esteja muito contente, verdade?

Tom disse:

—Senhor, sei que Charles significa muito para você. Pensava em dizer-lhe de Emily e eu em melhor momento. Pensava lhe pedir a mão como deve ser. Lamento que o tenha sabido desta maneira.

—Sim, bom... —Procurou as palavras que dissimulassem sua decepção por perder Charles como genro. Enquanto atuou com sua parte humanitária, Edwin deixou de lado sua própria consternação ante o giro que tinham tomado os acontecimentos, mas nesse momento ressurgiu, em uma explosão carente de todo tato—. Agora sei, e minha filha me diz que te ama, mas quero te advertir, jovem.... —Apontou-o com um dedo—. O período de luto é de um ano de modo que, se te ocorre alguma outra coisa, será melhor que tire da cabeça!

Capítulo 18

Quando levaram Tom à casa em um carro de quatro assentos, Emily viajou detrás de seu pai, ardendo de mortificação. Não podia acreditar em sua estupidez!

Quanto a Edwin, guiava enquanto repassava os fatos para seus adentros, atravessado por sentimentos ambivalentes, até um pouco intimidado ao recordar seu próprio estalo. Ao chegar a casa de Tom lançou a Emily um olhar de recriminação, ao ver que observava, ansiosa, como apeava o ferido. Tom se movia com cuidado, sustentando as costelas quando pisou no estribo do carro e baixou. Quando chegou ao chão, Emily se levantou para segui-lo, mas Edwin lhe ordenou:

—Fique onde está. Virá para casa conosco.

—Mas papai, Tom necessita...

—As arrumará bem.

Emily ficou furiosa e lhe replicou:

—Posso decidir por mim mesma, papai!

Pôs os braços em jarras e o olhou, zangada.

Tom levantou a vista e acreditou conveniente lhe aconselhar:

—Tem razão, Emily. Vá a sua casa. Eu estarei bem. Obrigado por sua ajuda, Edwin... e a ti, Fannie.

—Sim —disse Edwin, desinteressado, para ocultar o chateio que sentia consigo mesmo por sua falta de discrição—. Arre!

Fez estalar as rédeas com tal brutalidade que Emily caiu sobre o assento.

—Papai! —protestou, furiosa, sujeitando-se ao bordo do assento.

Seguiu guiando sem voltar-se.

—Nada de papai! Eu sei o que é melhor para ti!

—Foste incrivelmente grosseiro! Jamais imaginei que chegaria a ver o dia em que te mostrasse autoritário!

—Está de luto —lhe respondeu, teimoso.

—Ah, claro, como estou de luto, tenho que tolerar sua aspereza durante um ano!

—Emily, sou seu pai! E não sou áspero!

—É-o! Não é rude, Fannie? Diga-lhe.

Fannie tinha suas próprias opiniões, mas preferiu as reservar para quando estivesse a sós com Edwin. Não tinha intenção de fazer o papel de advogado do diabo ante a filha de Edwin. Com um gesto indicou claramente: Não me metam nisto.

—Não só se comportou com rudeza mas também foi grosseiro com meu noivo!

—Seu noivo, ja!

Carrancudo, cravou a vista nas garupas dos cavalos que trotavam adiante.

—Esta noite, quando foi casa para me buscar, pareceu-te do mais agradável. Seu rosto se iluminou quando viu que era ele!

—Tem todo um ano de noivado por diante, jovenzinha, e não aceitarei que vás agasalhá-lo na cama!

—Agasalhá-lo... OH, papai!

Envergonhada, Emily tentou conter as lágrimas.

—Edwin —o recriminou Fannie, rompendo a promessa de silêncio - Foi desnecessário.

—Bom, Fannie, maldita seja! —explorou—. Charles é como um filho para mim!

—Sabemos, Edwin, e seria conveniente que não o repetisse tão frequentemente. Agora terá que considerar a outro noivo, que também tem sentimentos.

Fizeram o resto do caminho em meio de um incômodo silêncio. Edwin puxou as rédeas com a vista fixa adiante, enquanto que Emily desembarcava de um salto e entrava na casa, colérica. Fannie apertou em silêncio o braço de Edwin antes de entrar.

Emily andava, turbulenta, e girou com brutalidade para Fannie assim que esta entrou.

—Como pôde fazer semelhante coisa!

Sem alterar-se, Fannie acendeu um abajur e tirou o casaco.

—Dê-lhe um par de dias para que se faça à idéia de que esteja com o Tom. Terminará aceitando-o.

—Mas, como pode lhe apontar com o dedo e lhe dar ordens, como se fosse... como se não fosse um cavalheiro! Senti-me muito mortificada! E esse comentário a respeito de agasalhá-lo na cama foi imperdoável! Queria morrer ! —Brotaram-lhe lágrimas de indignação—. Fannie, não temos feito nada do que tenhamos que nos envergonhar, nada!

—Eu sei, querida, sei. —Tomou Emily nos braços e a abraçou—. Mas deve recordar que não é uma época fácil para seu pai. Todo seu universo está trocando. Perdeu a sua mãe e agora sente que também perde Charles. Você planeja se casar e abandonar o ninho. É natural que esteja perturbado, e se às vezes o manifesta com pouco tato, deve ter paciência com ele.

—Mas não o entendo, Fannie. —apartou-se, muito agitada para ficar quieta—. Sempre esteve de meu lado e sempre sustentou que o mais importante na vida é ser feliz. E agora que eu... que vou ser feliz, quando Tom e eu nos casemos... Supus que papai pensaria nisso, quereria isso para mim e não que me case com alguém a quem não amo. Os comentários que tem feito são completamente impróprios dele. Teria esperado que minha mãe dissesse algo assim, mas não papai. Jamais papai.

Fannie observou a jovem e sorriu com benevolência. Por uns segundos, sopesou se seria prudente ou não lhe dizer o que pensava. Seria justo para com Edwin que ela especulasse com os motivos reais de sua explosão? Possivelmente não, mas pelo menos ajudaria a Emily a entender parte da pressão que estava suportando o pai.

—Vem aqui, sente-se. — Puxou-a pelas mãos, levou-a até uma cadeira da cozinha, tomou outra para si e sustentou as mãos da moça em cima da mesa—. Emily, já tem dezenove anos, é uma mulher. — Falava com placidez, com uma voz que a compreensão e a sabedoria faziam eloquente—. Sem dúvida, tem idade suficiente para ter estado exposta às tentações que conduz apaixonar-se. São naturais. Apaixonamo-nos e desejamos consumar esse amor. Bom, o que acontece com seu pai e comigo não é muito diferente. Talvez agora entenda que a advertência que Edwin fez a Tom, sem que o advertisse em realidade, estava dirigida para si mesmo.

Emily se despojou da ira como de um vestido e esse sentimento foi substituído por uma incredulidade que lhe fez abrir muito os olhos.

—OH, quer dizer que... —balbuciou, interrompendo-se, com expressão perplexa. Repetiu em tom mais sereno—: OH.

—Escandalizei-te, querida? Não quis fazê-lo. —Sem deixar de sorrir, Fannie lhe soltou as mãos—. Mas somos duas mulheres, as duas estamos apaixonadas e apanhadas nesta convenção execrável, estúpida, que chamam luto. Possivelmente nós possamos tolerá-la um pouco melhor que os homens. Talvez essa seja nossa fortaleza.

Emily olhou fixo a Fannie, muito assombrada para falar.

—E agora, querida, é tarde —observou Fannie, concluindo a surpreendente revelação com sua graça habitual—. Não conviria que fosse à cama?

Duas horas depois, deitada, Emily estava completamente acordada pensando na surpreendente revelação que Fannie lhe tinha feito na cozinha. Inclusive a sua idade, a papai e a Fannie ainda os comovia a carnalidade! Compreendê-lo, aliviou boa parte do rancor para seu pai.

Embora fosse algo que se perguntava frequentemente, não era um tema sobre o qual pergunta a um pai. Ao menos não a seus pais! Deitada ao lado de Fannie adormecida, ouvindo sua respiração regular, Emily absorveu essa verdade que lhe tinha revelado com tanta franqueza e sobre a qual toda noiva iminente se perguntaria: o que ela e Tom sentiam um pelo outro podia durar e era quase seguro que duraria muito mais tempo de que teria imaginado.

O último tempo, desde que recebeu os primeiros beijos e as primeiras carícias de Tom, Emily dedicou muitas horas de insônia a refletir sobre esse mesmo tema. A sensualidade. Era maravilhosa, transbordante, intimidatória. E antes do matrimônio, era responsabilidade da mulher combatê-la tanto nela como no homem.

Evocou a imagem de Tom, seus lânguidos olhos azuis, seu sorriso, seus lábios, seus beijos, suas mãos. Com as mantas apertadas fortemente sob os braços e as mãos apoiadas sobre a pélvis, percebeu um batimento do coração que palpitava aí, muito dentro. Com ele, uma

calidez, imagens evanescentes, provocadas pelas poucas vezes que Tom a tinha abraçado e acariciado.

Fez-a refletir sobre o ato marital. Havia várias palavras que o nomeavam: cópula, conjunção, consumação, acoplamento, relação sexual, correria juvenil (esta a fez sorrir)... fazer amor (ficou séria).

Sim, fazer amor. Essa era a expressão que mais gostava.

Como seria? Como começaria? Às escuras? Com luz? Entre lençóis ou sobre as mantas, como aquela noite, na casa de Tom? Seria incerto ou espontâneo? O que diria ele? O que faria? E ela, como tinha que reagir? E depois, sentir-se-iam incômodos, envergonhados? Ou acaso o matrimônio criaria uma intimidade mágica e perdurável?

O ato marital. Outra frase, que às vezes não era verdadeira. Às vezes ocorria fora do matrimônio: Tarsy o tinha ensinado. Era provável que Tom já o tivesse feito com alguma outra, alguém que conheceu antes, mais experimentada nas maneiras apropriadas de fazê-lo. A noiva anterior? Tarsy?

Emily abriu os olhos e contemplou um raio de lua que adotava a forma de um rincão do quarto. Suponhamos que, a fim de contas, tivesse-o feito com Tarsy. Esforçava-se por acreditar que não era assim, mas em ocasiões duvidava.

Tarsy, que lhe contava quão íntimos se tornaram.

Que, além disso, admitiu que às vezes pensava em "apanhá-lo" para que se casasse com ela.

Que tinha trocado tanto nos últimos meses porque amava Tom Jeffcoat.

Amanhã tenho que dizer a Tarsy. Amanhã, antes que se inteire por qualquer outra via.

Às cinco e meia da manhã seguinte, Emily deixou uma nota sobre a mesa da cozinha: Vou dar de comer aos cavalos de Tom. Volto em uma hora. Emily.

Primeiro, foi à casa de Tom. Como estava tudo escuro, deu a volta e golpeou na janela do dormitório, retrocedeu e esperou, mas não houve resposta. Golpeou outra vez, mais forte, e imaginou rodando da cama, gemendo, engessado. Passou um minuto completo até que se abriu a persiana e apareceu um rosto como uma macha branca na penumbra, distorcido pelo vidro da janela.

—Tom? —ficou nas pontas dos pés e aproximou a boca à janela—. Sou Emily.

—Em? —A voz chegou amortecida através da parede—. O que passa?

—Nada. Fica na cama. Vou atender a seus animais. Você descansa.

—Não, você... eu me...

—Volta para a cama!

—Não, Emily, espera! —Apoiou uma mão contra a janela—. Aproxime-se da porta!

Deixou cair a persiana e Emily ficou olhando-a, e voltou a escutar a advertência do pai a respeito de agasalhá-lo na cama. Antes que pudesse exercitar a prudência e afastar-se, a luz do abajur dourou a persiana de dentro e depois se extinguiu quando o dono de casa a levou desde o quarto para o fronte da casa.

Cinco e meia da manhã. A hora em si tinha uma aura de intimidade, o fato mesmo de que tivesse estado dormindo. Com a vista fixa na persiana, Emily se acreditou completamente decidida a ir posar um pé no alpendre.

Da outra parte da casa, escutou chamar:

—Em?

Em voz baixa, quase um sussurro.

Afirmou sua resolução, rodeou a casa para a fachada, subiu dois degraus do alpendre e depois ficou imóvel.

Pela porta apareceram a cabeça e um ombro nu de Tom.

—Entra, que faz frio!

O fôlego formou uma fumaça branca no ar gelado prévio ao amanhecer.

—Melhor, não.

—Maldição, Emily, vem aqui! Faz muito frio!

Terminou de subir os degraus e entrou, sem tirar as mãos dos bolsos nem tirar a vista do chão. Tom fechou a porta e esfregou os braços para esquentar-lhe. Sem olhá-lo, sabia que estava descalço, que tinha o peito descoberto e que não tinha postos mais que as calças e as ataduras brancas no torso. perguntou-se uma vez mais o que diria seu pai.

—Lamento haver despertado.

—Não importa.

—Não queria que se levantasse da cama. Só pensava te golpear a janela, te dizer o que faria e partir.

Olhou por cima de seus ombros e se apressou a baixar a vista.

—Que horas são?

—Cinco e meia.

—Nada mais? —Gemeu e se flexionou com vivacidade—. Meu Deus,

ontem à noite não pude dormir. Doíam-me as costelas.

—Como se sente esta manhã?

—Como se me tivessem feito passar pelo olho da fechadura. —Posou uma mão sobre as vendagens, depois tocou os incisivos e adicionou—: Acredito que me afrouxaram alguns dentes.

—Por não falar de seus ossos. Não tem por que conduzir feno com as costelas fraturadas. Hoje, eu me encarregarei de seu estábulo.

—Preferiria te dizer que não, mas tal como me sinto é mais prudente lhe agradecer. Na verdade o aprecio, Emily.

A moça encolheu os ombros.

—Não me incomoda fazê-lo e, além disso conheço seus cavalos por seu nome.

Tom percorreu afetuosamente com o olhar o rosto e o traje de garoto.

—Além disso —comentou com ternura—, algum dia também serão teus.

Emily tragou saliva e sentiu que se ruborizava, voltando a tomar consciência de que estavam na casa, na mais absoluta intimidade, e que o traje de Tom não tinha nada de decente. Para recordar-lhe abordou o tema que não podiam seguir evitando.

—Lamento o que disse meu pai ontem à noite.

Sentiu que os olhos de Tom a sondavam, olhou-lhe os pés nus e imaginou pegos aos seus, os dois aconchegados juntos sob os lençóis.

—Emily, por isso tem medo de me olhar, pelo que disse seu pai?

Sentiu que se ruborizava e tragou saliva.

—Sim.

—Asseguro-te que me agradaria que o fizesse.

—Tenho posta minha roupa de trabalho.

—E eu não me queixo.

Emily elevou lentamente a cabeça, abriu a boca e em seus olhos apareceu uma expressão de horror:

—OH, Thomas...

Tinha o rosto inchado e descolorido. O cabelo arrepiado em mechas como os de um velho búfalo depois de um inverno rigoroso. O olho esquerdo não se abria mais que uns milímetros e o direito piscava os olhos, involuntariamente. Debaixo, a pele torcida se tornou roxo e azul. A bonita boca e a mandíbula eram os de um estranho mutilado.

— Olhe-se —disse, angustiada.

—Devo ter um aspecto horrível.

—Quanto deve te doer...

—Tanto como para não te beijar como eu gostaria —admitiu, tomando-a pelos cotovelos e lhe fazendo perder o equilíbrio.

Emily resistiu um pouco e disse:

—Tom, tenho que falar contigo.

Havia temas sobre os que precisavam falar e era preferível fazê-lo com um mínimo de intimidade.

—Parece grave —brincou.

—Sim, é-o.

Tom ficou sério.

—De acordo... falemos.

Aspirou uma funda baforada e começou:

—Detestei ver-te brigar por mim. Senti-me impotente... e furiosa.

Sondou-a com o olhar, com certo matiz rebelde na curva das sobrancelhas, mas depois de um momento de silêncio, disse:

—Sinto muito.

—Odeio ver-te assim, desfigurado.

—Já sei.

—Não imaginei que fosse agressivo.

—Nunca fui... antes.

—Eu não gostaria que o fizesse depois de que nos casemos.

Os dois reconheceram que esse momento não era um simples ajuste de contas a não ser um modo de definir o futuro de ambos. A resposta de Tom, quão única Emily esperava, indicava com quanta deferência consideraria seus desejos quando fossem marido e mulher.

—Não o farei, prometo-lhe isso. Eu não queria brigar com ele, você sabe.

—Sim, sei.

Com o olhar fixo nesses olhos arroxeados, sentiu-se invadida por uma estranha mescla de emoções: pesar por ter tido que dizer-lhe compaixão por esse corpo maltratado, desejo por esse mesmo corpo, a pesar do aspecto que tinha. Ansiava aproximar-se, acariciar, apoiar o rosto no pescoço nu, lhe tocar os ombros. Uma idéia súbita a sobressaltou: Amo-o tanto que papai tem razão. Não tenho nada que fazer aqui em sua casa, embora esteja com roupa de trabalho.

Guiada pelo instinto, fez gesto de ir-se, mas ao chegar à porta, voltou-se.

—Esta manhã direi a Tarsy. Assim que tenha dado de comer a seus cavalos, irei a sua casa e terminarei com isto. Queria que soubesse.

—Quer que te acompanhe?

—Não, acredito que é preferível que vá sozinha. O mais provável é que não seja mais pormenorizada que Charles. Uma vez que esteja inteirada, você e ela quererão falar a sós. Entendo-o e prometo que não me porei ciumenta.

—Emily...

Ele se aproximou.

—Tenho que ir.

Apressou-se a abrir a porta.

—Espera.

—Já sabe o que disse papai.

—Sim, sei, mas agora papai não está aqui.

Avançou, fechou de repente e se interpôs entre a porta e Emily. Rodeou-lhe o pescoço com o braço e a aproximou com suavidade a ele, apoiando a face machucada sobre a branda boina de lã. Disse em voz rouca:

—Acredito que é muito conveniente que eu esteja tão golpeado pois, do contrário, meteríamo-nos em um montão de problemas.

OH, o aroma dele. Um pouco almiscarado, um pouco desalinhado, algo masculino, a fragrância natural da pele envelhecida durante a noite. Para seus adentros, deu graças a Deus pelas luvas, um dos quais apoiava sobre as ataduras brancas, a milímetros do peito nu. Não desejava outra coisa que tocar toda a pele descoberta de Tom, conhecer sua textura com as gemas dos dedos. Ao tempo que se continha com firmeza, Tom colocava a mão dentro da jaqueta, pelas costas, e a atraía um pouco mais para si, lhe acariciando languidamente a zona da coluna vertebral sobre a áspera camisa de flanela. Explorou-a com lentidão, subindo a mão como se contasse cada vértebra, atraindo-a com suavidade. Uma mão cálida, dura, uma mão viril... que fácil seria sucumbir a ela.

Aceleraram-se os batimentos do coração e sentiu os seios pesados.

—Thomas... —murmurou, em tom de advertência.

—Não vá —rogou em voz fica—. É a primeira vez sem que Charles se interponha entre nós. Não vá.

Também Emily percebia o desaparecimento desse peso sobre suas consciências desde que tinha quebrado formalmente o compromisso. Mas a repressão adotava outras formas e se apartou a inapetência.

—Não posso vir mais aqui, a sua casa. Temos que esperar quase dez

meses e isso é muito tempo. Tenho que ir —repetiu, afastando-se dele.

Viu que retrocedia até que seus ombros se chocaram com a porta. Olharam-se com o desejo frustrado claramente impresso em seus rostos.

Aproximou-se lentamente a ela e Emily sentiu os batimentos do coração do coração na garganta. Mas Tom só se aproximou para pegar o trinco, abriu a porta e lhe disse com suavidade:

— Depois me fala como foi com Tarsy.

—Fá-lo-ei.

Essa mesma manhã, as dez, Tarsy em pessoa atendeu a porta, com um vestido de corpete adornado, de listras rosadas, com favorecedoras pregas que foram dos ombros ao umbigo e sublinhavam a diminuta da cintura, e uma saia de generosa amplitude que exagerava a redondeza dos quadris.

Emily levava a mesma roupa com a que tinha alimentado aos cavalos de Tom e limpado o estábulo: uma jaqueta de lã, calças e botas de couro sujas.

O cabelo de Tarsy estava recém encaracolado e sujeito na nuca com uma fita da mesma cor que o vestido.

O de Emily estava embutido dentro da boina de lã do irmão.

Tarsy cheirava a sabão de lavanda.

Emily, a esterco de cavalo.

A amiga desviou o lindo nariz.

—Puf!

Com ar de desculpa, Emily deixou as botas fora e entrou em meias. Apareceu a senhora Fields da cozinha, com as mãos cobertas de farinha.

—Bom, Emily, pelo amor de Deus, que surpresa. Ultimamente quase não lhe vemos.

Era uma mulher roliça, de cabelo loiro ondulado, penteado em um coque à francesa, quão única Emily conhecia que levava as faces pintadas na cozinha e se perfumava a essa hora. O perfume a madressilva da colônia flutuou até ela, encobrindo o aroma de levedura que tinha nos dedos.

—Olá, senhora Fields.

—Como está seu pai?

—Bem.

—E a senhorita Cooper?

—Também.

—Voltará logo para o leste?

Como detectou certo matiz de curiosidade, teve o prazer de replicar:

—Não, senhora. Ficará.

—Ah.

A senhora Fields arqueou a sobrancelha esquerda.

—Não tem nenhum parente lá. Para que voltaria?

A sobrancelha da senhora voltou para seu nível de costume e piscou duas vezes, como assombrada pela imediata defesa de Fannie que assumiu Emily.

—Bom... como sua mãe já não está, que em paz descanse, pensei que já não necessitavam os serviços da senhorita Cooper.

—Ao contrário, todos a necessitamos muito e lhe rogamos que ficasse. Ao final, decidi continuar meus estudos de veterinária e trabalhar... nos estábulos por tempo indefinido, por isso deixei quase todas as tarefas domésticas nas mãos de Fannie, sabe? Já não sei o que faríamos sem ela.

A boca da senhora Fields se estirou como se fosse recolher uma moeda com os lábios.

—Entendo. —Lançou um olhar ao Tarsy e adicionou — Bom, cumprimente de minha parte a sua família —e voltou para a cozinha.

Quando se foi, Tarsy tomou Emily pelo braço e a fez girar para a escada.

—Vem acima e te mostrarei a última peça de organdi que mamãe usará para me fazer um vestido da primavera. Chama-se pistache... quem sabe o que significa! E nos decidimos por um modelo impactante da última edição de Graham's. Mamãe aceitou me deixar fazer uma soirée aqui... você não adora essa palavra?... soirée... —Ao chegar acima, elevou a saia com dois dedos e executou um giro para a porta de seu dormitório. Entrou como uma exalação, tomou uma peça de tecido verde de um tamborete estofado que estava junto ao penteadeira. Apalpou-a e a jogou a Emily—. Não é deliciosa?

Obediente, Emily tocou o organdi com um nódulo que não tinha lavado desde que esteve dirigindo a forquilha de feno, contemplando-o com uma expressão que a amiga interpretou como desejo.

—OH, pobre Emily, não sei como pode tolerar se vestir de negro um ano inteiro. Acredito que eu, em seu lugar, murcharia e morreria. Possivelmente um dia destes possa escapulir aqui e provar meu vestido pistache, depois que fizer!

Emily permaneceu séria.

—É muito bonito, Tarsy, mas tenho que te falar algo importante.

—Importante?

Franziu o sobrecenho: o que podia ser mais importante que um vestido novo de organdi cor pistache para uma soirée?

—Sim.

—De acordo.

Obediente, Tarsy deixou o tecido e se sentou aos pés da cama, em meio de um revoo de saias rosadas, as mãos perdidas entre as dobras.

Emily se sentou no tamborete estofado, frente a sua amiga, e pensou por onde começar.

—Decidi não me casar com o Charles.

—Que não... —Tarsy abriu a boca e lhe dilataram os olhos—. Mas, Emily, você e Charles são... bom, caramba! Vocês vão juntos... como o presunto e os ovos! Os pêssegos e a nata!

—Em realidade, não.

—Quererá morrer quando o disser.

—Já sabe.

—Sim?

—Sim.

—O que disse?

—Estava muito zangado... e magoado.

—Imagino. —Manuseou as dobras da saia—. Caramba, conhecem-lhes de toda a vida. Que motivo lhe deu?

—O único verdadeiro: que o amo mais como a um irmão que como a um marido.

Tarsy o pensou e depois disse em um murmúrio conspirativo:

—Mas, Emily, como sabe se você nunca…? Quer dizer... —encolhe os ombros e lhe dirigiu um olhar ingênuo—. Você nunca... —Projetou a cabeça para frente—. O fez...?

Emily se ruborizou, mas respondeu:

—Não.

—Bom, pois nesse caso se sentiria de outro modo. —apressou-se a acrescentar—: depois de se casar, quero dizer.

—Não, estou segura de que não.

—Como sabe?

—Porque... —Colocou as mãos entre os joelhos e prosseguiu—:

Porque sei como é quando na verdade ama a alguém.

O rosto de Tarsy se iluminou como um abajur de gás. Elevou as sobrancelhas com expressão ávida e se tornou para frente.

—OH, Emily... quem?

Era irônico enfrentar-se a uma mulher do esmero de Tarsy: o patinho feio dizendo ao cisne que tinha conquistado ao macho. Irônico e atemorizante. Emily se sentiu como se o coração lhe saísse do peito quando respondeu sem rodeios:

—Tom.

—Tom? —repetiu Tarsy em voz deprimida.

Seu semblante se apagou e se ergueu cautelosamente, como com relutância a assimilar a verdade.

—Sim, Tom.

—Tom Jeffcoat?

A bonita boca se contorceu.

—Sim.

—Mas ele é...

Interrompeu-se antes de concluir: meu. Contudo, a palavra flutuou no ar, entre as duas mulheres. De repente, a tensão formigou dentro de Emily ao presenciar a luta de Tarsy para entender. Por seu rosto passou toda uma gama de emoções: incredulidade, dúvida e, por último, diversão. Elevando os braços, atirou-se de costas na cama, com o que os seios tiraram o chapéu: esta mulher não acreditava que uma veterinária de peito plano, tão pouco feminina, que não sabia nada de encantos, provocação nem paquera, não era páreo para ela. Que homem escolheria a uma mulher que admitia detestar o trabalho doméstico e desdenhava a maternidade? Não era que Tarsy estivesse muito ansiosa por encarar nenhuma das duas coisas, mas Tom jamais saberia até que ela estivesse confortavelmente instalada em sua cama pelas noites.

—Você? OH, Emily... —Tarsy riu, de cara ao teto, até que o colchão começou a sacudir-se. Apoiou-se em um cotovelo e o queixo no ombro. A cabeleira loira se derramava sobre um braço e os olhos feiticeiros adquiriram um brilho crédulo—. Emily, se quiser que um homem como Tom Jeffcoat se fixe em ti, terá que trocar essas botas fedorentos por sapatos abotoados, e aprender a frisar o cabelo e a usar vestidos em lugar dessas malfadadas calças. —apoiou-se em ambos os cotovelos e os seios voltaram a se sobressair. Balançando as pernas, decidiu ser generosa com os conselhos—. E não te viria nada mal usar um espartilho que... bom, já sabe... ajudaria a te dar um pouco de forma aqui. No que se refere a confessar que você não gosta das tarefas domésticas e que não quer ter...

— Vou casar me com ele, Tarsy.

As pernas deixaram de balançar-se. Fechou os lábios com força e empalideceu. No quarto se fez um silêncio confuso, até que Emily continuou com a maior suavidade possível.

—Queria ser eu quem lhe dissesse isso, antes que se inteirasse por outra pessoa, certamente seria, ou seja, assim que saísse de sua casa.

—Você... se casar com Tom! —levantou-se de repente, pálida—. Não seja absurda! Se vós dois não poderiam nem recitar o Juramento de Lealdade sem discutir!

—Pediu-me e aceitei. Dissemos juntos ao Charles, ontem à noite, e eles dois tiveram uma terrível briga a murros, pelo que também vais inteirar-se. Em realidade, sinto muito, Tarsy. Não quisemos...

—Você, cadela traiçoeira de duas caras! —gritou Tarsy, saltando da cama—. Como se atreve! —Com todas suas forças, deu a Emily um bofetão tão forte que a fez inclinar-se, bamboleando o tamborete da penteadeira.

O coração de Emily se contraiu de choque e medo. Perplexa, endireitou-se e viu que o rosto de Tarsy adquiria um desagradável rubor.

—Eu o queria e você sabia! Sabia que pensava me casar com ele e te propôs apartá-lo de mim todo o tempo! Surrupiou-me informação pessoal privilegiada! —Raivosa, começou a passear pelo quarto, enquanto Emily, que nunca tinha sido testemunha de uma ira feminina de semelhante magnitude, sentia-se muito atônita para mover-se—. Aaaah! Vil... ardilosa...! —Girou abruptamente, e enfrentou Emily, fazendo-a tornar-se atrás—. Deixou que te contasse coisas que não teria contado a ninguém. Jamais! —de repente, retrocedeu, emitiu um bufo malévolo e pôs os braços em jarras—. Bom, vejamos o que te parece isto como informação privilegiada, senhorita Judas Walcott! O que te fiz acreditar faz uns meses é mentira. Talvez você seja virgem, mas eu não! Fi-lo! Com seu precioso Tom Jeffcoat, que não pôde aceitar uma negativa! Leve isso a seu leito nupcial e dorme com isso! —Desfrutando de sua malevolência, jogou a cabeça atrás e lançou uma gargalhada desdenhosa—. Adiante, se case com ele, pouco me importa! Se Tom Jeffcoat quiser a um monstro que se veste de homem e cheira a esterco de cavalo, pode ficar contigo. É exatamente o que ele merece! Ora! Possivelmente não tenha, sequer, o equipamento apto a gerar meninos! —A expressão foi de ódio—. E agora, vá embora!... Vá embora!

Aferrou a Emily da jaqueta, fê-la pôr violentamente de pé e a jogou pela porta.

—Meninas, meninas, meninas! —A senhora Fields chegou soprando ao alto da escada—. O que são esses gritos?

—Fora! —vociferou Tarsy, empurrando Emily além da mãe, fazendo-a

chocar contra o corrimão e baixar dois degraus.

Emily se agarrou pelo corrimão para não cair até abaixo.

—Tarsy, não é justa. Queria que o falássemos e...

—Não volte a me falar nunca mais! E pode lhe dizer a esse porco repelente de Tom Jeffcoat que não lhe arrojarei nem uma crosta de pão embora morra de fome sentado a sua mesa, coisa que lhe acontecerá muito em breve, pois não sabe um cominho de cozinha! Mas depois o descobrirá, além disso, do fato que o único que te importa são esses estúpidos animais! Bom, vá embora! Que esperas, parada aí como uma atrasada, com a boca aberta. Sai de minha casa!

Emily fugiu, desmoralizada. Enquanto corria pelo pátio de Tarsy, tragava as lágrimas mastigando réplicas tardias, contendo a dor até que pudesse encontrar um lugar privado onde chorar a sós. Mas, onde? Fannie estava na casa. Seu pai, no estábulo.

Foi ao estábulo de Tom e entrou no edifício em cuja porta pendurava um pôster que dizia: "Hoje, fechado". Receberam-na os aromas familiares a feno e a cavalos, a linimento e couro. Subiu ao mezanino e se derrubou sobre o feno. Ao princípio, estoica como uma Índia, sentou-se flexionando os joelhos contra o peito e abraçando-lhe com força, tentando aliviar essa espécie de banda de tristeza que lhe oprimia as costelas como se fosse romper se as balançou-se com impulsos curtos e suaves, os olhos secos, sentindo que a dor puxava das cordas vocais e fazia arder o nariz e a garganta. Muito dentro, sacudiram-lhe as vísceras uns tremores diminutos e as coxas ficaram tensas. Apertou-os mais contra o peito e, quando a avalanche de tristeza cedeu, apoiou a testa nos joelhos.

Chorou amargamente, magoada, degradada, desmoralizada.

Acreditei que era minha amiga, Tarsy. Mas as amigas não se machucam entre si desta forma, de propósito.

Enquanto seus soluços rasgados ressonavam no mezanino e sacudiam os ombros da moça, voltava a ouvir uma e outra vez as ofensas de Tarsy. Um monstro de peito plano que se veste como um homem e cheira a esterco de cavalo e que talvez não tenha o equipamento apto para engendrar filhos. Uma atrasada.

À medida que as ofensas se amontoavam, compreendeu que a amizade de Tarsy sempre tinha sido falsa. Esse dia revelou seus autênticos sentimentos, mas, quantas vezes teria rido a suas costas, a teria ridicularizado, rebaixado, até entre o grupo de amigos comuns?

E como se essas afirmações vingativas não fossem suficientes, arrojou-lhe a última flecha envenenada e esta foi direto ao coração de Emily.

A fim de contas, ela e Tom tinham sido amantes.

Chorou até que lhe doeu todo o corpo, até cair de lado e se enroscou em uma bola apertada. *Tarsy e Tom juntos*. Por que doeria tanto sabê-lo? Mas doía. Quanto doía! Saber não era o mesmo que supor. "OH, Tarsy, por que me disse isso?"

Chorou até ficar dormente de dor, até ficar com a cara torcida, a face irritada de esfregá-la contra o feno e os músculos do estômago lhe doíam com apenas tocá-los. Quando passou o pior da crise, ficou apática, sacudida pelos últimos soluços, contemplando sua própria mão lassa que estava palma acima sobre o feno. Fechou os olhos e os abriu de novo porque assim lhe doíam menos. Quanto tempo levava aí? O suficiente para que a sentissem falta dela. Mas ficou, esmagada pela apatia maior que tinha sentido até então, contemplando-a mão, abrindo e fechando os dedos sem motivo aparente.

Chegou o momento em que lhe esclareceram pensamentos.

Possivelmente o método dos homens fosse mais civilizado. Uma imediata e limpa briga a murros seria preferível a este veneno insidioso e persistente que lhe tinha inculcado Tarsy com suas palavras. Agora entendia por que tinham brigado os homens. Se fosse possível, ela também o faria; voltaria para casa de Tarsy, receberia dez golpes no queixo, uma fratura de costelas e se iria a sua própria casa curar as feridas como eles o faziam nesse momento. Em troca, ela passaria anos sofrendo por suas deficiências como mulher e porque Tom tivesse preferido a outra no que a sexo se referia. Suspirou, fechou os olhos e ficou de costas, com as mãos sobre os ouvidos.

Tarsy e Tom foram amantes.

Esquece-o.

Como?

Não sei, mas se não o obtém, Tarsy terá ganhado.

Já ganhou, e ambos saberemos em minha noite de bodas.

Foi com sua angústia a Fannie, que estava na cozinha preparando sopa de frango com macarrão.

—F-fannie, posso falar contigo?

Fannie, que estava jogando macarrão em uma panela de água fervente, deu-se a volta.

Por muito que se esforçou, não pôde conter as lágrimas, que começaram a lhe brotar, enquanto lhe crispava o rosto.

—Querida, o que te passa?

Limpou-se as mãos e correu para ela.

—OH, Fannie... —Agradecida, Emily se precipitou nos braços da

mulher—. Se trata de Tarsy. —Passaram uns momentos antes que pudesse continuar—. Venho de sua casa. Contei-lhe que ia casar-me com o Tom e... e se encheu de ódio. OH, Fannie, ab-esbofeteou-me e me disse as coisas mais horríveis. Acreditei que era minha a-amiga.

—Era-o. É-o.

Emily sacudiu a cabeça.

—Não, já não. Disse-me coisas terríveis, a propósito para me ferir.

O coração de Fannie se oprimiu de compaixão. Abraçando-a, amou-a com maternal intensidade simplesmente porque era do sangue de Edwin. Sentiu-se privilegiada por compartilhar os filhos de Edwin, inclusive em uma situação dolorosa como essa.

—O que te disse?

Emily descarregou seu coração, sem reservar-se nada. Quando terminou, tinha outra vez o rosto e os olhos inchados de chorar.

—Não entendo como pôde haver-se voltado contra mim desse modo. Sei que ama Tom, sei, e lamentei ter que... machucá-la, mas o que ela me disse foram coisas malévolas, com intenção de infligir todo o dano possível.

—Ah, querida, é duro crescer, verdade? —Fannie embalou e balançou a moça que, em outras circunstâncias, teria sido sua própria filha—. Já pagou um preço por seu amor e se pergunta se ele o vale. —Jogou-a atrás com suavidade para olhá-la aos olhos transbordantes de lágrimas—. O vale?

—Assim pensava... até hoje.

—Querida, o que tem que fazer é pesar o fato de havê-lo ganho com a perda de Tarsy. Você sabia que ia doer-lhe, até antes de dizer-lhe

—Sim, mas tinha trocado tanto. Pensei que tinha amadurecido e se converteu... converteu-se em... —Resultava-lhe difícil definir as mudanças de Tarsy—. Como ajudou no funeral, como deixou de dramatizar tudo. Eu gostava da nova Tarsy. Acreditei que tinha uma amiga para toda a vida.

Fannie encontrou um lenço e lhe secou as faces.

—É uma mulher rechaçada. As mulheres rechaçadas são criaturas perigosas. Por estranho que te pareça, embora pensasse que tinha trocado, a mim sua reação parece muito de acordo com seu caráter. Descarregou sua ira sobre ti, insultou-te e te machucou com insinuações referidas a ela mesma e ao homem que amas. A questão é o que pensa fazer a respeito.

—O que fazer?

—Pode lhe acreditar e deixar que te corroa por dentro como um

verme em uma maçã. Ou pode raciociná-lo e aceitar o fato de que, embora ao Tom tenha gostado, inclusive a tenha amado, se na verdade agora ama a ti, não te despoja de nada desse amor. Nada.

Os olhares de ambas se encontraram e essas palavras ressonaram no coração de Emily. Quem saberia mais que Fannie com respeito a um homem que tivesse amado verdadeiramente a duas mulheres?

—Quero te pedir um favor —disse Fannie, tomando a mão—. Quero que me prometa que, a próxima vez que veja o Tom não lhe espetará isto, que te dará tempo, possivelmente um dia ou dois para decidir, inclusive, se o diz. Far-me-á esse favor?

Quase em um sussurro, Emily aceitou:

—Sim.

—E quero que faça outra coisa.

—Que coisa?

—Sela um cavalo e vá cavalgar. Neste momento, necessita muito mais isso que a sopa de frango com macarrão.

Como queria evitar a seu pai e as perguntas que, sem dúvida, provocariam seus olhos avermelhados, foi outra vez ao estábulo Jeffcoat e selou Buck, o baio claro de Tom. Tirou-o fora, nesse meio-dia que não se decidia entre ser ensolarado e nublado. Abotoou a jaqueta até acima, colocou o cabelo na boina de Frankie, calçou as manchadas luvas de couro e montou. Encaminhou-se em direção oposta ao estábulo de Edwin, rodeou todo o povoado e se dirigiu para as terras altas ao passo de Buck.

Pensa em outras coisas. Olhe ao redor... a vida segue.

No céu, os corvos giravam, grasnavam e pareciam açular ao cavalo e ao cavaleiro enquanto os acompanhavam montanha acima. Um par de arminhos incautos saíram reptando de uma armadilha e depois saíram correndo para baixo. Sobre um atoleiro congelado, assobiavam duas paradas carboníferas de cabeça negra, inclinando as cabeças. O ruído dos cascos de Buck que quebravam a capa de neve ressonava como disparos de pistola no dia frio e quieto. O ar invernal refrescava as faces ardentes de Emily e o sol lhe enfraquecia os ombros. Umas matas de salvia se encolhiam grudadas à terra, como renda negra contra a neve muito branca. Debaixo, um cervo tinha afastado a neve deixando grandes retalhos de erva ao descoberto. Emergiam em espiral as pontas dos caules, conectados pela rede dos rastros de ratos que pareciam hieróglifos sobre a neve. Os corvos se tornaram audazes e bateram as asas perto, com as asas tão negras como o cabelo de Tom.

Certamente, Tarsy tinha passado os dedos por ele mais de uma vez.

Lembra-te quando se esfregava contra sua calça, quando jogaram a Pobre Gatita? Como se beijaram ao pagar a prenda e as mãos de lhe acariciaram as costas? Quanto tempo foram amantes? Com que frequência? Se eu não for tão boa como ela... e não é possível que o seja, ele se decepcionará e a buscará outra vez ela?

Emily cavalgou com a cabeça pendurando até que o tangido do vento a tirou de sua abstração.

O vento tange?

Levantou a cabeça no mesmo momento em que Buck parou e viu que estava à beira de um prado, e que ante ela pastavam os restos de uma manada de búfalos. Ficavam poucas dessas grandes bestas e se considerava os superviventes como lindas relíquias. Nunca as tinha visto de perto e ficou quieta, temerosa das afugentar. Chutando a neve, saqueando o que havia debaixo, estavam de garupa até que um macho velho voltou a cabeça e a olhou com um olho negro de expressão cautelosa e advertiu aos outros. Como se fossem um, lançaram-se a correr, feios, peludos, gibosos, de caras desagradáveis, pelos empelotados e hirsutos. Mas, de repente, moveram-se concertadamente afastando-se, levantando centenas de lascas de gelo faiscantes que lhes penduravam dos flancos e tilintavam como uma orquestra de tubos de carrilhão. O sol reverberou sobre eles como se fossem prismas e o som flutuou sobre o prado nevado em um doce eco.

Emily o ouviu e, por um momento, seus pesares se aliviaram ao encontrar-se com um quadro de inesperada beleza em um lugar como esse.

Ficou contemplando aos búfalos até que o tinido se perdeu ao longe e tudo ficou em silêncio.

Deixando escapar um pesado suspiro, sem saber a que se enfrentaria a próxima vez que visse o Tom, esporeou os flancos mornos e disse:

—Vamos, Buck, voltemos para casa.

Capítulo 19

Todo o dia, Tom esperou ter notícias de Emily, mas não soube nada. Às três da tarde, rodou fora da cama com a velocidade e a agilidade de um iceberg. Ohhh, Santo Céu, como doía. Sentou-se no bordo do colchão com os olhos fechados, respirando agitado, reunindo coragem para levantar-se.

Da próxima vez bate em um homem menor que Charles Bliss. Cautelosamente, ele levantou-se, com os joelhos dobrados, segurando o rodapé e esperando que a dor que martirizava seu peito parasse.

Maldito sejas, Bliss, espero que te doa tanto como a mim. Uma camisa. Lentamente, ele colocou um braço ... o outro ... Senhor Todo-Poderoso, algo está sendo dilacerado aqui!

Por fim, conseguiu vestir a camisa e descobriu que lhe doíam as mãos ao abotoar-lhe olhou-se: que nódulos tão lamentáveis, negros e roxos, inchados como bolos de fruta. Quando vestiu as calças e as botas, jurou que nunca mais brigaria, mas quando estava a meio caminho do estábulo, começou a mover-se com mais facilidade.

Na porta estava cravada a nota de Emily: "Hoje, fechado". Olhou atrás, à frente do local de Edwin e ali viu Charles imóvel, observando-o. No dia anterior, Tom o teria saudado com a mão; esse dia, conteve-se com esforço. Passaram os segundos e os dois homens se mediram com a vista, até que Tom deu a volta e entrou.

—Emily? —chamou.

Só lhe respondeu o silêncio.

Estaria no estábulo do pai? Esteve Charles com ela minutos antes? Ele esteve aqui? Se viviam no mesmo povoado, tinha que acontecer.

Jogou um olhar à plataforma, à porta do pesebre que abriram durante a briga, o lugar onde Charles esteve sentado, apoiado na parede, e o

alagou uma quebra de onda de arrependimento. Os amigos eram uma mercadoria preciosa e perder um doía como todos os diabos.

Realizou todas as tarefas miúdas que pôde para passar o tempo até o anoitecer, mas Emily seguiu ausente. Deu o jantar aos cavalos e, como tinha que mover-se com lentidão, levou-lhe o dobro de tempo e deu voltas até bem passado o anoitecer, mas ela ainda não aparecia. Pensou em ir ao hotel para jantar, mas desistiu, imaginando as perguntas que, sem dúvida, provocaria sua cara torcida e arroxeada. Por fim, foi a casa, comeu um pouco de pão e salsichas, e se deitou.

Esperava que Emily aparecesse ao dia seguinte, mas se decepcionou outra vez. Ao anoitecer, caminho à casa do trabalho, passou pela casa dos Walcott, viu luz nas janelas e amaldiçoou pelo baixo, sem saber por que. Embora, pensando-o melhor, os motivos resultaram muito claros: tinha perdido a seu melhor amigo, a moça que amava dava sinais de retrair-se e o pai dela estava francamente aborrecido com respeito ao casamento de ambos.

"Bom, Edwin, terá que se acostumar", pensou Tom, desafiante, ao subir os degraus do alpendre e bater na porta.

Atendeu Frankie, com a boca manchada de gordura.

—Emily está?

—Está jantando.

—Pode chamá-la, por favor?

—Emiliiiii, aqui está Tom! —vociferou, e depois lhe perguntou—: A sério vais casar-te com ela, em lugar de Charles?

—Assim é.

—E então, com quem vai casar Charles?

Tom sorriu ante o interesse da ingênua pergunta: como se esse fora todo o problema.

—Não sei, Frankie. Espero que encontre a uma garota tão agradável como sua irmã.

—Parece-te que é agradável?

Levantou o nariz.

—Espera dois ou três anos mais e descobrirá que não é a única garota agradável que há no povoado. É provável que te cruze com uma dúzia que lhe farão voltar a cabeça.

—Olá, Tom —o saudou Emily em voz baixa.

Tinha aparecido em silêncio e estava de pé, com as mãos cruzadas à costas. Levava um singelo vestido negro de gola alta, sem adornos, que acentuava a palidez do rosto e o contraste com as sobrancelhas e as pestanas negras. O cabelo era mais bonito do que ele recordava,

recolhido para trás com pentes de prender cabelos, como cachos de meia-noite caindo sobre o singelo pescoço redondo. Parecia a quinta essência da mulher de luto, pois não sorria nem fazia gestos, mas sim olhava ao Tom com cortês reticência.

—Olá, Emily. —contemplaram-se e Tom sentiu nas vísceras que algo errado passava, mas não soube o que—. Lamento te interromper o jantar.

—Está bem. —Olhou ao irmão—. Frankie, diga a papai e a Fannie que volto em um minuto.

—É certo que vais casar-te com ele em lugar de Charles?

—Frankie, pode se retirar!

O menino desapareceu e Emily o convidou a entrar:

—Passa —mas nem a voz nem a expressão eram cordiais.

Tom entrou e fechou a porta com mais cuidado do necessário, dando-se tempo para recuperar o equilíbrio emocional. Assim que Emily dobrou a esquina Tom compreendeu que estava realmente desagradada com ele. Quando a olhou outra vez, soube que, fosse o que fora o que acontecia, era fundo e intenso nela. Sentiu um golpe de apreensão que, imediatamente, transformou-se em um presságio ao vê-la recatada, longínqua, sombria, com as mãos unidas as costas.

—Como está? —perguntou a jovem, cortês.

—Por que não foste casa depois de falar com Tarsy?

—Estive ocupada.

—Todo o dia de ontem e hoje?

—Estive estudando. Tinha que fazer uma prova sobre enfermidades do sistema nervoso nos cavalos e é difícil recordar todos os termos.

Os olhos de Tom, preocupados, buscaram-lhe e lhe sustentaram o olhar:

—Emily, o que acontece?

—Nada.

Mas baixou a vista e as comissuras dos lábios se projetaram para baixo.

—O que disse Tarsy?

Emily roçou o bordo do friso de madeira que revestia a parede, junto à porta e falou olhando-a gema dos dedos.

—O que esperava. Estava furiosa.

Tom tomou a mão.

—O que disse?

—Expulsou-me.

—Sinto muito.

Emily retirou a mão, ainda sem olhá-lo.

—Suponho que teria que havê-lo esperado. Não é a garota com mais tato nem melhores maneiras do mundo.

—Emily, não me respondeste. Quero saber o que disse. Quando foi ontem, pela manhã, estava razoavelmente feliz e disse que iria falar com ela. Agora, dois dias depois, chamo a sua porta e me pergunta "como está", com a mesma cortesia com que trataria ao reverendo Vasseler. E não me olha nem me segura pela mão. Tarsy te disse algo, eu sei. O que foi?

Quando Emily elevou os olhos para ele, tinham uma expressão de fundo desencanto.

—O que acredita que disse, Tom?

Olhou-a carrancudo, confundido, uns segundos, até que compreendeu que o que tinha passado entre as duas, fora o que fosse, não saberia por Emily. Endireitou-se e afirmou, teimoso:

—Está bem, o perguntarei eu mesmo.

—Como quiser — repôs com frieza.

O temor o atendeu. O que tinha feito? O que foi o que fez trocar a Emily de maneira tão drástica, em menos de quarenta e oito horas? Aturdido, tomou a mão e se aproximou, mas Emily não elevou a vista.

—Emily, não seja assim. Fale-me, me diga o que é o que está te incomodando.

—Será melhor que volte a jantar.

Soltou-se de novo e pôs distância entre os dois.

—Ver-te-ei amanhã?

—É provável.

—Quando? Onde?

—Bom, não sei, eu...

—Posso vir depois do jantar? Poderíamos ir caminhar ou a cavalgar.

—Está bem —aceitou, sem entusiasmo.

—Emily...

Mas se sentiu perdido, abandonado, sem suspeitas a respeito de qual poderia ser seu engano. Aproximou0se uma vez mais e a puxou pelos ombros para beijá-la, mas nesse momento falou Edwin do outro extremo da sala.

—Emily, o jantar está esfriando.

Tom suspirou, sentindo-se maltratado, e a soltou. Apertou os dentes, observou a sua noiva com crescente insatisfação e se adiantou para que Edwin pudesse vê-lo.

—Boa noite, senhor —disse com formalidade.

—Tom.

—Só passei para saudar Emily.

—Sim, bom, é a hora do jantar. —Assinalando com um guardanapo branco para o comilão, repreendeu à filha—: Emily, não demore.

Quando se foi, Emily murmurou:

—Será melhor que vá, Tom.

De repente, lhe esgotou a paciência e não se esforçou por dissimulá-lo. Retrocedeu, deu um puxão irritado à aba do chapéu e disse:

—Está bem, maldição, vou!

Abriu a porta com força suficiente para levantar bolas de pó e a fechou atrás dele com a mesma força. Quando se ia, sem um beijo de despedida, sem ter recebido as boas vindas, jogado como um cão e muito assustado, seus passos ressonaram com violência sobre o chão do alpendre.

O que teria passado? Que demônios teria passado? A pernadas pelo atalho coberto de neve, Tom sentiu que sua irritação crescia de ponto. Mulheres! Jamais teria esperado que Emily se comportasse como uma garota zangada, sem explicar por que. Dois dias atrás, tinha brigado por ela e acreditou que a tinha conquistado e entretanto o tratava com a frieza da água do banho em segunda volta. Algo tinha passado para fazê-la trocar assim, e se não foi Tarsy, então, o que?

Maldita Tarsy! Tom deu um giro decisivo a sua atitude. Essa garota havia dito algo e se propunha averiguar do que se tratava!

Uns minutos depois, quando bateu na porta, os golpes ressonaram em toda a parede. Abriu-lhe a mesma Tarsy, mas assim que abriu uns centímetros e viu quem estava de pé no alpendre, tratou de fechá-la outra vez. Tom colocou o pé dentro e a aferrou pela mão.

—Quero falar contigo —lhe disse em voz áspera e monocórdia, sem preâmbulos—. Toma um casaco e sai.

—Pode ir ao inferno em um bote!

—Hei dito que tome um casaco!

— Solte-me a mão, está me machucando!

—Que Deus me ajude, mas se não sair lhe romperei isso!

—Solte-me!

Deu-lhe um puxão tão forte que lhe sacudiu a cabeça.

—Está bem, se congele!

Sem esforço, fê-la girar para o alpendre escuro, fechou a porta de um golpe e se plantou diante.

—Agora, fala —lhe ordenou, ameaçador.

—Canalha! —Esbofeteou-o com tal violência que a cabeça lhe golpeou contra o marco da porta e lhe ressonaram os ouvidos—. Você, come lixo, traidor, pobretão!

Chutou-lhe a tíbia.

Quando se recuperou da surpresa, sujeitou-a pelos antebraços e os cruzou sobre o peito, arrojando-a contra a parede.

—É uma dama, Tarsy! —pronunciou com desdém, o nariz pego a dela.

—Você sabe que não quer uma dama, Jeffcoat! Quer algo que se veste como um arrieiro de mulas e cheira a merda de cavalo! Bom, conseguiu-a e pode ficar com ela! É o mais triste arremedo de mulher que tenha visto este povoado e espero que os dois murchem juntos!

—Tome cuidado, Tarsy, porque estou a um passo de te dar uma amostra do que dei a Charles a outra noite! Agora, me conte: o que disse a Emily?

Tarsy lhe dirigiu um sorriso debochado. Levantou o queixo e os olhos lhe brilharam com uma luz vingadora:

—O que acontece, amorzinho, já não está tão ansiosa por deixar que a manuseie? Não quer desabotoar-lhe os calções, ou acaso usa a mesma roupa interior inteiriça que os moços?

Apertou-lhe os braços com tanta força que as costuras das mangas se romperam.

—Está falando da mulher com a que vou casar e faria bem em recordar que os homens não nos casamos com as que se deixam manusear.

Tarsy dilatou as fossas nasais.

—E você possivelmente descubra que as mulheres não se casam com homens que provam a outras.

—Disse-lhe isso!

—Por que não? Poderia ter sido verdade. Em muitas ocasiões o desejou.

—Cadela mentirosa! —disse-lhe entre dentes.

—Qui-lo, Jeffcoat —se gabou, com maliciosa satisfação—. Dúzias de vezes me tocou como jamais permiti que o fizesse outro homem e você adorou. Ficava tão quente que me parecia ver brotar vapor de suas

calças... qual é a diferença, pois! Conhece meu corpo melhor que o seu e não penso deixar que o esqueça, porque me cravou uma faca nas costas. Queria me casar contigo, mulherengo! Casar-me contigo! Ouve-me? —gritou, com os olhos transbordantes de fúria—. Se eu não posso te ter, ninguém mais poderá. Espera e verá o que recebe dela a noite de núpcias!

Tom nunca tinha odiado a nenhum ser vivente com semelhante intensidade. Cresceu dentro dele como lava, subindo para a superfície, lhe provocando um entristecedor desejo de castigar. Mas essa garota era suja... não valia a pena que se sujasse as mãos. Deixou-as cair, incapaz de suportar o contato um instante mais.

—Sabe? —comentou-lhe em voz baixa—. Compadeço ao pobre boneco de pano que consiga apanhar. Isso não será um matrimônio: será uma condenação a cadeia perpétua.

—Ora! —ladrou—. Pelo menos saberá que está na cama com uma mulher!

—Cale-se!

A atitude de Tom trocou de repente, passou da hostilidade à vigilância, inclinando um ouvido para o povoado.

—Não pode aceitar... ?

—Silêncio! —A briga com Tarsy terminou tão rápido como começou—. Escuta! —voltou-se para os degraus do alpendre e esquadrinhou na escuridão—. Ouviu isso?

—Que coisa?

Os ruídos chegaram flutuando do povoado, que estava mais abaixo: um sino que tangia clamorosamente e o acompanhamento longínquo de gritos inquietantes. Tom subiu os degraus e aguardou, tenso, observando o céu que se abatia sobre o povoado.

—OH, Meu deus —murmurou—. Fogo.

—Fogo?

Dando um salto, transpôs os cinco degraus e caiu no pátio, lançando-se a correr.

— Avise a seu pai! Rápido!

Não esperou nem lhe importou se Tarsy o seguia. Dominou-o o instinto e correu atropeladamente atravessando o pátio para a rua, e por ela até a zona comercial do povoado, onde já um resplendor alaranjado iluminava o céu. O local de quem? O local de quem? Se não era na rua Grinnell, estava muito perto. Correu, impulsionado pela adrenalina, sem fazer caso da dor que lhe transpassava as costelas a cada choque dos talões com o chão a gelado. O coração martelava. Ardia-lhe a garganta. Quase se deixou cair em prumo colina abaixo, sentindo que a rua caía

debaixo dele, até que as casas lhe cortaram a linha do horizonte e perdeu de vista a cúpula dourada que florescia no céu noturno.

Mais adiante, ouviam-se gritos de pânico. Fogo! Fogo! O tangido frenético de um segundo sino se uniu ao primeiro. Ao redor de Tom se abriam as portas das casas e a gente saía aos pátios dianteiros e corria como enfeitiçada, sem incomodar-se em procurar um casaco. "De quem é o local?", perguntavam todos, com vozes agitadas de correr colina abaixo.

Não sei. Tom não soube se respondeu em voz alta ou só para seus adentros. Suas pernas se moviam como engrenagens de aço. Ressecaram-lhe os olhos. Queimavam-lhe os pulmões.

O homem que corria detrás dele ficou a abrir portas na rua Burkitt, gritando dentro das casas. Em algum lugar, o longínquo tinido de um triângulo, desses que se usavam para chamar a comer, uniu-se ao tangido dos sinos da igreja, mas Tom quase não os ouviu. Perto do princípio da rua Burkitt, uniu-se a uma massa de pessoas que se puseram em movimento tão subitamente como ele. ouviram-se mais fortes as pisadas, que cresciam em número à medida que a multidão se aproximava da rua Main, onde os que corriam se concentraram chocando entre si como um rebanho em correria.

De quem é o local? De quem é?

A multidão passou ante o hotel Windsor e lhe uniram cinco homens que saíam correndo daí com os braços carregados de mantas, e um contingente de mulheres com baldes.

—Parece que é em um dos estábulos.

Alguns corriam muito para gastar o fôlego em especular. Outros, sopravam e foram passando a palavra que ameaçava aspirando o ar de Tom à medida que ia correndo.

Estábulos!

Em meio de uma névoa de temor e o rugir de seu próprio pulso, ouviu retalhos de outras palavras... é um incêndio grande... tem que ter sido o feno...

Cheirou-o a três quadras. Dois antes, soube que não era o estábulo de Edwin. Da esquina da rua Grinnell viu as chamas que já estavam devorando os flancos de seu próprio estábulo.

OH, Jesus, não!

—Tirem os cavalos! —gritou, quase cem metros antes de chegar, correndo como um louco—. Tenho uma égua prenha aí dentro!

Adiante, viu figuras que pareciam homens de fósforos carbonizados, passando ante o edifício em chamas enchendo baldes, formando uma brigada, bombeando água da cisterna que estava na calçada. O

vermelho carro de incêndios, com os três sinos soando, aproximou-se balançando-se sobre os sulcos gelados diante de Tom, puxando por homens que corriam, pois teria levado mais tempo enganchar os cavalos que levá-lo a pulso do abrigo onde o guardava, a duas quadras de distância. Passou-o e alcançou o centro do tumulto no preciso momento em que alguém tirava Buck. O potro retrocedeu assustado, enquanto o sujeito tratava de acalmá-lo e levá-lo a lugar seguro.

Tom gritou, frenético:

—Minha égua! Alguém pôde tirar minha égua?

—Não! Não há nenhuma égua! Até agora, só o potro!

Outra voz gritou:

—Acionem as bombas! Estendam essa mangueira!

Doze voluntários aferraram as manivelas do velho carro de incêndios União, mas era uma antiga bomba, fabricada em 1853, e não respondia às normas da época. Quando o insignificante jorro de água caiu do pico da mangueira, Tom gritou:

—Apontem o jorro à direita! A fêmea está no terceiro pesebre!

Outra voz exclamou:

—Bombeiem, moços, bombeiem!

Os homens trabalharam em excesso furiosamente a ambos os lados do carro de incêndios, acionando as manivelas de madeira. Os cavalos relinchavam aterrados. Os homens davam ordens a gritos. Os cães ladravam. As mulheres formaram uma brigada de baldes para voltar a encher o tanque da velha bomba União, enquanto as outras mantinham apartados aos meninos, para que observassem de longe.

—Quem está tirando meus cavalos? Alguém está ocupando-se de meus cavalos?

—Tranquilo, moço... está muito...

— Tire as mãos de cima! —Arrebatou uma manta a um membro do contingente do hotel e correu para os da mangueira, vociferando—: Molhem-me! Vou entrar!

A bomba já tinha juntado bastante pressão e quando saiu o jorro de água, golpeou-o no peito. Um homem lhe sujeitou o braço, interpondo um momento entre a água e ele. Era Charles.

—Não pode, Tom!

Por uma fração de segundo, nos olhos de Tom brilhou o ódio.

—Maldito seja, Charles, não tinha por que fazer isto! Vá ao inferno! —Pondo o ombro, apartou-o com brutalidade e passou—. Sai do meu caminho!

—Tom, espera!

Apareceram Emily e Edwin em meio da confusão, agarrando Tom pelos cotovelos, lhe rogando, lhe advertindo, mas se livrou das mãos e correu ao abrigo em chamas.

Depois dele, Charles ordenou:

—Dêem-me uma dessas mantas!

—Não seja tolo, moço... !

—Edwin, você faça o que queira, mas eu não posso deixar morrer a esses animais sem tratar de salvá-los! Atire-me um pouco de água, Murphy!

—Papai, deixe ir! —gritou Emily, tratando de livrar-se de suas mãos, lutando ela também para conseguir uma manta.

—Vá à bomba! —ordenou-lhe seu pai—. Estando morta não lhe ajudará! Vá à bomba a ajudar às mulheres!

—Mas Buck está aí dentro e... !

—Já tirou o Buck!

—... e Patty, papai, está prenha!

—Emily, usa um pouco a cabeça! Vá procurar sua maleta. Se conseguem tirar algum animal mais, necessitá-lo-á. Depois, vá à bomba com Fannie e colabora para que a água siga correndo! Molhem mais mantas! Eu também entrarei!

—Papai! —Apanhou-lhe a mão. No meio do caos, trocaram olhadas assustadas—. Tomem cuidado.

O homem lhe apertou a mão e correu.

Dentro, Tom se encolheu sob a manta úmida, correndo em meio de muito fumaça. Imediatamente, arderam-lhe e lhe lacrimejaram os olhos, lhe impedindo de ver. A água o salpicava, vaiando ao dar contra a madeira em chamas. Doce Jesus, as vigas já ardiam e começavam a cair sobre o chão do mezanino! O aroma de couro queimado, madeira e esterco lhe ardeu no nariz. Enxugou os olhos com uma ponta da manta empapada e a esmagou contra a cara. Piscando os olhos, pôde distinguir o contorno de seu orgulho e sua alegria: um carro Studebaker novo que estava sobre a plataforma, onde o tinha deixado. Um punhado de escombros chamejantes caiu da capota de couro. Rodeado pelos chiados aterrorizados dos cavalos e os golpes surdos dos cascos, esqueceu-se de tudo o que não fossem seres vivos. Correu ao longo de uma fila de pesebres abrindo portas e gritando: "Arre! Arre! Vamos!". Depois percorreu o outro flanco, sem pensar em um animal em particular. Depois dele, alguns dos aterrorizados animais resistiam a sair das baias ou rondavam confundidos, temerosos de avançar para o fogo que rodeava as saídas. Abriu a última porta e se precipitou dentro, ficando

esmagado contra a parede por Bess, uma fêmea de olhos selvagens, que tentava dá-la volta nesse pequeno espaço. Atirou a manta sobre a cabeça da égua e, formando um molho sob sua mandíbula, arrastou-a fora. Aterrada, Bess cravava as patas dianteiras e relinchava.

—Maldição, Bess, virá, embora tenha que te arrastar!

Elevou-se um poderoso rugido que lhe encheu os ouvidos como um furacão: o feno que se acendia em algum lugar. Estirou uma perna e chutou Bess com força na virilha. O animal abanou o rabo com violência e levantou as patas de atrás, fazendo cair ao Tom, que tinha a manta obstinada. Golpeou com os tornozelos contra a parede mas, quando aterrissou, sem soltar a lã molhada, Bess se lançou a trotar, desesperado-se.

Quando saiu do abrigo em chamas, já estava arrancando a manta de cima do animal.

—Água! —gritou—. Mais água aqui!

Quando essa chuva caiu sobre ele, tirou o chapéu de couro, empapou-se o cabelo, encasquetou-se de novo o chapéu e baixou as mãos para que as luvas se enchessem de água. Deu a volta, protegido outra vez com a manta e se encaminhou de novo ao abrigo enquanto o jorro lhe açoitava as costas e corria como um rio gelado dentro de sua vendagem de gesso.

A três metros no interior do abrigo, chocou-se com Charles que saía.

—Tenho Hank! —gritou sobre o rugido do incêndio, levando da trela a um cavalo cinza de cadeira —. Tem tempo de tirar outro, mas nada mais!

Tom se equilibrou sobre o muro de calor e luz. Correndo, respirava através da manta, mas ainda assim, inalou e sentiu a fumaça acre e a madeira queimada. A queimação lhe chegou até os pulmões e acreditou que iriam explodir. Com os olhos irritados, chorosos, procurou e encontrou Rex, que o seguiu aliviado, sem resistir. Mas quando chegou fora, voltou-se e viu que uma viga na outra ponta do edifício se derrubava com estrépito em meio de uma chuva de faíscas que se converteu rapidamente em uma cortina branca de chamas. Emily se adiantou correndo para receber Rex.

—Não volte, Tom, por favor!

—Patty!

—Deixa-a! Não o obteria!

—Uma viagem mais!

—Não!

Agarrou-o por braço, mas se soltou e se encaminhou outra vez dentro.

—Água! —gritou Emily sem pensá-lo, ao ver que se ia—. Molhem-no!

Inspirando a última baforada de ar limpo, Tom ficou a manta sobre a cabeça e se agachou, enfiando dentro. A poucos metros da porta, alguém lhe fez uma rasteira desde atrás. Caiu à terra e se levantou de joelhos, indignado, olhando Charles que estava ajudando-o a levantar-se.

—Bliss, filho de cadela! O que está fazendo?

—Não entrará de novo!

—É claro que sim!

—Se o fizer, fá-la-á viúva antes que esposa!

—Então, cuida-a bem por mim! —gritou, equilibrando-se para as chamas antes que Charles pudesse detê-lo.

Emily presenciou a discussão contendo as lágrimas. Impotente, viu como Tom desaparecia no incêndio e depois, para seu horror, Charles se deu a volta e gritou aos homens da mangueira:

—Apontem-na a minhas costas!

O grito a tirou de seu estupor.

—Charles! Não! —exclamou, tratando de avançar, mas Andrew Dehart que apareceu com seu carro de água para ajudar a combater o incêndio, arrastou-a para trás.

—Não seja tola, moça!

—OH, Deus, Charles também não!

Desesperada, cobriu-se a boca com as palmas das mãos sujas. Mas Charles se meteu de cabeça no inferno, seguido por um insignificante jorro de água.

—Há um cavalo que necessita atenção —lhe recordou Dehart.

A inapetência, Emily voltou junto a Rex, que tinha um talho na cruz e uma queimadura em carne viva na garupa. Perto, alguém disse:

—Emily, aqui também há um que te necessita!

De repente pareceu que todos a necessitavam ao mesmo tempo. Com a garganta dura de temor, mergulhou-se no trabalho, substituindo as lágrimas pela eficiência, polvilhando queimaduras com ácido bórico, aplicando a outros uns unguentos especiais e até colocando uma vendagem rápida em um braço queimado, entre um animal e outro. Apareceu a égua prenha, levada por Patrick Haberkorn, mas estava muito queimada, louca de dor, os olhos selvagens e caminhando de flanco, aterrada.

—Procurem o Tom! —ordenou Emily, agarrando as bridas de Patty.

Já sabia que teria que sacrificá-la.

—Não sei onde está.

—Mas entrou em procurar Patty!

—Ela saiu sozinha.

Patty relinchou de dor, retrocedendo e fazendo perder o equilíbrio a Emily. Contemplou a cara de Patrick suja de fuligem e sentiu que a ameaçava um ataque de histeria. O fogo saltava e estendia suas línguas para o céu, elevando-se quinze metros em cima do teto do estábulo. Iluminava a noite com seu radiante brilho. Parecia queimar o céu e secar os olhos, e convertia os rostos em caricaturas alaranjadas de bocas abertas. A égua relinchou outra vez e recordou a Emily qual era sua responsabilidade.

— Consigam uma pistola —ordenou, em voz monocórdia.

Nesse momento, Fannie se aproximou dela, angustiada.

—Seu pai, não o viu...?

Emily se voltou para Fannie, sentindo como se uma banda lhe apertasse a garganta.

—Papai?

—Não saiu?

—Não sei.

Patrick lhe entregava a pistola e só podia concentrar-se em uma emergência cada vez. Tomou a arma, apoiou-a na cabeça da égua e puxou o gatilho. Fechou os olhos antes que se ouvisse o apagado estalo e se afastou para não ouvir o último fôlego da besta. Quando os abriu, viu o Fannie de cara ao inferno e se aproximou de tomar a mão e a olhar, ela também. As chamas atravessaram o teto e uma parte deste caiu sobre o mezanino onde se guardava o feno. Ouviu-se uma explosão quande tomou o fogo outra parte do palheiro. Em um tom que revelava seu choque e sua incredulidade, disse:

—OH, Deus, Fannie, Tom também está aí dentro!

Vendo a tragédia ante seus próprios olhos, as duas mulheres permaneceram de mãos dadas, impotentes. O calor lhes abrasava as caras. As lágrimas e as ondas provocadas no ar pelo calor lhes distorciam a visão do tremendo espetáculo, que dançava e ondulava contra o céu noturno.

Os homens formaram um cordão obrigando à multidão a manter a distância.

—Retrocedam... atrás!

Emily e Fannie caminharam para trás, aturdidas. Em algum momento, durante essa espera, apareceu Frankie, com os olhos dilatados de medo.

—Onde está papai? —perguntou, vacilante, tomando a mão da irmã

com a sua, menor, e a vista fixa no incêndio.

—OH, Frankie —se desesperou, ajoelhando-se e abraçando-o.

Apertou a face contra a de seu irmão e o reteve com força, enquanto o incêndio lhes iluminava as caras. Sentiu-o tragar e sentiu que lhe afrouxava a mandíbula enquanto contemplava o pavoroso espetáculo que tinham diante.

—P? —disse o menino em voz fica, com o corpo imóvel.

A Emily lhe contraiu a garganta, arderam-lhe os olhos e abraçou ao Frank com mais força. Brotavam-lhe lágrimas quentes, que o intenso calor evaporava antes que chegassem ao queixo. Junto a ela, Fannie olhava as chamas, chorando sem mover um músculo.

O caos que os rodeava era tão grande que nenhum dos três ouviu o Edwin até que os chamou desde atrás.

—Fannie! Emily!

Voltaram-se para uma.

—Papai!

—Papai!

—Edwin!

Frankie se equilibrou aos braços do pai, chorando a gritos. Emily se aferrou a seu pescoço, ao tempo que Fannie dava dois passos para ele, tampava-se a boca e começava a soluçar como não o tinha feito enquanto acreditava perdido.

—Papai! Pensávamos que estava aí dentro —gritou Frankie, e tanto ele como sua irmã se penduraram do pescoço sujo do pai.

Edwin soltou uma gargalhada afogada, comovida.

—Tirei dois cavalos pela porta traseira e os levei a nosso curral.

—OH, papai.

Emily não podia deixar de nomeá-lo.

Sem soltar ao Frankie, Edwin a rodeou com o outro braço.

—Estou bem —murmurou, emocionado—. Estou muito bem.

Olhou por cima dos filhos que lhe penduravam, e viu Fannie, os olhos transbordando lágrimas e a boca tampada.

—Você também o pensou? —perguntou, livrando do abraço dos filhos.

Abriu os braços e Fannie se refugiou neles.

—Graças a Deus —murmurou, fechando os olhos contra a face enegrecida—. OH, Edwin, acreditei que te tinha perdido.

O homem lhe posou a mão sobre o cabelo e a atraiu para ele, sem preocupar do círculo de olhares curiosos dirigidos para eles, dos vizinhos que eram testemunhas do abraço. Fannie foi primeira em apartar-se, com a frente sulcada por dobras de preocupação.

—Edwin, viu Tom ou Charles sair do outro lado?

Edwin dirigiu sua atenção para o edifício que, para então tinha começado a derrubar-se sobre si mesmo. Até os homens da bomba tinham desistido em seus esforços por combater o fogo. Os que se ocupavam da mangueira a sustentavam inerte, vendo que do extremo só brotavam umas gotas. junto à cisterna, as mãos das mulheres estavam quietas sobre a manivela da bomba, que se tinha esquentado pelo intenso calor. A seus pés estavam os baldes cheios, sem usar.

Edwin tragou saliva e murmurou:

—Deus querido.

Emily e Frank ficaram imóveis junto a ele, tendo-se das mãos, com a vista fixa no fogo.

Nesse instante, alguém chamou:

—Emily, vem, rápido! —Era o dono do hotel, Helstrom, que gesticulava, desesperado, e depois tomou o braço de Emily e a arrastou com ele—. Na parte de atrás. Esses dois homens estão aí, em uma pilha!

Todos correram: Emily, Edwin, Fannie e Frank, seguidos por muitos outros, que foram detrás de Helstrom transpondo a abertura da perto, rodeando o curral para a parte de atrás do edifício onde um grupo de homens se ajoelhou junto a um montículo onde jaziam os corpos inertes de Tom e Charles. Envoltos em mantas úmidas, os dois estavam esparramados sobre o chão, com os olhos fechados e as caras manchadas. O doutor Steele já se ajoelhava junto ao Tom e abria a maleta. Emily se ajoelhou junto a ele.

—Estão vivos?

Steele levantou uma pálpebra de Tom, colocou-se o estetoscópio nas orelhas e escutou com atenção.

—Jeffcoat sim, embora não respira bem. Deve ter inalado muita fumaça. Tragam neve! —pediu, ao mesmo tempo que iniciava um exame superficial.

Revisou o cabelo molhado e enredado de Tom, que tinha ficado protegido pelo largo Stetson de couro; a cintura, envolta no gesso úmido, eficaz como amianto; o tronco e as coxas, que estavam cobertos por grossa pele de ovelha, cujo forro tinha criado uma barreira protetora de água. Até o estreito espaço entre esta e as botas altas de couro tinha ficado intacto. Steele se certificou disso, a seguir lhe tirou as luvas, inspecionou as mãos de Tom e anunciou:

—Incrível. Nenhuma queimadura, nada mais que as sobrancelhas chamuscadas.

Enquanto Steele ia atender ao Charles, Emily se inclinou sobre o Tom, ainda muito angustiada por sua respiração. Inclusive sem empregar o estetoscópio, ouviu o estridente assobio que acompanhava cada respiração e viu quanto esforço faziam os pulmões.

Não morra... não morra... segue respirando... perdão... amo-te...

Depois dela, o doutor Steele anunciou:

—Bliss não corre perigo grave, embora tenha as mãos queimadas. Onde está essa neve que pedi?

Charles! Como pôde haver-se esquecido dele? Deu-se a volta e o viu deitado de costas contemplando as estrelas, com as mãos afundadas em baldes com neve. Quando se inclinou sobre ele, sorriu-lhe sem forças.

—Olá, Em —sussurrou.

—Olá, Charles —lhe respondeu, com voz afogada pela emoção—. Como se sente?

—Não sei muito bem. —Elevou uma mão frouxa para tocar o rosto, fazendo cair punhados de neve—. Acredito que ainda estou vivo.

A moça lhe baixou com suavidade o braço.

—Tem as mãos queimadas. Convém que as deixe metidas na neve até que o doutor Steele lhe possa enfaixar isso. Tirou-lhe com ternura a neve da face e, em voz trêmula, a ponto de chorar, repreendeu-lhe com carinho—: Tolo, querido... onde estavam suas luvas?

—Não parei a pensá-lo.

—Vós dois começam a ser muito problemáticos, sabe? Sempre terá que estar lhes curando em metade da noite.

O ferido sorriu languidamente e deixou que lhe fechassem os olhos.

—Sim, já sei. Como está ele?

—Ainda respira, não tem queimaduras, mas está inconsciente. Quem tirou quem?

Charles abriu outra vez os olhos, fatigado:

—Acaso importa?

Desse modo, soube que tinha sido Charles que tirou fora ao Tom. Lutou contra o coração transbordante de gratidão e perdeu a batalha por conter o pranto:

—Obrigado, Charles —sussurrou, inclinando-se para lhe beijar a testa.

Quando se incorporou, o jovem lhe disse em voz quebrada:

—Em?

Emily tinha um nó na garganta e, como não podia falar, olhou-o através das lágrimas que deformavam esse rosto querido, enegrecido, de barba chamuscada e olhos avermelhados.

—Ele acredita que eu iniciei o fogo. Diga-lhe que não o fiz. O dirá...?

—Shhh.

Tocou-lhe os lábios.

—Mas tem que dizer-lhe.

—Fá-lo-ei assim que volte em si.

—Recuperar-se-á, não, Em? Não vai morrer. —Pelas comissuras dos olhos se deslizaram lágrimas, riscando sulcos brancos que descendiam pelas têmporas. De repente, Charles rodou de flanco, agarrou-se à manga da jaqueta de Tom e se arrastou mais perto do homem inconsciente—. Tom, eu não o fiz, ouve-me? Não morra sem me escutar! Jeffcoat, maldito seja, n-não se atreva a mo-morrer!

Esgotaram-lhe as forças e caiu de costas, soluçando, cobrindo-os olhos com um braço. O peito se elevava lastimosamente. Gotejava-lhe neve dos dedos.

O pranto de Emily aumentou quando se inclinou sobre ele, protegendo-o dos olhares curiosos.

OH, Charles, meu querido, querido Charles. Acredito que nunca te amei tanto como neste momento.

Irrompeu a voz do médico.

— Deixe-me atender as mãos deste homem e que alguém abrigue ao Jeffcoat com mantas.

Em poucos minutos, enfaixaram as mãos de Charles, cujas piores queimaduras estavam no dorso e os dois homens eram carregados em carruagens. Ao ver que levavam Charles, Emily sentiu que lhe espremia o coração, mas Tom estava deitado na segunda carruagem, inconsciente, e sua vida ainda pendia de um fio.

Enquanto a carruagem avançava, seus ocupantes guardaram um respeitoso silêncio. Sobre o povoado se abatia o aroma da fumaça e, lentamente, as mães faziam entrar nos filhos nas casas.

Ao chegar à casa de Tom, um grupo de voluntários o carregou dentro, deitou-o na cama e saudou Emily com a cabeça à medida que saíam em fila. Por último, entrou seu pai.

—Ficarei —anunciou Emily em voz baixa—, cuidá-lo-ei até que esteja melhor.

O pai posou em sua filha o olhar triste e carinhoso.

—Sim, sei —disse, aceitando a decisão sem discutir.

—E me casarei com ele assim que tenha força suficiente para ficar em pé.

—Sim, sei.

—Papai...

—Meu céu...

Jogou-se em seus braços antes que terminasse de pronunciar a palavra carinhosa. Mais lágrimas, quentes e curativas, turvaram o mundo que via além dos ombros do pai.

—Não sabe quanto o lamento —conseguiu dizer Edwin em voz quebrada.

—OH, papai, amo-o tanto... Tem que viver.

—Viverá.

Aferrou-se a essa figura familiar. OH, esses maravilhosos braços tranquilizadores de pai... que sólidos pareciam e quanto os necessitava nesse momento... Embora o tivesse desafiado, nunca deixou de necessitar seu consolo, sua amizade e sua aprovação. Sem eles, haver-se-ia sentido desgraçada.

—Pensei que teria que escolher entre os dois e não sei o que faria sem ti.

—Não terá que te afligir mais por isso. Sou um velho teimoso... Fannie me fez compreendê-lo. Mas não me ouvirá dizer uma palavra mais. Tem a um bom homem. Soube desde o começo, mas fui muito orgulhoso para dizê-lo. Lamento o que disse a outra noite.

Estreitou-o com mais força, sentindo como se saísse da sombra ao sol.

—É o melhor pai que existe.

Apertou-a contra seu peito e depois se apartou esclarecendo-a voz, coibido, enquanto Emily enxugava as lágrimas com a manga.

—Bom... —disse Edwin.

—Sim... bom...

Nenhum dos dois sabia como fechar a delicada situação.

Por fim, Emily perguntou:

—Pode mandar Frankie com roupa limpa para me trocar?

—Farei algo melhor que isso. Trar-lhe-ei isso eu mesmo, assim que me assegure de que Charles está instalado. Levaram-no a nossa casa, sabe? Fannie insistiu.

—Bem, merece-se o melhor.

Edwin tomou uma das mãos sujas e a levou aos lábios.

—Temo-me que o melhor já o levou outro.

—OH, papai.

—Você vá ver seu moço —disse Edwin, perigosamente perto da emoção, outra vez.

Emily lhe deu um beijo na face, em carinhosa despedida.

—E você, vê tomar um banho. Está fedendo.

Capítulo 20

Quando saiu Edwin, Emily fechou a porta e ficou olhando-a com fixidez. Parecia-lhe que o dormitório estava a quilômetros de distância. Doíam-lhe os ombros, ardiam-lhe os olhos, sentia a garganta ressecada e inflamada, mas se obrigou a mover os pés. Deteve-se na entrada do dormitório de Tom, contemplando a figura imóvel sobre a cama, contendo o fôlego para escutar sua respiração. Quando inalava, assobiava-lhe na garganta um vento invisível. Quando exalava, o fôlego saía acompanhado por um fôlego estrepitoso.

Aproximou-se ao lado da cama e o observou, desalentada, com vontade de chorar, mas compreendeu que isso não serviria de nada. Se houvesse alguma forma de ajudá-lo...! Mas o doutor Steele havia dito:

—Não se pode fazer nada por seus pulmões: ou se curam ou não. Limpe-o bem. Mantenha-o quente. Feche as janelas, porque o povoado está cheio de fumaça. Se acordar, dê comida leve. Um corpo em repouso não necessita muito alimento, pois vive de sua própria gordura.

Limpe-o bem, mantenha-o quente. Parecia fazer muito pouco por alguém a quem amava tanto e ao que tinha rechaçado a última vez que falaram.

Ajoelhou-se e posou os lábios na mão direita suja. Não morra, Tom Jeffcoat, ouve-me? Se morrer, jamais lhe perdoarei isso.

Depois de esgotar outra quebra de onda de emoções, ficou de pé com esforço, foi à cozinha, acendeu o fogo e tirou água quente do tanque. Com uma bacia, voltou para dormitório a lavar Tom.

Fez-o com amor, sem que lhe pesasse a menor sensação de impropriedade. Ao contrário, sentia-se com direito, pois o amava integralmente e, se vivia, cuidaria de seu bem-estar pelo resto de suas vidas. Lavou-lhe o rosto, com as pálpebras imóveis e as pobres feições machucadas, registrando-as, rogando poder ver esse rosto no travesseiro, junto a ela, todas as manhãs de sua vida, poder ver como ficava pelos anos, de rugas, de caráter, à medida que envelheciam juntos.

Lavou as mãos calosas, lassas, de dedos longos, que a conheceriam

de todas as maneiras, que lhe roçariam a pele a impulsos da paixão e lhe esfregariam as costas quando estivesse fatigada, algum dia carregariam a seus filhos e que, com a bigorna dos antepassados e os oito cavalos que ficavam, proveria-os nos anos futuros.

Lavou-lhe os braços e o peito... peito largo, braços vigorosos, sobre o bordo do sujo gesso, e deteve a mão sobre o coração que pulsava lento e regular, e o beijou aí pela primeira vez.

Lavou-lhe as longas pernas, os pés, que o levariam por um corredor para ela, a transpor uma soleira, e ao interior desse mesmo dormitório, um dia próximo, o venturoso dia das bodas.

Conseguirão, OH, conseguirão.

Quando esteve limpo, o cobriu até o pescoço, depois arrastou a enorme cadeira de balanço da cozinha até o quarto, deixou-se cair pesadamente nela e se desabou para frente, à altura do quadril de Tom.

Assim a encontrou Edwin quando voltou com roupa limpa: exausta, abatida e suja, e não teve ânimo para despertá-la. Deixou-lhe a roupa perto e saiu nas pontas dos pés da casa, com o coração pesado, rezando por que Tom saísse de sua inconsciência.

Mais tarde, Emily despertou ao notar que Tom se removia. Levantou-se de um salto e se inclinou sobre ele, olhando os olhos desfocados:

— Vais ficar bem, Tom — murmurou, tomando a mão.

—Emily? —pronunciou com dificuldade.

Moveu os talões sobre os lençóis e procurou a fonte da que provinha a voz.

—Sim, Tom, estou aqui.

Os olhos injetados em sangue a olharam. Deixou o dedo indicador da mão esquerda enganchado no bordo do gesso, como se tratasse de convencer ao resto da mão de que se levantasse. Só conseguiu pronunciar duas palavras, no mesmo sussurro rouco:

—Ela mentiu.

—Tom — disse Emily, ansiosa, aproximando-se mais ainda—. Tom?

Mas já se deslizou outra vez na inconsciência, sem lhe dar oportunidade de lhe pedir perdão nem tranquiliza-lo. Desiludida e preocupada, subiu na cadeira, lhe sujeitando a mão inerte. Tinha passado pelo inferno. Lutou contra um incêndio que acreditava provocado por seu melhor amigo. Tinha perdido o abrigo, parte do gado e seu meio de vida. Sofreu um choque e o dano físico suficiente para ficar desacordado. E em que pese a tudo, sua principal preocupação foi a possibilidade de perdê-la a ela por causa das mentiras de Tarsy.

Sem querer, Emily começou a chorar de novo e as lágrimas lhe

arderam como se lhe arrojassem querosene nos olhos maltratados.

Lamento lhe haver acreditado, Tom. Devia saber que Tarsy empregaria qualquer meio que tivesse a seu alcance para obter uma satisfação... fosse honesto ou não. Por favor, se cure, assim poderemos nos casar e deixar atrás todo este conflito.

Na casa de Edwin Walcott, o ferido foi metido em cama, o menor dormia e reinava uma bem-aventurada quietude. Vestido com uma camisola, Edwin saiu do dormitório, cruzou o corredor e golpeou com suavidade a porta do dormitório da filha.

—Entre —respondeu Fannie em voz baixa.

Edwin abriu a porta e ficou quieto no marco. Fannie estava sentada à mesa da penteadeira e o olhava sobre o ombro. Levava uma bata azul claro, salpicada de violetas, atada na cintura. O cabelo úmido lhe caía pelas costas e na mão suspensa no ar tinha um pente de tartaruga marinha.

—Entra, Edwin —repetiu, girando para olhá-lo e deixando cair a mão sobre o colo.

—Vim te dar boa noite e te agradecer que tenha mantido quente a água do banho. Foi maravilhoso.

—Sim, não é certo? Mas não faz falta que me agradeça isso.

Sorriu com serenidade, demorando o olhar no cabelo úmido, ainda sulcado pelos rastros do pente, a testa luminosa e a barba escovada que seguia lhe resultando tão atrativa que a surpreendia cada vez que a via. Era o marco perfeito para os lábios, pois realçava a cor e a suavidade em contraste com essa barba negra e hirsuta. Também harmonizava com esses queridos olhos escuros.

—Deve estar muito cansado.

—Sim. —Sorriu com ternura—. E você?

—Não. Estava pensando.

—No que?

—Nos meninos: Tom e Emily. Deu a Emily permissão para ficar ali, não?

Por discrição, Edwin deixou a porta aberta e entrou. Enquanto falava, tocava os objetos que via: um quadro pendurado, o respaldo de uma cadeira, o pomo da cômoda.

—Pareceu-me ridículo não dar-lhe. De todos os modos teria ficado.

—Está muito apaixonada por ele, Edwin.

—Sim, sei. Diz que se casará assim que ele possa estar de pé.

—Também lhe deu seu consentimento para isso?

—Não me pediu isso. Já é uma mulher. Suponho que já é hora de que a trate como tal.

—Sim, é obvio que tem razão. E depois do que tiveram que passar, quem em Sheridan ousaria assinalá-los com o dedo?

Edwin deixou de lado as distrações e contemplou a Fannie desde certa distância, esperando que o mesmo passasse com respeito a eles dois. À luz do abajur, o cabelo úmido resplandecia como cobre líquido. Pareceu-lhe que podia cheirá-lo do outro extremo da habitação, como também o perfume do sabão de lilás com que se banhou. O decote da bata mostrava uma estreita curva de pescoço nu e quando a mulher jogou atrás uma mecha, a manga subiu, descobrindo um braço esbelto e branco, salpicado de sardas. Era adorável, morna, e tudo o que sempre tinha desejado. Mas embora contivesse anseia de aproximar-se, não pôde resistir a seguir conversando, a ficar... só um pouco mais.

—Também estava pensando em nós dois, verdade?

—Sim.

—O que pensa a respeito de nós?

Pensou-o um momento, baixando a vista enquanto deixava o pente na penteadeira que estava detrás dela, elevava a vista para ele e colocava as mãos entre os joelhos.

—Pensei o que faria se te perdia.

—Mas não me perdeu. Ainda estou bem vivo e ileso.

—Sim —respondeu, no mais doce dos tons, deixando flutuar a palavra antes de acrescentar—. Já vejo.

Contemplou sem vacilar a esse homem que amava: limpo, brilhante, masculino e pouco decente com essa camisa de dormir e descalço. Se tinha ido tentá-la, tinha êxito com muito pouco esforço. Já não poderia rechaçá-lo mais do que tivesse podido impedir o incêndio.

—Sempre dorme assim?

—Não. Não sempre. —O objeto de listras chegava a metade da panturrilha—. Mas minha roupa interior se sujou e se molhou. Deixei-a na banheira, abaixo.

—Não recordo havê-la lavado nunca até agora.

Percorreu com o olhar até os pés nus e depois outra vez para cima. Até de longe, pareceu-lhe ver que as faces se ruborizavam sobre o bordo escuro e hirsuto da barba.

Quando voltou a falar, na voz serena não havia rastros de paquera, só a certeza de que sugeria estava certo e era merecido.

—Por que não fecha a porta, Edwin?

Viu como ocultava com cuidado a surpresa. Os olhares se tocaram e o mundo se esvaziou de toda criatura, exceto eles dois. Fechou a porta sem pressa, sem ruído... e deu a volta, elevando seus olhos para ela enquanto atravessava a habitação. Fannie o seguiu com o olhar, elevando o rosto quando Edwin se aproximou e parou ante ela. Por uns momentos ficou quieto, afundando seu olhar na dela. Por fim, estendeu a mão para lhe apartar do rosto o cabelo úmido, que levantou em um ângulo agudo.

—Então, será esta noite? —perguntou com simplicidade.

—Sim, querido, esta noite.

Inclinou-se e beijou a boca amada, com um beijo fugaz; do mesmo modo, a pálpebra esquerda, o direito, cada face. O coração de Edwin repetia uma cadência que conhecia fazia anos, quando os dois eram jovens e impaciente, mas contiveram suas ânsias como lhes ensinava a fazer a todos os meninos bem educados. Tantos anos atrás. Tantos enganos atrás. Ergueu-se e perguntou com suavidade:

—Porque esteve a ponto de me perder?

—Porque estive a ponto de te perder. E porque a vida é linda e já desperdiçamos muito das nossas.

Uma vez mais, Edwin posou sua boca na dela e lhe levantou o rosto tomando-a pelo queixo, em um tenro redescobrimento. Em um momento dado, insistiu-a a separar os lábios e a provou plenamente, sem lhe soltar as mandíbulas, pois tocá-la em qualquer outro ponto teria sido precipitar esta doce reunião que esperaram tanto tempo. Quase sem levantar a cabeça, murmurou:

—Temos um hóspede na casa.

—Está dormido.

—E Frankie.

—Ele também está dormido, mas acredito que não me importaria se qualquer dos dois abrisse a porta neste momento e entrasse. OH, Edwin, meu coração foi teu muito tempo sem que ninguém soubesse.

—Amo-te, Fannie Cooper. Amei-te muito mais tempo que a qualquer outro ser humano sobre a terra.

—E eu amo a ti, Edwin Walcott... tanto como poderia amar a qualquer marido, a qualquer pai de meus filhos, coisa que sempre foi em meu coração. Amo-te de maneira incondicional... desavergonhada.

—OH, Fannie, Fannie. —Em sua voz ardeu a paixão, e derramou beijos febris na cara e o pescoço da mulher—. Teríamos que ter feito isto faz anos.

—Sei.

Pôs as mãos aos lados dos seios, que encheram suas mãos, enquanto a beijava outra vez ao sentir, por fim, que a repressão de toda uma vida ficava de lado. Enquanto as línguas se uniam, encontrou o laço do cinturão e o soltou sem demora, colocou as mãos dentro e a acariciou através da fina camisola de musselina: os seios, as nádegas, as costas; depois a atraiu para seus quadris e descobriu que os corpos se amoldavam tal como o recordava. Apartou-se repentinamente.

— Deixe-me te tirar. —As mãos dela se elevaram ao mesmo tempo que as dele e lhe tirou os objetos com um só movimento fluido, as deixando em um montão, aos pés dela—. Ohh... Fannie. —O olhar foi descendo do sorriso plácido a suas próprias mãos grandes que levantavam os seios, enquanto os polegares acariciavam seus topos. Apoiou uma palma sobre o abdômen plano, examinou com os dedos o ninho de cachos femininos da cor do sol poente—. Sabia que era assim. Pequena... branca... sardenta... Adoro suas sardas.

—OH, Edwin, a ninguém gosta das sardas.

—A mim sim, porque são tuas.

Beijou as que cobriam os lugares mais íntimos, enquanto a mulher lhe olhava a cabeça de acima e adorava esse quadro do homem prostrado ante ela. Até que o insistiu a levantar-se.

—Estou impaciente... quero ver a ti, Edwin. —Ele ficou de pé, levantou os braços e Fannie lhe tirou a camisola, que foi parar junto com sua própria roupa, com tanto cuidado como uma semente jogada no vento—. OH, Deus... —elogiou-o, estendendo uma mão sobre o peito hirsuto, baixando-o pelo ventre, e mais, tocando-o pela primeira vez com os dedos—. É magnífico —exalou, contemplando seus próprios dedos que percorriam a carne quente.

Edwin lançou uma gargalhada funda e afetuosa.

—Na verdade é desavergonhada, Fannie!

—Totalmente.

Sorriu, oferecendo seu rosto ao beijo, enquanto o aferrava com a mão sem o menor indício de acanhamento.

Ao primeiro contato, um estremecimento o percorreu.

—Fannie... —sussurrou, com voz rouca e quebrada.

Tocou-a da mesma maneira, sem coibir-se, em seu interior quente e úmido, fazendo-a estremecer-se, encolher-se um pouco e aspirar o fôlego. Estimulou-a até que se arqueou murmurando:

—OH, Edwin... por fim... e é tão bom...

Em poucos segundos, a ansiedade os dominou e seus membros

ficaram pesados. Edwin a elevou, levou-a a cama e se deixou cair ao lado, lhe beijando os seios e o ventre, murmurando frases contra a pele, enquanto lhe acariciava o cabelo com as mãos.

Fannie estava totalmente despojada de falso recato e lhe facilitou o acesso onde Edwin procurava, tocava, explorava. Sempre foi uma mulher que soube o que queria e, quando estava decidida, como nesse momento, sentia-se livre.

—Agora é minha vez —sussurrou, pondo-o de costas e tomando-as mesmas liberdades que tinha permitido.

Onde ele a havia tocado, tocava-o ela. Onde a beijou, também o beijava, até que cada um conheceu os sabores e as texturas do outro, tanto tempo negadas. Só quando ficou satisfeita lhe permitiu dominar outra vez.

Deitada de costas, Fannie se estirou como uma gata, primeiro sorrindo para si e depois para ele, enquanto Edwin a acariciava e a via arquear-se sem ocultar seu prazer. Assim, estirada de barriga para cima, com os braços para cima, experimentou um orgasmo grandioso, que a fez elevar-se e estremecer-se com inesperada velocidade sob as mãos de Edwin. Em meio de seus últimos espasmos, beijou-lhe o seio e lhe disse com a boca pega à pele:

—Também sabia que seria assim. Fannie, é maravilhosa.

—Mmm... —murmurou, com os olhos fechados, os lábios esboçando um gesto de franco deleite—. Vem...

E com as mãos pequenas o incitou, guiou-o, acomodou-o onde teria que ter estado desde que tinham dezessete anos, totalmente em cima de seu corpo espectador que lhe dava boas vidas.

Quando a penetrou, Fannie deixou os olhos abertos, os pés contra a cama, os quadris elevados para recebê-lo. Afundou-se a fundo... a primeira vez, a fundo.

—Ah... —suspirou, quando se apoderaram do que lhes pertencia.

Fannie sorriu contemplando como se mesclavam os cachos negros com os avermelhados dela.

—Juntos somos bonitos, não?

—Bonitos — admitiu Edwin.

Quando se moveu, ela se moveu ao uníssono, enfeitiçada pela maravilha de seus corpos, que expressavam o que haviam sentido tanto tempo. Em um momento, Fannie jogou a cabeça atrás, o queixo alto, balançando-se contra ele. Quando Edwin tremeu, olhou-o e pensou em quão bonito era esse rosto, apanhado nas agonias do orgasmo. Olhou até o fim, gozando de contemplar esses olhos fechados, os braços trêmulos do homem que esperava a última quebra de onda de

sensações.

Quando esta passou, abriu os olhos.

Sorriram-se com uma ternura recém descoberta. Durante muitos anos, acreditaram que não era possível amar mais, mas descobriram, assombrados, a força de seus próprios sentimentos agora que se compartilharam fisicamente.

—Edwin... —Encerrou-lhe entre as mãos a mandíbula sedosa e a acariciou—. Meu amado Edwin. Vem mais perto. Deixe-me te ter como sempre sonhei te tendo... depois.

Relaxou-se sobre ela, lhe enfraquecendo o pescoço com o fôlego, umedecendo-o com um muito suave beijo. O de um homem cansado.

—Estou muito cansado —admitiu, com palavras quase ininteligíveis pronunciadas contra a pele de Fannie.

—E tão bonito.

Sorriu, quase exausto.

—Casar-te-á comigo, Fannie... —murmurou, já dormitando—, logo, verdade?

A mulher sorriu para o teto, passando os dedos pelo cabelo limpo e úmido.

—Não o duvide, Edwin —respondeu, serena—. Logo.

Chegou o amanhecer, cruzou a cama deles e outra, em outra parte do povoado.

Tom Jeffcoat flexionou as pernas e fez uma careta com os olhos fechados. Abriu-os e viu franjas de sol oblíquas no teto... o ouro intenso das primeiras horas do dia. Fora, longe, ladrou um cão. Nos beirais, piaram os pardais. Sentia frio nos ombros nus e captou no quarto um aroma que lhe recordava ao carvão. Tragou, sentindo a garganta seca, ardente e recordou: o fogo, o estábulo... os cavalos... Emily... Charles.

Desconsolado, fechou os olhos.

OH, Deus, não me ficou nada.

O colchão se sacudiu apenas. Girou a cabeça e ali estava Emily, suja, frouxa, adormecida sobre a cadeira de balanço, com os pés calçados com meias sujas apoiados no colchão.

Emily, pobrezinha, quanto faz que está aqui?

Observou-a sem mover-se, sentindo que o esmagava a depressão, perguntando-se como ia mantê-la, quantos cavalos teria perdido, se teriam salvado à égua, quem mais estava na casa, se já tinham

apressado ao Charles, como ia devolver o dinheiro a sua avó, quanto tempo teria que esperar agora para casar-se.

Fechou os olhos e se entregou ao desespero. "Tenho tanta sede... estou tão cansado... quebrado... queimado. Charles, maldito seja.... por que tinha que fazer algo assim? E você, Tarsy. Acreditei que eram meus amigos."

Abriu os olhos e quis mantê-los secos. Mas doía, maldição, doía pensar que se tornaram contra ele desse modo! Sentiu a garganta como se tragasse um pedaço de seu próprio edifício incendiado. Enquanto tentava tragá-lo, Emily suspirou em sonhos, girou a cabeça e abriu os olhos. Viu como aparecia em seu rosto a consciência em rápida sucessão de emoções: medo, alívio, compaixão, depois do qual se ajoelhava junto à cama, aferrava-lhe a mão e a levava aos lábios.

—Amo-te —disse imediatamente, lhe dirigindo um olhar transbordante—. E lamento ter acreditado em Tarsy.

Em um gesto de perdão, acariciou-lhe os nódulos com o polegar. Os olhares de ambos se encontraram e os pensamentos de Tom se tingiram de emoções muito profundas para expressar com palavras. Girou um pouco, atraiu-a para ele tomando-a pela parte posterior dessa cabeça despenteada e apoiou o rostoa nela. Reteve-a assim, aspirando o aroma de fumaça de seu cabelo, sentindo que lhe acumulavam lágrimas na garganta e foi separando os assuntos sem importância dos que tinham peso real. A vida. A felicidade. O amor. Esses eram os que em realidade importavam. Enquanto chegava a essa conclusão, Emily falou com voz sufocadas pelas mantas:

—Tinha muito medo de que não despertasse e não lhe pudesse dizer isso. Pensei que talvez morresse. —Estreitou a mão contra o oco de seu peito com tal força que lhe cravou as unhas—. OH, Tom, estava muito assustada.

—Estou bem —conseguiu dizer, em um sussurro rouco—. E sobre Tarsy não tem importância.

—Sim importa. Devia confiar em ti. Teria que te haver acreditado.

—Shhh.

—Mas...

— Esqueçamos de Tarsy.

—Amo-te. —Elevou o rosto, com os olhos transbordantes de lágrimas—. Amo-te —repetiu, como temerosa de que não lhe acreditasse.

—Eu também te amo, Emily. —Tocou-lhe o rosto sujo com os nódulos machucados e compôs um sorriso débil—. Poderia me conseguir um pouco de água? Sinto a garganta como deve ver-se meu abrigo.

—OH, Tom, me desculpe... —levantou-se de um salto, correu à cozinha e voltou com um copo grande cheio de água de maravilhoso aspecto—. Toma.

Levantou-se com esforço, enquanto Emily fazia inúteis intentos por ajudá-lo e, apoiado em uma mão, bebeu todo o copo sob o olhar da moça.

—Outro, por favor.

Bebeu outro do mesmo modo e se recostou sobre os travesseiros, que Emily lhe colocou depois das costas.

—Como se sente? Dói-te quando respira?

Em vez de responder, fez-lhe outra pergunta:

—Tiraram a égua?

A expressão pesarosa de Emily lhe respondeu antes que as palavras.

—Sinto muito, Tom.

—Quantos perdi?

—Só dois: Patty e Liza.

—Liza também —repetiu, pensando que era uma dos dois animais que havia trazido consigo desde o Rock Springs, sua primeira junta—. Fica algo?

—Não —respondeu, quase em um sussurro—, queimou-se até os alicerces.

Tom fechou os olhos, deixou cair a cabeça atrás e tragou saliva.

Vendo-o lutar contra o desespero, repentinamente, para Emily o quarto ensolarado se tornou lúgubre e tocou a ela desejar que não lhe caíssem as lágrimas enquanto procurava palavras de consolo. Mas não existiam e se limitou a ficar ali, tomando-o da mão.

—E o que aconteceu com o Charles? —perguntou, ainda com os olhos fechados.

—Charles está em minha casa. Tem o dorso queimado das mãos, mas nada mais.

Tom ficou imóvel, sem dar o menor indício de sua reação, mas Emily sabia o que estava pensando.

—Charles não colocou fogo a seu abrigo, Tom.

Tom levantou a cabeça e fixou nela uma expressão condenatória.

—Ah, não?

—Não.

—Então, quem foi?

—Não sei. Talvez fosse um raio.

—Em fevereiro?

É obvio, tinha razão e os dois sabiam. Odiava sugeri-lo, mas disse:

—Não poderia ter sido Tarsy?

—Não, eu estava de pé em um dos degraus do alpendre de sua casa trocando insultos com ela quando ouvimos as badaladas de incêndio.

—Quem pode assegurar, pois, que alguém o tenha começado? Não pôde ser acidental?

Mas ele era cuidadoso, apagava os abajures antes de fechar. E, contra a crença popular, uma forja era uma das construções anti incendio mais seguras, porque se não parecesse e isolada com supremo cuidado, resultaria uma ameaça permanente.

Tom exalou um fundo suspiro:

—Deus, não sei.

Jogou a cabeça atrás e Emily se sentiu inútil, compadecida por ele. Tinha um aspecto derrotado, fatigado e aflito.

—Tem fome? —perguntou-lhe, pensando que era um oferecimento mesquinho, mas o único que podia lhe fazer.

—Não.

—Tem os lábios ressecados. Quer que ponha um pouco de vaselina?

Tom levantou a cabeça, observou-a longo momento em silêncio e respondeu em tom suave:

—Sim.

Tirou um frasco longo e cheio de unguento, e se sentou no bordo da cama para aplicar-lhe. O contato sobre a boca sanava muito mais que os lábios esquartejados. Começou a aliviar a dor infinita de seu coração.

—Ficaste toda a noite.

Disse-o em voz fica.

—Sim.

Tampou o frasco e fixou a vista no colo.

—Virá seu pai e me arrancará o resto da pele —especulou.

—Não. Meu pai e eu chegamos a um acordo.

—A respeito do que?

Deixou o frasco e disse, olhando para a parede ensolarada:

—Disse-lhe que pensava ficar aqui a te cuidar até que estivesse em condições de se levantar outra vez. —Olhou sobre o ombro e se encontrou com seu olhar direto—. Também lhe disse que, quando isso

ocorresse, pensava me converter em sua esposa.

Tom ficou imperturbável, contemplando-a comprido momento, até que Emily viu como ganhava de novo a desesperança. Lançou um suspiro e soprou, como reservando o pessimismo para si.

—O que acontece? —perguntou Emily.

—Tudo.

—O que?

—Escute-me, Emily. —Tomou a mão e lhe esfregou os nódulos com o polegar—. Tenho duas costelas fraturadas. Quem sabe quanto tempo passará até que possa trabalhar outra vez? Meu estábulo ardeu até os alicerces e não tenho dinheiro para pagar, sequer, o que ficou reduzido a cinzas e muito menos para reconstruir. Acaba de me dizer que perdi os carros e quer se casar comigo?

—Sanará e reconstruiremos tudo —afirmou, teimosa, levantando-se da cama e colocando a cadeira de balanço em um rincão do quarto.

Sentou-se, com gesto decidido.

—Com o que? —disse Tom, à costas de Emily—. Não tenho seguro contra incêndios, nem feno, nada.

—Nada? —deu-se a volta e o atacou com as armas do sentido comum—: É obvio que tem algo. Tem esta casa e um grande solar com uma localização invejável em um povoado que cresce todos os anos, uma bigorna que pertenceu a seu bisavô, oito cavalos sãs no curral de meu pai. —Obstinada, juntou as mãos sobre o estômago—. E me tem : a melhor veterinária e empregada de estábulo do condado de Johnson. Como pode dizer que não tem nada?

Embora detestasse se fazer de advogado do diabo, estava convencido de que não tinha outra alternativa:

—Emily, seja sensata.

Emily se aproximou da cama e o olhou com expressão decidida:

—Sou sensata. Já gastei toda minha estupidez ontem à noite, sentada nessa cadeira, me preocupando e gemendo, me comportando como uma perfeita tola. Depois, cheguei à conclusão de que é estúpido afligir-se. Ninguém teve êxito, jamais, preocupando-se. É um desperdício de energias. O que sim tem êxito é o trabalho duro e estou disposta fazê-lo se você o está, mas acredito que o primeiro passo é que nos casemos legalmente e tiremos esse obstáculo do caminho.

—E o que diz do período de luto?

—Que o período de luto se vá ao inferno —sentenciou, deixando cair na cama e tomando outra vez a mão, para prosseguir em voz, suave e sincera—: Se tivesse morrido no incêndio, jamais me teria perdoado por

ter desperdiçado no luto as poucas semanas felizes que teria vivido contigo. Amo-te, Thomas Jeffcoat, e quero ser sua esposa. As convenções e os abrigos incendiados não importam tanto como nossa felicidade.

Ficou observando-a, comparou-a com Tarsy, com Julia, com as outras mulheres que tinha conhecido. Nenhuma tinha esse ânimo, esse impulso, esse otimismo. Nenhuma o respaldaria com tanta força, em vista das perdas que acabava de sofrer. Mas estava disposta a seguir adiante, aceitá-lo a ele e a sua árdua perspectiva financeira, e um futuro que só parecia trazer consigo trabalho pesado e preocupações. E estava seguro de que, se alguém elevava uma sobrancelha pelo fato de que se ficou cuidando-o toda a noite na intimidade de sua própria casa antes que estivessem casados, também suportaria isso.

—Veem aqui —lhe ordenou em voz fica.

Aproximou-se, se aconchegou no oco de seu braço, com a cabeça no ombro. O sol dourado se derramava sobre a cama e lhes iluminava os rostos. Escutaram aos pardais nos beirais. Escutaram sua própria respiração e os ruídos do povoado que despertava, na manhã do sábado. Entrelaçaram os dedos em cima das costelas engessadas e contemplaram as estrias de sol que enviesavam as paredes.

Emily apoiou a gema do polegar no de Tom e disse, pensativa:

—Thomas?

—O que?

—Charles não iniciou o incêndio do abrigo. Não é capaz de fazer semelhante coisa. Ele foi quem que te tirou e te salvou a vida. Eu sei porque estava aí. Quando acreditou que talvez morreria... —Fez uma pausa e admitiu—: ... chorou. Acredite-me, Tom, por favor.

Beijou-lhe o cabelo e fechou os olhos um longo momento, tratando de convencer-se. Querendo acreditá-lo.

—Ainda o ama, não é assim? —perguntou-lhe, com a boca contra o cabelo.

Emily se sentou e o olhou, tranquila.

—Claro que o amo —admitiu—. Mas não como amo a ti. Se houvesse isso sentido por ele, me teria casado quando tive a oportunidade. Se posso te acreditar em relação a Tarsy, você deve me acreditar com respeito ao Charles. Por favor, Tom. Ele jamais destruiria algo teu, pois ao te danificar me machucaria , não o entende?

Tom refletiu a respeito dos três e desse incrível triângulo amoroso.

—Na verdade acredita que poderemos conviver os três... neste mesmo povoado?

—Não sei —respondeu, sincera.

Ficaram pensativos e afligidos, comprido momento, até que Tom perguntou:

—Iria comigo ao leste?

Ante a perspectiva de deixar a seu pai, a Fannie e ao Frankie, sentiu que a atendia a nostalgia, mas havia só uma resposta possível:

—Sim, se essa fosse sua decisão.

Ao compreender o sacrifício emocional que significava essa resposta, seu respeito e seu amor para ela se multiplicaram. Ainda estavam assim, com as mãos unidas, com dezenas de perguntas sem responder, quando bateram na porta. Emily se incorporou e foi atender.

Ao ver esses dois rostos familiares no alpendre de Tom, reanimou-se:

—Olá, papai, Fannie... não esperava lhes ver os dois aqui.

—Como está ele? —perguntou Fannie, ao entrar.

—Acordado, cansado, sentindo-se como uma parte de carne muito defumada, mas bem vivo, e assim seguirá. OH, Fannie, estou tão aliviada...

Abraçaram-se e Edwin disse:

—Queremos falar com os dois.

—Papai, não acredito que possa falar muito. Está rouco e lhe dói a garganta.

—Não levará muito tempo. —Passou junto à filha e abriu a marcha para o dormitório, comentando em tom jovial ao entrar—: Assim conseguiu, Jeffcoat!

—Assim parece.

—Tem aspecto de estar bastante arruinado.

Tom riu e se incorporou sobre os travesseiros:

— Imagino.

Edwin riu, de um aspecto muito mais expansivo que de costume, tomou a mão de Fannie e a levou junto a ele, até a cama. Ordenou-lhe à filha:

—Vem aqui, Emily, sente-se. Temos que lhes dar uma notícia aos dois.

Emily e Tom trocaram olhadas intrigadas enquanto ela se encarapitava a seu lado, Fannie junto aos joelhos do ferido e Edwin, de pé junto à cama.

—Primeiro, prenderam Pinnick por ter iniciado o incêndio de seu abrigo. Pescou-se uma boa bebedeira ontem à noite, no Mint, e quando o encontraram esta manhã, encolhido na calçada ainda meio ébrio,

agarrava-se por uma garrafa de uísque e balbuciava quanto o sentia, que só tinha a intenção de te atrasar um pouco, para poder voltar ele para negócio nas condições que perdeu quando se instalou no povoado.

—Pinnick? —repetiu Tom, perplexo.

—Pinnick! —regozijou-se Emily, aplaudindo e depois tomando uma das mãos de Tom.

Edwin continuou:

—E esta manhã, eu acabava de me pôr as calças quande Charles baixou a tropeções as escadas, entrou na cozinha abotoando-a jaqueta, lançando uma enxurrada de maldições sobre esse Jeffcoat, que era um verdadeiro chateio. Segundo o recordo, disse: "Quantos edifícios tem que construir para ele, a fim de contas?" Depois, anunciou que se dirige a ver o Vasseler por um assunto de construir um abrigo e que, por Deus, é o último que vai fazer para Jeffcoat. Portanto, agora mesmo Vasseler e Charles estão reunindo um grupo de trabalho para começar assim que se esfriem os rescaldos. Além disso, Fannie e eu...

—Eu direi essa parte —interrompeu Fannie e o fez calar com um pequeno apertão no braço.

Interrompeu-se em metade de uma palavra, olhou a sua futura esposa e fechou a boca, lhe indicando com um gesto que falasse:

Quando reatou o anúncio, Fannie se via feliz, como iluminada:

—Aparentemente, a outra noite fui muito indiscreta quando joguei em seu pai os braços ao pescoço e o beijei em meio da comoção, enquanto todos os vizinhos olhavam. Como agora todos sabem a verdade, Edwin e eu decidimos que seria mais expedito se nos casávamos a toda pressa. Perguntamo-nos se vocês gostariam que planejemos umas bodas duplas para fins da semana próxima.

Antes que a expressão atônita se apagasse dos rostos de Tom e Emily, continuou:

—Claro que, se preferirem bodas separadas, estejam seguros de que o compreenderemos.

No alvoroço que estalou, todos falaram e se abraçaram e se estreitaram as mãos ao mesmo tempo, e as risadas encheram o quarto. As felicitações ricochetearam contra as paredes e a sensação de bons desejos se multiplicou entre os quatro. Como conspiradores consertando uma inocente travessura, estiveram de acordo com Fannie, que disse:

—O que é bom para um pai, sem dúvida é bom para uma filha! Agora, que qualquer um do povoado mova a língua!

Quando Fannie e Edwin se foram, Emily e Tom se olharam, mais divertidos que antes, e estalaram em gargalhadas.

—Que incrível! Dentro de duas semanas!

—Vem aqui —lhe ordenou Tom, como antes, mas esta vez com uma expressão muito mais corajosa.

Emily se recostou junto a ele, dobrou os joelhos contra seu quadril e o abraçou do pescoço com avidez. Beijaram-se para celebrá-lo e lhe disse no ouvido:

—E agora, não aceitarei nenhum argumento de sua parte. Recolherá sua roupa e irá a seu lar, como corresponde.

—Mas...

Tornou-se atrás.

—Nada de mais. Posso me cuidar só e não tolerarei mais que uma noite em minha casa, que já é suficiente mancha para sua reputação. A próxima vez que entre neste dormitório, será como esposa. E agora, váe, assim poderei me levantar. Tenho que ir ver certo carpinteiro.

—Mas, Tom...!

—Fora, digo! Mas se te faz te sentir melhor, pode bombear um pouco de água para mim e pô-la a esquentar antes de ir. Sugiro que volte para sua casa e faça o mesmo. Cheira como uma vassoura de chaminé.

A moça riu e se levantou, enquanto Tom se aproximava ao bordo e se sentava com o lençol sobre as coxas. Feliz, esperançada e subitamente alegre, Emily se voltou para ele e lhe rodeou o pescoço com os braços.

—Sabe uma coisa? —perguntou-lhe com picardia.

—O que? —repetiu, nariz com nariz.

—Ontem à noite te banhei.

—Não me diga!

—E tem uns joelhos muito feios.

Tom riu e lhe pôs as mãos nos flancos dos seios.

—Senhorita Walcott, se não sair daqui, por-te-ei sobre esses feios joelhos e certamente forçarei meus pobres pulmões defumados e morrerei... como se sentiria, então?

—Que vergonha, Thomas Jeffcoat! —arreganhou-lhe.

—Adeus, Emily —lhe disse, em tom de advertência.

—Adeus, Thomas —murmurou, lhe beijando a ponta do nariz—. Sentirá falta de mim quando for.

—Sim, se me der oportunidade.

—Eu te amo, apesar de seus joelhos.

—Eu te amo, a pesar do aroma de fumaça. E agora, vai?

—O que dirá ao Charles?

—Não é teu assunto.

—Depois de que nos casemos, alguma vez poderia convidá-lo para jantar.

—O direi.

—Bom.

—Bom.

—E também poderia convidar Tarsy.

Olhou-a com cenho ameaçador.

—Está bem, está bem, vou. Esta noite virá a me cortejar? —perguntou, audaz, da porta.

Tom se levantou, exibindo fugazmente os joelhos feios e as panturrilhas nuas e disse:

—Que sempre estejam em dúvida, esse é meu lema —e lhe fechou a porta do dormitório no rosto.

Meia hora depois, Tom encontrou Charles e Edwin no estábulo. Entrou, e ali estava o homem que procurava, enganchando um par de cavalos de Tom a uma calesa, com as mãos enfaixadas.

Tom fechou a porta e os dois se olharam, até que Charles se voltou a continuar com o que estava fazendo, inclinando-se para enganchar uma correia à travessa do veículo. Aproximou-se lentamente e seus passos ressonaram com nitidez no abrigo cavernoso. Deteve-se junto ao Charles.

—Olá —disse, olhando o gasto Stetson de Charles.

—Olá.

—Aonde leva meus cavalos?

—À serraria, a procurar uma carga de madeira para levantar o último maldito estábulo que construirei em minha vida para ti.

—Necessita ajuda?

Charles lhe dirigiu um olhar sarcástico sobre a asa do chapéu.

—De um aleijado com duas costelas quebradas, não.

—Olhem quem fala: que as rompeu.

Charles deu a volta até o outro lado da junta e seguiu enganchando as peças do arnês.

—Soube que queimou as mãos.

—Só os dorsos. As palmas estão bem. O que quer?

—Vim te agradecer por me haver tirado ontem à noite do abrigo.

—É uma peste, sabe, Jeffcoat? Esta manhã penso que oxalá te tivesse deixado aí.

—Não diga estupidezes — repôs com carinho.

Do outro lado dos cavalos chegou uma gargalhada amarga e depois, como um eco:

—Sim, estupidezes.

Charles ficou de cócoras e Tom lhe olhou as botas, sob as panças dos animais.

—Caso o final de semana próximo.

—Que dia?

—Não sei.

—No sábado?

—Não sei.

— Case-se no sábado, que eu terei o maldito abrigo na sexta-feira preparada. Se te casar na sexta-feira, tê-lo-ei na quinta-feira.

—Isso o que significa?

Tom rodeou aos cavalos no mesmo momento em que Charles se incorporava e os olhares dos dois se encontraram.

—Não esperará que fique por aqui e seja seu padrinho, verdade? — Passou junto a ele e interpôs o ombro enquanto passava as rédeas por seus guias—. Dedicar-me-ei a organizar essa equipe de construção e logo irei.

—Parte?

—Sim.

Charles apertou os lábios e foi até o outro lado.

—Aonde?

—Acredito que a Montana. Sim, a Montana. Alí há muita terra para assentar-se e as grandes caravanas vão para ali. Montões de fazendeiros ricos se estabelecem em Montana e todos necessitarão casas e estábulos... Terei muito trabalho de construção e farei rico em pouco tempo.

—O há dito a Emily?

— Diga-lhe você.

—Acredito que deveria dizer-lhe você.

Charles riu sem alegria e lhe lançou um olhar cortante.

—Não me diga!

—Sabe que não tem por que ir.

—Claro, não tenho por que. Ficarei por aqui, e quando forem um velho matrimônio e estejam criando uma fornada de filhos, eu retornaei um dia, aconteça o que acontecer. Não seria encantador?

—Charles, lamento-o.

—Não me faça rir.

—Refiro ao que disse a noite do incêndio.

—Ah, bom, não o lamente. Quão único aconteceu foi que Pinnick pensou mais rápido que eu. Maldito velho bêbado... se eu mesmo tivesse iniciado o incêndio, já estaria caminho de Montana em lugar de perder outra semana levantando seu podre abrigo. —Os cavalos já estavam enganchados. Charles subiu ao carro e tomou as rédeas—. E agora, abre a porta e poderei sair, fanhoso de pouca subida.

Tom correu as portas e ficou fora com as mãos nos bolsos da jaqueta, o chapéu encasquetado sobre os olhos e viu como Charles passava junto a ele no carro.

Embora lhe desse as costas, gritou-lhe:

—Cuida meus cavalos, Bliss! Não pode deixá-los puxados como um pedaço de carvalho velho, sabe!

—E você cuida de minha mulher, pois se me inteiro de que não é assim, voltarei e te expulsarei as chutes no traseiro até o outro extremo de Bozeman Trail!

—Merda! —murmurou Tom, vendo afastar o veículo.

Mas quando se foi, ficou junto à porta aberta sentindo-se desventurado, pesaroso, sentindo saudades antes que ele tenha partido do povoado.

Capítulo 21

Os matrimônios se celebraram um dia de princípios de março, quando os ventos primaveris descendiam pela ladeira leste das Montanhas

Rochosas e abanava a terra com uma brisa morna, quase estival. Os vizinhos do povoado, quando saíam fora no meio da amanhã e reconheciam a corrente morna e seca que chegava todos os anos sem anunciar-se, diziam que tinha verdadeira fome de neve. Levava consigo o aroma do mar, onde tinha origem, e da terra, que despia a seu passo, e de pinheiros, brote e primavera. Ondulando das Big Horns, essas brisas eram capazes de varrer com a neve de todo o inverno em um só dia, sorver a metade e fazer que a outra metade corresse em rios que refletiam faíscas de sol e os enviavam outra vez para o céu azul cobalto. Sopravam sobre rios e rios, que cantavam com tinido de gelos quebrados, sobre um fundo infinito, como se a água que corria suspirasse. Levavam consigo uma inconfundível mensagem: o inverno acabou!

Ao meio dia, a transformação estava em pleno curso, e quando romperam a soar os sinos da Igreja Episcopal do Sheridan, convocaram a uma congregação que começava a deixar de lado o ânimo de inverno.

Chegaram de carros abertos, aspirando profundamente o ar morno, com as caras elevadas para o sol. Chegaram sorrindo felizes, embelezados com roupa leves e andando ao ar livre para banhar-se nesse dia milagroso todo o tempo possível.

Ali estavam todos, desfrutando do vento primaveril e o sol, quando apareceu o landó Studebaker mais elegante de Edwin Walcott, abandonando, sem desculpas, o luto Vitoriano em honra da gloriosa ocasião. O landó mesmo resplandecia de pintura amarela com bordos negros e Edwin escolheu seu cavalo mais negro, Jato, para fazer as honras nupciais. Sobre os brilhantes flancos de Jato, os arnês estavam semeados de distintivos de cintas brancas com caudas pendurando que ondulavam, graciosas, enquanto o cavalo, reanimado também pela primavera iminente, corcoveava brioso. Na crina tinha mais cinta trancada, e em cada uma dos antolhos e entre as orelhas, apareciam rosetas de papel crepé. As guarnições do carro pareciam postes adornados para as festas, entrelaçados com cintas, rosetas e varinhas de salgueiro. O landó mesmo parecia um bolo. Distintivos, cintas e mais varinhas de salgueiro circundavam os assentos, cobertos com redes de bandeiras de cor verde clara, sujeitas à capota, que ia baixada.

No assento de adiante, Fannie Cooper, vestida de marfim, levava um enorme chapéu com rede para cabelo e, junto a ela, Edwin Walcott se erguia orgulhoso, tirando o peito, resplandecente, com cartola de castor, fraque de cor canela e sujeitava um látego de carro de passeio adornado com outra roseta de papel com cintas.

Depois deles foram Emily Walcott, com o elegante vestido de bodas cinza prateado de sua mãe, um ramalhete de flores no cabelo e, a seu lado, Thomas Jeffcoat, deslumbrante com seu traje cinza pomba: cartola, luvas, levita de dupla abotoadura e calças listradas. Agachado entre os

joelhos deles, luzindo um traje marrom novo e seu primeiro pescoço de pontas voltas, gravata à inglesa, radiante de alegria, Frankie ficou de pé muito antes que seu pai puxasse as rédeas e vociferou a todo pulmão:

—Ei, Earl, olhe isto! O que te parece!

Quando Edwin freou a Jato frente à Igreja Episcopal, os convidados estavam rindo. Frankie pulou as pernas de Tom e desceu de um salto para mostrar a Earl o novo traje e insisti-lo a admirar o cenário landó. Edwin colocou o látego em seu suporte, saltou do veículo como se tivesse vinte anos, incapaz de atenuar o sorriso enquanto ajudava a Fannie a apear-se. Tom baixou com menos agilidade, pois sob os elegantes objetos de bodas ocultava a vendagem de gesso, mas quando levantou a mão para ajudar a sua futura esposa, a ansiedade de sua expressão era inconfundível. Tomou a mão nua de Emily com a sua, enluvada de cinza, e a oprimiu com muita mais força da necessária, lhe transmitindo uma mensagem de regozijo.

—Estão sorrindo —murmurou, de costas à igreja.

—Já o vejo —respondeu com dissimulação enquanto baixava—. Não é maravilhoso?

Em efeito, sorriam: todos os pressente, contagiados pela felicidade evidente que resplandecia nos rostos dos noivos que desciam da carruagem, sem um só objeto de luto à vista.

Emily e Tom deram a cara à multidão e viram como Edwin, que aferrava com gesto possessivo o cotovelo da mulher, e Fannie avançavam diante sobre as pranchas de madeira que fez colocar o reverendo Vasseler para cruzar a sarjeta transbordante. Tom também sujeitou Emily pelo cotovelo e seguiram ao casal mais velho, que recebia felicitações de esquerda e direita, antes ainda de que se pronunciassem os votos.

O reverendo Vasseler os esperava na escadaria da igreja, Bíblia em mão, sorrindo aos recém chegados; quando se detiveram no degrau inferior, estreitou a mão de cada um.

—Bom dia Edwin, Fannie, Thomas, Emily... e senhor Frank.

—É um bonito dia, verdade? —disse Edwin, em nome de todos eles.

—Sim, é-o. —O sacerdote esquadrinhou o céu sem nuvens, e o vento lhe levantou o cabelo que começava a escassear e depois o esmagou de novo—. Se poderia pensar que o Senhor envia uma mensagem, não?

Depois do benévolo comentário do religioso, entraram na igreja em procissão, Vasseler à cabeça, seguido pelos dois resplandecentes casais, Frankie, e depois, toda a multidão.

Soou o órgão e soprou o vento pelas janelas abertas. A igreja estava decorada com mais varinhas de salgueiro e havia distintivos brancos em cada banco. Frankie se sentou adiante entre o Earl e os pais deste, e

quando acabou o barulho das pessoas acomodando-se, o reverendo Vasseler levantou o queixo e elevou a voz, clara e forte.

—Meus bem amados... hoje estamos aqui reunidos, à vista de Deus, para unir a este homem e a esta mulher... —Fez uma pausa e posou o olhar sobre um casal e sobre a outra—. ...e a este homem e a esta mulher... em sagrado matrimônio.

Os sorrisos brotaram por todos os lados, até no homem que oficiava.

Mas desapareceram quando se pronunciaram os votos, pois quando Edwin tomou as mãos de Fannie e a olhou aos olhos, o amor que irradiava entre os dois brilhou com tanta claridade como a prata que tingiam seus cabelos.

—Eu, Edwin, tomo a ti, Fannie...

—Eu, Fannie, tomo a ti, Edwin...

O casal mais velho emitia uma luz especial que fazia brilhar lágrimas nos olhos de muitos dos pressente e os manteve encantados enquanto Edwin, depois das últimas palavras, punha a mão direita de Fannie sobre seu próprio coração e a cobria com a sua, para que todos o vissem.

Depois, Tom e Emily ficaram cara a cara e os corações voaram outra vez para eles quando uniram as mãos e trocaram promessas com os olhos, antes ainda de fazê-lo com os lábios. Ante Deus e ante os homens, só conscientes um do outro, emanava deles uma serenidade superior a de seus anos quando pronunciaram os votos em vozes que se ouviram até no último banco.

—Eu, Thomas, tomo a ti, Emily...

—Eu, Emily, tomo a ti, Thomas...

Pronunciadas as últimas palavras e as bênções, o reverendo Vasseler abriu os braços como repartindo uma bênção pessoal e disse:

—Agora, podem beijar às noivas.

Quando os noivos deram seus primeiros beijos de casados, as mulheres pressente tiraram lenços das mangas, e os homens ficaram rígidos e olharam para frente, para dissimular que eles também tinham um brilho úmido nos olhos. E quando os recém casados, depois dos primeiros beijos, separaram-se e trocaram cumprimentos, as emoções se fizeram mais intensas ainda. Edwin beijou a sua filha e Tom a sua nova sogra, a seguir do qual as duas mulheres se deram um sentido abraço e os dois homens um sincero apertão de mãos. O órgão arrancou com a música final do serviço e quatro caras sorridentes se voltaram para as portas abertas, detendo um momento todos do braço, para lhe dizer ao mundo que, entre eles, o amor, a honra e o respeito se manifestava de quatro modos.

De braços dados, Emily e Tom encabeçaram a marcha para a saída,

seguidos por Edwin e Fannie que, ao passar pelo primeiro banco, recolheram a um Frankie sorridente e saíram da igreja de mãos dadas.

Fora, choveu o arroz e as noivas correram pela cambaleante passarela de madeira, abordaram o landó coberto de fitas e apartaram as saias para que dois maridos felizes subissem atrás delas. Frankie se agachou no assento de adiante e pediu as rédeas, resplandecente como uma lua cheia quando Edwin acessou e entregou o látego com cintas pendurando da manga.

Atravessaram o povoado, as noivas aconchegadas nos braços dos maridos, protegidos por um arco de varas de salgueiro e rosas brancas, seguidos pelo repico de sapatos e bules que chapinhavam nas ruas molhadas, atrás de Studebaker.

O banquete de bodas, provido por amigos, clientes e paroquianos, realizou-se no Coffeen Hall. A celebração durou até últimas horas da tarde e, quando terminou, o vento se levou o que ficava de neve, deixando o vale nu, preparado para receber seus ornamentos primaveris.

Uma hora antes do entardecer, duas noivas com seus noivos abordaram uma vez mais o landó. Frankie ficou, saudando-os com a mão com seu traje novo enrugado e manchado de comida. Passaria a noite em casa do Earl e, ao dia seguinte, como lhe prometeu ao pai, ele e seu amigo lavariam o carro, como presente de bodas.

Mas nesse momento, foi rodando sobre o barro do degelo, tão salpicado e manchado como a aparência dos dois meninos, com as fitas sujas e as rosetas esmagadas. Não importava. O processo de sujá-lo foi ditoso e memorável.

O anoitecer era morno, as rodas sussurravam. Edwin guiava, com a face de Fannie apertada contra o braço. No assento de atrás, as mãos de Emily e Tom se uniam sobre a saia cinza pérola. Mas a face da moça não estava apoiada na manga do marido a não ser exposta ao vento, quente de expectativa, enquanto Tom lhe oprimia a mão com veemência e os polegares dos dois jogavam a perseguir-se.

Ao chegar à casa de Tom, Edwin freou Jato. Voltou-se, apoiou um braço no respaldo do assento, e olhou a sua filha e a seu novo marido.

—Bom... —Dirigiu um sorriso carinhoso a ambos os—. Feliz dia de bodas —disse, em tom suave e sincero—. Sei que o foi para nós.

Tomou a mão de Fannie e, por um momento, voltou o sorriso para ela.

—Para nós, também —respondeu Emily—. Obrigado, papai. —Beijou-o sobre o respaldo do assento e depois a Fannie—. Graças aos dois. Foi um dia maravilhoso e o landó resultou uma surpresa maravilhosa.

—Isso pensamos —disse Fannie—. E foi divertido juntar varinhas de salgueiro, não é certo, Edwin?

Riram, aliviada por um momento a angústia que acompanhava o instante do adeus em que a filha partia para sempre da morada do pai. Tom desceu, ajudou Emily e ficaram os dois junto ao carro, olhando ao casal que estava nele. Tom se aproximou, tomou uma mão de Edwin e outra de Fannie, e as estreitou com franqueza:

—Não lhes preocupem com ela. Encarregar-me-ei de que seja tão feliz como o serão vós, o resto de sua vida.

Edwin assentiu, sem atrever-se a falar. Tom lhe soltou a mão e se inclinou para beijar a Fannie.

—Sede felizes —murmurou esta, lhe apertando as faces—. A felicidade é tudo.

—Somo-lo —repôs, dando um passo atrás.

—Fannie...

Também Emily aceitou um beijo e as emoções se agitaram outra vez.

Como sempre, Fannie soube como terminar esse delicado momento com a mescla apropriada de afeto e decisão:

—Veremo-nos amanhã. Felicidades, querida.

—A ti também, Fannie.

—Adeus, papai. Até manhã.

—Adeus, linda.

O landó se afastou, arrastando as fitas manchadas. Um casal de noivos o viu ir-se, mas antes que tivesse chegado à esquina, deram-se a volta para olhar-se entre si.

O noivo sorriu.

A noiva sorriu.

Tomou a mão.

Ela a deu sem reservas.

Caminharam juntos até a casa. Na escada do alpendre, Tom disse:

—Lamento não poder entrá-la nos braços, senhora Jeffcoat.

—Poderá fazê-lo em nossas bodas de prata —respondeu, enquanto subiam os degraus ombro com ombro.

Tom abriu a porta e entraram na cozinha, onde tudo estava silencioso, sereno, banhado na luz do sol. Juntaram as palmas, os pés tocando-se, sem pensar em vinte e cinco anos, a não ser em uma só noite.

—Foi um dia de bodas maravilhoso, não? —perguntou Tom.

—Sim, foi-o. É-o.

—Está cansada?

—Não, mas tenho os pés molhados.

—Os pés?

—De cruzar o pátio.

—Agora está em casa. Pode tirar os sapatos quando quiser.

O sorriso não chegou aos lábios, só foi uma insinuação nos olhos.

—Está bem, fá-lo-ei, mas, pode me beijar, primeiro? Leva muito tempo para tirar os sapatos.

O sorriso do homem foi amplo, transbordante de alegria por essa falta de pudor.

—OH, Emily... não há ninguém como você. Eu adorarei ser seu marido.

Estavam tão perto que só teve que curvar os braços para atraí-la para ele. Beijou-a, inclinando a cara para encontrar-se com a dela levantada, estreitando-a contra a curva do ombro, os dois quase imóveis pegos um ao outro, depois inclinados pela cintura. Foi um começo doce, onde se saborearam com calma, sem pressa, deixando que as bocas trocassem de forma, ajustassem-se e se desfrutassem, mantendo o resto do corpo quase imóvel.

Quando as bocas se separaram, embora só o largo de um cabelo, Emily já tinha esquecido como mover-se.

—Os sapatos —murmurou o homem, lhe roçando os lábios com o fôlego.

—Ah... meus sapatos —disse, sonhadora—. Que sapatos?

Tom sorriu e lhe beijou com delicadeza o lábio superior... o de abaixo... a comissura da boca, onde sondou, inquisitivo com a ponta da língua, para depois percorrê-la como se estivesse cruzando o arco íris, até a outra comissura.

—Foste tirar os sapatos —lhe recordou, com voz aveludada.

—Ah, sim... onde estão?

—Por algum lado, aí abaixo.

—Abaixo, onde?

—Em alguma parte, em seus pés molhados.

—Ahh...

Tom inclinou a cabeça um pouco mais e sua boca se acoplou a dela com incrível perfeição. Enquanto as línguas se afundavam a fundo provando pela segunda vez, a mão de Tom brincou ao azar na parte baixa das costas de Emily. Ainda apoiados um em outro, mantendo um contato mínimo, os dedos do homem riscaram desenhos circulares na cintura da mulher, onde sobressaíam ganchos e laços no vestido

prateado. Em um momento dado, a moça apartou os lábios e murmurou, com a boca no queixo dele:

—Thomas?

—Heim?

—Meus sapatos.

—Ah, sim.

Esclareceu a voz, levou-a da mão até um banco da cozinha, Emily se sentou e o olhou, com as faces tintas de um adorável rubor. Tom se apoiou em um joelho ante ela, procurou sob a saia e encontrou um dos delicados tornozelos, que atraiu para si e examinou em silêncio. Levava sapatos altos abotoados, de couro cinza pérola com forro de seda, que encerravam o pé até mais acima do tornozelo.

—Já vejo que isto não será fácil como a vez que te tirei a bota. Trouxe um desabotoador?

—Está no dormitório, com minhas coisas.

Tom elevou a vista e nenhum dos dois falou; acariciou-lhe o osso do tornozelo com o polegar através da seda, criando uma zona de calor que lhe percorreu a perna para cima. Por fim, disse em voz fica:

—Suponho que tenho que ir buscá-lo. Você gostaria de me acompanhar?

Sentada na cozinha iluminada de dourado, faltando uma hora para o anoitecer, Emily assentiu com virginal incerteza.

Tom lhe soltou o pé e se levantou. Quando elevou os olhos para ele, leu neles essa incerteza, pegou-a pela mão e acabou as dúvidas levando-a pelas largas barras de sol que raiavam o piso da cozinha até o pé da escada, depois ao dormitório, que já tinha cortinas e persianas, e o penteadeira de Emily contra uma das paredes caiadas.

— Procure-o ordenou, já sério—, e tira isso.

Emily se había quitado un zapato y comenzaba a desabotonar el otro mientras Tom se sacaba las botas, parado primero sobre un pie, luego sobre el otro, y las dejaba en el armario.

Ele se tirou o chapéu e o deixou no armário, onde a roupa da moça agora pendurava junto à sua. Emily encontrou o desabotoador, sentou-se no bordo da cama coberta com a manta feita a mão por Fannie, a manta depois da qual esteve oculta aquela noite em que ele escolheu seus pés descalços entre os outros. Inclinou-se para frente concentrando-se nos botões, enquanto Tom tirava as luvas do bolso e os deixava sobre a penteadeira, tirava a jaqueta e a pendurava com esmero no armário. Foi

até a janela do lado norte e a levantou, mas deixou a persiana a meia altura, para que entrasse no quarto o vento que ainda soprava das pradarias imensas que estavam nos subúrbios. Foi até a janela este lado, a que dava à rua, abriu-a, mas baixou a persiana até o batente.

Emily tinha tirado um sapato e começava a desabotoar o outro enquanto Tom tirava as botas, parado primeiro sobre um pé, depois sobre o outro, e as deixava no armário.

Quando tirou o outro sapato, Emily cruzou os pés e levantou a vista, vacilante. Tom a olhou, enquanto tirava as abas da camisa de dentro das calças, com os suspensórios pendurando pelos joelhos.

—Pode pô-los no armário, junto a meus —lhe sugeriu.

Cruzou diante dele, sentindo-se torpe e ignorante, despreparada, pois o que imaginou que não passaria até depois de anoitecer, passaria muito antes. Dobrou-se para colocar seus sapatos junto aos do marido e, quando se incorporou, os braços de Tom a rodearam desde atrás. Os lábios mornos e suaves lhe beijaram o pescoço.

—Emily, está assustada?

O fôlego lhe deixava rocio sobre a pele e fazia revoar o cabelo fino da nuca.

—Um pouco.

—Não se assuste... não.

Beijou-lhe o cabelo, a orelha, as dobras do pescoço alto, ao tempo que Emily cobria os braços com os seus e inclinava a cabeça, aceitando-o.

—Thomas.

—Heim?

—O que acontece é que não sei o que fazer.

—Limite-se a jogar a cabeça atrás e deixa que eu te ensine.

Jogou a cabeça atrás sobre o ombro de seu marido e as mãos lhe percorreram as costelas para cima... mais... mais acima. Fechou os olhos e se apoiou nele, com a respiração cada vez mais agitada enquanto lhe ensinava multidão de formas do prazer, movendo as mãos em forma sincronizada sobre os seios firmes, levantando-os, modelando-os, esmagando-os para depois voltar a elevá-los. Massageou-os em círculos com a palma da mão antes que a pressão desaparecesse e explorou com as gemas dos dedos os mamilos eretos, como se levantasse uma pilha de moedas. Emily se sentiu pesada, aturdida pela excitação, quente dentro da roupa, encerrada. A respiração se fez árdua. Tom deslizou a mão direita para baixo para cobrir os dorsos das dela, fechou os dedos sobre a palma, levou-a a boca e a beijou com força antes de soltá-la de tudo e retroceder, para procurar as fivelas no cabelo.

Tirou-as uma por uma e as deixou cair ao chão, aos pés dos dois. Caíram com o ruído do relógio que marcasse os últimos minutos de espera. Quando estiveram todas fora, penteou-lhe o cabelo com os dedos calosos, fazendo-o derramar-se em cascata pelas costas. Afundou o rosto em suas ondas e aspirou fundo. Beijou-o, aferrou os braços por atrás e fez quão mesmo com os seios, acariciando em círculos duros, compactos. Formou um feixe com o cabelo e o jogou sobre o ombro esquerdo de Emily, apartou-se e a tocou só com a ponta de um dedo enquanto abria a longa fila de botões das costas até os quadris. Dentro, encontrou os laços na base das costas e os soltou, lançando-os para os omoplatas. Desabotoou a anágua na cintura e baixou tudo junto: vestido, espartilho, ligas, anágua e meias, com um só movimento, deixando-a só com dois leves objetos interiores brancos. Acariciou-lhe os braços e, baixando a cabeça, beijou-lhe o ombro, depois a nuca e a fez voltar-se, ainda em meio de um montão de roupa desprezada, de frente a ele.

—Pode fazer o mesmo comigo? —perguntou-lhe, em voz fica e rouca—. A minha é muito mais simples.

Emily sentiu que se ruborizava e foi baixando a vista da cara ao pescoço e daí à camisa enrugada.

—Se quer —adicionou Tom, em um sussurro.

—Quero —sussurrou a sua vez.

Tomou uma mão para soltar o botão de um punho, depois o outro, enquanto Tom lhe dada as mãos para ajudá-la. Acabava de concentrar-se no botão do pescoço quando seu marido se aproximou e lhe acariciou o topo do seio esquerdo com os nódulos, através do tecido de algodão que o cobria.

—Amo-te, senhora Jeffcoat —sussurrou, provocando um aumento no rubor das faces.

Continuou com as carícias aparentemente ao azar, sem deixar de olhá-la, enquanto que ela, tímida, evitava olhá-lo. A cada botão que soltava se movia mais devagar, até que chegou ao último e desistiu, fechando os olhos enquanto os nódulos seguiam incitando o mamilo.

—Eu... —começou a dizer, mas o sussurro se interrompeu quando apoiou os antebraços contra o gesso.

Permaneceu assim uns segundos, apoiando-se contra ele, absorvendo a poderosa corrente de sensações provocada por uma carícia tão leve que podia ter sido só o vento morno que lhe agitava a camisa sobre a pele. Essa brisa acabou e as mãos de Tom subiram entre os cotovelos, para soltar os quatro botões diminutos que havia entre os seios.

—Você... ? —murmurou, olhando os olhos fechados, lhe recordando a frase sem terminar.

—Eu...

Abriu a camisa e colocou as mãos dentro, as apoiando sobre os seios pela primeira vez.

Emily elevou para ele um olhar lânguido e deixou que as carícias balançassem brandamente seu corpo, afundando-se no intenso azul de seus olhos e depois fechando os seus ao ver que a boca aberta do marido se abatia sobre a sua. Acariciou-a com a língua morna, com as mãos mornas, lhe ensinando à boca aberta e aos seios nus como começava o êxtase e como crescia. Quando esteve tensa, tirou-lhe a camisa, tirou-se as calças, deslizou as mãos para as costas da esposa e a acariciou com os dedos estendidos. Atraiu-a com firmeza para si, contra o gesso duro e frio de acima, e a morna e dura virilidade de abaixo. Descalça, Emily ficou nas pontas dos pés, rodeou-lhe o pescoço vigoroso com os braços e gozou do jogo das mãos sobre sua pele nua.

Sem deixar de lhe acariciar as costas se inclinou para diante e, olhando-a aos olhos, soltou o último botão de sua camisa com uma mão. Guiada por ele, tirou-lhe o objeto estirando-se para chegar aos ombros com um decoro que, por estranho que parecesse, não desafinava com a situação: era um de seus últimos gestos em estado de inocência. Quando deixou a camisa com grande cuidado sobre sua própria roupa caída, Tom tomou as mãoss com firmeza e acariciou com o polegar cada palma. Beijou o talão da palma esquerda... o da direita... apoiou-as sobre seu peito, por cima do gesso, e lhe ensinou o que gostava a um homem que lhe fizessem primeiro.

—Agora estamos casados... pode fazer o que quiser... aqui... —Passou as palmas de Emily sobre seus firmes músculos peitorais—. Ou aqui... —Levou-as a sua própria cintura—. Ou aqui... —Deixou-as sobre os botões de sua calça.

Também os desabotoou Emily, colocando os dedos entre a cintura da calça e o bordo gasto da vendagem. Fez tudo o que lhe pediu, um pouco pudica, mas disposta, até que os dois estiveram nus e assim foram até o bordo da cama, onde ele apartou as mantas, pôs os travesseiros uma sobre outra, deitou-se e lhe estendeu a mão, convidando-a.

Deitou-se junto a ele e, de repente, tudo resultou natural: rodeá-lo com os braços e que os dois corpos ficassem pegos a todo cumprimento, sentir as plantas dos pés na parte de atrás de sua panturrilha, deixar-se guiar para depois tomar a iniciativa, lhe fazer lugar ao joelho do marido que se apoiou contra ela, bem acima, sentir a mão de Tom no quadril, depois no estômago, a língua em sua boca enquanto ele a tocava por dentro pela primeira vez e gemia dentro de sua boca. Sentir que guiava sua mão para a carne distendida e lhe dava uma lição de amor que estava ansiosa por aprender. Sentir que os rios de seu corpo transbordavam as bordas como se os ventos tivessem derretido a neve invernal tanto dentro dela como fora.

Acariciou-a de todas as maneiras: com maravilhosos movimentos profundos, e tenros e leves contatos. Molhou-lhe os seios com beijos, chupou-os e acendeu o corpo de Emily de desejo, ao mesmo tempo que incitava ao seu próprio. Fez-a estremecer-se, procurar, amaldiçoar as ataduras que lhe cobriam as costelas e lhe arrebatavam essa carne que era dela, por direito.

—Amo-te —lhe disse Tom.

—Fá-lo —respondeu, quando o desejo lhe tinha feito satisfazer todos os caprichos dele, menos um.

—Lamento o deste maldito gesso —disse, em voz rouca e agitada.

Mas o gesso não foi um impedimento quando o homem se arqueou sobre a mulher e a penetrou em um impulso longo e lento. Emily fechou os olhos e o recebeu, fazendo-se sua para toda a vida, esposa e marido, inseparáveis. Abriu os olhos e olhou esse rosto que se abatia sobre ela, ainda em espera.

Murmurou três palavras:

—Com o coração, a alma e os sentidos.

E quande Tom começou a mover-se, a promessa ficou selada para sempre.

Foi uma festa esplêndida de corações palpitantes e de almas em harmonia. E os sentidos... ah, quanto gozaram os sentidos. Emily fechou os olhos, encantada pela sensação do tê-lo dentro, enchendo-a, o som da respiração árdua como a sua mesma, o aroma do cabelo e da pele, quando transpôs o espaço entre os dois e o movimento se acelerou, os suaves gemidos guturais e os impulsos francos, velozes. Depois, ante sua própria explosão inesperada, um grito rouco, o dela, seguido de uma sucessão de gritos breves, na voz mais rouca, até que se estremeceu sobre ela.

Depois, o silêncio, só quebrado pelas respirações fatigadas e as carícias dos polegares sobre a cabeça, que seguiam e seguiam, incessantes.

Tendida de flanco, com a boca no pescoço de seu marido e a mão pesada de Tom sobre sua cabeça, sentiu o polegar que seguia acariciando. Percebeu o braço relaxado contra a orelha e sobre o joelho, a perna pesada dele. Experimentou o primeiro orgasmo total, um dom completamente inesperado, aí tendida, no abraço de seus membros cansados.

—Hmmm...

Deixou que o som dormitado vibrasse contra seus lábios e se imaginou a face de Tom contra o travesseiro em cima dela, os olhos fechados, o cabelo em desordem.

Acariciou-lhe o quadril uma só vez: não tinha mais forças. Deixou a mão quieta e permaneceram deitados, flutuando no reino dos bem-aventurados. Emily não esperava essa satisfação. Era um presente tão precioso e imprevisto como a chegada dos ventos primaveris.

Quando acreditava ter adormecido, sentiu ressonar as palavras através do braço dele, até o ouvido:

—Com o coração, a alma e os sentidos.

—Sim.

Beijou-lhe o pomo de adão.

Tom sacudiu a letargia, levantou a cara do travesseiro e a olhou aos olhos.

—Como estão agora seu coração, sua alma e seus sentidos?

—Felizes.

—Meus, também. —Tocou-lhe o nariz com amor e se desfrutaram, desfrutando-se mutuamente em silêncio, revivendo a última meia hora—. Golpeei-te com o gesso?

—Um pouco.

—Sinto muito, maria macho.

—Diga-o outra vez.

—Maria macho.

Riu entre dentes.

—Foi o primeiro apelido que me pôs e o último antes de me beijar.

—Sério?

—No armário. "Vem aqui, maria macho", disse.

—Recorda-o muito bem.

—Muito bem.

—Vem aqui, maria macho.

Rindo, atraiu-a para si para renovar as lembranças.

O anoitecer chegou, foi e Tom lhe ensinou vários métodos para não golpear-se com o gesso. Emily se levantou, encontrou em uma gaveta da penteadeira o cartão com o coração de flores e o poema, e o apoiou contra a base do abajur para que fosse o primeiro que vissem o despertar à manhã.

O povoado estava em silêncio e o vento tinha cessado. As janelas estavam quietas. Emily ficou de pé olhando através da renda, sentindo o

ar fresco da noite. Tom se aproximou por detrás e lhe rodeou o peito com os antebraços. Balançaram-se, aprazíveis.

Emily apoiou suas mãos nos braços dele e falou pela primeira vez dos que estiveram ausentes da cerimônia nupcial.

—Sentirei falta dele.

—Eu também — comentou ele, com a boca contra o cabelo dela.

—Inclusive Tarsy. Pensei que já não sentia nada para ela, mas não é assim.

—Não acredito que o aceite logo, talvez nunca.

Por uns minutos, refletiram, olhando pela janela para o norte, ainda balançando-se, até que Emily perguntou:

—Acredita que Charles já estará em Montana?

—Não, ainda não.

—Pensa que voltará alguma vez?

Tom suspirou, fechou a janela, e lhe passando um braço pelos ombros, caminharam até a cama.

—O mundo não é perfeito, maria macho. Às vezes sofremos incêndios, brigamos a murros e perdemos amigos.

—Já sei.

Meteram-se sob as mantas e se aconchegaram, costas contra frente, de frente ao cartão.

Emily tomou a mão e a apoiou sobre um de seus seios. Sentiu o fôlego quente na parte posterior da cabeça e perguntou, com graça:

—Não te incomoda se sigo amando-o, só um pouco?

Tom a beijou no alto da cabeça e respondeu:

—Algum dia voltará. Nós que o esperamos, por isso voltará.

* * *

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

LAVYRLE SPENCER

Nasceu em 1943 e começou trabalhando como professora, mas sua paixão pela novela lhe fez derrubar-se por inteiro em seu trabalho como escritora. Publicou sua primeira novela em 1979 e após colheu êxito detrás êxito.

Vive no Stillwater, Minnesota, com seu marido em uma linda casa vitoriana. Frequentemente escapam a uma cabana rústica que têm em

meio do profundo do bosque de Minnesota. Entre seus hobbies se inclui a jardinagem, as viagens, a cozinha, tocar o violão e o piano eletrônico, a fotografia e a observação da Natureza.

LaVyrle Spencer é uma das mais prestigiosas escritoras de novela romântica, dentro do gênero histórico ou contemporâneo com mais de 15 milhões de cópias vendidas.

* * *

Título original: VOWS

Edição original: Jove Books

Tradução: Ana Mazía
Desenho de tampa Verônica López

© 1988 LaVyrle Spencer
© 1996 Javier Vergara Editor S.A
Passeio Colombo 221 - 6o – Buenos Aires - Argentina

ISBN 950-15-1649-0

Impresso na Argentina / Printed in Argentine
Depositado de acordo à Lei 11.723

Esta edição se terminou de imprimir em
VERLAP S.A Comandante Spurr 653
Avellaneda - Prov. de Buenos Aires, Argentina,
no mês de setembro de 1996.

LAVYRLE SPENCER PROMESSAS